



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**CÍCERO JOAQUIM DOS SANTOS**

**A MÍSTICA DO TEMPO:  
NARRATIVAS SOBRE OS MORTOS NA REGIÃO DO CARIRI/CE**

**FORTALEZA – CE**

**2017**

**CÍCERO JOAQUIM DOS SANTOS**

**A MÍSTICA DO TEMPO:**

**NARRATIVAS SOBRE OS MORTOS NA REGIÃO DO CARIRI/CE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos

FORTALEZA – CE

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S234m Santos, Cícero Joaquim dos.  
A mística do tempo : Narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE / Cícero Joaquim dos Santos. –  
2017.  
327 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação  
em História, Fortaleza, 2017.  
Orientação: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.
1. Memória. 2. Mortos. 3. Tempo. 4. Contemporaneidades. I. Título.

CDD 900

---

CÍCERO JOAQUIM DOS SANTOS

**A MÍSTICA DO TEMPO:**

**NARRATIVAS SOBRE OS MORTOS NA REGIÃO DO CARIRI/CE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutor em História.  
Área de Concentração: História Social.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kênia Sousa Rios  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Renata Marinho Paz  
Universidade Regional do Cariri - URCA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Maria de Meneses Silva  
Universidade Regional do Cariri - URCA

---

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá  
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Aos mortos latentes no Céu da minha memória,  
no Além dos meus afetos e no mundo da  
imaginação:

Nádia Brito, assassinada em abril de 2009, nas  
proximidades da UECE, Fortaleza. Seu sorriso  
e sua serenidade permanecem acessos nos meus  
dias como inspiração, força e persistência;

Deda, eterno maluco beleza;

Socorro Linard, minha ex-professora na  
educação básica. Hoje, é uma alma guia em  
todas as lutas do mundo;

Tia Janoca, um espírito evoluído que passou  
reluzente no meu tempo terreno;

Maya, anjo de luz que alumiou meus caminhos  
na escritura desta tese.

## AGRADECIMENTOS

No ato tão sensível de agradecer, quero expressar meus agradecimentos a todos e a todas que colaboraram diretamente e indiretamente no processo de fabricação desta história.

Agradeço, inicialmente, ao orientador da tese, prof. Dr. Régis Lopes (UFC). Sou grato pela generosidade e a paciência com que conduziu o percurso desta invenção.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFC: Meize Lucas, Gilberto Ramos, Ivone Cordeiro e Frederico Neves, pelos saberes compartilhados.

À Luciana Cavalcante, Secretária da Pós-graduação em História da UFC, pela presteza sempre posta de forma generosa.

Aos membros da Banca de Qualificação da Tese: Ana Rita (UFC) e Kênia Rios (UFC), esta última também participou da Banca de defesa. Suas colocações me fizeram estranhar os passos da pesquisa e tomar o recomeço como um desafio constante e necessário.

Aos demais membros da Banca de Defesa: Renata Paz (URCA), Sônia Meneses (URCA) e Gisafran Jucá (UECE). Agradecido por aceitarem o convite e pela leitura cuidadosa.

Aos colegas do Departamento de História da URCA, representados nas pessoas de Ana Cristina, Arleilma Sousa e Paula Cristiane. Obrigado pelos sinceros encorajamentos.

À Célia Guabiraba e aos demais amigos do Instituto da Memória do Povo Cearense (IMOPEC), obrigado pelo apoio ao longo do percurso de minha formação.

Aos amigos de muitas jornadas históricas, Alex Alves, Simone Pereira, Jucieldo Alexandre, Amanda Teixeira, Priscila Queiroz, Luciana Moura e Daniele Alves.

Aos colegas da turma do Doutorado em História (2012), Raquel, Antônio José, Antônia, Carolina Viana, Jofre, Rafael. Agradeço, especialmente, à Marylu Alves, Paulo César (Cesinha) e Ítalo Bezerra, com quem dividi de perto muitas de minhas inquietudes. Sou grato pelo apoio e as constantes palavras de persistência.

A Fundação Cearense de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), que financiou o desenvolvimento da pesquisa a partir do segundo semestre de 2014.

À Edianne Nobre (UPE) e Joalice Conceição (UFF), suas leituras atentas em momentos diferentes da produção textual foram imprescindíveis para a tessitura desta obra.

Aos amigos que fizeram da minha morada no Crato, um aconchego de força e serenidade: Dálete Lima, Dona Liduína, Kelly Cristina, Edna Santos, Cícero de Oliveira (Garcia), José Brito e Cláudio Leôncio. A vocês, minha penhorada gratidão.

Aos bolsistas de Iniciação Científica da URCA que, em diferentes momentos, colaboraram no processo de construção das fontes iniciais da pesquisa: Dayana Mendonça e Toshik Iarley.

Às pessoas que me ajudaram diretamente para o alcance dos entrevistados e a mediação dos diálogos: Lucivânia Silva, Daniela Medina e Carliane Ventura.

À amiga Emmanuela Harakassara. Um farol que alumiu a produção desta tese.

A Carlos do Vale. Obrigado pelo amor partilhado em todos os momentos.

Aos narradores da pesquisa. Agradecido pela atenção que me dedicaram em cada minuto das nossas conversas. Que as boas energias do mundo estejam sempre convosco.

Às minhas irmãs Edileuza e Enilde e meus irmãos Elísio, Ranilson e Edízio, que durante minha estadia em Fortaleza, fizeram daquela “velha muralha” uma fortaleza de desejos e sonhos. Estendo os agradecimentos aos seus cônjugues e filhos(as). Agradeço, especialmente, a Edilânia, por me acolher de forma tão generosa. E a minha pequena sobrinha e afilhada Alícia, nossas brincadeiras e gargalhadas tornaram meus dias mais leves e felizes.

Aos meus pais, Dona Maria e Seu Joaquim: a fonte da força necessária para viver e enfrentar os desafios do mundo. A vocês serão sempre poucas minhas palavras de gratidão e amabilidade.

## RESUMO

Esta tese estuda as narrativas sobre as aparições e os trânsitos dos mortos entre o mundo terreno e o além cristão, na contemporaneidade. Ela problematiza os modos e focos narrativos construídos nas memórias orais de idosos, católicos residentes nos espaços urbanos e rurais da região do Cariri cearense, no Nordeste do Brasil. Desenvolvido a partir das reflexões da história das crenças religiosas, o trabalho dialoga com os conceitos memória, imaginário e sensibilidade. A pesquisa foi construída mediante os usos da história oral, compreendida como a arte da escuta e das relações. Como hipótese central, o estudo indica que as narrativas sobre a presença dos mortos no mundo terreno e seus percursos no além tomam como referência as interpretações sobre o tempo cristão, balizadas entre a experiência da vida terrena, as formas de enunciações do eterno e os mistérios da continuidade da vida no além, uma vez que a morte é compreendida como uma passagem. Nesses termos, os modos e focos narrativos apresentam construções de temporalidades terrenas e revelações do tempo eterno que hierarquizam os mortos, promovendo-lhes punições, exemplaridades e lições que afetam os mortos e os vivos.

**Palavras-chave:** Memória. Mortos. Tempo. Contemporaneidade.



## **ABSTRACT**

This thesis studies the narratives concerning the apparitions and the passage of the dead among the terrene world, and the Christian after-life in the modern world. It problematizes the narrative ways and focus built in the oral memory of old, catholic people resident in the urban and rural spaces of the cearense Cariri, in the Northwest of Brazil. Developed according to reflections on the history of religious beliefs, this work dialogues with memory, imaginary and sensible concepts. This research was built according to the historical oral use, understood as the art of relations and listening. As central hypothesis this study indicates that the narratives about the presence of the dead in the terrene world and their route in the after-life takes as reference the interpretations about the Christian times, beacons between the experience of the terrene life, the enunciation forms of the eternal and the mysteries of continuity of life across the beyond once life is comprehended as a passage. In these terms, the ways and narrative focus represent constructions of terrene temporalities and revelations of eternal time that hierarchize the dead, providing them punishment, exemplarity and lessons that affect both the dead and the living.

**Keywords:** Memory. Dead. Time. Contemporaneity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Maya.....	36
Figura 2 - Cemitério no qual Maya foi enterrada. ....	37
Figura 3 - Taxas de Mortalidade Infantil no Brasil (1980-2013). ....	59
Figura 4 - Cemitério de anjinhos de Dona Joana.....	60
Figura 5 – Ofícios das Almas .....	119
Figura 6 - Virgem Maria de Pedro Machuca.....	135
Figura 7 - Capa do cordel O sanfoneiro que foi tocar no Inferno .....	151
Figura 8 - Livreto usado na entronização do Sagrado Coração de Jesus .....	201
Figura 9 - Jaraguá.. .....	245

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABEC – Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais

ACC – Academia dos Cordelistas do Crato

CNFCP – Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

ICC – Instituto Cultural do Cariri

IMOPEC – Instituto da Memória do Povo Cearense

IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

NUAPEH – Núcleo de Apoio Pedagógico e Pesquisa em Ensino de História

RFFSA – Centro Cultural do Araripe

REMOP – Associação Retratores da Memória de Porteiras

SECROM – Secretaria de Cultura e Romaria de Juazeiro do Norte

URCA – Universidade Regional do Cariri

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1. NAS FRONTEIRAS DO TEMPO... ..	35
1.1. Maya: Vida, morte e salvação.....	35
1.2. Entre a alegria e a dor do destino, a fundação de temporalidades .....	41
1.3. Anjos da morte .....	67
1.4. Fora do tempo? Memórias de esperança!.....	88
2. ENCONTROS DOS/NOS TEMPOS!.....	106
2.1. Encontros no Purgatório .....	109
2.1.1. <i>Tempos e mortos purgantes</i> .....	109
2.1.2. <i>O voo dos anjos</i> .....	121
2.1.3. <i>O vômito de quê?</i> .....	128
2.2. Singularidades terrenas e encontros infernais .....	139
2.2.1. <i>O caldeirão e outros Infernos</i> .....	139
2.2.2. <i>As pinturas do Cão</i> .....	153
3. O TEMPO E OS SONHOS.....	172
3.1. Quando os mortos vêm... ..	173
3.1.1. <i>Os tempos nos mistérios oníricos</i> .....	173
3.1.2. <i>Entre afetos e obrigações</i> .....	187
3.2. Quando os vivos vão... ..	203
3.2.1. <i>Viagens sobre o mundo terreno</i> .....	203
3.2.2. <i>Viagens ao além</i> .....	210
4. ANTES DO TEMPO? MORRER DE TEMPO.....	217
4.1. Entre escutar e falar, gemer e gritar .....	223
4.1.1. <i>Rumores de lá e de cá</i> .....	223
4.1.2. <i>As ‘marmotas’ das almas</i> .....	240
4.2. A danação das luminosidades .....	250
4.2.1. <i>Lumes da memória</i> .....	250
4.2.2. <i>O ‘funaré’ dos mortos</i> .....	259
4.3. Os mortos táteis nos jogos da eternidade.....	273
4.3.1. <i>Amizades além da morte</i> .....	273

4.3.2. <i>Os mortos também amam</i> .....	284
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>301</b>
<b>FONTES</b> .....	<b>305</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>310</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>321</b>

## INTRODUÇÃO

### Quando o campo ultrapassa os limites do mundo

Falar sobre o ‘outro’ como sujeito está longe de ser suficiente, se não nos enxergarmos entre outros e se não colocarmos o tempo em nós mesmos e nós mesmos no tempo.<sup>1</sup>

Em meados do século XX, uma criança chamada Maria Generosa residia com sua mãe e um neto dela em uma casa simples, nas proximidades da encosta da Chapada do Araripe, planalto sedimentar, situado nos limítrofes dos estados do Ceará, Pernambuco e Piauí. Ela residia no sítio Santo Antônio, no atual município de Porteiras, no Cariri cearense.<sup>2</sup> Hoje, aquela criança é uma senhora com seus 71 anos de idade, católica, viúva e que vive sozinha em sua morada, na área urbana daquela mesma cidade. Foi na varanda da sua residência, sentados defronte das muitas imagens de santos fixados na parede, que conversamos sobre as histórias que as pessoas contavam acerca das aparições de almas.

Eu e Dona Maria Generosa conversamos no final da manhã do dia 18 de abril de 2015. Ela já conhecia meus pais, naturais daquele mesmo município e também partícipes das mesmas festividades católicas e vinculados a grupos de religiosos em comum, a exemplo da Irmandade do Santíssimo. Isso facilitou nosso primeiro contato. De igual modo, a mediação realizada por uma de suas vizinhas, uma amiga minha atuante nos movimentos culturais daquela cidade, ajudou na abertura dos diálogos. Aliás, foi essa jovem que me levou até a narradora, após informar-me de que a mesma era conhecida como uma rezadeira (realizava práticas de

---

<sup>1</sup> PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: Funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D’água, 2004, p. 313.

<sup>2</sup> Porteiras fica localizada acerca de 425 km de Fortaleza – CE (em linha reta). Tem uma área territorial de 217,6 km. Possui 15.061 habitantes. Cf. INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). *Perfil Básico Municipal 2016*: Porteiras. Fortaleza: IPECE, 2016. A respeito das posições geográficas, dimensões e limites do Estado do Ceará e da região do Cariri, ver Anexo B.

cura fazendo uso de plantas e pequenos galhos de árvores) e integrante de um antigo grupo de penitentes do lugar.

Após a apresentação dos propósitos da entrevista e posto o gravador digital, iniciamos a conversa. Ela começou enfatizando as orações dedicadas aos mortos que aprendera com a mãe, entoou cânticos e, quando ficou mais à vontade, narrou as histórias que ouvia dos mais velhos, entrecruzando-as com as suas próprias experiências vividas. Na ocasião, eu lhe indaguei sobre o que ocorria após a morte, e ela comentou:

**Maria Generosa:** [A alma] Ou vai pro canto ou pra outro. Ou ninguém sabe pra onde ela vai, porque, que nem de primeiro, o povo dizia:

— Eu vi a alma de fulano. Eu vi a alma de sicrano.

E hoje ninguém vê mais né? Morreu e acabou né.

**Joaquim:** Por que é que antes as pessoas diziam que viam e hoje..

**Maria Generosa:** *Parece que passou do tempo né.* Por certo. Aí ninguém vê mais falar:

— Fulano viu alma, sicrano viu alma.

Não. Acabou né. Que de primeiro o povo dizia né, via coisa. Que nem eu vi numa casa.

A gente morando no pé da Serra [Chapada do Araripe], família dessa menina [aponta na direção de uma criança, na calçada da sua residência] morava lá. Aí a gente morou numa casa lá que quando era assim de seis horas em diante... Eu é porque só tenho medo dos castigos de Deus. Mas eu num tenho medo de nada não. Vivo sozinha e Deus. Mas quando era de noite, *saía um destempero*: mexia café, torrava café. O fogo ficava acesso. Uma casa deste tamanho. Quando a gente olhava só tinha as brasas. Eu era pequena mais me *lembra como hoje*. Eu era assim pequena. Morava eu, mamãe e o neto dela. Mamãe era medrosa, mas eu num era. A gente via era coisa. Via coisa nessa casa. Aí mamãe foi e saiu de lá porque quisemos mesmo. Porque eu dormia mais perto, via as coisas e ela também:

— Minha filha, minha filha.

E eu:

— Num é nada não, *deixar fazer o serviço, quando der a hora passa* [risos].

Aí, vai um homem fez uma casa. Disse que era mentira nossa. Fez uma casa boa de quatro vão. Num morou 15 dias, com medo. Ele e a mulher. É o lugar lá que é assim mesmo né. Toda vida o lugar lá é esse.

**Joaquim:** E por que é que aparecia?

**Maria Generosa:** Aparecia. Eu num sei. Só nunca fizeram foi falar, mas pisava coisa de noite sem ter quem; acendia o fogo; torrava café. Olhe mexia o café. O café quando tá sendo feito a gente num mexe o café? Vupo vupo, vupo, vupo. Oxente o café! A mamãe dizia:

— Minha filha tu tá vendo?

Eu digo:

— Oxente o café tá é bem feito mesmo [Risos].

Eu num tinha medo né. (...) Sei que fazia esse serviço mais não amanhecia nada feito. Só o barulho só. Pois é, de alma, pronto, pronto das almas eu num sei mais dos negócios das almas.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, Porteirias. p. 5-6. Grifo meu.

As almas fazendo barulho e preparando café durante as madrugadas na antiga residência onde morava ganham relevância nessas memórias. A narradora dá ênfase para demonstrar a presença dos mortos no cotidiano dos vivos de outrora, aludindo seu destemor a despeito das palavras medrosas da sua mãe. Misteriosamente, os vivos não encontravam nada feito, como se as almas produzissem o café e se alimentassem, e, por fim, não deixassem vestígios materiais daquela presença.

Essa e muitas outras narrativas são marcadas pelo signo do mistério. Como a narradora enfatiza, no passado, as pessoas muito falavam sobre aparições de almas no seu cotidiano. Contudo, a presença constante não desfaz os enigmas. E, cada narração apresentava tramas e tramoias nas quais vivos e mortos se encontravam no tempo e no espaço terreno, bem como nas temporalidades e dimensões enigmáticas do além.

Nessas memórias, outros detalhes ganharam relevo. As referências ao tempo são constantes. Quando narra, Dona Maria Generosa confronta o passado com o presente, indicando que, no pretérito, as pessoas muito contavam visões com os mortos, diferentemente da atualidade, indicada por ela como o tempo no qual as aparições desapareceram. Como ela diz, “parece que passou do tempo”.

Simultaneamente, ao usar a expressão “lembro como hoje”, ela enfatiza mais uma interpretação sobre o tempo. Na contemporaneidade, sua memória vislumbra o que ela viveu, testemunhando e/ou escutando dos outros. E nesse rememorar, o tempo da lembrança e a lembrança sobre o tempo são cruciais para entendermos os modos e os focos narrativos sobre os mortos.

Essa acepção se torna mais clara quando Dona Maria Generosa faz menção ao momento enigmático do desaparecimento daqueles “destemperos” promovidos pelas almas nas madrugadas, na cozinha da sua casa. Na lembrança, ao ser indagada pela mãe, assustada ao ouvir os barulhos das almas preparando café, Maria Generosa menciona, de forma calma, que é melhor deixá-las fazerem o serviço, pois tudo passaria sem mais tormentos. No entanto, o tempo exato nunca foi revelado. Há, portanto, enigmas temporais dos e sobre os mortos.

Entretanto, se para a narradora as almas não aparecem mais na atualidade, em outras narrativas de outros entrevistados, as memórias estão recheadas de casos ocorridos no passado e no presente. Esse é um exemplo que nos ajuda a ponderar sobre como as pessoas constroem significados acerca das aparições dos mortos no passado e, concomitantemente, significam o tempo presente. Igualmente, nos estimula a pensar nas referências temporais apresentadas nas memórias sobre os mortos.



É sobre isso que esta tese discorre. Nela, problematizo narrativas orais sobre os mortos na região do Cariri cearense. Nesse particular, “histórias de almas” ganham relevo. Essa é uma expressão oral usada no Ceará para designar narrativas cujo teor é o sobrenatural, como casos de assombração, aparições misteriosas dos mortos nos variados espaços do mundo terreno, viagens e passagens enigmáticas às dimensões do além, dentre outras experiências.

Interessante colocar que não há uma única figuração para o lugar dos mortos nas memórias. Em alguns casos, as almas são apontadas, em outros, são os próprios mortos em carne e/ou osso. Ora as dimensões espiritual e corporal são descritas distintamente, ora são indissociáveis. Nos diálogos sobre o que acontece após a morte, há, ainda, narratividades que versam sobre seres que não são nem almas e nem pessoas mortas, como é o caso dos anjinhos e dos zumbis dos cavalos. Essas figurações se misturam e se separam. Assim sendo, o subtítulo desta tese coloca em evidência a pluralidade dessas narrativas.

No amplo universo das narrativas sobre os mortos, dou destaque às temporalidades, ou seja, as formas pelas quais o tempo é percebido e organizado. Tomo como premissa, que dá sustentação a esse recorte, o entendimento de que as acepções construídas pelos entrevistados relacionadas ao tempo da vida, da morte, das aparições dos mortos no mundo terreno e dos seus trânsitos no além são relevantes à compreensão da presença destes nas memórias dos vivos do século XXI.

Faço aqui uma história do tempo presente. Conforme o historiador Roger Chartier, “o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e portanto partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais”.<sup>4</sup>

Compartilho com Portelli o desejo de “que nossa história seja autêntica, lógica, confiável e documentada como deveria ser um livro de história. Mas que contenha também a história dialógica da sua formação e a experiência daqueles que a fazem”. Assim, é importante que ela “demonstre como os próprios historiadores crescem, mudam e tropeçam através da pesquisa e no encontro com os sujeitos”.<sup>5</sup>

Por esse motivo, fiz a opção de me colocar no texto como narrador e também como mais um personagem da história escrita, na medida em que vou apresentando para o leitor os caminhos que me levaram aos entrevistados e os processos que concorrem para a produção das

---

<sup>4</sup> CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.216. A noção de História do tempo presente passou a obter atenção entre os historiadores a partir da fundação do Institut Du Temps Présent (IHTP), na França, em 1978. Esse laboratório foi criado com o intento de pesquisar a recente história da França e dos estrangeiros. Ver FERREIRA, Marieta de Moraes. Demandas sociais e história do tempo presente. In: VARELLA, Flávia Florentino *et al.* *Tempo presente e usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV, 2012, p.104.

<sup>5</sup> PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”. Op. Cit., p. 313.

suas memórias perante meu gravador: os diálogos que tecemos (com perguntas, respostas e intervenções de outros), bem como as percepções que construí sobre os contextos e lugares dos e nos quais as entrevistas foram realizadas.<sup>6</sup>

Utilizo, ao longo de toda a tese, a primeira pessoa do singular, pois entendo que o “eu” também se faz e se reinventa no diálogo e no convívio com os outros, como Portelli pondera na epígrafe deste preâmbulo. O uso da primeira pessoa do singular figura, portanto, como uma escolha, uma opção narrativa. Trata-se, no dizer de Portelli, de uma atitude narrativa na qual assumir a presença do escritor/narrador significa reconhecer a parcialidade das fontes e, conseqüentemente, o entendimento da incompletude da história elaborada no papel.<sup>7</sup>

Seguindo esse horizonte reflexivo e essa escolha narrativa, penso ser igualmente relevante descortinar um pouco do meu lugar social, enquanto sujeito e pesquisador e, conseqüentemente, minhas relações com os recortes da pesquisa e do objeto estudado.

Para falar sobre as memórias dos outros acerca dos mortos, começo reportando às minhas próprias memórias. Rememoro que, desde criança, escutava histórias sobre almas e outros seres sobrenaturais, amedrontadores e fantásticos. Na casa dos meus avós paternos, no sítio Celeiro, no alto da Chapada do Araripe, histórias de almas não faltavam nas vozes dos adultos que, em diferentes momentos e circunstâncias, relatavam suas experiências com as “coisas do outro mundo”. Para aquela serra, onde a natureza era e continua sendo exuberante, eu ia com frequência, guiado por familiares e amigos, e lá escutava muitas dessas histórias e imaginava os caminhos, os seres e as coisas assombrosas. E nas ruas da pequena cidade de Porteiras (que hoje ainda carrega o nome referendado do seu passado rural), onde passei a infância e adolescência, muitas histórias se espalhavam quando, cansados de brincar nas ruas tranquilas, eu e os amigos parávamos, cedo da noite, para descansar, contar e ouvir histórias de assombração.

---

<sup>6</sup> É importante considerar que história e memória são objetos distintos. Por mais que elas possuam elementos compartilhados, como é o caso da construção e do uso de sentidos do passado no presente, possuem divergências simbólicas, funcionais e materiais, imersas nos interesses e nos procedimentos de trabalhos que as produzem. Dito de outro modo, embora elas compartilhem do mesmo campo comum da cultura, há fronteiras que as distanciam. Enquanto a memória é uma construção tecida socialmente e que entrelaça percepções individuais e agrega percepções coletivas (esta última resultante do enquadramento da memória), a história é uma escrita elaborada pelo pesquisador que lança olhares para o passado a partir das inquietações formuladas no presente. Cf. RAMOS, Francisco Régis Lopes. O direito à memória no ensino de história. *Trajetos*, v.7, n.13, 2009, p. 188-189. Uma análise que obteve ampla repercussão no Brasil, tocante às relações de proximidades e de distanciamentos entre história e memória, foi a análise produzida pelo historiador francês Pierre Nora. Ver NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.10, 1993, p. 7-28.

<sup>7</sup> PORTELLI, Alessandro. *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: Ética, memória e acontecimento na História oral*. Tradução Miguel Cardina e Bruno Cordovil. Lisboa: Edições UNIPOP, 2013, p.36-40.

Casas e ruelas mal assombradas (inclusive, a rua das panelas, na qual eu morava) e almas penadas ainda fazem abrigo nas minhas lembranças, como se a marca do que passou se fizesse no presente e não permitisse que o passado passasse. Uma das coisas que mais recordo era o jeito de quem contava as histórias, pois me prendiam no olhar medroso, na tonalidade da voz e nos indícios e trajetões dos espaços que conhecíamos. Mas, histórias de assombrar, nem todos sabiam contar. Era necessário ludibriar a atenção e tecer, na sequência da voz, uma trama que foi ouvida, trabalhada e reinventada em cada nova contação. Desta forma, a história era bem montada, amarrada. O narrador indicava os personagens, a casa mal assombrada ou os barulhos do outro mundo. Enfim, cada contação era uma operação, às vezes, muito bem urdida. Eram trabalhos da memória<sup>8</sup> e situações de performances.<sup>9</sup>

Recorro a essas memórias para elucidar ao leitor que já comunguei de algumas das muitas crenças e práticas religiosas do Cariri. Naquelas redondezas, desde criança, já ouvia e também narrava histórias de lobisomens, maravilhas e aparições de almas. Deixo claro que, desde muito pequeno, vivi e continuo vivendo atualmente, nessa região. Outrossim, tive uma formação religiosa católica, juntamente com meus quatro irmãos e minhas três irmãs, que me fez crer e viver conforme o imaginário cristão construído e difundido no Cariri.<sup>10</sup> Hoje, não sigo mais essa vida religiosa e também não creio nos dogmas e demais ensinamentos cristãos. Mas, de uma forma ou de outra, a memória dessas experiências permanece em mim.

Lanço-me, portanto, no delicado desafio de estranhar as memórias dos narradores. E, se para alguns intelectuais, isso parece um problema que pode comprometer a objetividade da história que conto, diferentemente, penso ser um fator agregador, pois no caso deste estudo, isso tem a possibilidade de pluralizar e fertilizar o lugar da interpretação, bem como me ajudar a pensar sobre os casos narrados e as tessituras das contações, além de imaginar a fabricação deste escrito, “afinal, a história se faz com documentos e ideias, fontes e imaginação”.<sup>11</sup>

O recorte espacial deste escrito se dilata para além das fronteiras físicas ou geográficas do Cariri. Os sentidos enunciados nas narrativas orais ultrapassam os recortes materiais de uma divisão política, uma vez que dialogam e confluem com saberes advindos de culturas diversas, herdados de muitos passados e ressignificados no presente. Destarte, falando

<sup>8</sup> Uma análise aprofundada sobre os trabalhos da memória pode ser vista em: JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madri: Siglo XXI de España Editores, 2002.

<sup>9</sup> Para informações teóricas sobre performance, sugiro a leitura de: ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 2 ed. Tradução Jerusa P. Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

<sup>10</sup> Sobre a construção do imaginário cristão no Cariri cearense, ver PAZ, Renata Marinho. *Para onde sopra o vento: A igreja católica e as romarias de Juazeiro do Norte*. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011, p. 45-70.

<sup>11</sup> LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. *Para uma outra Idade Média: Tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Tradução de Thiago de Abreu e Noelí Correia M. Sobrinho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.7.

a partir das memórias dos narradores do Cariri, ultrapasso os limites do espaço físico e adentro no imaginário sobre as dimensões do outro mundo, visto que a própria natureza do objeto de pesquisa é porosa e dilatante, não se restringindo, portanto, às barreiras limítrofes de um lugar material. Com a mesma importância, os espaços mencionados no trabalho foram enfatizados a partir das narrativas sobre as aparições dos mortos, pois eles também demarcam espacialidades nas memórias dos vivos, entre o território terreno e os mistérios do além. De modo metafórico, o campo da pesquisa ultrapassa os limites do mundo.

É importante ressaltar que esta pesquisa resultou de uma trajetória de muitas veredas e de inquietações compartilhadas com professores, orientadores, colegas de trabalhos, alunos, orientandos, enfim, com uma teia de colegas e amigos que, de forma calorosa, ora singela, ora intempestiva, colaboraram para a inquietação do meu olhar sobre um objeto que aos poucos, foi sendo gerado, delineado e escrito. Como bem ressalta Durval Muniz, o exercício da amizade “é intrínseco ao pensar e ao fazer historiográfico, como uma condição de possibilidade”.<sup>12</sup>

Iniciei a gravação das memórias orais sobre a morte no curso de graduação em História, vivenciado entre os anos de 2003 e 2006, na Universidade Regional do Cariri (URCA), sediada na cidade do Crato/CE, instituição na qual atualmente leciono. Como trabalho de final do curso, desenvolvi uma pesquisa sobre o culto a Cruz da Rufina, localizada no município de Porteiras/CE. Naquele momento, inquietei-me com as práticas de devoção ao objeto erguido em memória a uma jovem chamada de Rufina, que supostamente fora assassinada no meio do matagal, entre os fins do século XIX e o início do século XX.<sup>13</sup>

No entanto, as atividades finalizadas naquele momento não foram suficientes para acalmar minha inquietação. Lancei, em seguida, novas inquietudes para as memórias sobre a Cruz. E como resultado das novas leituras, construí com os narradores, outras entrevistas, agora, amparadas em novas perguntas. Partindo do caso de Rufina, dediquei-me aos significados da morte trágica na tradição oral, lançando luz aos processos de construção e ressignificação das memórias orais, suas funções sociais e mecanismos de lembranças. Esse trabalho resultou na escrita da dissertação de mestrado intitulada ‘No entremeio dos mundos: tessituras da morte da

---

<sup>12</sup>ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: A arte de inventar o passado; ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2007, p. 212.

<sup>13</sup> Parte desse trabalho foi publicado na revista *Propostas Alternativas do Instituto da Memória do Povo Cearense (IMOPEC)*. Ver: SANTOS, Cícero Joaquim dos. Cruz da Rufina: o processo de santificação popular de Rufina e a revelação de um espaço sagrado em Porteiras-CE. *Propostas Alternativas*, Fortaleza, v.14, 2006, p. 14-21.

Rufina na tradição oral’, defendida no Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS/UECE), no primeiro semestre do ano de 2009.<sup>14</sup>

A partir da dissertação de mestrado, vi a possibilidade de investigar as disputas pelas memórias sobre os cemitérios de criancinhas pagãs na região do Cariri. Debrucei-me sobre esse objeto e adentrei no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Ceará (UFC), em 2012, na linha de pesquisa Memória e Temporalidade. Se no projeto inicial do doutoramento minhas preocupações foram direcionadas aos conflitos em torno das memórias sobre a morte e os enterramentos infantis, no decorrer do curso, elas foram ampliadas e reformuladas.

Para ser bem sincero, no percurso dessa reformulação, “perdi-me no tempo”. Percalços profissionais e pessoais cruzaram a tessitura desta tese. E como a textualidade reflete muito do momento no qual estamos produzindo nossos escritos, o meu texto apresentado no exame de qualificação, realizado em março de 2015, estava, sinceramente, ruim. Senti como se não apresentasse um problema bem delimitado e escrito, e ainda a escrita estando chata e difícil de ser lida, enfadonha. Enfim, não me via na própria criatura eu que mesmo tinha produzido. A partir das provocações lançadas pelas avaliadoras, optei por recomeçar e refazer todo o percurso.

Por conta dessa posição, voltei a entrevistar novas pessoas e, outrossim, a entrevistar, pela segunda vez, narradores com os quais eu já havia conversado e realizado gravações de história oral. Optei, nesse novo momento, por flexibilizar a gravação das memórias, deixando os entrevistados mais à vontade, com maior liberdade para falar, e não seguindo fielmente o roteiro das entrevistas, anteriormente elaborado. Deixei-me embalar pelas histórias contadas. Desse modo, quando os entrevistados mencionavam casos, aparentemente, estranhos, e experiências inusitadas com os mortos, eu os instigava a falar mais sobre o assunto, tentando capturar o significado das memórias, seus modos e focos narrativos.

Como Portelli ensina, fontes orais são produzidas em uma troca dialógica: a *entrevista*. Ela é, literalmente, uma troca de olhares. Nesse encontro de prismas, perguntas e respostas não seguem rigidamente uma mesma linha interpretativa. Citando suas palavras: “A agenda do historiador deve corresponder à agenda do narrador; mas o que o historiador quer

---

<sup>14</sup>SANTOS, Cícero Joaquim dos. *No entremeio dos mundos: tessituras da morte da Rufina na tradição oral*. Dissertação (Mestrado em História e Culturas) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar. Como consequência, toda a agenda da pesquisa pode ser radicalmente revista.”<sup>15</sup>

Foi nessa etapa de revisão do desenvolvimento da pesquisa que percebi como o tempo ganhava um lugar de destaque nas narratividades. Desta maneira, foi refazendo e repensando as entrevistas que tomei as temporalidades como chaves de leitura das experiências que os vivos narravam sobre o que viram, sonharam e/ou escutaram acerca das aparições dos mortos no mundo terreno e dos seus trânsitos no além. Dessa forma, o tempo se tornou a solução para eu construir meu texto e, concomitantemente, o problema, afinal, agora eu tinha pouco tempo para escrever e defender a tese dentro de um tempo (prazo). Mesmo assim, debrucei-me sobre esse desafio, e vos apresento como, no cerne das narrativas sobre os mortos na contemporaneidade, o tempo carrega muitos mistérios.

É sabido que a construção da narrativa histórica carrega muitas leis próprias, partilha de outras palavras escritas e se apresenta como um objeto a ser difundido, questionado, apoiado, combatido. Estando em acordo com Certeau, encaro a história como uma operação. Compreendo-a como uma invenção cerceada nas relações que abarcam um lugar social (recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), uma prática (procedimentos de análise de uma disciplina) e a elaboração de um texto, ou seja, uma escrita. Logo, perceber a história como uma construção, “é admitir que ela faz parte da ‘realidade’ da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada ‘enquanto atividade humana’, ‘enquanto prática’”.<sup>16</sup>

As palavras escritas pelo jesuíta francês Michel de Certeau (1925-1986), um pesquisador apurado da história religiosa e consagrado no campo da teoria da história, levou-me a ponderar sobre as implicações que permeiam a operação historiográfica. Ao falar de um lugar, de uma disciplina e uma produção escrita, nos deparamos com a complexa construção de um saber que resulta da ação de um ser humano que, implicado nas leis do meio, coloca na escrita sua leitura sobre outros humanos em tempos e espaços delimitados, buscando, evidentemente, legitimidade para seus escritos. Nesse cenário, uma marca não pode ser negada: o lugar de onde eu falo. Como Certeau dizia: não existem considerações e nem leituras “capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde eu falo e do domínio em que realizo uma investigação. Essa marca é indelével”.<sup>17</sup> Nesse sentido, é relevante sublinhar os caminhos teórico-metodológicos através dos quais conduzi esta escritura.

<sup>15</sup> PORTELLI, Alessandro. *A história oral como a arte da escuta*. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 10.

<sup>16</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2 ed. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 66.

<sup>17</sup> Id. *Ibidem.*, p. 65.

## Teoria e artes da escrita

Se a vida é amiga da arte, enquanto houver vida e quisermos vivê-la de forma cada vez melhor, precisaremos da arte, da arte de inventar novos mundos possíveis, inclusive da arte de inventar o passado.<sup>18</sup>

A arte desta escrita foi delineada no terreno da história das crenças religiosas.<sup>19</sup> Seus primeiros estudos foram dedicados às mentalidades, que do seu lado analisava os modos de sentir e pensar de uma determinada sociedade. Enquanto um campo do conhecimento histórico, as mentalidades foram entendidas como crenças e comportamentos que mudam lentamente, tendendo, por vezes, à quase inércia e à estagnação.<sup>20</sup> Através do diálogo interdisciplinar, principalmente com a antropologia, a psicologia e a linguística, os historiadores, que trilharam seus escritos nesse terreno, lançaram luz sobre uma diversidade documental, fazendo uso de fontes em série, embora o quantitativismo não pode ser considerado um marco geral da historiografia das mentalidades. Assim, historiadores como Jacques Le Goff (1924-2014), Michel Vovelle (1933-) e Philippe Ariès (1914-1984), entre outros, se debruçaram sobre as crenças e os comportamentos coletivos.<sup>21</sup>

Foi nesse espaço textual das mentalidades que vimos nascer a história da morte. Nessa tessitura, um olhar sobre os percursos da historiografia tocantes a essa experiência abriu caminhos possíveis para a construção do objeto de estudo aqui proposto. Na redefinição do fazer história, a relação dos historiadores com a morte, ou a tomada desta como um objeto de

<sup>18</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: A arte de inventar o passado*. Op. Cit., p.65.

<sup>19</sup> No final da década de 90 do século XX, a historiadora Jacqueline Hermann enfatizou que no campo da história religiosa as pesquisas confluíram para uma das três seguintes direções: 1. A história das doutrinas, na qual a análise é direcionada às grandes religiões, dando destaque ao seu surgimento e às transformações históricas globais; 2. Histórias eclesiais, cujos objetivos historicizam o funcionamento, a estrutura e a organização do clero e da pregação religiosa; 3. Histórias das crenças. Essa última, por sua vez, bifurca-se em duas vertentes, a saber: mentalidades; circularidades e hibridismos culturais. HERMAN, Jacqueline. *História das religiões e religiosidades*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p.315-336.

<sup>20</sup> VAINFAS, Ronaldo. *História das mentalidades e história cultural*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história*. Op. Cit., p.117-151.

<sup>21</sup> Conforme Vainfas, a história das mentalidades obteve destaque na historiografia francesa nos fins da década de 1960. Todavia, as preocupações desta disciplina teve início ainda na primeira geração dos *Annales*, composta pelos intelectuais que fundaram a Escola dos *Annales* em 1929, movimento francês considerado um marco na renovação historiográfica delineada do século XX, identificada pelos historiadores como *Nova História*. Para Vainfas, embora os anos 1960 tenham representado o *boom* das pesquisas neste campo, “não é exato dizer que o surgimento da história das mentalidades em fins dos anos 60 tenha rompido totalmente com a tradição dos *Annales* e com as concepções dos fundadores da *História Nova*. Ao menos no tocante a valorização de certos temas ligados à religiosidade, aos sentimentos e aos rituais, o que parece ter ocorrido foi, não uma ruptura, senão uma retomada, nos últimos 20 ou 30 anos, de antigas preocupações de Febvre e Bloch quanto ao estudo do mental”. Id. *Ibidem.*, p.122.

pesquisa, principiou na segunda metade do século XX. No dizer do historiador francês Michel Vovelle:

Olhando-se num espelho, os homens descobrem a morte. (...) É talvez, isso que torna a história da morte tão fascinante. Trata-se, para o historiador, de voltar aos dados do problema, de surpreender do outro lado essa troca de olhares. Partindo da morte e das atitudes coletivas que a acolhem, a história quer reencontrar os homens e surpreendê-los na região diante de uma travessia que não permite trapaça.<sup>22</sup>

Tal escrito chama a atenção para a compreensão da “travessia que não permite trapaça” a partir das atitudes coletivas perante a morte. Em outras palavras, ela foi desencadeada tomando como referência os modos pelos quais os vivos percebem e vivenciam o problema da finitude humana. Desse modo, ela transcende do fenômeno biológico para o sentimento da morte, e insere-se como uma experiência social e cultural. Assim, tornou-se um evento historicizável. Nessa construção, o seu nascimento remota ao estreitamento dos diálogos dos historiadores com outras áreas do conhecimento, como a antropologia, a psicologia e a sociologia.<sup>23</sup>

Para Otto Oexle, a partir dos anos 1970, a historiografia europeia, especialmente francesa, deu destaque “as atitudes e os comportamentos dos homens diante da morte, bem como sobre as mudanças que eles sofreram no decorrer dos séculos até o presente”.<sup>24</sup> Nessa urdidura, o historiador Philippe Ariès foi o precursor. Seus trabalhos ganharam destaque na historiografia Ocidental por abordar o percurso das atitudes perante a morte e, assim, as transformações ocorridas ao longo dos séculos, tomando como referência o *tempo de longa duração*. Para ele (e outros historiadores que lidam com a temática da morte), as crenças e os comportamentos dos vivos perante o momento da morte inserem-se no *inconsciente coletivo*, perdurando por longos períodos de imobilidade e/ou de lentas transformações.<sup>25</sup>

Já os trabalhos de Michel Vovelle obtiveram destaque por apresentarem o simbolismo religioso que recobre a morte e as crenças no além-mundo. Nos seus escritos, o relevo é direcionado para os modos pelos quais os sujeitos pensam, sentem e compreendem a experiência da morte e, de igual modo, para as construções de imagens relacionadas à cultura

<sup>22</sup> VOVELLE, Michel. A história dos homens no espelho da morte. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Orgs.). *A morte na idade média*. Tradução Heitor Megale et. al. São Paulo: Ed. USP, 1996, p.12.

<sup>23</sup> MARCÍLIO, Maria Luiza. A morte de nossos ancestrais. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1983, p. 61.

<sup>24</sup> OXLE, Otto Gehard. A presença dos mortos. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Orgs.). *A morte na idade média*. Op. Cit., p.27.

<sup>25</sup> ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente*. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. Ver outras obras deste autor nas referências.



fúnebre e cemiterial. Logo, os signos funerários assumem relevância como elementos essenciais à rememoração dos mortos.<sup>26</sup>

Vovelle chama atenção para o desenvolvimento das pesquisas a partir de três níveis, a saber: a morte sofrida, vivida e os discursos sobre ela. O primeiro deles direciona o olhar para as taxas de mortalidade, envolvendo, inclusive, os momentos de epidemias e de pestes. Nesse nível, é válido analisar os parâmetros e comportamentos sociais relacionados à referida taxa, levando em consideração as diferenças de sexo e idade (morte do homem, da mulher, da criança); os contrastes entre o campo e a cidade, bem como entre sujeitos e grupos sociais pobres e elitizados.<sup>27</sup> O segundo nível corresponde a “um complexo de gestos e ritos que acompanham o percurso da última doença à agonia, ao túmulo e ao além”.<sup>28</sup> Todavia, este nível não deve ser reduzido às práticas fúnebres, religiosas, mágicas e cívicas. É necessário adentrar as sensibilidades dos vivos para entender o lugar do morrer na vida destes, seus medos e as mudanças nas atitudes e sentimentos. O terceiro nível, por fim, diz respeito ao discurso coletivo sobre a morte. Neste, são enfatizados sua construção e seus significados. Consoante Vovelle, a partir do século XVIII, proliferaram diversos discursos sobre ela, como é o caso dos filosóficos, cívicos e científicos. Tais saberes organizados, também se manifestaram de diferentes formas, sendo reproduzidos em suportes variados, como a televisão, o cinema e etc. A partir do discurso, é possível perceber os aspectos do imaginário sobre a morte.<sup>29</sup>

Rememorando os escritos de Maria Luíza Marcílio: “as pesquisas desbravadoras de Phillipe Ariès e Michel Vovelle mostraram a beleza, a complexidade e também a viabilidade da história das atitudes diante da vida, da infância, do casal, da família e da morte, no ocidente cristão”.<sup>30</sup> A partir de então, uma série de estudos isolados foram publicados pelos historiadores, além de Ariès e Vovelle, que obtiveram destaque como Pierre Chaunu, François Lebrun e Robert Favre.<sup>31</sup> De acordo com Otto Oxle, a produção historiográfica sobre o tema da morte, produzida na segunda metade do século XX, foi voltada para a história da cultura. Em suas palavras:

---

<sup>26</sup> VOVELLE, Michel. *Imagens e imaginário na História: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. Tradução Maria J. Goldwasser. São Paulo: Ática, 1997. Ver outras obras deste autor nas referências.

<sup>27</sup> É importante considerar que a história da morte muito se aproximou da história das doenças, da saúde e do medo. Cf. BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Orgs.). *A morte na idade média*. Op. Cit., p.89-116.

<sup>28</sup> VOVELLE, Michel. *A história dos homens no espelho da morte*. Op. Cit., p.14.

<sup>29</sup> É válido ressaltar que segundo Vovelle, a transição do segundo para o terceiro nível de análise da morte na história parece sutil e artificial, pois nas atitudes perante a morte há um discurso coletivo que se manifesta e se exprime. Todavia, conforme esse historiador, tal discurso é inconsciente, o que difere dos discursos organizados sobre a morte. Id. *Ibidem.*, p.14-15.

<sup>30</sup> MARCÍLIO, Maria Luíza. *A morte de nossos ancestrais*. Op. Cit., p. 61.

<sup>31</sup> Cf. OXLE, Otto Gehard. *A presença dos mortos*. Op. Cit., p. 27-28.

Trata-se basicamente de uma linha de pesquisa “especificamente” francesa, claramente influenciada pelos procedimentos característicos da nova produção no âmbito da história social e pelo vínculo, muito típico dessa esfera de pesquisa, entre a observação de fatos “reais” e a simultânea apreensão das formas de pensar que permitem compreender esses fatos. Um dos pressupostos básicos da história da morte é também a relevância daquilo que G. Duby denominou “a parte do imaginário na evolução das sociedades humanas”.<sup>32</sup>

Sobre o universo religioso dos cristãos, as investigações apontaram para a invenção imaginária das dimensões do além, mediante as historicidades que formularam o Céu, os Limbos (das criancinhas e dos patriarcas), o Purgatório e o Inferno.<sup>33</sup> Foi investigando o imaginário sobre o outro mundo e o cotidiano religioso que as obras do medievalista Le Goff ganharam destaque, dentre outras proezas. Em *O imaginário medieval* e *O Nascimento do Purgatório*, obras primas, ele apresenta esmiuçadamente as crenças e as urdiduras do imaginário sobre a continuidade da existência após o morrer: as relações entre espaços e tempos do além, o corpo, a sexualidade e suas conexões com os gestos no Purgatório e prisões infernais, as viagens oníricas ao outro mundo, dentre outros aspectos.

Sobre essa reflexão, a pesquisa de Jean-Claude Schmitt intitulada *Os vivos e os mortos na sociedade medieval* é de suma relevância por apresentar o imaginário da morte e do além como partes essenciais das crenças religiosas das sociedades. Sua obra destaca as visões e os sonhos dos vivos com os fantasmas, presentes nos relatos escritos que narravam saberes orais e autobiografados. Objetivando compreender o funcionamento social da memória dos mortos na época medieval, Schmitt apresenta como tese, que as crenças e o imaginário dependem, antes de tudo, das estruturas e do funcionamento da sociedade e da cultura em uma determinada época.<sup>34</sup>

Uma segunda questão merece ser salientada sobre a obra de Schmitt: com maestria, ele construiu um objeto de estudo dedicado aos fantasmas. Em outras palavras, ele direcionou sua análise para a construção de uma história dos mortos a partir das narrativas escritas dos vivos. Tal questão já vinha sendo mencionada por Otto Oxle, ao lançar sua crítica sobre os escritos dos historiadores da morte. Segundo esse autor, os falecidos ficaram em segundo plano.<sup>35</sup> De certo modo, Schmitt e Vovelle fundaram a história dos mortos.

<sup>32</sup> OXLE, Otto Gehard. *A presença dos mortos*. Op. Cit., p.28. Grifo do autor.

<sup>33</sup> VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório: ou o trabalho de luto*. Tradução Aline Meyer e Roberto Cattani. São Paulo: Ed. UNESP, 2010, *passim*.

<sup>34</sup> SCHMITT, Jean- Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>35</sup> OXLE, Otto Gehard. *A presença dos mortos*. Op. Cit., p. 27-28.

No que diz respeito à produção brasileira de uma história da morte, a historiadora Maria Marcílio afirmou, em 1983:

No Brasil, o tema da morte na história, em suas linhas e concepções mais atualizadas, está praticamente inexplorado; pelo menos dentro de um tratamento da demografia e das atitudes, comportamentos e representações das sociedades do passado. Nossos historiadores pouco se voltaram para o assunto. São, sobretudo, os demais cientistas sociais que tomam a frente, os antropólogos primeiros, seguidos dos sociólogos e psicólogos, que vão desbravando as primeiras veredas.<sup>36</sup>

Foi, no início dos anos de 1990, que o historiador João José Reis inaugurou a história da morte no Brasil. Ao publicar *A morte é uma festa*, Reis abriu caminhos para que outros historiadores se lançassem nas trilhas da morte e dos mortos como objetos da história brasileira. A partir da história social da cultura e lançando questões para inventários e testamentos presentes nos arquivos brasileiros, esse historiador elucidou o cotidiano da morte no Brasil do século XIX, mediante a reflexão sobre o cenário conflituoso da cemiterada. Essa foi uma revolta ocorrida na Bahia no ano de 1836, quando a população destruiu um cemitério como forma de protesto frente à proibição de enterramento dos corpos dos seus mortos nas igrejas e capelas, práticas comuns na América portuguesa desde o início da colonização.<sup>37</sup>

Dessa publicação até os nossos dias, outras abordagens e problemáticas foram lançadas à morte na sociedade e à história da morte, terreno esse que vem fertilizando muitas pesquisas apresentadas em programas de Pós-Graduações e Graduações em História e áreas afins, como as Ciências Sociais, a Antropologia, as Ciências da Religião, a Comunicação, as Artes, a Arquitetura e a Psicologia.<sup>38</sup>

<sup>36</sup> MARCÍLIO, Maria Luiza. *A morte de nossos ancestrais*. Op. Cit., p. 64.

<sup>37</sup> REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

<sup>38</sup> É importante considerar a fundação da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC) que possui um estreito laço com a Associação Ibero-americana de Estudos sobre a Morte. A ABEC, juntamente com os grupos de pesquisa existentes em universidades brasileiras, a exemplo do grupo *Imagens da Morte* (UNIRIO), vem promovendo eventos, estimulando a produção e divulgação dos estudos sobre a morte no Brasil. Ver: <http://abecbrasil.blogspot.com.br/>. Acesso em: 17/08/2014. Além disso, é válido ressaltar que a história da morte encontra-se intimamente associada aos estudos dos espaços cemiteriais e das artes tumulares. Nesse direcionamento, a compreensão da arte tumular como fonte e objeto de pesquisa tem atraído à atenção dos historiadores da morte. Nesses casos, quando tomados como fontes para a pesquisa histórica, os túmulos e as artes tumulares possibilitam problematizar as atitudes e as representações sobre a morte, o morrer e os espaços do além, as projeções e tensões sociais que recobrem as vontades, os interesses e as manipulações operadas por diferentes sujeitos e grupos sociais perante os espaços para os enterramentos, além da dimensão religiosa de uma determinada sociedade, em temporalidades circunscritas. Quando tomadas como objetos de pesquisa, além da agregação às questões apresentadas, são problematizadas os modos de fazer, as técnicas e representações da arte cemiterial, entrecruzando o alcance da história e sua proximidade com a área das artes. Ver VOVELLE, 1997. Sobre experiências brasileiras, ver BORGES, Maria Elízia; SANTOS, Alcinéia Rodrigues dos; GOMES, Laryssa

É na construção de uma história dos mortos que delineio este escrito, o que, por sua vez, não deixa de ser uma narrativa sobre os vivos, pois conforme Schmitt: “diferentemente, segundo sua cultura, suas crenças, sua época, os homens atribuem aos mortos uma vida no além, descrevem os lugares de sua morada e assim representam o que esperam para si próprios”.<sup>39</sup> Nessa arte de inventar o passado, faço uma reflexão sobre as memórias relacionadas às experiências vividas diante das aparições dos mortos no mundo terreno e seus trânsitos no além, bem como sobre os saberes construídos mediante a escuta das narrativas de outros.

Dessa maneira, a presente tese é, mais precisamente, uma história da memória sobre os mortos. Nesta construção, direciono a análise para a memória oral. Aqui, ela “não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significados”, como ressalta Portelli.<sup>40</sup>

Ao reportar-se às versões do passado, ele reitera que, embora a *memória* seja adaptada pelo meio social, o ato e a arte de lembrar não deixam de ser intimamente pessoais. Da mesma forma que a linguagem, a memória é social, ainda que só encontre materialidade na mente e na voz dos indivíduos. Ela é compreendida como um processo individual, que ocorre num ambiente social dinâmico, apoiado em instrumentos criados e partilhados socialmente. “Daí que as recordações possam ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Mas, tal como as impressões digitais ou o timbre das vozes, não existem memórias iguais”.<sup>41</sup>

Compreendi que, além de vivermos em um processo cultural marcado pelo afastamento da ideia da morte do cotidiano das pessoas, uma vez que ela desordena a vida e instaura um caos,<sup>42</sup> falar sobre esse assunto levou os narradores a rememorarem seus pais, avós, esposas e maridos, tio(as), filho(as) e demais entes queridos já falecidos. De igual modo, provocou a lembrança sobre os momentos nos quais conviviam com eles, quando vivos. Além disso, a entonação da ideia de que sua hora de morrer também chegará tocava os olhares e os gestos dos entrevistados. Em alguns momentos, lágrimas rolaram e interromperam as conversas. Não nego que também chorei com eles. Em outros momentos, risadas ganharam a ocasião e, igualmente, sorri ao som dos ‘destemperos’ das almas, como dona Maria Generosa enfatizou no início deste texto.

---

Tavares Silva (Orgs.). *Estudos cemiteriais no Brasil*: catálogo de livros, teses, dissertações e artigos. Goiânia: UFG; FAV; Ciar; FUNAPE, 2010.

<sup>39</sup> SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Op. Cit., p. 15.

<sup>40</sup> PORTELLI, Alessandro. *A história oral como a arte da escuta*. Op. Cit., p. 18.

<sup>41</sup> Id. *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios*. Op. Cit., p. 49.

<sup>42</sup> MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. 2 ed. Portugal: Publicações Europa-América, LDA, 1976.

Por conta disso, dialogo com a *sensibilidade*, tomando-a como uma categoria conceitual da Nova História Cultural. Ela é compreendida aqui como um modo de apreensão e conhecimento do mundo para além das fronteiras do saber científico e racional. Ela tem lugar nas sensações do corpo humano, despertadas como uma reação face ao vivido. Assim, “como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade se traduz em sensações e emoções, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade.” Também, corresponde aos modos pelos quais as sensações são interpretadas, organizadas e traduzidas mentalmente. São processos singulares pelos quais as sensações se transformam em sentimentos.<sup>43</sup>

Se por um lado, a sensibilidade é um sentir individual de cada um, portanto, marcada pela subjetividade, por outro, também é compartilhada, uma vez que “os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos através da sua inserção no mundo social, na sua relação com o outro”.<sup>44</sup> Isto é, as sensibilidades também são construções sociais e, portanto, cabíveis de serem problematizadas na tarefa hermenêutica dos historiadores.

Em consonância com os sentidos apresentados por Sandra Pesavento, as sensibilidades são tratadas, neste estudo, “como operações imaginárias de sentido e de representação do mundo, que conseguem tornar presente uma ausência e produzir, pela força do pensamento, uma experiência sensível do acontecido”.<sup>45</sup> Nesse sentido, a capacidade mobilizadora das sensibilidades é prejetada no campo da ação, da tomada de iniciativa, bem como no campo da estética, quando esta se refere “àquilo que provoca emoção, que perturba, que mexe e altera os padrões estabelecidos e as formas de sentir”.<sup>46</sup>

Desta maneira, a partir da análise das marcas de historicidades ou evidências do sensível (imagens, palavras, textos, sons, práticas, objetos) as sensações, os sentimentos e a imaginação têm um lugar especial para escrita histórica, que tenta compreender o que parece indizível, neste caso, as maneiras como os vivos imaginam seus mortos, seus lugares no além e trânsitos no mundo terreno. Conceitualmente, imaginação e imaginário são distintos.

Nesse direcionamento, há que refletir sobre o imaginário. Tomo este como um fenômeno social, histórico e coletivo, no sentido apresentado por Le Goff. Para o autor, ele

---

<sup>43</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: Escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra J.; LANGUE, Frédérique (Orgs.). *Sensibilidades na história: Memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007, p. 09-11.

<sup>44</sup> Id. *Ibidem.*, p.14.

<sup>45</sup> Id. *Ibidem.*, p.10.

<sup>46</sup> Id. *Ibidem.*, p.21.

pertence ao campo da representação, ocupando uma fracção desse terreno, mas vai além dele. Igualmente, se aproxima do simbólico, podendo, inclusive, serem justapostos e entrelaçados. Possui fronteiras com o ideológico, porém, muito se aproxima dele sem se confundirem. A história do imaginário possui documentos privilegiados a partir dos quais as construções mentais são alcançadas e problematizadas: as obras literárias e artísticas. Entretanto, como o próprio escritor enfatiza, todos os tipos de documentos usados pelos historiadores, quer em suas formas, quer em seus conteúdos, podem elucidar dimensões do imaginário do poder, da sociedade, da justiça, do tempo e etc., sendo necessário levar em conta sua especificidade. Por fim, Le Goff reitera como nesse domínio há imagens. E elas não se limitam às configurações das produções iconográficas e artísticas. Elas abarcam, outrossim, o universo das imagens mentais. São coletivas, formam-se, modificam-se e transformam-se nas vicissitudes da história. “Exprimem-se em palavras e em temas. São-nos legadas pelas tradições, passam de uma civilização a outra, circulam no mundo diacrónico das classes e das sociedades humanas. E pertencem também à história social sem que, no entanto, nela fiquem encerradas.”<sup>47</sup>

Ao analisar as narrativas dos entrevistados, percebi que muitas experiências religiosas com os mortos estão situadas no espaço privado, sem a mediação direta de terceiros e, principalmente, de clérigos. Paulatinamente, percebi que as memórias também fugiam, em muitos casos, dos ensinamentos oficiais e institucionais da Igreja e compunham um mosaico singular que, do seu lado, agregava experiências diversas e mesclava referenciais culturais igualmente plurais, embora mantivesse liames com os saberes historicamente formulados no imaginário cristão do Ocidente.

Na história que conto, a mística cristã ganha representatividade nas palavras e nos corpos, nos sonhos, nos gestos e nos olhares dos narradores, bem como nas referências que fazem das práticas de leituras e do ouvir contar nas oralidades cotidianas. Como uma experiência religiosa com o transcendente (os anjos, o corpo de Deus, os mortos), a reflexão sobre ela abre canais de acesso ao sobrenatural. Analiso, principalmente, narrativas acerca do tempo cristão relacionado à morte e aos mortos na contemporaneidade. Optei por perceber os significados temporais apresentados pelos narradores. Isto é: *a mística do tempo*.<sup>48</sup>

<sup>47</sup> LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Tradução Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 16.

<sup>48</sup> Essa expressão é usada aqui no sentido poético e amplo do termo. Não segue, necessariamente, os sentidos da “mística” e do tempo para o místico, apresentados por Certeau. Estudando as historicidades cristãs dos séculos XVI e XVII, Certeau expõe como outrora a mística foi dita como uma ciência particular. Ela era uma poética do dizer, uma forma de narrar ligada aos pressupostos cristãos de uma teologia medieval, dedicada ao Corpo de Deus ou à sua procura. Procurada a partir das dores e gozos, tecida mediante análises de relatos, discursos e signos religiosos (que estruturavam sentidos de verdades) e, estando em estreita sintonia com uma rede de comunicações, a mística foi, paulatinamente, atribuída aos leigos e posta como um signo pejorativo e negativo. Resultado de uma identificação ideológica urdida pela Igreja, sobre ela foi construída uma denominação pesada,

No que concerne à dimensão temporal da pesquisa, acredito que a temporalidade da memória é permeada pelo vai e vem das lembranças que marcam ou marcaram afetivamente os narradores. Assim, o tempo de um nascimento, um falecimento, um aniversário, uma viagem ou outras experiências cotidianas também são marcos que tocam as sensibilidades dos vivos e das leituras que estes fazem das aparições dos mortos. Por isso, optei por tentar perceber as dimensões temporais evidenciadas nas narrativas, pois como lembra Portelli, para os narradores, o tempo é um *continuum*. Logo, inserir um acontecimento no tempo requer sua fragmentação, tornando-o diferente, correspondendo a diversas áreas de sentido e experiência.<sup>49</sup>

Nesse cenário, é válido ressaltar que tentar perceber os significados temporais que os narradores atribuem aos mortos, suas aparições na Terra e trânsitos no além, constitui uma opção da problematização. Dessa forma, as temporalidades da memória e as memórias sobre o tempo dos mortos serão enfatizadas.

Logo, o tempo é aqui tomado como uma construção cultural dotada de historicidades, no sentido apresentado por Reinhart Koselleck.<sup>50</sup> Os narradores vivem o tempo histórico e constroem acepções e ressignificações sobre ele. Nesse direcionamento, lembro que esta tese versa sobre o universo religioso dos cristãos e, para estes, a leitura oficial sobre o tempo ressoa na eternidade.

Analisando a fenomenologia do tempo elaborada por Santo Agostinho (354 - 430), o historiador francês François Hartog indaga se podemos falar de um regime cristão de historicidade. Conforme suas considerações, “a fenomenologia do tempo humano está de fato embutida na eternidade de um Deus criador de todos os tempos, de modo que a distensão deve também se compreender com condição própria do homem na Terra”.<sup>51</sup> Nesses termos, existe uma *ordem cristã do tempo*, mas não um regime de historicidade. Como ele especifica: “da mutabilidade do múltiplo à imutabilidade da eternidade divina, da dispersão à tensão, não para

---

distanciando aquilo que era oficial do ‘místico’ e do ‘misticismo’. CERTEAU, Michel de. *A fábula mística: séculos XVI e XVII*. v.II. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p. 4.

<sup>49</sup> PORTELLI, Alessandro. “*O momento da minha vida*”. Op. Cit., p. 306.

<sup>50</sup> Para esse pesquisador da história social dos conceitos, é importante considerar a construção e ressignificação dos conceitos em determinados tempos e espaços. Para ele, os “espaços de experiência” e os “horizontes de expectativas” são chaves interpretativas para entendermos com a dimensão temporal é compreendida e vivida pelos sujeitos. Nos caminhos discursivos desta orientação, podemos elucidar as temporalidades nos quais eles se inserem e as projeções de futuro elaboradas naquele determinado momento. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução Vilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

<sup>51</sup> HARTOG, François. *Regimes de historicidade: Presentismo e experiências do tempo*. Tradução Andréa Souza de Menezes et al. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 86.

as coisas futuras, mas por um esforço de intenção (não apenas de atenção), para aquelas que estão *antes* (ante), tal é a ordem cristã do tempo à qual o fiel é chamado”.<sup>52</sup>

No cristianismo, o tempo foi quebrado em dois pelo acontecimento da Encarnação: o Verbo que se fez carne no nascimento, na morte e na ressurreição. O poder infinito de Deus abriu um novo tempo no qual, um segundo e último acontecimento místico virão fechá-lo novamente: o retorno de Cristo que também será o Juízo Final. “O tempo do entremeio, intermediário, é um tempo de expectativa: um presente habitado pela esperança do fim”.<sup>53</sup>

O Verbo Encarnado e sua ressurreição lançaram algo novo sobre o tempo, representado no Novo Testamento: “a tensão instaurada ‘entre o presente e o futuro, entre o acontecimento decisivo pelo qual *tudo já está concluído* e o desfecho final que mostra bem que *nem tudo ainda está acabado*”.<sup>54</sup> A partir desta tensão revelada, decorre a ordem propriamente cristã do tempo. E a história verdadeira é a história da salvação.

Vivendo o tempo do entremeio, os narradores constroem acepções sobre os tempos dos vivos e dos mortos, articulando, de forma tensa, o passado, o presente e o futuro.

### **Artes da escuta e das relações**

De fato, se ontologicamente a morte remete para o não-ser, é na memória dos vivos, enquanto imagens suscitadas a partir de *traços* com referente, que os mortos poderão ter existência (mnésica).<sup>55</sup>

Nas tessituras constitutivas desta tese, fiz uso da história oral. Concordando com a definição apresentada por Alessandro Portelli, ela é compreendida como uma narração dialógica que toma o passado como assunto e que é produzido a partir do encontro de um sujeito, identificado como narrador, e de outro, chamado de pesquisador. Tal encontro, geralmente é mediado por um gravador e um bloco de anotações ou caderno de campo.<sup>56</sup>

Nesse sentido, a especificidade maior da pesquisa desenvolvida mediante os usos da história oral está na produção do documento: a fonte oral. Ela é construída, é variável e parcial.<sup>57</sup> É no diálogo entre o pesquisador e o narrador que a fonte é produzida, considerando as inquietações de quem pergunta, as vontades de quem responde, os silêncios, os tempos e as

<sup>52</sup> HARTOG, François. *Regimes de historicidade*. Op. Cit., p.88.

<sup>53</sup> Id. *Ibidem.*, p.90.

<sup>54</sup> Id. *Ibidem.*, p.90.

<sup>55</sup> CATROGA, Fernando. *O Céu da memória: Cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999, p. 14. Grifo do autor.

<sup>56</sup> PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. Tradução Fernando Luiz e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 210.

<sup>57</sup> PORTELLI, Alessandro. *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios*. Op. Cit., p. 34.



demais implicações que ocorrem no diálogo e na troca de olhares entre dois e/ou mais sujeitos. Para Portelli, essa é a grande riqueza da pesquisa. E, é na compreensão dessa interação que podemos perceber o significado e o funcionamento da memória do passado no presente, ao invés de tentar compreender o que de fato aconteceu.<sup>58</sup> Por isso, procurei evidenciar os diálogos, grifando perguntas e respostas e, deixando visíveis as intervenções, a presença dos mediadores, as pausas, os silêncios, os risos, as lágrimas e as expressões dos narradores.

De acordo com Portelli, a história oral é definida, portanto, como uma *arte da escuta* baseada em um conjunto *de relações*, a saber:

1. Relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo);
2. A relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória);
3. A relação entre a esfera pública e a privada, entre autobiografia e história – entre, digamos, a História e as histórias;
4. A relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador.<sup>59</sup>

De certo modo, essas relações foram, em grau maior ou menor, mencionadas e trabalhadas ao longo da tese. Afinal, sua urdidura foi entrecruzada com as leituras dos textos de Portelli – entre outros – que influenciaram minha escrita e escuta curiosa das memórias. Estas, do seu lado, fazem referências às experiências vividas pelos próprios narradores com os mortos e, de igual modo, mencionam saberes construídos a partir da escuta das tradições orais.

Aqui, cabe lembrar que fonte oral e tradição oral são categoriais distintas. Como Portelli destaca, a tradição oral é composta por construtos verbais formalizados que são transmitidos. Já as fontes orais dos historiadores são narrativas individuais, dialógicas, informais, elaboradas no encontro entre o pesquisador e o narrador, como foram mencionadas anteriormente. “Naturalmente, essas narrativas podem incorporar materiais tradicionais, e os historiadores orais também podem recorrer às tradições orais. No entanto, é bom mantermos os dois conceitos distintos: nem tudo o que é oral é tradicional”.<sup>60</sup>

Concepções semelhantes são apontadas por Jack Goody, para quem a tradição oral é uma das “formas orais padronizadas”,<sup>61</sup> e por Julie Cruikshank, que a toma como um sistema

<sup>58</sup> PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 59-72.

<sup>59</sup> Id. *A história oral como a arte da escuta*. Op. Cit., p. 12.

<sup>60</sup> Id. *Ibidem.*, p. 9.

<sup>61</sup> GOODY, Jack. *O mito, o ritual e o oral*. Tradução Vera Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 43.

coerente e dinâmico de construção e transmissão de conhecimentos.<sup>62</sup> Por isso, ao longo da tese, dialogo com esses três autores nas reflexões sobre memória e tradição oral.

No desenvolvimento da pesquisa, procurei entrevistar idosos católicos e seus familiares, residentes nos espaços urbanos e rurais do Cariri. Dei prioridade às narrativas daqueles que integram e/ou integraram grupos de religiosos leigos, como penitentes e incelências, bem como de irmandades religiosas oficiais, como é o caso da Irmandade do Santíssimo Sacramento, entre outras.<sup>63</sup> Com a mesma relevância, procurei conversar com pessoas que socialmente são apontadas como sujeitos que possuem algum tipo de proximidade e/ou estabelecem comunicações e intercessões com os mortos e com as forças do além, como é o caso de rezadeiras e outros praticantes das religiosidades do catolicismo não oficial.

Dentre as fontes produzidas, foram selecionadas 14 entrevistas para serem analisadas nesta tese. Elas foram selecionadas a partir da qualidade das suas produções, levando em consideração o teor dos diálogos. As entrevistas escolhidas foram realizadas nos anos de 2011 (uma), 2012 (uma) 2013 (quatro), 2014 (uma) e 2015 (sete). Estas últimas foram produzidas após o exame de qualificação.

No meu entendimento, as narrativas orais analisadas na pesquisa são documentos que apresentam aspectos mágicos, míticos e místicos, continuidades de uma tradição religiosa que dialoga com o novo. Na medida em que as fontes orais são singulares em virtude, sobremaneira, da sua produção e, conseqüentemente, contemporâneas do tempo estudado, elas trazem à baila uma profusão de narrativas tecidas a partir do vivido, aprendido e transmitido, suas redes de relações, incorporações e negociações com os artefatos da cultura. Na contemporaneidade, os saberes transmitidos nas memórias orais sofrem mediações das mais diversas e são postos em múltiplos suportes. Assim, as metamorfoses do oral no escrito e do escrito no oral, entre dimensões materiais e virtuais são, de igual modo, relevantes para compreensão dos saberes socialmente compartilhados. Nesse sentido, refletir sobre a força do passado transmitido oralmente na atualidade requer o entrecruzamento das memórias orais com as equações da escrita multifacetada, elaborada, lida ou escutada por muitos dos narradores.

---

<sup>62</sup> CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Op. Cit., p. 155.

<sup>63</sup> Alguns narradores foram fotografados, outros, no momento da entrevista, optaram por não serem (ver Anexo A). As incelências são mulheres que integram um grupo leigo formado na década de 80 do século XX, no sítio Cabeceiras, na zona rural do município de Barbalha. Outrora, elas dedicavam-se a celebrar a morte das crianças e integravam os ritos fúnebres tocantes às sentinelas e aos enterramentos destas e dos demais adultos falecidos na comunidade e nas localidades adjacentes. Cf. Entrevista realizada com Francisca Rodrigues de Matos e Sueli Matos, em 15/09/2013, no sítio Cabeceiras, zona rural do município de Barbalha.

Por conta disso, além das fontes orais, faço uso de narrativas escritas. Como Portelli reitera, muitos informantes leem livros e jornais, veem televisão e escutam o rádio, têm cartas, diários e outros recortes guardados. “Com efeito, a oralidade e a escrita não existem separadamente: se muitas fontes escritas estão baseadas na oralidade, a oralidade moderna está saturada de escrita”.<sup>64</sup>

Inicialmente, elas foram selecionadas a partir das referências pronunciadas pelos próprios entrevistados, durante a realização das entrevistas. Nesse recorte, a literatura religiosa obteve destaque, como por exemplo, a Bíblia Sagrada, considerada o principal documento da doutrina cristã e o livro de São Cipriano que, outrora, circulou nas práticas de leituras de muita gente e, que ainda hoje, é muito procurado e vendido nas livrarias do Cariri.<sup>65</sup>

Além desses, folhetos de cordel, vendidos nas feiras e bancas de jornais do Cariri (e que circulam em outras cidades do Nordeste brasileiro, como Recife e Fortaleza) também são analisados e confrontados com as memórias orais. Foram selecionados cordéis que apresentam nos seus versos narrativas mencionadas pelos entrevistados. Assim, ao invés de confrontar uma multiplicidade de folhetos, procurei, a partir dos casos pronunciados pelos narradores, entrecruzar a fonte oral com as narrativas dos folhetos.

Dito isto, reitero que concomitante a utilização das fontes orais e escritas, faço uso de notícias publicadas em blogs e jornais que fazem referências a dados sobre questões mencionadas nas entrevistas.

Apresentados a construção, os recortes do objeto de estudo, os referenciais teóricos e as artes de fazer, resta-me, agora, lançar luz sobre a divisão do trabalho. A tese está dividida em quatro capítulos. No primeiro deles, *Nas Fronteiras do Tempo*, avento as referências que os narradores construíram sobre o tempo da vida e da morte, dando destaque às memórias sobre a morte de criancinhas e revelação dos anjinhos. Nele, problematizo como as interpretações sobre o tempo nomeiam, definem nomenclaturas e hierarquias para os anjos, bem como atribuem significados a outros mortos situados nas proximidades dos ritos de passagens, como o parto e o batismo católico.

Em *Encontros dos/nos Tempos*, segundo capítulo, ausculto as narrativas sobre os percursos dos mortos nos mistérios do outro mundo, aludindo às memórias sobre viagens ao Purgatório e ao Inferno, bem como o retorno dos mortos e de outras criaturas perturbadoras ao mundo terreno e convívio com os vivos. Nesse trecho, a presença dos mortos entre os dois mundos coloca em baila leituras singulares sobre o tempo.

---

<sup>64</sup> PORTELLI, Alessandro. *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios*. Op. Cit., p. 31-32.

<sup>65</sup> CIPRIANO, São. *Tratado completo da verdadeira magia*. São Paulo: Pallas, 2013.

Já no terceiro capítulo, intitulado *O Tempo e os Sonhos*, analiso as memórias sobre a vinda dos mortos aos espaços terrenos por meio das experiências oníricas dos narradores, cumprindo funções, obrigações e rememorando os afetos. Os sonhos assumem relevância nas artes da oralidade e nas sensibilidades dos entrevistados. Com a mesma relevância, as viagens oníricas dos vivos ao outro mundo para ver e encontrar os mortos e, outrossim, viagens sobre o mundo terreno são analisadas à luz das memórias e das sensibilidades dos fiéis.

Por fim, em *Antes do Tempo? Morrer de Tempo*, quarto e último capítulo, faço uma reflexão sobre como as narrativas acerca das aparições dos mortos entre os vivos estão atreladas às interpretações sobre o tempo da morte e dos trânsitos dos mortos no além, trazendo nos diálogos suas nuances, enunciações e, sobremaneira, suas exemplaridades.

A partir desses rápidos indícios, importa ressaltar que a organização dos capítulos não cristaliza a gama de possibilidades assumidas pelos mortos e pelas almas nas narrativas de história oral e tradição oral da atualidade. Por isso, tal divisão não é rígida e inflexível, uma vez que alguns mortos transitam ou podem ser inseridos em mais de uma das categorias apresentadas. A maneira como foram inseridos, neste espaço textual, levou em consideração a articulação entre as narrativas com suas interpretações sobre o tempo.

Este escrito lança luz, portanto, ao cenário complexo que recobre o lugar dos mortos na memória dos vivos na atualidade. Por tudo isso, este fragmento de uma história dos mortos no Ceará do século XXI, assume a conotação de um convite sensível para uma viagem aos trânsitos e às crenças sobre o além cristão e seus mortos, sem, no entanto, esquecer que, no mundo dos vivos, a memória faz a vida pulsar e as almas permanecerem entre ele.

## 1. NAS FRONTEIRAS DO TEMPO..

“A morte é um outro nascimento”.  
(Mia Couto)

### 1.1. Maya: Vida, morte e salvação

No final da manhã do dia dez de maio de 2013, uma jovem mãe, no texto identificada como Mayane – pseudônimo usado como forma de livrá-la da exposição de sua imagem – tinha pouco mais de 25 anos quando deu entrada no Hospital e Maternidade São Francisco de Assis, localizado no bairro Pimenta, na cidade do Crato. Prestes a dar a luz a uma menina, que seria seu segundo filho, a jovem preparou com esmero a ocasião. Cuidou da gravidez durante seus nove meses e planejou a chegada da filha. Ela foi nomeada como Maya, cujo significado representa a deusa da ilusão, conforme Mayane entendeu ao ler o livro *Maya*.<sup>1</sup>

Momentos antes do parto, no entanto, a parturiente foi informada pelo médico, um conhecido da sua família, que o bebê havia falecido ainda no ventre materno. Conforme a *certidão de óbito do natimorto*, registrada em 25 de maio no cartório Maria Júlia, naquela mesma cidade e, cedida gentilmente por Mayane, a morte foi causada por “anoxia intrauterina e malformação congênita”.<sup>2</sup>

A cirurgia cesariana foi realizada naquele mesmo dia, às 13h25min, ao som dos gritos de Mayane, inconformada com a perda. Além disso, Mayane ainda teve que lutar por sua vida. Ela enfrentou uma infecção interna, em virtude do tempo que passou com o feto morto no seu corpo. Por três dias, ficou na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do hospital, sob os cuidados dos médicos e recebendo medicação necessária para combate a infecção. Após superar a fase crítica, ela foi levada para outro recinto do hospital, onde passou a receber visitas.

---

<sup>1</sup> GAARDER, Jostein. *Maya*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>2</sup> Ver também em SANTOS, Cícero Joaquim dos. Anjos do tempo: os mortos infantis na contemporaneidade. In: MENESES, Sônia; SANTOS, Cícero Joaquim dos (Orgs.). *História e contemporaneidades*. Curitiba: CRV, 2016, p. 147-174.

Maya não viu a luz do mundo. Sua mãe também não lançou seu olhar para o corpo da pequena, pois não lhe foi permitido. Ela visualizou a imagem da filha alguns dias depois, por meio das fotografias feitas pelo pai da criança, através de um aparelho celular. Elas foram produzidas a pedido da jovem mãe. Esse cenário lembra um pouco o que o sociólogo Titus Riedl afirmou sobre as crianças outrora mortas e fotografadas no Cariri: em alguns casos, a imagem “servia não apenas como despedida, mas, em primeira linha, como afirmação de sua presença familiar ou simples prova de sua existência física”.<sup>3</sup>

A imagem foi impressa e reproduzida em aparelhos digitais, além de ser enviada e salva nas caixas de e-mails de Mayane. Nos últimos meses, ela se prontificou a enviá-la, via correio eletrônico, para que fosse publicada nas páginas deste escrito.



Figura 1- Maya. Foto: acervo do autor. Ano: 2013.

Depositada em um pequeno caixão branco, Maya foi preparada para o sepultamento. Ladeada de flores igualmente brancas, ela foi vestida com uma roupinha infantil da mesma cor, apresentando desenhos com personagens alegres (a mãe urso e seu filhote ursinho). Estando com a cabecinha ancorada em um pequeno travesseiro e sendo toda coberta com um véu fino e alvo, Maya foi fotografada sozinha, momentos antes de ser levada ao cemitério. Por fim, suas mãos cruzadas sobre o corpo em pose de reza reproduzia uma imagem sublime.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> RIEDL, Titus. “Memórias de despedida”: o *memento morri* na fotografia e na fotopintura brasileira. In: RODRIGUES, Cláudia; LOPES, Fábio Henrique (Orgs.). *Sentidos da morte e do morrer na Ibero-América*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014, p. 236.

<sup>4</sup> Essa textura fúnebre evidencia, por um lado, continuidades de antigas atitudes perante a morte infantil no Brasil, sobretudo, no que se refere aos tratos do corpo morto. Por outro lado, representa mudanças no que diz respeito à uniformização do branco, em contraposição às tonalidades azul e rosa, outrora usadas predominantemente para identificar os mortos, meninos e meninas, respectivamente. Cf. NOGUEIRA, Oracy. *Morte e faixa etária: os anjinhos*. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1983, p. 226.

Maya foi enterrada no mesmo dia em que nasceu morta. Após os encaminhamentos burocráticos, realizados ainda no recinto hospitalar, como é o caso do encaminhamento da funerária, o sepultamento ocorreu no jazigo da família, no cemitério privado *Encontro Com Deus*, situado no bairro Barro Branco, na cidade do Crato. Diferente dos enterramentos infantis do Cariri de outrora, marcados pela celebração da morte na infância e acompanhados das canções dedicadas aos mortos pequeninos, conhecidas no passado e ainda hoje lembradas em alguns lugares como incelenças, o enterro de Maya aconteceu sob o signo do silêncio e da tristeza do pai e demais familiares partícipes do enterramento, cerca de cinco ou seis pessoas.<sup>5</sup>

No Campo Santo, o corpo de Maya fez companhia a outro morto da família, o irmão mais novo de Mayane, assassinado no Crato, em 11 de setembro de 2012, quando tinha 20 anos. No jazigo, não há monumentos de arte tumular com imagens e estátuas como aqueles que no passado foram erguidos nos cemitérios secularizados, a exemplo dos existentes no cemitério público Nossa Senhora da Piedade, em Crato, como também em muitos outros espaços cemiteriais espalhados pelo Brasil. Há, apenas, uma lápide sobrejacente ao chão, na qual o escrito faz lembrar o morto ali enterrado. Embora Maya esteja no mesmo lugar, não há na placa nenhuma referência à sua existência.<sup>6</sup>



*Figura 2 - Cemitério no qual Maya foi enterrada.  
Foto: autor. Ano: 2015*

Emocionada ao falar sobre o assunto, quando no dia 20 de agosto de 2015 estivemos presentes no lugar, Mayane enfatizou: sua família não se preocupou em refazer a placa fúnebre

<sup>5</sup> Sobre as incelenças e os ritos fúnebres infantis do Cariri de outrora, ver CARIRY, Rosemberg. Rituais da morte no Nordeste. In: CARIRY, Rosemberg; BARROSO, Oswald. *Cultura Insubmissa: estudos e reportagens*. Fortaleza: Nação Cariri, 1982, p. 204-213.

<sup>6</sup> No que toca à arte tumular nos cemitérios brasileiros, ver BORGES, Maria Elízia. Cemitérios secularizados no Brasil: um olhar histórico e artístico. In: RODRIGUES; LOPES, 2014, p.355-378.

para indicar a presença da sua filha naquele pedaço de chão destinado culturalmente à inumação e salvação dos mortos, como a tradição cristã ensina.<sup>7</sup>

Mayane lembra que o sepultamento do seu irmão e da sua filha foram recentes. Há cerca de dois anos antes do assassinato do seu único irmão, seu pai também faleceu, vítima de um infarto. Isso ocorreu em um momento familiar tenso, pois, o jovem estava imerso nas alucinantes dependências que muitas vezes as drogas impõem aos seus usuários. Aliás, não foi estranho perceber que esse foi, segundo Mayane, o motivo pelo qual seu irmão foi assassinado, como muitos casos noticiados frequentemente nas mídias impressas e virtuais, bem como projetados nas alarmantes estatísticas oficiais e não oficiais de homicídios de jovens no Brasil do século XXI.<sup>8</sup>

Ao narrar tais experiências, aquela jovem lembrou que nos dias seguintes ao parto, ainda no espaço hospitalar, ela recebeu a atenção de amigos e familiares que se solidarizaram com o ocorrido e foram prestar-lhes conforto. Nas palavras de amparo, a ideia segundo a qual ela lançou ao mundo um anjinho foi pronunciada. Palavras que seguem os compassos de antigas crenças religiosas católicas propagadas na América portuguesa, mediante sua colonização europeia, como narrou Gilberto Freyre.<sup>9</sup>

De igual modo, dias depois em sua residência, o conforto dos conhecidos, amigos e vizinhos reforçava a crença segundo a qual Mayane mandou um anjo para o ‘Reino Celeste’ e, por isso, não deveria chorar e lamentar aquela perda. Pois tais práticas podem prejudicar o percurso do anjinho nos caminhos que possibilitam o alcance dos resplendores celestiais, como outrora escreveram muitos estudiosos sobre os saberes tidos como ‘populares’ ou ‘folclóricos’, a exemplo dos escritos de Alceu Maynard Araújo<sup>10</sup> e Luís da Câmara Cascudo<sup>11</sup>, publicizados nos idos da segunda metade do século XX.

<sup>7</sup> A respeito das crenças relacionadas às práticas de enterramentos dos mortos na formação religiosa brasileira, ver CYMBALISTA, Renato. *Sangue, ossos e terras: os mortos e a ocupação do território luso brasileiro* (Séculos XVI e XVII). São Paulo: Alameda, 2011.

<sup>8</sup> Em estudos recentes, o Ceará é apresentado dentro de um ranque nacional como o terceiro estado onde mais ocorrem homicídios no Brasil atual, tanto no que diz respeito à população jovem, quanto à total. Também é uma das unidades da federação com o maior aumento percentual dos homicídios, considerando o período de 1998 a 2012. Nesse recorte temporal, os índices aumentaram 233,0% para os casos concernentes à população total. Sobre os jovens, entre os anos de 2002 e 2012, as taxas de homicídios cresceram 218,5%, e apenas entre 2011 e 2012, os índices aumentaram 48,3 %. Cf. WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, 2014 (versão preliminar), p. 28-30. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br>. Acesso em: 24/11/2015. Ver Anexo C.

<sup>9</sup> Cf. FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 41 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 133.

<sup>10</sup> ARAÚJO, Alceu Maynard. *Alguns ritos mágicos: abusões, feitiçarias e medicina popular*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1958, p. 86.

<sup>11</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Superstição no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Global, 2002, p. 30.



O tempo fez Mayane sofrer. A dor instalada na memória permaneceu nas marcas do corpo feminino perfurado nos procedimentos cirúrgicos. Nesse caso, esse tempo vivido é um signo do próprio sofrimento. E nos pensares de Mayane, era recorrente a ideia de se livrar daquele penar e de Maya encontrar, caso provocasse a própria morte.

Dentre as pessoas que a confortavam diante do seu visível abatimento corporal e estado de desolação, estava sua avó, Dona Toinha, agricultora e costureira, na época possuidora de seus 86 anos. Mulher magra e de baixa estatura, viúva, católica e rurícola, ela era muito procurada para rezar nas sentinelas e ajudar o moribundo a morrer segundo os ritos fúnebres católicos, tradicionais na comunidade onde morava e onde ainda hoje reside, no distrito Monte Alverne, na zona rural do município do Crato.<sup>12</sup> Quando mais jovem, também era procurada para produzir as mortalhas dos moradores daquele lugar e das áreas adjacentes.

O caso de Maya me levou a entrevistá-la duas vezes, através da mediação da jovem mãe. Se na primeira entrevista, realizada em dezembro de 2013, ela não citou o caso, na segunda, em abril de 2015, foi enfática. Nesse último diálogo – costurado por nossa troca de olhares e mediado pelo gravador digital – ocorrido quando ela descascava um jerimum na cozinha da casa de sua filha na urbe cratense, a matriarca falou: “Essa menina de Mayane é anjo.”<sup>13</sup>

Outra revelação foi pronunciada à parturiente, agora por uma das suas vizinhas, também entrevistada a partir desse caso. Ela foi narrada por sua manicure, Cida, que igualmente cuidou dos preparativos para sua viagem à maternidade. Cida é uma mãe com pouco mais de 40 anos. Ela se apresenta como católica, porém não muito praticante. Nas palavras de consolação, a vinda de Maya ao mundo, mesmo já falecida, teve um propósito significativo para outro morto: o irmão de Mayane. Eis um fragmento do diálogo que tecemos em sua residência, com a presença e o olhar aguçado da mãe de Maya:

Em sonho, a gente sonha né? Pronto. Eu já sonhei com o irmão de Mayane, que mataram. Foi quando ela teve a neném dela. Foi quando ela teve a neném dela. Eu sonhei com ele e disse pra ela. Porque ela ficou muito nervosa. Quase entra em depressão. Aí eu contei pra ela que ele chegava assim e dizia que a filha dela tinha indo pra salvar ele. E eu peguei e contei pra ela. Conte pra mãe dela. Pra ver até se ela se acalmava mais.<sup>14</sup>

<sup>12</sup> Os ritos são compreendidos como “condutas corporais mais ou menos estereotipadas, às vezes codificadas e institucionalizadas, que exigem um *tempo*, um *espaço cênico* e um certo tipo de atores: Deus (ou os *antepassados*), os oficiantes e os fiéis participantes do espetáculo”. CATROGA, Fernando. *O Céu da memória: Cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999, p. 11.

<sup>13</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, Crato. p.8.

<sup>14</sup> Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato, p. 3.

Na época, a revelação daquele sonho chegou à escuta de Mayane. Mesmo tendo tido uma formação religiosa católica, ela permaneceu inconformada e procurou, dias depois, ajuda psicológica, almejando compreender o porquê do ocorrido. Ela buscou apoio espiritual junto a uma igreja evangélica situada nas proximidades da sua morada, na tentativa de conviver com a irreparável dor e entender porque sua vida desembocou naquele cenário de desilusão. No entanto, ela não permaneceu frequentando a instituição religiosa.

Naqueles dias tenebrosos, a convite de uma amiga, Mayane procurou no *Livro dos Espíritos* de Allan Kardec (1804-1869), explicações para aquele caso. Facilmente encontrado em bancas de jornais e livrarias, tal escrito, caracterizado por muitos como uma filosofia espiritualista, contém os princípios da doutrina espírita. Após a leitura de alguns fragmentos da obra, Mayane não ficou satisfeita. E continuou nas lides da desilusão.

Entretanto, ela ainda procurou explicações e orientações nas cartas de baralho jogadas por Dona Maria do Socorro. Mulher de aparência forte, mãe, pobre, idosa com mais de 70 anos e residente no Centro do Crato, ela se afirma como católica e rezadeira, mas também tira cartas de baralho para esclarecer e resolver muitos dilemas cotidianos vividos pelas pessoas que a procuram em sua própria casa. Guiada por sua mãe, que também já havia recorrido a Dona Maria, Mayane foi atendida por ela. As cartas foram tiradas, mas estavam confusas. Elas não ajudaram a minimizar o sofrimento de Mayane.

A jovem ainda tentou entender as fronteiras temporais que aproximaram seu bebê natimorto e seu irmão. Nas suas palavras, há dúvidas sobre o fato: se o acaso colaborou para a construção de sentidos sobre a morte de ambos ou, quiçá, não tenha sido coincidência o fato de Maya ter nascido morta no mesmo dia em que ele nasceu vivo, 10 de maio, separados por um interstício temporal de 21 anos. Nesse caso, o tempo é um fator intrigante e instigante, pois o natalício do irmão se confunde com a temporalidade do nascimento e da morte da filha. Mayane continuou confusa, como se se perdesse nos mistérios dessa encruzilhada dos tempos.

No pretérito, o médico e historiador cratense Irineu Pinheiro afirmou: “sempre se ouviu dizer que no Cariri as criancinhas morrem em bom tempo”. Pinheiro lançou mão desta expressão para exemplificar a relevância das celebrações que recobriam o cenário da morte infantil e dos enterramentos das crianças no Cariri do seu tempo, entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. Também como forma de justificar o que ele chamou de extremismo da “religiosidade popular” no Cariri. Vejamos seu escrito:

Em toda a zona do Carirí, também nos sertões circunvizinhos, extremou-se a religiosidade popular. Justifiquemos nossa asserção: No Crato, há mais de quarenta anos, uma distinta pessoa da terra fez o entêrrão de um seu filhinho ao som da banda de música local e ao estourar dos folguetes, o cadaverzinho rígido, de pé, num andor seguro por quatro homens, todo vestidinho de seda, em traje de S. José, as mãos postas, as faces tingidas com papel de arrebique, assim chamado um papel vermelho, que se comprava na praça do Recife.

Atrás do andor os amigos dos pais, num singular préstito que atravessou as ruas da cidade em meio à admiração do povo aglomerado nas calçadas, ou a espiar nas portas e janelas das casas.

Antes do enterramento acima descrito, e depois dêle, outros se fizeram no Crato, em andores alegremente.

(...) Assim pensam, hoje, muitos pais, que se regozijam por saber que eles, os anjozinhos, voam até Deus e lá, entre os resplendores celestiais, vão rogar pelos que ficam na Terra escura e triste.

Sempre se ouvia dizer no Carirí que as criancinhas ‘morrem em bom tempo’.<sup>15</sup>

É desnecessário discorrer que o termo ‘sempre’ nega, em certo sentido, a historicidade do tempo vivido. Seguindo essa direção, o tempo da morte infantil aparece na obra de Pinheiro como um axioma. Tal temporalidade axiomática se contrapõe, por sua vez, ao caso vivido por Mayane.

Partindo desse pressuposto, cabe indagar: como os sujeitos entrevistados no século XXI atribuem significados às crianças mortas? Quais e como os modos e focos narrativos são construídos e transmitidos nas tradições orais em um tempo marcado pela velocidade das informações e o surgimento constante de novos meios de comunicação e interação? E, de forma sobremaneira, como os narradores definem as temporalidades dedicadas aos mortos na infância?

## 1.2. Entre a alegria e a dor do destino, a fundação de temporalidades

Debaixo do Céu há momento para tudo, e tempo certo para cada coisa: Tempo para nascer e tempo para morrer (*Ecl.3,1*).

O caso de Mayane coloca em cena e em xeque a crença sobre as almas santas dos anjinhos, secularmente frutificada na cultura religiosa da *crístandade*, e, igualmente evidenciada nas leituras sobre o tempo da vida e da morte. Dona Toinha, apesar de ela ter falado pouco sobre esse tema, no pouco que foi dito, ela disse muito. Nas suas palavras, é perceptível

---

<sup>15</sup> PINHEIRO, Irineu. *O Carirí: seu descobrimento, povoamento, costumes*. Fortaleza: S/E, 1950, p.94-95.

como o termo ‘alma’ não é correto para designar a continuação da vida da criança morta em outra dimensão do além.<sup>16</sup>

Seguindo a expressão entoada pela costureira das mortalhas, “Maya é um anjo”. O uso do verbo ‘ser’ no presente do indicativo evidencia a experiência concernente à criatura angélica. Nessa direção reflexiva, Maya não percorreu ou sofreu um processo de transmigração da sua alma em uma criatura celeste. Ela, por si só, é o anjo. Dito de outro modo, não existe, nesse sentido, a alma angélica, pois a criatura celeste é o que é.

A narrativa da manicure Cida, vizinha e amiga de Mayane, mulher de estatura baixa, casada, nascida no Estado da Paraíba e residente na cidade do Crato desde a infância, reforçou esse entendimento. Eis um pouco da conversa:

**Cida:** Criança! Eu acho que não tem alma, porque é um anjinho né? Já vai pro Céu. É tanto que, isso daí, os mais velhos e gente novo também, como minha mãe sabe, que minha mãe já tem idade. Mas eu sei, você sabe, sua mãe sabe, todos sabem.

**Joaquim:** E o anjo vai direito pro Céu?

**Cida:** Vai. Anjo é anjo, porque são os anjos.<sup>17</sup>

A definição do anjo a partir da morte da criança ainda é, nos dias de hoje, tão conhecida que Cida dispensa discorrer sobre o tema e explicar o assunto. A manicure sintetiza a questão reiterando que o “anjo é anjo”, e não há o que questionar ou duvidar. Como contou: “todos sabem”, e indica que inclusive eu, que lhe fiz a pergunta, já sei da resposta. Ela pôs um ponto final nessa discussão como se anunciasse que tal questão dispensa maiores respostas. E isso ocorreu com outros narradores.

Confrontando essa assertiva com as demais narrativas dos entrevistados, quando, em diferentes momentos, eles foram provocados a falar sobre as almas das crianças, o sentido desses seres foi ratificado. Enquanto eu interpelava os fiéis, tentando entender os significados atribuídos àqueles mortos, eles respondiam prontamente não se tratar de almas e nem de mortos.

---

<sup>16</sup> É mister salientar que o *além* é um termo que implica delimitações, fronteiras. De acordo com Sáez, a construção do imaginário sobre ele o projetou em dimensões espaciais e temporais. Como o autor indica: “Na maior parte dos casos, o Além é visualizado como uma dimensão que convive com a nossa, no tempo, mas se realiza no espaço diverso. (...) Os messiânicos tendem a um Além que, pelo contrário, deverá ocupar em outro tempo o mesmo lugar que agora habitamos. O cristianismo, ao longo dos séculos e ao longo de sua abrangência, optou por um e outro tipo de Além: em seus primórdios, ou em suas versões socialistas, pode ter colocado o Além no final da história; na versão clássica, arquitetada por Dante [Alighieri], colocou-o no outro lado da Terra, mas compartilhando a mesma história. Em geral, porém, a hierarquia católica tem preferido um Além de difícil alcance, que combina as distâncias de tempo e espaço – um universo dantesco só plenamente válido depois do Juízo Final”. SÁEZ, Oscar Calavia. *Fantasma falado: mitos e mortos no campo religioso brasileiro*. Campinas, SP: UNICAMP, 1996, p.178.

<sup>17</sup>Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato, p.15-16.

Essa acepção ficou clara no uso do adjunto adverbial de negação. Se, por um lado, alguns dos entrevistados foram precisos na negação das almas angélicas, não apresentando explicações ou maiores detalhes sobre a experiência fenomenológica dos anjos, outros narradores, todavia, discorreram sobre o assunto, justificando os porquês da assertiva. Foi o que ocorreu, por exemplo, durante a entrevista realizada com Maria Inácio, conhecida como Dona Maria do Horto.

Nascida em 1943, em Pacatuba, estado do Sergipe, e residente na cidade de Juazeiro do Norte, desde o ano de 1987, Maria do Horto elabora e propaga orações rimadas nas festividades religiosas de Juazeiro e no dia-a-dia da cidade, caracterizada por uma miríade de práticas religiosas, cujos atores são oriundos de várias partes do Brasil, em virtude da complexa experiência das romarias.<sup>18</sup>

Alta, magra e muito falante, ela apresenta nos adereços religiosos pendurados no corpo e na rapidez da voz, suas marcas de romeira e devota do Pe. Cícero Romão Batista (1844-1934), visto que, desde criança, subia nos caminhões, identificados na região como ‘pau de arara’ e, juntamente com familiares e conhecidos, saía da sua terra natal em romaria a Juazeiro. Isso acontecia nas comemorações do dia dos finados. Na atualidade, esse é o momento no qual a cidade recebe um grande fluxo de romeiros, considerada nos delineios do século XXI como a maior romaria de cada ano.

Em setembro de 2015, alcancei Dona Maria do Horto a partir da mediação da amiga Daniela Medina, historiadora da então Secretaria de Cultura e Romaria de Juazeiro do Norte (SECROM). Antes disso, eu não conhecia a narradora. Talvez por isso, Dona Maria estava receosa em ceder a entrevista, pois estava certa que uma conhecida banda de forró da atualidade havia gravado uma de suas canções, sem autorização. Após a mediação de Daniela, com quem ela mantinha proximidade e afeto, foi possível produzir a entrevista. Aliás, foi naquele local que a gravação aconteceu, a pedido da narradora, posto que ela já havia cedido outras entrevistas nesse mesmo lugar para o *Projeto Benditos* – em desenvolvimento pelos pesquisadores da instituição – e frequentava o local com assiduidade. Eis um fragmento do diálogo referenciado:

**Joaquim:** E as histórias de alma de criança?

---

<sup>18</sup> O surgimento das romarias à cidade de Juazeiro do Norte está atrelado ao suposto milagre da hóstia, ocorrido pela primeira vez em março de 1889, quando a hóstia dada pelo Pe. Cícero à beata Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo (1863-1914) teria se transmutado no Sangre de Cristo. Cf. DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 17 e 41-46. No que toca às romarias na contemporaneidade, ver PAZ, Renata Marinho. *Para onde sopra o vento: A igreja católica e as romarias de Juazeiro do Norte*. Fortaleza: IMEPH, 2011.

**Maria do Horto:** Não, criancinha, não! Criança não tem alma não: é anjo! Criança num tem pecado. Criança num tem pecado.<sup>19</sup>

Sem contas para pagar no outro mundo, bem como sem amarras ligadas ao espaço terreno, pois faleceu sem praticar pecados, a criança morta não é uma alma. Há, segundo a visão de mundo da narradora, uma justificativa plausível cuja lógica segue a divisão dos falecidos entre os pecadores e os límpidos desta mancha.<sup>20</sup> É nessa direção que a ausência do pecado das crianças aparece na fala de Maria do Horto. Tal falta é uma chave interpretativa, pois, constitui um dos elementos essenciais da natureza dos anjos.

Com efeito, essa noção foi reforçada por algumas entrevistadas integrantes de um afamado grupo de mulheres no Cariri: as incelenças do sítio Cabeceiras, na ruralidade do município de Barbalha. Em setembro de 2013, quando estava na busca por mulheres que falassem sobre os anjinhos, alcancei esse grupo, estando na companhia de Mayane. Semanas antes, ao conversarmos, Mayane ficou interessada em conhecer o grupo, tentando melhor entender os sentidos religiosos atribuídos às criancinhas mortas.

Na atualidade, as incelenças são conhecidas na cidade de Barbalha como as religiosas que cantavam para os anjinhos nos ritos fúnebres de outrora. Por esse vínculo, foram projetadas nos meios de comunicação de massa, a exemplo dos programas televisivos, sendo estes informativos e/ou de entretenimento. Do mesmo modo, foram divulgadas em publicações jornalísticas e acadêmicas. Hoje, fazem apresentações nas festividades religiosas e culturais na região do Cariri, como é o caso do cortejo durante a festa de Santo Antônio de Barbalha, reconhecida oficialmente como patrimônio cultural imaterial do Brasil.<sup>21</sup> De igual modo, se apresentam em outros lugares, como em Fortaleza, cidade citada variadas vezes nas entrevistas enquanto um “lugar de apresentação”. Segundo algumas narrativas das mulheres, partícipes do grupo, ele foi formado no sítio Cabeceiras para fazer parte do “folclore”, entre os anos de 1987 e 1988. Isso ocorreu por iniciativa da Prefeitura Municipal de Barbalha, mediante uma

<sup>19</sup> Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p.16. Dona Maria do Horto mora sozinha em uma casa bastante simples, no Horto. Ver também em: *Cariri Revista*, 3 de jun. 2016. Disponível em: <http://caririrevista.com.br/dona-maria-do-horto-do-juazeiro-e-do-mundo>.

<sup>20</sup> Em certo sentido, essas memórias se contrapõem aos escritos contemporâneos do padre e sociólogo José Carlos Pereira, segundo os quais a *devotio pueris* caracteriza a veneração às almas de crianças. Embora, estejam em consonância com ele, quando este coloca no cerne da questão a aura sagrada pueril. Cf. PEREIRA, José Carlos. *Interfaces do sagrado – catolicismo popular: o imaginário religioso nas devoções marginais*. Aparecida, SP: Santuário, 2011, p. 95-114.

<sup>21</sup> O município de Barbalha foi reconhecido como *Capital dos Festejos de Santo Antônio* pela lei estadual 96/2012. E, no ano de 2015, a festa do pau da bandeira de Santo Antônio naquele município foi reconhecida como *Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil* e inserida no Livro de Registro das Celebrações, instrumento legal dedicado ao reconhecimento e salvaguarda do patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). *Jornal Diário do Nordeste*, Fortaleza, 19 de set. de 2015.

articulação provocada pela Secretaria da Cultura daquele município. Logo, as falas das incelenças possuem, em certo sentido, um lugar institucionalizado e/ou folclorizado.

Quando entrevistava Francisca Matos, 71 anos, conhecida como Chica Lôra, doravante identificada por sua alcunha, sendo ela uma das atuais integrantes mais idosas do grupo, perguntei-lhe sobre a relação dessas mulheres com o dia de finados. Na ocasião, sua filha, Sueli Matos, 32 anos, hoje líder das incelenças, também falou. Sentadas nas cadeiras sob a sombra de uma árvore defronte à residência de Sueli, elas entrecruzaram suas falas:

**Sueli Matos:** Dia de finados não, porque o anjo e o adolescente, não. A parte da gente não tem finado. E anjo pra nós não é finado, né mãe?

**Chica Lôra:** Já é santo.

**Sueli Matos:** É santo. O anjinho é santo. Tanto que quando morre um anjinho o que é que a gente pede pra eles? pede pra eles intercederem a Deus para ele mandar chuva, para mandar saúde.

A gente alí, a gente está cantando para que ele interceda, porque ele tem o poder de interceder a Deus. Que ele nasceu com mancha do pecado, mas ele em si não tem nenhum pecado. E ele tem o poder de levar esse pedido até Deus. Então, a gente não tem esse ritual dia de finados.

**Joaquim:** Mas, esses anjinhos que vocês falaram que viram santos, eles têm alma?

**Chica Lôra:** Eu acredito que têm.

**Joaquim:** São almas, no caso?

**Sueli Matos:** Almas santas.<sup>22</sup>

Enquanto para alguns entrevistados, a dissociação entre as almas e os anjos é nítida, para essas narradoras, entretanto, os anjinhos são almas, porém diferenciadas por serem bem-aventuradas imediatamente após a morte e integrarem o rol das santidades. Os anjinhos são almas e anjos ao mesmo tempo. E, juntos, esses termos compõem, à maneira de mosaico, sentidos elucidativos à sacralidade e à purificação daquelas criaturas, bem como aos seus poderes de intercessão junto a Deus pelos vivos.

Conforme os escritos bíblicos, na circunscrição temporal fundadora dos mundos celeste e terreno, Deus inventou os anjos como seres imortais, sem materialidades, dotados de sabedoria e inteligência. Desde então, eles habitam o mundo espiritual e, entre outras, assumiram a função de, no Céu, proteger a criatura humana.

Nessa linha de reflexão, a tradição escrita dos cristãos aponta para a invenção dos anjos enquanto seres imateriais, invisíveis e eternos. Já a criatura humana foi inventada como um ser visível, dotado de corpo e espírito, e distinto entre macho e fêmea. Nessa criação dos mundos e seres visíveis e invisíveis, a dimensão terrena ficou sob a ação dos humanos. Já a

---

<sup>22</sup> Entrevista realizada com Francisca Rodrigues de Matos e Sueli Matos, em 15/09/2013, na residência de Sueli, sítio Cabeceiras, zona rural de Barbalha, p.13.

espiritual, repousa sob a guarda dos seres angelicais, enquanto ambos forem obedientes ao poder divino. Na tradição católica, os anjos bons são dotados de sabedoria e obediência a Deus. Os anjos maus foram expulsos do Paraíso pela milícia celeste liderada por São Miguel Arcanjo.<sup>23</sup>

De certa forma, é sabido que os escritos bíblicos estão engessados na escrita e, simultaneamente, são usados de muitas formas nas pregações e formações religiosas pelos diferentes sujeitos e grupos sociais. Os narradores entrevistados, por sua vez, dão margem à imaginação, fazem uso dos múltiplos saberes enredados na tradição oral e ultrapassam os limites do que oficialmente é dito como divino, correto ou pertencente às ordens de Deus. Assim, eles reinventam um sagrado não institucionalizado, fabricado mediante o uso de muitos saberes, entrelaçados e entrecruzados nos dilemas vividos.

Nesses termos, a acepção sobre os anjos é um terreno fértil à invenção, principalmente, quando nos referimos à memória oral.<sup>24</sup> Deste ponto de vista, é importante lembrar que, na concretude da vida, os narradores se relacionam com essa verdade dita no verbo escrito, mas também a resignificam a partir das sensibilidades do corpo e da memória, pois, muitas mães entrevistadas sentiram o peso da morte prematura dos filhos e o nascimento dos anjos nas suas próprias entranhas: deram luz às criancinhas e simultaneamente mandaram novos anjinhos para o *Reino de Deus*.

Em princípio, o imediato corresponde à percepção sobre o tempo dos anjos. Na medida em que as crianças morrem no mundo terreno, nascem os anjinhos no mundo celestial. De maneira recorrente, o tempo veloz do mundo contemporâneo também corresponde à rapidez do nascimento dos novos seres angélicos no Paraíso. Mas, essa não é simplesmente uma experiência do tempo histórico contemporâneo. Há revelações e saberes místicos: a passagem angélica pela Terra é rápida, como um riscado na ordem cósmica. Essa é uma possibilidade de enunciação mística. De acordo com Certeau,

---

<sup>23</sup>Ver VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea: vida de santos*. Tradução Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.823.

<sup>24</sup>Creio que a crença na invenção dos anjinhos a partir da morte das crianças evidencia continuidades de uma visão celestial da infância, tecida paulatinamente no Ocidente cristão a partir da descoberta da infância que, segundo Philippe Ariès, ocorreu por volta do século XIII. De acordo com Ariès, até aquele momento, essa etapa da vida era entendida como um momento de transição, logo vivido, cuja memória também logo se perdia. Assim, era generalizada uma ausência da morfologia infantil. Naquela descoberta, a primeira imagem destacada por Ariès diz respeito à associação da infância aos anjos. Inicialmente, no século XIII, eles foram representados com uma aparência de um rapaz jovem. Esse anjo adolescente se tornou muito frequente no século XIV, persistindo até o fim do quatrocento italiano. São exemplos os anjos de Fra Angelico, de Botticelli e de Ghirlandajo. Cf. ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006, p. 18-28.



Assim, nas tradições cristãs, o anjo não é um ‘objeto’ de crença. Ele traça antes, no interior de um conjunto de crenças, a própria dimensão do ‘crer’, se é verdade que o ‘crer’ se sustenta com a palavra do outro. Signo de um ‘dizer’, ele é o respondente do ‘crer’, e não seu objeto.<sup>25</sup>

Como os narradores significam essa possibilidade de ultrapassagem? Às vezes citadas de forma precisa e direta, outras marcadas por formas sutis e brandas, as temporalidades da vida e da morte das criancinhas são acionadas nas narrativas como balizadoras, pois ladeiam e amarram os códigos culturais da experiência. O tempo é o motivo da certeza e do mistério, concomitantemente. Isto é, ele é o foco narrativo e a chave de leitura, sendo-lhes agregados outros elementos, visto que, como ressalta Julie Cruikshank, o potencial aglutinador é um dos aspectos constitutivos das tradições orais e elementares da dinamicidade corroborante à sua atualização.<sup>26</sup>

Nas memórias, o tempo da morte é uma questão recorrente, tanto no que diz respeito às crianças, quanto aos adultos. Vale lembrar que na tradição cristã, configurada na formação religiosa católica do Brasil, prevaleceu a ideia segundo a qual a morte assume o signo de uma passagem que permite a continuidade da vida em outra dimensão do além.<sup>27</sup> Seguindo essa premissa, cabe indagar: para os narradores entrevistados, existe um tempo certo para morrer e, com isso, realizar tal viagem para o outro mundo?

Na primeira entrevista realizada com Dona Toinha, em dezembro de 2013, tal questão foi provocada. Sentados no quintal de sua morada, na presença de sua neta, Mayane e do primeiro filho desta, no caso seu bisneto, a costureira respondeu a seguinte inquietação:

**Joaquim:** E tem o tempo certo pra morrer?

**Dona Toinha:** O tempo certo é no dia que chegar o dia que Nosso Senhor marcou da gente ir. Porque agente nasce e se cria, mas tem o dia marcado que Nosso Senhor deixou pra vim buscar nós. Tem o dia marcado.<sup>28</sup>

As palavras da narradora seguem a lógica segundo a qual o tempo de vida de cada pessoa e, por conseguinte, da morte, é definido no dia do nascimento. Nascer, nesse sentido, significa estar destinado a morrer. Embora a data da passagem já tenha sido marcada por Deus, ela permanece como um marco enigmático, uma vez que tal experiência temporal só pertence

<sup>25</sup> CERTEAU, Michel de. *A fábula mística: séculos XVI-XVII*. v. II. Tradução Abner Chiquiere. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p. 276.

<sup>26</sup> CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Morais (Orgs.). *Usos e Abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 159.

<sup>27</sup> REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe (Org.). *História da vida privada no Brasil: Império – a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 96.

<sup>28</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 01/12/2013, na sua residência, em Monte Alverne, Crato. p.14.

àquele identificado como o Criador. Nesses termos, “a vida é assim, ligada a morte pelo umbigo, vida e morte, juntas e opostas. Ao se falar da vida, não se pode deixar de falar da morte, porque são uma só coisa”, já dizia José de Souza Martins.<sup>29</sup>

Parcialmente, alguns desses mistérios são identificados mediante o tipo de morte vivida, as aparições ou poderes dos falecidos no além e na Terra, ou ainda conforme os indícios presentes nos corpos mortos. Foi o que disse, por exemplo, Maria Generosa.

Única mulher penitente entrevistada, pobre, doméstica e agricultora aposentada, conhecida como Dona Maria Generosa e integrante da ala feminina dos penitentes partícipes do grupo liderado por seu Cícero Ventura (*in memoriam*), da cidade de Porteiras,<sup>30</sup> ela falou por 53 minutos quando sentamos frente a frente na varanda de sua residência, espaço pequeno, com objetos de decoração evidentes da fé religiosa da narradora. Naquela ocasião, em abril de 2015, ela tinha 81 anos. Foi quando conversamos sobre as histórias de almas.

**Maria Generosa:** Há muito tempo morto. Enterrado. Aí foram cavar a cova. Tiraro e botaram aculá, seco, pro povo ver né, saber de que família era.

Outra vez foi uma velha. Eu cheguei tava a velha no caixão. O caixão do mesmo jeito, quase. Cheguei e o homem tirando assim uma italiana [abelha]. O coveiro. Aí disse:

— Ei, Dona Maria conhece essa muié?

Eu cheguei e disse:

— Oxente, eu conheço demais.

Aí ele disse:

— Secou.

Eu disse:

— Tá seco mesmo, aqui.

Eu digo:

— Eu vou cheirar pra ver se fede [Risos].

Num fede não. De maneira alguma. Eu cheguei, cheirei, homem num fede não. Deixei lá. Seca porque seca mesma. O povo diz:

— É, fulana era ruim que seca.

Não. É a sina que traz. O dia são doze horas, cada uma hora tem uma sorte da pessoa nascer. É, é. Um dia num é doze horas? Pois cada uma tem uma sorte. Cada hora tem uma sorte. São doze sina que a pessoa traz.

**Joaquim:** E essa sina é pra alma?

**Maria Generosa:** É pra pessoa mesmo. Levar a sina de ser mulher da rua. Levar a sina de ser santificado. Levar a sina de ser corpo seco. De tudo no mundo. São doze horas, são doze sinas. É, pronto? Saber das almas, pois é assim [Risos].<sup>31</sup>

<sup>29</sup> MARTINS, José de Souza. A morte e o morto: tempo e espaço nos ritos fúnebres da roça. In: \_\_\_\_\_. *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1983, p. 258.

<sup>30</sup> Sobre a atuação deste grupo de penitentes em Porteiras na década inicial do século XXI, ver *Jornal Diário do Nordeste*. Fortaleza, 08 de mar. de 2010, p. 27. No que diz respeito à tradição dos grupos de penitentes no Cariri, ver FIGUEIREDO FILHO, J. *O folclore no Cariri*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1960, p. 94-102.

<sup>31</sup> Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, Porteiras. p.15.

Nos compassos dessa linha de raciocínio, sair do mundo dos vivos no tempo certo significa, pelo menos em princípio, atender ao chamado de Deus e cumprir a sina já traçada no tempo do nascimento. Essa interpretação veio à tona nas entrevistas realizadas tanto com idosos residentes nos espaços urbanos integrantes da Região Metropolitana do Cariri (RMC), a exemplo das cidades de Juazeiro do Norte e do Crato, quanto rurais, como é o caso dos moradores e ex-moradores dos lugares que recobrem e ladeiam o alto da Chapada do Araripe, em áreas próximas às divisas dos municípios de Jardim e Porteiras, bem como nas veredas rurais que da alta serra da Vila Simão que dão acesso à cidade de Brejo Santo, não abarcados na RMC. Entre os entrevistados, as narrativas de Seu Joaquim e Seu Luiz André, ganham destaque.

Como não quero e nem posso cortar o lugar de onde falo, e nem tampouco minha inserção no mundo imaginado e contado nas muitas narrativas sobre os mortos do Cariri, não vou silenciar que Seu Joaquim é meu pai. Logo, nossa conversa foi marcada pela intimidade do convívio entre pai e filho. Apesar disso, ele falou pouco. Mas sua fala ganha representatividade pelo teor apresentado. Em outubro de 2013, quando vivia um momento de redefinição da pesquisa, nós conversamos em sua casa e, na ocasião, ele narrou:

E eu digo que é assim: *parece que quando nós nasce Deus já marca o que a gente tem de viver*. Quando chega aquele tempo de findar a nossa vida, tanto faz tá bom como tá doente, chegou aquele dia, eu tenho pra mim que chega a ocasião. *Às vezes o caba tá bom de saúde e o corpo procura o destino, mode acontecer aquela ocasião de chegar o fim da vida da pessoa*. Eu tenho pra mim que é desse jeito. A gente vê os acontecido, né? De vez em quando acontece. (...). Se a pessoa nasceu pra viver muito e morrer bem velhim, fica velho. Se a pessoa, comparação, nasceu pra morrer novo, chega a ocasião também. Quer dizer que não era pra viver, né?<sup>32</sup>

Esse fragmento da narrativa deste agricultor aposentado, homem branco, pobre, de 72 anos, conhecido socialmente como ‘Seu Joaquim Gonzaga’, foi tecido a partir daquilo que ele ouviu os mais velhos contarem, no claro do dia ou nos serões frios da Chapada do Araripe. Semianalfabeto e pai de sete filhos, ele pouco estudou e dedicou grande parte da vida ao labor na agricultura, plantando e colhendo produtos da terra, sob as preces lançadas anualmente ao Céu para a obtenção de um bom inverno, no sítio Celeiro, onde nasceu e cresceu na tarefa e convivendo com os elementos da natureza, vendo-os crescer e morrer. Assim, além do ouvir contar, ele relatou sua percepção a partir do tempo vivido, uma vez que as experiências vividas

---

<sup>32</sup>Entrevista realizada com Joaquim Luiz dos Santos, em 15/10/2013, na sua residência, Centro, Porteiras. p. 8. Grifo meu.

no cotidiano ensinam a pensar sobre a morte e os mortos e fazem lembrar que o tempo da vida terrena possui limites e finitudes.

Nas palavras do narrador, há uma certa ambiguidade no que diz respeito à chegada da hora da despedida do sujeito do mundo dos vivos e a partida da alma para o outro mundo. Por um lado, a ideia do destino traçado por Deus coloca em evidência uma visão de mundo religiosa na qual a vida na Terra está condicionada a uma temporalidade sagrada, já traçada e definida pelo Ser Supremo. Também perceptível mediante o olhar para o meio ambiente.

Conforme o entrevistado, quando o tempo do fim da existência na Terra se aproxima, o sujeito, mesmo estando com uma boa saúde do corpo, não consegue escapar ou se desviar da morte, pois, a alma que existe no interior da materialidade corporal procura o seu destino. Por outro lado, o primeiro instante de sua fala: “parece que quando nós nasce Deus já marca o que a gente tem de viver”, evidencia um olhar incerto sobre o tempo da vida na Terra, isto é, não marca uma certeza. Tais memórias reverberam, assim, seu olhar sobre as incertezas e ambiguidades das interfaces e intimidades entre a vida, a morte e os mistérios de Deus.

Nesses termos, se alguns narradores foram enfáticos e precisos na afirmação de que Deus decide o tempo da vida e marca o momento da morte, outros demonstraram leituras de mundo que projetam incertezas. Afinal, como já havia indicado Jean-Claude Schmitt<sup>33</sup> e Michel de Certeau<sup>34</sup>, a crença é uma experiência também alusiva ao inacabado e é inseparável da dúvida.

Quando rememorava os ritos fúnebres do passado vivido no sítio Celeiro, onde morava com seus pais e irmãos, no alto da Chapada do Araripe, Seu Joaquim Gonzaga reiterou:

Ainda hoje tem isso, né? Morre uma pessoa, ou no sítio ou aqui na rua mesmo [cidade], a família e os vizinhos passa a noite acordado. O pessoal vão dormir e vão deixar aquela pessoa... Oxente? aquele corpo lá? não.

De qualquer maneira é o dever que nós tem hoje. É tanto que eu mesmo, eu gosto de assistir. Um conhecido, eu vou fazer a visita. E gosto de assistir também porque a gente se lembra do dia da gente. Cada uma pessoa, um conhecido ou um da família que morre pra gente é uma recordação que a gente tem, porque nós tem esse dia, com certeza. Ainda bem que Deus dá aquele conforto a gente pra gente não ficar casquetando na cabeça, se lembrando direto, né. Aquele momento a gente tá naquela recordação. Aí passou aquela época, vamos mudar o sentido pro dia de amanhã, o que nós tiver pra fazer e pedir saúde a Deus e muitos anos de vida e vamos tocar pra frente. Tirar aquele sentido. É o jeito. Ainda bem que Deus sabe o que é que faz com nós porque não dá pra saber de nós o dia quando é, não é? Porque se nós soubesse, como era? Presta não, é bom é assim mesmo. A gente vai até um dia quando Deus

<sup>33</sup> SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.21.

<sup>34</sup> CERTEAU, Michel de. *La debilidad de creer*. Tradução Víctor Goldestein. Buenos Aires: Katz, 2006.

quiser, chegar aquela hora sem nós saber quando é, nem como é. Porque tem diversos tipo de morte, não tem? Se nós for botar na cabeça, tá se lembrando, não, que é isso! Nós tem que mudar o sentido, cuidar nas obrigação que nós tem pra fazer. Que nós tem por certeza esse dia também.

Outro dia eu tava assistindo a missa, o padre José celebrando a missa do finado Joãozinho de Zé Sinhô. Ele foi falou, me lembrei essa palavra. Ele disse:

— Todo dia nós aumenta um passo mais pra perto.

E é mesmo, todo o dia nós aumenta um passo mais pra perto. Mas nós tem aquele conforto que Deus dá a nós pra nós não ficar se lembrando daquele movimento, né? Eu tenho pra mim que se nós soubesse não prestava não. Quando era e nem como é.<sup>35</sup>

Nos sentidos enunciados, participar das cerimônias fúnebres constitui, além de uma obrigação dos vivos, uma ocasião para lembrar que o dia da despedida certamente chegará. Todavia, o mesmo Deus que agendou o momento do nascimento e da morte, também ajuda a esquecer da vinda desta última. E, conforme o narrador, nos quefazeres do cotidiano é melhor não lembrar mesmo. Por esse prisma, o silêncio é positivo, visto que ajuda o fiel a viver, e o enigma sobre a data em que ele também partirá do mundo terreno tranquiliza o pavor da despedida. Nas narrativas dos entrevistados, a necessidade religiosa harmoniza, na medida do possível, o racional e o irracional, constituindo uma peça essencial do equilíbrio humano, como escreveu Alphonse Dupront.<sup>36</sup>

De toda forma, as memórias sobre o chamado de Deus e seus enigmas reiteram que a criatura humana não consegue conter a morte. Essa é uma experiência certa, indomável e indecifrável, concomitantemente. Num cenário amplo, é plausível que a percepção dos entrevistados sobre as temporalidades da vida e da morte tome como foco narrativo a sequência temporal da natureza e da vida social, seguindo temporalidades principiadas no nascimento, cruzando o meio (a reprodução e o envelhecimento) até a chegada do fim (a morte e o retorno do corpo ao pó). Afinal, como o curso de um rio chamado tempo, a vida passa e desagua.<sup>37</sup>

Com isso, é possível presumir que, nas memórias dos entrevistados, a tradição fúnebre católica segue o ritmo da vida natural e social, que acontece entre o nascimento e a morte no tempo considerado como certo, como Martins registrou nos idos do século XX nos interiores paulistas. A quebra desse ciclo representa um perigo tanto para aquele que deixa de cumpri-lo, como também para toda a sociedade. Estando em acordo com as ideias de Martins, percebe-se que a população localizada em espaços rurais “mobiliza concepções culturais, ritos,

<sup>35</sup>Entrevista realizada com Joaquim Luiz dos Santos, em 15/10/2013, na sua residência, Centro, Porteiras. p. 8.

<sup>36</sup> DUPRONT, Alphonse. A religião: antropologia religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORRA, Pierre (Orgs.). *História: novas abordagens*. Tradução Henrique Mesquita. 4 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p.83-84.

<sup>37</sup> A metáfora do rio identificado como tempo foi pego emprestada do romance do moçambicano Mia Couto. Ver COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

crenças, rezas, para que a natureza cumpra o seu ciclo de nascimento-crescimento-envelhecimento-morte, para que o homem viva e morra como a árvore do campo”.<sup>38</sup>

É válido considerar que para Norbert Elias, o tempo é entendido como uma instituição social atrelada ao papel que cada cultura lhe atribui.<sup>39</sup> Partindo dessa premissa, cabe dizer que, para os narradores entrevistados, ele é um signo e uma dádiva enigmática e divina, sendo representada na temporalidade da natureza e nos mistérios agendados pelo Pai celeste. O tempo é místico e existe, igualmente, uma mística do tempo. Assim, ele é sagrado e natural, destinado e enigmático, simultaneamente, como se ele pedisse a vida dos vivos e, em troca, desse o descanso da morte terrena e o conseqüente transpasse para o outro mundo.

“Quem novo não morre, de velho não passa”. Esse é um ditado oral muito conhecido no Cariri. Mas, morrer enquanto criança significa romper o ciclo da vida e/ou fazer a passagem no tempo certo? Existe um tempo certo para a revelação dos anjinhos? Na continuidade de sua narrativa, ‘seu Joaquim Gonzaga’ reiterou:

Pronto, dois irmão meus... Mãe ganhou um, passou dois dia, chegou a hora, morreu criancinha nova. Outro ano depois ela ganhou outro. De novo, morreu. Na hora que nasceu, poucos minutos morreu. Quer dizer que não era pra viver, né? Quer dizer que aquela pessoa não sofreu porque ele não viveu. Chegou o dia, nasceu e se apagou.<sup>40</sup>

Conforme essas memórias, as crianças também são destinadas às temporalidades definidas por Deus. Como o narrador diz: a morte dos seus dois irmãos pequeninos é um sinal que eles não nasceram para viver. Ambos vieram ao mundo para morrer em um curto intervalo temporal, representado nas poucas horas ou dias depois. E, os significados correspondentes ao curto tempo vivido dos bebês os projetam em um menor grau de subjeção ao sofrimento terreno. Ou seja, nascer para não viver significa, igualmente, nascer para não sofrer. Esse é um signo místico, é uma vontade divina.

Nas tessituras que constituem a experiência religiosa dos narradores, o mundo dos vivos é compreendido como um lugar de trânsitos, por onde as almas (inseridas nos corpos) dos fiéis devem passar na sua jornada rumo à vida eterna. Nele, em certo sentido, o sofrimento é permitido e justificado, uma vez que na cultura cristã, o sacrifício é fundamental para a salvação. No entremeio da ordem cristã do tempo, não há bem-aventurança sem a passagem

<sup>38</sup> MARTINS, José de Souza. *A morte e o morto*. Op. Cit., p. 259-260.

<sup>39</sup> ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

<sup>40</sup>Entrevista realizada com Joaquim Luiz dos Santos, em 15/10/2013, na sua residência, Centro, Porteiras. p.8.

pelo percurso das tentações e provações terrenas. Viver, portanto, assume o signo de sofrer no mundo terreal. A fé, nesse sentido, ajuda o fiel a suportar a crueldade do mundo até o momento esperado, isto é, quando Deus autorizar sua despedida. Enquanto esse tempo não chega, os fiéis inventam suas artes e táticas para viver, entre os ensinamentos da fé propagada e os improvisos desenhados diante das necessidades cotidianas.

Os sentidos expressos nas narrativas orais enfatizam que morrer enquanto bebê assume certa positividade, uma vez que essa é a forma usada por Deus para evitar que aquele ser viva um percurso marcado pelo sofrimento terreno. Igualmente, tal morte assume uma função no outro mundo, pois é a maneira pela qual o Todo Poderoso dá continuidade a invenção dos anjos no tempo presente. Esses significados são partilhados e comungados com outros agricultores, igualmente residentes ou ex-moradores da Chapada do Araripe.

No momento em que caminhava à procura dos narradores, após redefinir a pesquisa, lembrei-me das narrativas contadas por Seu Luiz André. Antigo conhecido do meu pai, Seu Luiz já ganhou destaque em jornais regionais ao ceder entrevistas sobre os seres encantados e as aparições que recobrem os mistérios da Pedra Branca, um rochedo, tido por muitos, como encantado e ponto de aparições de almas e criaturas misteriosas. Seu Luiz é agricultor de 73 anos, nascido e criado no sítio Jatobá, na encosta da Chapada. No caso específico dos mortos na infância, ele narrou:

É valido, é valido. Deus recolhi tudim. Deus recolhi tudim, porque criança num tem pecado. Deus quer tudo arrudiando com Jesus lá, com Deus. Os anjinhos com ele lá. Porque, porque é fora do pecado. Num tem pecado. Agora nós pecador [Risos]. Aí é tudo com Jesus lá. Jesus bota a mão na cabecinha de um, de outro e de outro, de tudim.<sup>41</sup>

O termo ‘valido’ significa ser atendido por Deus. No entanto, se as crianças não podem para nascer e/ou morrer, como elas podem ser atendidas ou validas? Nesse momento, o que parece importante não recai na fala ou na intenção da criança, mas sim, nos mistérios alusivos às vontades divinas. Dessa maneira, o mesmo Deus que concebe a vida, designa a morte. Ele chama, recebe e afaga as criancinhas. Seguindo essa direção reflexiva, a criança morre no tempo certo: fora do pecado e atendendo ao chamado de Deus.

Pondo esses sentidos em relevo, é verossímil como o nascimento e a morte dos anjinhos se imbricam nas narrativas. Ora os fiéis usam expressões alusivas ao natalício, ora ao

---

<sup>41</sup>Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, Bairro Campo Santo, Porteiras. p.17. Sobre as histórias que são atribuídas à Pedra Branca, ver *Jornal Diário do Nordeste*, Fortaleza, 08 de jul. 1993, p. 9.

seu falecimento. Creio tratar-se de uma fronteira simbólica do tempo: uma situação de passagem.<sup>42</sup> Na justaposição e entrelaçamento dos termos ditos na voz, a vinda do anjinho ao mundo assume a conotação de um nascimento simultâneo da morte na Terra e, concomitantemente, da sua ascensão ao Céu. Como resultado, o Todo Poderoso aumenta seu rebanho de criaturas angélicas nos resplendores celestes.

Por isso, os fiéis mais idosos afirmam que, no passado, eles cantavam para o anjinho e participavam das celebrações que outrora marcavam a morte e o nascimento do anjo. Foi o que contou Dona Toinha, quando conversamos pela primeira vez em sua casa, acompanhados de Mayane. Ao ser indagada sobre os cânticos realizados para os mortos durante os ritos fúnebres, a costureira começou a narrar, sendo, constantemente, indagada por Mayane, que curiosa acompanhava a entrevista.

**Dona Toinha:** Cantar era com anjo. Com anjo cantava. A noite inteira.

**Intervenção de Mayana:** Ah! Quando morria um anjinho.

**Dona Toinha:** Sim. Quando morria um anjinho. Eu mermo cansei de cantar a noite todinha com um anjo. Cansei de cantar. Nós achava era bom.

**Joaquim:** E por que cantavam para o anjinho?

**Dona Toinha:** Porque anjo quando morre é alegria. Que vai pro Céu. É anjo. Num é? Num pode se comparar um anjo com uma pessoa de idade ou uma pessoa pecador como nós.

**Intervenção de Mayane:** Ah! É por isso que cantava a noite todinha.

**Dona Toinha:** Cantava a noite todinha. E a mãe tinha todo gosto. Todo prazer. Fazia café, fazia chá, fazia sopa à noite toda. Passava a noite toda.

**Intervenção de Mayane:** E é? A mãe ficava era alegre?

**Dona Toinha:** Ficava era alegre. Mandava chamar todo mundo e dizia:

— É pra cantar com meu filho. É pra cantar.

A noite todinha.

**Intervenção de Mayane:** E era mesmo?

**Dona Toinha:** Era.<sup>43</sup>

“Anjo quando morre é alegria” foi essa a expressão pronunciada por Dona Toinha para demarcar as sensibilidades que, ontem e hoje, cabem aos vivos nessas circunstâncias, não dependendo, entretanto, das suas vontades. Eles devem cantar por se tratar do desejo de Deus, quando chama e revela mais um anjinho. Na interlocução, a narradora responde alegremente às inquietações de Mayane que, do seu lado, estranha como as mães do passado se alegravam com aquela circunstância.

<sup>42</sup> A condição de fronteira nos marcos da temporalidade foi pensada a partir das considerações da historiadora Sandra Pesavento. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras do milênio. In: \_\_. *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001, p.8.

<sup>43</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 01/12/2013, na sua residência, sítio Monte Alverne, Crato.p.10.



Dona Toinha demonstrou o quanto era procurada para participar daquelas celebrações e lembrou do cheiro do café, do chá e das sopas outrora servidas nas cantorias para os anjinhos. Desse modo, as sensibilidades despertadas mediante o cheiro do café e o sentir do paladar aguçar quando se alimenta no presente fazem lembrar aquele passado de festejos. As manifestações de alegria dedicadas à morte infantil, expressas publicamente no Brasil dos oitocentos, adentraram o interior do Ceará do século XX, “onde a morte do recém-nascido era recebida com tiros e foguetes, comida, bebida e música – uma festa em que se dançava para o anjinho”.<sup>44</sup>

Em linhas gerais, Dona Toinha enfatiza o aspecto festivo do nascimento dos anjinhos, se projetando, simultaneamente, como uma narradora que fala o que viu, ouviu e sentiu na dimensão individual e, concomitantemente, nos laços sociais com a comunidade a qual pertenceu no passado e convive no presente. Diante do espanto de Mayane, a matriarca relembrou o seu prazer ao cantar para os anjos e vislumbrou as sociabilidades que recobriam essas ocasiões:

**Dona Toinha:** E mandavam dizer:

— Meu menino morreu Toinha. É pra tu vir.

E muito que nós ia. Ia eu, ia minha sogra e um bocado de moça que morava perto lá de nós. As meninas filhas de Duvigem, tudo era moça, ia tudim aquela tropa de gente. Chegava lá já tinha gente. E nós passava a noite todinha, achava bom..

**Intervenção de Mayane:** Ave Maria! e vocês achavam era bom?

**Dona Toinha:** Achava era bom.

**Joaquim:** E eram só mulheres? Por quê?

**Dona Toinha:** Era só mulheres. Porque os homens era só lá pelo terreiro, conversando, achando graça, bebendo café, fumando lá pelo terreiro e nós era dentro da sala, dentro de casa. O anjo em riba da mesa, bem enfeitadim de flor, bem bunitim, bem arrumadim e a gente cantando.

**Joaquim:** E quando ia pra enterrar?

**Dona Toinha:** Levava cantando também. Nós ia deixar no cemitério.

Formava procissão de moça, rapaz, a criança que podia ir, assim desse tamanho que podia ir [aponta para o bisneto da narradora, primeiro filho de Mayana], ia. Chegava lá, depois os homens pegava e botava dentro do buraco e cobria de terra e nós voltava.<sup>45</sup>

Cabe salientar que os termos ‘anjo’ e ‘anjinho’ são utilizados para designar a existência corporal e espiritual. Como disse a narradora, a corporeidade da criancinha era marcada pela aura do sagrado. Ela era enfeitada de flor, posta em um pequeno caixão (ou

<sup>44</sup> REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.140.

<sup>45</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 01/12/2013, na sua residência, sítio Monte Alverne, Crato.p.11-12.

caixinha de papelão) que ficasse à vista de todos, de forma que reproduzisse uma imagem angelical.<sup>46</sup>

Alguns narradores lembram que, ao passo em que se cantava para o anjinho, os partícipes da ocasião comumente procuravam tocar seu corpo, principalmente nos pés, pois isso trazia sorte. Além disso, há narrativas referentes às cartinhas que eram postas nas mãos ou sobre o corpo do anjinho, dentro do caixãozinho. Nas missivas, pedidos eram escritos a Deus, seguindo a crença de que o anjo intercederia pelos vivos. No momento em que foi indagada sobre os pedidos realizados naquelas ocasiões, Dona Losinha designou como superstições as crenças propaladas nas atitudes perante a morte infantil no passado. E comparou esse passado com a descrença no presente:

É tem gente que fazia isso. Fazia o pedido na hora do enterro. Fazia uma cartinha e botava nas mãoszinhas do anjo, pedindo às vezes inverno, pedindo boa sorte para as pessoas. Mas eu nunca fiz não.

Botava uma cartinha nas mãoszinhas do anjo. O povo num tinha os superstição n'era? Hoje a gente num liga pra isso não.

De Primeiro a gente não varria a casa pra porta de fora porque o dono da casa morria. O pessoal saía, o dono da casa viajava, ninguém varria a casa porque o dono da casa podia não voltar. E hoje não tem mais isso né. A gente arruma é tudo.<sup>47</sup>

Sendo uma dona de casa aposentada e residente no Crato, Dona Losinha é uma mulher alta e forte, cujas palavras pronunciadas circunstanciam seus 77 anos de idade. No pretérito, ela lecionava (embora não tenha expressado sua formação e níveis de ensino). Foi católica praticante e integrante de grupos religiosos, a exemplo da Irmandade do Sagrado Coração de Jesus, em Cariús, cidade onde morava, por ela identificada como estando situada nos sertões dos Inhamuns, embora, na configuração atual, ela esteja na mesorregião Centro-Sul.<sup>48</sup> Na atualidade, Dona Losinha está frequentando uma igreja evangélica. Pode-se imaginar que sua ideia de “superstição” relaciona-se com essa frequência.

Chica Lôra, que tantas vezes entoou as incelenças para os anjinhos na ruralidade de Barbalha, rememorou tais circunstâncias como um passado de divertimentos:

<sup>46</sup> Analisei um pouco desse cenário no texto: SANTOS, Cícero Joaquim dos. Anjos insubmissos: a tradição oral dos sepultamentos infantis no sul do Ceará. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, São Leopoldo, v.2, n.4, 2010, p. 17.

<sup>47</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato, p. 3.

<sup>48</sup> INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. *Perfil Básico Municipal 2015*: Cariús. Fortaleza: IPECE, 2015, p.6.

A gente passava sempre a noite cantando. Se fosse um anjo a gente passava a noite cantando, porque pra gente era um divertimento né? No tempo que eu era novinha. Passava a noite cantando e quando era pra ir para o cemitério enterrar, a gente também ia cantando, as Incelenças. Agora os Penitentes não. Os Penitentes fazem só visita. Era cantando, toda hora. É porque [...] para uma pessoa assim como eu né, já são outros benditos. Já não é mais as Incelenças.<sup>49</sup>

Na continuidade da entrevista, sua filha, Sueli Matos, completou:

Quando falecia um anjinho, ou um rapaz, uma moça, aí as Incelenças iam lá cantar. Só que nessa época num existia o grupo formado. O grupo se formou depois que a gente foi reconhecida pela cultura, mas eram só as mulheres que chegavam ia lá e cantava. Sempre eram as pessoas [...] Sítio é pequeno né? A gente ia, a gente sabia. Aí a gente ia cantar. Às vezes a família nem procurava, a gente mesmo é que ia lá e cantava. Hoje em dia por mais que a gente queira, o pessoal mais nem quer que a gente cante.<sup>50</sup>

Narrativas semelhantes são muito recorrentes nas entrevistas, principalmente aquelas realizadas com as mulheres mais idosas, moradoras dos espaços rurais. Nestas memórias, há incelenças dedicadas apenas aos anjinhos, pois para os adultos e mais velhos, eram usados outros cânticos religiosos, embora recebessem o mesmo nome, como Cândida Galeno registrou no Cariri da segunda metade do século XX.<sup>51</sup>

Esse é um indício significativo, isso porque faz lembrar que, para alguns narradores do tempo presente, falar sobre os mortos na infância significa rememorar o passado de divertimentos instaurado nos momentos de cantoria perante o anjinho. Logo, as incelenças ocupam um lugar de destaque nas memórias sobre o culto aos anjinhos do passado e nos processos de rememoração das experiências na contemporaneidade, como se no balanço do tempo, ou no vai e vem das memórias, elas fossem presas nas rimas das orações. Nesses termos, as incelenças são mecanismos de lembranças. Isto é, são chaves de compreensão da rememoração do voo dos anjos ao Paraíso.

No caso do grupo de mulheres de Barbalha, suas orações foram gravadas em CD e difundidas como produtos da ‘cultura popular’, embora não cantem mais nas práticas de enterramentos. Sua existência e continuidade na atualidade evidência a *beleza do morto*, no sentido apresentado por Certeau. Essa expressão traduz o nascimento do ‘exótico’ e do ‘curioso’ atribuídos à ‘cultura do povo’ pela aristocracia liberal e esclarecida da França dos fins do século

<sup>49</sup> Entrevista realizada com Francisca Rodrigues de Matos e Sueli Matos, em 15/09/2013, na residência de Sueli, sítio Cabeceiras, zona rural de Barbalha, p. 3.

<sup>50</sup> Entrevista realizada com Francisca Rodrigues de Matos e Sueli Matos, em 15/09/2013, na residência de Sueli, sítio Cabeceiras, zona rural de Barbalha, p. 3.

<sup>51</sup> GALENO, Cândida. *Ritos fúnebres no interior cearense*. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1977, p.27-36.

XVIII e da segunda metade do século XIX. A ‘cultura popular’ (dos pobres, camponeses, selvagens do interior, porém cristãos) era representada como estando em extinção, como um tesouro perdido. Construiu-se uma idealização e entusiasmo com o ‘popular’, compreendido como portador de saberes verdadeiros, ingênuos e espontâneos. Enfim, eram ‘enfeites do exotismo’. Isto é, o primitivo que seduz pela fascinação do objeto perdido.<sup>52</sup>

Por outro lado, é mister considerar que embora os festejos para os anjinhos pareçam ter ficado em um tempo passado, isso não significa dizer que os anjinhos deixaram de existir no presente. Vale sublinhar que há referências aos ritos de enterramentos musicados dos anjinhos nos últimos anos do século XX e nos iniciais no século XXI, principalmente nos espaços rurais mais distantes dos maiores centros urbanos da região.<sup>53</sup>

Vale lembrar o fator repetitivo dessas ocasiões. Como os narradores indicam, antes morriam muitas crianças a partir de variados fatores, comumente reunidos na expressão ‘doença de menino novo’, ainda comum na região. O alto índice de mortalidade infantil do passado vem à tona na memória das pessoas entrevistadas assumindo a conotação de uma confirmação dos fatos narrados, uma vez que os fiéis participavam das práticas, viam os cortejos, cantavam para os anjinhos ou simplesmente ouviam os sons que ecoavam. Nesses termos, os atos repetitivos, tocantes à morte infantil no passado, ressurgem nas memórias como testemunhos dos muitos anjinhos gerados naqueles tempos.<sup>54</sup> Vejamos um quadro com as taxas de mortalidade infantil comparativas de 1980 a 2013.

---

<sup>52</sup> CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 4 ed. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 2005, p.55-85.

<sup>53</sup> Cf. SANTOS, Cícero Joaquim dos. *No entremeio dos mundos: tessituras da morte da Rufina na tradição oral*. Dissertação (Mestrado em História e Culturas) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

<sup>54</sup> Os índices oficiais indicam que, na década de 1980, a taxa de mortalidade infantil no Ceará era de 111,5 para cada mil nascidos vivos. Um índice altíssimo, considerado como o 3º maior em nível das unidades da federação brasileira. Concomitantemente, os nove estados do Nordeste lideravam a lista. Já em dezembro de 2014, com a manchete ‘Mortalidade infantil no Ceará tem a maior queda do Brasil’, o Jornal Diário do Nordeste divulgou: “conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2013, a taxa de mortalidade infantil cearense caiu para 16,6 óbitos por mil nascimentos”. E apresentou um quadro com as taxas comparativas de 1980 a 2013 (acima). *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 02 de dez. 2014. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/mortalidade-infantil-no-ceara-tem-a-maior-queda-do-brasil-1.1164420>. Acesso em: 04 de mar. 2017. É importante lembrar que essas são informações oficiais, o que pode não corresponder aos dados reais visto que, como mencionarei nas páginas seguintes, muitas crianças morriam sem ter sequer o registro de nascimento, óbito ou de natimorto.

<b>RANKING</b>				
<b>Taxas dos Estados</b>				
<b>1980</b>		<b>2013</b>		
1º	Paraíba	117,1	1º Maranhão	24,7
2º	Alagoas	111,6	2º Alagoas	24,0
3º	Ceará	111,5	3º Amapá	23,9
4º	Rio G. do Norte	111,2	4º Rondônia	21,3
5º	Pernambuco	104,6	5º Piauí	21,1
6º	Sergipe	90,1	6º Amazonas	20,0
7º	Maranhão	86,1	7º Bahia	19,9
8º	Bahia	83,1	8º Acre	19,2
9º	Piauí	81,0	9º Paraíba	19,0
10º	Roraima	70,8	10º Sergipe	18,9
			16º Ceará	16,6

Fonte: IBGE

Figura 3 - Taxas de Mortalidade Infantil no Brasil (1980-2013).

O cenário alegre que adejava a celebração da morte da criança e o nascimento dos anjinhos não tocava as sensibilidades das pessoas do mesmo modo e, nem alimentava o mesmo sentimento. Na contramão das palavras de Dona Toinha, que não colocou nenhum anjinho no Céu, algumas mães que perderam seus filhinhos apresentam fortemente em suas narrativas o sentimento do pesar e o sofrimento provocado naquelas situações. Foi o que contou Dona Losinha: “O povo dizia que era bom, levar um anjinho pro Céu né. Agora a gente num gostava porque ninguém queria que morresse né. É.”<sup>55</sup>

Segundo as palavras dos mais velhos, era muito bom ter anjinhos no firmamento celeste, pois, estes seriam, a partir de então, seus intercessores, consoante Luiz Lima Vailati analisou sobre o Brasil dos oitocentos.<sup>56</sup> Entretanto, Dona Losinha expressa que, contrariando a vontade de Deus, ela não queria ter perdido nenhum dos seus cinco filhinhos, mortos antes de dois anos. Segundo sua narrativa, tanto no passado como no presente, mãe nenhuma desejava perdê-los. A vontade de Deus, nesses casos, era e é contestada e indesejada.

O sofrimento provado com o nascimento dos anjinhos na Terra e no Paraíso também foi reiterado por Dona Joana. Agricultora pobre, magra, de baixa estatura, com 53 anos, e residente no alto da Chapada do Araripe, ela também já perdeu irmãos, sobrinhos, primos e netos, natimortos ou mortos após o nascimento. Alcancei essa narradora após andar na zona rural de Porteiras e conversar com pessoas sobre a antiga tradição de sepultamentos de criancinhas mortas (natimortos) em cruzeiros postos nas estradas e nos matos. Naquele

<sup>55</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato, p. 3.

<sup>56</sup> VAILATI, Luiz Lima. *A morte menina: infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos* (Rio de Janeiro e São Paulo). São Paulo: Alameda, 2010, passim.

momento, ainda em 2011, uma narradora me falou que Dona Joana preservava em seu quintal um cemitério de anjinhos. Após fretar um moto-taxi subi nas trilhas rurais em direção à sua residência. Lá conversamos, e terminada a entrevista, visitamos o espaço, onde contei 19 cruzes.



*Figura 4 - Cemitério de anjinhos de Dona Joana.  
Foto: autor. Ano: 2011.*

Naquela ocasião, Dona Joana lembrou o desespero instaurado em sua vida quando sua primeira filha morreu.

Ave Maria, chorava demais homem, chorava demais... Eu mesmo quando minha menina morreu, porque já nasceu já morrendo. Quando ela nasceu, na hora que acabou de nascer, e a enfermeira botou assim na palma da mão, ela foi logo morrendo. Num deu tempo fazer mais nada, né... E eu chorei tanto que eu morava acolá em baixo, e eu subia pra cá, eu de dieta mesmo, eu subia pra cá, ficava o dia todinho aqui chorando naquela cruz ali e os povo ajeitando eu, tirando eu... Logo com a primeira num é? Aí eu chorava demais.

E eu lembro também que quando mãe dizia que quando os filhos dela morria, porque mãe foi uma mulher que teve muito filhos, mãe teve dezoito filhos. Aí morreu, se criou oito e morreu dez. E ela disse que do jeito que era o primeiro era o derradeiro. Chorava demais quando morria um anjinho dela. Por ela, queria criar tudim, mas morreu dez menino de mãe. Hoje em dia as muié num quer ter mais muito filhos né. É dois, três, pronto. De primeiro as muié tinha paciência de criar os filhos.<sup>57</sup>

Essas experiências elucidam que as dimensões festivas da morte e do simultâneo nascimento dos anjinhos põem em relevo as dimensões públicas das atitudes perante a morte na infância e, não menos importante, as dimensões privadas e íntimas tocantes às sensibilidades

<sup>57</sup> Entrevista realizada com Dona Joana [pseudônimo], em 12/06/2011, na sua residência, zona rural do município de Porteiras. p.7-8. Optei por usar um pseudônimo para livrar a entrevistada de possíveis constrangimentos tocantes a manutenção do cemitério de anjinhos no seu quintal.

individuais e coletivas. Se, no caso da morte das criancinhas, o sofrimento público não tinha lugar, posto no quadro privado, ele ganha forma e força.<sup>58</sup> Ele emerge do seu lugar marginal e torna-se o foco narrativo das entrevistas, sobretudo, das mães dos anjinhos.<sup>59</sup>

A partir do que eu já tinha escutado dos outros narradores, indaguei a Dona Joana, na continuidade da entrevista, sobre um suposto bom tempo da morte. Eis um fragmento da nossa conversa:

**Joaquim:** E por que as pessoas dizem que tinha o bom tempo de morrer né? Que é ou quando você tava velhinho demais ou quando era criança, a senhora já ouviu essa conversa?

**Dona Joana:** Não.

**Joaquim:** Que quando morria criança, é como se fosse melhor morrer criança do que depois que crescesse.

**Dona Joana:** Com certeza, porque quando morrer criança, o anjinho vai direto pro Céu. Eu acho que sim, e a gente morrendo já depois de velho, ainda vai sofrer muito, penar por aí. Eu acho que seja assim. Num sei, que só quem sabe é Deus, né?<sup>60</sup>

O bom tempo da morte dos anjinhos foi negado e, em seguida, afirmado. O jogo das palavras, após as indagações, projeta a explicação para os percursos da criatura angélica, entre sua rápida vida terrena e ascensão direta ao Paraíso. Nesse aspecto, a visão religiosa pode justificar a dor daquelas perdas, mas a concretude da vida e o sentimento gerado não dissipa a dor da ocasião.

Em linhas gerais, os sentidos atribuídos à morte das crianças evidenciam as percepções e as atitudes dos vivos com o tempo da revelação dos anjinhos. A mortandade de crianças também demarcava temporalidades na vida dos narradores. Dona Losinha, por exemplo, contou:

O povo contava, porque de primeiro morria muito anjinho n'era? Era muito caixão de anjo. Aí o povo cantava as incelenças que tinha de primeiro, com os anjos. Passava a noite fazendo sentinela e cantando. A noite todinha, pros anjinhos.

Olhe eu não gosto do mês de abril, porque três meninos meus morreram no mês de abril. E uma menina minha morreu do outro. Porque tinha o rio Cariús, pra passar pro centro da cidade. A gente morrava do outro lado. Aí a

<sup>58</sup> É válido lembrar que, Luiz Vailati já havia percebido as distinções das sensibilidades públicas e privadas sobre a morte infantil ainda no final do século XIX e início do século sucessor. Cf. VAILATI, Luiz Lima. *A morte menina*. Op. Cit.

<sup>59</sup> Sobre o entendimento do sofrimento como um tema marginal na história e agora posto como lugar de reflexão histórica, ver FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 13-23.

<sup>60</sup> Entrevista realizada com Dona Joana [pseudônimo], em 12/06/2011, na sua residência, zona rural do município de Porteirias. p.8.

bichinha morreu no mês de abril e botaram dentro de uma cumbuca o caixãozinho para passar no rio. Aí toda vida eu tenho cisma no mês de abril. É um mês que eu gosto de adoecer. Você num sabe que às vezes a gente tem trauma? Toda vida quando diz assim:

— Vai entrar o mês de abril.

Eu digo:

— Ô meu Deus, eu não gosto desse mês.

O mês que o meu filho morreu também. Aí eu não gosto. Que às vezes a gente pega umas superstição né.<sup>61</sup>

\*\*\*

Segundo os entrevistados, inexistem aparições ou assombrações dos anjinhos. Foi o que disse, por exemplo, o penitente e agricultor Nivaldo Santos, de 65 anos, residente no sítio Brito, nas proximidades de Cabeceiras, onde residem os demais integrantes do grupo Irmandade da Cruz, de Barbalha. Conheci seu Nivaldo quando fui a Cabeceiras pela segunda vez, em abril de 2015, a fim de entrevistar os penitentes. Novamente acompanhado por Mayane, e ela curiosa para conversar mais uma vez com as incelenças, fiquei na varanda da casa de Seu Antônio, atual decurião do grupo e irmão de Seu Nivaldo. Enquanto Mayana tecia uma trela com as mulheres, no interior daquele lar, eu entrevistei seu Nivaldo, que já demonstrava familiaridade com a presença do gravador e de pesquisadores para entrevistá-lo, afinal, o grupo ao qual pertence é afamado na imprensa e nos programas culturais. Em meados da nossa conversa, Seu Nivaldo contou: “Sobre a criança: a criança quando morre não tem pecado. Aí num aparece a ninguém. Vai pro lugar certo dela. Só quem aparece é nós que vamos pensar onde nós cometemos aquele pecado, né?”<sup>62</sup>

Seguindo esse raciocínio, como os anjos não possuem pecados, não há necessidade de eles aparecerem no mundo terreno, o que, por sua vez, difere dos adultos pecantes. Da mesma forma que Seu Nivaldo afirma, outros narradores reiteram como não há aparição ou visagem de criança morta, aspectos estes antes identificados por Cascudo no Nordeste brasileiro do século XX e indicados como crença antiguíssima.<sup>63</sup>

O fato de os anjinhos não aparecerem no mundo terreno ressoa nas emoções expressas pelos narradores quando se referem aos seus filhinhos mortos. As palavras de Dona Joana dão ênfase à inexistência do medo perante esses seres: “De anjo? Não tem não, anjo num

<sup>61</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato, p. 7.

<sup>62</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha p.18.

<sup>63</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Religião no povo*. 2 ed. São Paulo: Global, 2011, p.56.



faz medo a ninguém não. Aliás, quem morre num faz mal, num faz medo a ninguém né? Que se os vivo num fizer, os morto num faz medo não. Eu mesmo num tenho medo de quem morre não.”<sup>64</sup>

Ao expressar sua coragem, Dona Joana estabeleceu uma conexão entre os anjinhos e os mortos falecidos em outras fases da vida. A ausência do medo, nesse caso, evidencia também o destemor perante o tempo dos outros mortos.

Três entrevistadas, entretanto, deram ênfase à visibilidade dos anjos no mundo terreno. Foram elas: Dona Losinha, a penitente Maria Generosa e Maria do Horto. Na narrativa urdida por Dona Losinha, ao relatar sobre a tradição oral dos mais velhos, ela disse:

Eles diziam assim:

— A criança fica é anjo né?

Os anjos. Morria, aí se aparecia era os anjinhos. E nós adultos é almas, que de adulto vê vulto. Lá em casa mesmo minha mãe dizia que cansou de vê vulto assim dentro de casa, de pessoas. Eu nunca vi não. Agora quando eu morava no Juazeiro, que era nos Inhamuns, eu vi uma alma. E era um homem.<sup>65</sup>

Nesse fragmento, as aparições dos anjinhos são possibilidades. A confirmação não veio à luz do diálogo porque a narradora diz nunca ter avistado os anjinhos. Mas, conforme mencionou, outras pessoas conhecidas diziam vê-los:

**Joaquim:** E os anjinhos eles apareciam, as pessoas viam ou não?

**Dona Losinha:** O povo dizia:

— Tem gente que via.

Dizia:

— Aí açanoite eu vi uma anjinho, a coisa mais linda.

Eu nunca vi não. Ave Maria, sei lá rapaz, é cada história engraçada.<sup>66</sup>

Mesmo tendo cinco anjinhos, ela nunca os viu, posto que não soube explicar as motivações pelas quais alguns viam esses seres, enquanto outros não. Isso reitera os saberes a partir dos quais acredita-se que há coisas ou experiências que ficam no terreno do mistério e nos lampejos da memória sem muita explicação, pois sua decifração pertence ao Todo Poderoso. E, para completar, essa história ainda “era engraçada”.

<sup>64</sup> Entrevista realizada com Dona Joana [pseudônimo], em 12/06/2011, na sua residência, zona rural do município de Porteiras. p.5.

<sup>65</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato, p.1.

<sup>66</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato p. 6.

Na contraposição de uma história jocosa, Dona Losinha não pareceu ser uma pessoa engraçada. Ao contrário, no momento da entrevista, ela estava muito séria já que, durante toda a gravação, foram rememoradas experiências de sofrimento com a perda de pessoas que lhe são caras, como seu filho assassinado, seus pais e seus cinco anjinhos. Vale ressaltar que, como expressou em alguns momentos da entrevista, essa narradora já foi entrevistada outras vezes por estudantes do Crato e, esses queriam ouvir histórias engraçadas do passado. Talvez, por isso, sua leitura dessas aparições, enquanto histórias divertidas, estejam em consonância com o que pensou que fosse esperado na nossa conversa, embora, antes de iniciar a gravação, ela tenha sido informada sobre os propósitos da entrevista.

Já Maria Generosa alude algumas características dos anjinhos. No enredo alegre da conversa, ela foi interpelada:<sup>67</sup>

**Joaquim:** Dona Maria e como eram os anjos que a senhora estava contando? Tinha cor? O que tinha?

**Maria Generosa:** Não, tinha não. Num tem as asinhas? Esses anjos que a gente vê assim tem as asas né? criou asa, é anjo. É, que a gente quando morre se acaba a coisa mais feia do mundo [Risos]. E o anjo vai direto né.<sup>68</sup>

Cabe lembrar que os anjos estão presentes numa vasta iconografia oficial e não oficial. No Cariri cearense, os anjinhos com asas permeiam imagens iconográficas e tumulares. De igual modo, estão nas artes urdidadas no gesso, na madeira, na tela e no tecido, entre tantos outros luminosos ou não, prateados e dourados, ou simplesmente sem cor. Sozinhos ou acompanhando por santos como a virgem Maria, o ‘Padim Ciço’ e Jesus Cristo, os anjos com asas estão em todas as partes – das paredes das casas às camisas estampadas com coloridos celestes, vestidas por pessoas que palmilham os muitos espaços sagrados e profanos do Cariri. Estão retratados nos livretos que circulam nas bancas de artefatos religiosos, vendidos ou doados por religiosos durante as romarias na cidade do Pe. Cícero, como é o caso do Ofício das Almas Benditas e do Ofício da Imaculada Conceição. Além de tudo isso, as imagens das crianças vivas vestidas de anjinhos nas festividades religiosas da região são recorrentes na atualidade.<sup>69</sup>

<sup>67</sup> Uso o termo enredo ao longo da tese tomando-o como a maneira como os narradores compõem as narrativas. Cf. PORTELLI, Alessandro. *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: Ética, memória e acontecimento na história oral*. Tradução Miguel Cardina e Bruno Cordovil. Lisboa: Edições UNIPOP, 2013, p. 28.

<sup>68</sup> Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, Porteiras. p.12.

<sup>69</sup> Sobre criancinhas mortas representando os anjinhos na iconografia do Cariri da primeira metade do século XX, ver RIEDL, Titus. *Últimas lembranças: retratos da morte no Cariri, região do Nordeste brasileiro*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: SECULT, 2002. No que diz respeito à participação das crianças nos festejos religiosos

Nesses termos, a visualidade do anjo reproduz um modelo de beleza da cultura ocidental e difundida pela Igreja Católica em diferentes processos sociais. Os anjinhos, mediante a visualidade da tradição oral, são semelhantes àqueles que, oficialmente, habitam o Céu.

Deslindando as narrativas dos fiéis, é válido lembrar que os anjos revelados na Terra aparecem também acompanhando outros mortos e adejando espaços considerados sagrados. Quando entrevistava Maria do Horto, um detalhe na narrativa chamou atenção. Ao ser indagada sobre as procissões das almas, ela disse:

**Joaquim:** E a senhora já ouviu falar sobre a procissão das almas?

**Maria do Horto:** Tem.

**Joaquim:** Como é que é?

**Maria do Horto:** Alí no Horto, meia-noite, toda meia-noite reza a missa do Pai Eterno. Todas igreja né. O romeiro disse que ia chegando, povo todo vestido, né. Tudo morto!

Eu mesmo já sonhei com meu pai, quando ele morreu, no caixão. Tanta gente. Meu padrinho, tá virado cheio de anjo, tanto do anjinho ali na estátua, mas ele não tinha estátua. Meu padrinho virado para a igreja, mas parece que eu vi, os anjinhos tudo virado pra ele, parecendo uns menininhos tudo de asas. E nisso vinha subindo uma ruma de gente. Num tinha essa estátua que fizeram. Uma ruma de gente tudo de cordão, morta. Eu digo que é morta porque eu vi meu pai. Aí eu disse:

— Oh meu pai, a missa de meu padrinho.

Parece que tô vendo, na roupinha que ele foi vestido. Meu pai de criação, não foi o meu verdadeiro não, que quem cria é quem dá, né não? Meus pais foram muito bons, muito soube me criar. Minha mãe morreu com noventa anos. Eu vou fazer setenta e dois, ou é setenta e dois ou é setenta e três. Eu pouco tenho dormido por causa dos ladrão na minha casa. Eu sou tão perseguida por causa dos ladrão na minha casa.<sup>70</sup>

Ao passo em que narra sobre os saberes tocantes à procissão das almas na Colina do Horto, a narradora entrelaça e costura diferentes elementos que tocam às visões sobre os mortos, os anjinhos e os dilemas por ela enfrentados na atualidade.

Justapondo os passos palmilhados pelas almas em procissão, Dona Maria do Horto indica a imagem do seu pai já falecido ladeando o rito, e os anjinhos, identificados porque são criancinhas com asas. De igual modo, tal procissão se mistura com a visão onírica. Foi a partir desta, que a narradora visualizou seu pai de criação entre a multidão dos mortos e os anjos, estando estes últimos em um crescente número e adejando o monumento do santo do Juazeiro.

---

do passado encenando os anjos, ver FIGUEIREDO FILHO, José de. *Folgedos infantis caririenses*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966, p.82-83.

<sup>70</sup>Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p.25.

Além disso, essas memórias fazem lembrar que, o espaço onde a narradora reside é sagrado, embora esteja ameaçado pelas adversidades terrenas, como a violência. Portanto, ela fala como quem tem prerrogativas para narrar sobre as aparições visuais ou oníricas dos mortos no Horto, bem como tocantes os riscos de viver naquela espacialidade.<sup>71</sup>

Interessa aqui entender como essas palavras lançam luz para a visualidade dos anjinhos e suas associações com outros mortos, bem como com os santos e espaços considerados sagrados. Enquanto os anjos ladeiam o monumento religioso, os mortos seguem a procissão na Colina do Horto rumo ao seu cimo. Dessa maneira, é dita nas entrelinhas que há proximidades e distanciamentos entre eles.

Vale lembrar que, oficialmente, os anjos habitantes do Céu foram inseridos em uma ordem decrescente, uma hierarquia. Como lembra Jean Delumeau, as criaturas angélicas foram elencadas em nove coros, divididos em três hierarquias superpostas. A primeira delas compreende os ‘serafins’ (identificados como espíritos de fogo e de amor), os ‘querubins’ (apontados como plenos de ciência divina) e os ‘tronos’ (igualmente estabelecidos no patamar mais elevado do Céu). A segunda foi constituída das ‘denominações’, elucidadas como estando constantemente a serviço de Deus e dominadoras dos outros espíritos, das ‘virtudes’, comunicadoras da força divina às ordens inferiores, e das ‘potestades’, prestadoras, aos outros, sua ajuda sempre benéfica. Por fim, a terceira hierarquia comporta os ‘principados’, os ‘arcangjos’ e os ‘anjos’, estando estes últimos em contato direto com os homens.<sup>72</sup>

Se os anjos dos entrevistados reproduzem o modelo de criatura angélica difundido na cultura religiosa cristã, é válido questionar: como os narradores identificam seus anjos e constroem lugares para eles no Céu e na Terra? Como os narradores constroem metáforas e fronteiras enunciativas do tempo dos anjos?

---

<sup>71</sup> Nos folhetos de cordel, o Horto também é marcado pela ambivalência da relação entre o sagrado e a violência. Nos versos do poeta e devoto do Pe. Cícero, Severino José da Silva (1922-2008), conhecido como Severino do Horto, por exemplo, há uma poética visual do Horto. Este é o epíteto deste homem e uma referência espacial mítica e mística. Dentre outros aspectos, os versos apresentam narrativas sobre milagres e intermediações do pe. Cícero com os vivos e os mortos (como é o caso do folheto *A Defunta Viva*), e casos de assassinatos cruéis seguidos de conversões (como o cordel *Um crime misterioso no Pé da Serra do Horto, Marido mata a mulher com 60 peixerada*). Ver em CARVALHO, Gilmar de. *Severino do Horto: O cordel do Juazeiro*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

<sup>72</sup> As historicidades que resultaram na organização do Paraíso cristão nos remontam aos *textos fundadores*. Entre eles, *A hierarquia celeste*, produzido por volta dos fins do século V e início no século VI por um sírio convertido ao cristianismo (identificado como Pseudo-Dionísio), abordou a organização dos seres do mundo celeste. A obra foi traduzida para o *latim* e teve ampla difusão e aceitação entre papas e teólogos. Tal hierarquia alcançou ampla difusão na iconografia catequética, na literatura e nos escritos dos visionários. Cf. DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do Paraíso?* Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 40.

### 1.3. Anjos da morte

Lidar com o tempo nas narrativas é também lidar com a memória. A fala oral está sempre impregnada de memória. Nas conversas estamos em contato direto com modos como as pessoas costumam significar o passado, marcar e usar o tempo. Compreendê-los e explicá-los requer mais do que uma atenção as diferentes temporalidades e suas mútuas relações em processos históricos específicos; requer apreender maneiras como as pessoas, com quem falamos, dividem, significam e usam o tempo.<sup>73</sup>

Analisando as memórias dos narradores, é possível afirmar que o tempo dos anjinhos possui enigmas. Está atrelado aos mistérios dos Céus e é repleto de enunciações no mundo terreno. O anjo é “um evento criador de temporalidades”.<sup>74</sup> Ao estudar o caso de Mayane, um detalhe importante na fala de Dona Toinha vem à tona. Segundo ela:

**Dona Toinha:** É sarafim. Anjo sarafim. O que morreu sem se alimentar com nada é anjo sarafim. Essa menina de Mayane é anjo sarafim. Já nasceu morta.

**Joaquim:** É melhor do que os outros? Como é que é?

**Dona Toinha:** É. Que vai pro Céu direto, porque é anjo Sarafim.

A menina ainda tava imaginando como é que eu ia descascar o jerimum porque tava gelado. Eu disse:

— Deixe aí que eu vou descascar.

Descasquei.<sup>75</sup>

Momentos antes de comentar que terminara de descascar todos os jerimums fatiados e postos sobre a mesa, na qual ladeávamos e tecíamos a conversa, Dona Toinha informou sobre os anjos sarafins. Eles são puros por natureza, pois são aqueles que nasceram mortos, logo, não se alimentaram em vida. A ausência do alimento é um ponto importante na construção das criaturas angélicas e na narratividade da bisavó de Maya.

Na narrativa da avó de Mayane, esse tipo de criatura voa diretamente para o Paraíso e integra a primeira ordem ou coro angélico, como oficialmente os anjos serafins foram construídos no catolicismo e elucidados a partir da análise de Delumeau sobre as historicidades fabricantes do Paraíso.<sup>76</sup> É importante lembrar que esse não é um saber específico trazido à baila por Dona Toinha. Outros narradores também usaram o termo Sarafim para atribuir

<sup>73</sup> KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'água, 2004, p.128.

<sup>74</sup> CERTEAU, Michel. *A fábula mística*. Op. Cit., p. 277.

<sup>75</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, Crato. p. 8.

<sup>76</sup> DEMUMEAU, Jean. *O que sobrou do Paraíso?* Op. Cit., p. 40.

sentidos àqueles que de nada se alimentaram. À guisa de exemplo, a narrativa do agricultor Luís André é bastante elucidativa:

**Luiz André:** Meu Deus tem um nome desses, tem um nome. [Silêncio]. Num tô alebrado não. É um nome quase assim que nem virgem, uma coisa assim. Que nem se alimentou-se com o leite da mãe. E nem comeu nada. Só o vento da mãe dele. Tem um nome. Tem um nomezinho. Parece que é sarafim, é, é, é. Sarafim. Que ali só se alimentava com o alimento que a mãe dele se alimentava. Passava pra ele, como é, o vento da mãe dele. Aí nem mamou, nem se alimentou-se, e nem comeu nada. Só o vento da mãe dele. Aí chama o anjo sarafim.

O primeiro menino da minha esposa, era uma menina, nasceu morta também. Aí naquela época, era as mulher que assistia com as outras né, chamava parteira. Aí a criança foi e nasceu morta. Aí ela foi e disse, a parteira foi e disse:

— Ó Luiz aqui é um anjo sarafim, nasceu morta. Aí né [Silêncio].

**Joaquim:** E ela vai pro Céu também?

**Luiz André:** Vai pro Céu. Vai pro Céu. É o mais chamado por Deus. Deus chama mais esses anjos de que mesmo esses outros que já amamenta, né.<sup>77</sup>

Para esse agricultor, primeiro Deus chama os sarafins para habitarem os resplendores celestiais antes de convidar as demais crianças nascidas vivas. Consoante tais palavras, esses anjos têm prioridades e são escolhidos por excelência, fatores reveladores das suas singularidades. Nesse ínterim, os critérios a partir dos quais Deus escolhe os serafins e os chama para seu Reino ficam resguardados sob seus mistérios.

Tal qual a narrativa de Dona Toinha, a fala do narrador toma como elemento central o alimento, termo referido várias vezes. É importante considerar que a alimentação foi inclusa num campo de relações com o mundo sobrenatural. Em outros termos, o alimento foi imerso numa rede de relações culturais complexas marcadas por seleções, prescrições e restrições, cujo equilíbrio da vida coloca em cena a posição central da comida como um elemento que estabelece os liames entre as esferas material e espiritual. Destarte, em outras culturas não cristãs, o alimento pode carregar espíritos malignos para o interior dos corpos, como Chiara Vangelista e Claude Lévi-Strauss registraram.<sup>78</sup>

É possível destacar que a questão da temporalidade, entendida como a percepção e organização subjetiva do tempo, está implícita nas entrelinhas da narrativa, por dois motivos centrais. Em primeiro lugar, por conta do chamado de Deus, dado que os anjos sarafins são os

<sup>77</sup> Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, bairro Campo Santo. Porteiras p. 19.

<sup>78</sup> VANGELISTA, Chiara. A comida, o corpo, a alma: sensibilidades cruzadas nas missões Salesianas entre os Bororos (século XIX-XX). In: RAMOS, Alcides Freire; MATOS, Maria Izilda Santos de; PATRIOTA, Rosangela (Orgs.). *Olhares sobre a história: culturas, sociabilidades, sensibilidades*. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 233.

primeiros convidados a seguirem os percursos ascendentes ao etéreo. Em segundo, tem-se a ausência da interação da criança com o mundo dos vivos, visto que ela não entrou em contato com a dimensão profana da existência, pois, não tivera tempo.

Como aqueles que nasciam mortos no passado e, igualmente, nascem falecidos no presente, não tiveram o tempo necessário para se alimentar, seja com comidas produzidas no mundo terreno, ou tampouco com o leite materno, eles são apresentados como diferentes dos demais anjos. Foram rápidos ao morrerem antes de nascer. Isto é, são desnascidos. Nessa perspectiva, o tempo lhes beneficiou com a bem-aventurança.

Quando em gestação, o sarafim viveu no ventre materno, e, simultaneamente, não viveu no tempo terreno. Para o narrador, como esses anjos não nascem vivos, eles se alimentam apenas do vento da mãe. E o vento por si só não tem pecados. Desse modo, o sarafim viveu e morreu nas fronteiras do tempo. Isto é, nas proximidades temporais de um rito de passagem.

As memórias do entrevistado remetem ao momento em que sua esposa, já falecida, perdeu sua primeira filha, natimorta. A mulher que realizou o parto, identificada apenas como parteira, informou para ele o nascimento do anjinho sarafim. Nesses termos, a parteira, comumente uma mulher das comunidades onde as gestantes residiam ou de suas adjacências e que aprendiam a ajudar a parturiente a dar à luz, obtém um lugar de destaque na narrativa, pois, é ela quem auxilia o rito de passagem e, igualmente, informa ao pai o tempo e a natureza do anjo. Ampliando esses horizontes, as parteiras ocuparam no passado e, em alguns lugares mais distantes dos centros urbanos, continuam ocupando no presente, uma posição relevante na construção dos anjos na tradição oral e na ressignificação desses saberes na contemporaneidade.

A narrativa do penitente Nivaldo Santos vai ao encontro das memórias do seu Luiz André. Vejamos:

O espírito vai pro Céu. Alí não tem pecado não. Nem purga porque não pecou. Uma pessoa como, num é nem como o padre, porque o padre peca. Uma pessoa que nunca pecou, nunca, nunca, nunca. Nunca comeu, nunca pisou no chão. É um anjo mesmo alí.<sup>79</sup>

A falta da experiência material do sarafim fortalece sua santidade. Por esse ângulo, o fato de nunca ter pisado na Terra reforça sua pureza, como se o toque no chão também representasse sua inserção no mundo dos pecados e no terreno da profanidade. Na textura dessas memórias, como a criatura não comeu e tampouco tocou o espaço mundano, ela merece,

---

<sup>79</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha. p.22.

segundo o narrador, a ascensão para o ponto mais elevado do Paraíso e, assim, viver eternamente ao redor de Deus.

As memórias da penitente Maria Generosa acrescentam outros indícios relevantes sobre os sarafins e, outrossim, colocam no cerne desse debate as ambiguidades que os envolvem. Na narrativa, ela disse:

É pagão. A alma do pagão, que num é nem bom, mas é bom, sempre, porque é sarafim, anjo sarafim. Morreu sem se batizar né. Vai, foi anjo vai. Num tem esse negócio de penar não, que nós temos as penas né. Fulano tá penando, sicrano tá penando por isso e aquilo. E às vezes morre devendo a uma pessoa, enquanto a pessoa num paga num se salva né. Apôs é assim. E os outros é sarafim, né? <sup>80</sup>

Na arte de tecer a memória, a narradora (con)funde e une os sarafins com os pagãos. Na sua fala, isso não é bom e, concomitantemente, o é. A esse propósito, estes últimos são designados como aqueles mortos sem o recebimento do sacramento católico do batismo. Em face do oposto, mesmo não sendo batizados, esses seres desnascidos são coadunados com os anjos, visto que há divergências e nivelamentos dentro do próprio grupo dos pagãos.

Como as tradições orais seguem ritmos temporais nos quais são entrelaçados processos de mudanças e continuidades, elas são marcadas por ressignificações a partir dos cenários e dos modos como são usadas na cotidianidade.<sup>81</sup> Assim, é notório como as memórias registradas na contemporaneidade se aproximam e se contrapõem, em alguns pontos, aos escritos elaborados no passado a respeito dos anjinhos serafins. Nos escritos do pesquisador pernambucano Pereira da Costa, sobre as décadas iniciais do século XX, consta que:

O recém-nascido que não foi amamentado e morre batizado, não participando, portanto, de coisa alguma deste mundo, é um serafim, anjo da primeira hierarquia celestial, e vai imediatamente para as suas regiões ocupar um lugar entre os seus iguais.<sup>82</sup>

Ora, alguns dos fiéis narradores não apontam para o nascimento vivo da criança e tampouco para a obtenção do rito batismal. Na atualidade, a questão central refere-se, dessarte, a não alimentação e ao não contato com o mundo profano, fatos justificados pela falta do tempo. Em linhas gerais, no engenho laborioso da imaginação, a hierarquia entre os anjinhos é definida

---

<sup>80</sup> Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, Porteiras. p. 13.

<sup>81</sup> CRUIKSHANK, Julie. *Tradição oral e história oral*. Op. Cit., p. 157.

<sup>82</sup> PEREIRA DA COSTA *Apud* CASCUDO, Luís da Câmara. *Superstição no Brail*. Op. Cit., p. 42.



mediante sua maior ou menor interação com os elementos do mundo terreno e, de forma sobremaneira, com as temporalidades que lhes são atribuídas.

No momento em que os narradores falavam sobre os serafins, o pecado original foi silenciado. Este é um *mito de origem* situado no livro do *Gênesis*. Ele alude a culpa inerente a cada homem antes mesmo de ele nascer. Segundo esses preceitos, a criatura humana está em falta com Deus em virtude das ações dos seus ancestrais, Adão e Eva, acometidos por desobedecerem à ordem divina. Logo, há nessa lógica o imperativo da culpa de quem nasce e do pagamento de dívida, urdida antes do tempo do nascimento. Todavia, para os anjos serafins, esse pecado não parece obter relevância, projeção ou mesmo continuidade de sentidos.

Para a manicure Cida, a vizinha e amiga de Mayane, as criancinhas que morrem sem beber o leite materno viram anjos diferenciados, embora ela não tenha lembrado a nomenclatura destes no momento da entrevista. Tal líquido é identificado como o primeiro dos pecados mundanos. De tal maneira como outros, ela silencia o pecado original e põe em primazia os elementos adquiridos após o nascimento. Segundo o ditado mencionado pela narradora, esses anjos trazem felicidade:

**Cida:** É tanto que se morre um anjinho que nunca mamou, aí diz que ... como é que chama esses anjos que nunca mamou? Porque não vai ser preciso né? Ele foi sem nenhum pecado. Ele foi sem nenhum pecado. Não tem como passar por lá [Purgatório], porque ele não pecou em nada. Em nada, nada, nada. Como tem muitas vezes, as pessoas diz:

— Feliz aquele que tem um anjinho no Céu que nunca mamou, né?

Acho que você já ouviu falar. Pois é! Feliz aquele que tem um anjinho no Céu que nunca mamou.

**Joaquim:** Mais feliz, por quê?

**Cida:** Porque nunca teve pecado. Nunca pecou. Porque a partir do momento em que a gente nasce e começa a mamar, aí começa os primeiros pecados. Nossos primeiros pecados é aquele que nós começamos a mamar.<sup>83</sup>

Palavras similares foram pronunciadas por Cida para Mayana na ocasião do nascimento e da morte de Maya. No enunciado anterior, a mãe da pequenina não entendia como ser feliz com sua natimorta. Trilhando os sentidos dessas memórias, como a felicidade apontada pode ser mensurada na vida dos narradores? Quais os benefícios concretos de se ter um anjinho no cimo da corte das criaturas celestes? Para tentar responder essas questões, vale conferir um trecho da entrevista com Dona Losinha:

O povo dizia que quando morria os anjinhos, cada um anjinho que morria até sete, era sete coros. Disse que era coro. Sete coro de anjos. Que

<sup>83</sup> Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato, p. 6.

quem tinha sete coros de anjos no Céu, quando morresse, se salvava. O povo conta essas histórias. Aí eu dizia:

— Aí meu Deus eu num quero que morra nenhum.

Mas morreu cinco filhos meus. Duas mulher e três homens. Já grandinho com dois anos, tudo desidratado, os bichinhos.<sup>84</sup>

Nas tessituras dessas memórias, a mãe da narradora lhe ensinou, via tradição oral, que tal felicidade se fortalecia caso a mulher tivesse sete anjinhos no firmamento celestial. Eles compunham o coro dos anjos e isso seria um fator de comemoração para a mãe, garantindo, assim, sua salvação. Nesse horizonte de esperança, quando a hora da sua viagem chegasse, ela seguiria para o *Reino de Deus* e alcançaria a bem-aventurança do Paraíso. Na continuidade da entrevista, Dona Losinha completou:

Se morresse sete crianças, a pessoa tinha um coro de anjo no Céu. Aí eu dizia assim, eu era criança. E aí eu dizia:

— Como é que existe esse coro no Céu?

Mãe dizia:

— É porque quando a pessoa tem sete anjos no Céu tem a salvação quando chegar lá.

Mas eu não tenho sete não, eu só tenho cinco. Pois é.<sup>85</sup>

Nessas memórias, é possível vislumbrar que esses termos não se restringem aos anjinhos sarafins. A entrevistada fala sobre os anjos num sentido amplo, não delimitando suas diferenças. Além disso, essas memórias projetam tais sentidos para o passado vivido na companhia de sua mãe. Contudo, como o coro dos anjos é definido na atualidade e quais são suas relações com os serafins? Sobre esses aspectos, a narrativa da penitente Maria Generosa apresentou detalhes significativos. Vejamos:

**Maria Generosa:** A criança não tem alma. É anjo. Não. É anjo. Sarafim, anjo sarafim é aquele que nasce morto. Alí é sarafim. É, sente alí é um coro. É sete é um só. Mais é sete anjos.

**Joaquim:** Como assim? Não entendi. Como é que é isso?

**Maria Generosa:** É. O coro de anjo são sete anjos né. Aí um anjo só, nunca comeu, nunca, nada né, nasceu morto é um coro. É, só um anjo faz sete. E sete é um coro. É coro de anjos. Aí faz que nem coro de anjo luz formosa. Pronto. Já é salva, já é do Céu. Já é salva. Vai direto [para o Céu]. Num passa em nada. Num passa mais não.<sup>86</sup>

<sup>84</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato, p.3.

<sup>85</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato, p.4.

<sup>86</sup> Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, Porteiros, p.11.

Conforme essa mulher, tal qual no passado, na atualidade, um coro celeste é composto por sete anjos. Entretanto, em virtude da sua magnitude, o sarafim carrega e compõe um coro angélico em si mesmo. Desta maneira, um anjinho se multiplica em sete e constitui uma luminosidade formosa e sublime na eternidade célica.

Nas memórias, essas criaturas sublimes são dotadas, ainda, de outros poderes especiais. A avó de Mayane nos ajuda a entender essas especificidades:

**Joaquim:** E o quê que as pessoas diziam quando uma mulher grávida morria?

**Dona Toinha:** Só faz dizer que morreu ainda é feliz. Diz que mulher que morre de parto é feliz, que se salva. *Assim, os mais velhos contam. É, é porque tá com um anjo na companhia né* [silêncio].

Quando eu era nova, assim, quando morria uma pessoa, eu passava a noite lá rezando, cantando o ofício. Achava muito bom. Quando morria uma pessoa, já mandavam logo me dizer, porque sabia que eu ia. E eu ia passava a noite rezando, cantando com aquele defunto. Só vinha pra casa de manhã. Quando morria uma pessoa, quando eu dava fé chegava o recado. Botei vela na mão de muita gente.<sup>87</sup>

Nesse momento, a pergunta foi projetada para o passado, mas a narradora respondeu sobre o presente, aludindo que a morte vivida no sofrer do parto provoca a felicidade da morta. No tempo presente, o sofrimento e a felicidade são entrecruzados e entrelaçados. A mulher vive o momento com sofrimento, todavia, sua alma segue feliz, visto que tal experiência eleva-a para a companhia dos mortos bem-aventurados.

De certo modo, isso difere dos sentidos outrora difundidos no Ocidente cristão, quando as mulheres falecidas durante ou após o parto (nesse segundo caso, antes das festas de purificação) eram fortes candidatas a virarem fantasmas, como Jean Delumeau analisou. Historiador que se debruçou sobre a construção do medo como objeto da história, ele identificou tal crença na Europa da segunda metade do século XIX, reiterando sua associação àquelas mortas no momento ou na proximidade de um rito de passagem, e que por essa razão, não se realizara. A questão recai, portanto, sobre os mortos situados nos limites do tempo do rito. Não por acaso, e sobre aquele mesmo cenário, os fetos mortos, os abortados e as crianças falecidas antes do batismo cristão eram igualmente inseridos no rol fantasmagórico. Para eles, todavia, o catolicismo foi firmando paulatinamente na noção de salvação. De acordo com Delumeau:

Um elo teria existido, portanto, entre crença nos fantasmas e malogro trágico de um rito de passagem, e até, mais geralmente, entre fantasmas e pontos do espaço ou do tempo cumprindo função de fronteira ou de passagem. (...) Mas

<sup>87</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, Crato. p. 6-7. Grifo meu.

essa relação entre “passagem” (no sentido mais amplo) e fantasma foi oculta por uma cristianização crescente, que deslocou cada vez mais as perspectivas e insistiu na noção de salvação.<sup>88</sup>

É justamente a ideia de passagem e a noção de salvação que ganham densidade nas narrativas dos entrevistados. Na contemporaneidade, morrer durante o parto condiz, na visão de alguns narradores, com o tempo de vida destinado por Deus para a parturiente. Por isso, ela falece na sina e na dor do destino que lhes foram designados pelos mistérios divinos. Para o alcance da sua salvação obtém destaque, além do sofrimento vivido na hora da morte, o fato de ela estar na companhia do anjinho serafim, pois ele também faleceu cumprindo a missão e atendendo ao chamado do Todo Poderoso. Nesses termos, é o serafim que possibilita a passagem da morta.

No diálogo com Dona Maria do Horto, essas mortas podem ajudar os vivos, quando estes são perturbados ou correm riscos de serem atingidos por espíritos ou criaturas malignas.

**Joaquim:** E aquelas mulheres que morrem no parto?

**Maria do Horto:** Ah, aquelas mulher não se perde, não, mulher que morre de parto, né?

**Joaquim:** Elas se salvam?

**Maria do Horto:** É, ela num se perde não.

**Joaquim:** A senhora conhece alguma história que fala sobre...

**Maria do Horto:** Mulher de parto não se perde, por causa da criancinha né?

**Joaquim:** A senhora lembra alguma?

**Maria do Horto:** Olhe, aqui é caminho das almas. (...)

Sim, nisso a mulher, o romeiro arruma uma romeira pra... D. Francisca tá ali pra contar. Perdeu a hora e era meia-noite, que quando ela passou sozinha, porque no Santo Sepulcro, aí deixa que o negócio, uma coisa saiu do cemitério, mas ela não sabia, deixa que uma mulher, um menininho acompanhou. Sim, mas ela não viu, escute! Mas saiu alguma coisa, que comia, que devorava no cemitério. Ela viu que saía que quando ele chegou lá em cima, durou, durou e aquela, ela falava:

— Me dê esse menino.

Ela não falava. Era uma mulher que tinha morrido de parto, que ia acompanhando senão o dragão tinha devorado ela. Quando ela chegou meu padrinho, foi, aí que meu padrinho disse:

— Ali era alma de uma mulher de parto, ia lhe acompanhando que um dragão, uma coisa ruim saiu do cemitério e ia lhe devorar.

Tá compreendendo? Naquele tempo né? Você vê como tá nosso mundo, né?<sup>89</sup>

<sup>88</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.137.

<sup>89</sup>Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p. 21-22.

Dando ênfase ao fato de que a cidade de Juazeiro do Norte é o caminho das almas nos seus processos de redenção, a entrevistada indica como as narrativas sobre os mortos se mesclam às sacralidades dos espaços naquela cidade, considerada por muitos devotos como a Nova Jerusalém.<sup>90</sup>

Projetando as memórias para o tempo no qual o Pe. Cícero estava vivo, Maria do Horto lembra uma das narrativas contadas por ele. Segundo a narradora, em certa noite o Santo do Juazeiro viu uma mulher, falecida durante o parto, acompanhar uma devota nas ruas do Juazeiro. À meia-noite, ela seguia em direção ao Santo Sepulcro, no Horto. Sem perceber, esta última vinha sendo perseguida por um dragão devorador de pessoas, ressurgido das terras de um cemitério próximo. Naquela narração, a morta salvou a devota, protegendo-a durante o percurso e livrando-a dos perigos do monstro.

Ao que parece, a salvação materna de quem morre no parto também acontece quando a criança sobrevive, pois, a vida e/ou a morte dos pequeninos não foram apontados nas narrativas como elementos de distinção das mães mortas. Dessa maneira, o sofrimento do parto se equipara e se enlaça com as dores da morte, como se morrendo naquele estado gestacional, a mulher sofresse duas vezes, entre as fronteiras do tempo da morte e da vida em gestação. Aqui, é mister lembrar que a gestação e o parto são ritos de passagens de alcance individual e social, conforme os sentidos apresentados por Arnold Van Gennep.<sup>91</sup> Logo, são de ritos de tempo. Eis a continuidade da entrevista com Dona Maria do Horto:

**Joaquim:** E tem outras histórias de mulher que morre no parto, de alma, além dessa que a senhora contou?

**Maria do Horto:** Mulher morrer de... É sina né? Hoje em dia é difícil ter mulher... Naquele tempo é que morria nera?

Disse que uma mulher perguntou (é a mãe do aleijadinho, ela mora ali na rua São Bernardo, ali sabe coisa). Aí ela perguntou a meu padrinho que a dor da morte como era. Aí ela disse que meu padrinho disse:

— Pergunte a uma mulher de parto que ela lhe responde.

Deve ser né, uma mãe sofre pra ter um filho né. [...] Pois é o negócio num anda...você, o povo num tá se importando, pergunte ao mais velho, um dia desses a menina [...] porque palavra que meu padrinho disse tinha que acontecer.<sup>92</sup>

<sup>90</sup> Sobre as historicidades dos espaços sagrados em Juazeiro do Norte, ver RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero*. Fortaleza: EDUFC, 2012, passim.

<sup>91</sup> GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Tradução Mariano Ferreira. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 53-59.

<sup>92</sup> Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p. 22-23.

Se em alguns casos, Deus coloca a morte para fazer a justiça divina no mundo terreno, como disse a narradora, é indispensável questionar: quais são e como os focos narrativos são atribuídos às mulheres grávidas e suas respectivas crianças que morrem em virtude da ação de outrem, a exemplo dos assassinatos? Tais crianças também são serafins?

Uma das entrevistadas, nesse momento identificada como Dona Ana, falou sobre esse assunto, a partir de um caso vivido por ela em um passado não muito distante. No fim de uma tarde de domingo, ela prestou ajuda para a realização dos ritos fúnebres dedicados a uma mulher assassinada no antigo lugarejo onde ela morava, na zona rural do Crato. Ao narrar sobre os sentimentos e as práticas solidárias dos vivos para com os mortos, ela mencionou sua coragem e atitude cristã em prestar os primeiros cuidados ao corpo morto daquela mulher, já que ele tinha sido abandonado em uma vereda rural. Utilizando as artimanhas da voz e os gestos corporais, ela falou:

**Dona Ana:** Lá onde nós morava. Quando você foi lá em casa eu num morava mais na casa [?], eu já morava na passagem, quando você foi lá em casa. (...)

Aí assim, num dia de domingo, assim detardizinha, umas quatro horas da tarde, passou uma amiga minha na estrada e eu tava no terreiro, aí eu lembro. Aí eu disse:

— Donde tu vem?

Aí ela disse:

— Eu vim dali. Mulher, mas eu vou te contar um causo que aconteceu ali agora.

Eu disse:

— O que foi?

— José [pseudônimo] matou Ana [pseudônimo].

Eu disse:

— Mulher deixa de conversa.

— Foi de vera.

— E ela tá no mei da estrada.

Ela grávida. Aí eu fui entrei pra dentro. Aí disse a menina que vivia mais eu, que hoje ela é casada e mora em Nova Olinda. Aí eu disse:

— Tu fica ai que eu vou ali, e num sei a hora que eu chego não. Eu sei que eu vou ali uma viagem.

— Para onde tia vai?

Eu disse:

— Eu vou ali home. Aí saí. Fui lá, cheguei lá ela tava no mei da estrada, num tinha ninguém mais ela, mais essa mulher. Ela já tinha morrido. Aí eu fiquei imaginando o que é que eu fazia né? Fui lá na casa dela. O marido tava em casa. Aí eu fui e disse, o nome dele é Antônio [pseudônimo], chamam de João [pseudônimo]. Aí eu disse:

— João e Ana aculá no mei da estrada, está sozinha, o que é que tu vai fazer?

Ele disse:

— Merimã, eu tô sem assunto, eu estou sem plano.

Eu disse:

— Não, mais precisa tirar ela de lá.

Aí ele disse:

— Eu sei lá, me dá aí uma orientação.

Eu disse:

— Tira a tele da cama. Vocês num tem cama?

— Tem.

— Pois tira a tele da cama que nós bota em cima e você pega de um lado, e eu pego do outro e nós traz ela.

— Será que nós traz?

Eu disse:

— Traz, nós traz.

Aí ele foi e tirou a tele da cama. Aí desceu mais eu. A estrada aqui e ela caiu aqui, assim [gesticula com as mãos]. Aí chegemos lá, peguemos ela e coloquemos no tele da cama. Ele pegou de um lado, eu peguei do outro, aí levemos, botemos em casa. Aí, isso ela banhada de sangue, ensopada de sangue, mais era um sangue menino. Aí eu fui e disse:

— Agora você vai me dá água numa bacia e me dá um pano pra eu banhar, limpar ela.

Aí ele disse:

— Merimã eu num sei nem se os potes tem água.

Aí eu disse:

— Se não tiver você vai pegar na cacimba.

Aí ele disse:

— Mais eu vou espiar sempre.

Aí tinha um pote que tinha um tiquim d'água. Aí ele levou uma bacia, pegou água e aí me deu um pano. E eu moiava o pano e passava nela assim [gesticula com as mãos] no corpo dela num sabe? Tirei a roupa dela, deixei só de calcinha e sai só passando o pano nela. Passano o pano, passano o pano, passano o pano. Alimpei, acabei ficou bem limpinha. Quando acabar botemos um colchão em riba da tele da cama aí botemos ela e ficou lá. Só eu e ele. Só nós dois. Eu e o marido dela. Aí ele disse:

— Eu já mandei chamar a mãe.

Que a mãe dele morava aqui no Crato, ainda hoje mora. Ainda hoje ela mora. Eu mandei chamar a mãe, num sei se ela vem. E eu disse:

— E eu queria ir embora, sai de casa bem cedo, deixei os meninos sozinhos.

Aí ele disse:

— Num vá não. Num vá não que quando for mode você ir eu mando lhe deixar.

Eu disse não:

— Não é porque eu tenho medo de ir não. Tá pensando que é porque eu tenho medo de ir? Porque lutei com ela e tenho medo de ir? Eu disse:

— Tenho não, eu vou.

Aí esperei, aí daí um pedaço o carro chegou com a mãe dele, duas irmãs. Aí tomaram de conta dela e eu disse:

— Agora eu vou pra casa.

Aí no carro que elas viero eu voltei para casa.

**Joaquim:** E o que acontecia com essas pessoas que morriam assim na estrada? Que eram matadas nas estradas?

**Dona Ana:** É por causo que acontece briga né, e tem muita gente que num aguenta nada né.

**Joaquim:** Mas e a alma dessas pessoas?

**Dona Ana:** Sei lá meu irmão para onde é que a alma dessa criatura foi. Mas ela foi feliz. Que ela estava com sete mês de grávida. Ela foi feliz na viagem dela.

**Joaquim:** Por que, como assim?

**Dona Ana:** Porque foi sofrida. A viagem dela foi sofrida. Morreu sofrida, esfaqueada.<sup>93</sup>

Num primeiro momento, Dona Ana demonstra não saber os percursos imaginários pelos quais a alma da mulher assassinada prosseguiu. Todavia, logo em seguida, ela assinala se tratar de um caso de salvação.

É interessante notar que essa narrativa não projeta a santificação daquela alma em virtude da morte trágica, à facadas, como muitos casos marginais cultuados no imaginário religioso brasileiro e, igualmente, presentes em vários lugares do Cariri. Afinal, salvação e santificação se aproximam, mas são categorias distintas, pois nem todas as almas salvas se santificam, embora existam narrativas no Cariri de mulheres assassinadas em estado gestacional que foram santificadas na devoção não oficial, a exemplo de Rufina.<sup>94</sup>

A meu ver, essas memórias apresentam dois focos narrativos. Primeiramente, a solidariedade com as quais os vivos devem tratar seus mortos. Num segundo ponto, o foco da narrativa recai na viagem feliz daquela morta nos percursos do outro mundo, cuja felicidade foi provocada em virtude da sua circunstancialidade: o estado gestacional. Nesses termos, a criancinha que levava no ventre foi responsável por sua felicidade na eterna glória.

Diferentes focos narrativos vieram à tona nas entrevistas, quando indagados sobre outros mortos na infância, mas nascidos vivos. No Paraíso imaginado pelos narradores, subjacentes aos anjos serafins estão os anjos. Sem termos ou nomenclaturas adicionais, estes são lembrados na oralidade como criaturas sagradas, porém, em grau menor quando comparados àqueles da primeira ordem. Da mesma maneira, como os anjos criados no Céu foram oficialmente hierarquizados, aqueles inventados na Terra e mencionados nas entrevistas também são, embora mediante as lides da tradição oral. Assim, na Terra como no Céu, o sagrado é fatiado, nomeado e hierarquizado.

À primeira vista, é possível identificar e mencionar que o tempo de vida e o batismo são os principais elementos de distinção e nivelamento entre os serafins, os anjos e os pagãos. Diferente das criaturas da alta corte angélica, nascer vivo, ser batizado e, pelos mais variados motivos, falecer enquanto criança são elementos recorrentes e corroborantes na afirmação e definição dos anjos dos narradores. Não se trata de qualquer rito batismal ou de ritualidades de

<sup>93</sup> DONA ANA. Entrevista realizada em abril de 2015, na residência da narradora, na cidade do Crato, p.5-6.

<sup>94</sup> Em janeiro de 2012 o Cariri alcançou o número de “191 assassinatos de mulheres - a maioria no âmbito doméstico e por motivações diversas - no período de 2001 ao primeiro mês 2012. A taxa de violência contra a mulher na região é considerada uma das mais altas do Nordeste”. *Jornal O Povo*, Fortaleza, 30 de jan. de 2012. Disponível em: <http://www.opovo.com.br>. Acesso em: 28/11/2015. Sobre a construção da santidade a partir da morte trágica no imaginário brasileiro, ver SAÉZ, Oscar Calavia. *Fantamas falados*. Op. Cit., passim.



outros credos. Para todos os entrevistados, só tem validade o sacramento dos católicos, pois seus símbolos são elementos essenciais na configuração dos tempos da vida terrena, da morte e da ressurreição para vida eterna.<sup>95</sup>

No entanto, os entrevistados não falaram muito sobre essa questão. Afinal, como dizem, os ritos sacramentais não devem ser questionados ou postos em conversas dúbias. Além disso, tal rito não é o único signo construtor dos anjos. De certo modo, e mais uma vez, os entrevistados discorrem, de forma insistente, sobre o tempo. Nas memórias registradas na atualidade, as temporalidades parecem assumir maior relevância na configuração e hierarquização dessas criaturas.

Isso se torna verossímil e perceptível porque, em todas as narrativas registradas, há fronteiras temporais para a idade dos anjos. Alguns dos narradores foram precisos nas datações e circunscrições do tempo. Outros foram mais flexíveis: ora alargado, ora reduzido. De todo modo, para o nascimento do anjo, o tempo vivido na Terra estabelece limites entre as criaturas e entre os dois mundos.

Na conversa com a penitente Maria Generosa, as temporalidades dos anjos foram mencionadas ao passo em que ela confrontava as diferenças entre o passado da sua infância e juventude, identificado como ‘de primeiro’, e o tempo presente da sua velhice. Eis um trecho do diálogo:

**Maria Generosa:** Anjo, agora não que, anjo agora é de três anos abaixo, de quatro anos acima já sabe de tudo né [risos]. De três anos abaixo. De primeiro até 12 anos era anjo, mas agora num tem mais esse negócio né. É tudo sabido. Escola, televisão tudo ensina, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, ensina num é?

**Joaquim:** E por que é que a senhora fala que antes até 12 anos era o anjo?

**Maria Generosa:** Era o anjo porque criança até 12 anos num sabia de nada. Num sabia de nada assim de casal, dessas coisas. E agora né? Os meninos novim, novim já solta cada uma que a gente fica sem saber nem, num sabe responder. A gente é velho e num sabe responder.

Deixa eu apagar o fogo da minha panela senão ela queima e eu fico sem ter o que comer [risos].<sup>96</sup>

<sup>95</sup> O batismo, do grego, *baptizein*, significa “mergulhar”. No catolicismo essa experiência é um rito de passagem que se tornou um sacramento no século XV. A partir de então, oficialmente ele assumiu a função de confirmar a alma do ser em Cristo, representando um ritual de inclusão deste na esfera sagrada da religião. Dessa maneira, ele é definido como um modo de entrada no mundo dos cristãos: um ritual de inclusão social e eclesial. E, além disso, de inserção na dimensão do transcendente. No momento em que um ser é batizado na fé em Cristo, ele passa a integrar uma rede de sociabilidades do mundo social e a pertencer a uma comunidade religiosa que comunga crenças e práticas. PEREIRA, José Carlos. *Os ritos de passagem no catolicismo: Cerimônias de inclusão e sociabilidade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012, p. 22. Sobre as passagens bíblicas tocantes o batismo, ver: *Mt 28,19; Jo 3,5; At 1,5; At 16, 30-33; Tt 3,5; Rm 6,4; Gl 3,27; 1Cor 12,13; 2Pd 1,4*.

<sup>96</sup>Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, Porteirias. p.11-12.

Ela fala que hoje em dia crianças a partir dos quatro anos “já soltam uma” que a entrevistada fica sem saber como responder. Soltar, nesse caso, significa falar o verbo ofensivo e/ou pornográfico. Nesse sentido, o pecado recai na fala das crianças. Só a possibilidade dela “soltar uma”, para não dizer um palavrão, já a exclui do rol dos anjos, caso morra na infância.

Outros narradores seguem a mesma linha interpretativa, segundo a qual a fala representa e potencializa o pecado, o que nivela a hierarquia dos anjos. Eis as memórias do penitente Nivaldo Santos:

Num tem pecado, com um ano num tá falando nada. A pessoa só peca quanto tá falando. Já começa a ensinar... já começa a ensinar a pecar. Eu tenho um fí e se eu ensinar só coisa boa a meu fí ele aprende:

— Ei meu fi chama aquele caba de fí de uma égua.

O caba não ensina essas coisas?

— Sai daí fí da puta.

Vai ensinando é isso. Em vez de dizer:

— Ei menino, ei, ei.

De dizer uma coisa boa, uma coisa bonita. Mas ensina é esses negócios de nome. Já prestou atenção que é? Você pode acreditar que eu conheço é muito que eu vou passando nos cantos e o pai dele brincando comigo, é diga:

— Ei menininho chama ele de fí de uma égua meu fí [risos].

E eu acho graça com eles. Pois é, o caba já tá pecando alí, tanto peço eu e tô fazendo meu fí pecar. Eu num digo isso com filho meu não.<sup>97</sup>

Seu Nivaldo não definiu uma idade limite para designar os anjos. Em suas memórias, a diferença recai na possibilidade da fala. E isso não ocorre por acaso. Para muitos dos fiéis entrevistados, é o ser espiritual existente em cada corpo que fala e dá movimento à vida. Essa é, em certo sentido, uma interpretação mística.<sup>98</sup> Como afirmou Seu Nivaldo:

Porque nós somos uma carne. Nós tamos falando, a nossa voz, tudo aqui é o espírito. Se num fosse esse espírito que eu tem, era como mudo. Ninguém tinha som de voz. Não tinha o som pra saber.

Quando o caba morre, o caba num tem essa pessoa, esse espírito dentro pra dar esse movimento, dar esse som de voz. Saiu, saiu de mim. Eu fico alí como, só a carne alí. Pode beliscar, pode furar que eu não sinto nada. Quem sente, é o espírito da gente. Toda dor que a gente tem, é esse espírito que nós temos.<sup>99</sup>

<sup>97</sup>Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha. p. 22.

<sup>98</sup> Como Certeau salienta: “O espírito é ‘aquele que fala’ – el que habla, diz João da Cruz; é o locutor, ou ‘o que fala’”. (...). Inúmeros textos místicos apresentam esse entendimento. CERTEAU, Michel de. *A fábula mística: séculos XVI-XVII*. v.I. Tradução Abner Chiquiere. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p.250.

<sup>99</sup>Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha p.19.

Outros narradores, por sua vez, circunscreveram a idade dos anjos de forma precisa e incisiva, indicando outro numeral. Foi o caso da costureira Dona Toinha e da aposentada Dona Losinha, do agricultor Luís André e das incelenças do sítio Cabeceiras de Barbalha, Chica Lôra e Sueli Matos. Dentre eles, e por conta dos pormenores apresentados entre o passado e o presente, vale principiar analisando as memórias de seu Luís André. Vejamos:

**Joaquim:** Tem idade certa? Como é? É qualquer criança?

**Luiz André:** É, a num ser de sete anos abaixo. De sete anos abaixo é anjo. De sete pra cima oito, já passa pra um tipo de adulto né. Já chama, com licença:  
— Diabo, Rapariga.

Essas coisas assim né? Agora de sete anos abaixo. Hoje existe, uma criança desse tamanho [gesticula com as mãos indicando uma criança pequena] já sabe. Hoje existe. Mas naquelas épocas era, de sete anos abaixo, porque era até proibido, era até proibido. Pra dizer assim, a conta de sete né: sete dias, sete mês, sete anos.<sup>100</sup>

Em tempos precedentes, a idade dos sete anos era, oficialmente, um divisor de ritos e significados referentes à infância e à sua transição à vida adulta, aspectos estes percebidos nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Esse foi o primeiro documento oficial difundido na América portuguesa para disciplinar e organizar as práticas católicas. Escrito originalmente pelo arcebispo da Bahia D. Sebastião Monteiro da Vide (1643-1722), em 1707, essas constituições, cuja vitalidade se estendeu até o final do Império brasileiro, tinham poder de lei. No documento, a transição entre os seis e sete anos é identificada como divisora da idade do uso da razão, isto é, de o ser possuir discernimento e malícia para pecar. De forma mais enfática, o *Ritual do Arcebispado da Bahia*, elaborado em 1863 pelo Padre Lourenço Borges de Lemos, dedicou um tópico intitulado “Da encomendação dos párvulos” para os mortos maiores de sete anos.<sup>101</sup>

Ressonâncias desse passado distante estão contidas nos documentos oficiais do presente. No *Código de Direito Canônico*, a idade do uso da razão é uma balizadora das fronteiras temporais da criança viva. Além disso, é válido lembrar que nos escritos bíblicos, texto mais acessível para os narradores, o número sete é recorrente e assume relevância. Desde

<sup>100</sup> Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, Bairro Campo Santo. Porteiras. p. 17.

<sup>101</sup> O primeiro documento mencionado ajuda a entender o projeto de evangelização e a postura da igreja frente aos sujeitos sociais, uma vez que estas constituições apresentam em sua essência um conjunto de normas eclesiais, sobretudo, aquelas condizentes com a ortodoxia do Concílio de Trento (1545-1563) e o V Concílio de Latrão (1512-1517). VIDE, Sebastião Monteiro de. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Edusp, 2010. Uma análise sobre os dois documentos pode ser vista em VAILATI, Luiz Lima. *A morte menina*. Op. Cit., p. 57 e 76.

o livro do *Gênesis*, primeiro na ordem sequenciada das sagradas escrituras, até o *Apocalipse*, escrito alusivo ao fim dos tempos, ele é mencionado cheio de revelações.

Mas, os entrevistados não mencionam documentos oficiais do passado e, tampouco do presente para apresentarem explicações sobre as idades dos anjos ou concernentes aos significados do numeral mencionado. Seu Luís André, a título de exemplo, mesmo informando que já leu em muitos momentos a Bíblia Sagrada, não fez menção sobre passagens religiosas alusivas à questão, embora uma Bíblia estivesse exposta na estante de sua varanda, costume ainda muito presente nos lares dos católicos do Cariri, principalmente daqueles moradores ou ex-residentes dos espaços rurais.<sup>102</sup>

Seu Luiz indicou, ainda, a existência atual de crianças pequenas, provavelmente menores de sete anos, falantes e, por conseguinte, pecadoras, embora elas também se tornem anjos. O pretérito e a atualidade se encontram e se distanciam, às vezes de forma confusa e justaposta. Na continuidade da entrevista, o agricultor reiterou e explicou as ambiguidades do número sete e suas conexões com os anjos:

**Luiz André:** As mães não diz:

— Que idade esse menino tem?

— Nem tem oito e nem tem seis.

É a conta de sete. Num pode contar.

— De que ano é esse criança? Quantos dias essa criança tem?

— Nem tem oito e nem seis.

Ninguém diz com sete.

**Joaquim:** Por quê?

**Luiz André:** Porque sete é sete homem. Sete é amaldiçoado. Sete é mentiroso. Já ouvia a história não? Ó a conta do mentiroso: o sete. E tem porque mesmo assim é obrigado ter. É obrigado ter o sete. Porque se num tiver o sete a conta num sai certa. Mas sete, Deus num quis a conta de sete não. Ou o seis ou o oito.

**Joaquim:** E hoje? Isso era no passado?

**Luiz André:** Ainda hoje consegue. Uma mãe num diz:

— Ei, quantos anos, quantos meses esse menino tem?

— Tem seis meses e cinco dias, tem seis meses e oito dias.

Mas num diz sete.

— Tá completando oito anos.

Mas num diz:

— Tem sete anos.<sup>103</sup>

<sup>102</sup> Isso simboliza, em linhas gerais, a exteriorização de que aquele lar segue os ensinamentos cristãos e, mesmo quando as pessoas não têm o domínio da leitura e escrita, ele representa um símbolo de afirmação social religiosa e proteção frente aos poderes malignos que, nas crenças dos religiosos, circundam o mundo. Sobre os objetos dos lares e seus significados religiosos, ver MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: MELLO E SOUZA, Laura de (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 166-169.

<sup>103</sup> Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, Bairro Campo Santo, Porteirias. p. 17-18.

Na continuidade da entrevista, outro elemento foi mencionado por Luiz André como fator agregador da caracterização e hierarquização dos anjos:

**Joaquim:** Esses abaixo dos sete era os anjos. E hoje em dia continua sendo o sete ou não?

**Luiz André:** Continua, continua. Ó, hoje, hoje uma criança de sete anos abaixo ele amamenta. Aquele leite é abençoado. Tudo que ele come é digestivo. Aí quando passa de...pra oito anos já é tipo de adulto. Já é um tipo de adulto. De sete abaixo é anjo. E aquilo tudim é tudo arrudiado a Deus ali, os anjos. Ele coloca a mão na cabeça de tudim porque num teve pecado.<sup>104</sup>

Diferente de outros narradores, Seu Luiz André indica que o leite materno é abençoado. Além disso, todos os demais alimentos comestíveis pelas crianças menores de sete anos são “digestivos”. Isso implica no processo de expiação dos pecados, já que se são “digestivos” é porque se desfazem integralmente e nada fica no interior das crianças. Dessa maneira, aqueles alimentos fluídos não lhes acrescentam máculas.

Apresentando sentidos contrários aos mostrados por todos os outros narradores, as palavras de Luís André não são puras invenções por ele elaboradas ou desconectadas das historicidades tocantes à invenção dos anjos no mundo luso-brasileiro. A esse respeito, é importante sublinhar que na tradição oral de portugueses do Vale de Figueira registrada entre os fins da década de 1980 e início dos anos 1990, a nomenclatura atribuída aos anjinhos tomava como base o fato da criança, em vida, ter se alimentado apenas do leite materno. Como ressalta Ana Isabel Carvalho, “o anjinho era toda a criança que só bebia leite materno até à hora da morte: uma vez desmamada, comendo açorda ou alimentos com sal, deixava automaticamente de ter esse estatuto”.<sup>105</sup>

Nesses termos, entre as tradições portuguesas e a fala de Luiz André, na atualidade, há aproximações e distanciamentos, embora possuam um elo comum: o alimento como um foco narrativo tocante o tempo e a nomenclatura dos anjos. De todo modo, esse é um indício de que as crenças concernentes à hierarquização dessas criaturas mediante a alimentação ingerida na Terra, seja o leite materno ou outros alimentos, são heranças do imaginário religioso de base portuguesa constitutivo, não exclusivamente, da formação brasileira. Tais conexões evidenciam

<sup>104</sup> Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, Bairro Campo Santo. Porteirias. p. 18.

<sup>105</sup> CARVALHO, Ana Isabel Basto. A temática da morte no ensino secundário: perspectiva de abordagem. In: COELHO, António Matias (Coord.). *Atitudes perante a morte*. Coimbra: Minerva, 1991, p. 216.

um processo de atualização e ressignificação das tradições orais sobre as temporalidades angélicas.

Na hierarquia celeste inventada a partir das crianças mortas no mundo terreno, aquém dos anjos, há outras criaturas também sagradas, porém, com um nível menor de sacralidade. Isso veio à baila na primeira entrevista realizada com Dona Toinha, na presença de Mayane e de seu primeiro filho. Naquela ocasião, a neta da matriarca, com um olhar atento e curioso, fez mais uma intervenção à sua avó:

**Intervenção de Mayane:** E até que idade é anjo?

**Dona Toinha:** Até sete anos, agora de sete anos é anjo papudo.

**Joaquim:** Anjo papudo? Como é isso?

**Dona Toinha:** É um ditado que o povo tem que a criança que morre com sete anos é anjo papudo: nem é pecador e nem é virgem. Porque o menino de sete anos já responde os pais, já chama nome, já entende alguma coisa. Olhe, esse seu quantos anos tem?

**Resposta de Mayane:** Vai fazer sete.

**Dona Toinha:** Olhe, pois esse aí, olhe, é anjo papudo, e ele lhe responde!

**Intervenção de Mayane:** E quer dizer que ainda tem essa, o anjo que é anjo e o anjo papudo?

**Dona Toinha:** É, o anjo papudo é porque já tem pecado, que responde os pais responde as mães, os pais manda eles fazer uma coisa e eles não...

**Joaquim:** E aí se a criança morre em sete anos ela é anjo papudo?

**Dona Toinha:** É.<sup>106</sup>

Reforçando os saberes orais transmitidos de boca em boca, a narradora pronuncia suas memórias, talvez na tentativa de convencer os ouvintes e de alertar a neta e o bisneto para a necessidade de atenderem às ordens e respeitarem às vontades dos mais velhos.

Para a narradora, seguindo o horizonte de esperança pautado na ausência da culpa, as crianças que morrem antes dos sete anos viram anjos porque são inocentes e não possuem o conhecimento do pecado. Em contrapartida, aquelas que falecem aos sete anos ou, a partir dessa idade, viram criaturas diferentes: são anjos papudos.

Estabelecendo conexões entre a tradição oral e a terminologia, vale perscrutar os significados desses termos. Em um dicionário de língua portuguesa, comumente presente em bancas de jornais e livrarias, bem como distribuído entre instituições escolares, o verbete papudo é um adjetivo que designa aquilo que tem papo. Por sua vez, o papo significa o aumento do volume do pescoço.<sup>107</sup> No entanto, esse não parece ser o sentido atribuído ao anjo

<sup>106</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 01/12/2013, na sua residência, sítio Monte Alverne, Crato. p.12.

<sup>107</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio*: O minidicionário da língua portuguesa. 7 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008, p. 607.

mencionado. A questão não recai na corporeidade da criatura angélica, mas sim na nomenclatura que lhe é atribuída, como a narradora exclama: “é um ditado que o povo tem”.

Já o *Vocabulário Popular Cearense*, escrito pelo historiador Raimundo Girão nos idos do século XX, diz que papudo é um adjetivo atribuído a um sujeito corajoso, atirado.<sup>108</sup> É possível inferir que o anjo papudo pode ser compreendido como a criança desobediente. Era também corajosa, encenqueira, desafiadora e atrevida. Nesses termos, o adjetivo não é empregado de forma positiva, pois o ser papudo é também provocador de desordens. Por conta disso, aquele anjinho perde alguns graus de sacralidade.

É possível que esse saber tenha se processado nas tradições orais mediante a incorporação de outros elementos não cristãos, oriundos dos processos de hibridismos culturais.<sup>109</sup> Do lado oposto, a criação dos anjos papudos pode ter sido resultante da apropriação e ressignificação de elementos e mecanismos do catolicismo oficial, como é o caso da hierarquia dos seres angélicos oficialmente reconhecida e propagada pela Igreja católica. Também, tal invenção pode estar relacionada ainda à escuta e reinterpretação das falas de religiosos pregadores, pois o *Código de Direito Canônico* atribui o termo párvulos para os maiores de sete anos.

De todo modo, a invenção e ressignificação dos anjos papudos são delineadas na concretude da vida dos narradores, tomado como um dos aspectos centrais a leitura que eles fazem do tempo da vida e da morte das crianças.

A meu ver, o anjo papudo é produto e produtor das falas narradas abertamente e passíveis de alteração, como são as histórias contadas oralmente, lembra Jack Goody.<sup>110</sup> Parece ser uma lição para as crianças e contada especialmente para elas. Talvez, se o bisneto da narradora não estivesse por perto, escutando curiosamente a produção da entrevista, ela não tivesse contado as penas que recaem para as crianças desobedientes, mesmo depois de mortas.

É válido sublinhar, entretanto, que esse não é um saber particular de Dona Toinha, entoadado apenas para dar uma lição ao seu bisneto. Em outras partes do Ceará, a crença associada aos anjos papudos foi entoada por narradores, como Eudésia Bezerra registrou no Sertão Central.<sup>111</sup> Além disso, outros entrevistados no Cariri lançaram sentidos para designar essas

<sup>108</sup> GIRÃO, Raimundo. *Vocabulário popular cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 286. A primeira edição desta obra foi publicada em 1967, pela Imprensa Universitária do Ceará.

<sup>109</sup> CANCLINE, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4 ed. São Paulo: Ed. USP, 2011.

<sup>110</sup> GOODY, Jack. *O mito, o ritual e o oral*. Tradução Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 48.

<sup>111</sup> BEZERRA, Francisca Eudésia Nobre. *As vozes da maldizença: memória e imaginário sobre a morte e o morrer no Sertão Central do Ceará*. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015, p.79.

criaturas. Foi o caso de Dona Losinha, cujas palavras colocaram em cena as diferenças entre os anjos e os anjos papudos. Quando indagada sobre as idades das crianças mortas, ela pronunciou:

**Dona Losinha:** Não. Até sete anos era anjo. Quando passava de sete anos não era mais anjos.

**Joaquim:** Por quê?

**Dona Losinha:** Não sei. O povo contava. Não era anjo, já era, chamava anjo papudo. Sei lá como era. O povo contava pra gente e a gente acreditava naquelas histórias.

**Joaquim:** E como era esse papudo?

**Dona Losinha:** Eu num sei. Era os mais velhos que contava pra gente e a gente acreditava. A gente era besta num sabia de nada [Risos]. Era uma graça.

A gente conta cada história. Os meninos contam cada história, quando eles chegam de viagem eles contam cada história. Sentados na calçada e contando histórias.<sup>112</sup>

Como demonstra Dona Losinha, a visualidade e a dizibilidade sobre o anjo papudo recaem apenas naquilo que era dito na voz, não sendo-lhes atribuídas características físicas sobre a dimensão espiritual. Paradoxalmente, os narradores sabem que ele existe, porém, não sabem descrevê-lo. Dentre os entrevistados, ninguém chegou a ver um deles.

A expressão “o anjo papudo nem é pecador e nem é virgem”, contada por Dona Toinha, indica que o anjinho com a idade igual ou superior a sete anos não carregava a culpa do pecado carnal. Porém, também não estava isento dos erros cometidos em vida, como a desobediência dos mais velhos e, principalmente, o discernimento das suas ações e pensamentos, como por exemplo, a possibilidade e o desejo de pecar. Nesses termos, tal expressão não designa a impureza do pecado sexual, mas aponta para a falta da limpidez do anjo.

A partir de suas palavras, essa hierarquia faz lembrar que o culto aos anjos no tempo presente também está carregado de limites socioreligiosos, condizentes com a ideia de pureza da infância. No cerne dessa devoção, a virgindade como valor maior é um elemento de destaque.

Nesse ponto, a hierarquia apontada pela entrevistada está em consonância com os valores oficiais que hierarquizam as criaturas no Paraíso cristão, pois, nesta tradição, as almas virgens ocupam um lugar de destaque ou maior proximidade com Deus. Na construção do Paraíso a partir do texto *A hierarquia Celeste*, explica Delumeau, os mortos que adentram os resplendores celestiais também foram hierarquizados. De cima para baixo, são elencados: as

---

<sup>112</sup>Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato, p. 4-5.



virgens, os apóstolos, os mártires, os confessores, os profetas, os patriarcas, os não-casados, os casados e, por fim, os pagãos salvos.<sup>113</sup>

Nessa visão religiosa de mundo, o anjo papudo é penalizado e libertado, simultaneamente. Em outras palavras, ele é acarretado em virtude do tempo que viveu, posto que ultrapassou as fronteiras dos sete anos, imerso, por sua vez, nas balizas misteriosas do calendário celeste e no instrumento de medição temporal terreno. Por outro lado, a libertação é representada na sua permanência entre as criaturas angélicas, isto é, mesmo ultrapassando os limites do tempo, ele não deixa de ser um anjo.

Durante a realização das entrevistas, outra questão veio à tona quando falávamos sobre os anjinhos: o que acontece com as crianças abortadas pela mãe? Elas também são inseridas no rol das criaturas angélicas? Quando conversamos sobre esse assunto, Dona Toinha falou:

Ave Maria é um castigo, é um pecado grande, matar um inocente. É um pecado grande que Nosso Senhor não perdoa. O pecado é tão grande que Nosso Senhor não perdoa. Sabia que é?

**Joaquim:** E a alma daquela criancinha que não nasceu porque a mãe não quis?

**Dona Toinha:** Num sei se fica zanzando, num sei se vai para o Céu. Num sei não. Desses que a mãe mata, né? [silêncio].<sup>114</sup>

Num primeiro momento, o destino dos abortados é incerto, tanto no mundo terreno quanto nas dimensões do além cristão. Nos interstícios entre a Terra e o Céu, essa criatura identificada como inocente não tem um lugar definido, pelo menos não inicialmente. A perdição é atribuída ao grande pecado cometido pela mãe, imperdoável até por Jesus Cristo. Todos os demais narradores abordaram a condenação da mãe abortiva e a inocência das criancinhas não vindouras.

O penitente Nivaldo Santos deu a entender que a criatura abortada adentra a luz formosa do Paraíso, uma vez que o pecado mortal é destinado à mãe. A criancinha em gestação e ceifada, sendo inocente e vítima da ação materna, não tem culpa e, conseqüentemente, não carrega máculas.

**Joaquim:** E daquelas crianças que a própria mãe tira, tá grávida e não quer, o que acontece?

**Seu Nivaldo:** Que tá grávida e dá a outro ou que morre, que mata?

**Joaquim:** Que mata, que a mãe não quer e mata?

<sup>113</sup> DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do Paraíso*. Op. Cit., p. 41.

<sup>114</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, Crato. p.7.

**Seu Nivaldo:** Aí a mãe dela é que tá se condenando. Que matou ela antes de ganhar ela. Alí é um pecado mortal. Alí não era pra ser perdoado por Jesus e Jesus ainda perdoa, um pecado daquele.

**Joaquim:** E da criancinha?

**Seu Nivaldo:** Vai [para o Paraíso] que ela num... foi a mãe que fez aquilo com ela, ela é inocente. A alma é inocente. Alí não tem pecado nenhum que é todo inocente.<sup>115</sup>

No jogo da condenação e da salvação, o abortado é redimido e identificado como uma alma inocente. Já a mãe, por romper o tempo da vida em gestação, é projetada nos sentidos dos pecados mortais, sendo estes considerados imperdoáveis e provocadores dos sofreres eternos da alma no Inferno, embora, como diz o narrador, há possibilidades de Jesus Cristo perdoá-la.

Além destas questões, uma provocação vem à tona. Quando criança e, mesmo depois de adulto, escutei muitas narrativas sobre as criancinhas mortas pagãos. Como os narradores atribuem significados a esses seres? E de que forma, a interpretação sobre o tempo atribui sentidos aos mortos antes do batismo?

#### 1.4. Fora do tempo? Memórias de esperança!

Todos sabemos que as fronteiras, antes de serem marcos físicos ou naturais, são, sobretudo simbólicas. São produto desta capacidade imaginária de refigurar a realidade a partir de um mundo paralelo de sinais, através do qual os homens percebem e qualificam a si próprios, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo. Faz parte desse jogo de representações estabelecer classificações, hierarquias e limites, que guiam o olhar e a apreciação, pautando condutas.<sup>116</sup>

Na tradição da Igreja Católica, a dimensão espiritual da criatura humana morta na infância e não batizada ia para o Limbo. Termo originário do latim, ele significa borda, limite. Este, diz o historiador Michel Vovelle, foi amplamente dissertado pelos padres na Europa do Ocidente medieval, momento de sua invenção, e, prosperou no século XV. O Limbo das criancinhas era “ao mesmo tempo indolor porque não tiveram como pecar, e sem esperança porque não foram redimidas”.<sup>117</sup> Como os pagãos não podiam adentrar o Paraíso, uma vez que

<sup>115</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha p.23.

<sup>116</sup> PESAVENTO, Sandra Jatthy. *Fronteiras do milênio*. Op. Cit., p. 7.

<sup>117</sup> É importante considerar que naquele contexto, o além cristão era definido como possuindo cinco lugares. O *Paraíso*, o *Purgatório*, o *Inferno*, o *Limbo das criancinhas pagãs* e o *Limbo dos patriarcas*. VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório: ou o trabalho de luto*. Tradução Aline Meyer e Roberto Cattani. São Paulo: UNESP, 2010, p. 46.

não eram cristãos e, de igual modo, não iam para o Inferno, pois não pecaram em vida, eram destinados a vagarem no Limbo, dimensão identificada por muitos escritores como um lugar sombrio, tranquilo e monótono em virtude da igualdade do tempo.<sup>118</sup>

Em 19 de abril de 2007, o Vaticano publicou um documento intitulado *A Esperança da Salvação para as Crianças que Morrem sem Batismo* na sua página na Internet. Rapidamente, a notícia ganhou as manchetes da imprensa e circulou no mundo cristão. No documento, aprovado pelo Papa Bento XVI, a Santa Sé suprimiu o Limbo das criancinhas.<sup>119</sup>

Os fiéis que entrevistei não fizeram menção direta à dimensão do Limbo. No momento em que conversava com o Sr. Luiz André, eu lhe indaguei sobre as crianças mortas sem o batismo, e ele respondeu:

**Luiz André:** É pagão.

**Joaquim:** E o que é que as pessoas diziam sobre esses?

**Luiz André:** Esse daí, rapaz, esse daí véi, eu acho que num tem, eu acho que Deus num colhi esse tipo não. Eu acho que Deus num colhi esse tipo. De entrar lá. É que nem fosse um bruto né. Porque a pessoa quando não é batizado é um animal. É um animal. Ali nunca recebeu uma água benta; nunca recebeu o sal; a luz que é a luz do mundo, a luz do Céu, que é a vela, que até no sábado de Aleluia, nós ascende as velas. Ascende aquele, aquele que se chama o, aquela velona desse tamanho [gesticula com as mãos], o trilho, o trilho né. A gente ascende primeiro ela pra depois ascender as outras porque ali é o fogo novo. O primeiro fogo. E a água, a água benta. Bota água lá o padre benze.

[Interrupção de uma vizinha por um minuto]

**Joaquim:** Aí os pagãos, nós estávamos conversando.

**Luiz André:** Aí os pagãos. Os pagãos não vê. Não vê a água benta, que o padre lava né com água benta; o sal, na boca; a cinza benta na testa, que nós tem; o óleo, o óleo bento que vem do papa. O papa manda pros bispos, e vem a vela acesa. O fogo novo. Ó no correr de ano pra ano o fogo é novo.

**Joaquim:** E ele se renova na Semana Santa?

**Luiz André:** Se renova na Semana Santa. É no sábado de Aleluia.

**Joaquim:** E o que acontece com a alma pagã, já que ela não vai pro Céu?

**Luiz André:** Acho que ficam rodando. Acho que essas almas que ficam rodando assim é essas que é pagão né, que ficam pelejando pra entrar lá e Deus num aceita, porque não chegou a vez dele, pra ele.<sup>120</sup>

Como resultado desses limites socioreligiosos, os mortos não batizados foram projetadas em zonas confusas e temerosas, entre o mundo terreno, segundos alguns dos narradores, e o além incerto, para outros. Tudo isso justificou a construção cultural do medo

<sup>118</sup> A exemplo de CASCUDO, Luis da Câmara. *Superstição no Brasil*. Op. Cit., p. 30.

<sup>119</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A esperança da salvação para as crianças que morrem sem batismo*. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20070419\\_un-baptised-infants\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20070419_un-baptised-infants_po.html). Acesso em: 10/01/2017.

<sup>120</sup> Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, Bairro Campo Santo. Porteiras. p.19-20.

sobre as intempéries de morrer antes do rito batismal. Por esse motivo, tradicionalmente as crianças dos sertões eram batizadas o mais rápido possível. Muitas não alcançavam tal êxito. Mas, contrariando os ensinamentos oficiais do catolicismo, difundidos desde a Idade Média, os narradores indicam que há esperança de salvação para o pagão. E para alcançá-la, ele precisa chorar.

Durante a gravação das entrevistas, todos os narradores falaram sobre o choro dos pagãos, mesmo quando não foram interpelados sobre o assunto. Este é um foco narrativo que os entrevistados fizeram questão de mencionar e exemplificar. A título de exemplo, resalto as memórias de Dona Losinha:

**Joaquim:** A senhora ouviu o choro?

**Losinha:** Não, quem ouvia.. Uma vez foi meu esposo. E ele não tinha medo de alma não. E ele disse que acordou com aquela criança chorando, chorando muito mesmo, soluçando. Aí ele foi levantou, ele sabia que eu tinha medo de alma e ele não ia me acordar né. Aí ele disse que olhou. Aí disse que viu só aquela luzinha assim, bem azulzinha. Aí ele disse que olhou, olhou e disse:

— Eu num sei o que é isso não.

Voltou e foi se deitar. Aí quando foi no outro dia, ele contou a nós. Aí eu digo:

— Ave Maria, pois eu num olho nem mais pra essa área.

Aí que eu tenho o maior medo. Nós num ficava não. Dentro de casa. Depois de seis horas, nós ficava na calçada ou no alpendre com medo das almas [gaguejos].<sup>121</sup>

Nessa rememoração, o pagão morto chorava tanto que soluçava. Dona Losinha e uma outra narradora fizeram referência a luzinha azul como sendo a forma pela qual os pagãos apareciam aos olhos dos vivos. Mas, não discorrem sobre essas bioluminescências. Nas demais entrevistas, não foram mencionadas referências às visualidades dos pagãos. Contudo, é mister frisar que as “luzinhas” são tradicionalmente signos associados às almas, vistas reluzindo locais nos quais pessoas foram mortas e/ou seus corpos foram enterrados, sobretudo nos caminhos e veredas rurais, como outrora Irineu Pinheiro<sup>122</sup> e Gilberto Freyre escreveram.<sup>123</sup>

<sup>121</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato, p. 5.

<sup>122</sup> Pinheiro narrou sobre as aparições de uma luz bonita e azulada no local onde um padre foi assassinado em 1824, na zona rural do município de Aurora, no Cariri. PINHEIRO, Irineu. *O Cariri*. Op. Cit., p. 98.

<sup>123</sup> No seu tempo, Freyre indagou se a continuidade das aparições das “luzinhas misteriosas nos morros onde houve guerra” era uma herança das tradições celtas, pois “entre algumas populações europeias mais rústicas se encontra, ainda hoje – disse Years [um poeta irlandês que ele conheceu] a crença de aparecerem luzinhas misteriosas em antigos campos de batalhas. Ou nas suas imediações. Luzinhas esquisitas que aparecem e desaparecem como fachos que se avistassem a mais de légua, do tamanho de lanternas de carro de cavalo. Que mudam de lugar. Que podem ser vistas a grandes distâncias, como as luzes naturais não podem”. FREYRE, Gilberto. *Assombrações no Recife Velho*. 6 ed. São Paulo: Global, 2008, p.70-71.

Vale sublinhar que os pagãos não são os únicos mortos a se lastimarem. Nas entrevistas que realizei há vários casos indicativos dos clamores e de outras manifestações sonoras das almas no mundo terreno, como veremos nos próximos capítulos. Para alguns narradores, todavia, a choradeira do pagão tem uma tonalidade diferenciada ou um modo próprio de se manifestar: ela é uma lamentação com voz fina e melosa.

Segundo o penitente Nivaldo Santos, a choradeira dos pagãos é bastante específica. Embora demonstre que não acredita no choro desses mortos porque nunca escutou tal som, ele mencionou os saberes que outrora aprendeu com os mais velhos: “O povo dizia que os pagãos chorava. E era feio, um choro feio. Mas eu num acredito não que nunca ouvi”.<sup>124</sup>

Na acepção deste narrador, o “choro feio” assumiu no passado um caráter diferenciado, como forma de identificar que aquele murmúrio não era pronunciado por um vivo. Seu Nivaldo não soube explicar mais elementos através dos quais fosse possível identificar aquele som. Ele apenas o enquadrou como um choro feio, aludindo, assim, à tristeza do morto. Contudo, para outros narradores, tal lamentação era semelhante à sonoridade produzida por uma criança viva. Eis outro trecho da entrevista realizada com Dona Toinha:

**Joaquim:** E os mais velhos contavam como era?

**Dona Toinha:** Aqueles que morria pagão chorava e a gente batizava. Enterrava ele nas cruz dos caminhos, e eles chorava. *Tinha um tempo que ele chorava.* Aí, a gente ia e batizava. Aqueles que morriam sem o batismo. Porque batismo é sagrado né?

**Joaquim:** E como é que eles choravam?

**Dona Toinha:** Do jeito de uma criança mesmo, chorava do mesmo jeito e a gente ia batizar.

**Joaquim:** A senhora chegou a escutar?

**Dona Toinha:** Cheguei não, eu num cheguei a escutar choro de criança não. Mas o povo dizia que pagão chorava.<sup>125</sup>

Diferente da narrativa de seu Nivaldo, Dona Toinha, que também nunca ouviu a lamentação dos pagãos, não duvidou da sua existência no passado. Nas suas memórias não há distinções entre o choro das crianças vivas e daquelas falecidas. Para a entrevistada, o som meloso na escuta das pessoas despertava a percepção da presença sonora dos mortos infantis no convívio dos vivos. Todavia, se para Dona Toinha o choro dos pagãos era um assunto presente entre as muitas vozes do passado, para outros narradores, esse continua assumindo

<sup>124</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha p. 22.

<sup>125</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, cidade do Crato. p.8. Grifo meu.

tonalidade nas trelas da contemporaneidade e, além disso, se fazendo presente nos tempos vividos e espaços palmilhados pelos narradores.

Nas falas de alguns entrevistados mais jovens, como é o caso da manicure Cida, amiga e vizinha de Mayane, hoje, o antigo saber dos mais velhos é conhecido por todos: jovens, adultos e velhos. Consoante suas palavras, tal conhecimento amplamente difundido tem consistência na veracidade do som meloso, reiterado pela afirmação de outras pessoas:

É tanto que, isso daí, os mais velhos e gente novo também, como minha mãe sabe, que minha mãe já tem idade, mais eu sei que você sabe, sua mãe sabe, todos sabem (...). *Muitas vezes você vê um choro que não é de uma criança chorando. Você vê, você escuta aquele choro. E os mais velhos dizia.*<sup>126</sup>

Nestas palavras, a partir da vibração sonora, as pessoas construíram uma visibilidade do morto pagão não representada através do olhar, mas sim no sentir sua presença mediante o choro misterioso. Entretanto, na atualidade, a choradeira dos pagãos pode ser confundida com o som transmitido via rádio, televisão ou mesmo de uma criança viva que, por ventura, esteja por perto de quem escute o murmúrio. Cida contou ainda que quando o fiel escuta algum choro deve procurar a direção de onde o som é propagado e observar se há algum equipamento de comunicação, como televisivos ou fonográficos, produzindo a sonoridade. Se, além disso, não houver nenhuma criança por perto, é, por certo, tratar-se do clamor dos pagãos. A narradora indica como perceber a voz chorosa desses mortos:

Porque tem muita vez que você escuta um choro. Se um dia acontecer de você ouvir algum choro que não seja, que não tenha um bebê dentro da sua casa, num tenha uma televisão ligada com um bebê chorando, num tenha nada, muitas vezes os mais velhos diz:

— Diga que é um pagão.

Mesmo sem saber, mesmo sem saber onde está. Mesmo sem saber quem é.<sup>127</sup>

É interessante notar que não há necessidade de saber quem são os pais do pequeno morto e/ou a qual família ele pertence. Igualmente, não há exigências sobre seu nome. Em certa medida e em certo sentido, a identidade e o sexo da criancinha morta não têm relevância nas memórias.

---

<sup>126</sup>Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato, p. 14-15. Grifo meu.

<sup>127</sup>Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato, p.15.

Nas memórias construídas pela avó de Mayane, Dona Toinha, há um tempo determinado para o som do choro ecoar e para os vivos que o escutarem irem batizá-lo. Sobre essa questão, cabe indagar: como os narradores interpretam essas temporalidades?

Seguindo essa inquietude, é verossímil como há referências atribuídas ao tempo cronológico do calendário e, não contraditoriamente e igualmente não menos importante, menções ao tempo vivido dos narrados, ou melhor, a momentos específicos do seu cotidiano. Ademais, há recortes no tempo natural, entre o dia e a noite. Sobre a primeira referência temporal mencionada, os indícios apresentados por Dona Losinha são importantes:

Os que morriam pagãos, eles com sete anos eles choravam. Aí pegava e batizava. Pegava sal, água aí rezava e fazia cruz e batizava os pagãozinhos que choravam. Lá no Juazeiro nós escutemos foi muito choro de criança (...). Diz que com sete anos que a criança é pagão, diz que ele chora e a pessoa batiza. Ali no conjunto Santa Luzia mesmo já chorou, um meninim. É por todo canto.<sup>128</sup>

Tais memórias dão continuidade a alguns saberes outrora propalados. Segundo os escritos de Câmara Cascudo datadas no século XX, no passado havia a delimitação temporal que encerrava o choro dos pagãos e que limitava o tempo do batismo das almas. Tal lamentação ocorria até os sete anos, o que correspondia aos tempos fronteiraços da idade das crianças.<sup>129</sup>

Semelhante às memórias de Dona Losinha, outros narradores delimitaram os setes anos como o tempo limítrofe em que o choro poderia ecoar. Nessas narrativas um detalhe merece ser destacado: eles se referiram ao passado. Na contramão dessa temporalidade, a penitente Maria Generosa aponta para alguns indícios bastante significativos sobre a contemporaneidade. Eis um fragmento do nosso diálogo:

**Maria Generosa:** Agora chorinho assim que o povo diz com sete dias que morre né. Aí escuta o choro. Aí a pessoa tendo coragem batiza. Mas não é todo mundo que tem coragem de batizar.

**Joaquim:** E qual é o tempo da alma chorar?

**Maria Generosa:** É com sete dias que morre. Batiza no vento, criança, José, que todo mundo é José e Maria:

— Deus te batize em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.  
Reza o creio em Deus Pai e acaba tudo.<sup>130</sup>

<sup>128</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato, p.5.

<sup>129</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11 ed. São Paulo: Global, 2002, p. 466.

<sup>130</sup> Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, na cidade de Porteiras. p. 14.

Talvez a narradora tenha confundido os anos com os dias ao delimitar a temporalidade do choro dos pagãos. Foi isso que pensei inicialmente. Por essa razão, repeti a pergunta, e ela prontamente reafirmou os sete dias como o recorte temporal para o batismo do morto, no vento. Nessa nova delimitação temporal, o tempo foi reduzido de forma significativa. Como se os ritmos do além seguissem os compassos da contemporaneidade no mundo terreno, sendo este marcado, dentre outras experiências, pela velocidade temporal das relações, os pagãos possuem menos tempo para chorar e, com isso, obterem a possibilidade da salvação.

Embora haja uma ressignificação do tempo nessas memórias, a recorrência do numeral sete é um signo relevante na narrativa. Vale sublinhar que, como diz Goody, a repetição é uma das características mais marcantes das ‘formas orais padronizadas’. Ampliando esse horizonte, é importante pôr em relevo que a repetição também provoca a reinvenção.<sup>131</sup> Desse modo, no passar dos tempos, novos detalhes foram inseridos, alargando, reduzindo ou suprimidos signos na tradição oral sobre o choro dos pagãos, a exemplo do tempo destinado à lamentação.

Sobre os limites do tempo, eu ainda perguntei a Maria Generosa:

**Joaquim:** E se passar dos sete dias e a criança não chorar?

**Maria Generosa:** Chora, tem que chorar que é mode ter quem batize.

**Joaquim:** De todo jeito ela vai chorar?

**Maria Generosa:** É que tem gente que num batiza né. Vê aquele choro:

— Vixe Nossa Senhora, não, não.

Mas é uma criança, é dos pagãos (...).

**Joaquim:** E tem o mesmo valor?

**Maria Generosa:** Tem o mesmo valor. Batizou pronto. Não chora mais. Agora tem gente que faz é correr logo com medo [Risos].<sup>132</sup>

Entre o medo sentido pelos outros e suas risadas na ocasião de realização da entrevista, a penitente Maria Generosa foi enfática da necessidade do choro. Nas suas palavras, aquela alma não tem opção. De toda forma, ela terá que chorar para ser batizada e obter a salvação. Concomitante, ela e todos os demais narradores, narraram sobre o fim do murmúrio pagão a partir do seu rito batismal.

As memórias de Dona Toinha trazem ao cerne do debate mais um elemento místico sobre essa questão:

**Joaquim:** E tem um tempo certo para chorar e para batizar?

<sup>131</sup> GOODY, Jack. *O mito, o ritual e o oral*. Op. Cit., passim.

<sup>132</sup> Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, na cidade de Porteiras.p. 14. Grifo Meu.



**Dona Toinha:** Tem. Tem o tempo certo. *Quando chega o tempo deles se salvar, aí eles chora. Aí a pessoa vai e batiza o anjo que morre sem o batismo.*

**Joaquim:** Então não era qualquer tempo que ele chorava não?

**Dona Toinha:** Não era não. Tem o tempo deles chorar. Aquele tempo que ele chora e a gente vai e batiza. Aí se acaba a gente não vê mais.<sup>133</sup>

Para Dona Toinha, existe uma relação direta entre o momento do choro do pagão e o tempo destinado para a sua salvação. Há um tempo certo, porém não decifrado, creio eu por se tratar de uma incógnita divina. É o Pai celeste quem decide o momento de salvar o anjinho pagão. Nesse enigma do tempo, cabe aos vivos esperar o momento da lamentação e realizar a vontade de Deus.

Mais uma questão vem à baila. De onde o som misterioso do choro dos pagãos é propagado? Como os narradores significam as dimensões do além ou os espaços terrenos a partir dos quais a lamentação pagã se propaga e ressoa no presente? Quais os focos narrativos são estabelecidos mediante a relação entre as temporalidades e espacialidades?

Algumas respostas foram elaboradas pelos narradores quando o teor das entrevistas foi direcionado para os espaços nos quais os pagãos eram enterrados. Nos diálogos com as incelenças de Barbalha, indícios significativos foram postos nos nossos entreolhares, acompanhados da atenção e intervenção curiosa de Mayane:

**Joaquim:** Têm também aqueles lugares que as pessoas enterram essas crianças? (...)

**Suely:** Na porta do cemitério.

**Chica Lôra:** Num pé de um cruzeiro. Pode enterrar em qualquer canto. Muita gente enterra até no quintal de casa, num quintal assim que nem esse meu. Enterra até no quintal da casa. Num podia, enterrava no portão do cemitério pelo lado de fora, mas do lado de dentro não podia.

**Mayane:** Os mais velhos diziam que não podiam.

**Chica Lôra:** E outra, nós morava bem vizinho do cemitério, uma vez. Tinha sempre um anjinho que chorava meia noite. O povo dizia que era pagão, aí a minha vó escutou que toda doze hora da noite ela estava no cemitério rezando né? Aí escutou o neném chorar, aí ela batizou, batizou e pronto, acabou o choro. Quer dizer que o batismo rogou né?<sup>134</sup>

Uma referência foi enfatizada nas memórias relacionadas ao tempo natural, entre o dia e a noite. Dona Chica Lôra enfatiza os momentos noturnos, mais precisamente, à meia-noite, como os tempos para escutar aquele choro. E ela não foi a única entrevistada a tecer esse demarcação temporal. Ao que tudo indica, essas memórias seguem os saberes enredados na

<sup>133</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, Crato. p.8. Grifo meu.

<sup>134</sup> Entrevista realizada com Francisca Rodrigues de Matos e Sueli Matos, em 15/09/2013, na residência de Suely, sítio Cabeceiras, Barbalha, p. 5.

tradição dos mais velhos. Todavia, para alguns narradores da atualidade, o som choroso não tem uma temporalidade diurna ou noturna adequada, reguladora ou frequente. No tempo presente, ele pode ser escutado a qualquer momento, no claro do dia ou na escuridão da noite.

Dona Chica Lôra e sua filha, Suely, enfatizaram que o choro ecoava nas proximidades de um cemitério. Entretanto, como elas mesmas explicam, isso não quer dizer que ele soava do lado de dentro do Campo Santo. Tanto elas, quanto outros narradores, foram enfáticos na interdição ante posta aos corpos mortos dos pagãos: a tradição ensinava que deveriam ser enterrados na porta externa dos cemitérios, nos contornos dos cruzeiros dispersos ou mesmo no quintal de casa.<sup>135</sup>

Esses enterramentos nas proximidades das residências nos remetem às práticas fúnebres antiguíssimas. Philippe Ariès afirmou que durante muito tempo permaneceu no país Basco, na Europa, o costume de enterrar no jardim de casa o corpo da criança morta sem o batismo. Tal pesquisador francês apresenta essa informação dando ênfase ao que parecia uma indiferença tocante à morte de crianças na Europa até meados do século XIX.<sup>136</sup>

Nas conversas gravadas durante a pesquisa de campo, uma resposta que vai ao encontro das memórias de Dona Chica Lôra e que aprofunda esse debate despertou minha atenção. Eu perguntei ao agricultor Luiz André se todos os pagãos choravam ou se havia diferenças entre eles. Rapidamente, seu Luiz me respondeu: “é aquele que vai enterrado, que já nasce fora de tempo. Já fora do tempo que vai enterrado sem num ser no cemitério comum, assim que nem esse daí [aponta para a direção do cemitério da cidade] sendo no mato, eu acho que chora né”.<sup>137</sup>

Seu Luiz construiu uma relação direta e justaposta entre o tempo e o espaço. Primeiramente, enfatizou como o pagão está situado fora do tempo desde o nascimento. Aqui vale enfatizar que nascer fora do tempo significa também nascer antes do tempo adequado, isto

---

<sup>135</sup> Como lembra Luiz Vailati, tais enterramentos fora dos espaços sagrados eram práticas antigas oriundas da histórica segregação dos sepultamentos dos corpos mortos no Ocidente cristão, em virtude dos critérios socio-religiosos instituídos pela Igreja e pelo Estado. Pagãos, suicidas, ateus, entre outros, não possuíam o direito de serem sepultados nos espaços oficialmente considerados como sagrados. VAILATI, Luiz Lima. *A morte menina*. Op. Cit.

<sup>136</sup> Segundo Ariès: “Talvez, houvesse aí uma sobrevivência de ritos muito antigos, de oferendas sacrificiais. Ou será que simplesmente as crianças mortas muito cedo eram enterradas em qualquer lugar, como hoje se enterra um animal doméstico, um gato ou um cachorro? A criança era tão insignificante, tão mal entrada na vida, que não se temia que após a morte ela voltasse para importunar os vivos”. ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Op. Cit., p. 22. Outrossim, ao se reportar ao Cariri cearense, não podemos deixar de considerar as antiguíssimas tradições fúnebres do povo Kariri. Todavia, não encontrei, durante o desenvolvimento da pesquisa, estudos apurados sobre suas tradições fúnebres, a não ser, referências sobre os enterramentos dos corpos em urnas funerárias, mencionadas, por exemplo, na obra: ARAÚJO, Pe. Antônio Gomes. *A cidade de Frei Carlos*. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, 1971, p. 136-141.

<sup>137</sup> Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, Bairro Campo Santo. Porteiros. p. 21.

é, ser natimorto ou falecer durante e/ou após o parto. Mas, ainda conforme o narrador, não são todos aqueles que emitem o choro meloso. São, sim, aqueles que, além de serem nascidos “fora do tempo” estão igualmente situados fora dos espaços oficialmente tidos como sagrados destinados culturalmente aos sepultamentos dos corpos mortos. E, por fim, se estes foram excluídos destas espacialidades é porque não foram batizados. Há, nesses termos, uma (con) fusão de significados.

Ao passo em que narrava sobre os momentos do cotidiano no qual era possível escutar o choro dos pagãos, Dona Toinha discorreu:

**Joaquim:** E tinha uma idade certa para ele chorar?

**Dona Toinha:** Tem. Só gostam de chorar naqueles tempos de reza nas igrejas, que a gente vai pra as novenas, para a missa, aí a gente escuta aquele choro assim, naqueles cemitérios assim por dentro do mato que gosta de enterrar naqueles cemitérios do mato. Aí a gente escuta aquele choro. Aí a gente vai e batiza [silêncio].

**Joaquim:** E essas crianças num erram enterradas nos cemitérios não?

**Dona Toinha:** Era não. Os que morre sem batismo, sendo pagão, não enterram no cemitério não. Enterram assim num, onde tem um curral, aonde tem um mato verde, uma coisa, um pé de pau, a gente vai a enterra lá. Num enterra no cemitério não.

**Joaquim:** E porque o curral e o pé de pau?

**Dona Toinha:** É porque o curral é abençoado. O curral de gado é abençoado. Num disse que o Cão vinha correndo atrás de um vaqueiro. Aí disse que o vaqueiro correu, correu, correu, correu. Aí disse que pulou dentro de um curral de gado. Aí disse que ele disse assim:

— Foi o que te valeu.

Porque o gado é abençoado. É, abençoado por Deus.

**Joaquim:** E o pé de pau [árvore, planta]?

**Dona Toinha:** O pé de pau também é, que é da natureza. O pé de pau é da natureza. É das obras de Deus, é da natureza. Toda árvore é da natureza. Toda árvore é abençoada por Deus porque é da natureza.<sup>138</sup>

Os “tempos de rezas nas igrejas”, isto é, os momentos cotidianos nos quais os fiéis saem das suas moradas e percorrem espaços em rituais religiosos são identificados como propícios para eles escutarem o murmúrio dos pagãos. Nesses termos, é comum escutarmos narrativas que apontam para a necessidade daquelas pessoas, residentes nas proximidades dos cemitérios oficiais ou que muito transitam por veredas rurais, ficarem alerta para a possibilidade de ouvirem o choro do morto pedindo o batismo.

Na narratividade, o choro ecoa dos “cemitérios” existentes nos matos, bem como dos currais de boi e das árvores. No chamado “Nordeste brasileiro”, estes também eram espaços

<sup>138</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, Crato. p. 9.

nos quais, tradicionalmente, os corpos das criancinhas pagãs eram enterrados, em virtude da interdição sobre eles que prevaleceu até o fim do padroado, quando a Igreja Católica detinha o controle sobre os sepultamentos nos espaços sagrados, como Igrejas e capelas, até meados do século XIX, e Campos Santos, a partir da sua invenção e difusão no território brasileiro no delinear do oitocentos. Entretanto, como fora inserida na construção imaginária, portanto, numa longa duração, a tradição permaneceu na paisagem cultural do século XX, e perdura até hoje.<sup>139</sup>

Confesso que não encontrei, durante o desenvolvimento da pesquisa de campo, cruzeiros demarcando os enterros de crianças pagãs em currais e/ou debaixo de árvores. Mas encontrei, de fato, muitos túmulos de pagãos nos contornos das cruzeiros que marcam os espaços sobre os quais pessoas foram vítimas de morte trágica.<sup>140</sup> Tais túmulos são visíveis e demarcados com outras cruzeiros pequenas, às vezes pintadas de azul, outras de rosa, ou simplesmente, apenas com a cor das próprias madeiras com as quais os artefatos foram produzidos. Às vezes são rodeadas de pedras que ajudam a dar sustentação às cruzinhas. Muitas possuem fitinhas de devoção, imagens quebradas de santos nos seus contornos, restos de velas e, em alguns casos, lixo e mato.

Nos espaços rurais e nas periferias urbanas do Cariri contemporâneo, esses espaços ainda existem, embora venham sofrendo um processo de destruição e silenciamento, dentre outras causas, promovidos por parte dos poderes públicos e religiosos – aspectos outrora também percebidos por Oswald Barroso sobre o sertão cearense nas décadas iniciais da segunda metade do século XX – bem como em virtude da expansão das cidades e ocupação de espaços que no passado ficavam distantes dos centros urbanos.<sup>141</sup> Eram e, alguns casos, continuam sendo esses “cemitérios dos/nos matos” espaços exclusivos para os enterramentos dos corpos de crianças não batizadas, outrora chamados de “cemitérios de pagãos”. Hoje também são conhecidos como cemitérios de anjinhos (ver anexo D).

---

<sup>139</sup> Alceu Maynard já narrava nos anos 1960 como os cemitérios de pagãos eram facilmente vistos nas beiras das estradas do Nordeste brasileiro, identificados, segundo ele, por causas de três cruzeiros juntas que os caracterizavam. ARAUJO, Alceu Maynard. *Folclore Nacional III: ritos, sabença, linguagem, artes populares, técnicas tradicionais*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.78.

<sup>140</sup> A morte trágica é uma categoria já pensada por José Reis que designa sobre o Brasil de outrora os vitimados de uma morte repentina, sem preparação espiritual e material, estando, portanto, fora de um plano. Esses casos agregam as vítimas de assassinatos, afogamentos, acidentes, sujeitos atacados e/ou devorados por feras, mortos de fome e de sede. Cf. REIS, 1991. Essa categoria difere da ‘pedagogia católica do bem morrer’, isto é, dos ensinamentos tocantes aos ritos de tempo e de espaço destinados ao momento da morte e do transpasse do morto ao outro mundo. Ver: RODRIGUES, Cláudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII – XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p.39-40.

<sup>141</sup> BARROSO, Oswald. *Romeiros*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto; Crato: URCA, 1989, p. 108-109.

Dito isso, o que está em evidência nas memórias é que o pagão chora no tempo específico de Deus e, concomitantemente, no tempo histórico do cotidiano dos fiéis. E seu reclame ressoa a partir do local no qual seu corpo foi enterrado. Daí a necessidade de, após escutar o choro, encontrar o espaço do qual o corpo morto está e realizar simbolicamente o rito do batismo do morto. Este ritual assume, por conseguinte, a conotação de uma reparação diante da histórica segregação dos seus corpos e de suas almas.

Dona Joana, a agricultora que possui um cemitério de anjinhos no quintal da sua morada, no alto da Chapada do Araripe, narrou sobre o ritual do batismo do pagão e explicou como ele ocorre: “É, e batizar: - José e Maria, eu te batizo com as palavras do Nosso Senhor Jesus Cristo. Aí a gente vai e joga água na cruz. Aí eles ficam batizados. É aí tem que ser em formato de cruz”.<sup>142</sup>

Conforme essas memórias, é necessário jogar água durante a ritualística batismal. Para a entrevistada mencionada, o líquido deve ser jogado sobre a cruz que marca a sepultura do pagão, igualmente formando o gesto do crucifixo. Com efeito, na mímica cotidiana, esse gesto significa abençoar. Portanto, a tradição o indica como detentor de aspectos mágicos. Nesse sentido, molhar o cruzeiro representa batizar e abençoar o corpo morto, ali enterrado, e a alma pagã que o circunda e o adeja. Estabelecendo essas conexões, os significados da água depositada sobre o túmulo do pagão provoca o nascimento do ser cristão, mesmo estando morto.

Agora, o nome do pequenino ganha relevância, posto que a alma deve ser nomeada. Isso faz com que, pelo menos em princípio, ela seja integrada na memória familiar. Dando prosseguimento à antiga tradição católica já apontada por Vainfas e Souza sobre a América portuguesa, os fiéis fazem uso dos nomes de santos e santas de sua devoção, seguindo a crença segundo a qual o novo cristão é protegido pelo santo(a) escolhido(a).<sup>143</sup> Na grande maioria das vezes, as almas recebem apenas o primeiro nome, que comumente é Maria, caso menina, e José ou João, se for menino.

Como o nome do morto, a partir desse momento batizado, não consta em documentos que podem e/ou poderiam atestar sua vida e morte, visto que muitos não possuem sequer o registro de nascimento, em alguns casos, ele é inscrito na cruz de madeira erguida no seu túmulo, quando ela existe. Comumente, junto ao nome do novo anjinho é inscrito também

---

<sup>142</sup> Entrevista realizada com Dona Joana [pseudônimo], em 12/06/2011, na sua residência, zona rural de Porteirias. p.1-2.

<sup>143</sup> VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz de. *Brasil de todos os santos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 44.

a data do nascimento e da morte da criança que, na grande maioria dos casos detectados, são as mesmas.

Diferente das memórias de Dona Joana, a narrativa da manicure Cida, diz que na atualidade não é necessário ir até o túmulo do pagão para realizar o batismo da alma. Ela conta que ao ouvir o choro sobrenatural, o fiel deverá dizer as palavras ritualísticas na direção da lamentação, dispensando o uso do simbolismo da água. Assim ela contou:

Muitas vezes você vê um choro que não é de uma criança chorando. Você vê, você escuta aquele choro. E os mais velhos dizia:  
 — Ó, se vocês ouvir aquele choro, aí você pode responder assim:  
 — Se for homem, eu te batizo com o nome de João, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. E se for mulher eu te batizo com o nome de Maria, em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo.  
 Esses aí é os anjinhos pagãos que morreram sem ser batizados.<sup>144</sup>

Isso coloca em cena algumas mudanças e continuidades acerca das sensibilidades e práticas religiosas dos fiéis entrevistados, ao passo em que elucida aspectos das malhas do catolicismo vivido nos sertões de ontem e de hoje, urdidos, grosso modo, segundo as necessidades dos fiéis.

Na contemporaneidade, o batismo da alma também foi projetado em contradições e imerso em situações intrigantes e instigantes, pondo em cena os confrontos entre os ensinamentos da tradição dos mais velhos, e as necessidades do tempo presente.

Segundo a manicure Cida, logo que as mulheres engravidam elas devem procurar os padrinhos da criança. Na sua narrativa, uma vez atribuída a alguém para apadrinhá-la, ainda no ventre materno, os poderes divinos firmam o laço sagrado com o espírito. Necessariamente, a alma presa no interior da criança em processo de formação já tem quem a interceda, pelo menos nas orações. E se caso os pais desejarem mudar os escolhidos antes do batismo oficial, eles até podem fazê-lo, no entanto, tal alteração não tem valor para os poderes celestes. Desta maneira, os primeiros sujeitos continuarão sendo os padrinhos da criancinha:

É tanto que você quando você está grávida, engrávida, o certo mesmo é você engravidar e já procurar os padrinhos. Porque padrinho é uma coisa muito fina né, pra uma criança. E a criança, se a criança nascer morta, o povo disse que nasce batizada porque você já deu seu filho pra aquele... vamos supor que você está grávida. Aí diz:  
 — Ó eu vou te dar meu filho pra tu ser padrinho.  
 Aí quando, por qualquer coisa, você tem raiva dele. Desiste de dar o filho pra ele.  
 — Você num vai mais ser o padrinho do meu filho.

<sup>144</sup>Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato, p.15.

E dá pra outra pessoa, aquele leva seu filho pra Igreja, se batiza, mas quem continua sendo o padrinho vai ser ele. Mas hoje em dia é porque o povo num liga, num leva as coisas a sério, num sabe? <sup>145</sup>

Nestas memórias, as ambiguidades tocantes o batismo da alma obtêm lugar, o que, do seu lado, pluralizam o lugar da interpretação. Enquanto que para alguns narradores há necessidade de batizar a criança após seu nascimento, para outros, o sentido simbólico desse ritual acontece desde o momento no qual os pais escolhem seus padrinhos, pois, estes são indicados como “coisas muito finas”, ou seja, importantes. Caso, por alguma desventura, a criança faleça, ainda no ventre da mãe, ela já estará apadrinhada. E, embora não tenha recebido as águas santas na pia batismal, sua dimensão espiritual carrega a marca cristã:

Se ela por acaso tivesse, se alguém der um filho, engravidasse:

— Eu vou te dar meu filho pra tu ser padrinho tu aceita?

Que também é pecado você dizer que não aceita. Aí:

— aceito.

Pronto! se ironia do destino aquela criança nascer morta, ela já nasce batizada. Por que? Porque você já é o padrinho. Se a mãe desistir de te dar o filho pra ser padrinho por qualquer motivo que seja, dá pra outro. Aquele leva pra Igreja, batiza, mais o padrinho continua sendo você. <sup>146</sup>

Dessa maneira, a intenção inicial atribuída ao Céu para selar o apadrinhamento vale mais do que mesmo o rito realizado na terra. Entretanto, isso não é um consenso entre os narradores. Aliás, Cida foi a única a falar sobre essa redefinição.

Essas memórias evidenciam a complexidade da relação entre os significados do tempo, o choro dos pagãos e seu batismo, posto que também colocam em relevo suas relações com o compadrio. A partir das cartas escritas pelos devotos para o Pe. Cícero, o historiador Régis Lopes Ramos lembra que o compadrio fortalecia as relações entre os católicos. Os laços de apadrinhamento ampliavam a noção de família, urdida a partir de um acordo entre os pais e os sujeitos escolhidos por eles para serem os padrinhos da criança viva. Aceitando o convite, o padrinho e a madrinha passavam a orientar e proteger o(a) afilhado(a). Criava-se, então, uma irmandade de apoio mútuo entre os pais, padrinhos, madrinhas e os pequenos apadrinhados, irmandade esta baseada nas relações de veneração e confiança. <sup>147</sup>

<sup>145</sup> Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato. p. 15.

<sup>146</sup> Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato. p.15.

<sup>147</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Papel passado: Cartas entre os devotos e o Padre Cícero*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 49.

Nos casos concernentes ao batismo dos pagãos, mais uma questão merece ser indagada: como a criança já estava morta, qual a utilidade do compadrio? Para compreender essa questão, vale conferir a narrativa do agricultor André Luiz:

Lá detrás da minha casa, que morava um senhor, bem pobrezinho que nós botemos pra morar lá. A mulher dele foi e teve uma criança. Abortou. Já conhecia, era uma menina. Era grandinha assim [gesticula com as mãos o tamanho de um feto]. Tinha perna, braço, tudo, tudo. Aí já conhecia. Era uma menina fêmea. Aí a parteira foi e disse:

— Não, pode enterrar aí na biqueira da casa.

Aí cavaro o buraco e aí enterraro. Aí ele foi, esse senhor, vai e derruba a casa e foi morar em outra casa assim embaixo, em outra casa mais melhor. Com sete dias, com sete dias, eu num vi não. Eu num vou dizer que vi, mas minha cunhada, ainda hoje ela é viva, viu a criança, o choro da criança lá nos torrão da casa. Com sete dias não, lá vem, com sete meses, viu a criança chorando. Aí meu irmão chamava Zé. Ela disse:

— José, ali tem um choro de um menino ali.

Aí Zé disse:

— Oxe, conversa homem!

— Tem, vem escutar.

Aí Zé arroudeou a casa e ficou assim na biqueira casa. Aí viu o choro. Lá nos torrão. Ele disse:

— Angelita, que é a mãe de Ciê, tu sabe quem é? A mãe de Ciê.

— Eita Angelita, é o menino de Pastora, que a mulher que morava lá chamava Pastora, é o menino de Pastora que tá chorando ali. Foi enterrado pagão. Vamos batizar?

Aí Angelita disse:

— Oxen Zé, como?

— Batizando. Chegar lá se benze e reza um Padre Nosso e, o ato de confissão, e pronto.

Aí foro lá, rezaro o Padre Nosso lá, o ato de confissão. Aí [gesticula com as mãos] acabou-se, num chorou mais não. Aí ficou. Aí Zé foi e disse ao homem lá, chamava Manel.

— Manel agora nós somos compadre.

Morreram compadres. Por causa dessa criança que não chorou mais não. Eu num vi não, mas Zé me contou e Angelita que é minha cunhada me contou.<sup>148</sup>

O caso narrado indica como os laços firmados no batizado das almas pagãs fortalecem as relações de irmandade e apoio mútuos entre os vivos. É mister frisar que promover o ritual do batismo constituía uma obrigação de quem escutava a lamentação dos pagãos. Segundo os entrevistados, a pessoa que assim o fizer, se tornará o padrinho ou a madrinha do morto, caso seja homem ou mulher, respectivamente. Além disso, ele(a) terá, nas relações terrenas, um novo compadre ou comadre, ligados pelas forças celestes, uma vez que o

<sup>148</sup> Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, Bairro Campo Santo. Porteirias. p. 20-21.



morto batizado será, no imaginário dos narradores, um ser intercessor daqueles que ficaram no mundo terrero.

Vale reiterar que nas crenças dos entrevistados, o batismo do morto pagão o transforma em um anjo cristão, ou seja, o liberta das amarras do tempo terreno e o projeta nos resplendores celestes. Desse modo, o ritual tem o mesmo sentido atribuído ao rito realizado com a criança viva: ele insere a criatura no tempo sagrado e nas dimensões do além cristão. Se o sujeito batizar a alma que chora, ele a livrará das fronteiras entre o mundo terreno e o além, e ela, por sua vez, intercederá por ele junto aos poderes divinos, após seu ingresso no Paraíso. Como em vida a criança não escolhe seus padrinhos, igualmente sua alma parece não selecionar quem irá apadrinhá-la. O mais importante recai na realização do batismo e na sua consequente saída do desconforto da zona terrena.

Dona Joana diz já ter batizado as cruces, os túmulos e as almas das criancinhas por duas vezes.

Já batizei duas vezes. Aí pronto, depois que eu batizei essa última vez... Uma vez chorou, eu ainda era moça. Eu estava em casa de noite. Aí foi o meninim chorou. Aí eu disse:

— Oxente, os pagãos tá chorando.

Nós corremos pra lá. Eu num sabia batizar né. Aí quando mãe chegou, que mãe tava na casa de minha irmã. Aí mãe foi e disse:

— Minha filha porque tu num batiza? Só é batizar. Só é chamar por José e Maria e rezar um Padre Nosso e uma Ave Maria tá batizado, e jogar água. Aí eu disse:

— Tá bom mãe, pois agora eu vou ficar esperta.

Aí eu sei que passou um tempo. Aí quando eu me casei, que eu tive minha primeira menina. Morreu. Eu fui e enterrei ali. Aí quando foi com um tempo chorou. Aí eu digo os pagãos tá chorando de novo. Aí eu corri. Aí quando eu cheguei lá, aí eu fui batizei. Aí pronto num chorou mais não, desse tempo prá cá não. Já tem bem uns doze anos. E não chorou mais não. Nunca mais eu ouvi não.<sup>149</sup>

Nascida e criada no mesmo lugar onde mora ainda hoje, Dona Joana cresceu cuidando do cemitério de anjinhos situado nas proximidades da residência de sua mãe, antiga zeladora do espaço que, por sua vez, herdou da própria mãe. Posteriormente, Dona Joana assumiu os cuidados dos túmulos dos anjinhos, protegendo-o até hoje. Trata-se, portanto, de um cemitério familiar, cuja existência possui pelo menos três gerações.

As memórias apresentadas colocam em cena o lugar social de cada narrador. Pois, o ouvir contar as narrativas sobre a prisão e as aparições do choro dos mortos pagãos na Terra

<sup>149</sup>Entrevista realizada com Dona Joana [pseudônimo], em 12/06/2011, na sua residência, zona rural do município de Porteiras.p. 1-2.

lança luz sobre as visões de mundo dos entrevistados, visões estas que entremeiam e entrelaçam saberes diversos. Nesse sentido, a tradição oral não era apenas contada, era também encenada, vivida no ritual do batismo. Ela assume, portanto, um aspecto prático na vida dos narradores, mantendo, inclusive, os laços do compadrio.

De tudo isto, resulta que, as memórias alusivas às temporalidades do chamado de Deus, suas conexões entre as dores e as alegrias do destino humano e as intempéries vividas na concretude da existência dos narradores, evidenciam leituras de mundo nas quais os anjinhos, em suas variadas faces e hierarquias, as mortas em gestação, durante e após o parto e as criancinhas abortadas são projetadas nas *fronteiras do tempo*.

Há, nessas construções, sentidos místicos alusivos aos enigmas de Deus, ao ouvir e ao sentir experiências humanas e transcendentais. Pelo exposto, os mistérios do sagrado vêm à tona nas memórias, fazendo emergir muitas temporalidades sobre a vida e a morte, ou melhor, tentativas de compreensão dos mistérios divinos sobre o tempo do entremeio, da passagem dos vivos pela Terra e das cenas de enunciações. Nesses termos, as dimensões sagrada e profana da vida e da morte são postas num movimento complexo de nivelamento da criatura humana, do tempo e do próprio sagrado.

Resta frisar ainda que, as *fronteiras do tempo* foram pensadas a partir dos focos narrativos apresentados pelos narradores, quando estes explicavam os sentidos atribuídos aos mortos que faleceram ou morreram à beira do rito de passagem do nascimento de um ser no mundo terreno. Nesse sentido, o anjinho, morto na gestação, no nascimento ou logo após esse rito, ficou à beira do mundo terreno, não sendo inserido nos signos do tempo dos vivos. Ele integra o mundo celeste. Nasceram vivos e/ou mortos para não pertencerem às temporalidades mundanas, mas sim, para atenderem ao chamado de Deus, ao passo em que reforçam a presença divina na terra e rememoram os saberes sobre os mistérios celestes.

Assim sendo, os anjos são hierarquizados a partir do tempo e no tempo. Em outras palavras, sua própria natureza é também temporal. De igual modo, as mulheres mortas em gestação e/ou no parto – seja via morte natural ou assassinada – são inseridas nas fronteiras do tempo em virtude dos anjinhos que geravam nos seus ventres. Morrer carregando um deles e/ou falecer no momento do parto possibilita sua salvação. Nesse sentido, na contemporaneidade, tal temporalidade e circunstancialidade são sinônimos de bem-aventurança.

Outrossim, os abortados – embora nas memórias estejam situados numa zona confusa ou imprecisa – morrem nas fronteiras temporais, obtendo, conforme algumas narrativas, o merecimento do Paraíso. Nesses casos, cabe a perdição no tempo àquele(a) que realizou o aborto intencional.

De igual modo, os pagãos estão situados nas fronteiras do tempo. Entre os setes anos ou os sete dias, sua dimensão espiritual chora reclamando o batismo e, com isso, exigindo sua inserção no Paraíso do além cristão. É nesse terreno do dizível e do indizível, do desejado e do indecifrável, que os fiéis projetam e ressignificam suas memórias. Também é nesse campo da fala e do mistério que os mortos pagãos aguardam junto ao seu túmulo o momento adequado para lamentar e, sendo atendida pelos vivos, bater as asas na rota do Céu.

Além disso, tomadas como objetos culturais da contemporaneidade, mas estando atreladas aos múltiplos saberes transmitidos entre diferentes gerações, as narrativas sobre o choro e o batismo das almas esclarecem, mediante os diálogos tecidos, os estreitos laços constitutivos das tradições orais religiosas e as demandas no cotidiano das populações do Cariri contemporâneo. Revelam, também, a maior ou menor interação e integração dos fiéis com os saberes e as normas oficiais do catolicismo.

Tudo isso coloca em cena a complexidade da fronteira. Como lembra Sandra Pesavento, esse é um conceito ambivalente:

Mas as fronteiras não são apenas marcos divisórios construídos, que representam limites e que estabelecem divisões. Elas também induzem a pensar na passagem, na comunicação, no diálogo e no intercâmbio. Figurando um trânsito não apenas de lugar, mas também de situação ou época, essa dimensão da fronteira aponta para a instigante reflexão de que, pelo contato e permeabilidade, a fronteira possibilita o surgimento de algo novo, híbrido, diferente, mestiço, de um terceiro que se insinua nesta situação de passagem.<sup>150</sup>

Portanto, os mortos à beira do rito de passagem do nascimento são situados nas memórias pertencendo aos limites do tempo do seu nascimento (anjinhos e abortados), ou de outrem (mães mortas). Igualmente, as fronteiras do tempo indicam como as temporalidades designam e hierarquizam o sagrado, bem como possibilitam a salvação a partir da situação de passagem.

---

<sup>150</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteiras do milênio*. Op. Cit, p. 8.

## 2. ENCONTROS DOS/NOS TEMPOS!

“Os mortos não morrem quando deixam de viver,  
mas quando os votamos ao esquecimento”.

(Mia Couto)

Há alguns anos atrás, um moribundo foi dado como morto. Uns diziam “- morreu, morreu!” Outros: “- morreu não!”. Antes de ser sepultado, ressurgiu. Nas narrativas orais propaladas sobre essa intempérie, ora aquele sujeito morreu, ora ele foi ao outro mundo em vida e voltou.

Ao acordar e retornar a falar com os vivos, ele narrou o que sua alma viu no além. Dentre os mistérios da passagem, ele se viu dentro do Inferno. Lá, encontrou fulanos, sicranos e Marias de tal. O fogo intenso que faz sofrer foi narrado, bem como o azeite queimando as almas e intensificando as penas daqueles mortos. Além desses signos, ursos habitantes da dimensão infernal foram lembrados, afinal, nas narrativas orais de muitos narradores, há monstros, animais e outros seres amedrontadores e agressores que habitam aquela dimensão. No caso dos ursos, seu símbolo reforça continuidades dos saberes outrora difundidos no Ocidente cristão como seres castigadores, estando, inclusive, presentes nos escritos bíblicos (2Rs 2,24). Como salienta Schmitt, nessa literatura o urso simboliza o inimigo, representado pelo descrente e/ou pagão, aspecto também presente nos sonhos da gente comum.<sup>1</sup>

De tudo o que foi contado, os detalhes na narrativa soam como quem tem o poder de falar sobre tal assunto, por se tratar de um testemunhado: a narrativa de quem presenciou e viu aquelas mazelas e crueldades. E nesse caso, a testemunha assume o signo de prova do tempo e no tempo. Simultaneamente, ela lança à baila um mistério.

Essa narrativa veio na entrevista com a penitente Maria Generosa. Ao narrar sobre o Paraíso, ela não deixou de citar o Inferno e a viagem que um conhecido seu realizou até lá:

---

<sup>1</sup> SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo: ensaios de antropologia medieval*. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes: 2014, p. 254.

**Maria Generosa:** As almas que vão pro Céu, essas estão muito satisfeitas. Às vezes vai no Céu antes de morrer logo né.

Aí tinha um homem que num foi no Céu não, foi lá no Inferno. O homem tava doente e dizia que num existia o Céu e nem Inferno. Ele dizia né. Quando foi um dia o homem lá deu um negócio. O povo dizia:

— Morreu, morreu!

— Morreu não!

Quando ele acordou deu notícia como era o Inferno. E quando foi com três dias ele morreu mesmo. Era Arthur Caldas, Arthur lá.

**Intervenção de uma vizinha:** Quer dizer que ele foi no Inferno e voltou?

**Maria Generosa:** A alma foi. Deu notícia. Quem, a alma né. Deu notícia de tudo lá. De todos que tava lá. Deu notícia de conhecidos mesmos né, que tava lá no fogo, fervendo, no azeite fervendo. Ele deu notícia de tudo. Quando tornou né. Com três dias morreu. Ele num ia mais porque já tinha ido né. Num ia mais não.

**Joaquim:** E por que foi?

**Maria Generosa:** É porque ele não acreditava. Dizia que nem havia Inferno, nem havia Céu.

— Oxente, e o que é que há se não for essas duas coisas né?

É, porque tem: triunfante e purgante, material e militante. Militante é o Inferno. Já falei demais [Risos]. Após é.

**Joaquim:** Essa foi a história do homem que foi por Inferno.

**Maria Generosa:** Foi, foi em vida logo né. Foi em vida, deu notícia.

— Fulano de tal, sicrano, sicrano tava lá e ursos.

De primeiro os ursos ia tudo pra lá né. Ele foi e disse o que é que tinha. As roupas, aquelas coisas, tudo que tinha ele contou. Quando tornou, e tava morre, num morre, morre, num morre. E ainda passou três dias vivo. Mais foi antes de morrer. Quando morre num vai mais né? Porque se arrepende de tudo, de tudo quanto fez se arrepende né. Aí num vai mais.<sup>2</sup>

Nas memórias de Maria Generosa, aquele homem teve forças, mas ele foi para o lugar, aparentemente, errado. O “negócio” que deu nele possibilitou sua viagem ao Inferno e seu retorno ao mundo dos vivos. Quando indagada sobre os motivos de ele ter feito essa travessia, a resposta foi apresentada como sendo um castigo: ela foi motivada misteriosamente em virtude da sua descrença na existência do Céu e do Inferno. Na narrativa, ele precisou ir, ver e sentir a dimensão infernal para asseverar a coexistência dos mundos e dos tempos. E, se o Inferno existe, seu oposto, o Paraíso, não pode deixar de ter seu lugar. Conforme a trama contada, não basta crer, é necessário dizer para os seus e, com isso, comprovar a existência daqueles lugares, doravante indiscutíveis. Nesse caso, a dúvida de um homem ordinário e a mudança do seu comportamento reforçou a fé de Maria Generosa e de muitos outros ouvintes. A linguagem da narrativa luta contra a descrença, a ausência de Deus.

Na primeira escuta dessas memórias, o Céu e o Inferno são apresentados como “duas coisas” existentes após a morte terrena. Mas, há sentidos escondidos. Basta atentar para

<sup>2</sup>Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, Porteiras. p.10-11.

as palavras para perceber que o mundo terreno está conectado com um além que, por sua vez, é dividido: “É porque tem: triunfante e purgante, material e militante”. Partindo deste último termo para o primeiro citado, a narradora imediatamente identifica o Inferno como a parte *militante*, pois, o Diabo e seus seres militam no mundo terreno buscando almas. Seguindo esse raciocínio, é fácil associar que o *material* designa a vida terrena, enquanto o *purgante* diz respeito ao recorte temporal destinado à purgação em um lugar misterioso do além e próprio para remissão dos pecados: o Purgatório. Por fim, o *triumfante* condiz com uma visão de mundo na qual o triunfo da vida eterna é designado após o ingresso da alma no Paraíso.<sup>3</sup>

O além e o mundo terreno coexistem nas memórias e são marcados pelos mistérios dos tempos existentes e específicos para cada um, incluindo aí as temporalidades próprias das suas subdivisões. Entre muitas viagens de ida e volta, ou mesmo sem retorno nenhum, às vezes esses tempos se encontram, e os mortos, o Diabo e outras criaturas promovem tramas e tramoias.

Na narrativa de Maria Generosa, após o regresso do homem que foi ao Inferno, ele viveu na Terra por três dias, tempo necessário para se arrepender e suprimir suas culpas. Entre os vivos, ele se redimiou da descrença outrora vivida e das afirmações que fazia sobre a inexistência do outro mundo. Passados três dias, ele morreu, viajou para não mais voltar. A assertiva da penitente, segundo ela partilhada com outras pessoas, como aquele morto já tinha ido ao Inferno, ele não mais caiu nas malhas daquela dimensão. O fato de ele ter retornado e, principalmente, se arrependido no tempo e no mundo dos vivos, justifica os motivos pelos quais ele, certamente, não adentrou a dimensão infernal após sua viagem sem volta.<sup>4</sup>

Nessa perspectiva, há uma ambiguidade. Aquele homem recebeu um castigo, mas castigo o tempo lhe foi bondoso, já que ele transitou no além e se pôs no encontro entre as temporalidades infernal e terrena. Tal bondade do tempo, que o fez ressurgir à terra, possibilitou

---

<sup>3</sup> Creio que a narradora fez apropriações e ressignificações de termos outrora construídos e difundidos pela igreja como constitutivos do corpo místico de Deus, como é o caso das igrejas: triunfante (dos santos - Paraíso: abolição do tempo histórico), padecente (dos mortos - Purgatório: cárcere divino transitório) e peregrina ou militante (o mundo dos vivos). Ver CAMPOS, Adalgisa Arantes. *As irmandades de São Miguel e as almas do Purgatório: Culto e iconografia no setecentos mineiro*. Belo Horizonte: C/Arte, 2013, p. 27-28.

<sup>4</sup> Acredito que essas memórias apresentam indícios das narrativas sobre viagens imaginárias ao além cristão, elaboradas e difundidas na Europa medieval, cujo o apogeu da produção data no século XII. Naquele cenário espaço-temporal, narrativas de trânsitos no além-túmulo, muito comuns na antiguidade, foram muitas vezes contadas por leigos e (re)elaboradas na escrita (em latim) por clérigos, principalmente pelos monges, que, por sua vez, mesclavam com elementos do imaginário cristão. Muitas dessas viagens apresentavam um teor pedagógico pautado no medo. Elas apresentavam exemplos a fim da mudança de comportamento do sujeito (descrente, pecador) em vida, projetando a ideia de salvação, após a morte do corpo. Cf. ZIERER, Adriana. Educando para salvar a alma: o exemplo do cavaleiro Tungullo. *História e Culturas*, Fortaleza, v. 3, n.5, jan.-jun. 2015. Um esboço cultural sobre as viagens ao além na Idade Média, pode ser visto em LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Tradução Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994, p. 142.

seu arrependimento e, com isso, seu livramento do fogo, do azeite queimante e das feras infernais. A narradora não soube indicar quais outros percursos aquele homem seguiu após a morte, indicando apenas que para o mundo infernal ele não mais voltara. Portanto, nessa trama narrada por quem o conheceu, o tempo foi situado num jogo de ida, volta, arrependimento, morte e mistério do devir no outro mundo.<sup>5</sup>

Esse caso projeta alguns questionamentos: como os narradores constroem focos narrativos sobre o tempo a partir das viagens dos vivos e dos trânsitos dos mortos no além? Como as temporalidades do outro mundo são narradas no presente? E, que funcionalidades os encontros dos tempos apresentam, nas narrativas urdidas no século XXI?

## 2.1. Encontros no Purgatório

### 2.1.1. *Tempos e mortos purgantes*

Nos destinos do além, inventados na cultura cristã, o *purgatorium* ocupa um lugar de ante-sala do Paraíso celeste. Jacques Le Goff situa a sua invenção (ou nascimento, como ele o identifica) no período medieval, indicando sua construção processual no imaginário coletivo a partir do último terço do século XII, e imposição oficial no fim do século XIII (ele foi aceito como dogma pelo segundo Concílio de Lyon, em 1274). Esse ‘nascimento’ insere-se numa significativa mudança das mentalidades e sensibilidades, especialmente numa reorganização da geografia do além e, das relações entre a sociedade dos vivos e dos mortos. Nestes termos, o Purgatório nasceu oficialmente como um “terceiro lugar” para resolver o dilema que afligia os cristãos, no que diz respeito ao jogo dual da salvação no Paraíso, de alguns, e na perdição no sofrimento perenal no Inferno, de muitos outros. Os mortos pecadores obtiveram a possibilidade de, após a purgação das impurezas da alma, serem elevados para o Céu.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Essa narrativa apresenta muitos elementos em comum com o escrito sobre a viagem de *Túndalo*. Esse relato produzido no século XII (em meados de 1200) ganhou ampla divulgação em Latim e em vários idiomas vernáculos, entre os séculos XII e XVI. Inspirada por outras narrativas, como os textos apócrifos judaico cristãos e em viagens ao além cristianizadas, a exemplo de *Visão de Drythelm* (século VIII) e *Navigatio Sancti Brendani Abbatis* (Navegação de São Brandão), a *Visão de Túndalo* foi elaborada por um monge de origem irlandesa identificado como Marcus. Ela influenciou, inclusive, a *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, um dos escritos mais importante na difusão do além cristão no mundo ocidental. Traduzida para o português, e transmitida aos leigos a partir da oralidade, a *Visão de Túndalo* teve repercussão em Portugal. Sintetizando a grosso modo e pondo em relevo os signos semelhantes à narrativa de Maria Generosa, a viagem de um cavaleiro nobre e pecador (Túndalo) ao Inferno ocorreu após ele sentir mal e ter ficado em estado de quase-morte por três dias (não foi enterrado por conta de um pouco de calor em seu peito). Lá, viu demônios, monstros, como o urso, e o fogo queimar feito o azeite fervendo, castigar os mortos. Ao ressurgir, ele se torna um modelo de cristão ideal. Cf. ZIERER, Adriana. *Educando para salvar a alma*. Op. Cit.

<sup>6</sup> LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. 2 ed. Lisboa: Estampa, 1995, p. 149-150.

É importante considerar que nas memórias dos fiéis e nos discursos oficiais, para cada uma dessas *dimensões* do outro mundo (como a Igreja reconhece atualmente aquilo que Le Goff chamou de *geografia do além*), há temporalidades que lhes são próprias. Para o Celeste e seu oposto, o Inferno, cabe à eternidade, a serenidade sublime, no caso da alma bem-aventurada que alcança o Céu, ou o sofrimento intenso daquela que recai nos tormentos infernais. No entremeio destes, há a dimensão temporal e temporária do Purgatório.

Sobre os significados dos tempos das almas do Purgatório, Dona Toinha narra, ao ser indagada sobre a tradição oral dos mais velhos:

**Joaquim:** E as pessoas falavam das almas do Purgatório, como era isso?

**Dona Toinha:** Tem, tem, tem é dessas. É dessas que não se salva, ficam no Purgatório esperando que Nosso Senhor dê a livrança pra ela se salvar. Quando chega o tempo Nosso Senhor chama. Chama aquela alma.<sup>7</sup>

Nas crenças difundidas e construídas no imaginário do Ocidente cristão, explica Renato Cymbalista, as almas do Purgatório poderiam ser salvas a partir de suas ações e também das práticas dos vivos. Mediante orações promovidas por elas próprias e realizadas por outros, “as almas ascendiam espiritualmente. Seu percurso, antes da chegada ao Paraíso, era de um crescente sofrimento”.<sup>8</sup> Tal sentido está presente nas entrevistas de história oral realizadas no século XXI. Mas, os fiéis também ressignificam e reorganizam essa dimensão. Embora eles tenham falado pouco sobre o assunto, é perceptível como a existência dos mortos no outro mundo depende das benfeitorias e sufrágios dos vivos<sup>9</sup>:

**Maria Generosa:** É, tem as almas esquecidas, que é aquela que a pessoa não lembra de rezar um Pai Nosso pra ela né. Aí é esquecidas.

**Joaquim:** E o que acontece com as almas esquecidas?

**Maria Generosa:** É porque ninguém liga, ninguém liga, ninguém lembra dela né. Aí pronto é esquecida mesmo. Ninguém lembra pra rezar, por um sufrágio né?

**Joaquim:** E elas vão pra onde? Eles ficam onde?

**Maria Generosa:** Eles ficam, eu num sei se é no Purgatório. É, é de ser lá. Porque pra aquele outro lugar feio num é né? [Risos] Porque tem as almas esquecidas, as almas prisioneiras, esquecidas.<sup>10</sup>

<sup>7</sup>Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, no bairro Vila Alta, na cidade do Crato, p. 15.

<sup>8</sup>CYMBALISTA, Renato. *Cidade dos vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002, p.174.

<sup>9</sup>No imaginário cristão, o sufrágio é uma forma de colaboração espiritual que os vivos atribuem aos mortos para ajudá-los na redução do tempo do sofrimento no Purgatório. LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. *Op. Cit.*, p. 253.

<sup>10</sup>Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, Porteiras. p.8.



Nas memórias, as almas do Purgatório não são postas na mesma ordem. É possível vislumbrar como as diferenças entre elas tomam como foco a lembrança provocada pelos vivos. Sem orações pronunciadas por estes, elas caem no esquecimento e, simultaneamente, correm o risco de ficarem aprisionadas ou “se acabar”, como disse a penitente Maria Generosa. Diferentemente, as almas lembradas nas orações diárias da narradora permanecem existindo, e, passados alguns tempos não medidos nas palavras, elas são elevadas ao Céu. A memória, nesse sentido, assume o signo de *um segundo além imortalizador*.<sup>11</sup>

No prosseguimento da entrevista, ela falou:

As almas lembradas. Essas que a gente quando morre ninguém se esquece. Que nem eu, casei duas vezes, morreu pai e mãe e dez irmão, dez não, só foi nove, só tem eu. E eu me lembro de tudim. As almas é lembradas não é. Esquecidas, as outras, acabou.<sup>12</sup>

Nesse sentido, esquecer os mortos significaria provocar outra morte, agora finita: a morte da alma. A exemplo do que Jean-Claude Schmitt analisou, contar sobre eles, ou no caso da narradora, rezar e nomeá-los, constitui a existência do morto, aviva sua presença na memória e faz crer.<sup>13</sup> Os sentidos destas mensagens são expressos claramente pela narradora. As narrativas sobre as almas do Purgatório ensinam que a memória sobre aqueles que partiram para o outro mundo deve ser cultuada para que eles permaneçam presentes na memória familiar dos vivos e coexistindo nas dimensões transcendentais.

Nesse sentido, a memória tem uma função temporal. Como Catroga sublinha: “recordar os finados possibilita a instituição e o reconhecimento de identidades, bem como o delineamento de esperanças escatológicas (transcendentes e terrenas), oferecendo-se ao evocador uma história com o ‘passado’ e um ‘futuro’, num encadeamento contínuo de gerações (...)”.<sup>14</sup>

Ainda de acordo com Catroga, as liturgias de recordação têm como papel fundamental a criação e perpetuação dos sentimentos de pertença e de continuidade. Nesse sentido:

<sup>11</sup> Tomo essa expressão emprestada de CATROGA, Fernando. *O Céu da memória: Cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999, p. 30. Grifo do autor.

<sup>12</sup> Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, Portelas, p. 9.

<sup>13</sup> SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 23.

<sup>14</sup> CATROGA, Fernando. *O Céu da memória*. Op. Cit., p.32.

O imaginário da memória liga os indivíduos não só verticalmente, isto é, a grupos ou entidades que holisticamente se impõem, mas também a uma vivência horizontal e encadeada do tempo social. Logo, ele socializa a identificação e a filiação e, simultaneamente, ajudar a esconjuram a angústia da irreversibilidade do tempo e da morte, inserindo a existência finita numa ‘filiação escatológica’ formada pela reprodução (sexual e histórica) da cadeia das gerações (eternidade panbiótica), bem como por um ideal de sobrevivência na memória dos vindouros. O que cria expectativas abertas a uma experiência continuísta do tempo – a memória, vinda do passado, poderá perdurar num futuro aberto – e implica que se esqueça que, tarde ou cedo (duas, três gerações?), os mortos também acabarão por ficar órfãos de seus próprios filhos.<sup>15</sup>

Além das orações, a rezadeira e penitente Maria Generosa lembrou de outro mecanismo entonado na voz, capaz de evocar a lembrança dos seus mortos e atualizar sua memória entre os vivos. Na circunstância na qual narrava acerca dos processos nos quais aprendera a rezar nas criancinhas vivas, e curar seus males, bem como aprendera a orar para as almas, no convívio com sua mãe no alto da Chapada do Araripe, ela respondeu as indagações que lhe foram feitas, ao passo em que, com presteza, recitou os versos de um ABC:<sup>16</sup>

**Joaquim:** Como foi que a senhora começou a fazer as rezas?

**Maria Generosa:** Como foi? Quando criança rezava assim Pai Nosso, essas coisas né. Aprendi a rezar de criança em criança. Ninguém me ensinou não. Aprendi [risos] eu ouvia mamãe rezar sempre, e aprendia né? Aí eu graças a Deus eu sei de muitas rezas né. Ruzário, outras oração. Eu sei muitas. É porque o tempo... mas eu sei.

**Joaquim:** E tem rezas pras almas?

**Maria Generosa:** Tem, o Pai nosso das almas tem. O ofício das almas tem. (...) a gente oferece assim o Pai Nosso em intenção das almas. Agora que tem muito né, mais a gente às vezes num lembra. (...) Tem. O ABC, eu num sei se eu num erro algum, mas tem o ABC das almas. Quer que eu diga?

**Joaquim:** Diga aí pra gente, por favor.

**Maria Generosa:** o ABC, né?

**A** - Ave Maria

**B** - Bondosa e bela

**C** - Cofre de graça,

**D** - Divina estrela

Com A né, B. Não, num é essa que eu quero não, essa é escrevida.

**A** - Aí de nós quem se dilate

<sup>15</sup> CATROGA, Fernando. *O Céu da memória*. Op. Cit., p. 26.

<sup>16</sup> De acordo com Cascudo, os ABC's são versos narrativos ou líricos antigüíssimos que possuem a característica de terem estrofes iniciadas ou intercaladas com as letras do alfabeto. Os primeiros de que temos notícias datam de 393, quando Santo Agostinho (354-430) compôs o *Psalmus contra Partem Donati*. Os mais antigos possuem rimas simples e são marcados por quadras, sextilhas e herdecassílabos. CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11 ed. São Paulo: Global, 2002, p. 3-5.

Na sua ardente prisão  
Quando veremos a Deus  
No Reino da salvação?

**B** - Bem podia nossos filhos  
Nossos irmãos e nossos pais  
Moderar nossos tormentos  
Dá a vida aos nossos [?]

**C** - Com sufrágios e com pedidos  
A Deus nosso salvador  
Pra tirar nós dessa chama  
Pelo seu divino amor

**D** - Dai-nos socorro mortal  
Agradeça a Deus por vós  
Lembraí dos que se lembremos  
Padecer como nós

**E** - É possível um mortal  
Esquecido dessa sorte  
Nosso amor para conosco  
Tivesse fim com a morte

**F** - Fogo ativo, fogo ardente  
Chama devoradoras  
Pela justiça divina  
E nossas almas labora

**G** - Gemendo mais esperando  
Chorando porém vou gozar  
Deus por quem suplicamos  
O fim dos nossos penar

**H** - Hé possível os mortal  
Esquecidos dessa sorte  
O nosso amor para conosco  
Tivesse fim com a morte

É porque É com H né?

**I** - Irmão no corpo e na alma  
Irmão na religião  
Irmão da vida e da morte  
Tenha de nós compaixão

**J** - Já fumos no mundo amado  
E Deus agora esquecido  
Que durante a sebra penas  
Mas na vossa proteção..

Será que eu vou errar? Já errei. Eu me lembro que as vezes eu canto todinha né. (...) É mais num tem o **k**, né?

**L** - Lembrai-vos de nós aflitos

Por Deus e por Santa Maria  
 Que por entre sebra penas  
 Sua Glória é o novo dia

Eu me lembro que as vezes eu canto todinha né.

**M** - Mundo, mundo enganoso,  
 Que deixou sem pesar  
 A Deus por quem suspiramos  
 O fim do nosso penar

[Silêncio]

**N** - Não peque pois que o pecado  
 Condena sendo mortal  
 Essa chama só consuma  
 Simples culpas sinial

**O** – Ó se todo dia  
 Fosse dado ao Nosso Senhor  
 Não havia purgatório  
 E nem pena a vigor

**T** - Tenha de nós piedade  
 Por Deus por Santa Maria  
 Que por estas sebras penas  
 Sua glória no dia

Eu erreí, eu canto ela todinha. Deixa o **P**. E **Q** né?

**Q** - Quer Deus essas nossas almas  
 Por favor purificar  
 Que na igreja triunfante  
 Nós pudemos [?]

**R** - Rogai a Deus por nós  
 Por Deus por Santa Maria  
 Rogaremos então por nós  
 Cristão filho de Jesus

[gaguejos]. Silêncio. Eu disse que ia errar. Acredita como muitos pés eu num tô me lembrando agora de jeito nenhum. (...) Quando for depois eu me lembra e fico com raiva né [risos].

**T** - Tenha de nós piedade  
 Cristão filho de Jesus  
 Que por suas dores  
 Que por nós sofreu na cruz

**U** – U rosário muitas vez  
 Faz uma alma resgatar  
 Se for de um dos nossos parentes  
 Que prazer em nós pensar

**V** - Venha nossos preces

Penitência e devoção  
 Missa em nosso sufrágio  
 Fazei por nossa ascensão

**X** - Xamaremos então por vós  
 Que são filhos de Jesus  
 Nós pedimos pelas dores  
 Que por nós sofreu na cruz

**Z** - Zelai o nosso prece  
 A quem Deus mandato tem  
 Para que nos deixe unidos  
 Para sempre amém

Mais ficou essa no meio né? <sup>17</sup>

Para a narradora, o ABC é uma reza. Ele soma-se ao ofício das almas, as ladainhas e Pai Nossos dedicados aos mortos. À maneira de mosaico, essas palavras de oração compõem um liame com o além, bem como figuram uma maneira singular de organizar as memórias e um modo de cartografar as sensibilidades religiosas e, com isso, lembrar e recorrer pelos seus mortos.

Ao lembrar do ABC das almas, ela principia sua recitação entoando os versos de outro ABC, diferente daquele que pronunciou logo em seguida, sem especificá-lo e, igualmente, sem mencionar se aquele suprimido era, outrossim, dedicado às almas. Mas, o fator mais relevante é que tal diferença, mencionada pela própria entrevistada, não está nos sentidos dos versos, mas sim nas suas formas: uma é “escrevida”, justamente aquela que não foi contada e a outra é dita oralmente, a recitada pela narradora. Há, por conseguinte, uma divisão e, igualmente, uma tensão entre o oral e o escrito. E na rapidez da sua escolha, ela optou por versar aquela aparentemente trabalhada por ela na memória oral.<sup>18</sup>

O desejo de narrar o ABC que é dito oralmente e não o escrito é um elemento importante. Primeiro, porque partiu das suas escolhas: ela definiu aquele momento como um tempo e um espaço para a oralidade. Segundo, por revelar o desejo da entrevistada em dar ênfase e recriar o cenário da narração do ABC das almas contado por ela e por outros que lhes são próximos sem a mediação da escrita. Convém lembrar que entre a recitação oral sem o auxílio do papel e feita a partir das artimanhas da oralidade, e uma outra ancorada na leitura das

<sup>17</sup>Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, Porteiras. p. 1-5.

<sup>18</sup>A respeito do terreno conflituoso entre o oral e o escrito a partir dos ABCs dos sertões, ver RIOS, Kênia Sousa. *Engenhos da memória: narrativas da seca no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014, p. 153-177.

letras escritas há divergência tocantes a temporalidade da contação e a performance do narração.<sup>19</sup>

Ler os versos registrados no papel demonstra saber e poder. Entretanto, recitar as rimas que articulam o alfabeto sem a consulta dos signos escritos, ou mesmos, sem a própria existência desse ABC mensurado no papel, representa, igualmente, uma forma de poder, quiçá, de uma importância de maiores dimensões. No meu entendimento, elucida uma relação de poder com o tempo, uma tentativa de resisti-lo, desafiá-lo e controlá-lo. Como frisa Portelli:

Os relatos acompanham o tempo, crescem com o tempo e se decompõem com o tempo. Por isso, as culturas desenvolvem métodos para obter alguma independência do tempo e para preservar as palavras. A formalização do discurso (que também inclui a poesia) é outra arma na luta contra o tempo. A poesia é um método assim: as fórmulas usadas por poetas orais são um instrumento que desacelera o tempo e permite-lhes compor ao vivo enquanto falam ou cantam.<sup>20</sup>

É válido lembrar o poder da criatividade do narrador, e as interferências do contexto, do cenário e do público ouvintes das narrações, como Jack Goody tanto enfatiza. O olhar para o sujeito narrador, por ele identificado como o ator, e o público ouvinte, são cruciais para a compreensão das narratividades.<sup>21</sup> Maria Generosa é uma mulher que, com idade já avançada, possui, no seu círculo de amizades, proximidades e contatos com pessoas leigas e integrantes de irmandades religiosas católicas, muitas delas não alfabetizadas. Assim, no seu meio, ser alfabetizada é um lugar de prestígio, embora ela não tenha muita familiaridade com as artes da escrita e leitura. Entretanto, no caso da recitação do ABC das almas, a história é outra, por isso ela prefere recitar o ABC não escrito.

A importância da recitação sem o apoio da escrita está atrelada ao significado da boa memória na comunidade na qual ela está inserida. Ou seja, isso faz lembrar que, mesmo quem não avançou nos estudos pode recitar os versos do ABC das almas, evidenciando o lugar de mundo religioso do narrador, e projetando a memória como de uma “exímia cabeça”. Ter uma “boa cabeça”, termo comumente pronunciado no Cariri para designar o bom funcionamento da memória, no que diz respeito à rememoração oral das experiências, significa ter poder e autoestima para pronunciar, pois o sujeito pode dizer coisas que não cabem no papel

<sup>19</sup> Sobre a situação de performance, ver ZUNTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>20</sup> PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: Funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa et. al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D’água, 2004, p. 297.

<sup>21</sup> GOODY, Jack. *O mito, o ritual e o oral*. Tradução Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2012, passim.

em virtude dos mais variados fatores, inserido aí suas circunstâncias sociais, culturais e políticas.

Esse trecho da entrevista apresenta, portanto, uma complexa relação que entrelaça a ordem sequencial das letras do alfabeto escrito à sonoridade da sequência do alfabeto oralmente recitado e os sentidos expressos nos conteúdos latentes e projetados nas rimas. Assim, o E se torna É, e o H, sem sonoridade, antecede o verbo É, e fica HÉ, como a narradora explica, demonstrando que ela conhece um pouco essa articulação. Tal aspecto também fica evidente quando ela esquece as rimas puxadas pelo P e resolve pular os versos da letra seguinte, o Q. Essa composição é formulada mediante os usos cotidianos das letras nas urdiduras das palavras. Desta forma, o verbo chamar pode ser iniciado com a letra X (xamemos), e o artigo O da expressão “o rosário muitas vezes” dá lugar ao U, para não quebrar a sequência das rimas versadas nas artimanhas da tradição oral. Isso evidencia também como a ordem das letras é pensada a partir do som da língua, o que reitera o exercício de memória. Como frisa a historiadora Kênia Rios, “esse tipo de oralidade desafia o que há de mais ordenado e supremo no mundo escrito: o alfabeto. Nos ABSc do sertão, a memória oral cria movimentos que brincam com o mundo escrito”.<sup>22</sup>

As palavras rimadas por Maria Generosa projetam uma ordem alfabética, típica dos ABSc, mas também evidencia uma ordem do tempo da alma. No que tange os trabalhos da memória cujos saberes foram professados nas articulações das letras do ABC, é possível vislumbrar tratar-se da fala de uma morta em estado de purgação. Ele conclama aos seus filhos, pais e irmãos vivos, outrossim, os demais cristãos, os sufrágios e as orações a fim de minimizar seus intensos sofreres e seu tempo de expiação no Purgatório, identificado como uma prisão, na qual as chamas devoradoras laboram para o alcance da justiça divina. As palavras versegadas têm, portanto, a conotação de uma exigência com tons de pedidos de caridade.

Uma espera sofredora, porém esperançosa da misericórdia de Deus é narrada pela alma e versada nas rimas do ABC. E o “novo dia” da libertação poderá ser alcançado somente mediante a lembrança dos vivos dedicada àquela morta mensurada em penitências, devoções e missas em seus sufrágios. A voz da alma rimada nos versos do ABC também lança lembranças às pessoas sobre o tempo de vida na Terra. Ela rememora a hierarquia dos pecados terrenos e as consequentes punições e infortúnios no além. Reitera que, só chegará nas chamas purgantes,

---

<sup>22</sup> RIOS, Kênia Sousa. *Engenhos da memória*. Op. Cit., p.166.

aqueles mortos cujos pecados não forem mortais, caso contrário já estarão condenados às outras aflições, aquelas infernais.<sup>23</sup>

Em muitas das memórias dos entrevistados, tal qual nas rimas do ABC, o Purgatório é caracterizado, principalmente, pelo fogo purgador, de tal maneira que ele é apresentado como o recurso a partir do qual a justiça divina é promovida. Conforme a devota do Pe. Cícero e autora de muitos benditos, Maria do Horto, as chamas purgantes são singulares. Elas são diferentes do fogo terreno, considerado por ela como refrescante, quando comparado às labaredas expiantes. De igual modo, tais chamas diferem ainda mais do fogaréu intenso e perturbador do Inferno. Ao ser questionada sobre os dizeres das pessoas acerca das almas perdidas, ela disse:

**Maria do Horto:** Meu fi, Deus me livre, mas só Deus, né! no fim do mundo né.

Olhe se você for em São Paulo, você vai na igreja de Nossa Senhora do Carmo, que coisa antiga. Você vê santa, Santa Tereza D'Ávila, mostrando o Inferno né. Ave Maria, um moço bonito, é um moço tão bonito alí assim dentro daquele fogo, mas o fogo, Ave Maria a pessoa vê aquilo alí né. É fogo alí. Esse fogo daqui é água por fogo do Purgatório, avali do Inferno. Não pro Purgatório nós vai, agora pro Inferno, Deus nos livre.

**Joaquim:** E o Purgatório como é?

**Maria do Horto:** É um fogo né, pra gente descontar os pecados. Tem que ir porque nós é pecador, o fogo do Purgatório, tem diferença do Céu, é diferente do Inferno, agora do Inferno, só Deus mesmo. “[gaguejos] é fogo. É fogo e lá nós é acorrentado pra rezar o ofício das alma, é acorrentado né. Avé Maria. (...) ah! O ofício das almas é num livro. Tem no livro”.<sup>24</sup>

Tais referências estão visíveis nas iconografias e nas palavras escritas presentes no Ofício das Almas. A recitação deste Ofício, além de ser entendida pelos idosos como uma obrigação dos vivos nos seus momentos de oração para com as almas, é mencionado pela narradora como uma obrigação dos mortos purgantes, por isso eles ficam presos, parados, como se fossem obrigados a recitá-lo.

Em formato de livreto e sem autoria expressa, o Ofício das Almas é encontrado facilmente nas ruas das cidades do Cariri. No Juazeiro, o encontrei nas lojas de objetos sacros

<sup>23</sup> Creio que outrora o ABC das almas circulou com muita ênfase nos recantos do Nordeste brasileiro e que, continua presente nas memórias dos idosos. Essa premissa parte – além do fato de o Cariri ficar situado geograficamente em uma zona de fronteira com outros três estados do Nordeste (Piauí, Pernambuco, Paraíba) e também receber um grande fluxo de visitantes em função das romarias de Juazeiro do Norte – da constatação de que versos semelhantes aos recitados no ABC das almas apresentado por Maria Generesa foram registrados a partir da tradição oral no interior de Pernambuco na contemporaneidade. Ver SILVA, Maria Salete Gomes da. *Visão sobre a morte, o medo e o culto aos mortos no município de Ouricuri-PE*. Monografia (Especialização em História do Brasil) – Centro de Humanidades, Universidade Regional do Cariri, Crato, 2002, p.27.

<sup>24</sup>Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p. 9-10.



situadas nas proximidades da Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na qual o corpo do Pe. Cícero foi e está enterrado. Também localizei o Ofício das Almas nas banquinhas de artefatos religiosos armadas do outro lado (de frente) da capela mencionada. Isso ocorreu logo após a finalização da entrevista com Maria do Horto.

Algumas versões dos ofícios apresentam imagens coloridas e materiais de impressão gráfica mais caros e sofisticados, enquanto outros são impressos no preto e branco. Fixados com grampeadores e facilmente produzidos e reproduzidos, alguns deles apresentam na sua capa a referência ao local de sua confecção, Juazeiro do Norte. Assim, a facilidade da sua produção e circularidade entre os muitos religiosos que palmilham os caminhos do Juazeiro, corrobora para a difusão do imaginário sobre os mortos na região.

Alguns dos livretos são apresentados com o título Ofício das Almas, outros são intitulados Ofícios das Almas Benditas, no entanto, apresentam o mesmo conteúdo. São também somados a outros Ofícios no mesmo impresso, a exemplo do dedicado à Imaculada Conceição.<sup>25</sup>

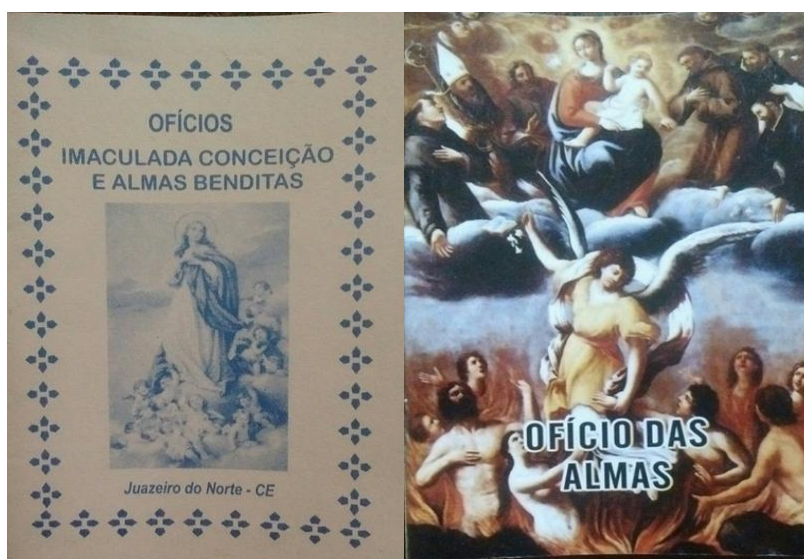


Figura 5 – Ofícios das Almas

O Ofício das Almas reúne orações rimadas em versos e ritmadas nas pronúncias da voz. Ele está dividido em sete partes e foi organizado de acordo com as temporalidades do além e com os horários dos vivos, seguindo a divisão do tempo moderno. Igualmente, são nomeadas segundo as temporalidades nas quais são indicadas para serem pronunciadas, a saber: Matinas

<sup>25</sup>Além deste texto padrão, alguns folhetos incluem também outras orações dedicadas aos mortos do Purgatório, como é o caso da *Oração Pelas Almas em Geral*, da *Oração de Santa Gertrudes (pelas almas do Purgatório)* e o *Terço do Amor (pelas almas)*.

(três da madrugada); Prima (seis da manhã); Tércia (nove da manhã); Sexta (ao meio dia); Noa (três da tarde); Vésperas (seis da tarde); e Completas (nove da noite). Em cada uma dessas partes, há versos e um hino específico. Todos eles são acompanhados de, respectivamente, um Padre Nosso, uma Ave Maria e uma Oração padronizada. Para não estender o texto em todas as citações, apresento a Oração que se repete ao longo do Ofício:

Onipotente e misericordioso Deus e Senhor nosso, supremo dominador dos vivos e dos mortos. Pelos merecimentos infinitos do vosso Unigênito Filho, e também pelos grandes merecimentos da sempre Virgem Maria, sua mãe e por todos os merecimentos dos bem aventurados, concedei propício o perdão das penas que merecem as almas dos fiéis defuntos, pelas quais fazemos estas preces para que, livres do Purgatório, possam gozar da eterna glória, por todos os séculos dos séculos. Amém.

A partir desse fragmento textual, é possível identificar que diferentemente do ABC das almas, o Ofício é uma ação de um vivo que, sensível com os sofreres e clamores dos mortos purgantes, recorre intercessão aos poderes divinos na esperança de que estes abram os caminhos da glória eterna, encurtando o tempo do sofrimento das almas nas chamas de labor purificantes.

Em suma, e, de maneira genérica em conformidade com os pressupostos oficiais, o Purgatório é apresentado, por alguns narradores, como uma dimensão na qual existem chamas para purgar os mortos, sendo, todavia, menos ofensivas ou intensas quando comparadas às penas eternas do Inferno. Nas percepções presentes nas narrativas, nenhum cristão pecador escapa das labaredas purgantes. Dependendo da gravidade dos pecados cometidos em vida, a passagem da alma pelo fogo pode resultar em uma temporalidade rápida ou duradoura, o que representa um maior ou menor sofrimento. Ou seja, em um tempo de purgação acelerado ou muito lento.

Nessa contextura, há diferentes ritmos temporais dos mortos purgantes, cujas diferenças dependem dos pecados cometidos quando vivos. Desta maneira, as crenças sobre as temporalidades das almas no Purgatório tocam as ações praticadas na vida terrena daquele que morreu e das orações que os vivos direcionam para elas. Em todos os casos, a duração e a intensidade dos tempos de permanência naquela dimensão ficam guardados sob o signo dos mistérios de Deus. No entanto, há alguns indícios específicos e revelados nas muitas vozes dos entrevistados, sobretudo, quando o mote das conversas é direcionado para os trânsitos dos anjinhos.

### 2.1.2. *O voo dos anjos*

O fundamental é para eles indissociável do insignificante.<sup>26</sup>

Alguns dos fiéis entrevistados argumentaram que, no rápido percurso em direção ao Paraíso, o anjinho morto na Terra tem um dever a cumprir. Ele não pode levar nada desta vida para o Céu, porque o etéreo é, por excelência, livre dos vestígios materiais do mundo dos pecadores. Por esse motivo, as crianças que em vida mamaram o leite materno precisam cumprir um ritual para só depois adentrarem o Reino Celeste: vomitar o líquido ingerido. Como lembram algumas das narrativas outrora registradas, “o alimento tomado pela criança prende-a à terra”. Dessa forma, ele ganha a conotação de um fio permanente que liga o anjo ao mundo terreno.<sup>27</sup>

O vômito dos anjinhos mortos não ocorre no mundo terreno, como também não acontece de forma involuntária em quaisquer trajetos ou dimensões do além: é necessário adentrar o Purgatório e nele derramar toda a matéria adquirida. Quando fala sobre os anjinhos, Dona Toinha diz:

**Dona Toinha:** Vai para o Céu. Vai para o Céu. Um anjo morrendo vai para o Céu. (...) Eles passam no fogo do Purgatório para derramar o leite materno.

**Joaquim:** Como é essa história? O que é que os mais velhos diziam sobre isso, que os anjos passam no fogo no Purgatório?

**Dona Toinha:** Pra derramar o leite materno para poder ir pro Céu.

**Joaquim:** Mas, por quê?

**Dona Toinha:** Porque mamou o leite do pecador. Nós somos pecador.<sup>28</sup>

Da mesma forma como foi apresentada nas memórias de Dona Toinha, muitos dos outros narradores afirmaram a passagem do anjinho pelo Purgatório para nele despejar o alimento ingerido na Terra. Vale frisar que, comumente, criancinhas vivas vomitam o leite bebido. Vomitar, nesse sentido, é um ato comum dos bebês. Deste modo, se essa prática é visualizada no mundo dos vivos, ela continua não deixando de acontecer nas dimensões do além. Estabelecendo essas relações, é possível inferir que há temporalidades e visualidades sobre o rito regurgitor dos anjinhos.

<sup>26</sup> CERTEAU, Michel. *A fábula mística: séculos XVI e XVII*. v.I. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p. 13.

<sup>27</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Superstição no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Global, 2002, p. 42.

<sup>28</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, Crato. p. 7-8.

Os elementos temporais vistos e narrados, todavia, não dizem respeito simplesmente ao sentido produzido na visão corporal, mas sim às dizibilidades orais na constituição das visões imaginárias. Os aspectos temporais se referem, sobretudo, ao sentir a experiência da vida, nas balizas entre a existência num mundo profano, pecador, e a teimosia na busca pelo sagrado, ou seja, nas sensibilidades religiosas. Além do mais, as memórias constroem um regime de visualidade do outro mundo que torna o Céu, o Purgatório e o Inferno referências visíveis nas experiências sensíveis dos fiéis.

Le Goff menciona como nos idos distantes do medievo, há registros indicadores da crença segundo a qual a alma do usurário vomitará o dinheiro obtido na contramão dos sentidos difundidos pela igreja, caso ele não restituísse o valor à vítima da usura ainda em vida. Isso ocorreria no Inferno, quando sua alma estivesse condenada, ou no Purgatório, quando ainda havia possibilidade de salvação.<sup>29</sup>

Entretanto, como foi apresentado no primeiro capítulo, para muitos narradores, os anjinhos não são almas. E, mesmo assim, Dona Toinha e outros entrevistados afirmam como aqueles que se alimentam em vida devem cumprir o rito vomitivo. Segundo alguns fiéis, mesmo uma criança que viveu poucos meses, dias, horas ou minutos após o nascimento só adentrará o Paraíso depois que sobrevoar o Purgatório e vomitar o leite que mamou.

Numa primeira leitura, o ato de beber esse líquido nos primeiros dias é identificado, portanto, como uma conta a ser reparada, queimada no fogo purgante. A construção desse entendimento toma como referência a temporalidade da vida da criança e a comensalidade, bem como sua integração ou mesmo contato, maior ou menor, com os elementos do mundo terreno. Nessa acepção, o tempo vivido é um elemento agregador dos pecados dos anjos. Por conseguinte, quanto mais se vive, mais máculas a criatura levará para eximir no Purgatório. É nesse sentido que o tempo provoca o pecado a ser vomitado.

Um detalhe na entrevista com Dona Toinha, mencionada anteriormente, desperta curiosidade, ela diz: “eles passam no fogo do Purgatório para derramar o leite materno”. Ora, passar para despejar o líquido não significa, em linhas gerais, ficar ou mesmo ir para assumir a função de purgar. Além disso, ela explica os motivos pelos quais o anjinho precisa sobrevoar aquela dimensão do além: vomitar o leite que mamou da mãe pecante. Nessas palavras, o pecado é direcionado à mulher e ao seu leite, e não à pequena criatura que dele se alimentou. Ampliando essa linha interpretativa, junto com a bebida, a criança viva absorve o pecado materno, uma vez que sua mãe também foi objeto e sujeito pecante.

---

<sup>29</sup> LE GOFF, Jacques. *A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 100.

Esse entendimento também veio à luz dos olhos e à sonoridade das palavras no diálogo ocorrido com o senhor Antônio de Amélia. Católico e atual decurião do grupo de penitentes do sítio Cabeceiras, de Barbalha, ele é irmão do penitente Nivaldo Santos, apresentado anteriormente. Na prosa ocorrida em sua residência, ele narra:

Agora diz que o anjinho quando morre, assim com um ano, com dois anos, vai passar sempre no fogo do Purgatório porque mamou no pecador. Na pecadora, na mãe dele, que era pecadora. Tá vendo? Dizem. Então Nosso Senhor não condena ninguém. E é, quem se condena é a pessoa. E uma criancinha Deus vai condenar?<sup>30</sup>

Pai de 14 filhos, tendo sido um deles falecido, Seu Antônio é um agricultor de 71 anos, pobre e morador da Vila Mulato. Ao longo da entrevista, ele afirma seguir os ensinamentos religiosos dos seus antepassados e de alguns líderes religiosos do Cariri de outrora, sobretudo do Padre Ibiapina e do Padre Cícero.<sup>31</sup> Embora segure nas mãos um livro, indicando ser uma obra religiosa importante do passado, ele demonstra não possuir muita intimidade com a leitura e escrita (ver Anexo A). Esse narrador, mesmo dando ênfase ao que as pessoas dizem, aparenta não entender como Jesus Cristo pode condenar uma criancinha se ela não foi capaz de cometer pecados. Nessas palavras, a própria noção da culpa dos anjinhos adentra o terreno da dúvida e das incertezas.

De igual modo, tal aspecto foi percebido na narrativa de Dona Joana, a protetora do cemitério de anjinhos situado no seu quintal, no alto da Chapada do Araripe: “era os anjinhos: ia direto pro Céu. Porque num tinha pecado. O pecado que tinha era o leite que mamava da mãe né? Se morresse assim depois já de um dia pra lá de nascido, que o pecado que tinha era o leite, mas num tinha pecado nenhum... ia pro Céu.”<sup>32</sup>

Nessa perspectiva, o pecado dos anjos é projetado em uma situação marcada pela ambiguidade. Mesmo não cometendo erros entre os vivos, pois, o ato de mamar é inerente e necessário para a sobrevivência da criança, ela peca por beber líquidos deste mundo, como se o pecado fosse repassado da alma da mãe para o pequenino ainda em vida. Simultaneamente, ele é e não é pecador.

Nas memórias de Dona Joana, o voo do anjo para o Céu não carrega nenhum tormento. Embora reitere que ele leva o peso do pecado, em virtude do leite ingerido, ela afirma

<sup>30</sup>Entrevista realizada com Antônio Sales, em 05/04/2015, na sua residência, Sítio Cabeceiras, Barbalha. p. 23.

<sup>31</sup>A respeito da atuação do Pe. Ibiapina no Cariri, ver HOORNAERT, Eduardo. *Crônica das casas de caridade: fundadas pelo Pe. Ibiapina*. Fortaleza: Museu do Ceará; SECULT, 2006.

<sup>32</sup>Entrevista realizada com Dona Joana [pseudônimo], em 12/06/2011, na sua residência, zona rural de Porteiros. p.8.

que aquele ser não tem contas para pagar. Ele não precisa, portanto, viver a temporalidade da purgação, fator revelado a partir do tempo rápido da sua travessia imaginada. Nessas memórias, o Purgatório foi silenciado.

Sobre esse ponto, ora os entrevistados dão ênfase ao assunto para confirmar os saberes transmitidos na tradição oral dos seus antepassados, ora trazem o tema à contenda para discordar e afirmar o que pensam. No que concerne a essa questão, em alguns casos, a relação com seu tempo vivido e dos seus parentes e demais conhecidos mais velhos foi colocada nos diálogos urdidos nos entreolhares das gravações, evidenciando o lugar e/ou as relações sociais dos narradores no tempo presente. Foi o que aconteceu com Dona Losinha, a mulher residente no Crato e convertida ao protestantismo. Ela deu ênfase ao vômito dos anjinhos, indicando, por sua vez, não acreditar mais nessas histórias do passado, quando era mais jovem e católica:

**Dona Losinha:** Era assim: diz que quando os anjinhos morriam ia pro Purgatório, que eu acho que num tem isso não. Quando chegava lá vomitava o leite que tinha mamado no pecador, que nós não somos pecador né? Aí ia pro Purgatório vomitar o leite que tinha mamado da mãe. O povo conversava essas coisas. Hoje num tem mais não.

**Joaquim:** E como é que vomitava?

**Dona Losinha:** Vomitava lá, ia só vomitar o leite que mamou. O povo contava, porque de primeiro morria muito anjinho n'era? <sup>33</sup>

Conforme essas memórias, o vômito dos anjos no Purgatório ficou dedicado ao “tempo de primeiro”, quando o assunto era evocado na oralidade a partir da grande mortandade de crianças. Para a narradora, isso não acontece na contemporaneidade, posto que as pessoas do seu círculo de convívio não conversam sobre o assunto. Essa negação não parece ser uma posição ou leitura exclusiva de evangélicos.

À guisa de exemplo, as memórias da líder das inceleças do sítio Cabeceiras, Sueli Matos, apesar de confluir na mesma direção reflexiva de outros narradores, no que diz respeito à função e o lugar do Purgatório para purificação dos mortos, negam a passagem do anjinho na dimensão temporária do além.

Almas santas, que no caso ela já vai diretamente [para o Paraíso]. Ela não vai passar por aquele processo que nem o defunto, não vai passar por aquele processo de esperar por o julgamento final, que ele vai ser punido, que ele vai esperar, vai pro Purgatório né? que a gente escuta. *A gente acredita que o anjo, o adolescente ele não vai precisar de ir, ele já está purificado.* Quem vai pro Purgatório aquelas pessoas que não vivem bem e até aquelas que vivem bem de uma certa forma também tem que ir. Porque eu acredito

<sup>33</sup>Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato. p.6-7.

que seja um lugar que você tem... A pessoa está esperando [?] pelo julgamento e ali o Purgatório é o lugar onde a pessoa tem o tempo de reflexão, de pensar, de se arrepender. Eu acredito que a gente num... Como o adulto se morrer aqui: quando morre ele num vai diretamente [para o Céu], vai cumprir sua sentença, não, ele pode se arrepender aqui mas, eu acredito que quando ele morre ele também tem outra chance de se arrepender no Purgatório. Já o anjinho ele já vai direto [para o Céu], nós acreditamos que ele já vai direto. Já tem a salvação direto.<sup>34</sup>

A narrativa apresenta argumentos que tomam como foco o tempo do arrependimento. O Purgatório aparece como a dimensão na qual o tempo é destinado à reflexão, ao arrependimento e remissão dos pecados cometidos em vida. Nos sentidos do enredo narrativo, o anjinho não precisa da temporalidade da espera necessária à reflexão. Ele não necessita se arrepender de nenhum erro cometido, pois, o fato de ser uma criatura angélica elucida que não cometeu danos na passagem pelo mundo terreno. Esse é um indício de que a viagem do anjinho pelo Purgatório, o tempo de sua passagem e seu vômito entram em conflito nas memórias dos cristãos da atualidade, estejam eles seguindo a vertente católica ou evangélica.

A meu ver, essas tensões também evidenciam que a viagem dos anjos pelo Purgatório é um rito de tempo. Isso se torna perceptível tanto no que diz respeito à sua rápida passagem, quanto no que se refere aos elementos vomitados, pois, o leite materno e o tempo vivido na amamentação são recusados e despejados.

Enquanto alguns entrevistados duvidam e/ou negam a passagem e o vômito do anjo no terceiro lugar, outros narradores alargam os sentidos desse voo, recheando as memórias com detalhes que ensinam os vivos a viver e a morrer. Na conversa com Seu Joaquim, as temporalidades dos anjos sobrevoantes do Purgatório, inseridos em uma visualidade transmitida via tradição oral, servem de exemplo aos pecadores. Eis suas palavras:

De qualquer maneira tem que passar lá [no Purgatório], né? Diz que a pessoa quando morre, até os anjos diz que passa lá, por causa do leite que mamou da mãe. Como é que pode né? Assim eu via os mais véi dizendo que tinha esse exemplo.<sup>35</sup>

A interrogação do narrador indica que mesmo as criaturas mais singelas e, por conseguinte, não detentoras de discernimento do pecado carnal, sendo humanas e, portanto, estando no mundo dos pecados, não escaparão das chamas no terceiro lugar do além. Como

<sup>34</sup>Entrevista realizada com Francisca Rodrigues de Matos e Sueli Matos, em 15/09/2013, na residência de Sueli, sítio Cabeceiras, zona rural de Barbalha, p.13-14. Grifo meu.

<sup>35</sup>Entrevista realizada com Joaquim Luiz dos Santos, em 15/10/2013, na sua residência, Centro, Porteiras p.3.

bem registrou Raimundo Girão sobre os termos orais dos sertões do século XX, aquilo que é exemplar, tem a conotação de um castigo.<sup>36</sup>

O exemplo é um termo de longa e reveladora tradição ainda presente nas narrativas sobre os mortos na sociedade brasileira do Século XXI. Como glosa Oscar Sáez, desde a literatura eclesiástica medieval, ele é uma peça narrativa dedicada às pregações. Diferente dos evangelhos, inseridos nos sentidos do sagrado, os exemplos eram “narrações profanas construídas em volta de um núcleo de significado religioso ou moral”.<sup>37</sup>

Para Le Goff, o *exemplum* é uma herança da antiguidade grego-romana, quando era entendido como uma historieta de caráter histórico dita como um argumento em um discurso persuasório. Naquele tempo, ele era uma arma do orador político ou judiciário. E, posteriormente, tornou-se um instrumento a serviço da moral cristã. No período que corresponde entre os primeiros séculos do cristianismo, e o coração da Idade Média, o *exemplum* teve sua natureza e sua função alteradas. Ele deixou de concentrar-se na imitação de Jesus Cristo (que era o *exemplum* por excelência) e “passou a consistir numa narrativa, numa história que se devia tomar *no seu todo* como um *objecto*, um *instrumento de ensino e/ou de edificação*”.<sup>38</sup> Nesses termos:

É, pois, o tempo de uma memória particular que enforma o tempo do *exemplum*. É a memória da consciência espiritual e moral, que a nova concepção do pecado, ligado à intenção, e as novas práticas da confissão articular, baseada no exame da consciência do pecador e na sua introspecção, privilegiaram na passagem do século XII para o século XIII.<sup>39</sup>

Nessa concepção de *exemplum* tecida na tradição religiosa católica desde o medievo, o conto exemplar deve despertar na consciência de quem escuta um *acontecimento* decisivo para a sua salvação no futuro: a conversão. Desta maneira, o *exemplum* é um objeto de conversão. Seu tempo histórico é destinado ao momento presente que principia um horizonte de expectativa dedicado à salvação eterna, uma vez que “o *exemplum* tem pois como função enxertar a realidade histórica na aventura escatológica”.<sup>40</sup>

<sup>36</sup> GIRÃO, Raimundo. *Vocabulário popular cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 202.

<sup>37</sup> SÁEZ, Oscar Calavia. *Fantasmas falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro*. Campinas, SP: UNICAMP, 1996, p. 74.

<sup>38</sup> O *exemplum* apontado por Le Goff teve no século XIII seu momento de maior propagação. Ele esteve associado a um novo tipo de pregação religiosa, que surgiu em meio aos processos de transformações ocorridos entre os fins do século XII e início do século XIII. Esse historiador define o exemplo do século XIII (tido como o tempo do *exemplum*) como “um conto breve dado como verídico (: histórico) e destinado a ser inserido num discurso (em geral, um sermão) a fim de convencer um auditório por meio de uma lição salutar”. LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Op. Cit., p.123.

<sup>39</sup> Id. Ibidem., p.125. Grifo do autor.

<sup>40</sup> Id. Ibidem., p.126.



Desse modo, o voo do anjo pelo fogo do Purgatório assumiu no passado e, assume no presente, lições que ensinavam e, ainda hoje ensinam, os mais jovens a viverem na fé e a seguirem os ensinamentos dos mais velhos. No presente, permanece a certeza de que eles, narradores e ouvintes, como cristãos e, por conseguinte, pecadores, também passarão por lá. Concomitante, tal exemplo angélico serve como uma referência para lembrar aos ouvintes a necessidade de viverem uma vida religiosa, sobretudo, de preparação, oração e dedicação às boas ações.

Nessas tessituras do passado narrado, esse exemplo era reproduzido nos momentos em que os idosos católicos ensinavam sobre os cuidados do bem viver em comunhão com as crenças e práticas religiosas para os seus familiares mais novos. É salutar lembrar que as memórias também são carregadas de intencionalidades e, dependendo do contexto e do cenário no qual são relatadas, são usadas e abusadas no cotidiano.<sup>41</sup>

De forma semelhante às memórias de alguns narradores, as crenças registradas pelo Barão Guilherme Studart como superstições do Ceará dos fins do século XIX e início do século XX, dizem que “criança que morre no período da amamentação vai vomitar o leite no Purgatório”.<sup>42</sup> Nesses termos, o “período da amamentação” corresponde à temporalidade da vida terrena cabível ao vômito dos anjinhos no além.

Todavia, não há, nas narrativas produzidas, um recorte temporal padronizado, coerente e consensual destinado ao vômito dos anjos no Purgatório. Essas temporalidades não estão bem definidas ou ajustadas. Entre horas, dias, meses e anos, as crianças amamentadas em vida, quando mortas, precisam vomitar. E, enquanto alguns narradores afirmaram se tratar apenas dos anjinhos, outros alargaram para os demais mortos, inserindo todos eles no rol das almas vomitivas. As memórias da manicure Cida aludem esses sentidos:

**Cida:** É tanto que tem um dizer assim: que você nasce sem nenhum pecado, mas a partir do momento que você mama você já está pecando né? E se você mamou, quando morrer você tem que passar por lá[Purgatório] pra derramar o leite que você mamou, no Purgatório. Tem esse dizer, que o povo derrama o leite no Purgatório.

**Joaquim:** Isso é das crianças?

**Cida:** Não, é qualquer um de nós. Você num já mamou? Pois é, eu também. Qualquer dia estamos, vamos por lá, derramar o leite que nós tiremos de nossa mãe.<sup>43</sup>

<sup>41</sup> Cf. ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 36-39.

<sup>42</sup>STUDART, Guilherme *Apud* CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia do folclore brasileiro*. v.2. 6 ed. São Paulo: Global, 2003, p. 43.

<sup>43</sup> Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato, p. 5.

Cida foi a única das entrevistadas a expandir o vômito no Purgatório para todos os mortos. No entanto, ela não apresentou outros detalhes, reafirmando apenas que todos nós, incluindo eu e ela, também passaremos no terceiro lugar para vomitar o leite mamado em vida. Na atualidade, apesar do nosso tempo vivido não ser correspondente à temporalidade da infância, quando fomos amamentados, esse pecado permanece nas nossas costas para ser redimido quando morrermos no mundo terreno e passarmos pelas chamas purgantes.

### 2.1.3. *O vômito de quê?*

A crença funda uma expectativa.<sup>44</sup>

Novas questões foram surgindo entre os diferentes narradores, na medida em que as entrevistas foram sendo realizadas. Em uma delas, sou levado a indagar: como os anjos fazem para levar e vomitar o leite materno no Purgatório?

Nas memórias dos entrevistados na entrada do século XXI, os anjinhos e outros mortos parecem possuir um estômago. É na sua corporeidade que o líquido é levado para o Purgatório e sobre ele derramado. Dessa maneira, a materialidade e a imaterialidade do corpo físico e da dimensão espiritual se confundem e se misturam na tradição oral e nas crenças religiosas, ancoradas e projetadas nos mistérios do outro mundo.

As crenças que associam a materialidade do corpo e seus gestos no Purgatório possuem raízes históricas antigas, o que reflete continuidades de um imaginário urdido em um passado distante e atualizado no presente. Mais uma vez, Le Goff situa sua construção nos processos temporais que constituíram o terceiro lugar do além cristão, especialmente a partir do século XII (por volta do ano 1190) com a escrita do *Purgatório de São Patrício*, um documento que contribuiu de forma significativa para o nascimento e o grassar do Purgatório e de suas especificidades.

Escrito originalmente em *latim*, o *Purgatorium Sancti Patricii* foi o primeiro tratado em que o Purgatório foi nomeado e representado como um lugar específico. O documento constitui uma sucessão de visões e de viagens ao além. Muito influenciado pelo *Apocalipse de Paulo* (sua fonte principal) e rapidamente traduzido para o francês, ele obteve, no século XIII, numerosas versões em latim e línguas vulgares. Segundo o documento escrito pelo cisterciense

---

<sup>44</sup> CERTEAU, Michel. *A fábula mística*. v I. Op. Cit., p.251.

inglês, o terceiro lugar do além fica situado nas proximidades do Inferno, sendo visualizado como uma sucessão num terreno plano, sem subidas ou descidas. Ele possui pontos de comunicação na Terra, por onde homens vivos poderiam adentrar e testar sua fé nos tormentos purgantes. A narrativa mais conhecida, diz que São Patrício recebeu de Deus, a fim de converter alguns irlandeses incrédulos, um acesso ao Purgatório em uma Ilha, *Station Island*, situada no atual Eire, nas fronteiras com a Irlanda do Norte. O acesso se dava em uma caverna, localizada no meio do *Lourg Derg* (Lago Vermelho).<sup>45</sup>

Os gestos presentes no *Purgatório de São Patrício* são provocados por seres que pertencem a duas categorias distintas: os homens e os demônios. No primeiro caso, eles são diferenciados a partir dos mortos dos dois sexos (macho e fêmea) e do homem que permanece mantendo a condição de terrestre, ou seja, um vivo que adentrou aquela dimensão. As almas que adentraram o terceiro lugar são dotadas de uma espécie de corpo que as fazem sentir os sofrimentos do fogo intenso. Os tormentos atingem, sobretudo, as partes da corporeidade, sendo, inclusive, expressados por quatro dos cinco sentidos, a saber: a vista, o olfato, o ouvido e o tato, faltando apenas o paladar. De toda forma, os gestos no além foram inseridos num conjunto de sentidos mais amplos que envolvem o corpo humano.<sup>46</sup>

É possível estabelecer o liame entre os anjos vomitivos inventados na Terra e essas crenças culturalmente difundidas no Ocidente cristão. Nesse direcionamento, os sentidos expressos sobre os anjinhos que carregam o leite materno no estômago refletem apropriações e ressignificações de saberes antigos tocantes à corporeidade dos mortos no outro mundo, propagados pela própria Igreja.

Nos escritos elaborados no século XX sobre as crenças religiosas do “povo”, a necessidade do anjo de se desfazer do material ingerido provoca um rebuliço no Purgatório, mediante sua inquietação. É dessa forma que ele expulsa o leite do seu estômago e despeja-o sobre aquele espaço imagético. Após se rebulir, esvoaçar e derramar todo o líquido, a criatura angélica se acalma e fica livre para voar rumo ao Paraíso. Essa situação condicional imposta aos anjos, explica Cascudo, está cerceada no processo através do qual o corpo do pequenino entra em decomposição na terra.<sup>47</sup>

Nas memórias dos fiéis entrevistados no presente, por sua vez, o derramamento do leite materno no Purgatório revela as marcas do pecado das mães e dos anjos, uma vez que, sendo cometido por elas, as máculas são transmitidas aos pequenos amamentados. Desta

<sup>45</sup> LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Op. Cit., p.149-156.

<sup>46</sup> Id. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 2010, p.58-60.

<sup>47</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Religião no povo*. 2 ed. São Paulo: Global, 2011, p. 56.

maneira, o rebuliço dos anjos reflete a queima das suas culpas, na mesma proporção que o líquido é despejado nos tempos purgantes.

Conforme a tradição oral pronunciada pelos entrevistados, há ambiguidades no que diz respeito ao encontro dos anjinhos com as temporalidades purgantes. Eles não sofrem e parecem não purgar o pecado do leite. Este é vomitado rapidamente durante a passagem, também acelerada. Isto é, imediatamente, o pecado do tempo é expurgado e a criatura sai do tempo purgante para emergir na eternidade célica.

A narrativa da penitente Maria Generosa acrescenta detalhes interessantíssimos:

**Maria Generosa:** Aquele que nascia vivo ainda passa no rio de sangue. Só passa né.

**Joaquim:** Como é essa história?

**Maria Generosa:** Não sei. É ali em precura do Purgatório, por ali. Ainda passa né. Ele passa no rio de sangue, tem um rio de sangue, e tem o rio de água né. Aí ainda diz que passa, mas só para passar mesmo. E nós, nós velho, assim, adulto quando morre vai queimado, se queimar primeiro, passa no rio de sangue, passa no rio de tudo mode poder né?<sup>48</sup>

Segundo a narradora, os anjinhos nascidos vivos precisam atravessar o rio de Sangue existente no Purgatório. Nesse momento, o aspecto espacial foi atribuído à dimensão purgante. Tempo e espaço se misturam na formulação e imaginação do terceiro lugar do além, indícios estes da continuidade na tradição oral contemporânea de elementos outrora fabricados e presentes no imaginário do além. Tais quais as espacialidades terrenas, o Purgatório é descrito como um caminho a ser percorrido, com rios a serem ultrapassados. Isso lembra aspectos de sua configuração desde a cosmologia criada pelo poeta italiano Dante Alighieri (1265-1321), como os setes círculos purgantes e sobrepostos.<sup>49</sup>

<sup>48</sup>Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, na cidade de Porteiras. p. 12.

<sup>49</sup> Na cosmologia de Dante Alighieri, considerado como um dos principais expoentes da cultura medieval, o Purgatório é uma montanha altíssima situada no centro do Mar do hemisfério inferior (austral), no ponto oposto a cidade de Jerusalém, estando esta última situada no hemisfério superior (setentrional). Contornada por terraços, a montanha vai se estreitando até alcançar o plano do paraíso terrestre. Para alcançá-lo, por sua vez, é necessário escalá-la. Ela é dividida em sete terraços (círculos), nos quais as almas cumprem penas diversas, conforme os pecados cometidos em vida. ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia: Purgatório*. 3 ed. Tradução e notas de Italo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 8. “Ponto de vista estrutural, a *Comédia* [como originalmente foi escrita a obra prima de Dante, e assim identificada até o século XVI] é o relato da viagem que Dante empreende para visitar os três reinos do outro mundo: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso. Toda a viagem é contada em cem cantos, dos quais um, isto é, o primeiro, funciona como introdução. De modo que a viagem propriamente é narrada em 99 cantos, 33 em cânticos, escritos em tercetos de decassílabos rimados de modo alternativo e encadeado (...). A *comédia* é em essência um grande livro escrito para a salvação moral da humanidade, vale dizer para libertá-la, com a ajuda e a assistência da graça de Deus, do pecado a que o poeta, cristão e crente absoluto, a via submetida”. DISTANTE, CARMELO. Prefácio. In: ALIGHIERE, Dante. *A divina comédia: Inferno*. 3 ed. Tradução e nota de Italo Mauro. São Paulo: Editora 34, 2014. p. 12-13.

Até esse ponto, as memórias indicam que os mortos percorrem dois rios existentes naquela dimensão, um de sangue e outro de água.<sup>50</sup> Na intempérie de seus fluxos, todos devem passar para remissão dos pecados. Inicialmente, os adultos sofrem, queimando suas culpas no fogo intenso e, em seguida, percorrem as tormentas também purgantes. Diferentemente, os anjinhos apenas passam nas correntezas do rio de sangue, e não demoram. Ao ouvir o pedido para falar um pouco mais sobre esse assunto, a penitente foi além, acrescentando informações relevantes e intrigantes:

**Joaquim:** Como é essa história do Purgatório que a senhora disse que tem dois rios lá? Conta mais um pouco mais sobre isso.

**Maria Generosa:** No Purgatório tem o rio de sangue, tem o rio de água, acho que tem outro rio, mas eu num sei mais de que era o rio. É tudo pras almas quando vai tem que passar por ali, tudinho né. Pra depois a pessoa vai, julgar, Deus julga os pecados pra puder ...

**Joaquim:** E por que é que é de sangue?

**Maria Generosa:** Num sei.

**Joaquim:** E são três, que a senhora falou?

**Maria Generosa:** É, o rio é de sangue e de água, num tem na... é sangue e água. Jorra do Coração de Jesus, um canto de misericórdia. Eu confio em vós. É esse! A pessoa passa mais é confiante, que confia em Deus. É que vai [por Céu]. Pois é, é esse.<sup>51</sup>

Conforme a rezadeira e penitente, para o morto ultrapassar a temporalidade e espacialidade purgantes, representadas pela passagem pelo fogo e pelas tormentas dos rios de sangue e de água, é necessário ter fé e confiar em Deus, caso contrário, a alma não conseguirá seguir no trajeto da Redenção. Logo, aqueles rios são reveladores da fé das pessoas e assumem o signo da provação. Dessa maneira, não basta purgar os pecados, os mortos precisam comprovar a crença, ultrapassando os rios. Ao que parece, tais palavras seguem algum bendito dito oralmente nos momentos de oração, como as rimas expressadas indicam no momento da exclamação da narradora.

O rio de sangue tem uma nascente extremamente significativa: ele jorra do Coração de Jesus. Nesses termos, é o *Sangue Precioso* que, como outrora foi derramado na Terra para salvar os vivos, volta a purificar os fiéis nas purgações temporárias do outro mundo. Eis a continuidade da conversa:

<sup>50</sup> A purgação a partir da água não é um signo novo. Analisando composições pictóricas dos séculos XIV e XV, Vovelle lembra como naqueles contextos o fogo e a água eram signos de provações e suplícios s serem sofridos. No século XIV, esses elementos estavam no percurso de purgação das almas. No XV, o fogo se sobrepôs como elemento essencial e quase onipresente nas produções sobre o Purgatório. Naquela extensão aquática, as almas aparecem ora com expressões atormentadas, ora eufóricas. Cf. VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório*: ou o trabalho de luto. Tradução Aline Meyer e Roberto Cattani. São Paulo: Ed. UNESP, 2010, p. 83-90.

<sup>51</sup>Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, Porteirias. p.12.

**Joaquim:** E todo mundo passa por esses dois rios?

**Maria Generosa:** Tudo mundo, todo mundo tem que passar, tem que se queimar. Primeiro tem o fogo né também. Que tem o fogo do Purgatório.

**Joaquim:** E como é o fogo do Purgatório?

**Maria Generosa:** Eu num sei não. Eu num sei dizer sobre o fogo do Purgatório. A gente passa.

**Joaquim:** E aquele criança que se alimenta, e depois morre, e ela tem que passar por lá?

**Maria Generosa:** Só passa. E vai direto. Mas nós temos que passar e demorar né. Tem os pecadão que vai nas costas da gente. Levanta falso a um, briga mais outro, se intriga com outro. Mata. Aí num dá tempo mais de pedir perdão não porque, e assim vai né.<sup>52</sup>

Nos lampejos da imaginação e do imaginário apresentados por Maria Generosa, há outro signo nos tempos purgantes de suma importância, dedicado exclusivamente às crianças que mamaram em vida. A penitente surpreendeu quando respondeu a seguinte pergunta:

**Joaquim:** E tinha uma história de vomitar o leite no Purgatório?

**Maria Generosa:** É, tem, tem que vomitar. Sim, tem o rio de leite. Tem que vomitar aquele, a comida que comeu, comeu aquela mama, aquele leite né. Mode ir. Tem o rio do leite que é das crianças. Vomita o leite que bebeu, a comidinha que comeu, tem que deixar lá. Quem tem que entrar lá, mas é difícil né. Assim só pra anjo, mais nós véi, tem muitos o que fazer mode puder chegar.

**Joaquim:** E esses rios tem tamanhos?

**Maria Generosa:** Num sei, num sei se é passagem [como são designados os pequenos córregos], se é grande, se é pequeno, eu num sei não.

**Joaquim:** Então tem que derramar o leite no rio do leite?

**Maria Generosa:** É. O Céu é fino. Eu num sei se o dá água é o derradeiro, eu num sei não. Tem o leite, o sangue e a água né. Mais eu num sei qual é o primeiro e nem o derradeiro. Mais os três tem. É isso.

**Joaquim:** E a senhora falou que o Céu é fino?

**Maria Generosa:** O Céu é muito fino. Nós só entra lá se nós num levar nem um pecadinho deste tamaim [gesticula com os dedos]. Se chegar lá tem, né. Tem o julgamento. Aqui num tem o julgamento da polícia? Lá tem o julgamento eterno, né. O julgamento eterno. Aqui a pessoa vai pra polícia e ainda deixa uma palavra guardada, mas lá não pode, né. Lá não pode não.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup>Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, Porteiras. p.12. De acordo com Le Goff e Troung, o sangue foi descoberto e repugnado na Idade Média, no momento em que o cristianismo se firmou. Naquele contexto, ele foi marcado por paradoxos. O sangue, como o esperma, recaiu num tabu. Ele foi um dos elementos de inferiorização da mulher, pois, ela despejava-o pelo seu órgão sexual. Ademais, a sexualidade, que a partir do século XII foi associada ao sangue, representou o ápice da depreciação do corpo no medievo. “O cristianismo medieval privilegiou o pecado em relação à desonra. O espiritual sobrepuja o corporal. O sangue puro de Cristo é mantido a distância do sangue impuro dos homens. Ele é chamado de *Sangue Precioso*, que os Anjos e Maria Madalena teriam recolhido ao pé da cruz e do qual numerosas igrejas reivindicavam a propriedade durante a Idade Média (...)”. LE GOFF, Jacques; TROUNG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. 3 ed. Tradução Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 40.

<sup>53</sup>Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, Porteiras. p.12-13.

Segundo Maria Generosa, o rio de leite é um lugar específico no terceiro lugar para o anjo despejar o líquido mamado e seu intrínseco pecado, bem como as demais comidas ingeridas quando vivo. Ela afirma desconhecer as dimensões do rio, sua origem e foz, bem como suas conexões com os percursos e as sequências que possibilitam a salvação. Todavia, a existência desses signos é afirmada de forma altaneira e pujante.

Por fim, a penitente entrevistada elucida ainda como o Céu é muito fino, palavras entoadas para designá-lo como uma dimensão delicada, gloriosa e seletiva, portanto, de difícil acesso. Para alcançá-la e obter a bem-aventurança, sejam as almas ou os anjinhos, é necessário não carregar nenhum pecado, ainda que minúsculo, como os gestos dos dedos apresentam.

Convém assinalar que além do leite, comumente, um bebê vivo ingere água, e, no caso de crianças com alguns meses ou anos, se alimentam de outros produtos comestíveis. Entretanto, a associação entre este líquido, a comensalidade e o vômito dos anjos não foi mencionada nas memórias dos narradores, nem ao menos pela narradora que fez menção ao rio de água nas representações imaginárias do Purgatório. De fato, a questão é direcionada para os significados atribuídos ao leite produzido no corpo feminino.

Segundo Agnès Fine, na Europa dos séculos XIX e XX crenças foram compartilhadas, entre os saberes científicos e das populações, que elucidam representações tradicionais do leite das lactantes. Nestas, às vezes, ele era identificado como um veneno mortal. O *leite perturbador* era resultante de alterações provocadas no corpo da mulher lactante e desencadeadas por dois tipos de causas, a saber: primeiro, pelas comoções físicas e morais, a exemplo do demasiado cansaço, frio e calor, bem como de fortes emoções: ódio, desgosto, medo e relações sexuais muito fogosas. O segundo tipo ocorria quando a mãe que amamentava voltava a menstruar ou engravidar. Neste ponto, ele se opõe à volta do sangue, mas, em compensação, este último se opõe à amamentação. O que merece destaque nessas considerações é o fator da agregação condizente a esses elementos. Fine lembra que essas associações colocam em cena continuidades da fisiologia antiga, que foram retomadas pelos médicos europeus dos fins da Idade Média e nos delineios da Idade Moderna. A antiga fisiologia dos humores femininos lança luz para a origem do líquido mamado: o sangue da mãe.<sup>54</sup>

É essa associação que está presente nas memórias da manicura Cida. Quando referendou a necessidade de todos derramarem esse líquido no terceiro lugar do além, ela foi questionada:

---

<sup>54</sup> FINE, Agnès. Leite envenenado, sangue perturbado: Saber médico e sabedoria popular sobre os humores femininos (séculos XIX e XX). In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Ogs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003, p. 62-65.

**Joaquim:** Mas por que o leite?

**Cida:** Porque diz que o leite é sangue, foi o que a gente sugou no sangue da nossa mãe né? que é o leite materno. Eu já ouvi. Todo mundo que mamou (...).

**Joaquim:** E como é que bota o leite pra fora no Purgatório?

**Cida:** Num sei, num sei se vomita né? Acredito que vomita.

**Joaquim:** Como é que faz para vomitar lá? Como os mais velhos contavam?

**Cida:** Não sei. Nunca ouvi.<sup>55</sup>

No século XXI, essas memórias evidenciam continuidades dos significados atribuídos ao sangue desde a sua descoberta, sobretudo, no que se refere às impurezas oriundas da vida pecaminosa, cujo mito de origem nos remete ao pecado original. Ademais, no cotidiano, às vezes, as pessoas criam categorias para explicar ou comparar os líquidos e signos internos do corpo com outros elementos do mundo, muitas vezes associadas à cor dos fluídos. Nesse sentido, o *sangue branco*, que representa um soro sanguíneo, faz lembrar o leite materno.<sup>56</sup>

As memórias registradas fazem lembrar como o corpo humano e seus líquidos foram imersos nos códigos e nas lentes da cultura, conseqüentemente, foram inseridos nas lides imaginárias constitutivas de muitos significados. Como lembra Thomas Laqueur, historicamente, a corporeidade e seus elementos foram projetados em uma ordem cósmica e cultural que transcende os aspectos biológicos.<sup>57</sup> Entre os narradores, o sangue é biológico e místico, simultaneamente. É natural e sobrenatural. É divino, quando atribuído àquele *Precioso* e, pecaminoso, quando é originário dos humanos.

No que concerne aos muitos tempos das tradições orais, quais relações podem ser estreitadas a partir desse debate? É possível inferir que a passagem dos anjos no Purgatório está a serviço da comparação temporal, pois, os narradores, quando referem-se a tal trânsito, comparam e confrontam a viagem acelerada dos anjinhos vomitivos com os muitos outros tempos de purgação dos mortos. Enquanto a criatura angélica passa no ritmo veloz, os outros mortos permanecem purgantes, seguindo ritmos misteriosos, entre a dor da purgação e à espera da salvação através do chamado divino.

Estabelecendo outros liames, é salutar indagar: existem, de algum modo, conexões entre a temporalidade da passagem do anjinho pelo Purgatório, o tempo do seu vômito e das almas aflitas? Os anjos interferem avançando ou retardando o processo de purgação dos mortos ou a contagem do tempo purgante?

<sup>55</sup> Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato, p.6.

<sup>56</sup> Sobre o sangue branco, ver CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Op. Cit., p.616.

<sup>57</sup> LAQUEUR, Thomas Walter. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p.51.



Para tentar responder essas questões, é necessário deslindar os mitos de origem ou eventos fundadores tocantes àquela passagem. Durante os diferentes momentos de realização das entrevistas, os fiéis narradores não souberam explicar o mito que gerou a passagem do anjo pelo Purgatório. Neste momento, nem a Bíblia e nem outros documentos oficiais ou não oficiais foram mencionados. Os entrevistados não souberam indicar em quais artefatos podem ser encontradas referências – sejam elas escritas ou artísticas – sobre isso. Conforme os narradores, a veracidade daquilo que foi narrado se ancora nas crenças e nas narrativas dos mais velhos, com quem aprenderam. Ou seja, a tradição oral é a fonte desses saberes. Sobre esse aspecto, as palavras dos mais velhos ganham *status* de prova do tempo e no tempo, e a certeza é ambivalente aos mistérios dessa passagem.

Perscrutando os saberes orais e suas relações com a cultura escrita e iconográfica, é verossímil como a crença sobre o vômito dos anjos no Purgatório remete à Europa medieval e aos tempos precedentes. O historiador Michel Vovelle lembra que lá, o espanhol Pedro Machuca (1490-1550) pintou uma imagem na qual a Virgem Maria aparece rodeada de anjinhos e com uma criança nos braços (que parece ser o Menino Jesus). Ela espreme os próprios seios com a ajuda dos anjinhos. Com isso, derrama seu leite sobre as almas que sofrem com o ardor e o queimar das chamas purgantes. Essa imagem, entre outras, colaborou com a constituição de uma cultura visual do Purgatório no Ocidente medieval.<sup>58</sup> Desse modo, a presença e o derramamento de leite materno naquela dimensão tem uma origem divina.



Figura 6 - Virgem Maria de Pedro Machuca  
Fonte: <http://www.artespana.com/pedromachuca.htm>

<sup>58</sup> Essa imagem (entre outras) colaborou com a constituição de uma cultura visual do Purgatório no Ocidente, Cf. VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório*. Op. Cit., p.114-115.

É mister frisar que, de acordo com Schmitt, o *imago* (imagem) é o fundamento da antropologia cristã, estando presente nos escritos bíblicos desde os primeiros versículos do *Gênesis* (1,26). A “região de dissemelhança” entre Deus e o Homem, após a expulsão deste último do Paraíso, “é o lugar de produção de todas as obras humanas, e entre elas as imagens”. A função destas é dar significado ao drama escatológico, elucidando suas etapas. Na arte medieval, explica Schmitt, as formas figurativas e as cores são, antes de qualquer coisa, percebidas como indícios de realidades que ultrapassam as possibilidades do olhar. “As imagens não saberiam representar – no sentido habitual do termo – essas realidades. Poderiam no máximo tentar ‘torná-las presentes’, ‘presentificá-las’.”<sup>59</sup>

Seguindo o ato da Virgem Maria, no que toca o derramamento do leite materno, o vômito dos anjos faz lembrar que o líquido inquietamente despejado também auxilia as almas aflitas que purgam, na medida em que lhes refrescam e, portanto, aliviam seu penar nas chamas. Embora as memórias orais dos entrevistados não expliquem tal função, o voo das criaturas angélicas pelo terceiro lugar do além parece reforçar a própria função de alguns anjos inventados no momento da criação dos mundos visíveis e invisíveis, a saber: proteger e cuidar da criatura humana, neste caso, dos mortos ocupantes do Purgatório. Sobre as representações alusivas ao Purgatório e a prova do fogo, Adalgisa Campos sublinha:

Nas representações anteriores ao Concílio de Trento foi abundante a recorrência a Nossa Senhora, que, apertando os seios, jorrava o leite para o alívio das almas padecentes. A Virgem do Leite demonstra a relativa autonomia do mundo da representação e da piedade popular em relação às ideias da elite clerical do Seiscentos, que não via com bons olhos tal liberdade de interpretação.<sup>60</sup>

De acordo com Vovelle, a Igreja pós-tridentina escondeu as imagens dos seios expostos da Virgem Maria despejando leite sobre almas purgantes. Tais imagens foram consideradas, na época, indecentes e até mesmo ímpias.<sup>61</sup>

Embora a política da Igreja Tridentina tenha tornado invisível a parte do corpo exposto da Virgem Maria e o líquido dele exprimido e derramado, as representações do leite das demais mulheres adentraram o Purgatório por meio dos seus filhos que se tornaram anjos após a morte na infância. Desta forma, os seios, o leite e a própria Virgem sumiram das imagens

<sup>59</sup> SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Tradução de José Rivaír Macedo. Bauru, SP: EDUSC, 2007, p. 14.

<sup>60</sup> CAMPOS, Adalgisa Arantes. *As irmandades de São Miguel e as almas do Purgatório*. Op. Cit., p.72.

<sup>61</sup> VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório*. Op. Cit., p. 115.

oficiais do Purgatório propagadas a partir do período Moderno.<sup>62</sup> Mas, o leite materno, agora vomitado pelos anjinhos, permaneceu no imaginário religioso do Ocidente cristão, perdurando nas narrativas orais de muitos fiéis entrevistados no Cariri cearense do século XXI.

Segundo essa acepção, o vômito dos anjos auxilia os mortos purgantes. Entretanto, uma das narrativas se distancia dessa interpretação. Ela foge dessa lógica e indica aspectos conflitantes e aparentemente impensáveis. Eis um trecho do diálogo urdido com o agricultor Luís André:

**Joaquim:** E aquelas crianças que se alimentam, diz que tem uma história de ter que vomitar no Purgatório?

**Luís André:** É dos sete anos. O menino de sete anos, se ele vomitar o leite dele lá, aí cria fogo.

**Joaquim:** Como é? Eu não entendi.

**Luís André:** O leite dá é fogo. Se ele avomitar com sete anos lá, aquele amamento, o leite né, ali é fogo. Aquele leite é fogo. Vira fogo. É suuuuuuuur [nesse momento o narrador assopra] e aquela vareda. É. Tu já assistiu filme num já?

**Joaquim:** Filmes? já.

**Luís André:** Já passou, num viu passando ainda?

**Joaquim:** Não. Nunca viu não. Mas o senhor já viu?

**Luís André:** Já. Já assisti um filme em Fortaleza.

**Joaquim:** E qual era o filme? O que é que aparecia nesse filme?

**Luís André:** Rapaz aparecia tanto bicho. O cão. Muié se queimando. Botando fogo nos homens, os homens se queimando. É um Inferno. O povo diz que existe o Inferno? Mas aquele caba ali já foi no Inferno. Ali, aquele negócio ali, o caba já foi no Inferno. Muié queimando homem, homem queimando muié. As crianças vomitando, fazia vuur. Saia era fogo pela boca. Pegava naquela pessoa, pegava na mãe. Pegava aquele povo lá. Eu fui e me arrependi. Eu digo:

— Nunca mas que eu venho assistir esse negócio.

Passei a noite impressionado. Pra mim, quando eu fechava os olhos, pra mim eu tava vendo aquela labareda de fogo, aquele róla de fogo soltando e pegando no povo lá. Deus me livre, Deus me livre.

**Joaquim:** Aí o senhor acha que a criança que vomita o leite no Purgatório vira fogo?

**Luís André:** Vira fogo, vira fogo. Num vira pirão e nem, vira é fogo. Criança fazendo ruuuuur e saindo as labaredas de fogo.<sup>63</sup>

Não obstante a pergunta ter sido direcionada às narrativas sobre o vômito do leite no Purgatório, o narrador redefiniu a direção dos despejos líquidos, agora lançados dentro da

<sup>62</sup> Aqui vale lembrar que, em contraposição à tentativa de invisibilidade construída oficialmente, tal imagem está disponível na internet. Inserida no Museo Del Prado, em Madrid, Espanha, no ano de 1935, a pintura se tornou objeto de estudos recentes, como é o caso do trabalho de Ana Ávila que analisa a relação da imagem com a cultura italiana. Cf. ÁVILA, Ana. La Virgen con el Niño y las almas del purgatorio de Pedro Machuca y su vinculación italiana. *Archivo Español de Arte*, LXXXV, 338, abr.-jun. 2012, p. 125-146.

<sup>63</sup> Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, bairro Campo Santo. Porteiras. p.18-19.

dimensão infernal. Essas memórias acionam e catalisam a construção de outras acepções sobre os encontros dos / nos tempos do além.

Pondo essas memórias em relevo, é perspicuo como o tempo voltou a ser indicado como um elemento de distinção do voo e dos vômitos dos anjos, bem como da presença das crianças mortas nas dimensões do outro mundo. Segundo o narrador, a criança cuja idade se iguala e/ou ultrapassa os setes anos, indicado por ele como a temporalidade não mais pertencente aos anjos, tem seu vômito transmutado em fogo. Nessa linha de raciocínio, portanto, ele é balizado pela temporalidade. Então, trata-se de um vômito cujo conteúdo é, sobretudo o tempo.

Nas memórias do narrador, enquanto homens e mulheres atacavam-se uns aos outros transmitindo o fogaréu e intensificando o sofrimento, as crianças lançavam, a partir do regurgito, rajadas queimantes cujas chamas atingiam a todos, independentemente de quem fossem eles, atingiam, inclusive, as mães. Isso soa, na tonalidade da voz, como se, naquela circunstância, os vínculos afetivos do mundo terreno fossem totalmente desfeitos, como se as sensibilidades afetivas e familiares não tivessem lugar naquela dimensão do além.

O narrador afirmou como aprendeu essa visualidade: após assistir a um filme, quando, recentemente, esteve na cidade de Fortaleza – CE. As imagens alcançadas à luz dos olhos e narradas na voz foram tão fortes, que ele se arrependeu de ter visto as cenas fílmicas, pois se assustou ao ver o sofrer dos mortos, a intensidade do fogo infernal, bem como os bichos e demais seres existentes no outro mundo, a exemplo do Cão – termo utilizado no cotidiano para designar o Diabo – líder maligno das instâncias infernais. Conforme o narrador, certamente, o produtor do filme já esteve no Inferno, uma vez que sua descrição detalhada e a intensidade do sofrimento fazem crer e temer.

A ideia desse narrador não parece de todo absurda, ou irrealizável, uma vez que esse não foi um caso isolado, a exemplo do que foi mencionado no início deste capítulo. As conexões e associações entre a Terra e as dimensões purgantes e infernais foram citadas com frequência em variadas narrativas. Entre as entrevistas realizadas, há muitos casos de vivos que, tendo sua morte anunciada, foram ao Inferno e, de forma surpreendente, ressurgiram, comunicando aos seus os pormenores do outro mundo. Inversamente, há narrativas sobre mortos e seres amedrontadores e infernais ressurgidos no mundo terreno por variados motivos. E, no cerne das narrações, as temporalidades reaparecem com fervor.

## 2.2. Singularidades terrenas e encontros infernais

### 2.2.1. *O caldeirão e outros Infernos*

Na conversa urdida com Dona Toinha acerca das almas imersas no Inferno, ela comentou: “essas que vão ficam lá. Essas que vai num sai mais não. Não tem mais sentenças pra elas não. Cai dentro do caldeirão duma vez. É triste a vida”.<sup>64</sup>

Obviamente, a ideia do Inferno como caldeirão não é exclusiva da narradora. Acredito ser esta uma construção cultural tecida ao longo do processo de formação religiosa do Cariri, premissa também perceptível a partir da narrativa de Eduardo Campos, sobre os saberes narrados no Ceará do século XX: “O inferno do nordestino, do caboclo dos sertões cearenses, é um caldeirão fervendo, enorme”.<sup>65</sup>

Enquanto Dona Toinha não se esquivou de falar sobre as tramas do Diabo tentando angariar almas e levá-las para seu caldeirão, outros narradores não demonstraram intimidade para falar sobre o assunto, ou simplesmente, não quiseram discorrer sobre. Em variados momentos das entrevistas, as falas curtas evidenciaram a vontade de mudar de assunto, como se o tema não fosse bem-vindo à ocasião. À guisa de exemplo, lembro de que quando foi indagada sobre o que os mais velhos falavam no passado e no presente, no que concerne às almas perdidas, a penitente Maria Generosa disse: “num fala nada, que num pode se salvar né. Quem salva é Deus. É Deus e pronto né”.<sup>66</sup> Diferentemente, outros entrevistados, mesmo se esquivando como se fugissem do tema em diálogo, falaram sobre ele.

Sobre esse ponto, há uma linha que aproxima e, concomitantemente, distancia o Céu e o Inferno. Para alguns narradores, este último e as almas que nele desembocaram, são narrados como contrapontos ao Paraíso e aos mortos bem-aventurados. Na medida em que uma dessas dimensões e seus mortos são lembrados, seus opostos também são lembrados.

Dito de outro modo, o Céu e o Inferno são narrados como caminhos distintos, porém como veredas alinhadas numa linha de raciocínio na qual a vida na Terra condiz com o destino do morto nos percursos e limites do além. Tais caminhos imagéticos foram cartografados na tradição oral como sendo um deles limpo e de fácil acesso, e o outro cheio de garranchos, dificultoso. Foi o que contou Dona Toinha:

<sup>64</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, Crato. p. 17.

<sup>65</sup> CAMPOS, Eduardo. *Estudos de folclore cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1960, p. 41.

<sup>66</sup> Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, Porteiras. p. 10.

**Dona Toinha:** Meu pai tinha um livro de São Cipriano. Gostava de mandar ler esse livro pra nós escutar. Esse livro tinha tanta coisa boa, tanta coisa bonita que chega eu nem me lembra. Eu só me lembra que ele dizia que, a mulher que lia lá em casa, dizia que diz que o caminho do Céu...o caminho do Inferno é limpo barrido, num tem um garrancho. Agora diz que o caminho do Céu é cheio de embaraço. Diz que os Cão chupando calvão seco para achar umidade. Aqueles calvão seco, aqueles, naqueles limpos, naquela rodagem seca, chupando o calvão seco para encontrar umidade. Que num tinha, diz que aquelas estrada limpas diz que é do Cão. E a que tinha garrancho era a de Nosso Senhor.

**Joaquim:** Por que hem?

**Dona Toinha:** Porque diz que é mais abraçada porque é mais difícil de uma pessoa ir.<sup>67</sup>

O livro de São Cipriano, mencionado pela narradora, circulou (e continua presente) amplamente nas práticas de leituras no Brasil urbano e rural. No início da década de 1990, a pesquisadora Jerusa Pires já indicava que ele era uma das publicações mais ‘didáticas’ e influentes no cotidiano dos brasileiros, além de pujante em suas práticas e imaginações. Conforme a autora, embora essa obra fosse editada nos grandes centros urbanos, ela adentrou fortemente os sertões, mesmo sendo usado sigilosamente. O livro teve popularidade na sociedade rural e urbana portuguesa, de quem, segundo Ferreira, a sociedade brasileira alcançou o escrito. Segundo suas palavras:

No Brasil, sua expansão está ligada à Umbanda, que se afirma cada vez mais como uma grande religião do povo brasileiro. Passa então o Livro de São Cipriano a ser uma espécie de Bíblia (ou anti-Bíblia) um instrumento indispensável para o enfrentamento da vida em sociedades complexas, um fetiche, uma arma, um sucedâneo múltiplo, compensação de múltiplas frustrações.<sup>68</sup>

Conforme Ferreira, “é das classes populares das mais diversas proveniências que vem a necessidade desses textos”. Mas o livro, composto de um conjunto de escritos, elaborados em diferentes tempos e espaços, também “atinge pessoas de classe média, de maior poder aquisitivo e, em geral, filiadas a crenças espíritas”. Pode-se falar de um “público à deriva”, ou seja, aberto. A obra é um misto de crenças. Ela reúne cristianismo e bruxaria, bem e mal, receitas e cogitações, engodo e mistério.<sup>69</sup>

<sup>67</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, Crato. p. 14.

<sup>68</sup> FERREIRA, Jerusa Pires. *O livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. XVII.

<sup>69</sup> FERREIRA, Jerusa Pires. *O livro de São Cipriano*. Op. Cit., p. XVII.

O(s) Livro(s) de São Cipriano apresenta(m): os meios para praticar as artes mágicas; talismãs; cerimônias secretas de iniciação; experimentos mágicos; reflexões sobre os espíritos; as influências dos dias e dos seus gênios; orações e exorcismos; pactos e invocações; feitiços de amor e graça, do poder e domínio, da riqueza e sucesso, da ação e proteção, dos tesouros e objetos ocultos e encantados; a arte de adivinhar pelos sinais da fisionomia e do corpo, das mãos, pelos corpos celestes, números, sonhos e símbolos inscritos nas cartas.<sup>70</sup>

Lembrando que outrora escutava as mensagens deste livro, lido no cotidiano por uma mulher, a mando do seu pai, Dona Toinha narra como o escrito apresentava muitas coisas boas e bonitas. Foi a partir da escuta desta escrita que aprendeu como o caminho para cair no Inferno é límpido e está ao alcance de todos, isso porque é fácil chegar até lá. No contraponto, para o alcance do Céu, o percurso é vivido nos embaraços, termos utilizados para evidenciar o sofrimento, tanto dos vivos, quanto dos mortos, no mundo terreno e nos destinos do além.<sup>71</sup>

Os ensinamentos para o alcance do Céu são objetivos. Tal caminho deve ser, inicialmente, palmilhado ainda na Terra, quando vivo. É necessário, portanto, enfrentar e conviver com os embaraços da vida: os sofrimentos terrenos. Não se deixar seduzir pelos caminhos mais fáceis é uma constante.

Portanto, os caminhos embaraçados e límpidos seguem a lógica dos desafios enfrentados no cotidiano e projetados para o outro mundo. Aliás, a clássica divisão entre um mundo natural e outro sobrenatural não parece tão clara e precisa entre os entrevistados. Tais dimensões estão conectadas e são coexistentes. Na medida em que há nivelamentos e distanciamentos, também existem justaposições e entrelaçamentos.

No momento em que narra sobre os espíritos e/ou as almas maléficas, o agricultor Luiz André aborda:

**Joaquim:** O senhor conhece alguma história ou já viu algum espírito mal?

**Luiz André:** A gente tira por isso, num sabe? A gente tira que tem o espírito mal, e o espírito do bem. O espírito mal é aquele que tira a vida de outro. Ali ele num tá com o espírito dele, porque Deus, Deus, ave Maria, o caba ispiando pra outro assim, papoca: pá, pá, pá... ele num tá com o espírito? Outro

<sup>70</sup> Em uma edição publicada em 2013, o livro mencionado apresenta o prólogo *A vida de São Cipriano*. Nele consta que esse bruxo nasceu em meados do século III (depois de Cristo), em Antióquia, capital da província romana da Síria. Filho de pais ricos, seguidores das antigas religiões locais, ele foi instruído para ser um líder religioso, aprendendo os rituais e sacrifícios oferecidos aos deuses. Por volta dos 30 anos, fez uma viagem à Pérsia para estudar astrologia, numerologia e outros saberes dos caldeus. Dedicou-se, principalmente, aos estudos e práticas da feitiçaria. De volta à Antióquia, levou uma “vida desregrada, libertina, escandalosa e impura”. Posteriormente, converteu-se ao cristianismo, e milagres foram atribuídos a ele. Após ter seu corpo martirizado, foi degolado em 26 de setembro de 304, a mando do então imperador romano Diocleciano (285-305). Ver *O livro de São Cipriano: Tratado completo da verdadeira magia*. São Paulo: Pallas, 2013, p. 13-23.

<sup>71</sup> Sobre os usos do Livro de São Cipriano no passado do Cariri (séculos XX), ver MELO, Rosilene Alves de. O outro Juazeiro: história das crenças e práticas ocultas na cidade sagrada. *Tendências*, Crato, v.2, n.1, 2004, p.35.

conversando e tira a faca: pá. Ali tá todo, tá com o espírito do Satanás homem. É o que chama o espírito do Satanás, o espírito mal.

**Joaquim:** E as pessoas contam muitas histórias do Satanás? O senhor já ouvia alguma história sobre o Diabo?

**Luiz André:** Rapaz, rapaz, diz que o Satanás atanaza o casal. O Satanás atanaza o casal, atanaza qualquer um. Aquele que não acreditar em Deus, o Satanás passa a mão e lança mesmo. Aí é onde aquela criatura faz besteira: mata, rouba, só faz o que num presta. Aí aqueles que acredita que existe Deus, aí o Satanás ele se afasta. Que nem uma vez, nós tava numa missão do Frei Damião aqui em Porteiras, aqui em Porteiras. A primeira vez que Frei Damião veio aqui em Porteiras. Ele tava num palanque lá, que a gente chama palanque, lá fazendo o sermão. Aí se benzeu. Aí disse:

— Xô Satanás, xô Satanás.

Aí ninguém viu. Só quem viu foi ele. Aí no outro dia, ele disse:

— Nós tava atacado pelo Satanás.

Frei Damião, eu escutei aqui na Igreja ele contando essa história.

— Mas eu expulsei ele logo. Expulsei logo.

Porque o bicho anda espalhando no mundo, homem. [...].

**Joaquim:** Aí Frei Damião viu o Satanás.

**Luiz André:** E diz que, diz não, eu vi Frei Damião:

— Xô Satanás [gesticula com as mãos].

Aí o pessoal num viu, só quem viu foi ele. No outro dia, ele foi e contou:

— Nós tava atacado pelo Satanás, mas eu expulsei ele.<sup>72</sup>

Missionário Capuchinho de nacionalidade italiana, Frei Damião (1898 - 1997) pregava fortemente em suas missões a necessidade do fiel temer a Deus e se preparar para o momento da morte. Feito deste modo, ele contribui para a construção do imaginário religioso e mortuário do Cariri do Século XX, como Riedl mencionou.<sup>73</sup>

Em janeiro de 1964, período no qual foi registrada a primeira passagem de Frei Damião em Porteiras, sua pregação reuniu uma multidão de fiéis.<sup>74</sup> Para o agricultor Luiz André, naquela ocasião o Satanás se fez presente. No entanto, só o religioso andarilho o avistou. Naquele contexto, embora a população presente não tenha avistado a criatura, sentiu sua presença mediante o olhar místico e os pronunciamentos do Frei. Na continuidade da entrevista, o narrador foi indagado:

**Joaquim:** E as pessoas contam histórias do Inferno?

**Luiz André:** Homem, Inferno é esse que nós tamos. Inferno é esse que nós tamos. E pode até ser porque Deus fez de tudo né? Deus fez de tudo. Deus fez o bom e fez o mal.

<sup>72</sup> Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, Bairro Campo Santo. Porteiras. p. 14.

<sup>73</sup> RIEDL, Titus. *Últimas lembranças: retratos da morte, no Cariri, região do Nordeste brasileiro*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: SECULT, 2002, p. 71.

<sup>74</sup> A datação mencionada foi registrada no *Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição*, em Porteiras, p. 22. Sobre a passagem de Frei Damião em Porteiras, ver SANTOS, Cícero Joaquim dos. *No entremeio dos mundos: tessituras da morte da Rufina na tradição oral*. Dissertação (Mestrado em História e Culturas) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009, p. 53-54.



**Joaquim:** E o Céu?

**Luiz André:** Ah, o Céu existe. Eu sei que o Céu existe. O Céu existe porque é onde é a morada de Deus, é no Céu. Como o Inferno é a morada do Satanás, deixa o Satanás pra lá. Num sei não [Risos].<sup>75</sup>

Não há consenso sobre as dimensões infernais, seus recortes, caminhos e limites. Enquanto que para alguns, tal dimensão está bem definida e tem seu lugar específico no outro mundo, o que evidência aprendizagens sobre os ensinamentos oficiais da Santa Fé, para outros, ele é um terreno dúbio, como se existisse e não existe, simultaneamente. E, às vezes, um mesmo narrador se contradiz, aspecto comumente presente nas gravações de memória a partir das relações dialógicas entre narrador e pesquisador.<sup>76</sup>

Num primeiro momento da entrevista, o penitente Seu Nivaldo Santos narrou:

**Seu Nivaldo:** Agora de alma eu num acredito não. Alma eu num acredito não porque quando o cara morre vai pro lugar certo que Jesus bota. O caba morreu...

**Joaquim:** Vai pra onde?

**Seu Nivaldo:** Pro Paraíso. O corpo fica no chão, enterrado. Mas a alma vai pro Paraíso, o espírito. Até o último dia que ele pisar na face da terra que for pra jugar aquele pecador, ele chama, aí a pessoa desce. Aquele que quiser se salvar. Num tiver, assim, pecado, esses pecado horroroso. Que for perdoado de Jesus. Diz que Jesus perdoa, mais tem pecado que num é perdoado. Aí aqueles entra no corpo, e sobe ao Céu. Mais aquele que não for, fica, vira terra. Num existe Inferno não. Existe o Céu.<sup>77</sup>

Nas memórias de Seu Nivaldo, inicialmente o Inferno foi negado como lugar, tempo e dimensão do além. A partir da surpresa apresentada ao falar sobre tal inexistência, ele foi interpelado, e ratificou:

**Joaquim:** Não existe o Inferno?

**Seu Nivaldo:** Existe não. Existe o Céu. O Inferno é aqui na terra. A terra aqui é que come tudim, nós, a carne nossa.

**Joaquim:** Então, a alma que não vai para o Céu, ela fica na terra?

**Seu Nivaldo:** Vira terra. Eu tenho uma Bíblia lá em casa, no Velho Testamento que diz, tem a história nela, fica para sempre alí. Num se salva não aquele que tiver muito pecado. Pecado horroroso.

**Joaquim:** E o Purgatório?

**Seu Nivaldo:** Não, não existe não. O fogo do Purgatório não existe não. Tem na Bíblia lá em casa. Tem numa Bíblia lá em casa. A nossa pena é aqui, que nós tamos penando. Nossa pena é aqui. O fogo é aqui. O caba diz:

<sup>75</sup> Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, bairro Campo Santo, Porteiras. p. 14-15.

<sup>76</sup> Cf. PORTELLI, Alessadro. “O momento da minha vida”. Op. Cit., p.296-313.

<sup>77</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha. p. 7.

— ah quando eu morrer vai queimar os pecados todim no fogo do Purgatório.

— Tem a chama, num sei o quê do fogo do Inferno. Não, não tem não. Existe o Céu que existe Deus, Deus num, Deus tá em todo o canto do mundo que o cara tiver. Mas Deus tá no Céu e tá aqui na terra. Deus tá aqui no meio de nós, conversando com nós. Todo pensamento que você pensar bem, tá nas mãos de Deus. Todo o pensamento ruim, Deus tá ouvindo também. Tá sentindo o pensamento que eu tô pensando. Eu sou um católico que eu sou católico apostólico romano. Eu num condeno o crente não, você pensa que eu condeno o crente? Pode ser a religião que for, o caba diz:

— Não é lei. Não, lei é dos homens!

A religião o caba segue a religião que quer. Porque um crente é crente eu num vou deixar entrar lá em casa? Eu mando ele fazer culto lá em casa. Porque tá falando, proclamando as palavras de Deus.

**Joaquim:** O senhor disse que o Purgatório não existe, o Inferno não existe, e o Diabo existe?

**Seu Nivaldo:** Não. O Purgatório é aqui mesmo. O Demônio existe solto. O demônio não atenta. O Demônio não atenta não. O Demônio ele tá [gagueijos], ô existe, o Demônio é invisível. Pode acreditar que o Demônio é invisível.<sup>78</sup>

Embora se apresente como Católico Apostólico Romano, Seu Nivaldo pronuncia palavras cujos sentidos estão em desacordo com os ensinamentos do catolicismo oficial. Ancorando-se nos ensinamentos do *Velho Testamento da Bíblia* que possui em sua residência, no sítio Brito, em Barbalha, ele situa no presente aquilo que aprendeu por meio das práticas de leitura e escuta, no passado.

Ora, o *Antigo Testamento* apresenta escritos que nos remetem ao período anterior à vinda de Cristo, há mais de 2.000 anos. Por isso, a ideia de um passado distante e antigo presente na escrita é apresentada nas entrelinhas da conversa para legitimar aquilo que é narrado, como se os saberes relatados carregassem o peso e a verdade de um passado distante no tempo, porém assegurado na escrita. Desse modo, o pretérito antiquíssimo dos escritos valem mais do que os saberes que atualmente a Igreja e os líderes religiosos afirmam, quando eles divergem.

Talvez, a ideia segundo a qual o Demônio, habitante do mundo terreno, não seja mal, tentador, tenha formulação nos trechos dos próprios escritos bíblicos mencionados. Bezerra de Menezes lembra que a origem do Demônio está atrelada a cultura judaico-cristã e suas apropriações de muitos saberes e mitos antigos arraigados nos maniqueísmos do bem e do mal, nos quais se expressavam muitos desejos e temores humanos. Na criação Judaico-cristã foi o próprio Deus quem o criou.

---

<sup>78</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha. p. 7-8.

Em grego, *Daimôn* não significa o Diabo, mas uma divindade, uma potência divina por oposição a *théos*, um deus pessoal. Só posteriormente esse termo foi tomado em sentido negativo e adjetivado. No Antigo Testamento, a noção de Satã, tal como a conhecemos hoje, estruturou-se progressivamente. No início, significava apenas “adversário” e, mais precisamente, aquele que no tribunal se apresentava como acusador. Aqueles que identificamos, ulteriormente, como demônios, são chamados “filhos de Deus”, comparecendo perante Iahweh e com ele dialogando normalmente. Todas as coisas e eventos eram atribuídas a Deus. Já no Novo Testamento, ele é chamado de Satanás, Beliel e Belzebud, mas sobretudo são usadas inúmeras denominações perifrásticas: príncipe deste mundo, o maligno, o anjo apóstado, espírito imundo, o grande adversário de Deus etc. (...) O Novo Testamento supõe assim a existência de um poder do mal, personificado.<sup>79</sup>

A narrativa de Dona Toinha se apoia em uma escrita: o Livro de São Cipriano. Esses narradores evidenciam como os sentidos escritos sobre o passado, atrelados as palavras pronunciadas oralmente na atualidade, se fazem presentes na contemporaneidade, no mesmo compasso em que são ressignificados em cada entonação. Desse modo, as memórias sobre um passado fixado na escrita vêm à baila e são usadas para firmar a certeza dos saberes propalados no presente, de tal maneira, que tanto o passado, quanto os próprios livros religiosos mencionados assumem o signo de verdade. No mesmo compasso, a experiência temporal e espacial vivida pelos narradores reforçam suas leituras sobre os destinos dos mortos entre o além e o aquém terreno, uma vez que eles também reinventam as estruturas imaginárias.

A experiência de seu Nivaldo ensina que o Inferno está situado na dimensão terrena e se faz sentir no delinear do tempo da vida sobre ela. Isso faz com que, em alguns momentos, ele discorde dos ensinamentos dos parentes mais velhos. Entre as palavras lidas e ditas por outrem, oralmente no passado e no presente, é a concretude da vida que é balizada na formulação das suas respostas às perguntas lançadas, ora em conformidade com o imaginário religioso construído desde a ocupação portuguesa da América, ora se distanciando deste e revelando interpretações formuladas a partir das demandas do presente vivido.

Conforme seu Nivaldo, o Purgatório e o Inferno não existem enquanto dimensões temporais ou lugares dissociados da Terra. Eles estão neste mundo e/ou são a própria Terra, como se nela eles se encontrassem e se fundissem, o que nos remete as continuidades de um imaginário urdido nas tessituras do processo de colonização da América portuguesa, como Laura de Mello e Souza analisou.<sup>80</sup>

<sup>79</sup> MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. A cotidianidade do Demônio na cultura popular. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 12/2, out. 1985, p. 101.

<sup>80</sup> MELLO E SOUZA, Laura de. *O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Nesses termos, se o Inferno e o Purgatório estão na Terra ou são a própria concretude terrena, os signos antes mencionados como existentes naquelas dimensões, bem como suas funcionalidades, a exemplo do fogo e dos seres amedrontadores purgantes e atormentadores, estão, igualmente, presentes no mundo dos vivos.

Além disso, esse fragmento da conversa com Seu Nivaldo evidencia que tal qual o Diabo habita o mundo terreno, Deus também está no meio dos homens, vivos e mortos. O *Todo Poderoso* transita entre a eternidade do firmamento celeste e o tempo escatológico da vida dos homens no mundo terreno. Por isso, essas memórias diferem de uma visão clássica segundo a qual, para o fiel, Deus ocupa um lugar distante dos humanos, sendo, portanto, difícil de ser alcançado.

Todavia, os narradores não apresentaram memórias relacionadas aos encontros entre Deus, os vivos e os mortos na Terra. Diferentemente, a presença do Diabo no cotidiano foi constante.<sup>81</sup> Em certa medida e em certo sentido, os vivos, os mortos, o Diabo, ou outros seres enviados por ele, podem se encontrar no tempo e no espaço e, com isso, provocar o encontro ou a mistura das diferentes temporalidades do além e do mundo terreno.

Inicialmente, como foi apresentado, o Demônio narrado por Seu Nivaldo não parece ser tão cruelíssimo quanto aquele construído no Ocidente cristão, sobretudo mediante a instalação do medo coletivo perante sua existência. Difundido fortemente entre os séculos XIV e XVII, a pedagogia religiosa dos clérigos deu prioridade a construção do medo do Demônio, do pecado e da morte da alma, como narrou Jean Delumeau.<sup>82</sup> Entretanto, após dizer que aquela criatura é invisível, o narrador apontou o mal que ele pode provocar aos vivos do século XXI. Ele afirmou:

**Seu Nivaldo:** O Demônio é uma sombra. O Demônio é uma sombra. Agora ele tem o poder. Ele tem o poder de se virar numa pessoa como qualquer um cristão pra lhe seduzir pra você dá, pra lhe dá o mal conselho, pra você fazer o mal a outro. Pra dar um toque em sua cabeça, pra dá pra você fazer aquilo que é ruim. É porque Deus tira. Deus tá presente aqui, se você for bom, você

<sup>81</sup> A partir dos usos de narrativas orais, folhetos de cordel e xilogravuras, Sandra Nancy analisou sucintamente a figuração do Diabo no imaginário do Cariri cearense. FREIRE BEZERRA, Sandra Nancy Ramos. *Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombrações na região do Cariri*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011, p. 52-60.

<sup>82</sup> Delumeau lembra que, entre os séculos XIV e XVII, “Uma ameaça global de morte viu-se assim segmentada em medos, seguramente temíveis, mas “nomeados” e explicados porque refletidos e aclamados pelos homens da Igreja. Essa enunciação designava perigos e adversários contra os quais o combate era, se não fácil, ao menos possível, com a ajuda da graça de Deus. O discurso eclesiástico, reduzido ao essencial, foi com efeito este: os lobos, o mar e as estrelas, as pestes, as penúrias e as guerras, são menos temíveis do que o demônio e o pecado, e a morte do corpo menos do que a da alma.” DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente (1300-1800): Uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.44.

num cai na sedução dele não. O Demônio atenta. O Demônio não existe no Inferno, mas existe no meio de nós.<sup>83</sup>

Outros narradores, igualmente, relatam a presença das forças malignas no mundo. Outrossim, reforçam as maldades mundanas praticadas pelos vivos, quando atentados pela criatura do mal:

**Joaquim:** E essas histórias do Diabo? O Diabo também é uma alma?

**Cida:** Eu, rapaz eu vou dizer uma coisa, já existe tanto Diabo aqui na Terra né, que a gente acredita que o Inferno já está é perdendo pra eles [risos]. Os do Inferno já está perdendo pra eles. Eu nunca vi e nem quero ver. Que eu não tenha nunca aproximação, e nem nada. Nem na minha rua né.

**Joaquim:** Mas tem alguma coisa que faz com que a alma do Diabo se aproxime das pessoas?

**Cida:** Gente ruim. Se você está falando, fazendo alguma coisa, isso ali você não está com Deus, está com o Diabo. Eu acredito que seja né, porque Deus num faz o mal a ninguém. Deus só faz o bem. Deus só quer que você faça o bem. Agora que se você pega, vai ... tem uma pessoa que passa o mês todinho trabalhando pra ganhar um salário, você vai, além de você roubar aquela pessoa, ainda tira a vida daquela pessoa você está com o Diabo, porque só tando pra fazer isso. [...] Eu sei que eu tenho Deus pra afastar o Diabo daqui né? Deus eu tenho na minha casa, no meu coração. Rezo.

**Joaquim:** E o que é que as pessoas falam sobre o Diabo? As pessoas num contam muitas histórias não é?

**Cida:** Do Diabo, conta mas eu nunca ouvi falar. Do Diabo não. Eu dou atenção pra Deus. Mas eu acredito que os Diabos da terra já são pior que os lá do Inferno. O povo fala que muitas vezes o Diabo se pinta né? Pra enganar as pessoas. E às vezes é mesmo. Eu acredito que as pessoas que deixa se envolver mais com essas coisas que acontece, a pessoa que não tem fé em Deus, é muito difícil você ver uma pessoa, um bandido falar em Deus.<sup>84</sup>

Casos sobre os vivos, os mortos e as ações do Diabo entrecruzando os dois mundos e suas temporalidades emergiram, lançando luz para acepções sobre o tempo. Segue a continuidade da entrevista com seu Nivaldo:

**Joaquim:** E o que é que os mais velhos falavam sobre o Demônio?

**Seu Nivaldo:** Eles falava que existe, mais a Bíblia. Eu tenho uma Bíblia lá em casa que era de um padre, no tempo, no século XVIII ele tinha na igreja alí no Brito onde eu moro. Ele morreu e se enterrou alí, ainda hoje tem uma capela alí. Alí era uma igreja. Aí quando ele morreu ele se enterrou-se alí na, no patamar da igreja, alí perto, da igreja. Aí a Bíblia ficou lá em Dona Lurdes que ele era tio dela, o padre. Aí quando ela se mudou pro Crato, aí tinha uma, um negócio assim feito na parede feito de, como é que chama? um armário! Na parede, ai tinha o pacote de livro dele. Aí quando ela foi pro Crato aí eu fiquei, ela mandou eu tirar aqueles livros lá todim. Os bom ela levou, aí eu empacotei e butei em uns caixotes. Aí eu disse:

<sup>83</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha. p. 8.

<sup>84</sup> Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato, p. 8-9.

— Dona Lurdes e essa Bíblia?

E ela disse:

— Lá em tua casa tu tem umas irmãs católicas, leva essa Bíblia pra ela olhar, que era do meu ti que era padre. Ainda hoje tá lá em casa. Ela tá tão velha que se butar ela no meio do vento, o vento carrega as folhas. Tudo fraca.

**Joaquim:** Aí a Bíblia dizia o quê?

**Seu Nivaldo:** A Bíblia diz tudo isso. Que o Diabo existe. O Demônio e a tentação do Demônio. Mas não existe Inferno, o Inferno é aqui.

**Joaquim:** E as pessoas contavam alguma história sobre ele? Que ele tinha aparecido ou tinha feito alguma coisa?

**Seu Nivaldo:** Aparece.

Tinha um tocador de sanfona né? Aí ele só vivia de festa em festa, tocava assim em ambiente ruim, em todo canto. Aí quando foi um dia, esse tocador cortava cana, aí, que eu num tô lembrado do nome dele, que eu gostava de dizer as coisas e contar quem era as pessoas, mais eu num tô lembrado, e já era a minha mãe que contava. Que aconteceu isso. Aí o caba tava tocando. Aí chegou um homem todo de branco à cavalo num animal. Ele cortando cana pra fazer uma festa, num lugar longe. Aí o caba disse:

— Aonde é esse lugar?

— Eu vou lhe levar, quando chegar lá você sabe.

Aí ele num quis não.

— Só vou se você me disser onde é o lugar.

Aí ele disse:

— Quando eu lhe levar você sabe, se chegar lá você vai tocar à noite todinha.

Aí o caba disse que num ia. Aí ele disse:

— Pois vai.

Ele disse:

— Eu num vou não homem.

Ele com o facão. E disse que o caba passou-lhe um tabefe, ele caiu. Passou três dias dormindo. O coração batendo e ele sem se acordar. No tempo, na época num tinha hospital. Ele usava um rusário. Aí nos três dias ele, dentro do Inferno, tocando lá, era, dormindo, e nos três dias ele tocando lá. No Inferno, e o povo pensando que ele tinha o tabefe e tinha coisado o... que num existe aquele negócio que quando o caba cai e quebra, amassa a cabeça por causa, do derrame né? O povo pensando que ele ia morrer. Mas o coração batia. Ele tava vivo. Aí com três dias ele tocando no Inferno. Aí quando ele foi, quando ele se acordou, ele quando ele bateu no rusário, meteu nos pés e se levantou. Aí:

— Vala-me Deus.

Perguntaram:

— E o que foi?

Ele disse:

— Eu tava no Inferno tocando com pros cão. Os cão dançando e passando por cima de mim. Fui. Eu me lembrei que eu tinha um rusário no pescoço. Ai quando eu peguei no rusário que peguei na cruz eles pularam tudo fora e eu me levantei. Eu tava morrendo lá, todo pisado.

Aí foi verdade mesmo, isso é verdade. Ele tocou no Inferno. Ele dormiu três dias. Ele tocou três dias pros cão.<sup>85</sup>

<sup>85</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha p.8-9.

Entre a vida terrena e a morte infernal, o tocador conseguiu livrar-se das amarras daquele festejo após gritar pela ajuda divina, lembrar-se e agarrar-se ao rosário, o qual continha a medalha de Nossa Senhora das Dores e encontrava-se pendurado no seu pescoço. Como um artefato de lembranças nas artes dessa história, o rosário, religiosamente identificado pelos fiéis como uma arma na luta contra os perigos deste mundo e contra as forças maléficas do outro, como Ramos assinalou, é apresentado na narrativa como o instrumento que possibilitou sua libertação da festa infernal.<sup>86</sup> Eis a continuidade do nosso encontro:

**Joaquim:** Ele estava vivo, só que como se fosse dormindo?

**Seu Nivaldo:** O coração batendo e todo mundo fazendo sentinela achando que ele tava acabando de morrer. Aí quando deram fé ele voo no rusário. Ele no sonho, naquilo ele tava dormindo sonhando, mas tava tocando no Inferno, ele com a sanfona lá, tocando. Mais ele dormindo e aí ele foi se levantou. Com três dias ele lembrou-se da Mãe de Deus.

— Vala-me o rusário.

E tinha Nossa Senhora das Dores, a medalha de Nossa Senhora das Dores no Rusário. Ele foi e bateu no rusário, quando pegou no rusário, os demônios pularam fora. Ele contava essa história. Ele passou seis mês. Com seus mês ele morreu. Nervoso, ficou nervoso. Hoje chama depressão né? Com seis meses ele morreu disso. Ele morava lá na Taboqueira. Ele morava na Taboqueira alí, acima das areinhas, tem as areinhas e a taboqueira assim.

**Joaquim:** Aqui em Barbalha mesmo?

**Seu Nivaldo:** Hurum [sim]. Os mais velhos tudim contava isso. Que existe o Satanás. Pode acreditar que existe. É aqui no meio de nós. Porque é que acontece tanta bagaceira por aí? Porque o Cão atenta.

**Joaquim:** E contaram outras histórias além dessa daí que o senhor lembra?

**Seu Nivaldo:** Não, não.

**Joaquim:** E existem as almas que tocam instrumentos?

**Seu Nivaldo:** Não, mas no que ele era sanfoneiro. Ele abandonou a sanfona. Nunca mais pegou na sanfona. Ele mandou a menina botar sanfona no fogo. Porque quando ele caiu, ele já foi direto tocar pra eles lá. E já levou a sanfona. Mas o espírito dele. O corpo ficou alí. Três dias dormindo. Ele tocou os três dias lá. Ele chegou lembrou de, se valeu da Mãe de Deus:

— Valei-me minha Nossa Senhor das Dores, Santa Mãe de Deus. Bateu no rusário, levantou-se. Levantou pegado no rusário. Sentou-se. Aí:

— O que é que tá sentido.

Aí ele:

— Eu tava no Inferno tocando pros Cão.

— Cuma foi que aconteceu?

— Chegou um caba lá onde eu tava cortando cana, muita gente viu o cavaleiro lá, de branco, todo de branco, chamando ele prá tocar.

Aí ele foi e contou a história todinha. Aí ele disse que não ia.

— Aonde era a festa que ele ia tocar?

— Quando chegar lá você sabe. Num posso dizer agora.

Ele foi e teimou que num ia. Passou a mão no pé do ouvido dele que ele caiu. Aí ele foi. Já foi diretamente. O caba de branco desapareceu com o cavalo

<sup>86</sup> Sobre as crenças e os usos do rosário como uma arma nas religiosidades do Cariri cearense de outrora, conferir em: RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero*. Fortaleza: EDUFCE, 2012, p. 295.

e tudo. Já foi direto pra lá, levou ele direto pra lá. Ele disse que não sabe onde era, sabe que era o Inferno. Os Cão com fogo nos olhos, os rabos passando por cima dele, dançando por cima dele, ele doido pra se levantar e não se levantava. Três dias dormindo, foi os três dias que ele... se tivesse parado o coração o povo tinha enterrado ele vivo. Mas não parou o povo botava a mão.

— Não, deu uma parada cardíaca, deu derramo, deu... Mas ele num escapa não, num tem cura não.

Mas botava a mão e o coração batendo. Pegava no pulso, batendo.

— Não, enquanto não parar num...

Foi os três dias. Foi a hora que ele lembrou-se da Santa Mãe de Deus. Aí bateu no rusário, pegou no rusário, deitado, os bichos passando por cima, danando, pisando nele todim. Aí ele sem puder se levantar que ... quando ele bateu no rusário, disse:

— Valei-me Santa Mãe de Deus.

Ele disse que os bichos se afastaro. Aí ele se levantou. Aí pronto ele se acordou. Ele passou três dias dormindo. Três dias e três noites. Aí é verdade mesmo, isso aí. Num é história de trancoso como muita gente conta. História que num é passada, isso aí foi passado. Ele era um sanfoneiro. Ele tocava em muito ambiente ruim.

**Joaquim:** Será que era por conta disso?

**Seu Nivaldo:** Era por conta disso mesmo, que a mulher dele não achava bom. Aí queimaro. Existe exemplo, de primeiro, que o caba se admirava com o que existia. Ô e num era nem tanto pecado grande, horroroso que tinha no mundo não, que o povo temia a Deus, num é? De primeiro o povo era religioso.<sup>87</sup>

Lembrando que, conforme seu Nivaldo, este caso foi narrado por sua mãe, é mister assinalar como a narrativa apresenta uma força moralizadora. Ela segue a lógica do *exemplum*.<sup>88</sup> Fica a lição para que o fiel seja temente a Deus e devoto de Nossa Senhora das Dores, e viva seguindo os preceitos guiados pela fé, com harmonia e conagração familiar, afinal, foi na hora em que ele lembrou da “Santa Mãe de Deus” que conseguiu livrar-se daquele desprazer.

É importante frisar como essa narrativa não é um dado novo, do século XXI. Na verdade, uma narrativa semelhante a essa já tinha sido escrita em cordel, na década de 70 do século XX. O cordel foi produzido por José Costa Leite, identificado por Bezerra de Meneses como um cordelista pernambucano daquele momento, detentor de uma grande variedade de folhetos com a temática do Diabo.<sup>89</sup> Já no seu título, o folheto explicita aquele evento, a saber: *O sanfoneiro que foi tocar no inferno:*

Deus é grande e poderoso  
o seu poder è eterno  
confiando nêle eu traço  
nêste pequeno caderno  
a história do Sanfoneiro

<sup>87</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha p. 10-11.

<sup>88</sup> LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Op. Cit., p.123.

<sup>89</sup> MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. *A cotidianidade do Demônio na cultura popular*. Op. Cit., p. 128.



que foi tocar no inferno

No sertão do Ceará  
em tempos que longe vão  
existiu um sanfoneiro  
chamado Sebastião  
conhecido na sanfona  
pelo o herói do sertão

Era ele e sua mãe  
e as irmãs Ana e Maria  
a velha era viúva  
e com seu filho vivia  
sofrendo nas unhas dêle  
que só Deus mesmo sabia.<sup>90</sup>



Figura 7 - Capa do cordel *o sanfoneiro que foi tocar no Inferno*

O cordel, escrito em oito páginas, embora apresente detalhes diferentes, ele mostra um enredo e outros elementos semelhantes àqueles narrados por seu Nivaldo, como por exemplo: a experiência ocorre no Ceará; a ida do tocador em vida ao inferno; a presença do cavalo; sendo guiado pelo Diabo; a desarmonia familiar do sanfoneiro; a festa animada naquela dimensão; a volta do homem vivo a terra; e, por fim, o abandono da sanfona, no caso do cordel, sendo ela deixada no Inferno. Portanto, o desfecho da trama contada no século XXI diverge.

A ida ao Inferno, o retorno e a morte sem volta ensinam lições aos ouvintes. Mesmo voltando ao convívio das pessoas, reconhecendo seus erros mundanos, queimando a sanfona e

<sup>90</sup> LEITE, José Costa. *O sanfoneiro que foi tocar no inferno*. Condado: a voz da poesia nordestina. [1973]. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel&pagfis=55314&pesq=>. Acesso em: 06/06/2016.

reorganizando a paz no seio familiar, aquele homem foi punido pelo tempo e no tempo. Depois daquela travessia, ele ficou preso à temporalidade da lembrança traumática e não conseguiu reorganizar a ordem da vida no presente e seguir seus dias rumo ao futuro.

Igualmente, essa lição ensina que os vivos e os mortos não podem voltar ao passado para mudar o que passou. A vida pecaminosa do sanfoneiro não pode ser simplesmente esquecida como se houvesse coisas que o arrependimento não redimisse. Nesse caso, o tempo é uma delas. E se essa é uma lição sobre o “tempo de primeiro” para designar o passado temeroso e religioso, ela não deixa de apresentar um ensinamento para o presente e para o futuro: a necessidade dos ouvintes viverem na linha do tempo religioso, aquela escatológica, de início, meio e fim, conforme as palavras dos mais velhos e os ensinamentos da fé.

Em outro momento da entrevista, seu Nivaldo lembrou como os casos de perdição das almas põem em xeque a questão do arrependimento e do perdão do sujeito em vida:

**Joaquim:** E se a alma não se arrepender?

**Seu Nivaldo:** Tá perdida. Que o pecado que Nosso Senhor perdoa é aquele que você comete antes de morrer, se arrepende e perde perdão a Deus. Mas se você, na hora da sua morte, tiver se acabando de morrer, e for lembrar de pedir perdão a Deus, que pede antes de morrer.

**Joaquim:** E o que acontece com essas almas perdidas? O que as pessoas contam sobre isso?

**Seu Nivaldo:** Vai pra debaixo do chão, por Inferno. O Inferno é aqui no chão. Que é dois Inferno aqui nesse mundo. Aqui é um Inferno. Nós estamos dentro de um Inferno. Só que Deus tá mais nós. O Inferno é na terra.

**Joaquim:** E existe outro debaixo da terra, é?

**Seu Nivaldo:** É porque o caba desce. Em vez de subir, faz é descer. Aí fica dentro do Inferno mesmo. O Inferno é aqui na terra. Ó o Inferno é aqui na terra que todo o sofrimento seu é aqui. Se você subir pro Céu, você já não sofre mais. O Céu é o Paraíso.

**Joaquim:** Essas almas perdidas elas vão para debaixo?

**Seu Nivaldo:** Existe um local que é o Inferno, só que num tem é o tal do fogo do Inferno, fica sofrendo alí direto. Nunca recebe é a benção de Deus. Eu sei que eu peço, sou pecador, mas num tenho medo, num tenho medo do Inferno. Num existe outro Inferno não, o Inferno é aqui. Num existe Inferno lá em riba não. Existe é o Céu.<sup>91</sup>

Segundo o narrador, o Inferno terreno também é terrível, posto que na Terra o sofrer está espalhado por toda parte, ao longo do tempo vivido e do devir. Isso faz lembrar a condição frágil da criatura humana, ao passo em que rememora a necessidade dos enfrentamentos da dureza da vida, pela própria dificuldade de viver e, outrossim, em virtude das tentações do Diabo. Mas, nesse mundo de sofrimento, há possibilidade de alcance da eternidade do Paraíso,

---

<sup>91</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha p. 20-21.

após o falecimento. Já no “Inferno mesmo”, a pena recai no não vislumbramento de Deus e na ausência das suas bênçãos: no tempo eterno excluído do Céu.

A divisão do Inferno em zonas diferentes com distintas formas de sofrimento não é um dado novo. A título de exemplo, lembro *A Visão de Túndalo*, já mencionado anteriormente.<sup>92</sup> De igual modo, o Inferno arquitetado por Dante Alighieri, e que influenciou fortemente na construção imaginária da dimensão infernal difundida pela Igreja, é dividido.<sup>93</sup> Entretanto, cada interpretação possui suas singularidades e pode descortinar atualizações e, outrossim, permanências de diferentes estratos do tempo. É isso que as narrativas dos entrevistados indicam na contemporaneidade.<sup>94</sup>

Por isso, é mister inferir que a organização do além segue uma linha interpretativa condizente com as mazelas sofridas no mundo terreno onde os dois Infernos estão situados e sobrepostos. Suas definições tomam como matrizes narrativas o sofrimento vivido na dimensão terrena.

### 2.2.2. *As pinturas do Cão*<sup>95</sup>

Nas narrativas que registrei, o Satanás é o responsável pela desarmonia do Inferno terreno, dedicado aos vivos e aos mortos. Ele persegue, atormenta e induz os sujeitos descrentes em Deus a cometerem atos maldosos e atentados contra si e outrem. Ao ser perguntada sobre as histórias relacionadas ao Cão e suas conexões com os mortos, Dona Toinha disse:

<sup>92</sup> “O manuscrito produzido por Marcus em cerca de meados de 1200 divide os espaços Infernais em Superior e Inferior. A diferença entre esses dois locais é que os que vão para o Inferno Superior sofrem, mas ainda têm a chance de se salvar, enquanto os habitantes do Inferno mais profundo já estão condenados por toda a eternidade. No século XV, várias versões do texto separam esses dois lugares, com o título de Purgatório (para os que ainda vão se salvar) e Inferno propriamente dito”. ZIERER, Adriana. *Educando para salvar a alma*. Op. Cit., p. 124.

<sup>93</sup> O Inferno construído por Dante é uma imensa cratera escavada no interior do globo terrestre. Ela vai se afinando até alcançar as profundezas do centro da Terra, onde Lúcifer ocupa o lugar como Rei do Inferno. Ele é dividido em quatro seções afastadas entre si, nas quais ocorrem diversas penas as almas condenadas, cujo sofrer se intensifica na medida em que se aproxima do reinado de Lúcifer. São elas: Incontinência, Violência, Fraude e Traição. ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia: Inferno*. Op. Cit., p.19.

<sup>94</sup> Estabelecendo uma analogia (e uma metáfora) entre o tempo e o espaço históricos, Koselleck convida os intelectuais a pensarem os estratos do tempo. “Assim como ocorre no modelo geológico, os ‘estratos do tempo’ também remetem a diversos planos, com durações diferentes e origens distintas, mas que, apesar disso, estão presentes e atuam simultaneamente. Graças aos ‘estratos do tempo’ podemos reunir em um mesmo conceito a contemporaneidade do não contemporâneo, um dos fenômenos históricos mais reveladores”. KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Tradução Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2014, p. 9.

<sup>95</sup> Na tradição oral estudada, além da palavra Cão, os termos Diabo, Dragão, Satanás, Besta e Coisa Ruim são utilizados para designar aquele ser que, na tradição oficial cristã, foi expulso do Paraíso pela milícia celeste liderada pelo Arcanjo Miguel (*Ap. 12:7-9*). Nos saberes expressos tanto na linguagem erudita quanto na coloquial, muitos são os termos usados para figurar Lúcifer. Ver MENEZES, Eduardo Diatayhy B. de. *A cotidianidade do Demônio na cultura popular*. Op. Cit., p.95.

Conta, conta muito. Ave Maria que o Cão aparecia pro povo com os olhos de fogo, de chifre. O povo conta muito que aparecia. Hoje num tem mais essas coisas não, *mas no outro tempo tinha*. A pessoa, um filho quando era ruim pros pais, era mal educado, gostava de se assombrar de noite. *Isso tudo é pintura do Cão*. Pintura do cão. O Cão se encosta neles. E repare que tem muitos filhos que é ruins pros pais que se mata né? Num tem é muito? <sup>96</sup>

Inicialmente, a aparição do Cão no mundo terreno é indicada como uma coisa do outro tempo, termo utilizado para ferir-se ao passado, como se, na atualidade, isso não existisse mais ou não fosse posto nos assuntos cotidianos. Sobre aquele tempo, ela lembra como os filhos mal-educados, identificados como aqueles não respeitosos e não obedientes aos pais, se assustavam com o Cão. Bastava ele encostar-se nas crianças para assustá-las. Mais uma vez, a narrativa apresenta um caráter exemplar, ensinando os mais jovens a respeitarem os mais velhos, principalmente, seus pais e demais antepassados. No delinear da entrevista, as aparições do Demônio no passado distante se aproximam do presente, pois ele ainda pode encostar-se à sombra das pessoas, sendo esta a forma utilizada para impulsioná-las ao caminho do mal.

De modo semelhante a Seu Nivaldo, Dona Toinha é uma narradora que gosta de detalhes. Na arte de tecer a memória, ela conta um caso ocorrido com pessoas que ela conhecia, no lugar onde morava:

**Dona Toinha:** Lá em nós tinha um filho que cuidava da mãe dele, só ele. Tinha mais irmãos, mas ele cuidava da mãe dele. A mãe dele era muda e doída e ele cuidava da mãe dele, agora que os outros irmãos...

Aí disse que um dia ele disse:

— Eu vou deixar de fazer as coisas nessa casa porque só quem faz as coisas pra mãe é eu.

Agora besteira dele porque ele perdeu tudo o que tinha de ganhar.

— Só quem faz as coisas para mãe é eu, meus irmãos quando chega tá comida feita, tá pote cheio, tá casa barrida, tá tudo feito. Eles almoça, sai e vão se embora e deixa as coisas tudo para eu fazer e eu vou sair dessa vida, porque num vai dá para mim não.

Aí foi e se enforcou-se. Se enforcou-se. Se enforcou-se. Aí a mãe ficou sem cuidar. Ela hoje, vivia no Santa Tereza, num vive mas porque o Santa Tereza acabou-se. Eu num sei do procedimento dessa criatura, para onde foi. Ela era doída, moca [silêncio].

**Joaquim:** E quando acontecia isso, as pessoas diziam que era...

**Dona Toinha:** Pintura do Cão. É, pintura do Cão. Diz que o Cão se põe na sombra da pessoa. Meu pai dizia que quando a pessoa imagina, num precisa nem dizer que vai morrer enforcado, abasta imaginar, diz que o Cão fica fazendo aquele peso nas costas deles, aquele peso, aquele peso e dizendo:

— Vai, vai, vai, vai.

Até ele ir. Meu pai dizia isso. Que ele era um homem velho, gostava de rezar muitas orações bonitas nos livros. Aí disse que tudo é tentação. A pessoa

<sup>96</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, cidade do Crato. p. 14. Grifo meu.

morrer enforcada é a tentação. Que o Cão dá aquela tentação e a pessoa tem de fazer [silêncio]. Eu sei que é muito triste a pessoa se matar. É muito triste. Beber veneno, ave Maria, Deus me livre.<sup>97</sup>

As memórias indicam um filho atencioso aos cuidados da mãe enferma, estando ela muda e louca. Sentindo-se explorado pelos irmãos, porque eles nada faziam para cuidar da mulher, bem como não o ajudavam nos quefazeres domésticos, ele decidiu, sob as “pinturas” do Demônio, abandonar sua mãe, deixando-a desamparada. Em seguida, cometeu suicídio.

No princípio e no fim da narrativa, há, mais uma vez, uma lição do tempo: primeiro, porque o filho “perdeu tudo o que tinha de ganhar”. Por ser generoso e prestativo, seu futuro seria bom, como se ele fosse receber os poucos bens da mãe, não descritos nitidamente na narrativa, mas subentendidos nas suas entrelinhas. Segundo, porque como cometeu suicídio, morreu numa temporalidade que não condiz com o chamado de Deus. Diferente disso, ele faleceu seguindo as orientações e a solicitação do Demônio. Os passos da mãe após o abandono não têm desfecho na trama, como também não têm os caminhos daquele morto suicida, entre o mundo dos vivos e dos mortos. O foco da narrativa desemboca na tristeza da morte provocada pelas próprias mãos, como sendo guiadas pelo líder das maldades.

Mais um detalhe merece ser salientado. Nesta entrevista, realizada em abril de 2015, Dona Toinha indica que o Diabo tem olhos de fogo e chifres. Desta forma, ela imagina, caracteriza e constrói uma visualidade para a criatura. Para compreender essa construção, vale conferir um trecho da primeira entrevista realizada com ela, em dezembro de 2013. Naquele momento, a neta e o bisneto da narradora observavam curiosamente a velha narrar, e ambos fizeram intervenções no diálogo:

**Joaquim:** E o Diabo, é uma alma?

**Dona Toinha:** Ave Maria homem, só em eu ver um retrato assim do cão eu fico toda arrupiada. Deus me livre.

**Intervenção da neta:** E tem retrato do Cão?

**Dona Toinha:** Tem. Eu já vi. Tem uns livros que tem. O bicho tem chifre, tem Ave Maria, tem esporão. Ave Maria. É fei demais.

**Intervenção do bisneto:** Ei vó teve um filme que eu assisti que o diabo chegava na terra né, aparecia Deus, aparecia Jesus. Aí na hora que se virava dava na frente do povo. Isso daqui dele era todo estufando pra fora. Aí veio todo assim, o narizão assim todo aberto, e o chifrão. E pra ele escrever com a caneta de pena ele passava era assim ó, ficava só o sangue, escrevia no sangue.

**Dona Toinha:** [Risos].

**Intervenção da neta:** E tem gente que adora o Diabo também?

**Dona Toinha:** Tem não. Eu acho que não tem gente que dê valor a essa criatura não. Tem pra mim que não.

<sup>97</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, cidade do Crato. p. 14-15.

**Joaquim:** Mas, e as histórias que as pessoas contavam sobre ele, ele aparecia também?

**Dona Toinha:** Aparecia. Num disse que tinha umas histórias que tinha uma turma de meninos que ia pra escola, e disse que toda vida que eles iam pra escola, disse que tinha um cupim na estrada. Aí disse que os meninos se juntavam e quebravam o cupim na peda e no pau. Disse que era o cão que ia aparecer a essas crianças e se virava no cupim. Aí minino de escola né medonho de ser traquino? Aí disse que os meninos se juntavam e largava peda nesse cupim, largava o pau e deixava só o xerém. Disse que era ele. A história do Diabo que eu vi o povo contar foi só essa. Vi não, tinha no livro de São Supriano. Tinha no livro de São Supriano.

**Joaquim:** Que as pessoas contavam?

**Dona Toinha:** Sim. As pessoas contavam. Ela lia, e lia essa passagem pra nós escutar. Que tinha uma turma de menino que ia pra escola todo dia. E todo dia quando eles iam tinha esse cupim. Todo dia quando eles iam tinha esse cupim. Aí disse que eles se juntavam e cobria esse cupim na pedra, aí quebravam esse cupim na pedra. Aí quebrava o cupim na pedra, aí quando se desimpacientava caçava uma tora de pau e esbagaçava o cupim no pau. Aí disse que era o cão que se virava no cupim.<sup>98</sup>

Coexiste na narrativa, a imagem de um Diabo contado pela narradora e também pelo seu bisneto. A imagem narrada pela criança, construída com base em uma narrativa fílmica não identificada no momento da conversa, foi a mesma descrita por Dona Toinha na segunda entrevista, ocorrida em 2015. Nesse sentido, é necessário quebrar o olhar temporal delineado como numa linha vertical, dos mais velhos para os mais novos, e lembrar que estes últimos também corroboram, a partir das múltiplas formas de apreensão dos saberes propalados no presente, na formulação das imagens narradas na contemporaneidade.

Na primeira entrevista realizada com Dona Toinha, outra questão veio à tona: um Diabo metamorfoseado no cupim e destruído pelas crianças. Ele foi apedrejado e esmiuçado a pauladas. Na luta contra o “Coisa Ruim” as crianças não utilizaram símbolos religiosos como crucifixos, água benta ou imagens de santos para destruí-lo, mas sim elementos do cotidiano que estavam à disposição nos arredores onde se encontravam, como as pedras e os pedaços de pau.

Comparando as narrativas contadas por Dona Toinha nas duas entrevistas realizadas com ela, é possível vislumbrar que há oscilações entre um Diabo tentador e cruel, pois, no primeiro caso, ele fez o filho abandonar a mãe e suicidar-se, no outro, menos ofensivo e menos poderoso, ele foi destruído pela coragem das crianças. São, portanto, permanências de leituras distintas sobre suas formas de atuação no mundo contemporâneo e sobre os modos através dos quais os sujeitos lidam com tal criatura.

---

<sup>98</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 01/12/2013, na sua residência, sítio Monte Alverne, Crato. p.17-18.

De todo modo, a infância e as crianças são focos narrativos importantes nas memórias. São referências lembradas tanto no que diz respeito ao público da escuta das narratividades, quanto às ações promovedoras dos diálogos. Há, portanto, posições que lhes são atribuídas. Como ouvintes e narradores, elas, em muitos casos, fazem parte das histórias como sujeitos no tempo e que falam sobre o tempo, bem como no espaço da contação enfatizando espacialidades mundanas e dimensões sobrenaturais.

Esse aspecto foi percebido, outrossim, na entrevista realizada com Dona Maria do Horto. Quando ela narrava sobre as aparições das almas na Terra, propalou:

**Maria do Horto:** Exemplo. A gente dorme nesse mundo pra ir acordar no outro mundo, porque nós somos pecador. Olhe, o orgulho é pecado! Por que o Satanás atenta pra matar? A natureza, olhe quando Adão, Caim matou Abel, a Terra naquele tempo jorrou sangue, né? ainda hoje é porque nós não vemos. Quando mata um a Terra treme e jorra sangue.

**Joaquim:** E a alma de quem morreu? Os mortos, eles dão ensinamentos também, tem exemplos?

**Maria do Horto:** Não! Não, os mortos eles podem vir pedir com ordem de Deus. Se ele quiser, que o Satanás, um centro de macumba. Meu Padrinho Frei Damião:

— Quem desce é o Satanás virado num santo pra enganar o povo.  
Tá vendo como ele é sujo?

**Joaquim:** E os mortos também ajudam e atrapalham os vivos, ou não?

**Maria do Horto:** Não, quem tá com Deus num atrapalha não, quem tá com Deus você sabe. Quem tá com Deus, num bom caminho, Deus sabe, né meu filho? Os outros ficam vagando aí no mundo né, dizem que aquela velha, a velha das Guaribas vinha, ia pro Exu. As meninas que trabalha aí iam pro Exu das nove horas, sabe que menino num tem pecado. Aí com pouco foi uma pedrada tão grande, uma pedrada tão grande que o carro quase que virava. Os meninos disseram que era um nego com uns olhos de fogo desse tamanho [gesticula com as mãos], com a cabeça desse tamanho. Olhe, nós vinha de lapa, nós viaja ali quando chega a Serra, porque ali já morreu muita gente, né?

**Joaquim:** Qual é a Serra?

**Maria do Horto:** A Serra das Guaribas, né.<sup>99</sup>

Para a narradora, a morte é um sono. Consequentemente, o morto dorme na Terra e desperta no além. Essa acepção é antigüíssima e indicada por Philippe Ariès como um dos elementos da crença no não distanciamento radical entre a vida e a morte. As atitudes antigas perante a morte, explica Ariès, eram marcadas pela intimidade, familiaridade e, portanto, proximidade.<sup>100</sup>

<sup>99</sup>Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p.12-13.

<sup>100</sup>ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Tradução Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 29-32.

Mediante as imagens narradas por crianças, ela reitera o exemplo do Cão apresentando as memórias sobre um “nego com olhos de fogo” promovedor do pânico em uma Serra, indicada como um ponto onde muitas pessoas morreram no passado e onde acidentes ocorrem frequentemente no presente, deixando muitos mortos e feridos e ganhando as manchetes dos jornais estaduais e blogs do Cariri.<sup>101</sup> O “nego” apontado não foi definido como um morto, bem como não foi apresentado como sendo o próprio Cão. Não há uma distinção entre eles, como se os mortos não protegidos por Deus se adunassem nas memórias sobre o Diabo. Em outro trecho da entrevista, Maria do Horto disse:

Olhe, na Estiva do Raposo, foi onde eu nasci, é meu natural. Tá os filhos dele: Douglas. Ele tinha virado pra protestante, caminhou por aqui. Aí chegou um pastor e queimou todos os santos né? Quebrou toda a imagem. Mas quando botou a imagem do Coração de Jesus, botou um fogo que se queimou até o dia que morreu, num teve doutor, né. Essas imagens lá é o retrato. (...) O outro era um pastor, então ele morreu vinte e quatro horas morto, já estava caixão pronto, tudo. *Aí foi um passamento*, quando tá morrendo, é bom contar isso, quando tá morrendo, tem aquele:

— Chega senhor, leva pro Céu! Como é?

— Chega senhor, leva senhor.

Aí ele quando desmaiou, *porque ali foi um exemplo*, quando ele tornou em si, todo assustado, todo de mortalha né? [risos] se Deus existe aqui, aí tinha uma ruma de Diabo de olho de fogo.

**Joaquim:** Como foi? foi um exemplo?

**Maria do Horto:** Meu filho matar os outros num é bom não.

Eu estava em Sergipe, eu estava em São Paulo. Meu padrinho Frei Damião, foi pra santa missão e eu fui para a casa da minha tia, que é irmã dele. E deixa que ele, num sei só Deus, disse que ele estava lendo o livro de Cipriano e ele morreu de uma hora para a outra. Minha tia disse que ele apareceu na missa de sete dias. Ele foi dizer:

— Num quero missa de sete dias não.

Que ele estava no Inferno. Apareceu tão quente que a minha tia disse que não aguentou o quarto. E eu ia rezar, porque estava meu padrinho Frei Damião em Jaboatão e ia rezar, porque você sabe a gente já sabia, mas dói né. Aí eu ia rezar a missa pra ele e minha tia disse que quando for a São Paulo, tá com muito tempo, você sabe, é o sangue da gente, é um tio, um irmão, é um pai. Aí eu fui rezar, eu ia rezar a missa, foi que quatro horas uma voz disse:

— Ele num quer missa não, que ele tá no inferno!

Menino eu chorei tanto. (...) tá compreendendo Joaquim? Por isso que eu digo:

— Minha gente existe.

Ele morreu. Ele estava pedindo pra fazer o mal pra desgraçar os outros, quem caminha pra fazer a derrota dos outro tá fazendo a sua, o mundo do jeito

<sup>101</sup> A estrada mencionada é a rodovia estadual CE 292. Com a manchete “Desastre no Crato deixa cinco pessoas mortas” a publicação do *Jornal Diário do Nordeste*, no dia 18/08/2007, e assinada pelo jornalista Antônio Vicelmo, mencionou alguns dos acidentes ocorridos no local com vítimas fatais. Além do ocorrido na madrugada daquele dia, a matéria deu ênfase ao caso do caminhão que levavaromeiros e que virou em 2005, deixando 29 mortos. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/desastre-no-crato-deixa-cinco-pessoas-mortas-1.220123>. Acesso em: 05 de jun. de 2016.



que tá né? Ficou fazendo o que não presta né. Se morrer, o livro de São Cipriano, mas ali ele fazia as coisas, mas depois ele. Trinta anos, é bonita a história dele! Já ouviu a história dele? É bonita a história dele, se converteu, mas sofreu trinta anos. Isso foi tudo prometido por aquele por causa do pecado dos nossos pais, né. Ficou dois caminhos, né, nosso pecado de Adão ficou. Olhe, não era pra matar não Caim, Caim matou se perdeu e ficaram assim dois caminhos.<sup>102</sup>

Na conversa acelerada na voz, Maria do Horto une diferentes casos, todos sob o esteio dos exemplos. No primeiro deles, dedicado a um homem convertido ao protestantismo, ela explica como o desrespeito às imagens religiosas dos católicos pode provocar retaliações das divindades.

O segundo caso direciona para uma lição voltada para as ações de um pastor. Líder de alguma igreja protestante, ele teve um “passamento”, termo usado para designar desmaio, e ficou desacordado por um dia. Ao retornar, presenciou a preparação do seu funeral e se viu rodeado de Diabos, como se ele estivesse desprotegido perante as forças do sagrado e entregue aqueles seres com “olhos de fogo”.

Em ambos os casos, o exemplo é nítido. Ele lembra aos ouvintes, a força da fé católica. Reforça, assim, a necessidade de os fiéis não se desviarem do catolicismo para adentrarem outras seitas ou vertentes do cristianismo, como as variadas igrejas evangélicas que vêm se difundindo com o avanço do protestantismo no Ceará e em todo o Brasil, o que, por sua vez, tem revelado uma diversidade organizacional, teológica e litúrgica.<sup>103</sup> Fica subentendida a mensagem segundo a qual quem permanece seguindo e professando o catolicismo não se perderá nas artimanhas do Diabo.

A terceira situação, citada com mais detalhes, trata-se de uma história sobre um parente, tio da narradora, morto quando lia o Livro de São Cipriano. O exemplo foi revelado após sete dias do falecimento.<sup>104</sup> Naquela circunstância, a alma apareceu para a irmã do morto manifestando seu desgosto por rezarem para ele. E o motivo é revelado em seguida: ele estava nos sofreres eternos do Inferno, aspecto confirmado na narrativa através do calor escaldante provocado no ambiente da aparição.

<sup>102</sup> Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p. 17-18. Grifo meu.

<sup>103</sup> Sobre o avanço do protestantismo no Ceará, ver: RUSSO, Mauricio; OLIVEIRA, Gledson Ribeiro de. Devagar e sempre, com fé em Deus: evangélicos cearenses nos censos demográficos. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v.42, n.1, jan/mar. 2011, p.129-150. A respeito da configuração do campo religioso brasileiro e do crescimento do protestantismo no Brasil do final do século XX, ver: MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lilian Moritz (Org.). *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 63-171.

<sup>104</sup> No que concerne à formulação dos significados da missa dedicada aos defuntos na tradição católica brasileira, ver CAMPOS, Adalgisa Arantes. *As irmandades de São Miguel e as almas do Purgatório*. Op. Cit., p. 81-134.

Não aceitando aquela situação por tratar-se de uma pessoa do seu vínculo familiar, Maria do Horto insistiu em rezar para aquela alma sofredora. Conseqüentemente, a narradora sentiu a presença de uma voz misteriosa que dizia ser desnecessária sua oração, já que o morto não a desejava, por estar no esteio infernal. Naquele momento, os seus prantos não foram contidos. Nesse caso, o tempo ensina.

Na tradição fúnebre católica, existem profundos sentidos atribuídos à missa do sétimo dia. Ela se insere nos ritos de tempo e de espaço após a morte do sujeito. É plausível pensar que o último suspiro instaura um intervalo no tempo (histórico), uma paralização dele. Em algumas regiões, esse “intervalo de tempo paralisado”, explica Martins, pode ser circunscrito “até o sétimo dia, quando o fel do morto rebenta e, então, a alma inicia sua viagem”.<sup>105</sup> Mas, no caso narrado, a viagem já tinha ocorrido, e o morto se perdido.

Ela ainda explica os motivos atrelados àquele caso de perdição da alma: o homem, quando vivo, desejava fazer mal às pessoas. Seguindo a linha de raciocínio apresentada, não cabe ao cristão realizar ações prejudiciais aos sujeitos, posto que ao promover as desgraças dos outros, como é o caso de matar, o fiel estará promovendo sua própria perdição. E foi a história do próprio São Cipriano quem ensinou. Como ela diz, sua história é bonita, o que nas artes da oralidade significa ser boa para narrar e escutar.

Diferente dos significados presentes nas memórias de Dona Toinha, o livro de São Cipriano é designado por Maria do Horto como sendo marcado pelo malogro. Mas, a vida do autor é assinalada pela beleza. Nesse sentido, ler o escrito significa desejar fazer o mal a outrem, morrer e ser condenado. Por sua vez, falar sobre a vida daquele autor corresponde a aprender que o sofrimento purifica e, mesmo o maior bruxo da história, ao se converter, sofrer o martírio e ser imerso numa edificação hagiográfica teve uma história bonita. Diferente daquele morto, que não se arrependeu e, tampouco, mirrou seus olhares para Deus, o bruxo que foi consagrado um santo oficial da Igreja teve na fé cristã a sua salvação.<sup>106</sup>

A fundação desse jogo de condenação está, segundo a narradora, atrelada ao mito de origem do mundo terreno e mortal. Foi a partir do assassinato de Abel por Caim, presente

<sup>105</sup> MARTINS, José de Souza. *Linchamentos: a justiça popular no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 161.

<sup>106</sup> Jerusa Pires o situa na cultura das bordas, no “limite entre o submundo das crenças e heresias populares e a meia legitimidade que lhe dá o fato de ser um produto industrial, em larga escala. Falta-lhe, porém, a legitimidade da cultura oficial e hegemônica. O seu círculo é o de um subsolo cultural, é para ser pedido em voz baixa, sussurrando para não ser ouvido, consumido por quem o esconde na rua, camuflado entre outros materiais, e devorado na solidão, ou no espaço ritual. Cria-se com ele cumplicidade, faz-se com que denote como uma arma contra terceiros, acredita-se nele como um amuleto para vencer na vida ou encontrar tesouros simbólicos (...)” FERREIRA, Jerusa Pires. *O livro de São Cipriano*. Op. Cit., p.XX. Nas narrativas que edificaram a hagiografia de São Cipriano há relatos segundo os quais, ao se converter, ele teria doado seus bens aos pobres e queimados todos os seus livros de magia. A respeito da sua hagiografia, ver na mesma obra de Jerusa Ferreira, o capítulo 3 – *Difusão da Lenda*, p. 95-114.

nas Sagradas Escrituras (*Gn.4,1-26*), que os dois caminhos dicotômicos, um do bem e o outro do mal, foram abertos às escolhas dos homens. Isso instaurou a possibilidade da morte terrena após o pecado original e as balizas e relatividades no que tange ao penhor da salvação ou à perdição da alma no outro mundo.<sup>107</sup>

Outros exemplos que aproximam o Diabo e os mortos foram apresentados. Uma das narradoras mencionadas, agora identificada como Dona Terezinha [pseudônimo], contou o seguinte:

Olhe, mode coisa de maldade foi um rapaz do Rio, tá ligado? [o gravador] um rapaz do Rio de Janeiro, até no Crato, num teve aquele folclore aqui em Juazeiro, que nós, foi almoçar lá e falando assim:

— Tá todo mundo revoltado.

— Olhe, o *Dino* era o macumbeiro mais rico do Rio, de muito tempo e o mais rico, mais rico, mas o fim dele foi triste. Antes deles morrer o Diabo estava cortando os pedaços dele vivo, né? Está compreendendo? O dinheiro que ele fez o mal, está compreendendo? É bom para o povo se converter. Olhe num tem, foi ano passado chegou aqui um homem, ali em Recife, de Recife dizendo que foi no cemitério enterrar um morto e estava lá no chão batido do cemitério da vida, tô morta, aí deixaram o caixão [Risos]. Tá compreendendo? Tanto que meu padrinho pedia:

— Meus filhos não deixem a religião por outra do Satanás num vim. Ele tá entrando como médico.

Olhe os romeiros velhos dizem:

— Vocês virão, aquele que deu o papel de Jesus Cristo é o anticristo.

— Olhe ele tá vindo como uma freira, como um padre, viu nego, vai muito cuidado.

**Joaquim:** Que ele vem disfarçado?

**Dona Terezinha:** Agora se for deixar as lei, tudo acaba. Nós vai ter tempo bom como Nossa Senhora falou pra irmã Lúcia. É o segredo de Fátima que tá caindo, esse planeta, que Nosso Senhor não vai deixar, dois mil e dezesseis o Cão carimbar o Brasil, que o Brasil tem a Santa Cruz. O Brasil tá cheio de tudo que num é bom né? Pode ver que nosso fim, chegou, ninguém quer. O povo tem medo de falar para não perder o emprego e se o rio secando e o candeeiro acabou o forró, ou acabou tudo né?<sup>108</sup>

A narrativa indica o caso de um “macumbeiro” esmiuçado pelo Diabo ainda em vida, tendo seu corpo esquartejado em pequenos pedaços. O enredo é apresentado para

<sup>107</sup> Na narrativa, a referência a Caim é significativa, pois evidencia a recorrência à memória bíblica e/ou outras literaturas religiosas. De acordo com Pesavento, “Caim, é, pois, o arquétipo do desvio à obra original de Deus e aquele que realiza o primeiro crime. Sua figura converte-se em mito literário recorrente, associado à rebelião e à transgressão às leis e normas e, assim, tem como destino o crime e a fuga”. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Na contramão da vida: razões e sensibilidades dos *filhos malditos de Deus* (Antônio Rasgado, Benjamin O Degolador, João Foguista). In: ERTZOGUE, Marisa H.; PARENTE, Temis G. (Orgs). *História e sensibilidades*. Brasília: Paralelo 15, 2006, p.163.

<sup>108</sup> DONA TEREZINHA. Entrevista realizada em 2015, p. 19-20. Grifo meu.

demonstrar a triste morte daquele sujeito, apontado como sendo um homem muito rico residente no Rio de Janeiro.

As memórias reforçam o ensinamento segundo o qual a conversão dos católicos em outras seitas, religiões ou mesmo igrejas vinculadas às vertentes protestantes, promove punições para os vivos e para os mortos. Usando esse argumento, a narradora lembrou furtivamente o caso de um defunto que, por motivos não revelados, não teve o rito fúnebre do enterramento concluído pelos vivos. Ela dá a entender que o caixão do infeliz ficou sobre o chão, abandonado sem enterro no espaço do cemitério. E reforça que a mudança da fé promove a vinda e a proximidade maléfica e perturbadora do Satanás. Segundo a narradora, esses saberes são oriundos dos ensinamentos do Pe. Cícero. De toda forma, as memórias exemplificam uma coexistência tensa entre os praticantes das diversas crenças, religiões e práticas religiosas no Cariri contemporâneo.<sup>109</sup>

Dona Terezinha enfatiza uma lição do tempo, embora expressando e/ou conectando algumas palavras de forma confusa. Sua leitura sobre a atualidade é marcada por elementos que indicam o fim dos tempos, como é o caso da presença da violência, “de tudo que num é bom” e das aparições e maldades do Demônio, retornando para o mundo dos vivos disfarçado de freiras e padres. É o anticristo. Portanto, na narrativa estão presentes sinais do profetismo apocalíptico, escatológico e milenarista.

A partir desses elementos, bem como dos signos difundidos pela Igreja sobre os mistérios da aparição de Nossa Senhora de Fátima e os segredos por ela revelados, a narradora explica que, como o Brasil possui o signo da Santa Cruz, Jesus Cristo não permitirá que o Demônio carimbe o país. Carimbar, nesse sentido, pode significar marcar e registrar como seu, dominar e controlar. Não contraditoriamente, esse termo expresso no livro da *Revelação* das Sagradas Escrituras evidencia a marca da Besta Fera, seiscentos e sessenta e seis, identificando aqueles não passíveis à salvação no fim dos tempos (*Ap. 13*). Tais aspectos também estão presentes nos folhetos de cordel, como é o caso do escrito *Jesus, José e Maria no Caminho da Redenção*, de Severino do Horto:

Ele vem no fim da era  
Para terra com seus ministros  
Confeça, caza e batiza  
E carimba com seu registro

---

<sup>109</sup> Sobre a intolerância religiosa voltada aos praticantes das religiões de matriz africanas no Cariri contemporâneo, ver DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. *Religiões tradicionais de base africana no Cariri cearense: educação, filosofia e movimento social*. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015, p.163.

E os homens mau-lhe preza  
 Ele engana a quem não reza  
 Dizendo que é Jesus Cristo

Ele é o pai da mentira  
 rei do ódio e da maldade  
 padrinho de todo ladrão  
 pai da criminalidade  
 bondade nenhuma tem  
 persegue a quem faz o bem  
 e ódeia sempre a verdade.<sup>110</sup>

Um Brasil católico, sob o signo da Santa Cruz sobreviverá às aparições e marcações do anticristo. Por isso, o fim também marca um recomeço: é o advento do bom tempo, um futuro marcado pela proteção do sagrado: o tempo eterno. Nesse caminho reflexivo, vale lembrar que:

As religiões judaica, islâmica e cristã são religiões de futuro, nas quais a história humana é entendida como manifestação da vontade providencial, segundo a qual os acontecimentos reais têm um significado transcendente a eles mesmos, pois são um capítulo do libreto divino. Conforme tais crenças, o horror e o mal-estar históricos não são eternos: um futuro de bonança se abre no horizonte.<sup>111</sup>

Ao narrar sobre um presente marcado pelo signo da fé, a entrevistada Maria do Horto entoava suas memórias elaboradas sobre o passado, apontando concomitantemente expectativas de futuro. Nesse uso do tempo da história, as temporalidades da memória vão e voltam no tempo, como em um vai e vem constantemente reatualizado. Quando se preparava para encerrar a entrevista, ao passo em que os dados pessoais da entrevistada eram registrados, outro caso ganhou o assunto e a atenção na narrativa. Ela interrompeu a finalização da gravação e disse:

**Maria do Horto:** Pacatuba em Sergipe, foi onde, é o meu lugar, nós era de caminhão, nós era da roça, plantava, de casa de farinha.

**Joaquim:** E na roça aparecia alma, visagem, essas coisas?

**Maria do Horto:** Não! olhe agora, a fita tá? olhe, muitos velhos aqui sabem dessa conversa, quando a conversa de Maria de Araújo também é muito boa que já nasceu, ela era preparada, ela era doentinha. Assim, o Satanás num pode ver ninguém bem toda vida, né. Então naquele tempo era aqui no mutirão, vivia um casal bem. Naquele tempo era mato tudo, tinha a rocinha né, viviam da sua roça e ele saía segunda-feira e vinha na sexta, né. A casinha dele, ainda

<sup>110</sup> HORTO, Severino do *Apud* CARVALHO, Gilmar de. *Severino do Horto: o cordel do Juazeiro*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014, p. 114-115.

<sup>111</sup> ARROYO, María V. Jordán. *Sonhar a história: risco, criatividade e religião nas profecias de Lucrécia de León*. Bauru, SP: EDUSC, 2011, p. 83.

hoje tem essas casas das duas janela, né? Repare como o Satanás tem inveja de tudo que é bom. Aí o que fez o Satanás, se virou em dois guardas e foi atentar o homem na roça, ele trabalhando. Foi no tempo de meu padrinho, que meu padrinho... ele trabalhando na roça aí chegou dois guarda, o Cão vestido:

— Bom dia!

— Bom dia!

— Tudo bem?!

— Tudo bem?!

Aí eles no outro dia vieram de novo e perguntaram tudo de novo, o homem disse:

— Tudo bem! Sua mulher?

O homem disse:

— Tudo bem.

Aí o guarda disse:

— Tá bem não.

A pobre da mulher uma santa.

— A sua mulher tá lhe traindo.

Tá me compreendendo menino?

— Não, eu conheço a minha mulher. Não!

Ele trabalhava era na segunda, passava a semana, passava a semana na roça vinha pra casa com as coisinhas. Eles combinaram.

— Vá sexta-feira que quando você chegar você vai ver.

Eles dois combinaram na hora da chegada, quando vinha os Capetas, um quando vinha perto pularam da janela e correram. O homem disse:

— É mesmo!

Tá compreendendo moço? Ele já estava preparado com a espingarda, né. Quando ele chegou, ela nem sabia o que estava se passando. Essa história é... Ela foi abraçando ele, ele já foi empurrando e dizendo:

— Você tá me traindo.

Pegou a espingarda e matou. Era pouca gente naquele tempo [...] meu padrinho disse:

— Meus amiguinhos isso foi tentação do Demônio.

Meu padrinho veio, eles estavam na comunheira da casa, eles estavam com vontade de levar, ele estava na comunheira da casa, meu padrinho disse:

— Xô!!

Mandou logo pra aquele lugar. Aí meu padrinho Ciço foi pra casa e eles vieram, porque estava na comunheira. Foram chamar meu padrinho e meu padrinho veio, trouxe água benta eles, porque ele depois se matou, sabem? O homem que matou a mulher, depois por tentação deles, aí ele se matou. Mas deixe que Deus sabe tudo né. Eles queriam levar o corpo, quando disse:

— Meu padrinho!

Aí eles voltaram, eles estouraram que deixou a casa cheia de enxofre. E dizia:

— Essas duas almas você num ganha.

Tá compreendendo moço? Quando eu vejo assim traição, o povo hoje em dia né.

**Joaquim:** E essas duas almas, foram para o Céu, pro Paraíso?

**Maria do Horto:** Não se perdeu não! Que foi uma tentação do Demônio. A mulher não tinha, tá compreendendo? A neta do homem estava contando ali na igreja, os mais velhos sabem de tudo né, está compreendendo quem é o meu padrinho? O meu padrinho é um dos profeta que veio dá um aviso, ele veio foi do Céu, num pode dizer não, mas Crato é, aqui é Jerusalém, Barbalha é Portugal [...]. Olhe, meu Padrinho disse também que no fim aqui em Juazeiro

ainda ia uma mulher governar. Será que é uma mulher mesmo que vai acabar com a guerra, ninguém brinque com essa mulher não, porque se ela, eles não sabem, olhe essa[...]tudo tá escrito, eles num quiseram não, mas tá.<sup>112</sup>

No passado do Juazeiro, identificado como no tempo do padre Cícero, o atual bairro Multirão era recoberto pelo mato. Lá, um casal fiel foi prejudicado pelas danações do Diabo. Disfarçado de dois guardas, ele professou ao marido a ideia segundo a qual sua esposa amada o traia. Após uma armadilha montada pelo Demônio para que o marido flagrasse sua esposa com outro homem, ele acreditou nas palavras desonrosas e assassinou a mulher a tiros. Em seguida cometeu suicídio.

Feliz com a conquista dos dois mortos, o Diabo preparava-se para levar seus corpos. Naquele momento, os poderes do Pe. Cícero fizeram explodir os dois guardas, deixando o cheiro de enxofre fluir no ar. Na narrativa, aquele odor assume entendimento de prova, visto que, tanto nos escritos bíblicos (*Ap 20*), quanto nas tradições orais, há associações tocantes a explosão e o cheiro daquela substância com a presença da criatura diabólica e seus vínculos com o Inferno.<sup>113</sup> Nesse contexto, a fluidez do enxofre atesta que os guardas eram realmente uma manifestação do ser tenebroso. O santo do Juazeiro, porém, impediu que os corpos fossem levados, salvando as almas daqueles mortos.

Nas memórias, os corpos dos mortos e a atuação do Líder religioso do Juazeiro obtêm destaque. A narrativa deixa subentendido que, caso o santo não explodisse os guardas, os corpos seriam levados e as almas, por conseguintes, ficariam aprisionadas às vontades do Diabo.

Dessa maneira, mesmo essa sendo uma trama triste, ela tem um final feliz, pois, os mortos foram bem-aventurados. Em virtude da ação do Santo Protetor do Juazeiro, que interviu por considerar o casal composto por pessoas honestas, os mortos, mesmo sendo atingidos por um tipo de morte considerada no cotidiano dos narradores como provocadora de tormentos, por se tratar de um assassinato seguido de suicídio, são tomados como vítimas das tramas demoníacas, portanto, inocentes e merecedores da luminosidade celeste. A narrativa, por fim, também assume a função de legitimar a miraculosidade do Pe. Cícero, pois,

Enquanto encarnação do mal, o demônio é um personagem importante em todo discurso de santidade. Segundo o dogma cristão, o demônio tinha certas vantagens intelectuais sobre a natureza humana e também tinha o poder de se transformar em anjo de luz, em seu esforço para enganar e atraparhar o

<sup>112</sup> Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p. 24 e 25. Grifo meu.

<sup>113</sup> Cf. CAMPOS, Eduardo. *Estudos de folclore cearense*. Op. Cit., p.41-42.

caminho rumo à perfeição espiritual. O triunfo sobre o maléfico era uma prova irrefutável de santidade dentro dos relatos hagiográficos.<sup>114</sup>

Em algumas das narrativas, quando não há interferência de um Santo protetor ou outra entidade benéfica, o Diabo consegue realizar e consumir seus intentos. Foi o que contou Dona Losinha, ao narrar um caso ocorrido:

**Dona Losinha:** O povo via marmota. Ó, tinha um senhor nos Inhamuns, nos Inhamuns é onde aparece mais marmota, porque é coisa antiga, dos antepassados né. Aí diz que o nome dele era Martim. Aí chamavam ele Pai Martim. Aí diz que ele morreu. Diz que ele morreu. E diz que ele era muito ruim, judiava muito com os escravos. Aí diz que foi, e pegou uma rede, que de primeiro o povo fazia umas redes grande de labirinto, no metro, de labirinto. Aí disse:

— Vamos enterrar.

Veio gente de Cococi, pra enterrar em Cococi. Lugar que tem lá pros Inhamuns. Aí quando acabar, diz que quando chegou o povo, aí disse assim:

— Vamos por enterro de Pai Martim. Será que dá?

Aí foi. Diz que os cavaleiros tudo de cavalo e desabaro com a rede, que era rede, num tinha. Aí diz que quando foi. Aí quando chegou dois negão. Aí disse:

— Venha cá, perá deixa eu pegar nessa rede.

Diz:

— Pegou Brás?

Disse:

— Peguei Thomás.

Aí diz que saíram com esse corpo na Serra da Chalita. Aí desabaro, desabaro. Os cavalos cansados, e o povo correndo, outros correndo de pé e não alcançava. E esses dois negão carregaram esse corpo, nunca apareceu. Os meninos dizem que é mentira. Eu digo:

— Não, os mais velhos contavam.

Mas de primeiro tinha muita coisa feia no mundo, muita marmota. Hoje a gente nem lembra mais.

**Joaquim:** Mas quem eram esses dois que levaram o corpo?

**Dona Losinha:** Era do Demônio, só podia ser do Demônio. Aí tinha um vaqueiro chamado, vaqueiro do sertão antigo. Aí sei que com muitos anos, ele achou as varandas da rede enganchado nos pés de árvores, nos matos. Lá é uma Serra.<sup>115</sup>

Os sentidos da narrativa remetem ao tempo da escravidão.<sup>116</sup> Após a morte de um homem, aparentemente um cruel senhor de escravos, dois sujeitos identificados como Bráz e Thomas apareceram durante o trajeto do seu enterramento. Sendo levados em uma rede, como outrora na região e nos demais interiores do Brasil, os corpos mortos eram cortejados até o local

<sup>114</sup> ARROYO, María V. Jordán. *Sonhar a história*. Op. Cit., p.179.

<sup>115</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato, p.14.

<sup>116</sup> Sobre a escravidão no Ceará, ver FUNES, Eurípedes Antônio. Negros no Ceará. In: SOUZA, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará*. 4 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 103-132.



do enterro, eles pegaram-na e sumiram com o morto em um espaço identificado como sendo na Serra da Chalita.<sup>117</sup> Não obstante, as pessoas os seguissem sem conseguir alcançá-los. Segundo a narradora, é fato tratar-se de uma coisa do Demônio.

Vale frisar que, dentre os elementos culturais fundantes da tradição fúnebre católica está a distinção entre a morte e o morto. Embora eles sejam distintos, possuem liames, cada um com seu tempo específico. Por isso, há conexões simbólicas entre o tempo da morte, do morto e de seu corpo morto, todos eles marcados por ritos de tempo e de espaço, como disse Martins.<sup>118</sup>

O enterramento em solo certo, isto é, sagrado, e a dissolução do corpo morto até os restos incorruptíveis são elementos chave para a inteligibilidade da salvação cristã, já que a morte é inevitável, e a desintegração corporal, inelutável – nesse último caso, com exceção da dos corpos santo. Restituir a corporeidade a Terra representa suprimir uma dívida, realizar uma obrigação, visto que, como lembram as Sagradas Escritas, o corpo é pó e ao pó precisar voltar, habitar, para, posteriormente, retornar à vida eterna (*Is 26:19*).<sup>119</sup> Isto é, ele é valorizado como um instrumento de salvação, como um recurso para o tempo futuro no qual o Juízo Final abrirá a eternidade celeste. De acordo com Catroga:

Como se sabe, as esperanças escatológicas semeadas pela religião judaico-cristã encontraram na descida à terra a mediação adequada à crença na ressurreição final dos corpos. Por isso, a inumação é inseparável de um ritualismo que tem nas práticas de *conservação*, de *simulação* e de *dissimulação* as suas atitudes simbólicas mais significativas, características que podem ajudar a compreender o cariz predominantemente *monumental* dos cemitérios cristãos e os fortes elos existentes entre a morte e a memória.<sup>120</sup>

No que diz respeito ao caso narrado sobre o corpo morto sequestrado, está em jogo o tempo futuro do morto. Ou seja, os riscos sobre sua ressurreição e, conseqüentemente, dele perder para sempre a possibilidade de obtenção da eterna glória. Como aquele corpo não aparece na narrativa tendo um sepultamento digno, no sentido historicamente construído nas práticas fúnebres cristãs, e desapareceu sendo levado pelos enviados do Demônio, ele foi projetado para o terreno dos mistérios e não para a certeza necessária ao alívio dos vivos, no que diz respeito à crença sobre o transpasse do morto ao outro mundo.

<sup>117</sup> No que diz respeito aos cortejos fúnebres fazendo uso das redes, ver CASCUDO, Luís da Câmara. *Rede de dormir*: uma pesquisa etnográfica. 2 ed. São Paulo: Global, 2003, p.122-124.

<sup>118</sup> MARTINS, José de Souza. *Linchamentos*. Op. Cit., p.151-161.

<sup>119</sup> Id. Anotações do meu caderno de campo sobre a cultura funerária do Brasil. In: OLIVEIRA, Marcos Fleury de; CALLIA, Marcos H. P. (Orgs.). *Reflexões sobre a morte no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 87.

<sup>120</sup> CATROGA, Fernando. *O Céu da memória*. Op. Cit., p. 13. Grifo do autor.

Por isso, o não retorno do corpo morto ao pó é uma punição no tempo e sobre o tempo. Não há, nesses casos, possibilidade de salvação eterna. Ao contrário disso, a corporeidade e a alma do infeliz são maltratadas em um tempo aberto no mundo terreno e eterno na dimensão infernal. Tudo isso provocado em virtude da maldade praticada por aquele homem, quando pulsava entre os vivos.

Portanto, narrativas urdidas a partir da relação entre violência, honestidade, bondade e salvação da alma, por um lado, e maldade, desonestidade, ambição e perdição, por outro, povoam as memórias dos entrevistados. Esses aspectos balizam os lugares dos mortos e dos vivos, definindo, muitas vezes, o desfecho das tramas.

Entretanto, há narrativas que irrompem e deslocam essa lógica de tal forma que apresentam outros caminhos possíveis, rompendo ensinamentos oficiais dos cristãos. À luz da reflexão sobre o corpo morto e os destinos da alma no além, Seu Antônio discorreu:

As almas é assim: quando morre um corpo, o chão vai comer o corpo, mas o espírito vai pro Paraíso, que é o canto separado já pra quem morre, o Paraíso. Então, só tem um dia que essa alma vai pro Céu. Jesus tá lá só. Ele e a Mãe dele e o Pai Eterno. Tá lá. Três pessoas né, tem o Pai, o Filho e o Espírito Santo. E a Mãe dele porque ninguém sabe onde é o túmulo de Nossa Senhora. Sabe? Já ouvia falar, já? Ninguém sabe não onde é o túmulo dela não. Sabe de São Pedro, de.. lá em Roma, mas aqui ninguém nunca ouvia falar no túmulo de Nossa Senhora num é assim? Então, as almas estão tudo lá. Vai julgado no dia do julgamento, lá na sua Bíblia tem. Seja que lei for, tudo é uma Bíblia só. A lei de crente, quem for crente, a Bíblia é uma só. Num tem dois Deus! Num tem dois Deus. Aí a Bíblia diz: Deus desce do Céu na terra pra julgar os vivos e os mortos, num tem assim? Aí então. Aí é onde eu tô sem saber né? agora é assim: fazer que nem o meu padim Ciço fazia é difícil. É difícil.

**Joaquim:** E ele aparecia pra..? a alma dele aparecia?

**Seu Antônio:** Não. É assim: é porque essas almas ela fica lá até o dia do Juízo, que é o dia do julgamento. Jesus desde do Céu as terra, num fica ninguém no Inferno, num fica ninguém no Céu, num fica ninguém no espaço, num fica ninguém no chão enterrado, sai todos pra fora, no dia do julgamento. Nós todos vamos ver. Se é mentira minha isso que eu tô dizendo. Aí vai julgar os vivos e os mortos. Os mortos foi que não fizeram nada pra Deus. Nada.

Tem uma história de uma mulher que não acreditava em Deus, que tinha Deus. Ela não acreditava que tinha Deus, num acreditava que tinha o Inferno, e nem Céu. Ela vinha da roça dela pra casa, pra roça dessa pessoa. Aí então com um tempo tem que morrer, não é assim? Ela morreu. Foi direito pro Inferno [silêncio]. Aí quando ela chegou lá no Inferno foi se valer de Nossa Senhora Sant'ana. Quando ela se viu...Nem ela entrou pra dentro, porque ela tava dentro do Inferno, num podia entrar pra dentro, nem podia entrar no Céu porque ela não acreditava que tinha Céu. Entendeu? E nem acreditava que tinha santo, e nem santa e nem nada. Morreu se acabou, virava pó, ela dizia, essa pessoa né? Aí ela disse:

— Vala-me Nossa Senhora Sant'ana.

Senhora Sant'ana olhou pra Miguel e disse:

Ô Miguel, ô Miguel  
 Ouça a voz de quem te chama,  
 Vai buscar aquela alma,  
 Faz três dias que ela clama,  
 Vai buscar aquela alma faz  
 Faz três dias que ela clama

Aí a alma foi e disse:

Quando eu cheguei nesse casa  
 Que eu pensei em me arrepender  
 Sant'ana mãe de Maria  
 Ela me queira valer

Aí Nossa Senhora disse:

Ô Migue, ô Miguel  
 Leva três anjinhos contigo  
 Vai buscar aquela alma  
 E traz na tua companhia

Aí Miguel desceu, foi mandado de Nossa Senhora. Quando chegou no Inferno:

Ô de casa, ô de fora  
 O Inferno estremeceu  
 Eu vim buscar esta alma  
 Quem mandou foi a Mãe de Deus

Aí o Satanás diz:

Ô Miguel, ô Miguel  
 Esta alma eu não te dou  
 Que hoje faz três dias  
 Que essa alma aqui chegou  
 Que hoje já faz três dias  
 Que essa alma aqui chegou

Aí Miguel disse:

Nem que passe quinze anos  
 Esta alma eu a levo  
 Quem madou buscar essa alma  
 Foi a mãe do Pai Eterno

E ele respondeu, o Satanás:

Veja lá Miguel  
 As coisas como são  
 No tempo dela com vida  
 Não tinha conta na mão  
 Tava em pecado mortal  
 E morreu sem a confissão

E Miguel disse:

Tava em pecado mortal  
 E morreu sem a confissão  
 De tudo foi perdoado  
 E a Deus pediu perdão

E sai daqui de brasa em brasa  
 Brasa quente e brasa lenta  
 Vai se pegar com a boa Mãe  
 Que tirou você dessas penas

Aí então ela [alma] disse:

Veja lá maldito  
 Quanto é o poder de Maria  
 Que ontem eu tava em pena  
 E hoje no Céu de alegria

O rosário de Maria  
 Veja que mistério tem  
 Que nos dá eterna glória  
 Para todo o sempre, amém!<sup>121</sup>

A trajetória de uma mulher descrente nos poderes de Deus, de Nossa Senhora e da existência das dimensões do além cristão é o mote da narrativa. Descrente e professando sua falta de fé nas dimensões do além em vida, ela foi para o Inferno, após chegar o tempo da sua morte corporal na Terra. Sentido os pesares infernais, recorreu à Sant'ana, no catolicismo consagrada como a Mãe da Virgem Maria. Ela, há três dias ouvindo os desejos aflitos da alma, solicitou que São Miguel fosse socorrê-la e elevá-la para os resplendores da Glória.

Acompanhado de três anjinhos, o Santo Anjo desceu até as profundezas do Inferno. Lá, entrou numa peleja verbal com o Satanás, porfia marcada constantemente por referências temporais. A estadia da morta por três dias no Inferno foi o argumento usado pelo líder infernal para permanecer dominando-a, e 15 anos, foi o tempo narrado por São Miguel como demonstrativo de que, a mando da Mãe de Deus, ele passará a temporalidade que for necessária guerreando contra o anjo do mal para salvar a infeliz.<sup>122</sup>

Ademais, o tempo vivido na Terra conforme uma postura descrente e pecaminosa, pois além de proferir sua descrença, aquela mulher não recebera os sacramentos cristãos e,

<sup>121</sup> Entrevista realizada com Antônio Sales, em 05/04/2015, na sua residência, Sítio Cabeceiras, Barbalha. p.11-13.

<sup>122</sup> Conforme a hagiografia de São Miguel Arcanjo, a palavra Miguel significa “quem como Deus”. “Foi ele quem combateu o Dragão e seus anjos e que os expulsou do Céu (...). É ele quem recebe as almas dos santos e as conduz até a alegria do Paraíso. (...). É ele quem, por ordem do Senhor, fulminará o Anticristo, quando este estiver no monte das Oliveiras. É ainda à voz do arcanjo Miguel que os mortos ressuscitarão. É ele, enfim, quem, no dia do Juízo, apresentará a Cruz, os pregos, a lança e a coroa de espinhos.” VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea: vida de santos*. Tradução Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.813.

consequentemente, morreu em pecado mortal, é o instrumento usado pelo Demônio para prender aquela alma nos tormentos eternos, sob o seu controle. Mesmo reconhecendo os caminhos errantes da morta, São Miguel consegue elevá-la, alegando o seu pedido de perdão e, dessa maneira, explicitando como a alma crente nos poderes de Deus, de Nossa Senhora e do Rosário podem alcançar a glória Eterna.

O pedido de perdão e a consequente afirmação da sua crença religiosa são, portanto, as chaves interpretativas e os focos narrativos que elucidam a salvação da alma, antes pecaminosa. Sua bem-aventurança dependeu da sua crença. Este é o ponto fulcral da narrativa. E após uma vida errante na Terra e três dias nos sofreres infernais, ela obteve a graça da eternidade no Paraíso.

Além de tudo isso, os encontros entre vivos e mortos também ocorrem por intermédio dos sonhos ou nos sonhos. Há variados casos narrados sobre eles que apontam para especificidades temporais e memórias. Nesse sentido, cabe ponderar sobre os focos narrativos presentes nas leituras sobre o tempo a partir das experiências oníricas. É o que analisarei nas próximas páginas.

### 3. O TEMPO E OS SONHOS

“Nada é impossível num sonho”.  
(Cícero)

Aos poucos, o morto se aproximou. Ele foi chegando cada vez mais perto da cama e nada falou. Apareceu e logo sumiu, variadas vezes. E não permitiu ser visto de frente. Foi o que disse a costureira das mortalhas, Dona Toinha, durante um dos dias nos quais ela ficou hospedada na casa da sua filha, no decorrer do ano de 2015, na cidade do Crato:

**Dona Toinha:** E eu acredito que é assim: que a gente sonha com a pessoa da gente. E a gente num fala com ele, nem ele dá a frente é só as costas num é?

**Joaquim:** Como é isso? A senhora já sonhou?

**Dona Toinha:** Já. Eu sonhei com o compadre Chichico. O pai de Mayane [pseudônimo], já depois que eu tô aqui. Eu tava dormindo, e dormindo eu via ele. Ele chegava aonde eu tava. Aí, vei, vei, vei aí chegou. Aí teve perto deu. Aí saiu de novo. Aí tornou a voltar de novo, mas não me deu a frente, só era de costa. Agora que eu conheci que era ele por causa do corpo. Aí eu disse a Leda e disse:

— Leda tu reza pra compadre Chichico que ele tá em pena porque eu sonhei com ele. E foi um sonho como se diz razoável. E eu tô achando que ele num tá muito bem não.

Pode ser que teja porque ele já morreu né. Ele era uma pessoa muito boa. Quer dizer, pra mim eu achava ele uma pessoa muito boa.

**Joaquim:** E quando as almas dos mortos aparecem nos sonhos, o que é que quer dizer?

**Dona Toinha:** Diz que é porque tá em pena. Quando aparece assim, que a gente vê eles em sonhos diz que porque tá penando. O povo diz. Os mais velhos né?<sup>1</sup>

Há experiências oníricas que tocam profundamente o terreno sensível das emoções. Isso ocorre principalmente quando o onirismo projeta os sujeitos ao reencontro com parentes e outras pessoas presentes nas cartografias dos seus afetos, embora já tenham realizado a viagem

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, no bairro Vila Alta, Crato, p. 2.

ao outro mundo. De maneira similar à narrativa de Dona Toinha, em muitas situações registradas nas entrevistas, os mortos voltaram e invadiram o sono dos narradores.

Entre as narrativas gravadas, há muitos casos que apontam para a visualidade dos mortos e seus trânsitos nas dimensões do além cristão através das experiências oníricas. De acordo com Peter Burke, os sonhos possuem uma camada de significado cultural, além de uma pessoal e outra universal. São, portanto, indícios, fontes potenciais para as pesquisas históricas. Logo, do ponto de vista do conhecimento histórico, é possível se debruçar sobre sua interpretação cultural a partir dos conteúdos manifestos.<sup>2</sup>

Seguindo algumas das trilhas interpretativas apresentadas por Peter Burke, Jean-Claude Schmitt, Jaques Le Goff e Maria V. Jordán Arroyo, tomo os sonhos como um caminho através do qual é possível entender sensibilidades e imaginários sociais, visto que, mediante as experiências oníricas, são percebidas, em certa medida, algumas aspirações individuais e coletivas, preocupações e desejos, estando na esfera pública e/ou constitutivas do cerco mais íntimo dos sonhadores. De igual modo, a análise dos sonhos possibilita compreender os modos pelos quais a linguagem onírica é interpretada, quando posta em relevo.<sup>3</sup>

Tomando as narrativas sobre os sonhos com os mortos como pontos de acesso às sensibilidades religiosas dos narradores, suas projeções imaginárias e subjetividades, cabe indagar: Quais dimensões simbólicas os entrevistados narram quando acionam nas memórias as experiências vividas com os mortos durante os sonhos? Há singularidades e temporalidades específicas para as visões oníricas sobre o mundo terreal e o além? E, principalmente, quais os focos narrativos e seus significados vêm à luz nos trechos em que relatam encontros com os mortos nas experiências oníricas?

### **3.1. Quando os mortos vêm...**

#### ***3.1.1. Os tempos nos mistérios oníricos***

O sonho é o teatro sobrenatural da subjetividade cristã.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Tradução de Alda Porto. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 47-48 e 64.

<sup>3</sup> Cf. ARROYO, María V. Jordán. *Sonhar a história: risco, criatividade e religião nas profecias de Lucrecia de León*. Bauru, SP: EDUSC, 2011, p. 15.

<sup>4</sup> SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo: Ensaio de antropologia medieval*. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 21.

No caso narrado por Dona Toinha, há pouco citado, as costas e o desenho do corpo evidenciaram quem era aquele finado: trata-se do seu genro, ex-marido da filha em cuja residência ela se encontrava. Não obstante, ele fosse identificado como um bom homem enquanto vivo, foi narrado, depois de falecido, sob o signo da dúvida, pois, de acordo com a tradição oral reiterada pela narradora, a aparição dos mortos nos sonhos é um sinal de que eles estão sofrendo e carecem dos sufrágios dos vivos para ascenderem nos percursos do além. A costureira das mortalhas de Monte Alverne, quando narrou a aparição para sua filha, a viúva daquele homem, solicitou orações para aquela alma, por considerar que ela estava penando no outro mundo. Nesses casos, o sonhar com o finado estimula à ação religiosa dos sonhadores.

Lembro que, conforme alguns dos entrevistados, sonhar com um morto vendo-o de frente remete ao tempo anterior ao momento da sua morte. Logo, faz rememorar a memória de algum momento vivido no passado ou, de forma enigmática, remete a momentos posteriores a sua morte, porém sendo vistos e narrados como estando vivos. Na contraposição, vendo-o seus desenhos corporais, gestos ou vultos sem, no entanto, avistar sua face, significa vê-lo no tempo posterior ao transpasse, portanto, representa um reencontro entre o vivo e o falecido. Eis as memórias do penitente Nivaldo Santos, quando indagado sobre a possibilidade de ver almas:

**Seu Nivaldo:** Não, não tem não [o merecimento]. Ah, se eu vesse uma alma rapaz, ah se eu vesse. *Pronto, meu pai morreu, ah se eu visse meu pai. Às vezes sonho, mais não estou vendo a alma, ele em pessoa né?* Num é assombrando. Eu queria ver meu pai, eu queria ver minha mãe. Queria dar a benção à minha mãe. Era a alma da minha mãe me abençoando. Eu queria ver um colega meu que com meus amigos eu brincava era muito. Aqui morreu um colega meu, eu queria encontrar com ele. Eu encontro? *Encontro não que eu não tenho o merecimento, eu sou pecador.* Aquela alma tá purgando o pecado naquele canto. Ela não se apresenta pra pecar mais não. Que eu sou um pecador, não tenho merecimento de ver aquela alma não.

**Joaquim:** E essas almas que aparecem?

**Seu Nivaldo:** Visão. Você sente aquilo. Pra você é. Visão que você tem, lembrança daquela pessoa. Comparação, eu tô aqui, aí eu vou e me lembro do caba que já morreu, aquela pessoa passou perto de mim. Mais eu num teve o merecimento de ver ele. Porque a gente sente, mas não vê. A gente sente mas não vê. Porque não teve aquele merecimento de ver, se vê, se você vê, você quer falar. Aí aquela pessoa não fala.

**Joaquim:** Mas mesmo assim tem algumas almas que aparecem?

**Seu Nivaldo:** Aparece só a visão, como quem seja aquela pessoa. Porque você vê aquele vulto. Você num vê o rosto não. Só viu aquela formatura. Se aparecer assim como eu e você aqui né? Nós todos aparecendo. Se você, se eu ver uma alma, eu estou vendo as costas dela, eu num vejo o rosto não. Se eu ver o rosto eu me assombro. Eu num tenho esse merecimento. Nem uma pessoa tem o merecimento de ver o rosto de um morto, assim que já foi enterrado. Porque não sabe, não tem quem diga como é o rosto de uma alma que aparece não. Ela não aparece mostrando o rosto não. Aparece aquela formatura, porque é aquela visão. Aquela formatura daquela pessoa, você



conhece que é a pessoa, pode pensar que é a pessoa porque acha parecido as costas dele. Mas a frente as pessoa nunca viu, nunca viu não.<sup>5</sup>

O penitente da Irmandade da Cruz do sítio Cabeceiras enfatiza seu desejo de rever seu pai, dar a benção a sua mãe e abraçar seu amigo. Assim, sua vontade de ver, falar e tocar os mortos familiares e os demais com os quais construiu afetos é um elemento importante na narrativa para designar o que ele entende por encontrar o morto, o que corresponde justamente às sensibilidades visuais, auditivas e táteis. Além disso, seu Nivaldo afirma que nunca ouvia ninguém contar ter visto o rosto de uma alma, motivo pelo qual ele reitera a possibilidade de sentir aquela presença, porém estando a face invisível aos olhos do corpo: é o estado sensível da percepção que afirma tratar-se de uma visita de um morto querido. Trata-se, portanto, de um saber sensível.

De acordo com Sandra Jatahy Pesavento, os conhecimentos sensíveis operam como uma forma de apreensão que não é desencadeada mediante um saber racional ou das elaborações mentais mais elaboradas, mas sim dos sentidos. “Às sensibilidades compete essa espécie de salto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com as subjetividades”.<sup>6</sup>

Na construção do seu saber mediante as tessituras das sensibilidades e dos seus diálogos com outros narradores, bem como mediante suas memórias sobre momentos vividos outrora com seus parentes e antepassados, Seu Nivaldo procura explicar o porquê de os vivos não avistarem as faces dos mortos. Para ele, os pecadores não têm o merecimento de ver o rosto dos falecidos. Se vê-los, vão querer falar, e os defuntos não podem se comunicar com os vivos, pois, na medida em que estão purgando seus pecados, não lhes é permitido voltar a dialogar com os pecantes. Nesse direcionamento, para o narrador, ver e encontrar com os mortos significa merecer essa diferença. Nesse sentido, é nas lides enigmáticas do merecimento tanto dos vivos quanto dos mortos que os falecidos organizam suas vindas aos encontros com os sujeitos nas temporalidades oníricas.

As memórias de seu Nivaldo também apresentam ambiguidades. Nessa contenda, na mesma medida em que ele demonstra querer ver e reencontrar seus familiares e amigos queridos já falecidos, ele informa como a visibilidade sobre o rosto de uma alma assombra os vivos. Assim, insinua querer reencontrá-los, mas não para ser assustado. Nesses termos, é

---

<sup>5</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha p. 18-19. Grifo meu.

<sup>6</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 3 ed. Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p.56.

adequado frisar que há diferenças entre aparições oníricas nas quais os mortos assumem uma postura benevolente e benéfica aos vivos, e outras a partir das quais perturbam e assombram o sono e o dia a dia dos sonhadores.

Esse jogo complexo faz alusão e vivifica crenças relativas aos sonhos na teologia cristã difundidas na renascença, em que muitos deles ainda se fazem presentes na contemporaneidade do Cariri cearense, pois foram projetados no tempo de longa duração e nas lides do imaginário paulatinamente difundido no Novo Mundo. Na linha desse esforço interpretativo, Maria Arroyo enfatiza como tal teologia cristã herdada da Idade Média apresentou uma tipologia dos sonhos, classificada em três ordens. Tal classificação compreendia: 1. a causa interna, explicada a partir do *plano humano*, mental e biológico; 2. *O sonho teológico*, instrumento de uma revelação divina e 3. *Protagonismo demoníaco*, terreno onírico urdido pelo Demônio.<sup>7</sup>

Nas memórias dos fiéis narradores, a origem dos seus sonhos com os mortos não é revelada abertamente ou percebida na primeira leitura. É necessário atentar o olhar e desvelar as narrativas, porquanto muitas vezes são apresentadas como enigmáticas, ambíguas e insolúveis. São marcadas pela lógica do merecimento, bem como pelos mistérios do além. Esses aspectos se imbricam, estão entrelaçados e são, em muitos casos, indissociáveis.

Conforme as narrativas, os sonhos são marcados com muitos signos místicos e misteriosos do tempo. Às vezes, alguns indícios são decifrados, em outros casos, eles são resguardados nas lides do silêncio. Na continuação da entrevista com Dona Toinha, ela foi interpelada, e discorreu:

**Joaquim:** E teve algum outro sonho? A senhora sonhou outra vez com alguma outra pessoa?

**Dona Toinha:** Não adespois que eu tô aqui, não, num sonhei não. Só com ele mesmo.

**Joaquim:** E lá no sítio?

**Dona Toinha:** Lá no sítio, sempre eu me entendia com as coisas e sonhava com meu povo que morreu. Me lembra.

**Joaquim:** A senhora se lembra de algum desses sonhos?

**Dona Toinha:** Me lembra. Ave Maria, meu marido chegava, ele chegava perto deu aí dizia:

— Vamos mais eu.

Aí eu dizia:

— Vou nada.

Agora eu vendo ele dentro de uma roça de mandioca verde. Aí o povo diz que quando a gente sonha com uma pessoa da gente que morre, que a gente vê dentro de uma roça de coisa verde num sabe? diz que é bom. Eu sonhei com ele dentro de uma roça de mandioca verde. Ele falando com eu, mais eu

<sup>7</sup> ARROYO, María V. Jordán. *Sonhar a história*. Op. Cit., p. 50. Grifo meu.

num, eu dei sinal que não, porque ele me chamou para ir mais ele, mais eu num queria ir né?

**Joaquim:** E a senhora acha que era para ir para onde?

**Dona Toinha:** Eu num sei não. Eu num sei se ele andava penando também né? Que às vezes acontece né?

**Joaquim:** E por que é que sonhar com uma coisa verde, na roça, é uma coisa boa?

**Dona Toinha:** Diz que é coisa boa. Os povos mais velhos diz que a pessoa sonhar com uma pessoa morta no mato verde, diz que é muito bom.

**Joaquim:** Mas era bom por quê?

**Dona Toinha:** Porque ele tinha uma certa passagem para ele.<sup>8</sup>

De acordo com Peter Burke, os sonhos possuem significados culturais, sendo moldados de duas maneiras no mundo cultural do sonhador: 1. Em determinada cultura, os símbolos oníricos podem ter significados específicos; 2. O conteúdo manifesto nos sonhos é também constituído pela cultura do sonhador. Nesse direcionamento, os sonhos dizem muito sobre ele e, igualmente, sobre o cenário social e cultural no qual ele vive.<sup>9</sup>

Dessa maneira, os signos apresentados na narrativa tecida por Dona Toinha são bastante instigantes. Quando indagada sobre os sonhos vividos na sua residência, no sítio Monte Alverne, um encontro com seu marido morto foi narrado. No sonho, eles promoveram uma rápida conversa. Isso faz lembrar a dimensão auditiva da experiência onírica. Ora, os vivos e os mortos se comunicam por meio dos gestos corporais, ora via expressão de símbolos e signos, ora pela capacidade linguística de ambos.

No sonho vivido por Dona Toinha, o morto convidou-a a acompanhá-lo em um percurso indecifrável na fala. Não aceitando o convite, a narradora acorda, apresentando, por sua vez, um signo do tempo: o finado encontrava-se no meio de uma roça de mandioca verde. O espaço e sua cor são de extrema importância na narrativa, por evidenciar a experiência e a circunstancialidade purgante da alma. Segundo os mais idosos, afirma Dona Toinha, sonhar com um morto na roça verde significa algo positivo, tanto para ele quanto para os vivos.

Perscrutando fragmentos da primeira entrevista realizada com Dona Toinha, em dezembro de 2013, na sua residência, as memórias sobre o sonho na roça ganham sentidos singulares tocantes à sua identidade social. Naquela entrevista, enquanto eu tentava direcionar a fala para as aparições dos mortos, ela puxava a conversa para os assuntos sobre os vivos.

<sup>8</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, Crato. p. 3-4.

<sup>9</sup> Na história cultural de Burke, há destaque para uma divisão ou tipologia das experiências oníricas, a saber: 1. Os sonhos individuais, aqueles que não seguem um enquadramento dos conteúdos e signos; 2. Sonhos “padrão da cultura”, explicados em termos de experiências culturalmente estereotipadas. A análise de ambos conflui para uma história da imaginação coletiva. Cf. BURKE, Peter. *Varietades de história cultural*. Op. Cit., p.49-58.

**Joaquim:** Pois muito obrigado Dona Toinha, pela entrevista.

**Dona Toinha:** Agora que eu era uma mulher artista. Toda arte que uma mulher fazia, eu fazia. Que o povo fazia, que eu via o povo fazer, eu fazia também. Croché, bordar, costurar. Trabalhar na roça eu achava muito bom. Menino eu achava bom trabalhar na roça.

**Joaquim:** E nas roças as pessoas contava essas histórias de alma?

**Dona Toinha:** Não. Na roça ninguém contava história de alma não. Na roça agente fazia era se divertir, conversando, achano graça. Coisa melhor do mundo que tem é se de trabalhar. Num tem outra arte melhor do que se trabalhar não. Foi a arte que Deus deixou pro homem e a arte melhor que tem é essa. Que você num fala da vida de ninguém. Você num se lembra de nada. Você só se lembra do que você tá fazendo. É bom demais. Agora trabalhar de arte você mata a cabeça. Trabalhar de arte. Costurar. Bordar você mata a cabeça também. Acaba com a vista. É cansativo. Agora tecer, eu tecia que achava bom. Eu achava bom demais tecer. Ave Maria. Eu achava melhor tecer do que costurar.<sup>10</sup>

Se autorreconhecendo como uma mulher artista por trabalhar com as diversas artes outrora atribuídas às mulheres, como bordar e costurar, e uma exímia tecelã, a narradora enfatiza o quanto gostava de trabalhar na roça, quando era mais jovem, bem como depois de casada, na convivência com o marido, pois este também era um agricultor. O tempo é descrito como um momento de prazer, de conversas engraçadas e boas risadas. Portanto, há um olhar sobre esse passado no qual o tempo era trabalhado no convívio com o marido, na roça. Sem pensar nas demais dificuldades do viver, hoje, ela lembra as vantagens de ter uma ocupação. Atualmente, ela é aposentada e mora sozinha no sítio Monte Alverne.

É válido lembrar que, nos registros de memória de quem trabalha ou trabalhou na terra, o chão recoberto pelo mato verde representa bonança, já que toca à expectativa de um bom inverno, uma passagem do tempo marcado pela certeza de uma boa colheita. Na aparição onírica narrada, o mato verde representa uma boa passagem do morto nos tempos do além, por conseguinte, um trânsito seguro nos percursos do outro mundo. E, se se considerar que trata-se de uma “coisa boa”, então, tal trânsito pode ser concernente à bem-aventurança. Essa aparição tem, portanto, a função de tranquilizar a consciência daquela mulher, na medida em que informa sobre a ascensão celeste do seu finado marido.

Em outras experiências, alguns mistérios sobre a progressão dos mortos no outro mundo são revelados por meio de outros conteúdos manifestos nos sonhos. Eis a continuação da entrevista com a costureira das mortalhas:

**Joaquim:** E além desse sonho com o marido da senhora teve outro sonho que a senhora lembra?

---

<sup>10</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 01/12/2013, na sua residência, sítio Monte Alverne, Crato. p. 22-23.

**Dona Toinha:** — Não. Num lembra não, me lembra que sonhei só com ele mesmo. Num sonhei com outras pessoas meus que morreu não. Sim, eu sonhei com uma irmã minha. Essa irmã minha ela morreu aqui no Crato e se enterrou-se aqui no Crato. Ela morava em Nova Olinda. Aí adoeceu foi lá pra casa. Aí disse:

— Eu vim ficar aqui mais tu, porque eu num tem quem cuide d’eu. Aí eu vim ficar mais tu.

Aí eu disse:

— Tá bom, pode ficar.

Aí eu internei ela. Aí com oito dia de internada ela faleceu né? Aí ela disse:

— Você não me leve para Nova Olinda não.

Porque minha mãe morreu nas minhas mãos. Aí eu fiquei sete mês lutando com ela. E ela morreu no meu colo. E no enterro dela eu fui deixar em Nova Olinda, porque ela dizia que queria se enterrar na catatumba dos pais. Eu disse:

— Vai. A senhora vai,

— Ói.

Eu disse:

— Vou deixar, eu vou.

Num dia de inverno, muita chuva. Aí nesse dia que ela morreu choveu a noite todinha, o rio cheio. Aí, o rapaz que eu tinha falado para levar ela, aí foi dizer a ele. Que ela tinha falecido aqui. Aí ele foi e disse:

— Diga a sua mãe que venha com ela, ajunte um povo e venha com ela até na metade do caminho que eu num posso travessar o rio. Vocês vem de pé com ela atravessa o rio e eu de carro eu num atravesso, porque a ponte é muito larga, que a ponte lá é larga. Aí vocês diga a ela que venha deixar que eu espero lá.

Aí eu fui deixar. Ele me esperou lá na derradeira ladeira. E eu cheguei, entreguei a ele e ele levou. Aí fui mais ele, fui deixar ela do jeito que ela queria. E nunca sonhei com ela, acredita? Eu fiz o gosto dela e nunca sonhei com ela.

**Joaquim:** Essa aí foi a mãe da senhora ou foi sua irmã?

**Dona Toinha:** Foi minha mãe. Agora minha irmã, essa que morreu aqui no Crato e se enterrou-se aqui no Crato, eu sonhei com ela assim, já depois que eu tô aqui. Já depois que eu tô aqui [residindo na casa da filha, na cidade do Crato]. Eu sonhei com ela assim: ela chegava aonde eu tava puxando um cachorrinho. Aí eu dizia:

— Luzia, para onde tu vai mulher?

Aí ela disse mesmo assim:

— Eu vou para Nova Olinda.

Aí me acordei. Num vi mais ela. Ela vestida numa roupinha branca de botão puxando um cachorrinho amarrado. Ela é enterrada aqui [no Crato]

**Joaquim:** A senhora falou que ela estava com a roupa branca. Tem algum sentido?

**Dona Toinha:** Diz que tem. Quando a gente vê uma alma vestida numa roupa branca diz que será felicidade para ela.

**Joaquim:** Felicidade para a alma? E ela fica aonde?

**Dona Toinha:** Está com esperança de se salvar né. Sem dúvida.

**Joaquim:** E quando é de outra cor?

**Dona Toinha:** Diz que num é bom não.

**Joaquim:** E a senhora falou do cachorrinho no sonho...

**Dona Toinha:** Ela puxando o cachorrinho. Eu num falei do cachorrinho, só fiz perguntar a ela (...)

**Joaquim:** E os bichos, como cachorros e outros bichos eles tem alma também?

**Dona Toinha:** Num sei, acho que num tem não. Negócio de cachorro, gado, porco, criação, acho que num tem não. Esses bichos aí num tem alma não.<sup>11</sup>

Da mesma forma que a mãe, quando viva, a irmã residia na cidade de Nova Olinda, situada no Cariri. Talvez, esta última tenha sido comunicada da proximidade temporal da sua viagem para o outro mundo – embora os motivos não tenham sido mencionados na conversa – visto que ela já se preparava para o momento da morte, não desejando vivê-la sozinha. Na formação religiosa católica brasileira, isto constituía um grave perigo para a alma, como João José Reis analisou sobre o Brasil de oitocentos.<sup>12</sup> Estes aspectos perduraram no Cariri do século XX e adentraram no século XXI permanecendo, principalmente, nos espaços rurais da região.<sup>13</sup>

Dona Toinha uniu essas experiências, portanto, para demonstrar como era prestativa aos casos de familiares prestes a morrer, como debruçou demasiadamente na primeira entrevista realizada, narrando os pormenores atribuídos aos cuidados e a atenção dedicada à mãe, às duas irmãs, Gertrudes e Luzia, e ao marido. Por ter cuidado direitinho da morte da mãe, e ter atendido seus pedidos, tal morta nunca lhe apareceu (O que demonstra a realização de um bom trânsito nos caminhos do além?).

Na aparição, Dona Toinha indagou a irmã qual a direção da sua caminhada. Prontamente, a morta respondeu dirigir-se à cidade de Nova Olinda, sua antiga morada. É importante lembrar que, entre os mais velhos, é comum escutar o desejo de ser enterrado na terra natal. O espaço da morada durante a vida é também fortemente lembrado nas narrativas como o lugar adequado para o corpo morto ser enterrado. Nesses casos, os cemitérios das cidades nas quais os falecidos moravam são apontados como os últimos lugares para a morada ou a derradeira casa, como comumente relatam.

Isso não ocorre por acaso. Lá estão também os jazigos e túmulos coletivos e familiares. Assim, tais vontades revelam o desejo da proximidade corporal com os mortos da família. Nas narrativas, fica claro o desejo dos vivos de serem enterrados próximos, principalmente, da mãe, do pai, dos filhos, marido e/ou da esposa, quando estes últimos levam o matrimônio até o fim de suas vidas terrenas. São sensibilidades tocantes à proximidade dos

<sup>11</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, Crato. p. 3-4.

<sup>12</sup> REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.89-110.

<sup>13</sup> SANTOS, Cícero Joaquim dos. *No entremeio dos mundos: tessituras da morte da Rufina na tradição oral*. Dissertação (Mestrado em História e Culturas) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009, passim.

corpos mortos, como se, para voltar ao pó, os corpos não estarão desacompanhados.<sup>14</sup> E os afetos familiares na vida são, igualmente, as ternuras desejadas para serem agrupadas após a morte, como se a proximidade corporal terrena aproximasse as almas do outro mundo.

As memórias da narradora indicam que tal aparição ensina. Ela reforça que, se o corpo morto não pode voltar à terra natal para ser enterrado, aquela alma resolveu voltar. O rápido contato foi quebrado quando o sono foi despertado. Tal visão onírica revela mais um indício do tempo da morta, elucidado a partir da cor da mortalha, branca.

Vale salientar que as cores têm significação religiosa e ajudam os vivos a interpretar os caminhos dos mortos nos mistérios do outro mundo. No caso narrado, a significação da cor branca dos trajes da morta está assentada na tradição cultural cristã difundida no Ocidente. Nos escritos que mencionam aparições de espectros, as cores das almas que se manifestam no mundo dos vivos e, que foram registradas nos escritos dos clérigos, dizem muito sobre seu estado de purgação ou sobre seus avanços no soerguimento à salvação. Quanto mais branca melhor sua posição no além, o que corresponde ao alívio dos seus sofreres.<sup>15</sup>

Referindo-se às aparições das almas nas narrativas escritas do Ocidente medieval, Schmitt completa que a cor dos trajes do morto elucida muito particularmente sua sorte nos destinos do além e, por ventura, sua melhora. De modo bastante amplo, os extremos preto e branco e suas colorações intermediárias possibilitam vislumbrar, mediante os ritmos das aparições, os avanços do mesmo morto no caminho da bem-aventurança ou a inercia e permanência das suas penas. No processo de redenção, ele aparece “primeiro todo preto, depois meio preto, meio branco, e enfim, todo branco, quando vem uma última vez para fazer saber àquele que o socorreu por suas preces que está definitivamente salvo”.<sup>16</sup> Nas narrativas orais registradas na contemporaneidade do Cariri, tal coloração pode referir-se às vestimentas do morto, ao seu vulto, ou até mesmo ao desenho do seu corpo. Isso ocorre tanto nas aparições à luz do mundo terreno, quando nas visões ocorridas nas experiências oníricas.

Segundo Dona Toinha, aquela foi a única vez que sonhou com a irmã, o que parece plausível interpretar como sendo sua elevação aos resplendores celestes e libertação das amarras purgantes. Logo, tal intervenção do morto no sono ganha a conotação de uma despedida, tanto no que diz respeito às irmãs quanto ao vínculo da morta com seu torrão natal.

<sup>14</sup> Sobre a construção histórico-cultural dos enterramentos dos cristãos nos túmulos dos pais e demais ancestrais, ver LAUWERS, Michel. *O nascimento do cemitério: lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente medieval*. Tradução Robson M. G. Della Torre. Campinas: Ed. Unicamp, 2015, p. 154-159.

<sup>15</sup> LE GOFF, Jacques. *A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 107.

<sup>16</sup> SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 226.

Seguindo essa linha interpretativa, a vinda dos mortos nos sonhos dos vivos indica continuidades das crenças sobre seus estados e avanços no outro mundo, o que colabora com a compreensão concernente às temporalidades da sua purgação e, outrossim, avivam os sentimentos que os narradores constroem sobre os familiares já falecidos. Faz lembrar que o sonhador tem mortos do outro lado da existência.

Em outros entrecos oníricos, os mortos invadem os sonhos para cobrar a ajuda dos vivos no que se refere ao cumprimento dos ritos fúnebres dedicados ao seu corpo morto, no tempo próximo ao momento do falecimento, antes do rito do enterramento. Na primeira entrevista realizada com a costureira das mortalhas, ela contou uma experiência singular. No momento em que explicava os modos dos trajés e os significados das mortalhas de acordo com a faixa etária e o gênero dos mortos, ela recontou quando outra morta lhe apareceu:

**Joaquim:** E a senhora era muito procurada pelas pessoas da redondeza pra fazer a mortalha?

**Dona Toinha:** Era. Todo mundo que chegava, todo mundo que chegava. Todo mundo que morria me procurava, quando não me procurava, mandava deixar lá em casa. Quando eu fazia ia deixar pra arrumar a pessoa. Era assim. Eu num conto nem do tanto.

**Intervenção de Mayane:** Aí vó parava a costura pra fazer a mortalha dos defuntos?

**Dona Toinha:** Era o jeito. Era o jeito que tinha. Podia ser de vexado pra quem quisesse, mas jogava pra lá e ia fazer de quem morresse.

**Joaquim:** E tinha as diferenças? Por exemplo: se era pra criança, se era pra adulto, pra homem ou pra mulher. A mortalha era diferente ou era tudo igual?

**Dona Toinha:** Não. Pra homem era calça e camisa. Pra criança fazia a mortainha inteirinha e amarrava um negocinho na cintura. Uma fita, uma coisa. Vestia uma bermutinha por debaixo, aí vestia a mortalhinha por riba.

**Joaquim:** E pra mulheres?

**Dona Toinha:** Pra mulher fazia era vestido, mortalha inteira. Num sabe? Do jeito que é hoje. Fazia do mesmo jeito. Do jeito que é hoje. Hoje num é a mortalha inteira? Pois do mesmo jeito era. Fazia a mortalha inteira. Vestia uma roupa por debaixo e vestia uma mortalha por riba.

**Joaquim:** E as pessoas não tinha medo da senhora não, porque a senhora fazia mortalha?

**Dona Toinha:** Não. Não tinha não. E nem eu tinha de ninguém. Nunca tive medo de ninguém. Desse povo que eu arrumava, que morria que eu arrumava, nunca nenhum me apareceu. De jeito nenhum. De jeito nenhum. Só teve uma pessoa que morreu e eu vim pra casa. Num arrumei ela. E quando cheguei em casa que agarrei no sono, me acordei pegada na mortalha dizendo:

— Vamos comade Raimunda.

Foi a mãe de Expedito Tele que morreu queimada. Aculá no murro dourado. E o filho dela foi pra Dom Quintino, comprou o pano, quando chegou disse:

— Dona Toinha, a senhora tá aqui vai fazer a mortalha de mamãe.

Aí eu fiz a mortalha dela. E eu tinha ido mas comade Raimunda Braz.

Aí eu disse:

— Comade Raimunda eu vou me embora.



Porque eu fui mas Dona Pureza, Nazaré Zidora, Francisca de Seu Né, Maria de Luís Leandro. Aí era eu cortando e Maria de Leandro passando na máquina. Porque nós tudo queria vim simhora. Aí nós demoremos por causa que chegou esse pano aí o filho dela pediu pra fazer aí nós num pode deixar de não fazer, vamos fazer. Aí Doma Maria disse:

— Apois é, tu vai cortando, aí vai me dano e eu vou costurando, aí nos tanto nós faz. Aí assim foi.

Aí eu disse:

— Comade Raimunda, tu vai ficar, aí agora tu fica e tu veste a mortalha de Dona Rosa que eu vou pra casa.

Aí vim né. Aí quando eu cheguei, vinha enfadada que eu trabalhava de roça, eu trabalhava na máquina, eu tecia, eu fazia toda arrumação de arte eu fazia. Aí eu cheguei, me deitei e agarrei no sono. Aí me acordei. E aquele sonho com aquela pessoa dizendo:

— Vai vestir a mortalha de Dona Rosa. Pega a mortalha de Dona Rosa e vai vestir a mortalha de Dona Rosa.

Aí eu disse:

— Aí meu Deus, eu não vesti a mortalha da mulher, tô sonhando com a mulher e a mulher me pedindo pra eu vestir a mortalha dela.

Aí num dormi mais. Dormia esse soninho, aí num dormir mais. Aí quando foi no outro dia eu vi comadre Raimunda e disse:

— Comadre tu ajeitou Dona Rosa?

— Ajeitei comadre. Eu ajeitei. Que nós era comadre. Ajeitei. Eu arrumei ela bem arrumada.

Eu disse:

— Comadre, apois quando eu cheguei em casa, que me deitei, que agarrei no sono, ela, falei com ela, eu agarrada na mortalha e ela me pedino pra eu vestir a roupa nela.

Ela disse:

— Não, mas eu arrumei ela. Eu disse:

— Tá bom.

Aí daí pra cá, eu num arrumei mas ninguém pra sonhar com ele. Como arrumei a mulher de Guri, arrumei o finado Pedo Tatá, arrumei minha mãe, que morreu tudo depois dela. Minhas irmãs, morreu tudo depois dela e num sonhei mais com ninguém depois dela. Só foi dessa vez, porque eu fiz e num arruntei, num arrumei. Fiz e num arrumei.<sup>17</sup>

Para a costureira, tal aparição auditiva evidencia um reclamo da finada. Nesse caso, o sonho apresenta, igualmente, uma exemplaridade do tempo: não basta preparar a mortalha, e quem a produz não pode ter pressa para sair do recinto ou deixar as tarefas alusivas aos cuidados do corpo morto para outrem. Diferente disso, é necessário cumprir *os ritos de tempo e de espaço* fúnebres: costurar e vestir, preparar e enterrar, são alguns deles.

A pressa parece ser inimiga do morto, cabendo aos religiosos viverem o tempo da morte de outrem, sendo ela preparada e planejada seguindo as temporalidades da boa morte e os devidos cuidados com os mortos e seus corpos. Tais aspetos representam continuidades das

<sup>17</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 01/12/2013, na sua residência, sítio Monte Alverne, Crato. p. 5-7.

tradições fúnebres, como Martins registrou em alguns espaços interioranos do Brasil do século XX.<sup>18</sup>

Nas entrevistas, não faltam outras situações nas quais há encontros, ensinamentos e exemplos entre vivos e mortos. Eles são recheados de significados condizentes às prerrogativas para a passagem dos mortos para a vida eterna e para a tranquilidade dos vivos. Esse parece ser um dos principais focos narrativos.

Nas memórias, às vezes os mortos estão com outros seres, ou se deparam com criaturas ferozes. No caso da narrativa de Dona Toinha, sua irmã seguia com um cachorrinho para Nova Olinda. O animal ocupa um lugar secundário na trama contada. Em outras memórias, todavia, os cachorros aparecem ganhando destaques e apresentando lições aos vivos. Foi o que disse Maria do Horto:

**Maria do Horto:** Olhe o homem fazia benefício. É bom enterrar o morto né, que quando ele se vê numa grande aflição vem àquela pessoa e salva, né não? Olhe os cachorros, se a pessoa bem soubesse não judiava dos bichos. O homem ele criava muito cachorro e fazia benefício aos cachorros, o que fosse pra dá, dava né? Os que morrem e ele estavam caçando. Isso é uma história antiga, num é muito antiga não, mas sempre contam. O homem estava caçando e encontrou-se com uma onça e só Deus, aí com pouco viu foi um monte de cachorro né, um monte de cachorro atrás da onça, olhe ele escapou que quando foi de noite ele sonhou com aqueles cachorros, tá vendo? Deus, a caridade é tudo, né!

**Joaquim:** Ele sonhou, e esses cachorros eram almas?

**Maria do Horto:** Era, era o cachorro morto já né?

**Joaquim:** Eram as almas dos cachorros?

**Maria do Horto:** Sim, sim.

**Joaquim:** E os bichos tem alma?

**Maria do Horto:** Não! Mas você não sabe que os poderes de Deus são grandes?<sup>19</sup>

Um caçador salvo pelos cachorros ganha a malha nas memórias de Dona Maria do Horto. Identificada como uma história verdadeira, muito antiga e contada pelos mais velhos, ela lembra como um homem bom, bastante prestativo aos outros e benevolente com os cachorros, foi para uma caçada. Durante a experiência, ele se deparou com uma onça. Outrora, as pessoas contavam muitas histórias de pessoas desaparecidas nas matas do Cariri a partir do encontro com aquele animal e/ou devoradas por ele, a exemplo das narrativas sobre a morte da “nega” ainda presente na tradição oral de jovens e idosos no tempo presente e, materializada na

<sup>18</sup> MARTINS, José de Souza. *Linchamentos: a justiça popular no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 154-157.

<sup>19</sup> Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p.14.

sua cova, situada no atual sítio Caatingueira, na zona rural do Crato.<sup>20</sup> E semelhante a outros casos nos quais as tradições orais sofrem processos de mediação no tempo presente, esse caso foi reproduzido em um documentário intitulado a *Cova da Nega*.<sup>21</sup>

Na trama contada por Maria do Horto, o caçador foi salvo pelos cachorros que ele ajudava. Ao chegar em casa e descansar, o caçador sonhou com os cachorros que o salvaram. Mortos, eles apareceram como se, com a permissão de Deus, viessem se despedir daquele homem bondoso, e, com isso, também, ensinar algo: a certeza de que a fidelidade e a bondade no mundo dos vivos promovem a bonança terrena e divina, a exemplo de outras narrativas imbuídas em crença religiosas que outrora circularam na Europa, como é o caso do cão santo, como Keith Thomas narrou.<sup>22</sup>

De toda forma, para a narradora há uma mensagem dos cachorros mortos: para o poder de Deus nada é impossível. Nesses termos, a lição daqueles bichos foi dada: é necessário ajudar e enterrar os mortos, bem como fazer caridade aos vivos, sejam eles pessoas ou bichos, posto que, como o amanhã é incerto, em um futuro momento de aflição terrena aqueles mortos podem interceder junto a Deus pelos que o ajudaram. Assim sendo, a fidelidade e a caridade são ensinamentos constitutivos da narratividade.<sup>23</sup>

Os sonhos ajudam a revelar os mistérios dos tempos dos mortos no além. Entretanto, há casos nos quais os enigmas permanecem obscuros. Nas tramas urdidas no compasso da imaginação, há desafios e exigências para os vivos. Se estes conseguirem entender e atender tais mensagens ou pedidos dos mortos, eles desnudarão os segredos. Aqui, vale lembrar a entrevista realizada com o filho do agricultor Luiz André.

Morador do espaço onde o pai residia no passado, Alfredo Luiz Tavares, homem católico, alfabetizado, solteiro e de 40 anos, ex-agricultor, aposentado por invalidez, percorreu

<sup>20</sup> SANTOS, Cícero Joaquim dos; SILVA, Toshik Iarley. A morte nas presas da onça: Memórias sobre a Cova da Negra. In: *Anais do II Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação / XII Encontro Cearenses de Historiadores da Educação*. Fortaleza: EDUFC, 2013. p. 1885-1894. Ver anexo D.

<sup>21</sup> O processo de mediação da tradição oral, ver NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. Mito, memória e comunicação: da tradição oral à oralidade mediada. In: SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria B. de. *Depois da utopia: a história oral em seu tempo*. São Paulo: Letra e Voz; Fapesp, 2013, p. 39-51. Sobre o documentário mencionado, ver: *A Cova da Nega*, 23 minutos, Cor, Direção de Alex Josberto Sampaio e Marcos Xenofonte. Produção: Projeto Verde Vida. 2010. A uma imagem da 'Cova da Nega' nos anexos.

<sup>22</sup> O cão mencionado "foi um galgo francês, morto injustamente após salvar uma criança de uma cobra na Diocese de Lyon; no século XIII a gente comum o conhecia como são Guinefort, e curas milagrosas de crianças doentes foram realizadas em seu túmulo até que os dominicanos suprimissem o culto". THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relações às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução José Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 151.

<sup>23</sup> É importante frisar que em alguns folhetos de cordel circulantes no Nordeste há enredos nos quais cachorros fiéis e protetores dos seus donos foram versejados, a exemplo do escrito do paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918), considerado um dos maiores cordelistas brasileiros. Cf. BARROS, Leandro Gomes. *O cachorro dos mortos*. Lira Nordestina: Juazeiro do Norte, 2006.

sobre uma situação cujo enigma permaneceu nas suas lembranças: foi quando um defunto desconhecido irrompeu seu sonho. No momento em que narrava sobre a tradição oral dos mais velhos, concernente aos poderes encantatórios da Pedra Branca, já mencionada anteriormente pelo seu pai, ele falou:

**Alfredo Tavares:** Eu num vi, eu num vou dizer que vi. Nunca vi nada de encanto lá. Só tive um sonho uma vez. Eu sonhei que eu chegava lá, quando eu tava trabalhando, eu acho que também eu trabalhando lá, né. Eu chegava lá e eu subia mais um velho, o velho já tinha morrido, esse velho já tinha morrido. E eu subia mais ele e dizia:

— Procure aí uma faca virgem, um ferro virgem.

Aí eu:

— Quem tem? Quem tem?

Aí o velho chegava e dizia:

— Eu tenho uma, bora. Bora ali.

Aí nós saía. Aí quando nós chegava lá, lá tinha um cantim lá onde sonhei, o cantim tá lá. Aí ele dizia:

— Pegue a faca.

Aí eu butava a faca no chão assim. Aí ele dizia:

— Enfie a faca.

Quando eu tirava, ele dizia:

— Cheire, olhe.

Aí eu dizia:

— Oxente o que é isso, é sangue!

Aí ele disse:

— É. Aqui foi, é um anjo pagão que tem sepultado aqui.

Pronto foi isso que eu sonhei. Aí na hora que eu sonhei, eu acordei e disse:

— Cadê um ferro virgem pr'eu ir. Mas eu vou.

Aí levei uma faca velha mermo sem ser virgem, mas aí não encontrei nada lá não. Só que esse sonho eu tive.

**Joaquim:** E era na pedra, que dizia que tinha um anjo pagão?

**Alfredo Tavares:** Era na pedra, que tinha um anjo pagão lá (...). Num cantim lá, tem um tipo uma gruta, assim, feito na pedra mermo. Pra cada pedra tem uma pedrinha, tipo uma gruta. (...) Aí eu acordei. Aí eu digo:

— Oxente, que sonho é esse?

Aí eu peguei a faca. Eu num tinha faca virgem, mas eu subi. Eu subi meia-noite, quando eu acordei, pra ver se eu via. Mas quando eu cheguei lá... no mesmo dia na hora que eu acordei, foi meia-noite. Eu não sei que hora era aquela não, mas meia-noite. Aí subi pra lá, quando cheguei lá, fui pro mermo canto e não encontrei nada, só o vento. Não vi nada não, também eu não tinha levado a faca, que eu não tinha, né.<sup>24</sup>

Esse segredo revelado, no entanto, não foi comprovado. Consequentemente, ele permaneceu na obscuridade. Ao acordar, Alfredo procurou um instrumento de ferro virgem em sua casa. Não encontrando-o, no entanto, não deixou de tentar resolver aquele desafio, mesmo

<sup>24</sup>Entrevista realizada com Alfredo Luiz Tavares, em 10/10/2012, na sua residência, sítio Jatobá, Porteirias. p.5-6.

sendo altas horas da noite, por ele identificada como meia-noite, o tempo compreendido na tradição oral como aquele no qual as forças dos dois mundos estão abertas e circulando intensamente.

Ao chegar ao mesmo local indicado no sonho, ele enfiou uma faca e nada lhe foi revelado. Naquela circunstância, ele nada encontrou, a não ser a presença do vento. Mas, isso tem uma explicação, e foi o próprio narrador quem a explicitou: ele não levava um instrumento virgem. Sua faca era velha, já usada. O narrador não mais voltou para realizar aquele desafio, pois o tempo passou, como se o momento adequado ou reservado para resolução daquele enigma fosse à meia-noite, logo após ter acordado do sonho. E aquele velho morto, presente no encontro onírico, bem como o anjo pagão, permaneceram enigmáticos.

### 3.1.2. *Entre afetos e obrigações*

Existem sonhos que, por alguma estranha razão, nos oferecem uma página antecipada do futuro.<sup>25</sup>

De acordo com a instigante colocação de María Jordán Arroyo, há sonhos que oferecem alguns lampejos de futuro. Na pesquisa com os narradores do Cariri, percebi que alguns deles tentam resolver pendências dos vivos e dos mortos, quando lembrados e interpretados após os sujeitos despertarem. Eles auxiliam a construir o futuro desejado. Após relatar o caso do sonho com o irmão de Mayane, mencionado no primeiro capítulo, a manicure Cida contou variados casos que lhes ocorreram em diferentes momentos da vida:

**Cida:** Sonhar a gente sonha. Eu sonhei a minha irmã na hora que ela morreu. Eu sonhei com ela.

**Joaquim:** E como foi esse sonho?

**Cida:** Eu sonhei que ela chegava e me abraçava sabe? Aí eu peguei e contei pro meu marido. Aí meu marido disse:

— Pois eu já estava sonhando com ela diferente.

Aí eu disse:

— E como foi?

— Eu sonhei ela dizendo que ia fazer uma viagem e eu cuidasse de você.

Aí quando foi de manhãzinha ligaram dizendo que ela tinha morrido. Eu sonhei com ela e me acordei com ela me abraçando. Aí que fiquei pensando que eu tava sonhando porque ela ficou de vir pra cá, sabe? Só que não foi. Me pegou, quando eu acordei que eu chamei meu marido e disse:

— Eu tava sonhando com Nenê.

Ele disse:

<sup>25</sup> ARROYO, María V. Jordán. *Sonhar a história*. Op. Cit., p. 19.

— Oxente, engraçado eu também estava sonhando com ela. Aí eu fui e contei o sonho que eu sonhei com ela pra ele, e como ela me criou, ela pegou e pediu [para o marido da narradora]:

— Ó cuide de minha filha que vou fazer uma viagem e não vou voltar mais.

Aí no outro dia avisaram que ela tinha morrido. Porque assim eu acredito que.... e você já sonhou com alguém que já morreu? <sup>26</sup>

Segundo a manicure, sua irmã, que a criou como se fosse filha, veio se despedir dela na hora exata do seu falecimento. Residindo no estado da Paraíba, terra natal de sua família, a irmã tinha assumindo o compromisso de vir visitá-la no Ceará, sem, no entanto, fazê-la antes de morrer. Na mesma madrugada do falecimento, a morta apareceu nos sonhos da manicure e, concomitantemente, do seu marido. Como os sonhos são experiências universais, porém intransferíveis, a morta fez uso deles para alcançar a irmã e seu cunhado na mesma noite. Para Cida, essa simultaneidade reforça a verdade da presença da morta na residência da narradora e, igualmente, nos seus sonhos. Nesses termos, a exatidão da hora e a sincronia da presença onírica são signos usados na narrativa como reveladores da legitimidade daquele encontro. Eles atuam como indícios de confiabilidade e convencimento.

No sonho, a morta nada falou para Cida, apenas abraçou-a como forma de despedida. Já no sonho do seu marido, ela deixou um recado com um tom de dever: que ele, doravante, protegesse e cuidasse da irmã, pois ela tinha uma viagem a cumprir, não permissiva de retorno. Nesse caso, a morta demonstra seu afeto no abraço da irmã e nas palavras direcionadas ao cunhado, tentando ajudá-los na medida em que dá orientações para a reorganização da vida terrena, após o último abraço entre elas, e a sua última partida.

Cida explicitou outros casos, por exemplo: as aparições do seu irmão e do cunhado. Eis nosso diálogo:

**Cida:** Eu já sonhei com um irmão meu que minha mãe criou. Que ele morreu. Eu já sonhei com ele. Eu sonhei que ele se aproximava de mim. E eu pedi pra ele ir lá onde meu irmão estava que quem tava querendo ver ele era meu irmão.

**Joaquim:** E ele dizia alguma coisa no sonho?

**Cida:** Não, saia. Já sonhei com meu cunhado que já morreu, que foi quem me criou, que ele já morreu também. Que ele morreu muito novo. Eu sonhei com ele pedindo pra eu cuidar das filhas dele. Ele já depois de morto. E é tanto que até hoje as filhas dele são casadas mas eu ainda fico por aqui. Quando uma precisa eu estou perto e tudo, cuidado. Porque é mesma filha dessa irmã minha que me criou.

**Joaquim:** Então a senhora acredita que as almas trazem mensagens nos sonhos?

<sup>26</sup> Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato, p. 3-4.

**Cida:** Acredito. Agora aí eu acredito. Acredito que elas traz mensagens nos sonhos, porque tem gente que não acredita em sonho, eu acredito. Acredito nos sonhos.<sup>27</sup>

Sobre o sonho com o irmão morto, Cida lembra que não desejava avistá-lo. Entretanto, ele se aproximou dela, ao passo em que a narradora sugeriu que aparecesse para seu outro irmão, há tempos desejoso por revê-lo. Prontamente, o morto sumia sem nada falar. Esse caso faz lembrar que, na tradição oral sobre os mortos na atualidade, não cabe aos vivos decidir sobre os momentos das aparições ou para quem os mortos precisam dar a ver. Isso permanece como um signo do morto e, conseqüentemente, como mistério.

Imediatamente após comentar esse caso, a manicure lembrou a experiência onírica vivida com o cunhado, marido da irmã que a criou, também já falecido. No sonho, aquele homem, identificado como um morto jovem, solicitou que ela cuidasse das filhas, sobrinhas da narradora. Sem nada acrescentar, o morto desapareceu e Cida, desde então, passou a cuidá-las, continuando, até hoje, atendendo ao pedido do finado.

A fala de Cida ganha ares de testemunho. Num primeiro momento da entrevista, ela fala como quem dúvida das aparições dos mortos no mundo terreno, mas que, por outro lado, garante que os sonhos são pontes de encontro entre os vivos e os falecidos. Reafirma, assim, os poderes oníricos e a crença de que eles carregam dimensões reais, factuais, e, concomitantemente, sobrenaturais e enigmáticos. Igualmente, os sonhos são mecanismos de manutenção dos afetos: são marcas das sensibilidades dos vivos e pontos ou instrumentos de rememoração dos seus mortos. Para ratificar suas crenças nas aparições durante os sonhos, ela ainda expôs outros casos:

**Cida:** E eu já sonhei muito também com outra irmã minha, que eu tenho duas irmãs que é falecida. Que eu gostava muito dela, mas ela não gostava muito de mim sabe. Eu sonhei com ela muitas e muitas vezes, eu sonhava quase todo dia com ela. E no sonho mesmo eu pedia pra Deus botar ela num cantinho perto dele lá, porque ela não pertencia mais a nós. Desde esse dia que eu pedi eu não sonhei mais.

**Joaquim:** Então ela ficava aparecendo nos sonhos, porque?

**Cida:** Acho que é porque assim, ela... eu amava, não, eu ainda amo minha irmã. Mas ela não gostava muito de mim. Ela não gostava muito de mim. Eu me dava muito bem com ela, mas ela não gostava de mim, não sei por qual motivo. Mas ela não gostava de mim.

**Joaquim:** E ela falava alguma coisa no sonho?

**Cida:** Não. Só teve uma vez que eu sonhei com ela que ela falou comigo. E dessa vez eu sonhei, foi que eu sonhei com as duas na mesma noite. Sonhei com minhas duas irmãs. E ela só falava uma coisa comigo. Porque minha irmã dizia uma coisa e ela dizia que não. Não ia ser aquilo que minha irmã estava

<sup>27</sup> Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato, p. 3-4.

dizendo. Porque minha irmã, essa que me criou, eu sonhei com ela dizendo, dizia o mês que eu ia morrer. E eu fiquei assustada sabe. Fiquei assustada no sonho como depois que eu acordei eu me assustei também. Ela dizia pra mim o mês que eu ia morrer. A minha irmã, dizia o mês. Ela dizia que eu ia morrer um mês de junho. E minha irmã, a outra, dizia que não porque eu ainda tinha muita coisa pra fazer pela frente, porque ela dizia que Nosso Senhor não queria que eu morresse no tempo que ela tava dizendo. Aí no sonho mesmo que ela dizia:

— Você não vai morrer agora, porque tem muita coisa pra você fazer.

Quando eu olhava, ela dizia:

— Olha pra ali.

Quando eu olhava, aí eu saía pegada nas mãos de duas crianças. Assim como se aquelas duas crianças, eu ainda fosse criar pra poder chegar o dia de eu morrer né? Agora eu não sei se essas duas crianças eram filhas dela, dessa outra que morreu, eu num sei.<sup>28</sup>

No primeiro caso contado, Cida projeta na narração a relação entre memória e ressentimento. Aqui, o ressentimento é compreendido enquanto uma memória de um sentimento, que se repente incessantemente como se ruminasse as lembranças, conforme foi apresentado por Genevière Koubi.<sup>29</sup> Pois, os sonhos também despertam as emoções, rancores e as lembranças sobre os momentos vividos. Ao passo em que faz lembrar as muitas vezes nas quais sua irmã já falecida apareceu nos seus sonhos, ela enfatiza de forma repetitiva que aquela morta não a amava. Dessa maneira, a relação entre suas duas irmãs falecidas foi hierarquizada, tomando como baliza a diferença entre o amor daquela que a criou como mãe, e o ressentimento da outra que, por sua vez, não correspondia ao seu afeto familiar. O motivo do desamor não foi apresentado, e Cida afirma desconhecê-lo.

O ressentimento referente ao amor fraternal não correspondido pode ser a chave de leitura para a compreensão das aparições daquela morta nos sonhos da narradora. A despeito do desafeto, Cida enfatiza que amava sua irmã em vida, e continua amando-a depois da morte. Nas orações, a narradora pedia a Deus o recolhimento daquela alma para um “bom lugar” no Céu, ao seu redor. Ao que parece, o Todo Poderoso atendeu o seu pedido, já que aquela morta não mais perturbou o sono da irmã. Nesses termos, o afeto teimoso da manicure pela irmã é o motivo pelo qual a falecida deixou de aparecer nas suas noites e nos seus sonhos.

Essas memórias dão a entender que há circunstâncias nas quais os mortos não são bem-vindos nos sonhos e os encontros não são aceitáveis ou desejosos. Como Cida contou sobre a irmã (des)afetuosa, “ela não pertencia mais a nós”, ou seja, não mais integrava o mundo dos

<sup>28</sup> Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato, p.9.

<sup>29</sup> KOUBI, Geneviève. Entre sentimentos e ressentimento: As incertezas de um direito das minorias. In: BRESCIANE, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (re)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2001, p. 539.



vivos, porquanto seu tempo de vida terrena já passou. Por conseguinte, ela deve ser integrada de forma positiva no outro mundo. Nesse sentido, o retorno da morta ou sua aparição onírica indica alguma forma de não libertação do mundo terreno. E a afetividade insistente de Cida parece ter sido a chave para a sua salvação.

Nos encontros oníricos, alguns mortos tentam revelar aquilo que é considerado por muitos como um dos maiores mistérios de Deus: o tempo da morte do sujeito vivente na terra. Como foi mencionado no primeiro capítulo, a data do nascimento e da morte dos cristãos está atrelada aos segredos divinos, sendo esta última datação incognoscível aos vivos. Entretanto, alguns mortos não obedientes parecem querer quebrar esse mistério e avisar aos seus parentes as datas nas quais eles morrerão e partirão para o outro mundo, como outrora Schmitt analisou.<sup>30</sup> Ou, de forma surpreendente, parece que Deus autoriza tal viagem e revelação. Isso aconteceu com a manicure Cida.

Na única ocasião em que a manicure reencontrou nos sonhos suas duas irmãs falecidas, juntas, elas conversaram rapidamente. Naquela experiência inesperada, Cida foi informada sobre o tempo no qual morreria. A irmã que a criou e a amou como filha, como a manicure tantas vezes mencionou na entrevista, veio informá-la o mistério, como se indicasse que aquele sonho teve uma origem divina. Naquele momento, o mês da sua morte foi revelado, prenunciado para junho, mas o ano, não. Isso deixou Cida inquieta e preocupada. Em contraposição, a outra irmã, aquela à qual foi atribuído o ressentimento em virtude do amor fraterno não atendido, negou a informação, ao passo em que justificou a permanência de Cida entre os vivos, alegando a necessidade de tempo.

No diálogo entre as mortas, a manicure tinha funções a cumprir no tempo e no mundo terrenos. A prova disso foi posta sobre seus olhos, não aqueles do corpo, pois eles estavam fechados enquanto dormia, mas sim os da alma: Cida se viu de mãos dadas com duas crianças. Não sendo identificadas e, igualmente, não pronunciando nenhuma palavra, aquelas crianças ocuparam o lugar da dúvida. A manicure imaginou que, talvez ela precisasse criá-las, para, depois desse tempo, morrer e realizar sua viagem. Entretanto, como afirma a narradora, essa é uma tentativa de interpretação, e não uma certeza. A incerteza continua obtendo lugar nas suas memórias e os mistérios do tempo permanecem sendo narrados, afinal, a dúvida é um signo marcante do pensamento místico.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo*. Op. Cit., p.20-21.

<sup>31</sup> CERTEAU, Michel de. *A fábula mística: séculos XVI-XVII*. v. I. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p.7.

Há experiências, entretanto, nas quais os encontros oníricos esclarecem e avigoram mensagens sobre o tempo. Na continuação da sua narrativa, Cida explanou:

**Cida:** Agora também, eu digo que nunca vi alma mais era considerada uma alma. Eu já vi. Uma vez eu cheguei do mercado, logo quando ela morreu eu morava lá no São Miguel. Aí eu vendia fruta ali no mercado. Aí eu cheguei em casa e sempre que eu olhava a foto dela eu começava a chorar. Aí eu olhando pras fotos delas e pra do meu pai, sabe. Aí eu me sentei na cama e comecei a chorar. Aí eu vi quando ela chegou perto de mim e passou a mão na minha cabeça. Aí pronto, eu adormeci. Aí dormi, dormi, dormi, quando fui me acordar já era umas nove horas da noite. Já sonhei também com meu pai, morto, depois de morto, pedindo pra eu não chorar porque ele ia estar sempre do meu lado, me ajudando.

**Joaquim:** Como foi esse sonho?

**Cida:** É porque eu chorava demais, porque quando minhas irmãs morreram, eu, assim...morreu primeiro essa que não gostava muito de mim. Quando foi depois veio a minha irmã mais nova, porque eu fiquei sofrendo muito com a morte deles. Porque eu perdi meu pai, quando foi com quinze dias eu perdi minha irmã, essa que eu te falei que não gostava muito de mim, e com oito mês eu perdi essa minha irmã que me criou. Muito próximo. Em oito meses eu perdi as minhas duas irmãs e meu pai. Aí quando meu pai faleceu, que minha irmã faleceu, meu pai faleceu, parece que eu entrei em estado de choque. Num chorei, parece que pra mim não estava acontecendo nada. Mas quando minha irmã faleceu eu baixei no hospital. Aí essa outra veio ficar comigo uns dias num sabe? A minha irmã que me criou, veio ela e minha outra irmã. Aí quando ela veio pra mim foi pior, porque estava faltando algum pedaço de alguma coisa sabe. Quando ela foi embora, com oito mês, minha família toda mora na Paraíba, aí disseram que ela tinha morrido. Aí eu fiquei assim, desesperada, chorando muito. Aí eu sonhei com meu pai, meu pai, dizendo que eu não... que eu parasse de chorar, que aonde eu estivesse ia estar sempre olhando, cuidando de mim, porque nós era, nós somos filhos que nós gostava muito de nosso pai. Nós gosta de nossa mãe, porque mãe é mãe né? Ela criou a gente e tudo. Mas nós amava mais nosso pai do que nossa mãe. Não sei porque, porque geralmente os filhos gostam mais das mães do que dos pais né? Mas nos amava nosso pai.

**Joaquim:** E ele veio outras vezes nos sonhos?

**Cida:** Não. Só essa vez.

**Joaquim:** Aí a senhora se acalmou depois desse sonho?

**Cida:** Me acalmei. Me acalmei.<sup>32</sup>

Após quinze dias da morte do seu pai, sua irmã do (des)afeto também faleceu. Não muito distante no tempo, oito meses depois, foi a vez da irmã que a criou fazer aquela viagem. Como a narradora menciona, em pouco tempo ela viu partir três pessoas do seu grupo familiar. Se nos dois primeiros casos, ela agia como se não estivesse entendendo ou sentindo profundamente a dor daquelas perdas, momento por ela identificado como estando em estado de choque, no último caso, ela ficou transtornada, inconformada e sem palavras, pois há perdas

<sup>32</sup> Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato, p. 9-11.

nas cartografias dos afetos que muitas vezes são inenarráveis, indizíveis e incompreensíveis no sentir da emoção arrebatadora. Há dores que não cabem nas palavras.

Na proximidade temporal do ocorrido, Cida foi tranquilizada pela alma da irmã. Na época, Cida era feirante em um mercado do Crato, situado às beiras do atual canal granjeiro que corta a cidade, hoje um esgoto ou arroio fétido a céu aberto, construído no curso do antigo rio granjeiro.<sup>33</sup> Após horas de trabalho, vendendo frutas no mercado, e já cansada de chorar num recanto da casa, após olhar para a fotografia da irmã, a alma veio lhe visitar. Chegando à residência, a aparição não se fez ver. Mas Cida assinala como sentiu sua presença passando a mão sobre sua cabeça, conduzindo-a a um longo sono e, conseqüentemente, acalmando-a.

Cida citou esse caso e em seguida puxou novamente o tema do sonho, desta vez com seu pai morto. Ele teria aparecido para pedir-lhe que cessasse o choro e o sofrimento do luto, pois mesmo depois de falecido, ele estaria todo tempo por perto, não deixando-a desprotegida perante as forças do mundo. Sendo a única vez na qual aquele morto lhe apareceu nos sonhos, Cida, doravante, ficou calma e começou a reorganizar a vida cotidiana.

Nesse sentido, estes encontros oníricos ajudaram-na a lidar com o tempo do enlutamento e a amenizar o passar a temporalidade da lamentação, posto que às vezes o tempo pesa, dói, como se a emoção não o fizesse passar. Tais encontros a reconfortaram. Isso constitui um claro indício de que, na tradição oral sobre os mortos no século XXI, estes auxiliam os vivos a viverem o tempo do luto e a suportarem as terríveis dores tocantes a morte terrena das pessoas com as quais mantêm laços de afeto.

A divisão entre o tempo dos vivos e dos mortos não está expressa de forma precisa nas narrativas de outros entrevistados. Inclusive, em algumas situações oníricas eles se fundem. Nesses casos, as falas sobre o tempo não seguem a lógica escatológica cristã, encadeada na sequência vida, morte, transpasse, ressurreição e vida eterna.

Nas experiências oníricas, mesmo estando mortas, algumas pessoas aparecem como vivas. No sonho, não é a alma que se torna visível aos olhos do sonhador. Há, portanto, diferenças entre o encontro com a alma nos sonhos e com as pessoas mortas, (re)vistas vivas. Eis o diálogo com o decurião dos penitentes do sítio Cabeceiras de Barbalha, seu Antônio:

**Joaquim:** O senhor já sonhou com alguma alma?

---

<sup>33</sup> No século XXI, o canal do rio granjeiro vem sendo noticiado, marcadamente, pela poluição e, de igual modo, pelas inundações e destruições ocorridas nos períodos chuvosos, como ocorreu nos anos de 2011, 2012 e 2015. Ver: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/03/chuva-de-105-milimetros-transborda-canal-do-rio-granjeiro-no-crato.html>. 25 de mar. de 2015. Acesso em: 09 de jul. de 2016. Sobre o rio granjeiro e suas relações com a memória do Crato, ver FIGUEIREDO FILHO, José de. *Folgedos infantis caririenses*. Coedição SECULT; Edições URCA. Fortaleza: Edições UFC, 2010, p. 71-72 (Fac-símile da edição de 1966).

**Seu Antônio:** Nunca, nunca. Sonhei com a pessoa que morreu, mas viva. A pessoa viva. No sonho tava vivo.

**Joaquim:** Como foi esse sonho?

**Seu Antônio:** Eu estava deitado um dia desses. [Gagueijos] num sei não, houve um negócio, houve um tempo aí, cumpadre Nivaldo sabe, vocês sabe tudim, todo mundo sabe que Joaquim Mulato dizia que a pessoa que é casado no civil só, não pode ser penitente. Não pode acompanhar a cruz, quem é junto não pode acompanhar a cruz. Nós vive nesse regime né? então realmente, quando foi uma noite dessas, aí eu tava, isso foi discutimos sobre umas pessoas que iam entrar. Ai era casado só no civil. E nós num pode colocar esse povo se num tem ordem, se nós nunca tivemos essas ordens né? Aí então a pessoa foi e respondeu pra o próprio meu irmão, que disse que quando Joaquim era vivo ninguém pegava, um caba amancebado, chamou logo assim, de amancebado, não podia pegar naquela cruz. Pronto passou. Quando foi um noite, eu tava deitado alí, com um pouco tava Sivirino assim, tava Joaquim Mulato assim, tava Chico Severo assim, eu dormindo. E tava todo mundo lá. Aliás tinha mais penitentes que eu nem sei nem quem era. Aí Joaquim Mulato aqui disse:

— Antônio não deixe [?] se acabar não. Você e cumpade Lino, sabe até uns benditim. Então não deixe se acabar não. Mas do jeito que eu estou vendo se acaba. Tão julgando o povo. E só quem julga um é só Jesus. É ele viu!

Aí deu vontade de dizer a ele que ele era que num queria, mais se eu num, num disse não porque desrespeitava, essa hora nós ia com o grupo, nós ia para uma viagem.

— Ninguém pode julgar ninguém só Jesus, viu Antônio! e você tomou de conta agora.

Ele dizendo:

— Mas não julgue ninguém não, viu! Se não o caminho tá errado.

Aí por isso eu digo ao senhor tem Inferno e tem Céu. Tem o caminho bom e tem o caminho ruim. Tem ou não tem? Tem, pode ficar tranquilo que tem. Então, nós tamos numa situação, nós tem que respeitar quantas leis existem no mundo e ninguém sabe né, tem que respeitar todas as leis num é assim? Lei crente, católico, junto, a pessoa que é casado só no civil. A pessoa que vive junto amigado com a pessoa que num é casado, a gente tem que respeitar aquela pessoa. Que aquela pessoa tá precisando de reza, que Joaquim me disse. Ele tá precisando com reza é com vida. Você depois de morrer num...

**Joaquim:** E as almas?

**Seu Antônio:** Num é isso que eu tô dizendo, num é isso que eu tô dizendo, tem que rezar com vida. [Nesse momento o narrador canta um bendito:]

As almas do Purgatório  
vive com tanta alegria,  
Por ter feita a devoção  
Enquanto estava com vida

As almas que estão sofrendo  
Chora de arrependida,  
Porque não fizeram a devoção  
Enquanto estava com vida.

Olha aí tá vendo. Isso tem no bendito, eu sei esse bendito.<sup>34</sup>

<sup>34</sup> Entrevista realizada com Antônio Sales, em 05/04/2015, na sua residência, Sítio Cabeceiras, Barbalha.p. 2-4.

O sonho mencionado colocou no cerne das memórias questões concernentes aos limites religiosos e morais do passado do grupo de penitentes, sua revisitação no presente e redefinição visando à continuidade do grupo e suas expectativas para o futuro. Nesses termos, o pretérito dos penitentes antigos, a inserção de novos membros na atualidade atrelada às circunstâncias desse momento e as projeções para o amanhã são elementos essenciais na experiência narrada.

O fenômeno onírico ocorreu em um momento tenso para os penitentes, quando alguns sujeitos foram indicados para serem inseridos no grupo. A discórdia entre os membros foi despertada por conta da ausência do casamento religioso das pessoas indicadas a entrarem no grupo e, com isso, pegarem a Santa Cruz. Este é um símbolo extremamente valioso para eles e marcado por sentidos largos e profundos, a exemplo, grosso modo, da orientação da vida religiosa em um mundo marcado pelo pecado.<sup>35</sup>

Conforme seu Antônio, é regra comum dos penitentes não aceitar no seu grupo “pessoas que vivem juntas”, termo muito utilizado na região do Cariri para designar amancebamentos e/ou relações conjugais não formalizadas perante as leis, sobretudo, religiosas. No caso apontado, a experiência é reportada à vida de pessoas casadas apenas nas instituições civis, portanto, não reconhecidas oficialmente pela Igreja. De igual modo, não são legitimadas entre os fiéis leigos. A lei dos costumes marcada pela moralidade e pela vida dedicada ao trabalho e às orações é fulcral nas memórias daqueles penitentes. E como esse grupo é constituído exclusivamente por homens, tais normas da tradição evidenciam, outrossim, pudores e moralidades relativas ao gênero masculino, de forma sobremaneira, àqueles sujeitos dedicados à vida religiosa.<sup>36</sup>

Segundo o narrador, esse era um dos ensinamentos do ex-decurião dos penitentes da Irmandade da Cruz, do sítio Cabeceiras, Joaquim Mulato de Souza. Nascido em 1920 em Barbalha, e muito respeitado por aqueles religiosos em virtude do seu modo de vida, e ainda reconhecido nacionalmente como um *Mestre da Cultura*, Joaquim Mulato morreu aos 89 anos de idade, em 2009, vítima de atropelamento de moto na rodovia que liga a cidade de Barbalha ao distrito Arajara, nas proximidades de onde morava. Naquele momento, o jornal *Diário do*

---

<sup>35</sup> A cruz do grupo de penitentes mencionado tem uma origem mítica. Nos estudos de Carvalho, aquele objeto foi mencionado nas memórias de Joaquim Mulato como pertencente ao Pe. Ibiapina. Informa, também, que ele teria sido confeccionado no ano de nascimento daquele narrador, em 1920. CARVALHO, Anna Christina Farias de Carvalho. *Sob o signo da fé e da mística: um estudo das irmandades de penitentes do Cariri cearense*. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011, p.118.

<sup>36</sup> Na clássica obra de Gustavo Barroso, ele menciona um pouco da tradição moralista dos sertões do final do século XIX e início do século XX. BARROSO, Gustavo. *Terra de sol*. 8 ed. Fortaleza: ABC Editora, 2006, p.126.

*Nordeste* noticiou o infortúnio. Conforme esse periódico, amplamente circulante no Cariri e em todo o estado do Ceará:

Joaquim conheceu a ordem dos penitentes com 12 anos, quando ouviu, numa noite de lua clara, vozes que cantavam o “ABC do Divino”. Achou bonito e perguntou à avó quem eram. A resposta foi de que se tratava dos penitentes. Quando seu pai morreu, ele, com dezesseis anos, pediu licença ao decurião José Francisco da Silva, o mestre Biro, para fazer parte da Ordem. Quando o velho já não estava mais sabendo cantar os benditos, Joaquim assumiu o comando do grupo, que liderou até morrer.<sup>37</sup>

Após aquela morte, Severino Antônio da Rocha, 84 anos, passou a comandar a Ordem dos Penitentes. Segundo o informativo no blog do mesmo periódico, ele nasceu em 1925, e desde os oito anos passou a participar daquela Ordem. Faleceu em 06 de outubro de 2013, aos 88 anos, no hospital São Vicente de Paulo, em Barbalha.<sup>38</sup> Depois dele, foi a vez de Francisco José de Lima, conhecido como Chico Severo, liderar os religiosos. Ao que parece, ele também faleceu ano de 2013. A partir daquele momento, seu Antônio assumiu a liderança dos penitentes.

Foi nessa circunstância que o atual decurião sonhou e reencontrou os ex-líderes e outros membros do grupo já falecidos, estando eles, no entanto, como se estivessem vivos, pois as faces e os corpos apareceram à luz dos olhos da alma, de frente. Joaquim Mulato, Severino Antônio Rocha e Chico Severo, consecutivamente os últimos três líderes falecidos, apareceram e rodearam o atual decurião, juntamente com muitos outros penitentes não reconhecidos pelo narrador.

Joaquim Mulato e os demais religiosos mortos, vendo aquela situação do outro mundo, recorreram ao sonho para dar uma orientação a Seu Antônio, assim ele explica. Mulato propagou que o atual líder não permitisse a discórdia entre aqueles religiosos, visto que, conseqüentemente, ela levaria ao fim do grupo. Na fala, o morto esclareceu como os julgamentos terrenos constroem caminhos para o alcance do mal no mundo terreno e, principalmente, no além. Julgar, nessa tessitura, significa seguir o percurso errôneo. E negar o acesso à cruz e às orações da ordem dos penitentes aos vivos não casados abre o trajeto para a

<sup>37</sup> Cf. *Jornal Diário do Nordeste*. Fortaleza, 25, de fev. de 2009. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/mestre-da-cultura-morre-em-barbalha-1.686267>. Acesso em: 08 de jul. de 2016. O título Mestre da Cultura lhe foi atribuído em 2004 pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT). Disponível em: [http://www2.secult.ce.gov.br/mestres\\_cultura/mestresdacultura\\_2004.asp](http://www2.secult.ce.gov.br/mestres_cultura/mestresdacultura_2004.asp). Acesso em: 25/08/2016.

<sup>38</sup> Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/cariri/cidades/cultura-popular-de-luto-morre-2o-decuriao-do-grupo-dos-penitentes-em-barbalha/>. Acesso em: 08 de jul. de 2016.

perdição da alma. Tudo isso está garantido nas palavras de Deus, posto que como lembrou o morto professante, apenas Jesus tem o poder de julgar.

Esse episódio lembra que, através dos sonhos, os falecidos continuam desempenhando funções no mundo dos vivos. Semelhante a alguns casos analisados por Schmitt sobre sonhar com mortos mediante os usos dos registros autobiográficos, na tradição oral contemporânea alguns mortos retornam para evidenciar seu descontentamento com as ações do sonhador. Mesmo depois do transpasse, eles agem reparando os danos dos vivos. E tal qual neste caso, lembram a necessidade de uma mudança na moral cristã.<sup>39</sup>

Na circunstância narrada, Joaquim Mulato deu orientações ao grupo de penitentes, como se, vendo o mundo terreno do outro lado, ele revelasse os comportamentos a serem seguidos na atualidade, levando em consideração as mudanças comportamentais dos católicos desse momento, mesmo que isso coloque em xeque as antigas regras do grupo e as palavras professadas por ele mesmo quando vivo e decurião dos penitentes. Como lembra seu Antônio, a regra da não aceitação dos não casados era pronunciada e colocada na prática pelo próprio Joaquim Mulato que agora, depois de morto, aparece no sonho para mudá-la e, com isso, garantir a continuidade das orações e ações daqueles religiosos.

Outro detalhe significativo é percebido na narrativa: o morto lembra que as pessoas adeptas de “outras leis”, como os não casados, os crentes (termo usado para designar os evangélicos) e integrantes e professantes das diversas crenças e práticas religiosas existentes no mundo devem ser respeitadas. Essa é uma demanda “da situação” atual, ou seja, da contemporaneidade, marcada, entre outras latências, pela violência banalizada no cotidiano e pelos conflitos religiosos, étnico-raciais, culturais, de gênero e classe, aspectos reforçados pelo sistema econômico capitalista, excludente e opressor.

Isto indica que os mortos estão atentos com as necessidades e reivindicações da atualidade. Aquele sonho, além de possibilitar ver o invisível, indica os caminhos para o bem viver entre os vivos: a tolerância religiosa. Ele dá orientações para a construção de uma vida religiosa que respeite as diferenças entre os sujeitos. A explicação para isto está assentada nas necessidades de orações: é imperativo construir uma postura religiosa em vida, pois depois da morte terrena não há garantia sobre seus destinos no outro mundo. E na construção dessa argumentação, seu Antônio deu continuidade à entrevista e fez uso de um bendito sobre as almas.

---

<sup>39</sup> Sobre os sonhos com mortos alusivos às necessidades de mudanças na moral cristã, ver também SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Op. Cit., p.55 e 64.

**Seu Antônio:** A que eu quero cantar é assim:

Ô virgem da piedade,  
A devoção dos abismos,  
Rezemos pras santas almas (2 x)  
Rezemos com alegria (2 x)

As almas do Purgatório  
Vivem com tanta alegria  
Porque fizeram a devoção (2 x)  
Enquanto estavam com vida (2x)

As almas que estão sofrendo  
Choram de arrependidas  
Porque não fizeram as oração (2 x)  
Enquanto estavam com vida (2x)

A escada que vai pro céu  
Tá ao lado direito  
Tava Nosso Senhor Jesus Cristo  
Clamando com as estrelas (?)

Homem, mulher e menino,  
Todos eles dirão:  
Veja que lá tem os nossos filhos (2 x)  
Nossos pais, nossos irmãos (2x)

O rico não dá esmola,  
Nem usa da caridade,  
Pensa que vai pro céu (2 x)  
Está muito mal enganado (2 x)

Eu não quero teu dinheiro  
Nem também tua fazenda  
Eu só quero uma migainha (2 x)  
Que na vossa mesa tem (2x)

Pegue o que vós possui,  
Divida na sua vida,  
Escada que vai pro céu (2x)  
A fim de sua partida (2x)<sup>40</sup>

Nessas memórias, o sonho é a fonte que sustenta a presença e os olhos dos mortos sobre a convivência dos vivos, na mesma proporção em que os benditos são os mecanismos que confirmam seus ensinamentos. Os sonhos e os benditos são, para esse narrador, importantes balizas que orientam a vida para o alcance do tempo da eternidade.<sup>41</sup>

<sup>40</sup> Entrevista realizada com Antônio Sales, em 05/04/2015, na sua residência, Sítio Cabeceiras, Barbalha. p. 3-4.

<sup>41</sup> Sobre os benditos dos penitentes, ver OLIVEIRA, Gislene Farias et. al. *Benditos dos penitentes: os cânticos sagrados*. Olinda: Livro Rápido, 2015.



Durante a realização da entrevista com seu Antônio, sua esposa, Dona Amélia, católica e integrante do grupo de incelenças do sítio cabeceiras, fez uma intervenção significativa. Ao passo em que se projetou na conversa, ela informou nunca ter visto uma alma. Todavia, um caso ocorrido numa experiência onírica tocou suas sensibilidades profundamente. Ao narrar que comumente não recorda dos sonhos vividos, a incelença enfatizou um caso que se contrapõe ao esquecimento:

**Intervenção de Dona Amélia:** Alma eu nunca vi não, mas minha mãe quando morreu... Eu fazia a renovação dela, que a casa dela era cheia de santo né? Ai minha irmã disse:

— Vou tirar esses santos da parede.

E ela disse:

— Deixe meus santos aí.

Ela faleceu, vai fazer quatro anos agora né. Aí quando tava com uns seis meses que passou, que ela morreu, que chegou no tempo da renovação dela, ela chegou lá na minha cama, aonde eu tava. *Eu via, eu dormindo, mais eu senti, entre dormindo e acordada nera, ela sentou-se na cama chega eu vi a cama baixar, porque ela era gorda.* Ela pegou e disse assim, que minha irmã não botou os santos dela na parede. Ela rezou a renovação só com os santos que era dela, só um quadrim, só um quadrim só com o Coração de Maria. Aí ela disse assim:

— Maria, esse ano que vem bote meus santos na parede pra rezar a minha renovação do jeito que eu rezava. Que tanto que pedi a Cicinha pra não tirar meus santos da parede e ela tirou meus santos da parede.

Eu nunca me lembro dos sonhos, e esse sonho aí eu me lembrei. Aí quando me acordei, aí olhei e num vi ninguém. Aí fiquei me lembrando né? Fui na casa da minha irmã. Que minha irmã ficou com meu pai e com ela no hospital. Ficou nos poder dela né. Quando eu cheguei lá... que já vai chegar de novo que nós tamo em dezembro né, em dezembro que passou. Aí eu disse assim:

— Cicinha, pega o Coração de Jesus de mamãe e bote na parede.

Ela disse:

— Por que?

Eu contei a história e ela disse assim:

— Mulher isso é história, tu tava era dormindo!

Eu tava dormindo, mas num dormindo que eu ouvia tudo que ela me disse. Eu ouvi e me lembrei, esse aí eu me lembrei. Aí eu disse assim:

— Bote Cicinha, o santo dela na parede.

Que era grandão assim [gesticula com as mãos]. Aí ela botou.

**Joaquim:** Não apareceu mais não?

**Intervenção de Dona Amélia:** Eu vi ela como se ela estivesse viva, num foi que nem morta, era viva. Gorda do jeito que ela era. Chegou na minha frente assim, sentou na cama, eu senti pesando assim né. E eu como se estivesse acordada. Eu num lembro de sonho não, mas esse aí eu me lembrei. Aí a minha irmã ela [não?] é católica. Ela é da Igreja, da misericórdia [?]. Mas, assim mesmo, ela botou o santo na parede. Tá lá.<sup>42</sup>

<sup>42</sup> Intervenção de Dona Amélia na entrevista realizada com Antônio Sales, em 05/04/2015, na sua residência, Sítio Cabeceiras, Barbalha. p. 10. Grifo meu.

O enredo mnemônico narrado apresenta detalhes significativos sobre a ordem do tempo e os significados atribuídos à aparição para a compreensão das temporalidades dos mortos, a começar pelo tempo do encontro onírico. Passados seis meses da morte da mãe da incelença, a morta fez uso do encontro onírico para fazer um pedido, solicitado com tom de cobrança. Antes de falecer, a matriarca solicitou às filhas que elas dessem continuidade à renovação do Sagrado Coração de Jesus, como ela fazia todos os anos na sua casa, no mês de dezembro.

Segundo José Nilton de Figueiredo, tal prática religiosa foi principiada dentro dos “mosteiros da Idade Média nos séculos XII e XIII”. É na França do século XVIII, a partir do convento das irmãs visitandinas, que o culto se irradia para toda a Europa. Através dos Jesuítas chega ao Brasil e só vai se propagar em definitivo com o processo de romanização da Igreja Católica.<sup>43</sup>

O retrato litúrgico do Sagrado Coração de Jesus, explica Della Cava, foi amplamente difundido no século XIX. Nele, simbolicamente, o coração de Cristo aparece exposto, atingido por uma coroa de espinhos, simbolizando as dores infligidas pelos pecados da humanidade e por sua indiferença perante a fé cristã. Não contraditoriamente, também representa o amor luminoso e incendiado de Jesus pelos homens. Esse quadro tornou-se um “objeto de grande devoção religiosa e popular através da Europa, principalmente na França, e no Brasil, devoção essa que assegurava a seus fiéis praticantes a salvação, quer das chamas eternas do inferno, quer das intermináveis adversidades terrenas”.<sup>44</sup>

De acordo com Renata Paz, no Cariri, se disseminou um ritual para com essa imagem mediante sua propagação pelo Pe. Cícero, principiadas nas décadas finais dos oitocentos. Se antes o culto ao Sagrado Coração de Jesus estava restrito às ações litúrgicas nas Igrejas, o que indica uma ação para fortalecer a política de romanização em curso, a partir da criação do Apostolado da Oração, em 1888, o clérigo passou a estimular as famílias para entronizarem aquela imagem em suas casas, junta aos outros santos. Ele orientou, de igual modo, que a cada ano, renovassem aquele acontecimento. Isso fugia à lógica dos preceitos da romanização.<sup>45</sup> Nas palavras de Paz:

<sup>43</sup> FIGUEIREDO, José Nilton de. *A (con)sagração da vida: formação das comunidades de pequenos agricultores da Chapada do Araripe*. Crato: A Província Edições, 2002, p. 132.

<sup>44</sup> DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Tradução Maria Yedda Linhares. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 26 e 47-48.

<sup>45</sup> PAZ, Renata Marinho. *Para onde sopra o vento: a Igreja católica e as romarias de Juazeiro do Norte*. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011, p. 80-82.

No intuito de fortalecer a fé e a devoção dos juazeirenses, padre Cícero acabou fomentando uma coloração distinta ao culto ao Sagrado Coração de Jesus, tingida pela reelaboração no âmbito das crenças e práticas religiosas do catolicismo luso-brasileiro que [...] tem como uma de suas características fundamentais o fato de suas práticas e representações não dependerem da mediação operada por agentes religiosos institucionais para o estabelecimento da relação com o sobrenatural. Os santos e almas são intercessores próximos e os fiéis, ao trazerem para dentro de casa aqueles a quem creditam o poder de interceder nas questões cotidianas, estabelecem com eles uma relação íntima e familiar.<sup>46</sup>

No Cariri, a renovação tornou-se paulatinamente um culto doméstico que envolve a família, a parentalidade dos moradores do lar e os sujeitos imersos nos seus laços comunitários, como vizinho(as), padrinhos, madrinhas e amigo(as). Tal tradição constitui no seu cerne um rito de tempo.



Figura 8 - Livreto usado na entronização do Sagrado Coração de Jesus

Inicialmente, a casa do fiel realiza a *entronização* da imagem do santo, momento no qual ele é recebido, benzido e pendurado na parede da sala de entrada do lar, comumente identificada como a *parede dos santos*, visto que lhes são agregadas outras imagens sacras. Conduzida por um padre e/ou um leigo fiel e conhecido nas comunidades, o Sagrado Coração de Jesus passa a ser identificado como o verdadeiro *donos da casa*. A data é escolhida pelo casal, muitas vezes levando em consideração um dia especial para a família, como o casamento, aniversário de parentes e/ou dias santos do calendário cristão. Nesse sentido, a renovação representa o aniversário da *entronização*, pois a crença socialmente difundida indica que,

<sup>46</sup> PAZ, Renata Marinho. *Para onde sopra o vento*. Op. Cit., p. 82.

anualmente, o ritual deve ser celebrado no mesmo dia, comumente dirigido por leigos, os chamados “tiradores de renovação”.<sup>47</sup> Há, portanto, um marco do tempo, e no tempo.

Tal tradição doméstica e familiar é realizada por fiéis católicos, estando suas residências situadas nos espaços rurais e/ou urbanos do Cariri. Embora existam diferenças nestes espaços, sobretudo no que diz respeito à pompa da celebração, às sociabilidades e aos preparativos do ritual, os sentidos geralmente são os mesmos: renovação do tempo e/ou o recomeço de um ciclo temporal, marcado pela repetibilidade do ritual. Para os religiosos praticantes, essa tradição representa a renovação da fé, necessária para o fortalecimento da harmonia familiar e a manutenção da proteção sagrada destinadas aos vivos moradores da residência palco do ritual, bem como fulcral para os mortos daquela família que, concomitante, são lembrados naquela ocasião, recebendo orações e desejos de salvação eterna, como José Nilton de Figueiredo analisou.<sup>48</sup> Há, portanto, nas urdiduras simbólicas desta tradição, uma lógica temporal que abençoa, protege e intercede pelos vivos e pelos mortos da família. No cerne da crença, o ciclo temporal vivido na terra e seus vínculos com o além não podem ser rompidos. Mesmo após a morte do pai e/ou da mãe a renovação deve ser mantida anualmente.

Todavia, após a morte da matriarca, a mãe de Dona Amélia, uma de suas filhas, irmã da esposa de seu Antônio, identificada como Cicinha, retirou as imagens sagradas da parede daquele lar, não cumprindo, portanto, os pedidos da falecida. Na narrativa, a mãe morta apareceu na casa e no quarto de Dona Amélia. A finada se aproximou e sentou sobre a cama na qual sua filha dormia, e falou. Estando em estado de vigília, Dona Amélia afirmou ter sentido a presença e proximidade da mãe, pois ela preserva o mesmo estado corporal de quando estava entre os vivos. Sendo gorda em vida, ela continuava com a alma robusta e forte, gorda, após a morte. E quando a morta sentou do seu lado, a presença foi confirmada no rebaixamento do colchão, proporcional ao peso da aparição.

Isso faz lembrar que em muitos casos os mortos aparecem nas visões mantendo o mesmo corpo de quando faleceram, como se preservassem a idade ou ainda como se o tempo do outro lado da existência não passasse ou fosse muito lento. Nas narrativas registradas, jovens mortos não envelhecem nas memórias narradas, permanecem juvenis, e adultos e velhos não mudam os desenhos dos seus corpos ou mesmo suas faces (quando eles permitem ser vistos de frente, como se ainda estivessem vivos). Eles aparecem com imagens semelhantes aos últimos momentos de vida terrena. O tempo, nesses casos, é marcado pelos vínculos com as imagens

---

<sup>47</sup> Sobre a paisagem dessa devoção no Cariri do final do século XX, ver FIGUEIREDO, José Nilton de. *A (con)sagração da vida*. Op. Cit., p.132-145.

<sup>48</sup> FIGUEIREDO, José Nilton de. *A (con)sagração da vida*. Op. Cit., p.133.

do corpo vivo nas vésperas da última despedida e, igualmente, com as incógnitas do além. Esse é, inclusive, outro ponto importante na narração.

A ordem do tempo na narrativa diz respeito à ligação entre as temporalidades terrenas e os tempos misteriosos do outro mundo, mais precisamente às temporalidades da purgação dos mortos. Segundo um dos signos comumente presentes nas memórias dos cristãos, quando um morto volta para o seio dos vivos solicitando rezas é indicativo do seu tempo de purgação: ele permanece naquela dimensão e necessita de orações. Isso também ocorre nos sonhos.

Nesse caso, como aquela morta voltou para solicitar a continuidade da renovação do Sagrado Coração de Jesus na residência na qual morava quando viva, ela toca, pelo menos de forma subentendida, na necessidade de obter orações dos vivos, e destes continuarem orando pelos mortos da família. Ela precisa purgar, para avançar nos caminhos daqueles destinos. Portanto, a morta vem exemplificar que as temporalidades de lá e de cá estão conectadas por formas visíveis e invisíveis, pelas orações e tradições dos vivos.

Grosso modo, aquela aparição desnuda formas cíclicas e lineares dos tempos dos vivos e dos mortos. A forma cíclica foi exemplificada a partir da necessidade da repetição da renovação, anualmente praticada no mesmo período do calendário; e no segundo, mediante a lembrança da linearidade do tempo cristão, vivido pela morta no além e pelos vivos do mundo terreno.

Depois daquela aparição, Dona Amélia procurou sua irmã, contou o que tinha ocorrido e solicitou que ela recolocasse as imagens sacras na parede e realizasse a renovação dos santos de sua mãe, pois aquele ciclo temporal não poderia ter sido quebrado, o que justificou o retorno e a reivindicação da mãe morta. Mesmo duvidando do ocorrido, por considerar tal ato imaginativo ou um sonho sem sentido, Cicinha, irmã de Dona Amélia, realizou o pedido. E os santos voltaram para as paredes da casa, bem como a renovação voltou a ser praticada.

## **3.2. Quando os vivos vão...**

### ***3.2.1. Viagens sobre o mundo terreno***

Na trama que cada história conta, a imaginação é o tapete mágico que carrega o mundo. A força da gravidade é uma ficção. O inacabado permite que as

portas estejam sempre abertas e as chaves inexistam, para que a possibilidade anuncie o inesperado.<sup>49</sup>

Tal qual as palavras escritas pelo historiador Antônio Paulo Resende, o inesperado invadiu minha escuta quando realizava as entrevistas. No “tapete mágico” das narrativas há outras formas possíveis para os encontros entre vivos e mortos. Se em muitos casos, como vimos anteriormente, os falecidos vão ao encontro dos seus parentes, mediante a imersão nos seus sonhos, a dimensão espiritual dos vivos, por seu lado, também sai dos seus corpos adormecidos e procura seus entes queridos: são as viagens oníricas. No momento em que narrava a complexa relação tocante à saída do espírito do corpo morto, o agricultor Luiz André contou:

**Joaquim:** E quando o corpo morre?

**Luiz André:** Ele sai [o espírito]. Ele sai. Ele não fica. Ele sai, ele não quer. É que nem a água, a água não quer gente morto. A água mata mais joga fora. É que nem o espírito. O espírito, se acaba, também ele sai. Aí fica, aí fica. Ô eu acredito assim, quando as vezes você tá dormindo. Aí vem aquele sonho, vem aquele sonho com seu pai, com sua mãe, com seu irmão, com seu parente, qualquer parente. *Ali é seu espírito que tá visitando ele lá. Tá vendo, tá vendo como é que ele tá.* Se ele tá acordado, se ele dormindo, se ele tá doente, se ele tá vivo, porque... ô a coisa tá tão... que alma, se existisse alma (silêncio) eu já tinha visto a alma do meu pai, de minha mãe, de meu irmão, porque meu pai morava pertim deu. E eu mais esse Vidal alí nós trabalhava, nós viaja pra Juazeiro do Norte com fruto nós viajava até doze horas da noite na casa de meu pai. Meu pai já tinha morrido, meu irmão, minha mãe, e nós ficamos por conta da casa e pra madurecer banana, tu sabe como é? E nós trabalhava até doze horas da noite [interrupção por conta do barulho de uma moto]. E muitas vezes Vidal terminava primeiro do que eu, dizia:

— Padim Luís terminou?

Eu digo:

— Não.

— Após eu já terminei, eu vou pra casa.

Ele ia pra casa e eu ficava sozinho. Num era energia, era candeeiro a gás. E eu nunca vi nem piseiro dentro de casa. É por isso que eu digo que não existe. Num existe aima. Eu nunca vi, que nem muita gente diz:

— Eu já vi umas pisadas dentro de casa.

Ó eu nunca vi. Ó minha esposa morreu, vai fazer cinco anos agora em janeiro. Dia cinco de janeiro vai completar cinco anos que ela morreu. Morreu no hospital São Vicente lá em Barbalha. E eu durmo aqui sozinho. Sozinho e Deus. Eu me levanto vou pro banheiro. Me levanto meia-noite, nunca vi pisada dentro de casa, nunca vi rebuli em prato, nunca vi rebuli em nada. Existe? Existe? Existe não homem. Existe não. Ó cinco anos não é cinco dias não.

**Joaquim:** E nos sonhos, o senhor já sonhou? Como foi?

<sup>49</sup> REZENDE, Antônio Paulo. O espelho inquieto da contemporaneidade. In: MENESES, Sônia; SANTOS, Cícero Joaquim dos (Orgs.). *História e contemporaneidades*. Curitiba: CRV, 2016, p. 53.

**Luiz André:** Sonhei. Eu já sonhei. Eu tô canso de asonhar com meus irmãos, com meu fi, que eu tenho um fi que mora um no São Paulo e outro em Minas Gerais. E tem uma que mora em Olinda, que é a freira, conhece a freira Rita? Conhece?

**Joaquim:** Não me lembro agora não.

**Luiz André:** Ela teve um acidente agora em janeiro e eu assonhei. Parece que o espírito meu foi lá adonde ele tava. E eu assonhei. Quando foi no outro dia, eu digo:

— Aconteceu uma coisa, meu Deus!

Aí foi, eu fui liguei pra lá, pra ela. Ela não atendeu. Que ela trabalhava no colégio. Aí eu fui e liguei pra filha de Luciene, pra Jucinéia, sabe quem é Jucinéia? que trabalha lá, eu liguei pra Jucinéia. Aí Jucinéia foi e disse:

— Não vô, foi tia Rita que dirmintiu um pé.

Mas diz que ela quebrou um pé. Eu digo:

— Foi mesmo?

Ela disse:

— Foi.

*Olha tá vendo, meu espírito foi lá onde ela tava, ispiar como é que ela tava. E do jeito que eu assonhei, aconteceu. Aconteceu.* Outro dia eu assonhei com um menino meu que mora lá em São Paulo, eu sonhei que ele dizia assim:

— Ô pai, arranja uma meizinha pra eu, que eu tô com uma dor de cabeça, eu vivo com uma dor de cabeça, que eu vivo sem paciência.

Eu sonhei como hoje à noite, como açanoite, como hoje ele ligou.

— Pai, eu vivo com uma dor de cabeça que eu já tô sem paciência. Arranja um remédio pra'eu.

Aí conhece Gonzaga Cristove? Que é o avô desse gatorozinho [aponta para uma criança na calçada]. Eu disse:

— Seu Gonzaga, dá pro senhor rezar por meu menino, agora que ele tá em São Paulo. Ele disse:

— Rezo, rezo sim.

O velho foi e disse:

— Após me dê o retrato dele.

Eu fui e levei o retrato. Ele rezou três vezes. No dia, de manhã, meio-dia e de noite. Quando foi com três dias o menino ligou:

— Pai, fiquei bonzinho da cabeça, num senti mais nada. Eu digo:

— Olha, tá vendo.

*Por isso que eu digo: nós num tem aima. E tem. E o mais é o nosso espírito. Nosso espírito ele sai pra visitar nosso pai, nossa mãe, nosso irmão, filho.*<sup>50</sup>

Um ponto importante na narrativa do agricultor Luiz André consiste na tensão entre a existência da alma e/ou do espírito. E esse não é um fato isolado. De igual modo, outros narradores, como a manicure Cida e o penitente Nivaldo Santos, foram enfáticos a essa divergência, entrementes em alguns momentos das entrevistas tenham demonstrado adunarem numa mesma direção. Nos saberes professados oralmente, essa divisão não é rígida ou de todo

<sup>50</sup> Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, Bairro Campo Santo. Porteiras. p.11-13. Grifo meu.

realizada. Há, simultaneamente, (con)fusões e distanciamentos entre a alma, o corpo e o espírito.

É importante frisar que tal saber não está deslocado de conexões e discrepâncias entre corpo, alma e espírito, suas naturezas e singularidades. Esse é um foco narrativo apresentado pelo narrador. Ele conta com a intenção de demonstrar não acreditar na existência e aparição das almas no mundo terreno. O narrador utiliza variados indícios segundo os quais ele exemplifica essa inexistência, como é o caso do fato do mesmo nunca ter visto ou sentido caminhadas, passos ou barulhos de pratos e/ou de outros utensílios em sua atual residência, onde morava com a esposa falecida acerca de cinco anos. Também usa o argumento da ausência dessas aparições nos serões e nas madrugadas vividas nos espaços rurais nos quais morava e trabalhava na encosta da Chapada do Araripe, atualmente sob a guarda de seu filho Alfredo, já mencionado. De maneira significativa, mesmo as pessoas do seu convívio informando a existência e as manifestações das almas, ele reitera sua relutância em não acreditar.

Por isso, é possível inferir que tal distinção foi mensurada a partir da ausência de aparições perante suas sensibilidades corporais. Entretanto, em uma parte da entrevista, quase como quem duvida da própria fala, ele resolve a questão abordado que os vivos possuem alma e espírito, concomitantemente, embora a presença deste último seja maior ou mais forte do que a do primeiro. Há, assim, uma mistura. Ora ele menciona uma visão binária, marcada pela existência apenas do corpo e espírito, ora afirma uma acepção trinária, marcada pela coexistência do corpo, da alma e do espírito, aspectos estes mencionados por Schmitt sobre a medievalidade.<sup>51</sup>

De toda forma, a existência espiritual é ratificada: as sensibilidades que lhes são atribuídas são narradas como sendo visíveis aos olhos, sejam eles aqueles do corpo ou do espírito, perceptíveis a partir das viagens oníricas.

Conforme o narrador, nessas viagens os olhos do espírito enxergam as atividades dos vivos, seus gestos e estados de saúde. Tudo está sob o olhar da dimensão espiritual do sonhador. Assim sendo, mesmo morando distante dos seus filhos, o narrador diz viajar até eles através dos sonhos e reencontrá-los. Foi o que aconteceu com sua filha Rita, uma freira residente em Olinda. Contou também com um dos seus filhos, residente em um lugar mais longe ainda, em uma cidade identificada na narrativa apenas estando situada no estado de Minas

---

<sup>51</sup> SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo*. Op. Cit., p.19-20. É importante considerar que Schmitt faz considerações sobre alguns pensadores cristãos, ou seja, faz menção a uma forma de pensamento mais sistematizada. Diferente disso, os entrevistados apresentam interpretações abertas e criativas.



Gerais. Nesse sentido, a distância terrestre, curta ou longa, não é um empecilho para as viagens e os consequentes encontros.

Como seu Luiz André contou, em alguns casos, tais viagens possibilitam pressagiar ou pressentir o que virá e, com isso, ajudar os vivos revisitados. Ele narrou como auxiliou seu outro filho, residente em São Paulo, mediante um presságio. Depois de ir ao seu encontro nos sonhos, seu espírito viu ele adoecer de fortes dores de cabeça. Na manhã seguinte, o narrador afirmou receber um telefonema do filho informando-lhes sobre tais dores e solicitando-lhe ajuda. O pai, então, procurou um rezador da comunidade. O velho rezador, após obter uma fotografia do doente, rezou em três momentos do dia, a saber: pela manhã, ao meio-dia, e a noite, ao que tudo indica nas circunstâncias apontadas por muitos narradores como sendo nas horas abertas.<sup>52</sup> Passados três dias, o filho voltou a ligar para o pai, comunicando-lhe sua recuperação.

Essas experiências e narrativas colocam no cerne do debate a percepção do narrador sobre os sonhos. Quando tais viagens ocorrem elas tornam-se auxiliares na resolução dos dilemas concretos da vida e vigília das afetividades. Assim sendo, são mecanismos de apoio, ajuda a outrem distante, supervisão e denotam a marca de uma presença que de invisível, se transmuta em visível aos olhos do espírito.

Tudo isso soa na narrativa do agricultor como uma prova das viagens oníricas. Nas memórias, o contato do narrador com o sujeito visto nos sonhos comprova a existência do espírito e de sua saída do corpo, quando este dorme. Nesses termos, o tempo do sono abre a temporalidade permissiva ao encontro. E isso se fortalece de forma sobremaneira quando o conteúdo manifesto nas viagens se concretiza, como foi no caso das dores de cabeça e da sua cura. Logo, se para algumas pessoas há dúvidas sobre os encontros entre vivos e mortos nas experiências oníricas, tal incerteza não permanece quando ambos, sonhador e sujeito sonhado, estão vivos, se falam, via telefonemas ou mesmo por conversas via terceiros e/ou mediadas pelos mais jovens, como o narrador exemplificou. E se essas viagens acontecem no mundo terreno, não deixam de ocorrer nos mistérios do além cristão. Quando indagando sobre os encontros com os mortos nos sonhos, ele narrou:

---

<sup>52</sup> De acordo com Cascudo, *as horas abertas* são marcadas por ambivalências. Elas são quatro: meio-dia, meia-noite, anoitecer e amanhecer. Elas “correspondem às vias de acesso ao corpo humano. São horas diversas de pressão e desequilíbrio atmosférico, predispondo os estados mórbidos às modificações letais”. Entretanto, “na ambivalência natural, meio-dia e meia-noite prestam-se às rogativas benéficas, mas constituem exceção. As orações e pragas nessas horas são apelos violentos, irresistíveis, obrigando a obediência divina”. CASCUDO, Luís da Câmara. *Coisas que o povo diz*. 2 ed. São Paulo: Global, 2009, p. 49-50. A primeira edição desta obra foi publicada em 1968, pela edições Bloch.

**Luiz André:** Aqueles que já morreram também. Muitas vezes eu a sonho com meu pai, nós conversando. Nós conversando. Mais eu não vejo a cara dele não. Eu não vejo a cara dele não. É por isso que eu digo. *Tem certas coisas que... ó porque de tudo há. Mas negócio de aima, num acredito não.*

**Joaquim:** Como foi essa vez desse sonho que o senhor teve que o espírito foi visitar alguém que já tinha morrido?

**Luiz André:** Parece que é assim, parece que é assim: *que a gente vai dormir naquele sentido daquela pessoa né.* Aí o espírito diz:

— Apois ai eu vou, eu vou visitar lá ele onde ele estiver.

Ou lá ou Céu ou alí no Cemitério. Eu num sei. Eu sei que o caba sonha com a pessoa. Eu já sonhei com Zé, meu irmão. Num foi uma vez e nem duas. Nós lançando o gado, derrubando o gado, andando, luitando, trabalhando. Aí quando é no outro dia eu digo:

— Oxi, meu Deus, será se foi meu espírito que foi lá onde tava zé?

**Joaquim:** E ele tava vivo?

**Luiz André:** Não, morreu. Tá com doze anos que ele morreu. É por isso que eu digo. O que nós tem é o espírito. A nossa voz, o nosso folego, é o espírito. Quando sai, vai subindo. Repare que quando uma pessoa... você já viu uma pessoa morrer?

**Joaquim:** Não.

**Luiz André:** Nunca viu? Pois é. O folego vai subindo, subindo, subindo, subindo, subindo, até quando dá derradeiro suspiro. Quando der o derradeiro suspiro aí o espírito sai. Vai começando de pouco, subindo, subindo, subindo, subindo, até o derradeiro assopro [gesticula com as mãos, indicando que o espírito vai subindo pelo corpo e sai pela boca]. É pela boca. É pela boca.<sup>53</sup>

No caso das viagens até os mortos, Luiz André lembra que independente da dimensão na qual o falecido esteja, seja na cartografia do além cristão, seja no cemitério, ou em outros espaços terrenos, o encontro acontece, como se não houvesse barreira entre os dois mundos que o impedisse.

Num primeiro olhar, o local retratado no encontro e no tempo oníricos não parece ser uma questão relevante nas memórias, pois outros signos narrados ocupam um lugar de destaque na narrativa.

Luiz André narrou quando os olhos do seu espírito, durante algumas viagens, avistaram seu irmão morto. Falecido acerca de 12 anos, o tempo não foi um empecilho para avistá-lo. De igual modo, o local onde se virão não parece representar dificuldade. Ao contrário disso, eles se viram nas horas de labuta. Esse sonho que arrebenta o passado e o presente desperta as memórias sobre o tempo no qual ambos estavam vivos no mundo rural no qual trabalhavam e viviam irmanados.

Nessa tessitura mnemônica, as ausências nas narrativas também são significativas. A presença ou a interferência de Jesus Cristo e/ou de outras criaturas, entidades,

---

<sup>53</sup> Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, Bairro Campo Santo. Porteiras. p.11-13. Grifo meu.

santos ou sujeitos intermediários não foi mencionada nessa narrativa. Isso lembra como o sonho possibilita o contato direto entre os vivos e os mortos sem a necessidade da mediação e/ou intervenção de terceiros. O sonhador é o ser responsável pela viagem e pelo consequente encontro, uma vez que ele pode colaborar para que isso aconteça. Como o agricultor frisou, pensar no morto, lembrá-lo antes de ir dormir, pode despertar a voz do espírito, e este ir ao encontro do ser evocado nas lembranças. Desse modo, há um reconhecimento do sujeito, de sua autonomia e, outrossim, a prerrogativa segundo a qual o sonho liberta uma alusão aos aspectos do mundo contemporâneo, marcado também pelo reconhecimento do indivíduo.

No meu entendimento, essas memórias evidenciam continuidades de tradições antigüíssimas tocantes à dissociação e o liame da alma com o corpo, neste caso, da saída da alma da corporeidade do vivo e, seu posterior retorno, a exemplo das crenças analisadas por Carlos Ginzburg referentes a uma comunidade camponesa italiana – friulana – entre o final do século XVI e no delinear do XVII.<sup>54</sup> De igual modo, elucidam processos de hibridismos que enxertaram, inclusive, símbolos e referências culturais da contemporaneidade, como é o caso do uso das fotografias que ajudam pessoas doentes, cujas moléstias são percebidas através das viagens oníricas.

As memórias de seu Luiz André não dão ênfase aos perigos da separação entre as esferas corporal e espiritual. Este aspecto foi silenciado. Diferente das tradições registradas por Ginzburg e por outros pesquisadores sobre os costumes, quando tal dissociação possui a possibilidade de provocar danos ao sonhador, inclusive a morte, caso o espírito não retorne para o corpo,<sup>55</sup> o caso narrado por Luiz André parece dizer que hoje, eles podem desejar e ir ao encontro afetoso com seus entes queridos vivos e mortos sem preocupação. Ele insinua que, basta pensar em reencontrar os afetos, que o espírito se responsabiliza de encontrá-lo, mesmo diante das distâncias terrenas e dos mistérios sobre os caminhos do além. Na sua narrativa, isso descambou no terreno da normalidade, daquilo que é possível, visível e dizível.

Na contemporaneidade, outras viagens, todavia, acontecem sem que os sonhadores desejem, esperem ou pensem nos mortos revistos e nos espaços para os quais a travessia os leva.

---

<sup>54</sup> Ginzburg problematizou como as crenças e atitudes religiosas tocantes aos cultos agrários e de fertilidade dos campos foram associados à bruxaria. Naquelas crenças, há narrativas sobre os espíritos saindo dos corpos dos vivos enquanto estes dormiam e indo ao encontro de outros, e, em seguida, retornando para seus corpos. Cf. GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI-XVII*. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>55</sup> Id. *Ibidem.*, p. 40.

### 3.2.2. Viagens ao além

O vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é *imagem*, mas *imaginário*. O valor de uma imagem mede-se pela extensão de sua auréola *imaginária*. Graças ao *imaginário*, a imaginação é essencialmente *aberta*, *evasiva*. É ela, no psiquismo humano, a própria experiência da abertura, a própria experiência da novidade.<sup>56</sup>

No mundo imaginado (e, por isso, real) dos narradores, há aberturas oníricas inesperadas, caminhos palmilhados sem serem desejados, imagens dos outros que refletem suas próprias aspirações, anseios e imagens expostas ao devir. E novidades que, por outrora já terem sido vividas e narradas por outrem, deixam de ser novidades individuais e ganham enredos dinâmicos nas tradições orais.

Alguns fragmentos da narrativa de Maria do Horto evidenciam experiências marcadas como aberturas indesejadas, estando à luz do imaginário e nas malhas da imaginação. Ela apresentou uma viagem que realizou durante um sono. Naquela abertura para o novo, ela se deparou com uma experiência no pretérito já narrada por outros: foi ao Inferno e conseguiu voltar para contar:

**Maria do Horto:** Eu já fui no inferno em sonho.

**Joaquim:** Como foi essa história?

**Maria do Horto:** Foi assim a gente...

Eu vinha do Franciscano. Ainda hoje tenho essa roupa, vinha dos Franciscanos com a chave na mão. Então entrou um moço que estava com uma perua branca ali na linha do trem, mas ele o paletó tão alvinho e eu vi a calça azul, a calça azul, tão azulzinha e ele branco, acho que é alma, né? A barbinha preta, nisso eu entrei na perua, desci numa entrada que era feira em São Paulo, disse que é de São Paulo né. Isso todo mundo vendendo. E meu padrinho já disse que feira dia de domingo não presta, por pouco, parece que eu tô vendo! Uma estrada larga, dois bicho de fogo passando uma alma numa prensa, onde moi cana, longe! Parece que eu tô vendo. Longe, também eu distraída. Aquela estrada larga e com pouco tanto do menino, tanto do menino! Num tem esses bonés que o povo anda, mas preto, preto, preto, preto. Foi aí que a alma disse:

— Aqui é o inferno, aqui é o inferno!

Nisso esses motoristas de táxi, essas moto tudo batendo uma na outra, tudo tão preto menino que ninguém conhece, né? Com pouco vem um trator cheio de fogo com uma ruma de Cão lá em cima cheio de ponta. Eu dizia:

— Valei-me Nossa Senhora!

Aí voltava, que quando eu me lembrei do Ofício que eu disse:

— Deus nos salve.

Relógio. Foi um papoco tão grande e eu me acordei e estava subindo no Horto, tá compreendendo? Num tinha essas escadas não, você não conheceu

<sup>56</sup> BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. Tradução Antônio de Pádua Danese. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.1. Grifo do autor.

a estradinha, mas aqui é o caminho do Céu, tá compreendendo? O meu padrinho disse que o Inferno fica... Eu não sei se eu tinha dito, povo gosta de chamar nome e num pode, né? Tá compreendendo? Eu vi uma... Ali na frente estava uma ruma de gente comprando ali na feira, na feira comprando e eu vi uma mulher que ela mora ali no subir do coisa, eu digo:

— Dona Maria e eu vi a senhora lá também! [risos].

Mas, não é? nada, escute! Eu ainda hoje tenho essa roupa. É triste menino, é triste, é triste viu. Não, porque a mulher estava, bichinha, tem um Inferno mesmo, foi Nossa Senhora no Cordão, tem um coisa de fogo do lado do rio, é triste né não? Um coisa balançando em sonho. Quem vai em sonho disse que não vai mais.<sup>57</sup>

O sonho ocorreu no Juazeiro e apresentou um dos momentos nos quais a narradora andava distraída nas ruas dos Franciscanos, bairro no qual está situada a Igreja do mesmo nome. Durante o percurso, Maria do Horto viu um moço de paletó branco e calça azulada, dirigindo uma “perua”, termo este usado para referir-se aos transportes coletivos também identificados na região como Topiques e Vans. Só depois do ocorrido, ela identificou que o motorista da perua era uma alma de bigode, que a enganou e a levou aos tormentos infernais. Mesmo não sendo dito abertamente, o fato de aquele ser levá-la àquela dimensão sem o seu consentimento é um indício da origem demoníaca do sonho.

Ao entrar no carro, a entrevistada foi levada numa estrada até uma feira de rua caótica, que parecia experiências urbanas de São Paulo. É imprescindível ter presente que em vida ela já viajou a passeio à cidade paulista.<sup>58</sup> No sonho, durante o trajeto que a levou ao Inferno, ela viu uma longa e larga estrada. Ao chegar e descer do transporte, viu passar duas criaturas cobertas por fogo e maltratando um alma condicionada numa prensa de moer cana de açúcar.<sup>59</sup> Viu também muitas crianças do sexo masculino correrem, todas com bonés pretos. Foi naquele instante que uma alma a informou onde ela estava.

Imediatamente, Maria do Horto mirou as almas, não conseguindo identificá-las, pois estavam indecifráveis, muito pretas em virtude dos tormentos e sofreres nas labaredas infernais. Lá se deparou com taxistas e moto-taxistas pretos se chocando uns com os outros: um

<sup>57</sup> Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p. 25-26.

<sup>58</sup> Num conhecido site de compartilhamento de vídeos na internet há variadas gravações das apresentações de Dona Maria do Horto em várias partes do Brasil (entre 2007 e 2009), realizadas a partir do financiamento de um programa cultural de um reconhecido banco operante no país. Além destes e neste mesmo site, há um canal a ela dedicada. Ver: [https://www.youtube.com/channel/UCbm19oqdmML\\_5AagOmLWmkg](https://www.youtube.com/channel/UCbm19oqdmML_5AagOmLWmkg). Acesso em: 25/08/2016.

<sup>59</sup> É necessário compreender que os usos de prensas de moer e da cana de açúcar possuem presença na memória do Cariri. Uma obra que discute esse assunto é FIGUEIREDO FILHO, J. *Engenhos de rapadura no Cariri*. Coedição SECULT; Crato: Edições URCA; Fortaleza: Edições UFC, 2010. (Fac-símile da edição de 1958). Ainda hoje há, nas ruas das cidades do Cariri, pessoas vendendo garapa da cana de açúcar. Nas esquinas, feiras e em variados outros espaços, pequenas moendas improvisadas produzem o líquido aos olhos dos compradores.

cenário marcado por muitos acidentes automotores. Em certo sentido, creio tratar-se de uma metáfora visual reflexiva às próprias dificuldades encontradas no dia a dia citadino. Na atual cidade de Juazeiro, Dona Maria do Horto palmilha muitas ruas na resolução das suas questões cotidianas e nas práticas de devoção. Ela diz se recusar a fazer uso de taxi, mototaxis, em virtude da alta velocidade destes, dos acidentes rotineiros e do trânsito desorganizado da cidade, bem como com receio de que os sujeitos guiadores destes sejam representantes do maligno. Nesses termos, os desafios enfrentados no cotidiano citadino são também projetados como formas de sofreres no Inferno. E se o sonho pode ser um canal para viajar até lá, o mundo real pode esconder certas presenças indesejadas, com poderes para realizar tais percursos, mesmo os sujeitos estando acordados e dirigindo na cidade.<sup>60</sup>

Além de tudo isso, naquela viagem onírica ela viu uma cena impressionante: um trator de fogo levando muitos diabos, todos com chifres assustadores. O susto ao ver tais criaturas de chifres, e a certeza de estar dentro do Inferno, após vê-los, fizeram-na lembrar de rogar à Nossa Senhora. Essa memória a livrou das danações infernais. Quando recordou da oração do Ofício, e gritou por sua intercessão, uma explosão ocorreu. Conforme a narrativa, parece que um relógio disparou despertando-a daquele sono e, conseqüentemente, retirando-a dos labores do Inferno. Ao retornar e olhar para seu contorno, Dona Maria se viu subindo a ladeira do Horto. Não se pode esquecer que esta mesma narradora informou, anteriormente, o caso da mulher grávida a caminhar sozinha no período da noite na Colina do Horto, e, por isso, perseguida por um dragão ressurgido de um cemitério. Assim, Juazeiro é caminho do Céu, como ela menciona, mas também parece não ficar distante do Inferno.

No meu entendimento, a narrativa está atrelada a algumas lições do tempo, visto que as viagens oníricas ao além também apresentam ensinamentos, funções e revelações, a exemplo do que Schmitt prescreveu.<sup>61</sup> A primeira delas toca o mote da narratividade: a feira no dia de domingo. Segundo a entrevistada, o Pe. Cícero teria dito variadas vezes que as pessoas não fossem e/ou nem fizessem feira naquele dia da semana. Na ordem do calendário cristão, esse dia é dedicado ao descanso, visto que fora o momento no qual Deus, após a criação do mundo, descansou. Nesses termos, ele carrega uma origem ou datação mítica. E como o Todo

---

<sup>60</sup> Acidentes rotineiros, atropelamentos de pedestres, motociclistas e ciclistas, discussões entre motoristas e até assassinatos provocados a partir dessas tensões ganham matérias nos jornais e sites que versam sobre o trânsito na atual cidade de Juazeiro do Norte. Sobre um recente assassinato, ver: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/01/subtenente-e-morto-apos-discussao-de-transito-em-juazeiro-do-norte.html>. Acesso em: 27 de jul. de 2016.

<sup>61</sup> SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Op. Cit., p. 66-69.

Poderoso fez, seu rebanho deve seguir a ordem do tempo: deixar o domingo para o descanso e oração e, portanto, não trabalhar.

Destarte, a narrativa apresenta uma lição do tempo cristão e elucida uma exemplaridade. Naquela viagem, Maria do Horto reconheceu uma mulher que sofria duras penas naquela dimensão. Ao retornar, viu a mesma fazendo compras na feira do domingo. E, como se não bastasse vê-la, foi necessário dizer e avisá-la daquele perigo.

Dois outros detalhes na narratividade de Maria do Horto requerem atenção. Primeiro, ela afirma: “parece que estou vendo”, por duas vezes. Tal expressão, muito recorrente no Cariri, elucida a vivacidade da memória, como se falar sobre o assunto representasse reviver a situação, torna-a próxima do tempo da narração. Narrar, também significa avivar a memória da experiência vivida e dita, e ressignificá-la, presentificando o vivido. Simultaneamente, a expressão carrega formas de dizer aquilo que o ouvinte não acredita, visto que para algumas pessoas é necessário ver para crer. Assim, as sensibilidades do ver e do escutar se relacionam na memória. E falar também faz ver.

E aí está o segundo aspecto. É necessário ver. E ela pode fazer isso. No início e no fim da fala, Maria do Horto demonstra que ainda guarda a roupa com a qual foi ao Inferno. O tecido está lá, com ela, guardado, como garantia do ocorrido. Foi o que deu pra trazer daquela viagem ao mundo desenfreado, queimado e alucinado. Dessa forma, para ela foi possível ir e voltar, e guardar o tecido, usando-o para provar a todos como sua narrativa é verídica. Tal pano a faz lembrar e evidenciar a vivência da experiência.

Se Maria do Horto foi ao Inferno, voltou e resolveu contar para as pessoas, isso indica mais elementos fecundos da narrativa. A entrevistada lembra a mensagem segundo a qual quem vai ao Inferno em experiências oníricas não necessita voltar pra lá. Tal saber indica uma aceção na qual a própria narradora já sabe que não mais irá para aquela dimensão. Ela viveu a bondade do tempo, pois foi e voltou em vida. Todavia, outros foram para não voltar e, por conseguinte, não puderam a história contar. Nesses termos, ela ganha um lugar de distinção social. E não tem receio de dizer e redizer sua viagem àquele mundo perturbador.

Soando como à guisa de conclusão, já no final da entrevista, entretanto, Maria do Horto reforçou que ela não foi a única a viajar para aquela dimensão infernal em um sonho. Em um lugar distante, no seu torrão natal, outro sujeito também já o fizera. Nos delineios finais da gravação, ela contou:

Olhe, lá no meu lugar um senhor foi no Inferno em sonho, claro que foi a primeira pessoa [tosse] aí faz a, ele estava morto, mas quando ele foi ele foi em sonho que quando ele chegou fizeram mortalha, fizeram tudo né? Que

quando dá vinte e quatro horas, essa doença, a cólera, porque esse cólera, essa doença antes disso a pessoa não pode enterrar depois das vinte e quatro horas, que tá vivo. Quem ele se revoltou: um touro assombrado, primeiro que ele entrou...

— Eu fui no Inferno, eu vi você, a primeira que tá lá no Inferno costurando.

[...] Marchante que num pesa a carne direito. Vinha um compadre vendia camarão, vendia nuns litrinhos. Disse que é bom, é bom que a pessoa sabe se [...] os filhos dele ainda tá lá. Aí você sabe que quando ele levantou que tem essas tabocas no quintal, olha no quintal dele ele queimou as tabocas tudinho e se mudou e a mulher não costurou mais nunca. Se você pensar muito...<sup>62</sup>

Um homem atingido pela cólera é sujeito da narrativa. Depois do infortúnio, ele foi considerado como morto. Os vivos já haviam preparado sua mortalha e os detalhes para o rito do enterramento. Todavia, era necessário esperar 24 horas para realizá-lo, pois a doença mencionada às vezes engana os vivos, deixando-os como se estivessem mortos. Antes do tempo do sepultamento, o homem ressurgiu perturbado. Ele contou ter ido ao Inferno e encontrado pessoas conhecidas por lá, como um “marchante” – termo comumente pronunciado no Cariri para designar pessoa que compra e vende carne bovina, açougueiro – e um compadre vendedor. O encontro entre o sonhador e esses mortos colocou em cena a lição da honestidade.

“Se você pensar muito” pode perceber que um marchante que não pesa a carne corretamente durante a venda é desonesto com o comprador. Logo, ele poderá ficar nervoso como um touro assombrado quando for ao Inferno ou quando ele voltar de lá, se isso ocorrer. “Se você pensar muito” poderá entender que um vendedor que engana seus clientes repassando-lhes poucos produtos como se fossem muitos pode perder toda a plantação do seu quintal, e, conseqüentemente, perder tudo o que possui. “Se você pensar muito”, lembrará que poderá ir ao Inferno para não mais voltar. Seguindo a direção desses termos e tempos exemplares, é necessário, para o cristão do século XXI, “pensar muito” para não cometer os pecados capitais, como é o caso da cobiça e, com isso, não ser desonesto com os outros.

Pelo que foi exposto, é possível inferir a existência de comunalidades e singularidades tocantes às aparições dos mortos nos sonhos dos vivos da atualidade. Vê-los nas experiências oníricas significa, grosso modo, encontrá-los em circunstâncias bastante

<sup>62</sup> Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p. 26-27. Creio que a narradora se referiu a uma experiência vivida no estado do Sergipe. Mas a cólera não deixou de levar a vida dos caririenses. Sobre esse assunto, a dissertação do historiador Juciêdo Alexandre é uma leitura indispensável, ver ALEXANDRE, Juciêdo Ferreira. *Quando o “anjo do extermínio” se aproxima de nós: Representações sobre o cólera no semanário cratense O Araripe (1855-1864)*. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.



específicas, enigmáticas e, às vezes, ambíguas, entre os dois mundos. Todavia, tais experiências apresentam signos culturais comuns à comunidade emocional dos narradores.<sup>63</sup>

Nas narrativas, as aparições tocam as dimensões da visibilidade e invisibilidade dos mortos, estando elas entrelaçadas às questões alusivas ao merecimento dos vivos e as demandas dos mortos. Segundo alguns narradores, como é o caso de Seu Nivaldo, para vê-los não basta querer, é necessário merecer. Além disso, não cabe aos narradores escolherem os tempos das aparições, invocarem ou desejarem decifrar os estados e caminhos dos falecidos. São estes que, a contrapelo e imersos em muitos mistérios, invadem os sonhos durante os sonhos e os momentos de vigília. Já para outros entrevistados, a exemplo de seu Luiz André, o pensamento é o caminho através do qual os vivos conduzem o encontro onírico com seus mortos. Assim, eles são sujeitos ativos nos reencontros durante seus sonhos.

Nos registros orais gravados, os mortos impõem mensagens, às vezes sublimes, em outras desafiadoras. Em alguns casos, eles elucidam alguns mistérios da sua ascensão no outro mundo por meio de signos, gestos, cores, símbolos avistados pelos olhos da alma dos sonhadores. Em outras experiências, ele vem ao encontro dos parentes e da terra natal para se despedirem, bem como cobrarem obrigações relacionadas aos ritos fúnebres e as lições do tempo, marcadas, sobremaneira, pela necessidade dos vivos enfrentarem as dores da morte dos familiares e de viverem o tempo do enlutamento.

Os sonhos são narrados como mecanismos que ajudam a decifrar os mistérios temporais dos mortos no além e, igualmente, a resolver pendências terrenas dos parentes do falecido. Eles dão orientações aos narradores. Portanto, nas entrevistas, as memórias sobre o sonhar com os mortos colocam em cena a credulidade dos fiéis e as tentativas de interpretações dos estados temporais dos mortos e, igualmente, as expectativas sobre o futuro dos vivos.

Na verdade, acredito se tratar das especificidades de uma outra leitura sobre o tempo: são as temporalidades oníricas. Estes são canais através dos quais fendas e lampejos da eternidade se manifestam entre os vivos. Marcados pela singularidade da coexistência entre os dois mundos, pela possibilidade dos mortos e dos vivos transitarem entre o mundo terreno e as dimensões do além cristão no tempo do sonho dos sujeitos, os tempos oníricos são portais de acesso ao outro mundo sem, no entanto, se desprenderem do tempo terreno. Elas rompem a linearidade do calendário cristão, embora continuem atreladas a ele, uma vez que os sonhadores

---

<sup>63</sup> A noção de comunidade emocional foi usada em conformidade com a proposta de Rosenwein, que a entende, em síntese, como constitutiva por grupos sociais em que os integrantes partilham as mesmas valorações acerca das emoções e das formas de expressão. ROSENWEIN, Barbara H. *História das emoções: problemas e métodos*. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 21-22.

permanecem presos ao mundo e ao tempo terrenos. Assim sendo, as temporalidades oníricas são misturadoras do além e do aquém.

No terreno fértil da imaginação, a visualidade entre vivos e mortos nos tempos oníricos, sejam eles vividos no plano terreno, sejam nos caminhos do além cristão, evidenciam exemplaridades e formas sociais de temporalidades múltiplas, arraigadas e a floradas a partir das lições do tempo. Ir e vir entre os dois mundos possibilita para os vivos tanto reencontrar quem já partiu, e aprender com suas exemplaridades, quanto encontrar um rumo pra viver entre os seus que ficaram na Terra.

Os mortos invasores dos seus sonhos são, em muitos casos, pessoas integrantes da cartografia dos seus afetos, como filho(as), irmã(os), pais, maridos e esposas, bem como pessoas integrantes da estrutura de parentesco mais distantes, a exemplos dos tio(s), e genros. Além destes, mortos desconhecidos irrompem o sono dos entrevistados, para, de alguma forma, desafiar, ensinar os exemplos do tempo, tornar, de algum modo, visível o invisível, decifrável o indecifrável, tornar presente um ausente ou presentificá-lo. Nesse terreno, as obrigações dos vivos sobre a memória dos mortos são chaves interpretativas para entender o dito e o silêncio do não dito, dos vivos e dos mortos.

Sonhar com os mortos ajuda a entender e a viver as dores urdidas entre os dois mundos, um vivendo na concretude dos seus labores e pesares, e outro construído nos férteis caminhos da imaginação. As artes das memórias apresentam recortes que tocam o emocional dos narradores e o transcendental urdido nos saberes partilhados e reinventados socialmente. Ao interpretarem seus próprios sonhos, eles costuram as memórias como um artesanato, resultado da atuação de muitos artesãos do passado e do presente, fiadores da tradição, aproximando letra escrita e as narrativas da voz, entrelaçando na imaginação aquilo que é mais sensível: o desejo de eternidade.<sup>64</sup>

Há, todavia, falecidos que não precisam fazer nenhuma viagem a fim de encontrar os vivos, seus conhecidos e/ou desconhecidos. Eles já estão no mundo terreno, convivendo entre as pessoas, circulando e adejando os espaços. E às vezes, são vistos, percebidos pelo olhar sensível e/ou sentidos na pele arrepiada e no frio que a faz tremer. Mas, como os entrevistados convivem com esses seres? Eis o novo do próximo e último capítulo.

---

<sup>64</sup> O termo *artes das memórias* foi pensado para designar o entendimento da memória como um artesanato que, tecido nas urdiduras do cotidiano, entrecruza o tempo lembrado e o tempo da lembrança; o individual e o coletivo; o material e o simbólico; a rememoração, o esquecimento e o silêncio; as paixões, a informação e os interesses; o pensamento racional e o emocional; O registro e sua invenção. Cf. NEVES, Margarida de Souza. Nos compassos do tempo: a história e a cultura da memória. In: SOIHET, Rachel et. al. *Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p.22.

#### 4. ANTES DO TEMPO? MORRER DE TEMPO

“A vontade de Deus é inescrutável”  
(Gabriel García Marquez)

Há pouco tempo atrás, uns sons estranhos despertavam a atenção de alguns narradores, arrepiava a pele dos ouvintes e gerava muitas conversas entre os moradores dos sítios Brito e Cabeceiras, bem como de suas áreas circundantes, em Barbalha. Tais experiências sonoras misteriosas vieram à tona no diálogo que teci com o penitente Nivaldo Santos.

No momento em que ele começou a construir sua narrativa perante meu gravador e minha escuta curiosa, sentamos nas cadeiras situadas no alpendre da casa do seu irmão, residência na qual nos encontrávamos, e Seu Nivaldo foi relatando e descortinando as narrativas que ouvia dos mais velhos:

**Joaquim:** Então Seu Nivaldo, eu estou conversando com idosos, com pessoas católicas, sobre as histórias de almas que as pessoas contam. O senhor já viu alguma alma? O que é que os mais velhos contavam sobre as almas?

**Seu Nivaldo:** Sobre o que os mais velhos contavam, eu já ouvi muitas histórias de gente velho, idoso contando sobre alma, sobre lobisomem que diz que aqui tinha até um homem que virava lobisomem, diz que Vicente Fino. Que muita gente via ele virado num animal, num cachorro, num poico, numa coisa. [...]

**Joaquim:** E era a alma dele?

**Seu Nivaldo:** Rapaz, ninguém sabe o que era. Eu até num acredito não. Muita gente acredita nessas coisas, mas eu nunca acreditei. O povo vê uma alma num sei o que, eu num acredito não.

**Joaquim:** E o que é que os mais velhos contavam para o senhor?

**Seu Nivaldo:** Contava porque alí tinha uma casa velha, lá no, alí depois do Brito. Aí o povo via muita coisa. Eu mesmo já vi. Nós ia pra rua assim uma base de, nós vinha da rua, uma base de dez e meia da noite, aí tava aquele homem de branco. Quando vi o homem de branco, aí quando nós vinha chegando perto ele foi e entrou dentro de casa. Mas a casa já tava descoberta. Nós olhemos acabou-se o homem. Mas alí podia ter uma pessoa escondida, também se escondendo, mas ninguém ia sonsurar que era uma alma. Eu num

acredito não por isso porque eu num tem essa insinuancia de dizer: -aquilo alí eu vi uma alma, não porque era uma pessoa. Como eu posso dizer que era uma alma, tipo gente, normal? Aí muita gente vê assombração, dizia que via assombração de primeiro, os mais velhos tudim de primeiro dizia, mas eu nunca acreditei.

**Joaquim:** E o que é que eles diziam?

**Seu Nivaldo:** Dizia que ouvia os gritos, era bramura mesmo, bramura mesmo. Quando chegava perto desaparecia, eu num acredito não. Podia ser até uma pessoa fazendo isso.<sup>1</sup>

O narrador lembrou-se de quando viu um “homem de branco” aparecer e desaparecer misteriosamente em certa noite. O “homem” teria entrado em uma velha casa, já destelhada, ao que ele indica abandonada, e presente nas narrativas dos moradores como um “lugar de assombração”. Curiosos, eles o seguiram, se aproximaram e adentraram no recinto antigo, não restando, entretanto, vestígios daquele sujeito. E a imagem refletida à luz do olhar ficou na sua memória, bem como a velha casa abandonada e sobre a qual as pessoas contavam muitas histórias.

Porém, mesmo tendo vivido essa experiência e tendo escutado variadas vezes dos mais velhos, narrativas sobre aparições e barulhos assombrosos, o penitente acentua, de forma redundante, descrever naquelas visões e histórias sobre coisas sobrenaturais, embora um tom misterioso permaneça na sua fala. E quando indagado sobre as memórias que escutou, ele prontamente falou sobre um grito que a muitos incomodou. Em alto tom, e por ele identificado como uma “bramura”, aquele som ganhou a vez na nossa conversa. E o homem de branco e a casa velha perderam lugar no diálogo. Entretanto, naquela circunstância, ele também negou crer na aparição sonora arrepiante e desconfortável. Ao negá-la, todavia, foi interrompido pelo irmão, Seu Antônio, que prontamente afirmou a veracidade do grito perturbador e ressonante:

**Intervenção do Seu Antônio:** O grito é verdade homem. É verdade que eu ouvi funcionando. Podia ser uma pessoa né? Podia ser até uma pessoa fazer isso pra assombrar o povo, que cadê o grito mais?

**Joaquim:** Como era esse grito?

**Intervenção do Seu Antônio:** Era um grito que nem um engasgado, que nem fosse rinchando, queria latir, berrando. É o caso de Vicente Fino né? Eu nunca vi Vicente Fino virando um bicho né? Aí o povo conta a história de Vicente Finim diz que ele virava bicho né? Agora ele dizia as coisas porque ele tinha velocidade para andar, era um negócio mei sério viu. Aí o povo diz que ele virava bicho. Ninguém sabe não né?

**Joaquim:** Mas como era esse grito que senhor estava falando?

**Intervenção do Seu Antônio:** Esse grito eu já vi, e muita gente viu. Minha irmã viu alí. Eu já vi, eu ia mais um menino alí chamado Luís, e nós vinha descendo e louro tá vivo alí pra contar a história, e nós vinha descendo aí

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha. p. 1-2.

ouvimos aquele grito que vinha subindo e nós vinha descendo. Nós morava na capela, pertinho da capela aí. Esse grito rinchava, latia, misturava aquele angu danado né.. Aí quando nós caminhamos correndo com medo, já vinha pra suas casas, com medo. Ele já tava gritando lá em riba. Gritou rápido. Isso eu conto e não tenho medo de tá pecando, porque eu não pequei nessa hora, por que eu vi, vi e me assombrei. Porta da cozinha lá em casa, bati, abriram a porta. E entrei pra dentro. Agora só que eu só achei que era parecido com uma coisa porque o grito deu pra'qui assim. Aí quando pensamos que não, o grito tava pra lá [aponta com as mãos para direções contrárias].

**Joaquim:** E era uma coisa de alma do outro mundo?

**Intervenção do Seu Antônio:** Ninguém sabe o que era não.<sup>2</sup>

Intervindo de forma insistente e puxando para si o tom da conversa, Seu Antônio salientou não ter dúvidas da existência do grito. Tal veracidade é indicada no tom firme da sua voz e no alto “funcionamento” sonoro, afinal, ele escutou o grito “funcionar”. Se de alguma forma há dúvida, como expressa nas palavras, ela deve recair na origem da sonoridade, pois para além das manifestações do outro mundo, poderia, também, ser provocada por um vivo. Mas, sua real entonação e propalação são indubitáveis.

Ele aproxima o grito às histórias narradas sobre personagens das localidades próximas e transeuntes, como é o caso de Vicente Fino, identificado por muitos como um “lobisomem” e/ou um homem que possuía a capacidade de transmutar-se em muitos bichos.<sup>3</sup> Embora o grito não fosse deste ser, o narrador os aproximou para demonstrar as histórias contadas pelos idosos do passado e por seus velhos contemporâneos. Sobre o caso de Vicente Fino, o narrador desconfia, pois nunca presenciou sua metamorfose ou o avistou transubstanciado.

Sendo grassado na direção contrária a qual Seu Antônio caminhava com outros sujeitos, em direção à sua residência, nas proximidades da Capela de Nossa Senhora de Lourdes, localizada em Cabeceiras, o grito foi entoado de forma bastante singular. Como afirma o narrador, ele “rinchava, latia, misturava aquele angu danado” o que perturbou os ouvintes.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Intervenção de Seu Antônio Sales na entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, sítio Cabeceiras, Barbalha p. 2-3.

<sup>3</sup> Segundo a matéria publicada no *Jornal Diário do Nordeste*, em 31/10/2007, Vicente Araújo da Silva, conhecido como Vicente Fino, morou no sítio Cabeceiras e faleceu na década de 80 do século XX, tendo sido propalado na tradição oral da região como um lobisomem e/ou um homem com a capacidade de transformar-se em bichos. Ver: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/as-diversas-faces-do-saci-1.380041>. Acesso em: 08/09/2016. Sobre sua presença nas rimas dos poetas, ver MIRANDA, João. *Meu Pé-de-Serra*. Fortaleza: Gráfica Simões, 1998, p.13.

<sup>4</sup> A palavra *rincar* é usada na região para demonstrar o som e o gesto de cavalos e burros. Também é usada para designar risos exagerados e, outrossim, debochar de pessoas. Cf. o verbete “Rincar/Rinchadeira” da obra SARAIVA, Andréa. *Orélio cearense*. 4 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013, p. 214. Já o termo “angu” designa a comida pastosa produzida com milho, água, sal e condimentos. No sentido figurado, representa confusão, intriga, barulho e também “mistura de coisas díspares, desordenadas, briga, desordem”. Cf. GIRÃO, Raimundo. *Vocabulário popular cearense*. Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2007, p.70.

Além da peculiaridade sonora do grito, sua mudança de direção – antes contrária ao palmilhar do narrador – entoado próximo a ele, é o elemento de confirmação de que aquele som era uma “coisa”, porém não substantivada na entrevista. Ele não a viu com a luz dos olhos, mas “viu” ao sentir o medo arrepiando o corpo, com as sensibilidades da memória e da imaginação. A coisa não tem nome, mas era um grito.

No momento em que foi interpelado, Seu Antônio não respondeu se se travava de uma alma, optando por não afirmá-la, deixando um enigma na situação. Seu Nivaldo, entretanto, acompanhou a narração do seu irmão, e retomando para si a direção da entrevista, explicou:

**Seu Nivaldo:** O povo contava assim: que era um cara que era muito ruim pra mãe e pro pai. Aí quando os pais iam reclamar uma coisa ele gritava aos pais e ficava abusado com os pais. Aí quando foi uma vez um pai foi falar, o pai dele foi falar, ele foi e partiu pro pai, deu uma surra no pai. *Aí o pai disse que quando ele morresse era de andar gritando direto, até Deus dá a pena igual dele, o tanto de ano pra ele, [gagueijos] correndo da glória. Aí dizem que ele ficou, depois que ele morreu, ele ficou nas estradas arriba e abaixo gritando.* Eu mesmo já vi, um vez eu, morando nas cabeceiras, aí uma irmã minha casou, aí eu ia mais meu cunhado que casou com minha irmã, pra casa dele, assim, a base de onze e meia da noite, aí com uma pouco nós chegemos alí num [?] que tinha, aí o grito gritou atrás de nós. Aí não tinha pra onde nós correr porque nós não tinha casa. Aí nós na carreira. Nós não podia correr pra dentro de casa, porque não tinha casa. Aí eu e ele correndo, correndo, correndo, quando chegemos dentro de um borrocão que tinha, lá que era de frente da casa de um homem que chamava Antônio Reinaldo, aí ele gritou mais perto. Aí nós corremos. Quando fumos subimos a barrocão, a ladeira, era um riacho num sabe? Aí quando nós fumos subindo no riacho, ele gritou em nossa frente. Passou por nós e nós não vimos. Um grito feio de tremer. Do caba ficar tremendo. Era assim, como quem tava uivando, como quem tava rinchando, como quem tava berrando, como quem tava roncando. Uma coisa mais feia do mundo, assim embalerado. E era alto. Aí eu me assombrei, nesse dia. Ai nós corremos, quando ele gritou na frente. Aí nós não voltemos pra trás. Peguemos uma vareta, e saímos dentro do riacho, aí subimos de rio a riba pra chegar na bucama pra nós entrar na casa dele. Aí nós fumos pra casa dele. Aí nesse tempo, nós ia voltar pra trás porque a mulher dele tinha ficado lá casa, na casa da minha mãe. Aí nós dormimos lá, na casa com medo de voltar pra trás. Assombrava. Era coisa de assombrar mesmo. Uma assombração feia, o grito mesmo. Tudo mundo se assombrava. Se ele viesse na estrada e gritasse assim na estrada se você tivesse numa rede, tremia a rede. O caba ficava tremendo dentro da rede. Eu num sei como nós não caímos nesse dia. Nesse dia perto de nós.

**Joaquim:** Não via ele?

**Seu Nivaldo:** Não. Ele passou por nós, gritou na frente, nós voltemos pra trás entremos numa vareda tremendo, chegemos dentro do rio, que aqui tem um rio desce da Arajara vai direto pra Missão Velha, esse rio grande daí, ele passa na ponte de Barbalha. Aí nós saíamos dentro desse rio e subimos rio arriba. Chegemos lá, na entrada da casa dele, fumos pra casa dele que nós ia buscar até umas gomas pra fazer umas tapiocas lá em casa, no outro dia, bem cedo. Aí nós não voltemos, nós ficuemos na casa dele, dormimos na casa dele

porque não tivemos coragem de voltar pra trás. Eu assim, garoto de uns quinze anos, e ele já casado assim um homão de trinta anos.

**Joaquim:** E hoje esse grito ainda aparece?

**Seu Nivaldo:** Não. Não aparece mais. Parece que chegou a sentença dele de desaparecer, como o pai dele falava e a mãe dele, e acabou-se. Que de primeiro tinha os exemplos.<sup>5</sup>

A narrativa tem princípio, meio e fim. E se no início da entrevista ele afirmou desacreditar dessas histórias que o “povo conta”, inclusive nas narrativas sobre o grito, agora ele se apresenta como uma testemunha.

No princípio, um sujeito atrevido, abusado e desobediente aos pais foi apresentado. Não há, na narrativa, informações se eles moravam sob o mesmo teto, descrições físicas, estado civil ou outras informações, posto que a trama logo foi direcionada para as relações tensas entre os pais e o filho, sendo este o pivô dos desentendimentos.

Gritar com a mãe e com o pai é, nos códigos culturais dos sertões e nos escritos bíblicos, um grave erro, um pecado grosseiro, um sério desrespeito a um dos dez mandamentos da *Lei de Deus*: “Honre pai e mãe: desse modo, você prolongará sua vida”, ensina o quarto mandamento (*Ex. 20: 12*). Nas tramoias narradas nos sertões, havia no passado, e continua perdurando no presente, penalidades atribuídas aquele(a)s desobedientes e agressivos para com seus pais. Como frisou Régis Lopes Ramos, partindo da lógica do merecimento e das artes do exemplo, alguns folhetos de cordel circundantes no Cariri narram castigos materializados na transmutação do corpo humano em coisas e seres, mudanças estas contadas de forma inesperada e indesejada, urdidas nos mistérios do sagrado eivados de signos como castigo e punição.<sup>6</sup> De igual modo, nas crenças dos narradores, as forças do além podem agraciar o fiel com a concessão de um milagre, mas podem, igualmente, atribuir-lhe penalidades.

O homem narrado gritava frequentemente com seus genitores, desobedecendo suas palavras e agredindo-os verbalmente. Como se isso não bastasse, tal confusão familiar foi agravada quando o “cara” agrediu fisicamente seu pai, espancando-o. Tudo isso justificou a maldição lançada contra ele. E, tempos após sua morte, ela se concretizou. Tal qual o sujeito em vida gritava de forma grosseira, exagerada e agressiva com seus pais, sua alma continuo vociferando após sua morte. Ela permaneceu sofrendo no mundo dos vivos, percorrendo muitos caminhos e veredas sem lugar, amparo e orações.

<sup>5</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha p. 3-4. Grifo meu.

<sup>6</sup> Aqui vale lembrar os folhetos *O rapaz que virou bode porque surrou a mãe dele*, de Luís de Lira, e *A moça que bateu na mãe e virou cachorra*, de Rodolpho Coelho Cavalcante. Cf. RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O meio do mundo: território Sagrado em Juazeiro do Pe. Cícero*. Fortaleza: EDUFC, 2012, p. 243.

Depois de revelar parte do mistério, Seu Nivaldo contou o caso que lhe ocorreu. Nos idos dos seus 15 anos de idade, nas horas em que se aproximava à meia-noite, ele seguia seu cunhado à sua residência. No delineio do trajeto, o grito entoou seu sofrer, perseguindo-os. A altivez do som e seus rápidos deslocamentos provocaram o temor entre eles, reforçado pela singularidade tenebrosa e horrível da sonoridade. O grito fazia tremer. Como se uivasse, rinchasse, berrasse e roncasse, o grito misturava tudo isso, tornando-se a “coisa mais feia do mundo”. Eles conseguiram fugir e chegar à casa desejada quando saíram da estrada e seguiram o trajeto de um rio próximo. Porém, não conseguiram voltar na mesma noite. O medo não permitiu. Desde então, Seu Nivaldo não mais ouviu o som tenebroso, no entanto, não deixou de recordar dele. Ele explica porque ninguém mais contou sobre aquelas aparições: seu tempo chegou ao fim.

A finitude temporal foi representada pelo fim da sentença do morto, estando ela resguardada a ordem cristã do tempo, isto é, aos enigmas de Deus. Um tempo que é certo e misterioso, concomitante. Tal sentença constitui, a meu ver, a chave de leitura dessa narrativa. O mesmo tipo de pecado contra os pais, sofrido pelo filho, e o mistério divino do tempo amarram a trama. As memórias sobre o som perturbante do passado chamam a responsabilidade dos ouvintes para que outros gritos não voltem a assombrar os vivos do presente.

Outro detalhe ganha o desfecho na narrativa, estando atrelado, do início ao fim, aos ensinamentos da trama narrada: sua exemplaridade. Afinal, Deus ensina através do tempo. Seu Nivaldo deixa claro que, no pretérito, existiam exemplos. Nesse sentido, a manifestação daquele morto gritando nas estradas é um exemplo, sobretudo aquele que não deve ser seguido e/ou praticado. Nesse caso, a maldição pronunciada pelos pais é o fator desencadeador da punição divina. O pedido dos genitores foi atendido pelo Criador, ou seja, o sagrado deixa suas enunciações por meio das exemplaridades assombrosas.

Essas narrativas nos convidam a ponderar sobre os usos dos exemplos tocantes o tempo dos mortos no passado e suas memórias no presente. Sobre essas nuances, cabe indagar: como os narradores significam a relação entre as aparições dos mortos e o tempo da vida, da morte e da eternidade, concernente ao passado dos idosos e ao presente dos seus dias? De que forma as crenças sobre as assombrações expressam os ensinamentos de Deus mediante as lições do tempo?



## 4.1. Entre escutar e falar, gemer e gritar

### 4.1.1. Rumores de lá e de cá

As aparições sonoras dos mortos atravessaram variadas conversas que teci com os entrevistados. Tal qual o caso mencionado há pouco, outros gritos também foram narrados, descortinando o universo das sonoridades estranhas e enigmáticas, como conta a rezadeira e penitente Maria Generosa:

**Joaquim:** Como é essa história das almas vaqueiras? O que é que as pessoas diziam?

**Maria Generosa:** É que os vaqueiros...

Sim, por falar nisso, lá no caminho do Sertão de onde eu morei tinha uma cruz, chama a Cruz dos Vaqueiros né. Aí quando é um dia eu ia mais uma menina, uma garotinha assim, de noite, que a gente saia daqui e só chegava lá de noite né. Naqueles altos tinha até uns, aí quando nós chegemos antes da cruz, aí gritou:

— Ê ê ê ê...

A menina disse:

— Maria lá vem Quinco.

Que era uma homem que bebia muito lá né. Eu digo:

— É nada. Supôs logo que não era. - Num é nada. Aí ela:

— É Quinco, é Quinco!

— É o quê menina!

Caminhemos. Quando nós passamos da cruz, outro grito mais perto. Ela disse:

— Vamos correr!

Eu disse:

— Eu num corro pra canto nenhum que num é ninguém.

— E tu num tá vendo não? é ele que vem da feira.

Eu disse:

— É o quê! [Risos]. É não.

Eu sou assim mesmo. Quando nós andemos assim um pouco, que andemos chegemos mais adiante, outro grito. Ela disse:

— Ele vem bem alí.

Eu disse:

— Num vem em canto nenhum. Nós fica aqui, a redor aqui, nós se arreda e ele passa, ele num vai dizer nada com ninguém.

Nunca! Num era nada, era grito nos altos mesmo alí. De noite, e a menina querendo correr. Eu digo:

— Pois você num vai correr, você num corre não que eu num vou correr.

Porque? Porque ter medo de uma alma? porque é um vento né? Num tem aquela novela né, daquele menina que entra num canto e sai em outro... Risos, quando dá fé ela entra. É isso.

**Joaquim:** A alma é como um vento?

**Maria Generosa:** A alma é como um vento. Porque ninguém num pega numa alma. Se vê, se sonhar, se... Num vai pegar na mão dela e nem nada né? Por quê? Porque num pode que é...

**Joaquim:** E essas almas dos vaqueiros eles se salvam também?

**Maria Generosa:** Salva, eles se salva. Alí Deus perdoa todos os pecados da gente né. Alí precisa de um perdão. Tendo perdão né. Agora não tendo perdão.<sup>7</sup>

Na interpretação construída por Maria Generosa, não era nenhum homem que gritava naquelas passagens. Era, sim, uma alma. E para justificar sua resposta e esclarecer a situação para os ouvintes, ela foi enfática: as almas são como o vento. Ou melhor, são ventos. Assim, conseguem se deslocar facilmente, atravessar paredes, objetos e percorrer longos percursos, inclusive, nas estradas rurais nas quais a narradora e sua acompanhante palmilhavam.

Por fim, ela tenta reforçar o que diz lembrando cenas da novela *Alto Astral*, exibida semanalmente, de segunda-feira a sábado, às 19h, pela Rede Globo de Televisão. Vale frisar que a entrevista foi produzida em 18 de abril de 2015, data situada no período intervalar de sua exibição, circunscrita entre 03/11/2014 a 08/05/2015. Maria Generosa afirma assistir aquela produção novelesca todas as noites. Tal novela apresentava a coexistência entre vivos e mortos no mundo terreno, suas relações e crenças tocantes à evolução dos espíritos, apresentando, claramente, uma abordagem espírita sobre a vida após a morte. Em variados capítulos que assisti, os mortos ultrapassavam paredes, apareciam e desapareciam misteriosamente, sendo imateriais, como o vento.<sup>8</sup> Na construção dos conhecimentos narrados oralmente há, portanto, simbioses de valores e saberes da tradição com os artefatos culturais da atualidade. São retratos sociais dos hibridismos culturais.

A ideia do espírito ventoso também foi apresentada por outros interlocutores. Foi o caso do agricultor Luiz André Tavares, nascido e crescido no alto da Chapada do Araripe. Na circunstância em que ele narra sobre o momento em que a alma e/ou o espírito sai do corpo morto, eu lhe perguntei:

**Joaquim:** E ele tem tamanho? Cor? Como é que é?

**Luiz André:** [Risos] Eu acho que seja assim que nem um vento né? Seja assim que nem um vento, assim que nem o Divino Espírito Santo. O Divino Espírito Santo é um vento. É um vento. Eu acho que o nosso espírito é assim que nem o Divino Espírito Santo. É assim, um vento. Só pode ser um vento.

**Joaquim:** E tem sombra?

**Luiz André:** Tem.

<sup>7</sup> Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18/04/2015, na sua residência, bairro Casas Populares, na cidade de Porteiras. p. 9.

<sup>8</sup> A telenovela *Alto Astral* somou um total de 161 capítulos. Na Página *Memória Globo*, a trama da produção de Daniel Ortiz é assim descrita: “Dois irmãos médicos, um vilão e outro com poderes mediúnicos, disputam o amor de uma mesma mulher. A trama que envolve este triângulo amoroso é recheada de maldade, traição, vidas passadas, sofrimento, adoção e amor.” Ver: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/alto-astral/alto-astral-trama-principal.htm>. Acesso em: 09/09/2016.

**Joaquim:** E senhor já ouviu história de sombra, assim de espírito?

**Luiz André:** Num tem, num tem, num tem um vivente para não ter sombra né? Porque até o vento tem sombra. O vento tem sombra, porque ele vive, ele tem sombra. [...] A nuvem lá em cima, num deixa uma sombrinha lá embaixo, na terra? Pois é, pois mesmo assim é o vento. O vento tem a sombra, agora ninguém faz é ver.

**Joaquim:** O espírito também tem a sombra?

**Luiz André:** O espírito também tem a sombra. A poeira, a fumaça, a fumaça num tem sombra? A poeira num tem sombra? tudo no mundo. Todo vivente, tudo que se passa no mundo Deus deixou com a sombra. Agora que ele, Deus deixou a sombra do vento, a sombra da puagem, daquela puagenzinha, ninguém vê porque ali é que nem um tipo encantado. Que nem um tipo encantado, num é pra ninguém vê. É que nem o tipo da morte, ninguém... nós tem por certeza que nós tem a morte, mas ninguém num vai impressionar. Nós tem por certeza. Nós impressiona? A morte? Pois é, mesmo assim é o rastro do vento. O vento tem até rastro.

**Joaquim:** E o espírito tem rastro?

**Luiz André:** Tem, ele anda caminhando. Num é voando não. É caminhando. Agora que ninguém vê, ninguém vê. Tem o rastro, tem a sombra, agora ninguém vê. É encantado.

**Joaquim:** E gente não vê porque é encantado?

**Luiz André:** Porque é encantado, e é um vento. É um vento. Tudo que o Deus fez que não era pra nos vê: o vento; o nosso espírito, nós sabe que nós temos, mas nós num vê; nós vê, nós vê, nós vê o vento andar, pensa que ali num tem sombra, mais ele tem a sombra e tem o rastro.

**Joaquim:** E o espírito também?

**Luiz André:** E o espírito também. Você pode chegar, você pode chegar...

**Joaquim:** E tem como saber, por exemplo, se um espírito chega perto? O espírito ou uma alma?

**Luiz André:** E rapaz, eu acho que dá porque sabe como é? Porque dá uma frieza no corpo da gente. Dá uma frieza. Dá aquela frieza assim que nem for um gelo. Quando você, ó, quando você for numa estrada que sentir aquele, aquele, aquele calor, pode tá fazendo o frio como tiver, você indo numa estrada, e sentindo aquele calor, ali vem, ali vem o quê, ali vem um vento mal, que tem o vento mal. Tem o vento, o vento mal é pra dá gripe, pra da dor de cabeça, pra intoxicar sua vista.

**Joaquim:** E esse vento mal é o espírito?

**Luiz André:** Não. É só o vento.

**Joaquim:** E tem espírito mal também?

**Luiz André:** Tem [Risos].

**Joaquim:** O senhor conhece alguma história ou já viu algum espírito mal?

**Luiz André:** A gente tira por isso, num sabe. A gente tira que tem o espírito mal, e o espírito do bem. O espírito mal é aquele que tira a vida de outro. Ali ele num tá com o espírito dele, porque Deus, Deus, ave Maria, o caba ispiando pra otro assim, papoca: pá, pá, pá... Ele num tá com o espírito? Outro conversando e tira a faca: pá. Ali tá todo, tá com o espírito do Satanás homem. É o que chama o espírito do Satanás, o espírito mal.<sup>9</sup>

Segundo o Sr. Luiz, o espírito humano tal qual o Divino Espírito Santo, “só pode ser um vento”. Nas Escrituras Bíblicas o Sagrado se manifestou em forma de um pombo, na

<sup>9</sup> Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, Bairro Campo Santo. Porteirias p.13-14.

composição imagética da tríade celeste ou Santíssima Trindade, composta pelo Pai, o Filho e Espírito Santo. Tal imagem foi fortemente difundida no mundo cristão, e permanece sendo um dos dogmas da Igreja. No Cariri, há uma profusão de imagens do Divino Espírito Santo materializado na pomba branca e estando junto de Cristo, da Virgem Maria e de outros Santos, estampadas nos mais variados suportes, desde as camisas vendidas nas muitas barracas e lojas de artefatos religiosos, aos quadros pendurados nas “paredes de santo” e nos oratórios domésticos.<sup>10</sup> Mesmo assim, Seu Luiz afirma tratasse-se de um vento. Na verdade, a forma de pombo não exclui o Vento Santo.

No que tange ao espírito dos homens, não há outras explicações para sua forma. Ele é sutil e invisível, mas que, porém, se faz sentir, perceber. De igual modo, ele tem sombra, tal qual a poeira e a fumaça. O narrador equipara a sombra do espírito à morte, e exemplifica como todos sabem sobre sua existência, embora ninguém a vê. E se não se faz ver a luz dos olhos, há motivos e explicações cabíveis: ela é encantada, do mesmo modo como outras invenções divinas também são. Para o Sr. Luiz, todavia, mesmo sendo ventos, os espíritos se deslocam caminhando, tal qual os vivos. Desta maneira, deixam seus rastros, porém, sendo estes igualmente invisíveis.

Nesse sentido, não fica difícil perceber que um grito pode voar no vento, sem que nenhum ser vivo o pronuncie, pois pode ser um morto caminhando ou se deslocando rapidamente. Ele se faz sentir no calor ou no resfriar bruscamente da pele, quando os sujeitos palmilham caminhos e sentem a mudança da branda ventaria. Assim, tal vento também pode trazer desventuras, espíritos ruins, promovedores de desgraças no mundo. Logo, todo o cuidado é pouco com o vento e com os gritos que nele ressoam.

As narrativas sobre os gritos vieram à baila quando os entrevistados foram indagados sobre as almas que aparecem entre os vivos. Por sua vez, a rezadeira Maria Generosa, o mencionou quando foi perguntada sobre as almas vaqueiras. Aliás, o grito que ela escutou no vento muito lembra a entonação dos vaqueiros nas horas de labuta, quando guiam o gado: “ê, ê, ê.....”

---

<sup>10</sup> Nas residências de muitos fiéis do Cariri, um oratório doméstico e a parede de sala de visitas são dedicadas ao Sagrado Coração de Jesus e ao Sagrado Coração de Maria. Em muitos casos, iconografias de outros santos são penduradas ao seu redor e postas sobre a mesa do oratório, compondo um mosaico de imagens religiosas de variadas cores e formatos. Soma-se a estas, imagens de falecidos das famílias, bem como santinhos, cruzeiros e terços, em um claro entrelaçamento dos afetos familiares e das devoções religiosas. Entre imagens de santos oficiais, circulam também aqueles consagrados pelos fiéis e não reconhecidos pela Igreja. Muitos decorram seus contornos com flores e laços de fita. São Índícios das imbricações das dimensões públicas e privadas das devoções. Esses retratos da fé foram descritos por Riedl como “paredes de memória”. RIEDL, Titus. “Memórias de despedida”: o memento morri na fotografia e na fotopintura brasileira. In: RODRIGUES, Cláudia; LOPES, Fábio Henrique (Orgs.). *Sentidos da morte e do morrer na Ibero-América*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014, p. 240.

Outra entrevistada nos ajuda a entender os significados dessas aparições sonoras, revelando suas dimensões polifônicas. Quando interpelada sobre as almas vaqueiras, Dona Toinha, afirmou:

As almas vaqueiras é dos vaqueiros que morrem e ficam penando no meio do mundo. Não se salva e ficam penando no meio do mundo. Aí o povo chama as almas vaqueiras. Que tem é muito. Porque vaqueiro é um bicho doido. Só anda pelo mundo naqueles cavalos correndo pra riba e pra baixo chamando nome, boi desse, boi daquele, entregando a tudo no mundo. Se acontece qualquer coisa com aquela criatura, se bate num pau, caiu, o animal cair por riba e morrer, num tá vendo que é um desespero da vida, num é? Pois é, é desse jeito. [...] é, dos vaqueiros que ficam penando na terra, eles ficam penando, esperando que Nosso Senhor dê a sentença deles [Silêncio].<sup>11</sup>

Mais uma vez, a ideia da sentença dada por Deus foi posta em evidência. Segundo Dona Toinha, as almas vaqueiras são aquelas atribuídas aos vaqueiros mortos nos seus labores. Levando vidas desregradas, aventureiras, destemidas e marcadas pelos pecados efetuados nas palavras sem pudor, muitos morrem de forma repentina. Assim, não tem o preparo adequado para o momento da morte. Falta-lhes o tempo, como ensina as tradicionais atitudes perante a morte, muitas delas vivenciadas pela narradora, ao cuidar dos moribundos e arrumar os mortos para as sentinelas e sepultamentos. Após a morte do corpo, essas almas ficam presas ao mundo terreno, assombrando os vivos, vivendo o tempo enigmático da sentença divina e aguardando a libertação de Deus para seguirem e terem acesso ao Céu. Por essa noção, existe um paradoxo: enquanto aguardam a libertação do Pai Celeste, elas perturbam a tranquilidade dos seres viventes.

Diferentemente, alguns narradores resolveram essa contradição lançando outros sentidos para essas almas e para o tempo que lhes cabem. E as memórias entram em desacordo e apresentam tensões, contrassensos e dissonâncias. Na contramão do que foi narrado por Dona Toinha, o decurião dos penitentes de Barbalha, Seu Antônio, contou:

**Joaquim:** E as almas vaqueiras que as pessoas falam?

**Seu Antônio:** As almas vaqueiras é porque é pouco homem pra querer entrar no mato fechado. Atrás de uma reis pra pegar uma reis. Porque vai pegar porque ela é braba. Num é pra matar a reis. E ele vai com fé em Deus ou num é? Porque eu já vi. Eu morei no Pernambuco e sei. Lá tinha uma matinha que o povo chamava mata de branco. E eu vi uns vaqueiros ir correr nessa mata. E vi foi a estraladeira. Eu digo:

— Morreu todo mundo!

<sup>11</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, no bairro Vila Alta, na cidade do Crato, p. 16.

Eu que tava no mei da estrada fiquei nervoso. Eu e compadre Vicente ficamos nervoso que a estraladeira era feia. Torava galha de pau, torava tudo. E eles pá baixado na sela e sai limpo, limpo só com os cortim bem pouquinho do croatá, do bravata, um bicho de fazer corda. Uns pés de croá. Então só arranhado um pouquim, é muita fé em Deus num é não? então, são as santas almas vaqueiras. Ela foi correndo atrás daquele bicho num foi pra matar não, foi pra pegar. Aí o bicho não se entrega que é bruto né. E o cavalo também tá sofrendo também. Mas tem que ter, pra pegar o bicho bruto na mata.

**Joaquim:** As almas vaqueiras ficam nas matas é?

**Seu Antônio:** É porque é assim: é de vestido de couro. A calça é couro, a camisa é couro.

**Joaquim:** Mas a alma?

**Seu Antônio:** Não, o vaqueiro mesmo. As santas almas vaqueiras nós num sabemos como é lá não. Eu sei que pra onde ela for ela está como nós, de apaizana.<sup>12</sup>

Nas expressões de Seu Antônio, a vida e a morte, bem como os vaqueiros vivos e mortos se misturam. A pergunta foi direcionada para os mortos, mas ele puxou a conversa sobre os vivos. Dessa maneira, demonstrou aspectos que segundo ele marcam ou singularizam os vaqueiros vivos: além dos trajés específicos para se protegerem dentro das matas da caatinga, eles são, sobretudo, corajosos, pois são poucos àqueles que entram na “mata fechada”. Nessa conjuntura, querer entrar não simboliza apenas ter vontade, significa, principalmente, ter coragem.

Nesse sentido, a bravura dos vaqueiros que, segundo o narrador, pertence a poucos, é um elemento importante para compreender a vida e a morte desses sujeitos. O destemor e o tipo de vida marcada pelas labutas nas matas podem provocar mortes. E, em virtude destas, eles são transmutados em almas santas. Entretanto, Seu Antônio não as descreve, uma vez que as formas e os modos dessas santidades são aspectos sigilosos e só Deus tem o poder para saber dizer ou fazer ver.

Esse narrador não foi o único a atribuir santidade às almas vaqueiras. Sem que eu perguntasse, a rezadeira Dona Maria do Socorro, uma mãe de 76 anos, falou sobre esses poderes quando se referia às almas santas e benditas:

**Dona Maria do Socorro:** Essas pessoas que morre, né, vão para o outro mundo, já viram alma [risos]. Tem todo tipo de alma, né? Alma boa, alma ruim. É, existe.

**Joaquim:** E o que faz com que a alma fique boa ou ruim?

**Dona Maria do Socorro:** Rezar! A melhor coisa que a alma quer é reza. Né? Se você sonhar com uma pessoa, se você achar que é uma alma, se você viu ela sofrendo, uma coisa assim, aí você vai ter que dar uma rezada, né? Que se elas estão do outro lado já são espíritos, né? Aí é bom a reza. Rezar sempre é

<sup>12</sup> Entrevista realizada com Antônio Sales, em 05/04/2015, na sua residência, Sítio Cabeceiras, Barbalha, p.24-25.

bom. Viu. Se pegar com as almas. Muitas pessoas não sabe pedir as almas, mas as almas elas tem poder. Elas faz milagres.

**Joaquim:** Como são os poderes das almas?

**Dona Maria do Socorro:** Você começa a pedir algo a uma alma. Tem gente que pede coisas as almas. As almas [?] elas faz milagre. As orações faz. São as almas santas e benditas. Elas são milagrosas. É bom demais as almas. Elas são muito boas.

**Joaquim:** E o que faz as almas serem santas e benditas?

**Dona Maria do Socorro:** É rezar! Você sonha com uma alma, e é de uma pessoa que você conhece, aí você conhece aquela alma e vai rezando e até que você ver... e às vezes, a pessoa rezando pras almas, elas fazem milagres. Se curam. Se elas tiver sofrendo alguma coisa, elas ficam poderosas. As pessoas tem de se pegar com as almas. Num tem as almas vaqueiras que o povo chama?

**Joaquim:** O que são as almas vaqueiras?

**Dona Maria do Socorro:** As almas vaqueiras deve ser assim: os vaqueiros que morreram, e a pessoa se apegam com elas, com as almas vaqueiras, elas faz milagre. Eu já rezei muito pras almas vaqueiras. Confiava e confio muito nelas, e já tenho alcançado milagres.

**Joaquim:** Se pegando com as almas?

**Dona Maria do Socorro:** Sim! Mandava celebrar uma missa, oferecida...num tem gente que tira e diz: ofereço essa missa proas almas dos vaqueiros? Porque aí já é milagres que elas alcançaram das almas. As almas são benditas e entendidas. São muito boa. Tem as almas vaqueiras...<sup>13</sup>

Dona Maria do Socorro afirma-se como sendo católica, embora tire cartas de baralho para as muitas pessoas que lhe procuram em sua residência, uma casa simples, próxima a antiga estação ferroviária do Crato, atualmente conhecida como RFFSA (Centro Cultural do Araripe) no Centro da cidade.<sup>14</sup> No início da noite do domingo, dia 24 de novembro de 2013, ela me recebeu na sala da sua residência, um espaço pequeno em cujas paredes há imagens sagradas. Além de ser muito procurada para rezar e interceder a Deus pela cura de males corporais e espirituais dos que lhe recorrem, ela também é solicitada para esclarecer questões pessoais do presente e alumiar os caminhos do futuro. Mayane, quando encontrava atordoada em virtude da morte do seu bebê, procurou Dona Maria do Socorro para tentar entender o ocorrido. Foi ela, aliás, que me levou até a narradora. Juntos conversamos frente-a-frente, depois de a mesma ter tirado as cartas do baralho para mim e ter narrado sobre algumas conquistas vindouras no meu futuro.

<sup>13</sup> Entrevista realizada com Maria do Socorro Figueiredo, em 24/11/2013, na sua residência, no Centro do Crato. p.1-2.

<sup>14</sup> De acordo com Ana Isabel Cortez, a antiga estação do Crato foi inaugurada em 1926, sendo o ponto final da Estrada de Ferro de Baturité, Linha Férrea que outrora ligava a cidade de Fortaleza ao sul do Ceará. Ela funcionou até 1988. A partir do ano de 2006, foi construído o centro cultural. Hoje, a RFFSA é um importante espaço de socialização, sobretudo durante os eventos culturais; é uma referência da memória cultural da cidade. Sobre as memórias relacionadas a esse assunto, conferir em: CORTEZ, Ana Isabel R. P. *Memórias descarrilhadas: o trem na cidade do Crato*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

No início da entrevista, ela contou sobre os poderes das almas. Boas ou ruins, elas se tornam poderosas com as rezas dos vivos. Uma boa “rezada” fortalece seus poderes para ajudar os fiéis a seguirem a jornada da vida, resolvendo, assim, seus mais diversos dilemas. Aqui não há, portanto, um poder de intercessão junto a Deus. Trata-se, diferentemente, de crenças alusivas aos poderes de intervenção direta da alma no mundo dos vivos. As almas vaqueiras foram inseridas no rol das que operam milagres.

As memórias dos narradores sobre as almas vaqueiras apresentam sentidos divergentes, dependendo do narrador. Enquanto umas operam milagres, outras gritam nas estradas rurais assustando as mulheres e jovens transeuntes. Nessa aproximação e, simultaneamente, nesses distanciamentos, as “almas vaqueiras” e as “santas almas vaqueiras” se entrelaçam e se opõem, assustam e/ou realizam graças no cotidiano vivido. São indícios do sagrado que ora agracia os vivos com milagres, ora os puni com os exemplos. De igual modo, são evidências dos hibridismos culturais e das ressignificações das tradições orais, tomando estas não apenas como experiências narradas, mas também como praticadas através dos mecanismos de lembranças.

É importante ressaltar que, embora os narradores não tenham expressando sentidos às religiões de matrizes africanas e/ou afro-brasileiras, existem aproximações das almas vaqueiras com a linha de boiadeiros, umas das seis linhas de caboclos da Umbanda cearense, analisadas sucintamente por Pordeus Jr. Nas narrativas orais de mães e pais de santo umbandistas estudadas por ele, todos os vaqueiros pertencem a linha de boiadeiros. Estes estão ligados à atividade pecuária. Marcada pelo prestígio, sendo dedicada ao “trabalho” (na Umbanda entendido como toda atividade religiosa) para o bem, ela é uma linha de luz. Todavia, o Boiadeiro também castiga o médium que trabalha para “feitiços negativos”. Nesse sentido, nessas crenças também há mudanças e entrelaçamentos de significados e de práticas religiosas.<sup>15</sup>

Experiências diferentes foram narradas e são reveladoras dos significados que os vivos atribuem às leituras sobre o tempo e o espaço da vida, da morte e dos mortos. De igual modo, desvelam sintaxes espaciais significativas, bem como elucidam os modos através dos quais as narratividades constituem espacialidades. É o caso do gemido latente nas memórias de Dona Toinha:

---

<sup>15</sup> Pordeus fala em “linguagem cearense da religião” para denotar os espíritos guias da categoria cabocla, registrados por ele como: Boiadeiro, Boi da Cara Preta, Chapéu de Couro, Cabocla Braba, Gibão de Couro, Índia Neci, Iracema, Jurema, Vaqueiro Brabo, Vaqueiro Nobre, Cangaceiro. PORDEUS JR., Ismael. *Umbanda: Ceará em transe*. 2 ed. Fortaleza: Museu do Ceará; SECULT; Expressão Gráfica e Editora, 2011, p.42-46.



Lá em nós, perto lá de casa tinha uma curva do jatobazeiro grande, que era um pauzão muito grande. Um pauzão grosso. Aí o povo não gostava de passar de noite que disse que tinha um gemido e o povo não gostava de passar de noite. Aí um dia eu passei lá e escutei o gemido, mas não me assombrei não porque o povo já contava que tinha esse gemido. Eu ia, por lado da rua, aí escutei o gemido. Aí fui, quando eu voltei vinha me lembrando, mas não vi mais. Aí desci para casa. Debaixo desse pé de jatobá tinha esse gemido. E todo mundo tinha medo de passar lá de noite. À noite num sabe? Nesse dia eu passei seis horas. Eu ia seis horas eu ia pra passagem comprar, meu Deus, não sei o que foi que faltou lá em casa, aí precisava, aí eu fui comprar. Aí quando eu parei com o pau aí escutei aquele gemido. Aí quando escutei aquele gemido, o povo já me contava do gemido, aí também eu não tive medo. Aí continuei caminhando, fui me embora, minha viagem. Aí eu imaginei:

— Será que quando eu voltar eu vou ver de novo?

Aí quando eu voltei não vi mais nada. Aí passei fui embora. Lá aparecia coisa, nesse pé de pau, esse pé de pau era falado para aparecer coisa. Ele era numa encruzilhada. Tinha caminho assim, tinha outro assim e tinha outro assim (gesticula com as mãos). Esse pé de jatobá aqui, no beijo do caminho, bem no beijo do caminho. Aí o povo dizia que ele era mal-assombrado. Ai um dia ouvi esse gemido. Mas também não tive medo não, passei e fui me embora. E nem disse nada também. Vim me embora. Aí quando eu voltei também não vi mais.<sup>16</sup>

A narradora faz menção a um antigo espaço mal-assombrado, situado nos caminhos rurais que dão acesso a Monte Alverne, nas proximidades do povoado, na curva do “grande Jatobazeiro”. Dona Toinha afirma como, cotidianamente, de lá se propalava aquele som, já escutado por muitos moradores. Afinal, todos falavam do tal gemido e indicavam sua localização. E ela presenciou a entonação. Foi quando se dirigia a um comércio a fim de comprar alguns produtos faltosos em sua casa. Precisamente às seis horas da noite (18h), no momento em que passava defronte da árvore, o gemido entoou sua lamúria.

As memórias apresentam detalhes importantes para construção de um olhar religioso sobre a árvore mencionada, sobre o espaço e o gemido. Primeiramente, por ocorrer justamente naqueles horários identificados como *horas abertas*, nos quais as energias e forças sobrenaturais circulam com maior força e intensidade, como já mencionado anteriormente. Segundo, o Jatobá estava situado justamente numa *encruzilhada*.

Chebalier e Bheerbrant lembram como em várias culturas a simbologia da encruzilhada faz lembrar que ela representa o cruzamento de caminhos (*quadrifurcus*, *quatrivium*). São lugares epifânicos por excelência: são pontos de passagens entre os mundos terreno e transcendente. É um antigo espaço de invocações e aparições de seres sobrenaturais.<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, Crato. p. 9.

<sup>17</sup> À guisa de exemplo, eles lembram que segundo algumas crenças dos astecas, nas encruzilhadas apareciam os espíritos perigosos das mulheres mortas de parto que apavoravam quem as encontrasse. E em algumas crenças africanas, outrora, as mulheres que terminavam de desmamar seus filhos iam até as encruzilhadas sacrificar

Sobre sua presença na construção cultural do Ocidente, Schmitt reitera que as encruzilhadas eram, no imaginário medieval, lugares tradicionalmente marcados pelo medo das forças maléficas. Nelas, eram praticadas atividades divinatórias condenadas. De igual modo, eram o palco de enterro dos pecadores que morreram excomungados, como é o caso de alguns usurários.<sup>18</sup> Segundo Luís da Câmara Cascudo, a crença em torno das encruzilhadas “foi trazida ao Brasil pela superstição portuguesa. Os indígenas não a possuíam e os escravos africanos já a encontraram poderosa, no Novo Mundo”.<sup>19</sup>

Como herança dessa tradição, as encruzilhadas condensam energias místicas, abrem pontos de comunicação com o além e misturam muitas temporalidades nas memórias dos vivos, pois memórias sobre o passado, falas sobre o presente e desejos de futuro se coadunam nos relatos sobre essas espacialidades. Por tudo isso, o apontamento místico para as encruzilhadas demonstra continuidades desses saberes munidos e nutridos de muitos estratos de tempo presentes na contemporaneidade.

A fala de Dona Toinha segue diferentes estratos temporais dessa longa tradição, cujos muitos aspectos ainda estão presentes nas crenças dos narradores entrevistados, embora isso não represente um consenso entre eles, já que há, inclusive, contestações feitas por outros a respeito dos poderes das encruzilhadas. Além disso, é adequado lembrar que nas entrevistas que realizei, nenhum religioso afirmou fazer uso de rituais nesses espaços. Existe um silêncio sobre isso. Tal qual a narrativa de Dona Toinha, às vezes eles falam do misticismo dessas espacialidades, mas não afirmam vivenciar práticas religiosas sobre elas.

Não obstante este espaço assombroso estivesse presente no cotidiano e nas muitas vozes das pessoas com as quais ela manteve e mantém contato, Dona Toinha dá ênfase, mais de uma vez, ao seu destemor. Na narrativa, ela afirma não ter tido medo daquela ocasião, embora expressasse a dúvida: se, no retorno à sua casa, voltaria a “ver” aquele assombro.

O destemor da narradora, na verdade, é um foco narrativo. Ela inicia falando sobre esse assunto demonstrando não temer tal gemido, bem como finaliza reiterando sua coragem. Deste modo, ela apresenta um elemento de distinção social. Diferente dos outros, não temia. A princípio, também pode parecer que, por já saber das manifestações daquele gemido no respectivo local, não seria surpresa se ele aparecesse. Seguindo essa linha de raciocínio, o esperado não provoca tanto espanto quanto o imprevisto e impensado. Mas, podemos falar isso

---

galinhas brancas dedicadas às almas das crianças mortas. CHEBALIER, Jean; BHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Tradução Vera Silva et al. 26 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012, p. 367-368.

<sup>18</sup> SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 206.

<sup>19</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11 ed. São Paulo: Global, 2002, p.212.

sobre as forças do além? É preciso considerar que, conforme as memórias de Dona Toinha, naquele espaço “aparecia coisa, nesse pé de pau, esse pé de pau era falado para aparecer coisa”. Isto é, o gemido não era a única singularidade e aparição sobrenatural daqueles ares circundantes à árvore.

Durante a entrevista, um detalhe despertou minha curiosidade. No momento em que ela “viu” o gemido, não disse nada, passou em silêncio, calada. Na circunstância da entrevista, eu lhe perguntei sobre seu comportamento e ela respondeu:

**Joaquim:** E se disser alguma coisa?

**Dona Toinha:** Diz que a alma se perde. Não se salva, porque a gente no medo que tem aquilo pode dizer uma mal palavra né? Chamar um nome feio, entregar ao Diabo, pra essas coisas, aí aquela alma se perde, porque ele tá assim num mundo é caçando uma pessoa que reze pra ele, que quando ele gemer assim, a pessoa reze o Ofício, reze um Padre Nosso em intenção daquela alma e porque tá em pena. Aquela alma tá em pena.

**Joaquim:** E era qualquer alma que fazia esse gemido?

**Dona Toinha:** É. Qualquer pessoa que morre sofrida. Esse povo que o povo até dizia que era no tempo do [?], que era matado, o povo matava gente lá. Mas eu mesma num alcancei não. Quando eu cheguei lá esse pau já era grande e já era malassombrado. A coisa que eu vi foi esse gemido, uma vez.<sup>20</sup>

As palavras podem colaborar para salvar ou condenar os gemidos. O susto e o medo podem provocar o sujeito visionário a dizer palavras inadequadas, como palavrões ou atribuições aos poderes do Diabo. Isso provoca a desventura do morto, colaborando para sua perdição. Na contramão disso, os sujeitos devem realizar e dedicar orações a ele, almejando sua libertação da purgação. Entretanto, ela passou calada. E se rezou, o fez de forma silenciosa.

No caso apontado por Dona Toinha há, ainda, outro aspecto importante. O gemido é provocado pelas almas de pessoas que morreram de forma violenta, morte matada, como ela diz. A narradora exemplifica como naquele reduto muitos foram assassinados, no passado. Nesses termos, o lugar de onde o gemido é emanado ganha a centralidade da sua narrativa.

De acordo com Certeau, as estruturas narrativas têm valor de sintaxes espaciais. Evidenciando a sutil complexidade dos relatos de espaços, cotidianos ou literários, como ações narrativas, isto é, formas de práticas organizadoras de espacialidades, esse historiador jesuíta lembrou o pulular de metáforas relativas às operações espacializantes, lançando luz sobre as práticas, os códigos e as taxinomias da ordem espacial. Seguindo esse caminho discursivo, enquanto um lugar é a ordem segundo a qual se difundem elementos nas relações de

---

<sup>20</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, Crato. p.10.

coexistências, ou seja, é uma configuração instantânea de posições, *o espaço é um lugar praticado*. Ele é especificado, portanto, a partir das ações de sujeitos históricos.<sup>21</sup> Articulando esses pensares, é plausível discorrer que, enquanto um lugar praticado por outros no pretérito, o *espaço* foi demarcado nas memórias da narradora como sendo o palco no qual muitos morreram de forma trágica, antes do tempo definido por Deus. Destarte, a temporalidade mística também é singular àquela espacialidade.

De forma imbricada, os relatos sobre o tempo e o espaço tornam-se as chaves interpretativas sobre essas aparições sonoras. Na narrativa, a circunstância noturna das *horas abertas*, o passado das mortes violentas e o espaço da encruzilhada e do jatobazeiro fazem uma simbiose de signos eivados de sobrenaturalidades e agrupam elementos tradicionalmente místicos nos saberes das populações dos sertões. Agregando esses aspectos da mística e de muitos estratos do tempo, a tradição foi urdida, unindo as sonoridades dos vivos, quando trabalhados nas muitas vozes das pessoas, e dos mortos, quando estes entoavam suas lamúrias. Igualmente, foi entrecruzada com as narrativas sobre espacialidades, suas simbologias e elos com os tempos passado e presente dos sujeitos, bem como com as forças do outro mundo e suas formas de aparição e enunciação.

Vale sublinhar que a narradora não pertencera ao tempo no qual os assassinatos ocorreram. Quando se mudou para o lugar, o Jatobá já estava por lá. Nesses termos, a longa continuidade temporal das aparições e sua presença nas vozes dos mais velhos do passado e da geração atual são, igualmente, pontes de sustentação da argumentação da narradora na sua construção sobre o medo coletivo do gemido e, contraditoriamente, sobre sua ação corajosa.

No meu entender, toda essa narração está atrelada a uma interpretação religiosa do mundo. Sua coragem está vinculada, direta e indiretamente, aos ensinamentos e saberes religiosos tocantes às forças divinas. Momentos antes de falar sobre o gemido do Jatobazeiro, Dona Tainha, contou: “O pé de pau é da natureza. É das obras de Deus, é da natureza. Toda árvore é da natureza. Toda árvore é abençoada por Deus, porque é da natureza”.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Cerateau enfatiza como lugares e espaços são categorias distintas, bem como traz questões sobre indicadores de percursos e de mapas, além das operações narrativas de demarcação. De acordo com esse autor, “o espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas”. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 13 ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 202.

<sup>22</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, Crato. p.9.

O Jatobá é o lugar do assombro. Ele é um assombro sagrado, posto que as árvores são da natureza e esta, do seu lado, é uma invenção Divina.<sup>23</sup> Desta maneira, as forças de Deus vencem os poderes das horas abertas, das encruzilhadas e dos espaços antigos nos quais pessoas foram assassinadas. Consequentemente, não deve haver assombro para aquele que crer no Todo Poderoso. E mesmo se o fiel escutar ou presenciar as manifestações malélicas ou assombrosas, ele não precisa temer. A fé que faz o ser crer, faz também superar o medo e atravessar novamente o caminho. O sagrado faz, defaz e refaz o medo.

Além disso, há elementos do tempo histórico e do eterno que igualmente podem interferir nessa construção. Embora não tenha falado sobre esse caso, e eu tenha obtido tais informações por meio das conversas com Mayane, sua neta, Dona Toinha sofreu com a perda de um de seus filhos, assassinado em uma vereda rural nas proximidades daquele vilarejo. Nesses termos, sua relação com o espaço é diferente dos demais moradores das redondezas, pois um dos seus entes queridos teve sua vida ceifada, interrompida no tempo histórico pela ação de um sujeito e não pela vontade Divina que o chamasse para a eternidade. Nesses termos, o lugar de fala da narradora sobre aquela espacialidade imbrica significados da coletividade e da singularidade da sua perda. Seu luto também está marcado nas memórias.

Mas suas memórias sobre a acepção dos tempos da morte e dos mortos não se restringem a esses casos e aspectos. Dona Toinha mencionou como no povoado próximo do Jatobazeiro também existia uma casa mal-assombrada. Na continuidade da sua entrevista, ela alude os barulhos que de lá eram provocados:

**Joaquim:** E lá tinha casa mal-assombrada?

**Dona Toinha:** Tinha, lá tinha uma casa que ninguém entrava de noite. Uma casa velha, sem gente. Ninguém entrava de noite lá, porque quando vinha chegando se assombrava. Via batendo panela. Via batendo testo [tampa de vasilha], via batendo prato. Via bater em tudo. Um dia um menino meu duvidou e foi pra lá, e correu.

**Joaquim:** Como foi essa história?

**Dona Toinha:** A casa era de um cupadre meu, que ele tinha morrido, cumpadre Quinco. Ele tinha morrido, ele era um velhinho do outro tempo. Ainda hoje existe uma neta dele, morando lá, mas num era lá onde aparecia essas coisas não, é pra cá que ele mora. Aí ele duvidou. Aí chamou um amigo e foi. Aí quando chegaram lá tava o barulho mais feio do mundo dentro de casa, batendo em coisa, batendo em tudo. Aí ele pegou e disse que deu aquela arrupiação, aí disse que metero nos pés e partiram no mundo e foram se embora. Num entraram nem dentro de casa. Essa casa caiu lá por natureza,

---

<sup>23</sup> Esta visão de mundo evidencia claramente continuidades de elementos do imaginário religioso urdido na América portuguesa segundo o qual há presença divina na natureza, aspecto analisado por Mello e Souza em “Natureza: predominância do edênico”. Cf. MELLO E SOUZA, Laura. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 51-52.

ninguém tirou, ninguém buliu. Caiu lá e por lá se acabou-se. Porque a casa era velha, e tinha morrido muita gente lá. Aí ninguém sabia quem tinha sido pra mandar rezar, celebrar uma missa. Ninguém sabia quem tinha sido porque era do tempo antigo, a casa. Tinha até um barreiro assim por detrás da casa. Um açudim. Ainda hoje tem, o açudim, tá lá chama [?].

**Joaquim:** E quando a pessoa morria em casa assim, era perigoso a alma aparecer para os vivos?

**Dona Toinha:** É não, é não. Hoje em dia num morre mais ninguém em casa não. Quando adocece leva pros hospital né?

**Joaquim:** Além do barulho, as pessoas viam algum vulto?

**Dona Toinha:** Não num via não, só ouvia o barulho de coisa derrubando dentro de casa. Não via nada. Era coisa do outro mundo. Era coisa do outro mundo que todo mundo que ia lá via [silêncio].<sup>24</sup>

O recinto velho produzia sons comumente presentes no cotidiano e na memória dos narradores: eram sonoridades de panelas e pratos. Com alta intensidade, como se os objetos se chocassem entre si e fossem quebrados com muita força, o aspecto assombroso não estava, portanto, restrito à natureza do som, mas sim à sua produção. Afinal, quem produzia aquele barulho se a casa tinha sido abandonada?

Para responder essa curiosidade, algumas pessoas teimavam em tentar descobrir aquele mistério. Isso também aconteceu com um dos filhos de Dona Toinha. Quando criança, ele duvidou e tentou, junto com um colega, desvendar aquele som misterioso. Tentativa em vão. Antes mesmo de adentrarem o recinto, o barulho foi entoado de tal maneira que suas peles sentiram a estranheza do espaço ao se arrepiarem. Eles saíram correndo com medo do que escutaram e sentiram.

Embora a narrativa apresente um tom misterioso, ela igualmente elucida os motivos das aparições. Nesse caso, o mistério e a revelação não são opostos. Ao contrário disso, eles agregam sentidos na composição da sobrenaturalidade da casa antiga. Além de ser muito velha e ter sido derrubada pela própria natureza, ela ficou abandonada até se desmoronar, posto que foi o espaço no qual, outrora, muitos sujeitos morreram.

Como a narradora explica, hoje as pessoas morrem nos hospitais, na solidão que cabe aos moribundos, aspectos analisados por muitos intelectuais sobre o mundo moderno ocidental, dentre eles destaque Elias<sup>25</sup> e Ariès.<sup>26</sup> No entanto, no passado não muito distante, a prática mais coerente com a tradição religiosa dos fiéis era morrer em casa (como foi o caso do

<sup>24</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, Crato. p.10-11.

<sup>25</sup> Elias intitula *isolamento emocional* como sendo uma das características preeminentes relativas aos moribundos nas sociedades desenvolvidas. Cf. ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 86.

<sup>26</sup> ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente: Da Idade Média aos dias atuais*. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 240.

meu avô materno, nos iniciais da primeira década do século XXI), junto à família e recebendo os ritos religiosos necessários para a vencer a batalha do momento da morte, tensão essa instaurada entre as forças de Deus e do Diabo. Nas crenças dos vivos, tais rituais colaboravam para o morto alcançar a bem-aventurança. Embora o sujeito morresse em casa, na residência sua alma não ficaria se os ritos de tempo e espaços fossem seguramente cumpridos, como mencionado anteriormente.

Por algum motivo não revelado, os mortos na velha casa ficaram assombrando as pessoas. A narradora e os sujeitos do seu tempo não sabiam quantas pessoas morreram naquele espaço e nem de que forma os ritos fúnebres foram realizados, tampouco se foram promovidos. Como desconhecem, diz a narradora, nada podem fazer para mudar aquele cenário arrepiante, a não ser esperar o tempo passar e o fim da sentença das almas chegar. E a contagem desse tempo é um mistério.

Nessa lógica, há uma inversão da relação entre espaço e lugar. Diferentemente do caso do Jatobazeiro, na atualidade, a casa velha desmoronada no tempo histórico perde a carga simbólica de espaço e é revestida da ordem de um lugar. Há dinâmicas entre eles. E como reforça Certeau, “os relatos efetuam portanto um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares”.<sup>27</sup>

Na narratividade de Dona Toinha, a revelação e o mistério se misturam na composição da trama narrada, e o que seria o desfecho da explicação, se torna mais uma peça enigmática e dúbia. A entrevistada ainda abre um novo tema no foco narrativo tocante à velha casa: lá também tinha um barreiro, termo usado na região para designar açude e/ou lago. Ela não discorreu sobre ele, mas lembrou de outras aparições sonoras partindo das águas. Na sequência da entrevista eu a interpelei sobre as almas dos mortos afogados, e ela falou:

**Joaquim:** E as almas daquelas pessoas que morrem afogadas?

**Dona Toinha:** Ave Maria! Essas aí é uma almas agoniadas. Morre agoniada, afogada [silêncio]

**Joaquim:** O que acontece com elas?

**Dona Toinha:** Eu nunca ouvi falar [de alma] de uma pessoa morresse afogada. Eu nunca sonhei com nenhum. Morreu um neto meu. Eu queria muito bem a ele, e ele morreu afogado mais eu nunca sonhei com ele e nem nunca tive nada. Ele é enterrado numa catatumba minha. E eu nunca tive nada, e nem nunca sonhei com ele. E nem nunca tive pavor dele. E nem ele nunca me apareceu. É filho de Chico.

**Joaquim:** Mas as pessoas falavam sobre essas almas? O que é que falavam?

**Dona Toinha:** O povo fala. É porque morre agoniada, não se lembra de Deus. Quando tá morrendo não se lembra de Deus, só se lembra de sair. Uma morte agoniada.

<sup>27</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Op. Cit., p. 203.

**Joaquim:** E a alma permanece agoniada?

**Dona Toinha:** É sim, oxente a pessoa morrendo afogada. É agoniada! A pessoa permanece agoniada, não se lembra de Nosso Senhor. Que quem tá morrendo em casa, nos hospitais, ou em qualquer um canto se lembra de Deus. Que a pessoa quando tá morrendo tem que chamar pelo nome de Deus né. Relembrar o nome de Jesus, se lembre de Deus, de Jesus, na cabeceira dele né? Quando ele tá morrendo. E morrendo assim dentro d'água morre agoniado, pra sair e não pode sair. Porque quanto mais faz diligência para sair mais a água chama. Que a água tem força [silêncio]

**Joaquim:** E as pessoas contavam aparição de alma em lagoa?

**Dona Toinha:** Lá tem um açude que derrama dentro desse açude grande de Umari. Que diz que aparecia coisa lá, mas eu nunca vi não. Diz que tinha gemido, [que] chamava o povo. Um açude velho, do outro tempo que fizeram lá, e se quebrou-se e derrama lá nesse açude de Umari. Ele enche e derrama dentro do açude de umari. Que é o açude de Dr. Wilson Norões na Carnauba. Doutor Wilson faz muitos anos que morreu. Esse açude quando ele comprou o terreno já tinha, já era velho, um açude velho. Nós lavava muita roupa lá e o povo tomava banho e morria gente afogado lá. E era um trafego medonho. E diz que aparecia gemido lá. Aparecia fala. O povo conversando. Tinha muita gente que ia pra lá tomar banho e não tomava banho, corria pra trás. Que o povo gostava de ir de noite, ele era meio perto. Assim de noite na lua clara, gostava de ir pra lá tomar banho, num sabe? Aí quando tavam se aproximando para tomar banho, aí diz que escutava aquele gemido e aquele povo conversando. Aí não tomavam banho, vestiam a roupa e viravam pra trás. Porque o açude foi feito do tempo antigo. Ninguém num sabe quem morreu lá, ninguém num sabe de nada de lá. Aí tinha medo. Ninguém tomava banho dentro não. De vez em quando morria uma pessoa afogada.

**Joaquim:** E a alma fica lá?

**Dona Toinha:** Não, não fica não, mas às vezes, se não ganhar o céu, fica zanzarando por lá né, porque morreu naquele local. Fica zanzarando naquele lugar.<sup>28</sup>

Para Dona Toinha, os mortos afogados são chamados pela água e não por Deus. Morrem agoniados e permanecem assim por não se lembrarem do Pai Celeste no último momento da vida, por morrerem em condições adversas às orações e, com a mesma importância, por não terem condições e tempo para a boa morte. Além dos afogamentos indesejados, os suicidas nas águas também permanecem na amargura daquela angústia.

Segundo a narradora, a água chama para a morte como se ludibriasse e seduzisse os vivos a partir do olhar, convidando-os aos banhos e nados nos lagos, aspecto este que também escutei desde a infância, nas conversas familiares. Nesse sentido, o encantatório torna-se nocivo: as águas encantam, seduzem e matam.

Vale sublinhar uma informação por ela proferida. A narradora menciona o caso do gemido num açude que atraía atenção das pessoas, ou seja, que as “chamavam” para a morte nas águas. Se antes aquele som assustava os transeuntes do Jatobazeiro, o gemido do lago,

---

<sup>28</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, na residência de Mayane, bairro Vila Alta, cidade do Crato. p. 11-12.



claramente pronunciado por outro morto, agora assume a possibilidade de provocar a última agonia de outros. Aliás, como ela menciona, no açude apontado, não aparecia apenas o gemido. Falas e conversas dos mortos também eram audíveis aos vivos que dele se aproximassem, e/ou aproveitassem suas águas para tomar banho e levar roupas, como ela mesma tantas vezes as lavou, acompanhada de outras mulheres.

A meu ver, há uma chave de leitura relevante à compreensão dessas memórias. Os mortos que não avançam nos caminhos misteriosos do além, ficam presos ao mundo terreno nos respectivos locais sobre os quais faleceram. Isso não é diferente dos mortos nas águas, semelhantemente mencionados por Freyre<sup>29</sup> e Cascudo<sup>30</sup>, nos seus estudos sobre o século XX e outros tempos precedentes. Assim, as aparições no Jatobazeiro, na Casa Velha e/ou na lagoa são mortos que, por motivos não explicados, e talvez em virtude dos pecados cometidos em vida, não entraram no Purgatório e, conseqüentemente, ficaram na terra. No mundo terreno, como diz a narradora, ficam “zanzarando”, ou seja, sem oração e sem ocupação. Destinam-se a atrapalhar as pessoas, provocando desordens e desgraças, ou até mesmo chamando para a morte antes da ordem divina.

Uma segunda chave de leitura completa esta primeira. O açude foi produzido em outro tempo, definido como o “tempo antigo”. Distante no calendário vivido, não há informações sobre ele, quantas pessoas e nem quem morreu por lá. A origem desconhecida e os mortos afogados no tempo de vida da narradora se somam na urdidura dos sentidos sobre os poderes sobrenaturais daquelas águas e mostram porque há gemidos, vozes e conversas no seu leito.

Nas memórias de outro narrador, Seu Nivaldo, as almas vistas e/ou escutadas nos rios, lagos e riachos guardam os mistérios das horas:

**Joaquim:** E as almas das pessoas que morrem em lagoas. As pessoas contavam histórias sobre isso?

**Seu Nivaldo:** Não.

**Joaquim:** Mas que aparecia alma em lagoa, em rio, riacho?

**Seu Nivaldo:** Às vezes aparece porque assim num sabe, elas tomaram banho naquele rio, às vezes, cometeu pecado ali né? Naquele rio, vai mais rapaz, bebedeira e tudo, naquelas beiras de rio, de riacho, de lagoa, até em beira de piscina mesmo. Aparece porque tem a hora de Deus colocar ela pra purgar aquele pecado, pra sair. Fazer aquela penitência alí naquela beira de piscina ou naquele rio onde ela cometeu aquele pecado pra se alimpar daquilo... num tem? Aí ela vai, Deus dá a sentença. Ela vai, fazer aquela penitência. Tanto tempo, chegou o tempo de ela pagar aquele pecado. Aí Deus bota pra ela ir

<sup>29</sup> FREYRE, Gilberto. *Assombrações no Recife Velho*. 6 ed. São Paulo: Global, 2008, p. 89.

<sup>30</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, ciência do povo: pesquisas na cultura popular do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Global, 2013, p. 110.

fazer a penitência, pessoa que cometeu aquele pecado horróroso. Que só tem, existe pecado ruim. Existe pecado ruim. Existe pecado que não tem muita pena, mas tem pecado que... Todo pecado é perdoado. Depende da pessoa se arrepender. Todo pecado existe perdão.

**Joaquim:** E se a alma não se arrepender?

**Seu Nivaldo:** Tá perdida. Que o pecado que Nosso Senhor perdoa é aquele que você comete antes de morrer, se arrepende e perde perdão a Deus. Mas se você, na hora da sua morte, tiver se acabando de morrer, e for lembrar de pedir perdão a Deus, que pede antes de morrer.<sup>31</sup>

As aparições nas águas são narradas como indicativas de que lá, os mortos, quando estavam vivos, cometeram pecados. E estando lá pelas ordens divinas, aguardam o cumprimento da sentença penitencial e temporal. A lógica do merecimento volta ao cerne das sensibilidades.

Além das palavras de Dona Toinha e de Seu Nivaldo, os demais entrevistados apresentaram enredos sobre as experiências audíveis promovidas pelos mortos e suas comunicações com os vivos. Algumas revelaram, pelo menos em princípio, algumas experiências cotidianas, sem muita conexão com a lógica do merecimento, mas estando, porém, articuladas às acepções sobre o tempo.

#### 4.1.2. *As ‘marmotas’ das almas*

Dona Losinha narrou sobre o barulho das almas mexendo e batendo nas macaúbas dentro da sala de um casarão do seu pai, antiga morada da família.

**Joaquim:** E as pessoas contavam muitas histórias de casas mal-assombradas? De lugar mal-assombrado?

**Dona Losinha:** Contava, via marmota. Lá em casa, na casa grande que a gente morava, que era casa antiga, num sabe? que papai foi quem habitou o riachão. Ele foi pra revolução de 1932. Que foi em 32 né. Aí no final de 33 ele voltou. Chegou lá a revolução tinha terminado. Ele foi até o Rio de Janeiro. Aí ele voltou. Quando chegou em Cariús foi habitar essa mata. Tinha onça, tinha tudo. Aí tinha uma casa velha. Aí ele foi e fez a casa todinha de novo. Fez um casarão. Aí diz que uma vez, tava tudim lá fora sentado, com os trabalhador, aí diz que tinha uma galinha de pinto dormindo no pé da parede. Aí diz que pegaram assim uma mala de macaúba e sacudiram, como que isso fosse uma mala de macaúba sacudindo na sala. Aí a galinha de pinto saiu correndo, os pintinhos piando. E mãe correu mais o povo pra olhar e num era nada. Tinha só as pancadas, mas não via nada não.<sup>32</sup>

<sup>31</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha p. 20.

<sup>32</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato, p. 3.p.7. Grifo Meu.

Marmota é um termo muito utilizado no Ceará. No cotidiano é empregado para fazer referência a uma prática e/ou a uma pessoa para referir-se a situações e atitudes ridículas e engraçadas.<sup>33</sup> No caso das almas narradas por Dona Losinha, o termo parece agregar outros sentidos, como situações inesperadas e assustadoras.

As “marmotas” das almas não atingem apenas as pessoas, os bichos também são provocados e, às vezes, é por meio deles que os narradores dão sentidos e interpretam as experiências com o sobrenatural, visto que, conforme os saberes narrados, os animais conseguem ver e sentir a presenças de pessoas e seres mortos, encantados ou outras experiências sobrenaturais. Dessa maneira, o barulho ressonante das pancadas das macaúbas dentro da casa, e sem que ninguém o provocasse, se soma à agitação da galinha e dos seus pintinhos que dormiam num recanto daquele lar. Eles ajudaram a anunciar aos vivos aquela sonoridade. Na narrativa, a paisagem noturna, o susto dos bichos e o barulho das macaúbas aglutinam sentidos que arrepiam a pele e assombram as escutas.

Com a mesma relevância, tal narrativa mostra a cotidianidade das aparições sonoras dos mortos. Depois de lembrar esse caso, essa narradora contou outra experiência vivida por ela, noutra residência na qual morou:

**Dona Losinha:** A gente morou numa casa também nos Inhamuns que chegou um cavaleiro. Vinha num cavalo, galopando. Aí nós, a casa era meia grande. Aí mãe disse:

— Oxente, que é, teu pai num vem chegando agora? Vamos olhar.

Eu saí. Eu e Valdecir, que é meu filho mais velho. Quando nós chegemos lá fora o cavalo parou que chega o [?] da sela balançou e batia uma na outra né. Aí disse:

— Oxente, quem é.

Aí olhemos. Eu com uma vela acesa, uma lamparina, que nesse tempo era uma lamparina. Aí num vimos nada. Aí entremos pra dentro com medo, fechemos as portas. Nós com medo.

**Joaquim:** E era um cavaleiro?

**Dona Losinha:** Era como quem era um cavaleiro. O barulho era de cavaleiro. Ave Maria, aí tinha era muita gente que via marmota.

**Joaquim:** Marmota das almas?

**Dona Losinha:** É, as almas. Mas hoje eu num acredito nisso mais não. Eu sou assim meia crente, por esse lado.

**Joaquim:** Mas a senhora é católica ou é evangélica?

**Dona Losinha:** Eu era católica, mas agora eu já tô andando na igreja evangélica. Ainda não sou evangélica não, quem é evangélica é aquela que se batiza né. Mas eu gosto de frequentar. Todo domingo a gente vai pro culto. Ali por culto.<sup>34</sup>

<sup>33</sup> SARAIVA, Andréa. *Orélio cearense*. Op. Cit., p.169.

<sup>34</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato. p. 7-8.

Para Dona Losinha, as marmotas das almas não têm muita explicação. Não há ensinamentos claros sobre o porquê de fazerem o barulho como quem mexia nas macaúbas. Numa primeira leitura, o mistério parece residir sobre o espaço: o casarão foi erguido no lugar onde havia uma casa muito antiga, no meio da mata. Mas, também não há informações sobre o som, escutado por ela mesma.

As marmotas sonoras são apresentadas como experiências ocorridas em casas velhas e em casas novas, escutadas por ela, por seus familiares e por outras pessoas. Assim, o mistério não está num espaço específico, mas sim no tempo pretérito. É um passado que combina assombro e cotidianidade da presença dos mortos no dia-a-dia dos vivos.

Tal qual ocorria em muitos outros lugares, os sons produzidos por criaturas galopantes e invisíveis também alcançaram a escuta dos sujeitos do Cariri, por meio do ouvir contar as memórias dos mais velhos. Foi assim que meu pai narrou as histórias que escutava do meu avô paterno, quando estes viajavam à noite sobre a Chapada do Araripe, deslocando-se do sítio Celeiro, na zona rural de Porteiras, à cidade de Juazeiro do Norte, para vender produtos agrícolas:

**Joaquim:** E qualquer pessoa podia ver ou tinha as pessoas certas?

**Joaquim Luiz:** Não, tinha as pessoas certa. Não é todo mundo que ver não.

**Joaquim:** E quem eram essas pessoas que conseguiam ver? Eram os mais velhos, eram as pessoas religiosas, quem eram? Os mais velhos contavam?

**Joaquim Luiz:** Contavam. Que aparecia, sempre exemplos.

**Joaquim:** Eram exemplos?

**Joaquim Luiz:** Esses exemplos que apareciam. Aí as pessoa ficava assombrada. Pai mesmo contou uma história que ia de a cavalo num animal, uma viagem meia longe, aí ele escutou o trupé atrás, aquele trupé. Aí ele se lembrou que era visagem, né. Já pensou?

**Joaquim:** Ele viajava sozinho a cavalo?

**Joaquim Luiz:** Sim, a cavalo. Às vez ele viajava no pé da serra, daqui para o pé da serra. Aconteceu uma ocasião que ele contou, passou-se essa com ele. Escutou o tropé atrás, mas sendo de outro animal.<sup>35</sup>

O “trupe” dos animais narrado por meu pai diz respeito a uma visagem que se vê pela escuta. Ela refere-se ao barulho produzido pelos cavalos e burros mortos nos seus deslocamentos.<sup>36</sup> O som ecoava nas noites escuras da floresta. Para esse narrador, tratava-se de exemplos. Estes, por sua vez, não eram audíveis por todos: só algumas pessoas escutavam aquelas sonoridades.

<sup>35</sup> Entrevista realizada com Joaquim Luiz dos Santos, em 15/10/2013, na sua residência, Centro, Porteiras. p.2.

<sup>36</sup> “Visagem” ou “visage” é um termo usado no Ceará para dizer ver assombração, vulto. Cf. SARAIVA, Andréa. *Orélio cearense*. Op. Cit, p. 232.

Meu pai não foi o único a narrar sobre essas experiências. E se meu avô apenas escutou o som do trupé, outros narradores abordaram como a sonoridade também está associada à visualidade: alguns viram e fugiram do zumbi dos cavalos. Seu Nivaldo, por exemplo, contou sobre as aparições dos cavalos mortos no sítio Cabeceiras.

**Joaquim:** Os bichos tem alma também?

**Seu Nivaldo:** Tem não. Bicho morreu, acabou-se.

**Joaquim:** Mas se assombra com alma?

**Seu Nivaldo:** Se assombra. As vezes o caba vai à cavalo, aqui no animal, aí ele vai e se assombra. O caba num vê nada, mas ele tá vendo. Seja o que for, ele está vendo. Num sei se é alma, num sei o que é. Mais ele num passa, o caba pode voltar pra trás. Num voltar o caba cai de um cavalo ou de um burro, se ele se assombrar. Ele vê uma coisa, ninguém sabe o que é. Se for numa estrada e ele se assombrar, pode voltar que ele num passa nem apanhando muito.

**Joaquim:** Tem alguma história que as pessoas contam assim de bicho? O senhor lembra de alguma?

**Seu Nivaldo:** Tem é muita história é porque... Lembro, assim de um zumbi, zumbi de cavalo, de animal né? Porque o cavalo não tem alma, mas tem o zumbi. Dizem que tem. Eu num gosto de contar essas coisas porque tem gente que acredita, mais eu num acredito não. Mas de dizer que tem, muita gente viu. O caba vai numa estrada, aí assim, muita gente já viram isso, ali aquele negócio como um Jaraguá, poco, poco, poco, pouco, batendo e roncando com a [boca?] pra pegar a pessoa. E a pessoa pode correr que ninguém pega. Só que ele nem sai do canto. É um zumbi. Que ele não anda. Não. Fica naquele canto parado. Dali ele desaparece. Mais se ele pegar a pessoa desaparece também. De primeiro existia muito disso. Zumbi do cavalo. Não é a alma. É o zumbi.

**Joaquim:** E como é que ele pegava?

**Seu Nivaldo:** Ele fica assim na beira da estrada, é alto, ele fica alto, como um bananeira dessa aí [aponta na direção de uma bananeira]. Aí ele fica alto como numa bananeira dessa pra pegar a pessoa. Paco, paco, paco, batendo. Quando ele vem, o caba ver o poco, poco. O caba corra logo. É o zumbi do animal alí.

**Joaquim:** E quando é que ele aparecia?

**Seu Nivaldo:** Aparecia, assim, às vezes, nas sextas-feiras de noite. Era nas sextas-feiras. Ou nas segundas-feiras. Só esses dois dias.

**Joaquim:** Por quê?

**Seu Nivaldo:** Porque era o dia de aparecer zumbi. Zumbi de animal [Silêncio] Muita gente na sexta-feira num andava às dez horas em diante com medo. É porque acabou-se esses exemplos tudim, mas existe. Acabou-se. Depois que o pecado começou a entrar no mundo, cair no mundo demais, aí Nosso Senhor arretirou esses exemplos. Mas também um pai jogava uma praga no filho, acontecia aquilo. Hoje, pode é jogar que num acontece mais. Num existe mais negócio de praga não.<sup>37</sup>

Para seu Nivaldo, os animais não têm almas, mas os cavalos têm os zumbis. Isto é, eles viram zumbis após morrerem. São criaturas mortas que não são almas e nem espíritos, mas

<sup>37</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha. p. 13-14.

existem nas narrativas dos idosos, muitos dos quais já lhe garantiram avistá-los naquelas paragens. Nesses termos, há ambiguidades e tensões em torno da crença sobre a existência de animais que, estando mortos, permanecem vivos por meio de uma alguma dimensão material, enigmática, sonora, visível e invisível, concomitantemente.<sup>38</sup>

Essa (con)fusão de elementos nos lampejos mnemônicos do presente alude antigas disputas entre diferentes sujeitos e lugares sociais e institucionais, envolvendo desde os teólogos até os incrédulos, como salientou Keith Thomas. Sobre o início da era moderna europeia, esse historiador analisou como as desconfianças e as discrepâncias acerca das proximidades e dos distanciamentos entre homens e animais tomaram proporções significativas, envolvendo diferentes sujeitos, dos mais intelectualizados à gente comum. Esse debate adentrou as crenças e descrenças sobre as almas dos animais. Foi no quadro dessa tradição que a ambiguidade fez-se lugar-comum.<sup>39</sup>

Figurando-o como um Jaraguá, personagem outrora presente na tradição dos reisados da região, “sendo um animal de grande porte, feito de madeira e tecido, que movimentava os maxilares para receber o dinheiro do público”,<sup>40</sup> seu Nivaldo afirma que o zumbi dos cavalos não sai do lugar no qual aparece. Como uma bananeira, alto e longo, ele fica lá, parado e fazendo barulhos (poco, poco, poco), no meu entendimento provocado pelo choque dos maxilares, como ocorria com o Jaraguá.<sup>41</sup> Semelhantemente, faz o som do ronco, como se desejasse enganar os transeuntes e demais ouvintes. Para o narrador, não é possível capturá-lo. Ao contrário, é ele quem pode domar o sujeito que o vê e, consigo, fazê-lo desaparecer. Para isso, faz uso de dois dias da semana por excelência: as segundas-feiras e sextas-feiras. E quando indagado sobre os porquês destas datas, ele foi enfático: “porque era o dia para aparecer zumbi”. Em outras palavras, há um mistério.

<sup>38</sup> Sobre a presença do Zumbi dos Cavalos nas imagens de assombrações do Cariri, ver: FREIRE BEZERRA, Sandra Nancy Ramos. *Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombrações na região do Cariri*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011, p.138. A título de ilustração, ver uma xilogravura no anexo E.

<sup>39</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo animal: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução João R. M. Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 176.

<sup>40</sup> SILVA, Simone Pereira da. *Os sentidos da festa: (Re)significações simbólicas dos brincantes do Reisado de Congo em Barbalha-CE (1960-1970)*. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011, p. 50.

<sup>41</sup> De acordo com Oswald Barroso, o Jaraguá “é um personagem totêmico, provavelmente originário das selvas africanas ou das florestas tropicais. Uns dizem que é um pássaro, porém assemelha-se mais a um animal resultante da fusão entre uma girafa (corpo) e um jacaré ou cavalo (cabeça). Sua cabeça consiste em uma caveira de cavalo ou em uma armação de madeira imitando a cabeça de um animal de mandíbulas avantajadas, que abrem e fecham repetidamente, batendo com grande barulho. A queixada possui um mecanismo que permite sua manipulação pelo dançador e está fixa a uma cabo de madeira, que lhe serve de suporte. Seu corpo é formado por uma ‘empanada’ presa ao pescoço, ocultando a figura do dançador”. BARROSO, Oswald. *Reis de Congo*. Fortaleza: Ministério da Cultura; Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais; Museu da Imagem e do Som, 1996, p. 191.



Figura 9 - Jaraguá. Acervo da Casa da Memória de Porteiras.  
Foto: autor. Ano: 2016.

Essas narrativas não estão presentes apenas no Ceará. Creio tratar-se de crenças circulantes em muitos outros espaços do Brasil. Nos escritos de Cascudo, a título de exemplo, o zumbi assume características de um ente fantástico. Ou ainda, como o folclorista registrou sobre o interior do estado de Alagoas, no século XX, ele pode representar o fantasma de um cavalo, “que reaparece galopando pelas estradas. No lugar em que tenha morrido um cavalo não passa ninguém à meia-noite; se passar aparece o zumbi-dos-cavalos, que vai crescendo, crescendo, até matar o indivíduo”.<sup>42</sup>

Vale destacar como narrativas sobre cavaleiros e cavalos fantasmas há séculos povoam o imaginário do Ocidente. O caso mais claro dessa afirmativa diz respeito ao *Bando Hellequin*, um exército de mortos atormentados. Suas manifestações no mundo terreno, gemendo e gritando, colaboraram com a constituição de um além turbulento e agressivo. Paulatinamente, o bando foi inserido no rol das maravilhas.<sup>43</sup>

Há aproximações entre os sons do cavaleiro narrado por Dona Losinha, os barulhos do trupé narrado por meu pai, as memórias sobre as sonoridades e as visualidades dos zumbis dos cavalos contadas por seu Nivaldo e as antigas crenças sobre aparições assombrosas do *Bando Hellequin*. Creio que essas conexões podem indicar apropriações e ressignificações culturais urdidas no presente. Há, aí, imbricações de estratos de tempo múltiplos.

<sup>42</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Op. Cit., p.767-768.

<sup>43</sup> *A História Eclesiástica*, um texto escrito em latim pelo monge Orderic Vital (1075-1142) e datado do início do século XII, conta a narrativa de um jovem padre chamado Walchelin que afirmou ter testemunhado a aparição do Bando. Ver LE GOFF, Jacques. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Tradução Stephania Matousek. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 209-220. Sobre o *Bando Hellequin* ver também: SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Op. Cit., p.113-142.

Projetando-o como mais um exemplo, Seu Nivaldo dá notoriedade ao desaparecimento do Zumbi e de outros exemplos na contemporaneidade. Para isso, há explicações em seu universo cultural e religioso. No seu entender, foi Jesus Cristo quem retirou do mundo essas aparições, uma vez que o pecado passou a controlar a ordem das coisas mundanas. Entretanto, seu desaparecimento não nega sua existência. Eles sumiram no tempo histórico (presente), mas continuam existindo no campo dos mistérios e, por que não dizer, da memória sobre os exemplos.

O tempo do pecado desordenado não merece maiores ensinamentos. Parece que o Corpo de Deus, ao passo em que ensinava por meio dos exemplos, retirou-os do mundo contemporâneo para também informar aos sujeitos desse tempo os poderes do tempo divino, de quem ordena e controla a eternidade. Mas, como seu Nivaldo mesmo diz, se Jesus retirou alguns exemplos, outros permanecem enigmáticos.

Portanto, se parte significativa da sociedade contemporânea nega a existência dessas “coisas” sobrenaturais e naturais, concomitantemente, as memórias dos narradores apresentam a força da tradição, da crença e dos valores dos mais velhos sobre os sons dos mortos, sejam eles provocados por pessoas e/ou bichos. E nas lides da sobrevivência da arte de contar, as narrativas e os narradores preservam alguns mistérios.

Essas experiências narradas lembram-me que, para alguns casos, nem tudo pode ser dito e/ou esclarecido. Não há necessidade de razão explícita para as marmotas e os exemplos das almas. No contraponto, existem marmotas que não apenas apresentam ensinamentos e informações sobre os tempos dos mortos, mas também sobre o tempo da morte dos vivos. Como narrou Dona Losinha:

**Dona Losinha:** Aí o povo vê marmota. Quando dá fé é os armador, porque naquele tempo os armador, num é desses não. Era dos armador grande de madeira. Feito de madeira. Aí diz que via os armador rente, rente [imita o som produzido por uma rede sendo balançada em um armador]. Com certeza, morria um, uma das pessoas. Era.

**Joaquim:** Então o armador fazendo barulho era...

**Dona Losinha:** Era, quando era com poucos dias morria um dos Feitosa. Era as almas se balançando [Risos]. Aí meu Deus. É, aparece.<sup>44</sup>

Quando não se trata do gemido, do grito, da conversa, do barulho de objetos mexendo nos pratos e nas macaúbas, ou mesmo do som do cavaleiro invisível, dos zumbis dos

---

<sup>44</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato. p. 15.



cavalos e do ranger dos armadores das redes durante o balanço das almas, os mortos podem aparecer apenas propalando sua voz no vento:

**Maria do Horto:** Olha, o sábado é de Nossa Senhora. A Sexta é o dia do Senhor. Pois é né. Olhe essas mães, que a pobre das almas, que tem os filhos sofrendo no outro mundo. Eles matam, eles fazem tudo e fica sofrendo. As mães se bem souber aconselhar, não dá mau conselho a ninguém, não botava ninguém no mau caminho, porque se eu dou mau conselho pra você, o que você fizer fica nas minhas costas.

**Joaquim:** E a alma é que vai sofrer?

**Maria do Horto:** É porque eu deixei de dá um bom exemplo.

**Joaquim:** E tem os bons exemplos?

**Maria do Horto:** Porque Deus perdoa seus inimigos, Deus perdoa. Tem! Quando eu cheguei aqui, D. Rosa morava ainda no abrigo. Ela tem dois filhos em São Paulo. Eles vinham do serviço e os ladrões o mataram. Quando foi meia-noite, elas viram batendo na porta [pausa].

Aí falou a voz deles. Ela olhou pro relógio e viu que era meia-noite. Quando foi bem cedo chegou um telegrama, se a pessoa bem soubesse não tirava a vida de outro.

**Joaquim:** E eram as vozes deles, das almas?

**Maria do Horto:** A alma ela passa, né não! Aonde tiver é rápido.

**Joaquim:** Mesmo morrendo lá em São Paulo?

**Maria do Horto:** Em qualquer canto, se Deus permitir, né não? Era um bom filho, né? Menino. Exemplo! A gente dorme nesse mundo pra ir acordar no outro mundo.<sup>45</sup>

Segundo Maria do Horto, as vozes de dois jovens transcorreram rapidamente do espaço de São Paulo à cidade de Juazeiro do Norte. Filhos de uma conhecida da narradora, eles foram assassinados e, na mesma noite, tiveram a permissão divina para voltar à casa dos pais. À meia-noite, eles bateram na porta, e uma voz ecoou, sem nada aparecer e sem mais nada dizer. Na manhã do dia seguinte, o telegrama anunciava suas mortes.

Diferente da maldição pronunciada pelos pais que desencadeou no exemplo do gemido do filho morto, presente nas narrativas dos penitentes de Barbalha e apresentada no início deste capítulo, os filhos obedientes e bons também são merecedores de exemplaridades. Todavia, de bons exemplos e, igualmente, autorizados por Deus.

Embora exista uma inversão na lógica do exemplo, antes associada ao fim pedagógico para conversão,<sup>46</sup> agora a palavra ganha uma conotação mais associada ao dia a dia dos narradores, aberta e flexível às boas experiências. Há, mesmo na narrativa do assassinato trágico, um bom exemplo a ser contado.

<sup>45</sup> Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p.12.

<sup>46</sup> LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Tradução Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994, p.123-126.

Por tudo isso, é plausível que algumas experiências sejam cognoscíveis e inteligíveis a partir da lógica do merecimento, das aceções sobre os pecados na vida e sobre os tempos do morrer e dos mortos. Entretanto, outras não apresentam enredos com essa conotação e desnudam ações cotidianas sendo vividas pelos mortos. Existem, ademais, aparições que se apresentam como “coisas” inexplicáveis. Esse é o caso do ronco misterioso narrado pelos penitentes do sítio Cabeceiras, em Barbalha. Eis as memórias de Seu Nivaldo:

**Seu Nivaldo:** O povo contava era muita coisa. Apareceu também um ronco. Grande, aqui estremecia também aqui. Muita gente cercaiva ele, pra ver o que era. O caba tava... uma vez o finado [?] tava tocando lá em riba, mei mundo de gente, mais de cinquenta pessoas, aí tinha uns caba lá, mei bom, aí disse:

— Seu [?], eu descobri o que é.

O ronco roncava lá em baixo, roncava lá em riba, ai cercaro o ronco.

**Intervenção de Seu Antônio:** Eu ajudei a cercar. Foi lá perto do cemitério, foi perto do cemitério, esse dia.

**Seu Nivaldo:** Mais num, só o ruuummm. O ronco. Aquele coisa feia. Só o som do ronco. Aí assombrava mesmo. Aí assombrava que era fei, mas tinha uns caba que se garante, mais de cinquenta pessoas tava nesse brincadeira lá, era.. eles tavam tocando lá, porque de primeiro os forró era de harmônica de oito bastos. Aí juntaram muita gente lá nessa noite. Aí, apareceu esse ronco. Roncando aqui em baixo, aí com pouco roncava de banda, roncava assim ... Aí os caba dizia:

— Oxente que ronco é aquele.

Todo mundo parou de tocar.

— Vamos olhar.

— Vamos indo.

Com pouco tava lá em baixo de novo, noutro lado. Aí os caba:

— Vamos cercar.

Cercaro, arrudiaro ele assim [gesticula com as mãos]. Roncava aqui no meio. Aí o caba partia para fechar pra ver o que era. Com pouco ele roncava lá do outro lado. Aí roncava. O caboclo subia e até quando desapareceu. *Ninguém sabia o que era, sabia que era um negócio estranho, um negócio invisível que ninguém num via a pessoa, num via sombra, num via nada. Só aquele ronco no meio do... gritava bem pertim da pessoa assim: roooooommm. A coisa mais feia do mundo.*

**Joaquim:** E como era o ronco?

**Seu Nivaldo:** Era um ronco feio. Um ronco assim grosso, grosso assim como roco, feio mesmo, todo mundo se assombrava. Esses caras que num se assombraram e deu coragem a todo de mundo de ir atrás atacar ele pra ver se pegava, pra saber o que era, mais ninguém sabia.

**Joaquim:** E aparecia mais de uma vez?

**Seu Nivaldo:** Não. Apareceu só essa vez e pronto. *Foi um exemplo, que num queria ser visto.* Podia até aparecer pra alguma pessoa né? Se fosse alguma coisa estranha, de alma, de tudo, mais não apareceu mais, nunca mais ninguém viu.

**Joaquim:** E como foi essa história do cerco, que tentaram cercar o ronco?

**Seu Nivaldo:** Juntava aquelas pessoas, o pessoal que tinha tudim naquele forró lá, nesse forró, que era muito homem, aí ficava assim: um aqui, outro com uns dez metros de um pra outro, aí outro ia com umas dez braças assim, e trinta metros, aí ficava pra junta pra ver se via alguma coisa né? Que era na beira da

estrada. Aí o caba atravessava a estrada e no outro aí com pouco arrudiava o mei da estrada, o bicho roncava aqui no mei da estrada. Aí o caba fechava pra ver o que era. La roncava lá, e era encostado, ele roncava como quem fosse que nem dali assim naquela casa ali, com cinco metro ou dez. Aí os caba ia e arrudiava de novo pra ver mais num tinha quem visse. Só ouvia o ronco. Aquele coisa fei. Aí terminou o caba desistindo. *Ninguém num sabe o que era não. De primeiro tinha homem aqui que tudo que acontecia queira que saber o que era. Hoje não, o caba num quer mais saber dessas coisas não. Num aparece também. Acabou-se esses negócios.*<sup>47</sup>

Em uma primeira leitura, parece mesmo ser um “exemplo” com início e meio, mas sem um ponto final ou uma finalidade. Logo, o “exemplo” não segue, pelo menos em princípio, a estrutura dos contos maravilhosos comumente presentes em outras narrativas de tradição oral, inclusive daquelas apresentadas por Seu Nivaldo, em outras partes do texto.<sup>48</sup> Conforme esse narrador, as pessoas do passado eram curiosas e tentavam descobrir essas manifestações e entendê-las, hoje em dia, entretanto, seus contemporâneos não mais querem “descobrir” os porquês das exemplaridades. O exemplo é esse: as pessoas da contemporaneidade não conseguem entender os exemplos que, por sua vez, estão desaparecendo do mundo.

Quando essa entrevista era realizada, o decurião dos penitentes e irmão de Seu Nivaldo, Sr. Antônio, fez uma intervenção, demonstrando que ele foi um dos homens que participou do cerco do ronco, se projetando, portanto, como uma testemunha. Após aquela entrevista, fiz uma outra com o decurião, e o ronco voltou a ser o assunto no início da nossa conversa:

**Seu Antônio:** A visagem também eu quero dizer ao senhor que a visagem deve ser uma coisa, num tem cabimento a gente dizer, porque eu num queria contar o que eu num sei né? Num é assim?

**Joaquim:** Mais aquilo que os mais velhos contavam para o senhor?

**Seu Antônio:** Os mais velhos contavam que tinha negócio de alma né, o povo se assombrava e tudo né? Quando via alma, se assombrava e corria. A história é a mesma que o menino contou alí. Agora eu digo ao senhor que existe dois caminhos, existe.

**Interrupção da entrevista.**

**Seu Antônio:** Então, disso aí eu num sei dizer não. Eu sei dizer assim daquele negócio do ronco, eu vi.

**Joaquim:** Como foi, o senhor viu o ronco?

**Seu Antônio:** Vi e fui mais os colegas atrás. Eu já era rapazinho já. Fui eu, meu cunhado Zé Luzia, o compadre Pereira, Zé Rosário, todos os homens que morava, Virgílio, que morava e morreu agora há pouco né. Nós vimos e nos cerquemos essa roça de feijão nossa, lá perto do cemitério, e quando nós

<sup>47</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha p.6-7. Grifo meu.

<sup>48</sup> Sobre a estrutura dos contos maravilhosos e casos relatados por cearenses no século XX, ver LIMA, Francisco Assis de Sousa (Coord.). *Contos populares brasileiros*: Ceará. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2003.

chegava lá que fechava a moita já roncava desse lado. Nós corria pra lá. Terminou se assombrando todo mundo. O Zé Luzia morava lá na, aculá e ele, longe, era longe, e Vicente Pereira também morava. Ai quando foi pra ir simbora se assombraro todos os dois, que um ia deixar um e outro ia deixar o outro, entende? E passaram a noite nesse rojão. Se assombraram e ai pra não perder a noite todinha, dormiram na casa de um só. Lá na casa de finado Zé Luzia. Porque ninguém via nada. Só ouvia o ronco, só ouvia o ronco.

**Joaquim:** E apareceu de novo?

**Seu Antônio:** Apareceu de novo não. Nunca mais apareceu isso não. Foi só essa vez.<sup>49</sup>

Nas memórias do decurião dos penitentes, o ronco teria aparecido dentro de uma roça de feijão, nas proximidades do cemitério da comunidade. E ocorreu no período da sua adolescência e/ou juventude. Um pouco mais adiante na entrevista, ele falou:

Era o ronco feio que nem fosse um porco, mas roncando diferente, que deu pra assombrar. Ele queria gemer que nem gente, que queria ronca que nem porco. Queria uivar que nem cachorro. Aí então ficava assombrando todo mundo. Mas deixe que nós era muito homem, todos os homens que, tem deles vivos pra contar a história, esse ronco e nós subia em riba cercava a moita todinha com os pés de milho, aí o povo ia chegando se encostava um no outro pra ver se pegava com as mãos. Oxe já tava gritando lá detrás, dentro da roça. Era uma tarefa de roça nera, do lado de cima da estrada. Então ficou difícil de saber porque terminou assombrando, nós se assombremos todos.<sup>50</sup>

Somando-se a narrativa do irmão, Seu Antônio demonstra como a atenção foi dedicada ao ronco em virtude da sua sonoridade estranha, polifônica e multiforme. A aparição roncava como um porco, mas sendo diferente dele. E ainda gemia como gente e uivava imitando os cachorros. Era um ronco metamórfico. O assombro não permitiu que o caso fosse revelado. Ele permaneceu no terreno do mistério.

Os sons não são as únicas formas de aparição e de construção da figuração dos mortos assombrosos. Em alguns casos, eles foram vistos e tocados pelos vivos, inclusive, pelas pessoas que entrevistei.

## 4.2. A danação das luminosidades

### 4.2.1. *Lumes da memória*

Nas palavras das pessoas com as quais teci relações dialógicas, tudo está marcado por Deus, seja nas suas escrituras, seja nos mistérios do tempo eterno. De todo jeito, há um dia

<sup>49</sup> Entrevista realizada com Antônio Sales, em 05/04/2015, na sua residência, Sítio Cabeceiras, Barbalha. p. 6.

<sup>50</sup> Entrevista realizada com Antônio Sales, em 05/04/2015, na sua residência, Sítio Cabeceiras, Barbalha. p. 8.

marcado para morrer. De forma escrita ou falada, rimada ou cantada, os fiéis procuram evidenciar os laços da vida terrena com o destino celeste. Entretanto, o livre arbítrio da criatura humana pode provocar desvios e mudanças de rumo do que fora traçado no princípio. Os assassinatos, por exemplo, interferem nos tempos do morto e do assassino. Essa percepção sobre as temporalidades veio à baila no diálogo com Dona Toinha:

**Joaquim:** Se for antes desse dia certo?

**Dona Toinha:** É. Se for antes desse dia certo, pode ser que fique vagando ou pode ser que se salve, ninguém sabe, mas pra morrer mesmo assim uma pessoa de idade, assim que nem eu, e outras e outras que tem por aqui e tem por aí por muitos cantos, tamos esperando pelo dia que nós nascemos. Que nós nascemos né? No dia que nós nascemos Nosso Senhor marcou o dia de vim buscar.

**Joaquim:** E quando a pessoa é matada, quando uma pessoa mata a outra?

**Dona Toinha:** É. Quando a pessoa é matada não morreu no dia que Nosso Senhor marcou pra vim buscar ele. É matada! E tem deles que muitas coisas que existe hoje no mundo, eu penso que é por causa disso, que hoje em dia morre mais gente matada do que morrida. Porque é de carro, é de moto, é de tudo no mundo. O povo de hoje pra morrer, Ave Maria, sei lá meu Deus.<sup>51</sup>

Para outros interlocutores, os casos de ‘morte matada’ envolvem os assassinatos. Entretanto, tal categoria não se restringe a eles. Na contemporaneidade, como reforça Dona Toinha, muitos têm a vida ceifada por causa dos acidentes de morto e de carro, seja via atropelamentos, seja ocasionadas por batidas que atingem condutores, passageiros e pedestres. Diferentemente do passado, no qual a “morte matada” era definida, sobretudo, por conflitos que levavam os sujeitos a cometerem crimes contra a vida, na atualidade, tal categoria se alarga e agrega outros mortos, falecidos em virtude de circunstâncias das mais diversas. Como reitera a narradora: “é de carro, é de moto, é de tudo no mundo”.

Deus é preciso e meticoloso com o tempo e não recebe os mortos antes do seu chamado. A estes cabem purgar e aguardar o fechamento do tempo para, somente depois disso, adentrarem o outro mundo. Com isso, o corpo pode ficar morto, mas o morto permanece vivo, às vezes dentro da corporeidade, e outras fora dela, ora separados, ora indissociáveis. No momento em que foi indagado sobre as diferenças entre as almas celestes e as terrenas, Seu Nivaldo reforçou esse entendimento:

**Seu Nivaldo:** Não. As do Céu é diferente das nossas porque nós estamos purgando os pecados e as do Céu é limpa. Né? Nós tamos, nos cometemos os pecados aqui e vamos, que o cara assim que morre, tem gente que vai julgado com cem anos, depois que morreu. Pois é, tem na Bíblia dizendo que, eu mesmo num lembro mais não que minha vista não dá, mais de primeiro eu

<sup>51</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 01/12/2013, na sua residência, sítio Monte Alverne, Crato.p.14.

pegava e lia os papel. Mais eu tenho, as menina que lia, minhas filhas é religiosa também, elas das carismáticas num sabe? Que tem a capela alí e toda noite tem, a boca da noite. Mas quando elas vem lá pra casa vai com minha rezar. Que elas são casadas e trabalham, não tem tempo pra isso.

**Joaquim:** E as almas que ficam na terra são diferente das que ficam no Céu?

**Seu Nivaldo:** — Não, não tem diferença só que as que vão pro céu alimpa, porque é consagrada né. E as daqui tão purgando os pecados pra se alimpar também. As do Céu é limpa por isso, porque tá salva. E as daqui tão, fazendo as vezes de se salvar.

**Joaquim:** E elas ficam aqui até quando?

**Seu Nivaldo:** Até quando Jesus chamar. Quando chegar o dia dela ser julgada. Jesus vai, chama. Aí elas vão pra lá.<sup>52</sup>

Enquanto não é chegado o tempo do chamado de Jesus, os mortos vivem juntos aos vivos. Conforme algumas narrativas, aqueles que não “morrem de tempo”, continuam trabalhando, desempenhando as mesmas funções cotidianas vivenciadas antes do inesperado:

**Maria do Horto:** Quem sabe é Deus, né? Tal vida, tal morte né? Lá no meu lugar, naquele tempo se. Ele era fazendeiro e ele vendeu um gado e vinha com dinheiro e tinha um desocupado, foi final, matou ele né, mas depois ele foi pego, porque. Na luta da casa, o homem estava pescando e viu ele assentado na beira do [começa a rir] quem não morre de tempo, quem morre assim matado, né? Não é de tempo não, esse povo vive num sofrimento. Olhe essas motos elas andam com, os motoqueiros anda mortos, por isso que é tanto desastre, quando eu pego uma moto é de que me lembro.

**Joaquim:** O motoqueiro morto?

**Maria do Horto:** Sim, essas motos. A mulher contou que sempre meia-noite chegava. Mataram o marido dela e elas não acharam, que enterraram queimado. Sempre, sempre quinze pra meia-noite chegava a moto daquele terror, né não! Tá compreendendo?

**Joaquim:** Chega a moto na casa dela?

**Maria do Horto:** Sim, do marido né. Chega da aqueles pio num é não?

**Joaquim:** como foi essa história? ela contou pra senhora foi? conta de novo, eu não entendi.

**Maria do Horto:** É sim... Olhe, uma alma.

Um moto-taxi. O marido dela é moto-taxi, você num sabe que roubam a moto e matam? Eles, eles fica trabalhando, e outros e eles ficam, agora quem não vê. E eles morrem como eles mataram, num é não? Por isso que é tanta morte, eles tão matando muito motoqueiro, né. Eu tenho medo de moto mode isso, num é não! Por isso que é tanta morte e eles andam em cima.

**Joaquim:** Os mortos?

**Maria do Horto:** Os mortos, sim. Nem que a pessoa vai e se acaba da mesma forma. A mulher estava era a meia-noite. A senhora de idade estava ali no mutirão, que esse povo a meia-noite gosta de rezar, que o anjo né, disse que parou, chegou assim de repente, dois motoqueiros, duas motos assim, uma por cima com a coisa mais feia. Aí era fogo, era fogo e com pouco desapareceu,

---

<sup>52</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha. p.19-20.

aí era duas cinzas morta né. Porque do jeito que a pessoa anda na vida anda na morte, Deus me livre! É tal vida, tal morte.<sup>53</sup>

Consoante Maria do Horto, quem “não morre de tempo” fica sofrendo no mundo. Para exemplificar, ela mencionou o caso ocorrido com o marido de uma amiga: um motoqueiro morto percorrendo as ruas de Juazeiro do Norte, e seu retorno cotidianamente ao lar de sua morada. Na ocasião em que eu pedi para ela falar mais sobre o assunto, Maria do Horto esclareceu tratar-se de um moto-taxista assassinado.

Conforme suas palavras, a alma daquele moto-taxista continua circulando nas ruas, como se estivesse trabalhando. O morto teria sido vítima de latrocínio, o que corresponde ao roubo seguido de morte. Tendo sua moto roubada e seu corpo queimado e enterrado em terreno desconhecido, ele não tivera nem os ritos fúnebres de tempo e tampouco de espaços, aqueles considerados pelos católicos como necessários para o transpasse da alma ao outro mundo. Consequentemente, todos os dias, um pouco antes da meia-noite, ele volta à morada dirigindo sua moto. Embora ele esteja invisível, o som produzido pela motocicleta atenta a viúva para àquele retorno à sua porta.

Nas memórias sobre esse caso, não há menções sobre crueldade do morto. Não lhes são atribuídas referências tocantes às maldades e perturbações às outras pessoas. Na narrativa, ele apenas retorna para casa, todos os dias, após as muitas horas de trabalho, tal qual fazia quando encarnado, como se desejasse se comunicar com os vivos, embora isso não fosse permitido. É importante considerar que essa crença sobre a alma do moto-taxista não está isolada de outras concernentes aos acidentados e vitimados do infortúnio nas duas rodas. Creio tratar-se de hibridismos culturais com crenças espíritas.<sup>54</sup>

Ao ser solicitada para explicar com mais detalhes aquela experiência, Dona Maria do Horto a comparou com outro caso ocorrido nas ruas de Juazeiro. Ela lembra-se das memórias de uma idosa, experiências que segundo ela lhes foram narradas recentemente. Em certa ocasião, durante momentos de oração dos fiéis, à meia-noite, dois motoqueiros mortos surgiram repentinamente no bairro Mutirão. Em uma das motos estava “a coisa mais feia”. De repente, eles transmutaram-se em tochas de fogo e desapareceram, restando suas cinzas no lugar.

---

<sup>53</sup>Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p.14.

<sup>54</sup> Entre as bancas de revistas e livrarias do Cariri, encontrei o livro *Motoqueiros do Além*. Tal escrito, publicizado pelo Instituto de Difusão Espírita, reforça a crença segundo a qual a morte física não aniquila a vida dos espíritos, apresentando casos de motoqueiros mortos, desencarnados, como a crença expressa, que se comunicam com as pessoas por via mediúnica nos trabalhos espirituais da Casa “Perseverança”, trabalhos estes voltados para a edificação do bem. Cf. FORMIGA, Euclides; MONTEIRO, Eduardo Carvalho. *Motoqueiros do além: Espíritos diversos*. 28 ed. Araras, SP: IDE, 2006.

Diferentemente do moto-taxista mencionado, eles não tiveram suas famílias e/ou seus locais de moradia identificadas. Sobre eles recaem o mistério. Mas, o caso deixa algumas certezas e lições.

As expressões “E eles morrem como eles mataram, num é não?” e “tal vida, tal morte” lembram como os assassinos dos moto-taxistas têm a morte provocada pelo mesmo infortúnio de suas vítimas. Da mesma forma que mataram quando vivos, eles morreram e, depois de mortos, voltaram a matar outras pessoas. Cria-se, assim, um ciclo de mortes violentas e sobre duas rodas?

Vítimas e assassinos ficam presos ao tempo terreno sob o signo do tormento, embora em graus de sofrimento distintos. Enquanto o moto-taxi trabalhador cumpre seu tempo terreno percorrendo as ruas e retornando para o lar todas as noites, aguardando, assim, o chamado divino, os motoqueiros transmutados em fogo dirigem suas motos nas ruas a fim de prejudicar, assustar e matar outros motoqueiros e transeuntes vivos. Eles permanecem condenados ao signo do fogo e das cinzas, e sem tempo, portanto, para a salvação. De acordo com Maria do Horto, tal qual esse caso, muitos outros assassinatos ocorrem em Juazeiro, o que aumenta o número de mortos circulando em motocicletas. Isso explica seu medo e seus cuidados no trânsito tumultuado daquela cidade.

Nessas tramas, há indícios da lógica do exemplo. Para além da revelação e lição do tempo tocantes o moto-taxista e os motoqueiros, existe outra exemplaridade. Na arte de narrar, Maria do Horto parece indicar que os motoqueiros queriam matar os fiéis que oravam nas ruas do Mutirão, à meia-noite. Por algum motivo misterioso, eles retornaram às cinzas antes de promoverem desgraças. E os fiéis conseguiram se livrar daquela presença nefasta e mísera. Em outras palavras, fica evidente que as pessoas que percorrem as ruas da cidade do Pe. Cícero orando, comumente romeiros e devotos, assim como ela, mesmo à meia-noite, conseguem vencer os motoqueiros infaustos. A fé é o ponto de sustentação e o mistério da sobrevivência.

Na construção dessas memórias, os significados parecem tecer um artesanato fiado com base nas formas de conduta em vida dos narradores, dos personagens e mortos por eles narrados, estando tudo alinhado às lições divinas do tempo. Para esclarecer essa relação, Dona Maria do Horto lembrou a experiência escutada sobre um jovem assassinado aos 19 anos e cuja alma ficou presa ao mundo terreno até o momento no qual ele completou a idade da vida definida por Deus:

**Joaquim:** E isso aí ainda aparece hoje em dia?



**Maria do Horto:** Não! Não, é invisível, essas coisas só vê quando é permitido por Deus.

**Joaquim:** Mas acontece?

**Maria do Horto:** Acontece! Se uma alma estiver em bom lugar ela vem salvar aquela pessoa, Nosso Senhor manda.

**Joaquim:** As almas que estão em bom lugar elas podem vir ajudar. E essas das pessoas que não morrem no tempo elas ficam..

**Maria do Horto:** Eles ficam até o dia, meu irmão. Num tem aquelas histórias de São Pedro?

Quando São Pedro andava no mundo, pesquisava um, pesquisava outro, se tinha bom coração. Aí São Pedro, aí Nosso Senhor chegava numa casa, só botavam eles, são histórias que o povo conta, só botavam eles com barrar, num era? Nisso, nesse dia que ele chegou nessa casa tinha um jovem de dezenove anos pedindo a mãe, porque toda vida teve forró e naquele tempo dança né? E naquele tempo num tinha cavalo, num tinha essas coisa e andavam de pé, né? Aí São Pedro chegou mais Nosso Senhor, pra quê, se soubesse que era São Pedro e Nosso Senhor. Aquele menino chorando, pedindo pra ir para essa festa e a mãe não queria deixar nem o pai. Nosso Senhor passou ali três dias, o menino foi pra festa e não chegou e São Pedro mais Nosso Senhor só passava três dia e saia, caminharam, caminharam. São Pedro gostava de perguntar, quando muito longe tinha um morto, um velhinho, era o menino. Aí São Pedro disse:

— Mas Senhor aquele velho ali num deserto desse sem enterrar.

Aí disse:

— É aquele menino que estava querendo ir pra festa.

É porque a idade dele morrer é essa noventa ano, tá entendendo? Por isso, a idade dele. O pai não queria mais a mãe, quando os pai não quer, a idade que ia morrer era noventa anos, o urubu comeu né? E assim tem muitas histórias.<sup>55</sup>

Essa narrativa segue a ordem dos contos populares. Lembro a existência de narrativas sobre a presença conjunta de São Pedro e Jesus Cristo percorrendo caminhos do mundo terreno e dialogando com pessoas e almas, como é o caso dos contos *Jesus e São Pedro Pelo Mundo* e *As Viagens de São Pedro à Terra*, ambos registrados por Francisco Assis S. Lima na década de 80 do século XX, nos municípios cearenses de Saboeiro e Crato, respectivamente.<sup>56</sup>

De acordo com Jack Goody, os contos populares se inserem naquilo que ele chama de “formas orais padronizadas”. Somando-se às canções, ao drama popular (teatro), aos mitos, às lendas e às recitações históricas, sendo todos estes diferenciados a partir da forma, do conteúdo e da função, os contos apresentam uma certa caracterização: geralmente são breves, muitos são organizados em versos e apresentam animais, deuses e humanos como personagens. Para o autor, há uma certa homogeneidade dos contos no mundo, uma vez que eles circulam

<sup>55</sup>Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p.15-16.

<sup>56</sup> LIMA, Francisco Assis de Sousa (Coord.). *Contos populares brasileiros*. Op. Cit., p.119-121 e 249-250.

sem muita pressão cultural específica, possuindo, em diferentes culturas, formas favoráveis de literatura associadas à idade, gênero e classe. Segundo Goody, é necessário incorporar nos estudos sobre eles, reflexões sobre o orador, o público e o contexto, visto que mesmo estando situados em formas orais padronizadas, os contos mesclam criatividade e tradição, mediante as relações dialógicas e o contexto da fala. Desta forma, ele explica como há presença da ação racional e não racional na transmissão cultural eivada de arranjos dinâmicos.<sup>57</sup> E a questão, por fim, desemboca em qual o propósito de lembrar.

O propósito de Maria do Horto foi esse: ela fez uso do conto para apresentar que Deus é o Senhor do tempo. E os mortos na Terra, querendo ou não, têm que aguardar seu chamado. Nesses termos, a narrativa apresenta uma lição exemplar do tempo: com aspectos semelhantes ao caso narrado pelos penitentes de Barbalha na abertura deste capítulo, as memórias ensinam que é necessário obedecer e respeitar as vontades dos pais. Nesse caso particular, não apenas para não transmutar-se em uma assombração após a morte, a exemplo do gemido, mas, sobretudo, para não morrer antes do tempo e, conseqüentemente, não ficar preso ao mundo terreno e, tampouco, ter o corpo devorado por abutres. Isso impediria seu retorno ao pó e, incontestavelmente, sua salvação.

Mais um detalhe merece ser sublinhado: a narradora não apresenta essas memórias como oriundas de um conto escrito, mas sim como sendo de uma história verdadeira e contada oralmente. De acordo com Portelli, as fontes orais dos grupos tidos como “subalternos” possuem liames à tradição das “narrativas populares”. Seguindo essa tradição, as diferenças entre os gêneros narrativos são menos taxativas do que na cultura escrita dos grupos dominantes ou da chamada cultura erudita. É comum, exemplifica ele, que uma história esteja entrelaçada com um conto fantástico e/ou uma composição poética, como percebi variadas vezes nas recordações de Maria do Horto, em Juazeiro, e de Seu Antônio, em Barbalha. Frisando que não existem formas narrativas exclusivamente atribuídas a transmitir informações históricas, “as incursões na história, na mitologia ou na poética tendem a intersestar-se, produzindo discursos na primeira pessoa nos quais ‘invenção’ e informação se alternam e sobrepõem”. Desta maneira, por vezes, é extremamente difícil definir uma fronteira entre o acontecimento narrado e a imaginação socialmente partilhada.<sup>58</sup>

Como exemplo disso, lembro que Maria do Horto contou a experiência do morto preso na Terra até completar 90 anos, tendo sido abandonado na estrada e encontrado por Jesus

<sup>57</sup> GOODY, Jack. *O mito, o ritual e o oral*. Tradução Vera Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 48-50.

<sup>58</sup> PORTELLI, Alessandro. *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: Ética, memória e acontecimento na História oral*. Tradução Miguel Cardina e Bruno Cordovil. Lisboa: Edições UNIPOP, 2013, p. 26.

e São Pedro. No Juazeiro do pretérito, foi o Pe. Cícero quem encontrou uma alma ainda presa ao tempo:

**Maria do Horto:** Olhe, aqui é caminho das almas.

Olhe o romeiro. O meu padrinho estava aqui, aí um romeiro ia para o Santo Sepulcro, era cedo umas cinco horas da tarde, aí tinha um homem. Naquele tempo meu padrinho, tinha um homem aqui na Areia Grossa... Tá passando dá bom dia, né? Ele dá bom dia, ele não falou e quando ele voltou, ele no mesmo lugar deu bom dia. Aí ele chegou, meu padrinho, já pensou que era alma, né. Meu padrinho:

— Alí tem um homem, passei dei bom dia, dei bom dia. Aí meu padrinho disse:

— Aquela alma, ali é a alma dele, tá com cem anos que ele morreu, morava por aqui e nunca foi ao Santo Sepulcro.

Tá compreendendo? tá compreendendo quem é o Santo Sepulcro?

**Joaquim:** Que ele morava lá e nunca tinha ido.

**Maria do Horto:** Nunca tinha! Estava com cem ano e ainda estava no meio do caminho. É feliz quem viaja, né não? <sup>59</sup>

Nas memórias da narradora, o tempo e o espaço se cruzam em ritmos distintos, entre o além e o aquém. As memórias sobre pregações do Pe. Cícero presentes na oralidade expõem a experiência de um morador do Juazeiro que, mesmo tendo residido na Cidade Santa, nunca havia visitado o “Santo Sepulcro”.

De acordo com Régis Lopes Ramos, no imaginário dos devotos do Pe. Cícero, o Santo Sepulcro está situado no centro da Serra do Horto, e este, do seu lado, é o centro da “Nova Jerusalém”, visível e invisível. Para alcançá-lo, estando o devoto no cimo do Horto, no qual está situada a conhecida estátua do Pe. Cícero, inaugurada em 1969, ele segue uma vereda permeada de pedras e poeira. Mais de seis quilômetros ligam a estátua ao espaço almejado, que é palmilhado pelos fiéis desde o tempo em que aquele sacerdote era vivo. Na Jerusalém dos fiéis, lá foi o túmulo de Jesus. As crenças também indicam que nas rochas existentes no curso do caminho há inscrições feitas pelo Santo do Juazeiro. E é justamente uma grande pedra, dividida em duas partes, o espaço de um rito relativo à purgação e purificação. Diz a tradição que quem passa pela brecha, limpa a alma. Algumas pessoas saem arranhadas e com as roupas rasgadas, outras ficam presas na brecha, sendo socorridas pelos demais. Desta forma, o Santo Sepulcro redime os pecados e limpa as almas dos vivos. <sup>60</sup>

Quem não vai na vida, não deixa de ir após a morte. Maria do Horto conta que aquele morador do Juazeiro começou a jornada até o espaço místico depois de morto. E,

<sup>59</sup> Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p. 21.

<sup>60</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O meio do mundo*. Op. Cit., p.379-380.

passados cem anos, na contagem do tempo histórico do calendário, ele continuava sua travessia, estando, ainda, no meio do caminho. A caminhada parece, portanto, como uma obrigação a ser cumprida no tempo.

A história ensina, por conseguinte, que os fiéis residentes naquela cidade devem palmilhar os caminhos Santos para não serem punidos. Para finalizar esse trecho da conversa, a narradora completa: “É feliz quem viaja”. A felicidade, aqui relacionada à Redenção, recai para os mortos que quando vivos viajaram, cumpriram suas obrigações religiosas, visitaram e oraram nos espaços sagrados da cidade do Pe. Cícero, sobretudo passaram no Santo Sepulcro e limpam suas almas.

É válido ressaltar que não somente os moradores do Juazeiro precisam fazer a caminhada aos espaços sagrados. Os demais desejosos de salvação devem realizar o percurso, ao menos uma vez na vida, caso contrário, o farão após a morte, de forma misteriosa e numa temporalidade longa e penosa, marcada no calendário de Deus.

Na continuação da conversa sobre os mortos e o tempo, Maria do Horto contou a experiência de um morto viajante:

**Maria do Horto:** [Risos] Sim! Olhe. Olhe rapaz, porque tem muita história, o mundo, olhe!

Tinha um homem, tá com cinco ano que o povo chamava ele pra vim pra Juazeiro. Aí ele dizia:

— Eu só vou quando morrer!

Vinha de caminhão né. É aqui de Pernambuco.

— Seu Manoel vamos pra Juazeiro?

— Não, eu só vou lá quando morrer.

Deixa que nessa data que os meninos veio, os meninos veio. Toda vez que chamava ele dizia:

— Eu vou lá quando morrer.

Esses meninos vieram de caminhão e subiram o Santo Sepulcro. Deixa que ele lá morreu, né. O homem lá na terra dele morreu, e quando os meninos, os rapazes vinha descendo do Santo Sepulcro ia Seu Manoel! era ele, com uma cabacinha nas costa, mas ia que ia a mil. Aí os menino disseram:

— Oxente! Seu Manoel não veio mais a gente. Ele disse que só vinha quando morrer.

Aí pronto eles ficaram, deixa que eles... Quando chegou na casa, era ele que tinha morrido naquela mesma hora, está acompanhando, tá compreendendo menino? Ele disse que só vinha né[...] ele contando bem ali na estação, eu parei pra ver também viu, com uma cabacinha, mas ia que ia, porque é alto, só ele, aí no outro ano foi que ele contou né, no outro ano foi que ele contou essa história. E se você perguntar a romeiro, você encontra.<sup>61</sup>

<sup>61</sup> Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p.22.

Mais uma vez, este caso não diz respeito à imagem de uma alma. Foi o próprio morto andarilho que foi visto à luz dos olhos dos seus conterrâneos. Desta forma, a visualidade agrega a corporeidade dos mortos nas narrativas gestadas nos e sobre os caminhos místicos do Juazeiro e do Cariri.

Tal qual a cidade de Juazeiro e seus espaços sagrados são marcados pelas peregrinações dos vivos, os mortos também percorrem suas ruas, visitam os espaços e cumprem obrigações, embora o façam em outras temporalidades distintas do tempo histórico e não sejam vistos por todos. Nesse sentido, vivos e mortos dividem e convivem nos muitos caminhos da Terra Santa. Isso se aplica tanto aos moradores da cidade, quanto aos inúmeros romeiros. Da boca destes, como diz a narradora, sai muitas histórias de mortos percorrendo os trajetos que dão acesso à Nova Jerusalém e, dentro dela, das ruas que interligam seus espaços sagrados.

Na construção das aparições visuais dos mortos na contemporaneidade há justaposições e entrelaçamentos de narrativas, de muitos casos, significados múltiplos e partilhados entre sujeitos dos mais diversos. As memórias apontam urdiduras de temporalidades: do mesmo modo como elucidam enunciações da eternidade a partir dos mortos antes do chamado divino, refletem as imbricações entre o tempo histórico dos vivos e os tempos misteriosos dos já falecidos. Estreitam, além disso, a relação entre temporalidade e exemplaridades: o tempo dos vivos e dos mortos também serve de exemplo, na tentativa de entender os mistérios do além, e no desejo de melhor viver neste mundo.

No cotidiano, é preciso compartilhar a experiência oralmente com os sujeitos integrantes dos seus círculos de convívio e agregar detalhes na composição da história narrada. E nesse processo de composição da memória narrativa, urdir e afirmar a visualidade. Como ensina Luisa Passerine, a dimensão de constituição da memória situa-se em dois polos: um individual e outro coletivo, polos estes que interagem e se influenciam, mutuamente.<sup>62</sup>

#### **4. 2.2. O ‘funaré’ dos mortos**

Seu Antônio, o decurião dos penitentes de Barbalha, narrou sobre um “negócio” que o assombrou:

**Joaquim:** E o senhor já viu alguma alma?

**Seu Antônio:** Não.

**Joaquim:** Mas já viu alguma assombração?

---

<sup>62</sup> PASSERINE, Luisa. *A memória entre política e emoção*. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 7-8.

**Seu Antônio:** Eu já vi um negócio que me assombrei, mas a coisa não deu pra me assombrar direito né?

**Joaquim:** Mas como foi essa história?

**Seu Antônio:** Isso foi assim, tá com mais ou menos um mês. Que eu só ando de noite, tarde da noite, tá aí a mulher que prova, eu só ando tarde da noite. [?] do finado Sebastião, nós cantemos até bendito lá, que ele sabe cantar muitos benditos. Eu vinha descendo aí quando cheguei, ali tem uma ladeira, ali, aí a máquina passou e ajeitou, a máquina. Aí o dono da terra com raiva, fez um quebra mole muito grande. Aí eu vinha descendo de noite, com base de dez e meia da noite, dez e meia da noite. Que eu sai da casa de zé Sebastião, era umas dez horas da noite. Então, quando eu cheguei lá, tem uma casinha lá, de minha afilhada. Eu fui quando olhei, olhei logo o buraco né? Que lá tem um buraco pro povo num passar com carro né? Aí quando eu olhei tinha um homem estirado. Aí eu digo:

— Num tive medo.

Eu tive mais medo de o povo ter matado o homem, ou a moto ter matado o homem, ou um carro barruado, num é assim? ou a pessoa ter matado. Então, eu pensei isso:

— Então, eu vou passar bem por longe e vou caminhar ligeiro.

Aí olhei pro homem e fui arredando pro lado e tombando lá pro lado dos buracos. Quando eu passo um pouquim, um pouquim, como daqui nesse outra casa aí [gesticula com as mãos] aí lá vinha um carro. Alumiou, alumiou meu rosto. Eu digo:

— Aqui tá sem jeito. Agora vamos ter que provar e num tem mais o que fazer.

Eu pensei no sentido logo. Aí o carro vei: - pan, pan, pan, pan. Aí baixou a luz pra poder passar no buraco. Abaixou a luz, eu só olhei e tava limpo. Num tinha nada, nada, nada. Então, eu esperei, o carro passou por eu. Que eu não ia me meter na frente do carro. O carro passou e eu num vi nada. Aí eu tive um pouquim de medo né? Aí quando eu fiquei com medo aí eu fui caminhando. Lá vinha uma moto. A moto passou no mesmo canto. Quando a moto chegou foi que meu cabelo baixou um pouquim. Quando eu não vi nada foi que eu tive medo. Entendeu? Aí por isso eu acho que deve ser uma coisa que exista, e eu num sei dizer não. E tá com muitos anos que eu ando por todo canto e nunca vi nada. Nunca.

**Joaquim:** E isso era uma alma?

**Seu Antônio:** Eu num sei o que era. Num posso dizer o que era nada. Sei que. Aí eu conversando com Zé Sebastião, ele dizia que ali aparecia um caixão de defunto né. O povo corria com medo do caixão. Ele conta.

**Joaquim:** Como era a história dessa caixão?

**Seu Antônio:** Num sei. Ele contou a mim só a história que o povo dizia. Que via um caixão de defunto né? Ele disse:

— Muita gente, compadre Antônio. E você ainda vai ver.

Eu disse:

— Será compadre? Aí eu deixo de vir aqui, porque se eu topar com o caixão de um defunto aí a carreira é feia.

Num é assim mesmo?<sup>63</sup>

O propósito daquela aparição não foi revelado. O narrador não definiu abertamente essa questão, e o mistério permaneceu. Esse caso não foi desvendado, contudo, outras

<sup>63</sup>Entrevista realizada com Antônio Sales, em 05/04/2015, na sua residência, Sítio Cabeceiras, Barbalha. p. 5-6.

recordações sobre a relação entre visagens de mortos e caixões nas estradas foram mencionadas por outros narradores.

Ainda falando sobre aparições nas proximidades do sítio Cabeceiras, Seu Nivaldo contou sobre os mistérios de um caixão:

**Joaquim:** E por aqui tem alguma casa mal assombrada?

**Seu Nivaldo:** Tinha. Tinha uma casa velha depois da ponte. Essa que eu tava contando que vinha aquelas pessoas e chegava. O povo via umas cobras lá como quem fosse umas lavadeiras de fogo andando assim, cobra mesmo, como uma cobra mais só aquelas lavadeiras de fogo, ouvia era muita coisa alí. O povo via. O povo via.

**Joaquim:** Como era essa história dessa cobra?

**Seu Nivaldo:** O povo via aquele caixão, com aquela pessoa dentro. Lá. Aí o povo se assombrava com ele. Se tivesse alguma pessoa que chegasse perto pra olhar que era o caixão desaparecia. Desaparecia tudo de uma vez. Lá nessa casa, era mal-assombrada mesmo.

**Joaquim:** Era lá que aparecia a cobra?

**Seu Nivaldo:** Cobra do olho de fogo e quando o caba olhava pra ela muito, ela começava a pegar fogo e saía andando. Aí desaparecia.

**Joaquim:** E o que acontecia com quem via?

**Seu Nivaldo:** O povo se assombrava. Num tinha quem chegasse perto não. Tinha medo. Pois é.

**Joaquim:** E ela era grande ou era pequena, como era?

**Seu Nivaldo:** Grande, grande. O povo diz que era uma cobrona. Eu nunca vi não, mais muita gente já viu, alí. Via, agora não vê mais não que acabou-se esses exemplos. *Parece que tem o tempo marcado de a pessoa virar aquilo só naquele tempo. E o povo dizia que era um, uma pessoa que tava penando alí.* Só em ver o caixão com a pessoa dentro. A pessoa dentro mesmo, o caixão aberto e a pessoa dentro do caixão. Quando, aí o caba corria. Se o caba chegasse perto pra olhar se era uma pessoa que tinha botado alí, desaparecia, o caixão. Tinha vez que a pessoa pegava gente nos braços. Caía. Dava um ataque do medo. Aí quando a pessoa via aquela pessoa alí, pegava, era um conhecido. Aí quando a pessoa se acalmava, que tornava, aí dizia o que era que tinha visto. Mas o caixão não tava lá não. Muitas vezes, o povo pegava gente alí e levava pra casa:

— É fulano tá aqui, fulano deu um ataque.

Quando o caba levava pra casa dele, quando chegava lá ele contava o que é que tinha visto, por isso que tinha aquilo. O caba ficava com tanto medo que caía, desmaiava. Era assombração demais. Só em o caba ver um caixão alí de defunto com um defunto dentro. E o caba pensar:

— Será se foi alguém que deixou aqui? Eu vou olhar o que é.

E chegar lá e desaparecer. O Caba cai homem.

**Joaquim:** E isso é algum sinal?

**Seu Nivaldo:** Num deixa mensagem nenhuma porque desaparece.<sup>64</sup>

A cobra é um signo mágico, tanto nas Escrituras cristãs, quanto nas tradições orais alusivas à morte e aos mortos. A título de exemplo, lembro como ao historicizar um núcleo de

<sup>64</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha p. 14-15. Grifo meu.

saberes e ritos agrários nos séculos XVI e XVII, na Itália, Carlo Ginzburg narrou sobre como as cobras eram associadas às almas dos sujeitos que morreram jovens (aqui interpretadas como antes do tempo).<sup>65</sup> Não por acaso, nas memórias de seu Nivaldo, a narrativa sobre a cobra de fogo coaduna com as aparições de um caixão com um defunto dentro. E o mistério foi revelado quando o narrador indicou que se tratava de um morto que penava por lá. Nesse caso, a purgação de um infeliz em um espaço terreno se mostrava aos olhos dos vivos.

Conforme o narrador, parece que há um tempo específico dedicado aquela aparição. Ela se torna visível enquanto seu tempo de purgação está em execução. Desse modo, seu desaparecimento está atrelado ao cumprimento da sentença e a consumação dos exemplos, mistérios esses restritos a sabedoria e a ordem temporal de Deus.

No que toca aos caixões, outra narradora, a dona de casa, ex-feirante e atualmente manicure Cida, lembrou uma experiência que desde sua infância lhe foi narrada:

O povo diz que alí na curva depois de Dom Quintino, diz que tem lá uma curva muito perigosa. Diz que um tempo diz que, as pessoas via uma pessoa. Vamos supor, você ia aqui aí a pessoa mandava você seguir pra outro canto. Caía o carro, morria lá dentro. Porque num tem... você já foi pro lado de Farias Brito? Tem uma curva... Tem muitas coisas que podem ser verdade, mas também que podem ser mentira.

**Joaquim:** E o que as pessoas contavam sobre lá?

**Cida:** Que aparecia uma pessoa lá. Isso eu ouvia falar desde eu pequena. Que aparecia uma pessoa lá e mandava seguir. Dizem que tem uma procissão do caixão alí. É porque lá você, eu não sei agora né? Mas lá tem até uma barra de ferro fazendo aquela curva. (...) Tem assim um abismo bem grande. Alí diz que lá as vezes você vinha aí, no seu carro, aí aparecia uma pessoa, vamos supor, mandava você, se você ia aqui, mandava você ir assim, você caía na besteira aí caía lá dentro e morria. Eu ouvi falar desde eu pequena.<sup>66</sup>

Vale ressaltar que, um pouco antes desse fragmento da entrevista, ela abordou o caso de uma morta pedindo carona naquela mesma passagem, segundo ela, essa história é comumente narrada em várias partes do Brasil. A pessoa do desvio não foi apontada, portanto, como um vivo, mas sim como um morto. Este desvia a rota dos viajantes para eles caírem no abismo da curva.

Depois de comentar esse caso, Cida deu um indício do que poderia provocar aquelas aparições: lá também era o local no qual aparecia a procissão de um caixão. Em sua narrativa, este objeto está atrelado, portanto, às aparições de almas perigosas, já que elas confundem os

<sup>65</sup> GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem: Feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI-XVII*. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 91.

<sup>66</sup> Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato, p. 13-14.



vivos, provocando mortes intencionalmente. Essa não foi a única narradora a revelar tais significados.

No momento em que falava sobre as aparições de almas penadas, Maria do Horto lembrou dois casos: o primeiro nas ruas do Juazeiro, o segundo na sua terra natal, o lugar onde morava antes de migrar para a cidade do Pe. Cícero, na década de 1980:

**Maria do Horto:** Ainda aparece, aparece como num dia desses do nada, vinha tarde da noite quase que se assombra né. Olhe, disse que ai nesse pau seco quando é meia-noite passa a rede *do caixão atravessado*.

**Joaquim:** Como é que é essa história?

**Maria do Horto:** Um caixão atravessado, ali, meia-noite em diante, se ver visagem menino! Um caixão atravessado [risos]. Aí tem gente que não tem medo de alma.

**Joaquim:** E o que acontecia com quem via o caixão?

**Maria do Horto:** Nada, nada, porque é alma ou passa ou volta. Ali é... Os mais velhos sabem contar coisa, hoje em dia não tá aparecendo os exemplos, mas tá. Olhe, foi lá em meu lugar, muitos anos, eu tinha era quinze anos, um homem matou uma pessoa sem merecer, assim você sabe, briga de tentação. Aí ele ia comer, quando ia comer a poça de sangue, né. Aí estava emagrecendo, aí a família, aí ele disse, ele morreu seco. E ainda é mesmo hoje em dia, é porque é muita coisa e ninguém ver, né. Ele ia comer e via as coisas batendo, as bolas de sangue no prato, do homem que estava morto né meu filho?

**Joaquim:** Do morto na comida?

**Maria do Horto:** É do sangue que ele derramou né. (...) Morreu magro. É morreu de fome [pausa]. A família perguntou:

— Por que pai não come?

E ele via mais não dizia só via as golfada de sangue. E Deus é o mesmo, foi no meu lugar na Estiva do Raposo.<sup>67</sup>

O destaque foi dado ao sangue. Para Maria do Horto, o líquido minando na comida do assassino era uma providência ou manifestação do homem vitimado. Ao que tudo indica, os familiares do assassino não viam o sangue surgir na sua comida. Apenas ele o enxergava. Assim, não era a materialidade líquida que vinha à luz dos olhos de todos. Era, sim, uma visagem do sangue que era percebida unicamente pelo sujeito que ceifou a vida do vitimado. Assim, apenas o culpado foi atormentado. Impressionado com o caso, o homicida morreu seco, de fome, sem conseguir se alimentar. A vingança do morto é o ponto chave desse exemplo. E experiências semelhantes continuam acontecendo: “E ainda é mesmo hoje em dia, é porque é muita coisa e ninguém ver, né”, reforça a narradora.

<sup>67</sup> Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p. 22-23. Grifo meu.

Isso evidencia certa continuidade de uma crença antiga comumente partilhada por gente das elites e das populações mais pobres na Europa dos séculos XV e XVI, e urdida na composição do imaginário religioso brasileiro tocante os mortos vitimados de “morte matada” ao longo da sua colonização. Como sublinha Jean Delumeau, “Ainda no século XVII, numerosos juristas dissertaram sobre os cadáveres que se põem a sangrar em presença do assassino, apontando assim à justiça”. Naquele universo mental, uma visão animista do universo, conflui com um caráter oscilante da fronteira entre a vida e morte.<sup>68</sup>

No bojo da questão, os poderes dos mortos são postos em relevo. Os assassinados denunciam aos vivos quais foram os responsáveis por sua desventura por meio do sangramento do seu corpo morto. Na experiência contada por Maria do Horto, é o prato de comida que denuncia, sendo usado pelo morto para fazer verter seu sangue e, com isso, não apenas exigir a justiça, mas sim, promovê-la com seu próprio sangue. Além deste caso, tradicionalmente, os mortos fazem usos de outras formas para denunciar seus agressores, como é o caso das experiências da natureza denunciante.<sup>69</sup> Destarte, tais mortos não somente denunciam e assombram seus agressores. Eles também têm poderes para provocar suas mortes. Ao aproximar esses dois casos, portanto, a narradora os projeta nos exemplos do passado que, no presente, afirma a entrevistada, ainda aparecem, embora ninguém veja.

Esta última afirmação é indicativa à presença dos exemplos no tempo presente. Hoje em dia, eles continuam povoando o mundo, aparecendo, e ensinando aos vivos lições do tempo histórico e enunciações do tempo eterno. O problema, nesse sentido, recai no excesso. Residindo na polifonia do Juazeiro do Norte e convivendo com a velocidade do mundo contemporâneo, Maria do Horto afirma que quando “existe muita coisa”, as pessoas não veem as outras em virtude do número exacerbado de informações alcançadas diariamente. Nesses termos, o que outrora era visível pode se tornar invisível por conta do excesso, não necessariamente das aparições dos mortos, mas sim das muitas experiências anunciadas e vividas diariamente.

Isso sinaliza o próprio ritmo da entrevistada e da entrevista. Ela fala rapidamente como quem tem muito pra contar. Cruza frases e palavras. Misturas históricas. Entra em outros casos sem finalizar o que estava dizendo. Fala de forma apressada. Canta benditos rimados e por ela criados. E ao longo de toda a entrevista, ela fala para me convencer sobre a certeza dos

---

<sup>68</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente (1300-1800)*: Uma cidade sitiada. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 120-121.

<sup>69</sup> Sobre a natureza denunciante, ver CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Global, 2006, p. 350-353.

mistérios de Deus e do tempo eterno, bem como sobre os poderes miraculosos do Pe. Cícero e dos espaços de Juazeiro.

Somando-se às narrativas sobre aparições de sons, luzes, motoqueiros, corpos, cobras e caixões nas estradas e cidades do Cariri, alguns entrevistados mencionaram a procissão das almas. E teve narrador que não somente escutou dos idosos tais narrativas, como também presenciou o susto das pessoas:

**Joaquim:** E as pessoas falavam de uma procissão das almas. O senhor já ouviu falar?

**Seu Nivaldo:** Já sim. Já vi assim porque de primeiro o povo andava com, o povo enterrava gente de pé. Num tinha caixão, de primeiro né? Aí quando a gente dava fé lá vinha aquele mei mundo de gente com aquela, com aquela rede assim num pau, num, bem amarrado, num pau e o povo trazendo. Quando um cansava o outro pegava. Aí quando uma vez meu pai morava alí pra cá do, onde hoje é a capela, tu viu a capela alí? Onde hoje é a capela tinha uma palmeira ali torta virada pra estrada. Aí quando foi uma vez nós estava lá no terreiro, aí muita gente lá no terreiro, aí com pouco lá vem aquele... *Umas dez horas pra onze horas, vinha aquele funaré.*

— Epa home, deixa eu levar um pouquim.

— Eu vou levar, deixa agora é minha vez.

— Deixa eu levar um pouquim.

— Após pega, leva, leva.

— Vamos chegar logo na rua [cidade] com esse defunto.

Só aquela alarida. Aí todo mundo correu pra estrada pra olhar. Quando chegou na estrada, vinha sem ninguém. Todo mundo correu com medo. A rede andando sozinha, com o defunto, no ar. Era uma assombração mesmo. Aí todo mundo se assombrou. A rede bem alvinha passou voando no ar e agritaiada levando a rede. Só grito mesmo, as vozes. Num tinha quem não se assombrasse. Era a coisa mais feia do mundo.<sup>70</sup>

Nos dicionários de língua portuguesa e nos usos cotidianos do Cariri, a palavra procissão designa um ritual, comumente religioso, no qual uma marcha, muitas vezes organizada por clérigos e seguida por fiéis, entoa orações e benditos. Entretanto, Seu Nivaldo apresenta a procissão das almas como um “funaré”. Contraditoriamente, na oralidade do Ceará, esse termo significa confusão, como a cratense Josenir Lacerda enfatiza no cordel *O Linguajar Cearense*.<sup>71</sup> Tal “esculhambação”, era promovida pelos mortos e realçada pelos vivos. Para construção desses sentidos, ele ressalta a reação que viu das pessoas e o que ouviu quando uma procissão tomou a cena em uma determinada situação:

<sup>70</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha p. 16. Grifo meu.

<sup>71</sup> LACERDA, Josenir. *O linguajar cearense: O dicionário de cearensês em cordel*. Fortaleza: Tupynanquim Editora, S/D, p. 06. Igualmente, são sinônimos de “funaré”: esculhambação, bagunça, zorra; furdunço, buneco [sic] e fuzarca. Cf. SARAIVA, Andréa. *Orélio cearense*. Op. Cit., p.139.

**Seu Nivaldo:** E a nossa casa mesmo na beira da estrada e o povo tudim contando. Meu pai contava história de trancoso. Ele contando história, aquele mei mundo de gente assistindo as histórias e o povo lia verso né, *de primeiro*. Aí aconteceu isso. Vinha essa alarida com esse caba morto numa rede descendo de Arajara pra Barbalha. Passou de frente lá de casa, onde hoje é a capela, lá vinha a zuada.

— Ei vamos chegar logo pra enterrar logo.

A mei mundo de gente como quem fosse umas vinte pessoas ou mais. Aí nós corremos. Todo mundo correu pra estrada. Eu era garotinho, de um negócio de onze anos, eu tinha uns onze anos nessa época, aí ainda bem que eu era miudim o povo todo mundo correu foi na frente e antes de eu chegar lá, eu num vi né. Vi só o alarido, e a rede passando. Também eu num sabia se era alma que eu era pequeno. Num se assombrava com nada. A zuada do povo passado:

— Num é ninguém não é só a rede passando.

Correu. A rede passou sozinha, e as pessoas conversando e ninguém viu ninguém. Só a rede no ar. Aí foi uma assombração feia mesma. Eu mesmo não me assombrei porque na época eu não tinha entendimento de, assim de gente, mais se num contava a você, ao senhor, quando foi entrevistar ele porque num lembrava dessa. Porque essa daí foi verdade. A rede passou sozinha no ar, aí foi verdade [Silêncio]. Aí assombrou todo mundo.

**Joaquim:** E essa rede tinha uma cor, como era?

**Seu Nivaldo:** Era bem alvinha, a rede bem alvinha avoando com o defunto dentro. E o caba via mesmo o jeito do defunto dentro da rede. Bem alvinha, só a rede no ar.

**Joaquim:** E que tempo foi isso?

**Seu Nivaldo:** Isso foi em 50, 60, eu tinha 11 anos. Eu nasci em 49. 61. De 60 para 61. Esse negócio aí. Foi de 61. (...)

**Joaquim:** E as almas dessas pessoas que morriam nas estradas? As pessoas contavam sobre o que é que acontecia?

**Seu Nivaldo:** Eu acho que é sobre esse negócio que as pessoas via nas estradas, aqueles caixão com uns defuntos dentro através disso aí, né? Que o caba encontrava, via. Era uma alma mesmo alí. Alí era uma visagem, num era uma alma. Uma visão, uma visão, fei, alí, que desaparecia. E ninguém sabe se é alma não. Ninguém sabe o que é. É um exemplo. Alí aconteceu é um exemplo, um exemplo fei. Horrroso, exemplos que assombram as pessoas.<sup>72</sup>

Seu Nivaldo, na época um garoto com cerca de 11 anos, não viu a rede passar, mas ouviu o alarido provocado na ocasião pelos mortos na condução do objeto e pelos vivos assustados com o que viam. Tal qual foi por ele mencionado, até meados do século XX, nos espaços rurais do Cariri, os sepultamentos dos corpos mortos ocorriam sendo eles levados em rede de dormir, aspecto este reconstruído nas memórias de muitos narradores e também presente em muitos escritos sobre as tradições fúnebres no Brasil de outrora.<sup>73</sup> Assim sendo, os objetos usados pelos vivos nos sepultamentos eram, igualmente, usados pelos mortos nas aparições assombrosas.

<sup>72</sup> Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha. p. 16-17. Grifo meu.

<sup>73</sup> Ver ARAUJO, Alceu Maynard. *Folclore Nacional III*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 72-77.

Por volta dos anos finais da primeira década do século XXI, mais precisamente em 2009, a historiadora Sandra Nancy Bezerra registrou memórias sobre a procissão de almas na comunidade de Cabeceiras. Dentre os entrevistados da época, o decurião Joaquim Mulato (*in memoriam*) relatou que nunca viu tal procissão, mas que outros conhecidos seus a avistaram. Ele a descreveu como um cortejo de almas brancas, cabisbaixas e que seguia rezando. Contudo, ninguém conseguia compreender o que diziam ou rezavam. Suas vozes eram incompreensíveis, embora fossem auditíveis.<sup>74</sup>

As memórias que gravei no diálogo com Seu Nivaldo, em 2015, distanciam-se do relato de Joaquim Mulato. Seu Nivaldo fala de almas invisíveis cujas vozes eram facilmente por ele escutadas e compreendidas. Elas gritavam palavras e expressões concernentes ao desejo e à pressa para o enterro do corpo do morto. Nas narrativas destes dois penitentes, a cor da aparição é semelhante, branca, mas sua forma é distinta: enquanto Joaquim Mulato fala da imagem do cortejo das almas visíveis, seu Nivaldo pronuncia a visualidade da rede com o defunto e da invisibilidade dos mortos.

Essas divergências projetam para a cena deste escrito, entre outras questões, a singularidade da narrativa e do narrador. No meu entendimento, pelo fato de Seu Nivaldo descrever esse cenário com detalhes, a forma de contar ganha relevância tal qual o que é contado. O entrevistado enfeita a narração, reproduz as vozes das almas, indica o momento noturno, lembra do público ouvinte, e do que era dito e lido naqueles ocasiões. Ele constrói subjetivamente o tempo da narração.

Isso faz lembrar como, em alguns casos, há momentos para se contar histórias. Pois como assegura Alessandro Portelli, elas assumem características específicas dentro do contexto da narração. Seu Nivaldo se refere a uma temporalidade diferente: “de primeiro”, como ele a define. De ouvinte, ele se torna um ator e se insere nas tramas sobre causos e assombrações da comunidade à qual pertence. Entretanto, ainda de acordo com Portelli, “todo o tempo pode ser o tempo de contar ‘estórias’”.<sup>75</sup>

Simultaneamente, e talvez sem perceber, o narrador evidencia como na atualidade a forma de contar é diferente, segue situações distintas, como aquela na qual nos encontrávamos: diferente de narrar para crianças, ele contava para um pesquisador ansioso para ouvir histórias de almas. Dessa forma, minha presença na ocasião da sua narração estabelece

---

<sup>74</sup> FREIRE BEZERRA, Sandra Nancy Ramos. *Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombrações na região do Cariri*. Op. Cit., p.77. Há uma xilogravura sobre a procissão das almas no Anexo E.

<sup>75</sup> PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: Funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa et. al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D’água, 2004, p. 297.

uma diferença significativa, bem como o fato de eu me dirigir ao seu encontro, ligar o gravador e pedir para ele contar suas memórias. No mesmo momento em que afirma como os outros “de primeiro” desconheciam aquela visão, ele a define hoje como um exemplo horroroso: tratava-se de mortos antes do tempo, em virtude das mortes nas estradas.

Seu Nivaldo lança luz para a interpretação da experiência, evidencia a vontade de prender minha atenção, respondendo ao que ele pensava que eu esperava ouvir. Dessa maneira, esse entrevistado uniu os mortos nas estradas às procissões das almas, diferentemente de outras narrativas e narradores. Afinal, como sabiamente ensina Portelli, a história contada é algo vivo, um trabalho em reelaboração no qual os narradores examinam a imagem do seu próprio passado enquanto falam e vivem. Desta maneira, ela é parcial, provisória e aberta.<sup>76</sup>

O passado que se abre no presente de forma parcial e dinâmica também foi percebido em outras memórias e visualidades fantasmagóricas. Recordações sobre o fogo corredor alumiarão a imaginação e o imaginário dos narradores ganhando espaço na arte da escuta e da relação que vivi com os entrevistados. Eis as memórias de Seu Antônio:

Agora o fogo corredor tem lí pro senhor vê em qualquer hora. Tem gente que viu. Tem o dia. O fogo corredor. O fogo corredor é assim: o fogo sobe azulzim, bunitim. Eu num vi só, todo mundo aqui das Cabeceiras já viu, os mais véi. Aquele fogo sobe ai no pau e desde naquelas grotas. Aí sobe e desce. Um dia eu fui amarrar os animá lá, eu e meu pai, eu nunca tinha visto não. Aí só vi o fogo subindo e descendo. Eu disse:

— Papai, oxente aquele fogo alí subindo e descendo no pau, e desce e sobe, e é um fogo diferente.

Parece que era um fogo assim verde, que era azul. Mas eu era menino, garotim, chamei foi, era azul. O fogo, na minha vista, ele era verde. Eu, no pensamento meu, mas era azul. Aí ele disse:

— Alí é o fogo corredor meu fí, mas deixe pra lá. Nós vamos sair devagazim. Se nós correr ele corre atrás.

Eu disse:

— Será?

Ele disse:

— É.

Aí nós saímos devagazinho e ele ficou lá, não buliu com nós.

Fomos um dia Zé de [?], tava na casa de [?] aqui, aí foi quando chegou lá no rio tava o fogo corredor. Ele vai e bota o cavalo pra correr. Aí o vento chama. Aí correu atrás dele. Aí terminou quando ele chegou em riba, no alto, o cavalo cansou um pouquim, num podia subir na carreira, ele pulou do cavalo no chão. Aí também não pode correr nadinha não, caiu logo também. Aí o fogo parou lá eles caíram. O fogo parou longe dele, num foi perto dele não. Porque não pode correr. Do fogo corredor, não pode correr, se correr o vento chama, o vento chama né. Existe o fogo corredor, existe.

**Joaquim:** E onde era que aparecia esse fogo corredor?

<sup>76</sup> PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”. Op. Cit., p. 298.

**Seu Antônio:** Eu acho que tá com, eu num sei se tá com uns cinco anos que eu cheguei e vi ele subindo aculá. Só descendo e subindo.<sup>77</sup>

Esse narrador não foi o único a falar sobre o assunto. Maria do Horto me respondeu quando a pergunta foi lançada:

**Joaquim:** E a senhora já ouviu falar no fogo corredor?

**Maria do Horto:** Ave Maria! É duas bola! Já vi meu irmão! Ave Maria!! É dois, compadre com comadre que bate assim, olha [gesticula com as mão demonstrando o choque entre elas]. É difícil ver, né.

**Joaquim:** Como é que é o fogo corredor?

**Maria do Horto:** É duas bola de fogo batendo assim, saindo faísca, é compadre que é amigado mais comadre, triste!

**Joaquim:** É alma é?

**Maria do Horto:** É! É alma perdida.

**Joaquim:** Como é que é isso aí?

**Maria do Horto:** Olhe duas bola de fogo batendo, as bolas saindo faísca por todo canto, só Deus né meu filho.

**Joaquim:** São duas almas de compadre, mas por quê? Por que morreram?

**Maria do Horto:** Não porque viviam, compadre mais compadre não pode se amigar não. Ah, não pode se amigar, só isso. Lá sempre os velhos via... só é meia noite né. É difícil ver.

**Joaquim:** E hoje ainda aparece para as pessoas verem?

**Maria do Horto:** Ainda aparece, aparece como num dia desses, do nada, vinha tarde da noite quase que se assombra né, olhe, disse que aí nesse pau seco quando é meia noite passa a rede do caixão atravessado.<sup>78</sup>

Segundo Maria do Horto, o fogo corredor é composto por duas almas perdidas, uma de um homem, e a outra de uma mulher. Elas se chocam entre si ao ponto de saírem faíscas do atrito. Isso é um indício de uma coexistência tensa, conflituosa e indesejada, bem como sofredora para ambos. Mesmo assim, são indissociáveis. Nas memórias da narradora, há uma razão para isso. Como ela explica, um compadre e uma comadre não podem “se amigar não”. A expressão “se amigar” e o termo “amigados” são usados na região para demonstrar uma vida amorosa. Significa, sobretudo, ter relações sexuais sem o matrimônio, viver amasiado, também chamados de amancebados. Nesses termos, tal fogo é resultante da vida sexual ilícita entre eles.

Há, nestas aparições, um ensinamento. O laço do compadrio não pode ser rompido, quebrado. Ele é eterno aos olhos de Deus. A relação sexual entre os sujeitos interrompe o laço fraternal e sagrado, pois a fornicação é pecaminosa e extremamente ofensiva àquela tradição religiosa. Como resultado da desobediência e da afronta ao laço sagrado, eles são punidos depois de mortos, segundo a lógica do merecimento. Assim, se na vida eram amasiados, depois

<sup>77</sup> Entrevista realizada com Antônio Sales, em 05/04/2015, na sua residência, Sítio Cabeceiras, Barbalha. p. 9.

<sup>78</sup> Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p. 22.

da morte se confrontam ardendo no fogo, presos num tempo de sofrimento, no espaço terreno. E os narradores nada falaram sobre o fim das suas penas. Segundo Cascudo, as narrativas sobre fogo corredor seguem a longa tradição dos mitos de transformação.<sup>79</sup>

Tais quais outras aparições já explicitadas anteriormente, Maria do Horto demonstra como há dificuldades para ver o fogo corredor. Ou seja, existem elementos inexplicáveis nas aparições. E, mais uma vez, a noite é apontada como sendo a circunstância por excelência, o momento adequando para ver.

Além das especificidades temporais das almas, levando em consideração seu estado de purgação e cumprimento das penas no mundo terreno, promovidas pelos pecados cometidos em vida e/ou por morrerem antes do tempo do chamado de Deus, as aparições dos mortos também são relevantes quando olhamos para o tempo natural. Entre o dia e a noite há singularidades nas memórias dos entrevistados.

Como foi apresentado em variadas narrativas, os mortos aparecem, principalmente, durante as noites. Na dinâmica do tempo natural, este parece ser o momento por excelência para o sujeito se deparar com as visualidades e sonoridades das almas, bem como com as “coisas” nas quais eles se metamorfoseiam. Muitos dos entrevistados consideram isso tão natural que não há a necessidade de explicar. À noite é o tempo comum das visagens, principalmente depois das 22h, tendo destaque à meia-noite.<sup>80</sup> Outros narradores, todavia, buscaram argumentar o assunto, explicitando suas acepções sobre as conexões entre o tempo noturno e as visagens:

**Joaquim:** Na época que o senhor morava lá na Serra, que era menino, o Senhor viu alguma assombração, alguma visagem?

**Joaquim Luiz:** Não. Não, nunca vi não. Tenho andado de noite, tudo, mas...

**Joaquim:** Por que, é de noite que aparece?

**Joaquim Luiz:** Às vez aparece de noite, de dia... não. Nunca vi contar essas, nada de história de dia não, era à noite. Porque à noite você sabe né, é mais incelente. Hoje em dia não, num ouvi falar não.<sup>81</sup>

<sup>79</sup> Também chamado “fogo do compadre com a cumadre”, o fogo corredor foi mencionado por Cascudo como “uma tocha única que funde as duas almas pecadoras porque o compadrio é um título de sangue fraternal, indissolúvel”. Trata-se dos mitos de transformação, operados como punitivos em virtude do pecado, como outrossim é o caso do Lobisomem, filhos de incestuosos, e da Mula sem Cabeça, punição aos sacerdotes por sua amásia. CASCUDO, Luís da Câmara. *Folclore no Brasil*. 3 ed. São Paulo: 2012, p.116.

<sup>80</sup> Na construção mental e cultural do medo da noite, urdida numa longa duração no mundo cristão ocidental, Delumeau elucida como aquele momento sem luz ocupou o lugar no qual os inimigos do homem organizavam suas tramas, sejam relacionadas ao aspecto físico e/ou moral. Medos *na* escuridão e *da* escuridão foram paulatinamente urdidos, e se sobrepuseram, descortinando *perigos objetivos* e *perigos subjetivos*. Delumeau enfatiza como a Bíblia Sagrada já definira simbolicamente os destinos entre a vida, luminosa, e a morte, escuridão, sendo esta última, marcada pela presença de animais maléficis (*Sl 104, 20*), pestes tenebrosas (*Sl 91,6*), homens adúlteros, ladrões e assassinos (*Jó, 24,13-17*). Para salvação, há necessidade da luz divina. Na tradição cristã, o inferno é o domínio das trevas (*Sl 88,13*). Vale frisar ainda que, na Europa do começo da Idade Moderna, os aspectos negativos da Lua eram cúmplices dos malefícios da noite. DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. Op. Cit., p.138-153.

<sup>81</sup> Entrevista realizada com Joaquim Luiz dos Santos, em 15/10/2013, na sua residência, Centro, Porteiras. p. 5.



Culturalmente, o tempo noturno é o momento propício para as manifestações das forças do além, para a visibilidade e escuta das manifestações dos mortos errantes, e para sentir o medo arrepiar a pele, secar a boca e fazer tremer e correr. Este entrevistado termina esse trecho da entrevista informando que hoje em dia não mais escuta histórias de aparições.

Enquanto alguns dos narradores teimam em dizer que as almas e os mortos continuam no mundo, circulando, adejando os lugares nos quais morreram ou aparecendo inexplicavelmente, outros, afirmam o desaparecimento das aparições visuais. E explicam isso. Vejamos o que diz Luiz André, ao se reportar a dois momentos do passado no qual se deparou com luzes e visagens na Chapada do Araripe:

**Joaquim:** E história de alma? [Silêncio] As pessoas mais velhas de lá, lá de cima contavam muita história de alma?

**Luiz André:** Vêi, eu já vi, eu já vi, agora, eu já vi, eu já vi. Mas se [risos], eu num acredito não. Mas eu já vi.

**Joaquim:** E o que foi que o senhor viu, como foi?

**Luiz André:** Ó uma vez eu cheguei com meu irmão do corrente, era assim umas onze horas da noite. A lua quilara que nem o dia. Aí nós chegemos e tiremos as celas dos animais.

**Joaquim:** O corrente que o senhor fala é de que município?

**Luiz André:** É de Jardim, de Jardim. Ai nós chegemos assim umas dez e meia, onze horas, e fomos tirar as celas dos animais. Ai lá tinha um camim que descia assim, que ainda hoje desce. Desce assim e nós ia por aqui. Aí era assim numa ribanceira. Aí eu vi descer aquele branco, aí a uma pessoa né. Eu digo:

— Ô Zé (que era zé meu irmão).

Ele disse:

— Oi.

— O piquinino vai buscar água, olha ele descendo alí.

Piquinino era o pai desse Valdeir aí. Eu digo:

— Oxem Zé. Piquinino vai buscar água essa hora?

Ele disse:

— Oxe, ele num é doido não.

— Pois lá vai ele descendo aculá.

De noite, só a pessoa caminhando todo de branco né. Aí Zé disse:

— Cadê?

Eu disse:

— Lá vai ele descendo.

Zé disse:

— Não, eu num tô vendo não.

Eu digo:

— Oxente, ele vai descendo homem. Ele sai já aí no pé de jaca.

Aí zé disse:

— Apôs se for ele, vamos esperar ele aqui.

E esse vulto num chegou lá embaixo não. E Zé num viu não. Só quem viu foi eu. (...) tava só nos dois. E Zé num viu não. Só quem viu foi eu.

**Joaquim:** Faz muito tempo?

**Luiz André:** Faz tempo [gesticula com as mãos]. Faz tempo, foi em 52.

Outra vez, eu estava num forró lá na casa do teu avô, Gozanga Gomes, lá no Celeiro. Isso um mês de maio. Eu fui mais um colega, ai chegemos lá e, num mês de maio. Escuro, leblinando, aquela leblina. Joaquim é que era o sanfoneiro. [Risos]. Cheguei lá e me interti a dançar e o colega tinha uma namorada que morava lá nos manãs [ ? ]. Aí ele disse:

— Eu vou pra casa de minha namorada.

Aí foi pra lá. E de lá foi se embora, e eu fiquei sozinho lá na casa de Gonzaga, lá embaixo no Celeiro. Quando o forró terminou, aí tava Joaquina Tomé, sabe quem é Joaquina Tomé? Tava Joaquina Tomé, e uma filha de Neco Virgino, que é a primeira mulher de Dom João. Chamava Teresinha. Essa Teresinha era filha de Neco Virgino. Aí ela era uma professora e tava ensinando lá na casa de Juvenal Marroque. Aí tava lá nesse forró. Aí quando terminou o forró véi, que eu cacei o colega, cadê? Eu digo:

— Eita do Celeiro pra o Jatobá em?

Esse negócio assim de onze pra doze horas. Um escuro, escuro e leblinando, aquela leblina. Eu digo:

— Mas menino, eu ir sozinho pra aculá. Agora só esbarrar em alma, no guará, [risos].

Aí Joaquina Tomé mais Teresinha disse:

— Eita Luís eu vou mais tu. Eu digo:

— Bora.

Eu digo:

— Ói, pelo menos tem uma companhia até no mei da estrada, tem duas companhia, duas moça né. Aí tá bom.

Aí subimos. Nem uma queira ir na frente, e nem queira ir atrás

**Interrupção da entrevista** [toque do celular do narrador].

**Joaquim:** Aí nós saímos aquele bolo. [Interrupção: o narrador atendeu o celular e parou a entrevista por cerca de três minutos].

**Luiz André:** Pois é, que nem eu ia contando [silêncio]. Aí quando nós chegamos alí na casa do finado Pedro Evangelista. Aí nós vinha na vareda, tinha uma vareda, que a gente dizia que ia sair por dentro assim, lá na grota do vei João Bernardo, pra vir na estrada que vem da Prata. Nós entremos na vareda lá, no caminho, quando nós chegemos na estrada que vem da Prata, aí um vurto, na minha frente. Nós três nós vimos, nós três. Aí eu tinha uns colega que era Luiz Basílio, e Joca Bernardo, Chico Basílio, cada cá tinha umas namorada pra cá, e eu caminhando, o vulto na frente nossa, e nós três vimos o vulto. E eu chamando ô Chico Basílio, ô Joca Bernardo, ô Luís Basílio espera por eu. Nada, quando nós descemos o alto assim que foi pra atravessar a grota, que o povo dizia a grota de João Bernardo, nós descendo, desceu que subiu, desapareceu, o vulto num subiu lá.

**Joaquim:** E estava acompanhando vocês, esse vulto?

**Luiz André:** Não ia na frente. E eu atrás. Foi a coisa que eu vi. Foi a coisa que eu vi.

**Joaquim:** E tinha cor, esse vulto?

**Luiz André:** Era branco. Era todo de branco. Ai quando esse vulto desceu pro riacho, desceu a ribanceira pra chegar no riacho, pra subir a outra rebanceira lá. Num subiu lá não. No riacho desapareceu. Aí também foi a coisa que eu vi. Foi os dois vultos que eu vi.

**Joaquim:** E as pessoas diziam que esses vultos eram almas?

**Luiz André:** Diz que era alma.

**Joaquim:** E ainda hoje aparece essas coisas por lá?

**Luiz André:** Aparece não. Aparece não porque o mundo tá girando. O mundo tá descoberto.

**Joaquim:** Como assim?

**Luiz André:** Porque naquela época num é que nem hoje. Hoje olhe: você não pode sair mais daqui de Porteiras lá pra onde eu moro, lá pro Jatobá, dez horas da noite, num pode sair porque tem mal elemento na estrada. Tem gente, tem gente pensando que o caba tem dinheiro, chega bem aí, toma. E num pode, hoje num pode a gente hoje num pode dizer que vive livre não. Naquela época, naquela época olhe, eu saía de Jardim, nessas épocas eu saía de Jardim era com um pão de dinheiro, agora que hoje é... Naquele tempo era dinheiro. E eu saía de noite, oxe, num tava nem aí. Saía hoje! Saía hoje. Ó se o caba souber que, vamos supor, eu sou um negociante e vou lá pro Jatobá. O caba diz:

— Oxente, Luiz tá com dinheiro, recebeu, vamos pastorar ele aí.

É por isso que eu digo assim: olhe, hoje não existe mais aima [Silêncio]. Porque o mundo está furado. O mundo tá furado. Hoje tem mais mal elemento do que alma. Esses elementos mais antes fosse aima. Que aima num... aima num mata ninguém e nem engole e nem nada não. Agora um mal elemento mata, rouba, faz tudo o que num presta. Mais antes esses elementos fosse aima [Risos].<sup>82</sup>

Um mundo girado, descoberto e furado compõe a ordem da interpretação de Seu Luiz André. O desaparecimento das visagens das almas na contemporaneidade está atrelado à ascensão das outras formas de medo coletivamente construídas. A violência, o temor dos assaltos noturnos nos caminhos rurais e a inversão de valores do mundo moderno colocam em evidência um mundo furado para os vivos e para os mortos. As almas não assustam como antes. Aqui, há uma leitura mais ou menos diferenciada daquela apresentada por outros narradores: no mundo descoberto, os mortos promovedores de desastres e assombrosos não têm lugar.

### 4.3. Os mortos táteis nos jogos da eternidade

#### 4.3.1. *Amizades além da morte*

Amigo fiel é proteção poderosa, e quem o encontrar, terá encontrado um tesouro. Amigo fiel não tem preço, e o seu valor é incalculável. Amigo fiel é remédio que cura, e os que temem ao Senhor o encontrarão (*Eclo*, 6: 14-16).

Na parte final da primeira entrevista que realizei com Dona Toinha, no sítio Monte Alverne, no Crato, ela me contou suas memórias sobre o que ouvia dos outros acerca das botijas. Como quem já não queria estender muito a conversa, ela mencionou que nada sabia sobre o assunto. Depois começou a contar:

**Joaquim:** E aquelas história de botija?

<sup>82</sup> Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, Bairro Campo Santo, Porteiras. p. 7-9.

**Dona Toinha:** Ah. Isso aí eu nunca vi nem falar em botija. Vejo o povo falar em botija, mas nunca vi falar em botija. Não, nunca vi não.

**Joaquim:** Mas o que é que os mais velhos falavam?

**Dona Toinha:** O povo conta, que o povo mais velho diz que juntava dinheiro e quando acabar disse que pegava e antes de morrer disse que pegava e enterrava. Quando morria aparecia pra aquelas pessoas que eles gostava, aquelas pessoas boas que rezava. Aquelas pessoas que eles tinham intimidade e amizade quando era vivo. Disse que aparecia àquela pessoa e dava aquela botija pra aquela pessoa arrancar. Aí aquela pessoa ia e arrancava. Agora diz que quando tava arrancando aparecia tanta coisa em riba daquela pessoa que se aquela pessoa num tivesse coragem disse que não arrancava.<sup>83</sup>

Remetendo ao passado dos mais velhos, a costureira, agricultora e narradora mencionou o costume dos antepassados de enterrar dinheiro como forma de proteção contra roubos e saques. Essa é uma prática antigíssima, descrita, inclusive, na Bíblia Sagrada (*Mt*, 25:18). Dona Toinha memorou como muitas pessoas faleciam sem desenterrar tais recursos, por muitos associados a tesouros escondidos. No entanto, também é conhecido no Cariri o saber segundo o qual o vivo que se prende ao dinheiro na Terra tem dificuldades de seguir nos caminhos do outro mundo, após sua morte. Como verseja a cordelista Nizete Alencar:

Quem seu dinheiro enterrou  
Vive em pecado mortal  
Porque cometeu usura  
Que é pecado capital  
E a sua alma o Demônio  
Disputa por bem ou mal

E se aval receber  
Pra alguém aparecer  
A pobre alma penada  
Pode o perdão merecer  
Mas existem muitas regras  
Que se tem que obedecer.<sup>84</sup>

Segundo as tradições religiosas católicas, no além não há necessidade de bens de consumo. O ouro e o dinheiro não têm utilidade ou serventia do outro lado da existência. Em sentido oposto, tais riquezas podem prejudicar os sujeitos vivos, posto que estes podem ser iludidos com as vantagens possibilitadas pelos recursos materiais. De igual modo, é possível prejudicar os mortos, pois para a realização de uma viagem tranquila nos mistérios do outro mundo não é permitido ao morto manter bens valiosos. Para sua libertação da vida terrena e

<sup>83</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 01/12/2013, na sua residência, em Monte Alverne, Crato.p. 20.

<sup>84</sup> ALENCAR, Nizete. *A botija de Jararaca*. Crato: Academia dos Cordelista do Crato, 2015, p. 01-02. Essa cordelista é professora aposentada, natural de Campos Sales, região do Cariri. Atualmente reside no Crato. É membro da Academia dos Cordelista do Crato, na qual ocupa a cadeira nº 21.

inserção no além, é preciso se desfazer de todas as vaidades e materialidades, sobretudo, do dinheiro. Afinal, soam das palavras escritas: “é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (*Mt*, 19:24).

Nas lides do imaginário urdido conforme a tradição cristã no Brasil, bem como no cotidiano fúnebre de outrora, muitos moribundos se desfaziam dos seus bens por meio dos testamentos, quando o momento da morte era anunciado e a despedida era, de alguma forma, planejada, como esclarecem os estudos recentes reunidos por Cláudia Rodrigues, Roberto Guedes e Marcelo Wanderley<sup>85</sup>, que tomam as análises dos testamentos como fios condutores das pesquisas, bem como o clássico trabalho de João José Reis.<sup>86</sup> Como Frisa Rodrigues:

[...] o momento da morte era a principal ocasião para que os fiéis efetivamente praticassem os ensinamentos eclesiais sobre a necessidade de preparação para a morte. Afinal, buscavam a salvação da alma. Esta preocupação pode ser vista na forma como utilizaram o testamento enquanto local privilegiado para determinarem a organização de sua morte: a roupa com que seriam amortalhados, a sepultura onde seriam inumados, os acompanhantes do cortejo, a quantidade de missas, dentre outros elementos.<sup>87</sup>

Nas atitudes perante a morte lembradas por muitos narradores na atualidade sobre os costumes fúnebres, além dos testamentos escrito isso ocorria, outrossim, via expressão oral, sobretudo entre os grupos mais pobres e irmanados. Quando os doentes percebiam a aproximação da morte revelavam seus segredos para pessoas confiáveis. Contavam também sobre as contas a serem pagas e/ou recebidas. Igualmente, pronunciavam a divisão dos bens entre familiares. No entanto, algumas pessoas morriam antes de poder fazê-las. Consequentemente, muitos bens não eram distribuídos e “tesouros” permaneciam escondidos. São esses mortos que aparecem pedindo a atenção de um vivo para desenterrar suas botijas.

Histórias de botijas há tempos povoam o imaginário e as sensibilidades das populações do Cariri.<sup>88</sup> Memórias sobre experiências de pessoas que viram e conversaram com

<sup>85</sup> GUEDES, Roberto; RODRIGUES, Cláudia; WANDERLEY, Marcelo. R. (Orgs.). *Últimas vontades: testamento, sociedade e cultura na América Ibérica (séculos XVII e XVIII)*. Rio de Janeiro: Mauad X / FAPERJ, 2015.

<sup>86</sup> REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, passim.

<sup>87</sup> RODRIGUES, Cláudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (Séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p.39.

<sup>88</sup> Em alguns casos, quando urnas funerárias dos antigos índios Kariris eram encontradas, elas eram associadas a botijas. Um caso ganhou relevo em 1959, quando uma delas foi encontrada no Crato: “Numa das urnas funerárias descobertas na Rua Antônio Luiz encontrou-se uma colher de *latão*, que infelizmente sumiu naquela ocasião pela mão de algum dos operários, julgando tratar-se de ouro, com imaginaram à primeira vista que as urnas fossem botijas.” ARAÚJO, Pe. Antônio Gomes. *A cidade de Frei Carlos*. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, 1971, p. 136. Grifo do autor.

os mortos, bem como receberam destes a missão de desenterrar botijas estão presentes nas muitas histórias que as pessoas contam, e, igualmente, estão materializados nos artefatos culturais produzidos nos séculos XX e XXI e difundidos na região, como é o caso dos cordéis e da xilogravura, a exemplo do que Sandra Nancy registrou.<sup>89</sup> De igual modo, na atualidade, há matérias em sítios e blogs na internet, bem como em revistas impressas e facilmente encontradas nas bancas do Cariri, como é o caso da revista cratense *A Província*.<sup>90</sup>

Mas uma singularidade ganha importância nas memórias de Dona Toinha. Segundo ela, os mortos não aparecem por acaso e para qualquer um. Eles têm vontades e preservam as afetividades que cultivavam em vida. Dessa maneira, nem todas as pessoas recebiam a missão de desenterrar os tesouros. Cabe aos mortos escolher os vivos. Segundo a narradora, essa escolha levava em consideração a amizade e afetividade construídas entre eles em vida, como também oscilava mediante os modos pelos quais as pessoas viviam a vida religiosa, uma vez que é para os fiéis que os mortos deixam suas riquezas.

O movimento presente nas amizades terrenas também se faz entre o além e o aquém. Oferecer e receber são ações profícuas nas construções das amizades. Nesse sentido, ser, fazer e ter amigos significa urdir nas tessituras cotidianas relações de confiança pautadas na fidelidade, no afeto e na palavra. Nessa conotação, o amigo também cuida, protege e ajuda o outro.

Nas urdiduras do eu com o outro, os sujeitos são *com-divididos* pela experiência da amizade, já escrevia Giorgio Agamben. Sobre essa relação, a expressão desse filósofo é a mais clara que conheço: “A amizade é a *condivisão* que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida”.<sup>91</sup>

Penso que, de certo modo, esse sentido se aplica as memórias de Dona Toinha, pois a vida eterna do morto depende da ação do vivo. Ademais, é importante lembrar os laços de proteção culturalmente urdidos nas historicidades místicas dos sertões, a exemplo do compadrio, já abordado nos capítulos anteriores. Portanto, sentidos profundos estão enredados e fiados nas memórias sobre a amizade terrena e as aparições dos mortos, reivindicando sua libertação do tempo terreno através da abertura das botijas.

<sup>89</sup> FREIRE BEZERRA, Sandra Nancy Ramos. *Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombrações na região do Cariri*. Op. Cit., p. 52-60. Ver uma xilogravura no anexo E.

<sup>90</sup> Encontrei nas bancas de revista situadas no centro da cidade do Crato, um exemplar da revista *A Província*. Nela, um pequeno texto assinado por Heitor Figueiredo dá ênfase às suas memórias sobre histórias que sua mãe contava acerca da botija enterrada nas proximidades da Praça Siqueira Campos, no centro da urbe cratense. FIGUEIREDO, Heitor. *A botija. A província*, Crato, n. 26, jul. 2008, p. 37-38.

<sup>91</sup> AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009, p. 92. Grifo do autor.

Quando direciono o olhar para a relação entre a amizade e o dinheiro nos destinos do além e nas tessituras do mundo terreno, me deparo com uma relação ambígua: no outro mundo, o dinheiro destrói a alma, mas com ajuda desta, no mundo terreno, os vivos podem enriquecer. De fato, essa relação ambígua de desvalor do dinheiro para os mortos e de necessidade deste para os vivos, projeta em cena as tensões do mundo social. Se na Terra recursos financeiros eram guardados em botijas, isso ocorria porque ele era e é valioso e necessário para sobreviver. Desse modo, o aparecimento da alma entoando seu pedido para desenterrar esses tesouros também é visto como uma bondade de um amigo morto para o escolhido vivo. Há, conseqüentemente, positividade e afetividade na aparição. Por isso, aquela alma não aparece para assombrar e perturbar.

Cumprir com essa tarefa, todavia, pode torna-se um pesadelo para o vivo e para o morto. Como lembra Dona Toinha, durante a escavação e a retirada do tesouro provações aconteciam. Antigamente, apareciam “coisas” com o intento de atrapalhar, assustar e impossibilitar o cumprimento do desejo do morto. No momento em que ela narrava, sua neta, Mayane, a interrompeu e perguntou:

**Intervenção de Mayane:** E era? Aparecia o quê?

**Dona Toinha:** Disse que aparecia caveira, aparecia bicho de chifre. Aparecia tudo no mundo, disse que pra pessoa não arrancar mais, disse que a pessoa num se importasse que aquilo tudo era pra pessoa não arrancar que era pra aquela alma se perder. Que disse que a pessoa que enterra dinheiro quando morre não se salva. Só se salva quando arrancar.

**Intervenção de Mayane:** Fica perdida a alma?

**Dona Toinha:** Fica pensando. Fica pensando no meio do mundo

**Intervenção de Mayane:** Lá na lagoinha falavam também que tinha uma botija lá.

**Dona Toinha:** É. Falava esse negócio que tinha lá em comade Noquinha e dizia que era uma botija que tinha lá. O povo dizia. E eu num sei não.<sup>92</sup>

As provações para os vivos não ocorriam por acaso. Os mortos com dinheiro enterrados ficavam condicionados ao seu desenterramento para se salvarem, ou seja, para entrarem no Reino do Céu. No contraponto, eles ficavam presos na Terra. Evidentemente, existe aí uma leitura ou lição do tempo: enquanto o dinheiro estiver guardado, escondido, a alma ficará pensando no mundo. Abrir a botija também significa abrir o tempo da libertação do morto. Por esse motivo, bichos de chifres, caveiras e outras manifestações não descritas na fala apareciam

---

<sup>92</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 01/12/2013, na sua residência, em Monte Alverne, Crato.p. 20.

aos sujeitos que intentavam desenterrar o tesouro, a fim de impedi-los e manter o tempo do morto fechado nos sofreres terrenos.

Para além das vozes dos fiéis que afirmaram os saberes partilhados entre as gerações passadas e a dos narradores da atualidade, alguns entrevistados afirmaram boas experiências, resultantes em enriquecimentos de pessoas que lhes são ou lhes foram próximas. Foi o que contou Dona Maria do Horto:

**Joaquim:** E essas histórias de alma, que aparece em casa mal-assombrada?

**Maria do Horto:** Acho que é alma perdida, né? Ave Maria!

**Joaquim:** E como são essas almas perdidas?

**Maria do Horto:** Ô meu irmão, só Deus né?! Que é fora de Deus né, anda fazendo. Sei que eu estava em São Paulo um homem mudou três vezes e as pedrada né, foi chamar o padre, né não, né?

**Joaquim:** Como foi essa história?

**Maria do Horto:** Botija, que já que ele deixou dinheiro enterrado. Eli Correia contou essa história.

**Joaquim:** Conta aí como foi essa história da botija.

**Maria do Horto:** Não, a botija era assim: o povo naquele tempo não tinha banco, né? Aí enterrava os dinheiro, de uma hora para outra morria. E você sabe ele vem penar, até uma pessoa achar ou tirar. Agora é bom pra pessoa que enrica e pra pessoa que reza uma missa né não, pra alma. Hoje em dia não tem mais não, hoje em dia tem os bancos, né?

**Joaquim:** Hoje não tem mais botija não?

**Maria do Horto:** Acho que não! Meu padrinho, quando ele ia a Sergipe, ele era pobrezinho, ele enricou, de poder, ele tinha um revolver de ouro, brilhando, ele veio dá a ele, ele e outro primo. Eles são rico hoje, é...

**Joaquim:** Foi uma botija que ele desenterrou?

**Maria do Horto:** Foi uma botija né.

**Joaquim:** Foi aqui no Juazeiro?

**Maria do Horto:** Não, foi em Sergipe, já tem muito tempo. Já viu falar em botija? Agora só pode ver uma botija, tem que se confessar, levar vela benta porque o Diabo aparece, tanta careta, galinha choca, mas num pega, tá fazendo medo pra não tirar a botija né?

**Joaquim:** O Diabo fica atentando pra não tirar a botija?

**Maria do Horto:** É pra não tirar, a pessoa se assombra. Você sabe uma coisa perdida, mata, é mata! Mata! Deus me livre! Porque a pessoa tem medo de alma? Não, as almas, a alma bendita elas estão com Deus, Nossa Senhora do Carmo é a dona das que tem almas do Purgatório, dezesseis de julho. Esse escapulário aqui olhe! Aqui tem Nossa Senhora.<sup>93</sup>

O padrinho de Dona Maria do Horto, outrora residente no Estado do Sergipe, teve uma recompensa generosa por se arriscar a desenterrar a botija: ele ficou rico juntamente com um dos seus primos, após receber um revolver de ouro. Eles foram corajosos e destemidos

<sup>93</sup> Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p.10-11.



porque, como ela enfatiza, enfrentaram os seres perturbadores e amedrontadores que aparecem durante as escavações, como é caso do Diabo, de galinhas chocas e de caretas feias.

Maria do Horto lembra como essas aparições fazem de tudo para impedir a escavação e abertura da botija. Inclusive, tais seres “perdidos”, como ela os identifica, podem não somente assustar os vivos, mais também matá-los. Nesse horizonte perigoso e, concomitantemente, promissor, cabe ao sujeito se confessar, fazer uso de velas bentas e de toda sorte de objetos religiosos. Contra as forças malignas do outro mundo, é necessário crer em Deus e nos santos e, igualmente se proteger. Para isso, o corpo carrega amuletos, como a narradora demonstrou. No momento da entrevista não basta falar, é preciso mostrar para o ouvinte, apresentar as imagens sacras que guardam o corpo do fiel, como Maria do Horto me mostrou seu escapulário com a imagem da Virgem Maria. Nesses casos, o corpo do religioso se torna um instrumento de defesa de si e de libertação do morto.

Ora, se os mortos escolhem quem deve ficar com o dinheiro, nem todas as pessoas selecionadas tinham coragem suficiente e disposição para “arrancar” os tesouros e enfrentar os perigos daquela ocasião. No momento em que começamos a conversar sobre as almas, Dona Losinha falou sobre um fato que lhe ocorreu por volta do ano de 1987:

**Dona Losinha:** Lá em casa mesmo minha mãe dizia que cansou de vê vulto assim dentro de casa, de pessoas. Eu nunca vi não, agora quando eu morava no Juazeiro, que era nos Inhamuns, eu vi uma alma. E era um homem.

**Joaquim:** Como foi?

**Dona Losinha:** Assim: num existia aquela história que existia botija, n’era? Aí eu sentia assim, uma coisa, o braço era de homem, bem magro. E a voz, eu não via mesmo a cara da pessoa. Aí ele dizia assim:

— Ó tem uma botija pra você ali. Mas você vai arrancar essa botija, tem muita prata, muito ouro, mas é pra você se mudar da casa, ou então ir embora.

Aí eu disse:

— Eu vou embora pra onde?

A gente morava numa fazenda né, fazenda bonita que só. Ó, aí eu fui e disse a meu esposo. Aí eles faziam eram mangar de mim. Disse:

— É não, a senhora tá é fraca. Eu digo:

— Não, porque aqui tem muito leite, tem muita coisa boa, verdura e tudo, como é que eu sou fraca, sendo que eu sou uma pessoa forte?

Mas existe sim, é sério. Eu vi um Divino Espírito Santo desse tamanho, [gesticula com a mão] a coisa mais linda, dentro da caldeira, como quem era uma caldeira de ferro. Mas ainda hoje eu tenho cisma disso aí, que eu não arranquei não.

**Joaquim:** A senhora não tirou a botija?

**Dona Losinha:** Tirei nada. Eu tinha muito medo de alma. Eu andava dentro de casa pegado no braço da minha menina. Da que é advogada hoje.

**Joaquim:** E como foi que essa alma apareceu, foi num sonho ou a senhora viu?

**Dona Losinha:** Eu tava dormindo e me acordei pelo som na cama. Chega eu olhei assim. Aí eu num vi nada, quando eu vi aquela pessoa pegou assim em mim. Aí disse:

— Ó, tu vai arrancar uma botija que tem pra tu. Aí eu disse:

— Deixa eu pedir para meu vizinho. Aí ele disse:

— Não, ele é invejoso.

Aí pronto meu filho, nunca mais no mundo eu fui ver esse lugar, com medo.<sup>94</sup>

Essas memórias convidam-nos a repensar a relação de troca, ganho, recompensas e condições nas narrativas sobre botijas. O morto que apareceu para Dona Losinha, lhe fez uma exigência, logo, apresentou-lhe uma condição, afinal, tratava-se de muito ouro e muita prata. Ele exigiu que, depois que concluísse a abertura da botija, ela mudasse de residência. Deveria ir embora, sair das terras onde morava. Essa exigência era uma crença comungada por muitos sujeitos, como expressou Figueiredo: “No popular quem arranca uma botija tem que sair do lugar”.<sup>95</sup>

Dona Losinha não aceitou de imediato àquela missão e tentou negociar com o morto, indicando seu vizinho para a tarefa. Entretanto, ele recusou a proposta, explicando os motivos: o homem era invejoso, por isso não merecia aquela riqueza. No diálogo, torna-se visível o retorno à lógica do merecimento. Nesse caso, balizada pelo próprio morto, visto que, mesmo estando invisível no mundo terreno, ele vê o que acontece e consegue, portanto, identificar os comportamentos dos invejosos. E para estes, não cabem o enriquecimento, tampouco com sua ajuda.<sup>96</sup>

Com medo, a narradora compartilhou o que lhe tinha ocorrido aos seus próximos, e estes instantaneamente duvidaram do caso. Não expressando incerteza, ela repensou sobre o lugar onde morava e as riquezas produzidas no campo, indicado como abundante. Resolveu não deixar para trás aquele espaço e desobedeceu a aparição, permanecendo, até hoje com “cisma” do ocorrido.<sup>97</sup> Na continuação da entrevista, eu lhe perguntei:

**Joaquim:** E onde era isso?

**Dona Losinha:** Nos Inhamuns. Ela sabe aonde é, [aponta para a neta que se encontrava na mesma sala onde a entrevista era realizada]. No terreno de cumpadre Bolinha.

<sup>94</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato. p. 1-2.

<sup>95</sup> FIGUEIREDO, Heitor. *A botija*. Op. Cit., p.38.

<sup>96</sup> É mister frisar que a inveja é um dos sete pecados capitais condenados pela Igreja. Na cosmologia de Dante Alighieri, aos invejosos era dedicado o segundo círculo terraço do Purgatório. ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia: purgatório*. 3 ed. Tradução e notas de Italo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 8-9.

<sup>97</sup> No linguajar dos moradores do Cariri, *cisma* significa dúvida, incerteza. Também, representa a lembrança sobre algo duvidoso. Ver o verbete *Cismar* em: GIRÃO, Raimundo. *Vocabulário popular cearense*. Op. Cit., p. 148.

**Joaquim:** E a alma indicava aonde estava a botija?

**Dona Losinha:** Indicava, era a voz de um homem. Ele era um homem magro que eu peguei no braço dele, e era magro. Num sei se era a caveira. Eu num sei se era só a caveira [Risos]. Um braço bem magrão e pezinho bem peludo. Aí meu menino achava graça e dizendo: Não, mãe já tá vendo alma, eu num gosto de mulher que veja alma não. Eu disse:

— Não meu filho. Mas é sério, é porque eu tava quase dormindo.

Aí quando eu me acordei, aí eu acordei gritado com medo. Que tinha medo de alma. Aí acabou-se o medo de alma que eu tinha.

**Joaquim:** E o que é que as pessoas diziam sobre essa história de botija?

**Dona Losinha:** Eles diziam que tinha mesmo. Que no tempo da, num teve uma revolta? Num sei qual ano foi, nas eras passadas, aí disse que aquele povo dos Inhamuns tinha muito ouro que era os Feitosa, dos Inhamuns. Tinha muito ouro. Aí diz que eles enterraro né. Aí virava botija. E sumia.

**Joaquim:** E se num arrancasse? Por que a senhora não arrancou?

**Dona Losinha:** Se num arrancasse sumia. Tirei nada. Nunca passei nem por cima do lugar. Mas era sério mesmo viu. Era coisa bonita.

**Joaquim:** E hoje ainda tem isso?

**Dona Losinha:** Num tem mais não, porque hoje em dia tem banco né. Hoje em dia tem banco. Todo dinheiro que a gente pega bota no banco. Num tem mais isso não.

**Joaquim:** E por que que as almas voltavam para pedir para desenterrar?

**Dona Losinha:** Porque eu acho, o povo mais velho dizia que era porque eles estavam sofrendo na outra vida. Aí meu Deus. Sei não. Aí já hoje eu sou mais crente, que num acredita assim. Mas de primeiro eu acreditava demais, eu tinha muito medo de alma.

**Joaquim:** A senhora contou essa da botija, faz muito tempo isso?

**Dona Losinha:** Faz. Foi em 87.<sup>98</sup>

Depois de mencionar esse caso durante a entrevista, o assunto mudou. Falamos sobre outros casos de aparição. No entanto, um pouco adiante, Dona Losinha voltou a falar do homem da botija e esclareceu, com mais detalhes, o caso que lhe ocorreu:

**Dona Losinha:** Assombração, o povo via.

**Joaquim:** Ainda hoje existe assombração?

**Dona Losinha:** Diz que ainda hoje existe. Tem gente que vê vulto, ver marmota, num sei o que. Eu mesmo graças a Deus nunca vi não. Eu vi esse homem da botija. Eu não vi ele pessoalmente, porque diz que a gente não vê. Eu peguei a mão dele, o dedão magro, acho que era a caveira né. Porque já tinha morrido, então era a caveira. Pegava assim na minha mão, e disse:

— Ó eu tenho uma botija pra você e você nunca mais vai ficar pobre.

Eu disse:

— Eu não quero.

— Mas é sua.

— Mas eu não quero.

Porque minha mãe era dos Feitosa dos Inhamuns, e eles queriam muito bem a mamãe. Aí eu num sei se era porque eu era filha dela né. E ele veio me dar essa botija. E dizia que era o finado José Solano, dizia que ele era que era magro. Seu Zé Souza era quem dizia.

<sup>98</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato. p.2-3.

— Dona Lozinha sabe quem era? E eu já tinha medo de alma, a casa bem grande, 16 cômodos da casa grandona, uma mansão. Aí ele dizia:

— Sabe quem era? Era o finado Zé Solano que veio dar a botija a senhora.

— Num diga isso não Seu Zé, pelo amor de Deus. Só falta eu morrer assombrada.

Ele disse:

— Era o finado Zé Solano que ele era magro, alto, as mãos zona magra, que ele morreu assim, de tuberculose.

Mas eu não via a cara, eu acho que se eu tivesse visto a cara.<sup>99</sup>

A afetividade familiar explica os motivos pelos quais aquele morto apareceu justamente para Dona Losinha. A mãe da narradora era muito querida por ele e por sua família. A partir desse caso, é possível inferir a projeção e o alargamento da afetividade das amigadas no quadro entre pessoas de diferentes gerações, unidas pelos laços familiares. Dessa forma, embora Dona Losinha não tivesse amizade com o morto, sua mãe a tinha. Nesse engenho de afetos, a botija dele foi doada à segunda geração, como se nos mistérios do outro mundo os laços familiares e amigáveis também se perpetuassem no tempo místico e na dinamicidade das gerações terrenas.

Nas narrativas sobre botijas, há informações semelhantes presentes nas entrevistas realizadas com Dona Losinha, Maria do Horto e Dona Toinha, três mulheres idosas. Nas três gravações, um aspecto merece ser reforçado: o desaparecimento das botijas na contemporaneidade. Nas palavras da avó de Mayane:

**Dona Toinha:** Mas hoje quem morre, se dever tá perdoado. Se o senhor tiver uma dívida, quando morrer que a pessoa for atrás, a família for atrás, morreu, morreu, pois, tá perdoado. Quem morre não deve nada a ninguém.

**Joaquim:** E a Deus?

**Dona Toinha:** Vai pras mãos de Deus. Lá o nosso Senhor julga ele, ou pra ele ficar lá ou pra sair fora. Ele vai julgado. Ele num vai pesado? Pois é. Ele vai pesado ali é pra ser julgado. Quando pesa é pra ser julgado. Aqui tem um home, muito conhecido da gente, tu num conheceu Dão Cariri? Ele fez um empréstimo no banco. No tempo que eu fiz um também. O meu eu dei a Pedro, que aquele gado de Pedro foi eu que fiz um empréstimo no banco e dei a ele. Pra ele comprar o gado dele. E ele comprou. Ele fez um empréstimo no banco. Fez eu, Dão Cariri, finado Zé Raimundo e outras pessoas que eu não conhecia. Conhecido só tinha eu, Dão e o finado Zé Raimundo. Aí vai, o finado Zé Raimundo ainda pagou o dele, comprou o dele, ele recebeu, compra o gado, do mesmo gado e ele pagou o dele antes dele morrer. E Dão morreu antes dele pagar, aí a família foi pagar aí o banco disse que quem morre não tem dívida a pagar. Aí num pagaram. A pessoa fazendo uma dívida e morrendo, não tem dívida pra pagar não.

**Joaquim:** Aqui na terra?

<sup>99</sup>Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato p. 8.

**Dona Toinha:** Hum. Aqui na terra. Ninguém sabe lá. Ninguém sabe lá.<sup>100</sup>

No tempo presente, os vivos tanto guardam dinheiro quanto fazem dívidas nas agências bancárias. Caso morram com recursos depositados, esses são transmitidos pelos bancos à família do falecido como forma de herança. De igual modo, quem contrai dívidas também não fica preso ao dinheiro, pois as experiências da narradora com conhecidos e amigos ensinam que os bancos não cobram. Isto é, com o morto a dívida também morre. Em outras palavras, não há herança de débitos. Nesse sentido, Dona Toinha e as outras narradoras explicaram a ausência das botijas na atualidade.

Mas, se as pessoas não mais escondem botijas em vida e, conseqüentemente, os mortos não mais aparecem para os vivos pedindo o desenterramento dos tesouros, muita gente continua morrendo “antes do tempo” de resolverem suas pendências financeiras. Dívidas continuam existindo com pessoas. E, se para com os bancos a questão parece ser resolvida facilmente, para com os sujeitos, há outras singularidades. Como isso é resolvido pelas almas do século XXI? Para tentar responder essa questão, vale conferir as memórias de Cida:

Assim, a minha mãe me contou mesmo que, eu tenho uma tia que o marido dela foi morto. Mataram sabe? Só que eu não conheci que eu não era nascida ainda. Mas a minha mãe, estava saindo pra uma festa, ela, meu pai e esse cunhado dela que era casado com a irmã de minha mãe. E no caminho, aí meu pai e minha mãe desistiram de ir e voltou e ele continuou. Os próprios amigos que foi acompanhado ele mataram ele. E na hora que mataram ele minha mãe tava deitada e viu ele chegando perto dela. Pedindo pra falar pra mãe dele que pagasse uma conta que ele tava devendo na mercearia. E ela falou pro meu pai e meu pai achou que tinha sido qualquer coisa assim da imaginação dela. Aí quando foi a meia-noite chegaram dizendo que tinha matado ele. Aí quer dizer que aí já é uma alma, tipo uma coisa assim porque tava morto já. E ele apareceu pra minha mãe. Pra pagar uma conta que ele tava devendo. Que mataram ele e ele ficou devendo essa conta. Aí na mesma hora que mataram ele, foi como se ele viesse avisar pra minha mãe que ele tava morto.

**Joaquim:** E qual era essa conta?

**Cida:** Era numa mercearia que ele devia. Isso aí já foi minha mãe quem contou pra gente.

**Joaquim:** Mas por que, num podia fizar devendo não?

**Cida:** Não. É porque talvez ele tivesse preocupado com aquela conta que ficava devendo. E veio pedir pra minha mãe mandar a mãe dele ir pagar.

**Joaquim:** E se não pagasse?

**Cida:** Aí já era problema deles. E minha mãe falou pro meu pai que ele estava lá conversando com ela, e meu pai disse que não, que não que ele tinha continuado indo pra festa mais os amigos. Aí quando foi mais tarde vieram avisar na casa da minha mãe que ele estava morto.<sup>101</sup>

<sup>100</sup> Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 01/12/2013, na sua residência, em Monte Alverne, Crato.p.21.

<sup>101</sup> Entrevista realizada com Maria A. N. Roque, em 11/09/2014, na sua residência, no Centro do Crato. p.2-3.

Diferentemente das agências bancárias, a situação apresentada por Cida indica como um morto, marido de sua tia, apareceu à mãe da narradora no exato momento em que ele foi vítima de um assassinato. Em tal aparição, o vitimado solicitou que ela repassasse um pedido à sua mãe: ela deveria providenciar o pagamento de uma dívida na mercearia. Se o valor era alto ou irrisório, ele não foi informado. Mas, a mensagem é clara: para o morto avançar nos caminhos do outro mundo, precisa a conta pagar.

Nessa narrativa, um fato curioso desperta minha atenção. Ora, o morto apareceu para a mãe de Cida pedindo que ela levasse um recado para à sua mãe. Mas, por que ele não apareceu diretamente para sua genitora? Esse caso nos convida a pensar sobre a relação entre a mística do amor entre os vivos e os mortos. Do outro lado da existência, os mortos continuam amando? Quais suas revelações acerca do tempo?

#### **4.3.2. Os mortos também amam**

Morto amado nunca mais pára de morrer<sup>102</sup>

No imaginário urdido no Ocidente concernente ao amor, ele possuiu e teima em (co)existir entre muitas faces, como o cortês, romântico, maternal, paternal, cristão e místico, entre outros.<sup>103</sup> Alguns desses sentidos invadiram meus diálogos sobre os mortos.

Durante a entrevista realizada com Dona Losinha, as sensibilidades da perda de uma pessoa amada invadiram variados momentos da sua fala. Como se dissesse “eu sinto, logo existo e ele existe”, a importância do sentimento na dinâmica identitária irrompeu muitos dos fragmentos da entrevista. E na urdida das memórias, ela falou sobre o que marcou profundamente suas sensibilidades e emoções, há cerca de dez anos: o assassinato de um dos seus filhos. Quando eu a indaguei sobre as aparições de almas, ela respondeu:

**Dona Losinha:** Agora eu já vi minha mãe.

**Joaquim:** Como foi?

<sup>102</sup> COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.15.

<sup>103</sup> Do ponto de vista do conhecimento histórico, lembro que o amor é uma construção social, histórica e cultural, não deixando de ser, concomitantemente, uma sensibilidade. Sobre sua invenção no imaginário ocidental, ver a obra do suíço ROUGEMONT, Denis de. *História do amor no Ocidente*. 2 ed. Tradução Paulo Brandi e Ethel Brandi. São Paulo: Ediouro, 2003.

**Dona Losinha:** Assim: próximo a meu filho morrer, eu tive um pesadelo com minha mãe. Aí ela dizia assim:

— Losinha, que ela só chama eu de Losinha, peça muito a Deus, e tenha, se conforto, porque vai sair um de seus filhos.

Aí eu disse e me acordei gritando bem alto:

— Qual deles mamãe?

Mas eu já chorando, num sabe? Aí Carol foi e disse:

— O que é isso vó?

Aí eu fiquei chorando. Aí eu via ela assim, ela com uma ropinha branca. Bem vestidinha, do jeito que ela gostava de andar. Cabecinha branca também, quando eu dizia:

— Qual deles? Aí ela sumia. E foi mesmo.

Na outra semana mataram meu filho. Aí eu acredito que existe espírito. Os padres diz que não existe. Mas eu acredito que existe. *A pessoa que é bom, ele vem dá uma aviso né.* Aí no outro dia de manhã, os meninos viajando. Aí eu liguei pra eles. Eu fui e disse:

— Vocês estão bem?

— Estamos bem mãe, não se preocupe não. Eu digo:

— Meu filho, eu sonhei com mamãe, ela me dizendo que eu ia perder um de meus filhos. Tenham cuidado em um assalto.

Ô, do jeito que ela disse aconteceu.

— Vocês tenham cuidado. Se forem assaltar vocês entreguem carro, entreguem tudo. Não reajam não. Aí [?] que é mais crente em Deus disse:

— Não num se preocupe não, eu entrego até a roupa do corpo.

Aí quando foi na outra semana, no dia que foi que mataram meu menino, acho de eles chegarem tudim. Aí ele foi pra festa de Leonardo, e quando chegou de lá pra cá, tava bem aí, os assaltantes mataram ele. Mas é sério: tem alma boa que avisa pra gente.<sup>104</sup>

Embora a mãe da narradora seja marcada pelo afeto amoroso da filha, ela apareceu em uma circunstância identificada como um pesadelo. Assim, existe uma ambiguidade da experiência: a mãe amorosa também assusta. Todavia, a ideia do pesadelo não veio à tona em virtude da forma e/ou dos sofreres da alma. Ela pareceu serena, vestida de branco, com os cabelos igualmente brancos à mostra, do mesmo modo como vivia. Como uma boa pessoa em vida, é identificada, outrossim, como uma boa morta, que retorna ao aconchego da filha para prepará-la emocionalmente para o que lhe aguardava. Nesse caso, o motivo da aparição e a informação entonada tornaram aquela visita um pesadelo, aliás, apenas o começo dele.

Na semana seguinte à aparição, um dos filhos de Dona Losinha, o mais novo deles foi assassinado. Isso ocorreu quando ele retornava de uma festa de um conhecido cantor de música sertaneja:

**Joaquim:** E faz tempo desse aviso?

<sup>104</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato. p. 09. Grifo meu.

**Dona Losinha:** Fez dez anos agora. Sim, aí de manhãzinha, eu amanheci o dia nervosa. Aí contei as minhas vizinhas, nós tudo sentadas na caçada e eu contei. Ela disse:

— É não mulher, num vá se preocupar não.

Eu disse:

— É não mulher, porque eu nunca vi mamãe depois que ela morreu. E ela vir me dizer isso?

Mas rapidinho ela saiu de perto de mim. Aí aconteceu, e eu fiquei acreditando né: que quem tá na outra vida pode vir dar um aviso a uma pessoa, assim, avisar para a pessoa se preparar.

**Joaquim:** Esse foi um sonho, teve outro sonho que a senhora teve com a alma?

**Dona Losinha:** Eu vi foi pessoalmente, ela. Foi pessoalmente, ela toda vestidinha de branco, ela tinha os olhos verdes, e eu olhando pra ela. Ela disse:

— Mas tenha muita fé em Deus, e se conforme.

Ela disse desse jeito, bem sério mesmo. Quando eu olhei assim, que eu disse:

— Qual deles?

Que eu olhei assim pra vê ela eu num vi mais. Sumiu. Às vezes num tem a novela que tem aqueles espíritos? Eu lembro. Aquele vulto assim como quem é um fogo né. Pois é, pois eu lembro é muito.

**Joaquim:** A senhora gosta de assistir novela?

**Dona Losinha:** Num gosto muito não. Mas às vezes eu assisto, mas eu não gosto muito não. Gosto mais de conversar um pouquinho. Aí é o tempo que a gente toma remédio e vai dormir né? Agora as meninas, Ave Maria, adora.

**Joaquim:** E essa foi a única vez que a senhora viu essa alma?

**Dona Losinha:** Foi. De minha mãe.<sup>105</sup>

A narradora enfatiza como assistir telenovelas nas quais aparecem imagens de espíritos faz lembrar a única ocasião em que viu sua mãe depois de morta. E tal encontro foi justamente para lhe preparar para a difícil situação que ia lhe ocorrer. Logo, a morta lhe apareceu em sua situação excepcional e com um claro propósito: ajudar a filha a suportar a dor da despedida de uma pessoa tão amada. Nas memórias dos entrevistados, há várias passagens alusivas a crença segundo a qual os mortos bons voltam ao seio dos vivos para informar aos seus familiares e conhecidos sobre a proximidade temporal da morte das pessoas presentes nas suas cartografias de afetos. De igual modo, há crenças alusivas ao chamado dos mortos queridos. Assim sendo, pais voltam para levar seus filhos, maridos, para buscar suas esposas, e etc. Isso justifica o fato de pessoas queridas morrerem em intervalos temporais muito próximos, sobretudo quando residem na mesma casa.<sup>106</sup>

Nas memórias de Dona Losinha, o filho morto foi apresentado como um soldado. Concurado, ele já havia conquistado a patente de Sargento, embora expressasse gostar mesmo

<sup>105</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato. p. 09-10.

<sup>106</sup> A respeito disso, ver MARTINS, José de Souza. *Linchamentos: a justiça popular no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, p.159.



de lecionar. A figura do bom jovem, amante do conhecimento e da prática de formar os outros, ganha destaque na narração. Há, conseqüentemente, um estranhamento: o bom filho, inteligente, dedicado, generoso e aplicado morreu cedo demais.

Depois disso, a narradora entrou em depressão. Passou a ter acompanhamentos médicos e a tomar medicamentos. E ficou confusa. Ela narra isso como se não fosse possível aguentar aquela dor indizível, impensada, incalculável e incomensurável. Aliás, esses sentidos estão presentes em outras narrativas de mães que perderam seus filhos jovens, como foi o caso da minha, que tantas vezes demonstrou, entre lágrimas e gritos de dor, o sofrimento da despedida após perder um dos seus filhos, quando este possuía seus 27 anos de idade, por volta de 1997. Comumente, elas falam revelando a situação como sendo a maior dor do mundo.

A morte do seu filho mais novo e a saudade tornaram-se os focos narrativos que percorreram toda a entrevista com Dona Losinha. E, ao vê-la emocionada, por mais que eu mudasse a direção das perguntas, seguindo o roteiro da entrevista, ela retornava a falar sobre o filho amado e a dor da saudade. Era sobre esse assunto que ela queria discorrer à minha escuta. Já no final da entrevista, eu a indaguei sobre o dia de finados e ela retornou a falar sobre suas emoções e afetos atribuídos ao filho morto:

**Joaquim:** E o que acontece com as almas no dia de finados?

**Dona Losinha:** Elas tão tudo lá. Um bocado de alma. Aí quando eu vou no dia de finados, eu levo muita vela. Aí eu encho o castiçal dele de vela, pra um e pra outro, da minha família. Ó morreu pai, mãe, irmão, nunca. Nem de minha mãe, eu senti o tanto que eu senti de meu filho. Senti não. Senti muito a morte de minha mãe e de meu pai, mas do meu filho, foi como nunca. Eu não acreditava que ele tinha morrido. Todo dia, eu pra mim tava vendo ele chegar lá em casa. Eu ficava conversando só. Fiquei assim com um problema de depressão. Mas eu me valí muito de Deus, e Deus tirou aquela depressão que eu vivia como gente morto. Eu digo:

— Não, Deus tu vai me ajudar, eu num vou pensar besteira não, porque meu filho era bom aqui, e no outro mundo ele tá bem.

E minhas vizinhas, elas diziam:

— Ó vó, ela chamava eu de vó, dizia: - Ó vó, num se preocupe não, Júnior tá tão bem na outra vida que a senhora não queira nem saber, porque ele era um menino bom. Um menino muito bonito, muito vaidoso, muito religioso. Eu digo:

— Pois é mulher, mas a gente chora é por saudade, que a gente tem saudade né? [silêncio].<sup>107</sup>

No interstício desses dez anos após a morte do seu filho, Dona Losinha rogava a Deus para ver o filho novamente. E isso aconteceu, porém de uma forma impensada e, por que

<sup>107</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato. p. 17-18.

não dizer, inacreditável. No momento em que eu lhe perguntei sobre sonhar com os mortos, ela retornou a narrar sobre o filho amado e discorreu:

**Joaquim:** E nos sonhos, a senhora já sonhou?

**Dona Losinha:** Já sonhei muito com alma. Com gente que já morreu.

**Joaquim:** Como foi, a senhora lembra?

**Dona Losinha:** Lembro. Eu chorava muito por causa do meu menino e pedia pra ver ele. Aí quando foi um dia, eu pedi pra ver ele:

— Meu Deus, eu queria tanto que tu me mostrasse meu filho pra eu ainda ver ele.

Aí quando eu já tava assim entre dormindo e acordado, pesadelo num sabe, aí eu vi uma caveira. Parece mentira, eu vi uma caveira. Ai quando eu vi assim, aí eu me arrependi. Aí eu disse:

— Nunca mais eu vou pedir. Aí eu disse assim:

— Júnior eu sei que é tu. Mas eu não vou ter medo de tu. Nunca tu vai sair perto de mim.

Pois é. Aí eu só podia ver os restos mortais dele né. Aí eu disse:

— Eu vou fazer o túmulo dele. E vou arrancar os restos mortais, porque o que eu posso ver dele é a caveira.

Num podia ver ele mais vivo né. Ele não volta à terra. Aí eu fui e mandei arrancar os restos mortais, eu assisti tudim, comprei a urna, botei dentro. E mandei botar no túmulo.

**Joaquim:** Depois desse sonho?

**Dona Losinha:** Sim. Aí o povo diz:

— Mais mulher tu tem coragem? Eu digo:

— Eu tenho. Já que Deus levou era porque era pra ele.

E ele não é porque fosse meu filho não, ele era um menino bom, era professor. Ele era policial, ele já tinha passado num concurso de sargento. Ele já se enterrou com a farda. Que ele não gostava da polícia, ele dizia:

— Por acaso eu passei no concurso da polícia, mas eu não gosto.

Ele gostava de ser professor.

**Joaquim:** E esse sonho que a senhora teve, foi alguma mensagem do sonho, porque foi que a senhora resolveu tirar os restos mortais?

**Dona Losinha:** Porque eu já queria fazer o túmulo dele. Aí com esse sonho, eu digo:

— Eu só posso ver se for a caveira mesmo.

Eu ainda quis tirar os dentes dele pra mim mandar fazer um colar pra mim. E meu menino num deixou.

— Não mãe num arranque não, não leve não mãe. Eu digo:

— Não deixa eu levar porque os dente dele era tudo bem feito, tudo bonito, natural. Aí eu dizia:

— Eu quero mandar fazer um colar.

E ele dizia:

— Não, num leve não que é mais pena pra gente.

Aí o que eu podia ver dele mesmo era a caveira. Eu vi.<sup>108</sup>

Os entrevistados reinventam a tradição a partir dos dilemas vividos. Não dá para enquadrar todas as experiências com a morte de pessoas próximas e amadas em esquemas

<sup>108</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato. p. 10-11.

explicativos. Nunca é demasiado lembrar que, na tradição cristã, o próprio Filho do Pai Eterno, o Verbo Encarnado, morreu sob o signo do sofrimento corporal, crucificado pelos homens e com autorização celeste, para, posteriormente, ressuscitar. Deus não afastou de Cristo aquele Cálice. Isso é o fulcro do amor cristão.<sup>109</sup>

Se esse amor doloroso ocorreu com o Todo Poderoso, também pode ocorrer com os filhos dos fiéis. E o jovem assassinado, o que para outros narradores corresponde às tormentas da morte antes do tempo, foi ressignificado por Dona Losinha como sendo uma vontade divina, respaldada pelo aviso celeste da sua mãe, em cuja aparição lhe pedia para se conformar e fortalecer a fé no Criador. Desta forma, só lhe resta obedecer. Afinal “O amor Cristão é a obediência no presente. Porque amar a Deus é obedecer a Deus, que nos ordenou amarmos uns aos outros”.<sup>110</sup> Há, aqui, uma aproximação simbólica entre o Corpo de Deus e o corpo do filho morto de Dona Losinha, ambos amparados na dor do amor mais sublime: aquele que salva e eterniza.

Seguindo esses sentidos, em uma certa ocasião, Dona Losinha acordou com o filho morto cantando uma música aos seus ouvidos:

**Joaquim:** E teve outros sonhos com outras pessoas ou com ele mesmo?

**Dona Losinha:** Não. Com ele eu acordei ele cantando. Ele cantava muito na Igreja. Ele cantava muito bem. O povo chamava ele de Zezé. Aí eu me acordei ele cantando a música de Zezé. Mas eu não vi ele. Eu escutei a voz dele e a fala dele:

— Eu vou cantar pra senhora. E a senhora não se preocupe não que eu estou bem.

Assim só em palavras, mas eu não vi. Aí quando eu me acordei ele tava cantando a música. Eu me acordei chorando. Minha neta, Carol, disse assim:

— Que foi vó?

Eu disse:

— Mulher eu tive um pesadelo com Júnior. Ele cantando uma música tão bonita que ficou na minha cabeça.

Passei foi dias com a música nos meus ouvidos. Que ele era um menino tão bom rapaz, meu caçula. Mas Deus quis, a gente tem que dá. Só era ruim porque foi uma morte muito trágica [Silêncio].<sup>111</sup>

Os mortos também amam e, se às vezes há a necessidade de aparecer, em outras, é melhor não se permitir ver, para não fazer os vivos sofrerem. Mas, se a imagem não vem à luz dos olhos, o som procura a escuta afável e afetuosa. Sem ver o filho, Dona Losinha escutou sua

<sup>109</sup> Sobre o amor cristão, ver ROUGEMONT, Denis de. *História do amor no Ocidente*. Op. Cit. p.89-93.

<sup>110</sup> ROUGEMONT, Denis de. *História do amor no Ocidente*. Op. Cit., p.92.

<sup>111</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato. p.11.

voz. Ela apareceu levando-a a despertar de um sono. E além de informá-la como ele estava bem, o morto cantou uma música, ao que tudo indica da dupla sertaneja Zezé di Camargo & Luciano. Dona Losinha diz ter ficado com a “música na cabeça” por vários dias, embora na circunstância da entrevista não tenha lembrado qual delas. Mas, não é difícil deduzir. Até hoje, o maior sucesso da dupla é a primeira faixa, do seu primeiro disco, intitulada, justamente, *É o amor*.<sup>112</sup>

Só o amor é capaz de ajudar a suportar a dor da perda e da saudade. Mesmo tendo uma morte trágica, como a narradora mesma diz, foi Deus quem quis assim e, contra suas forças, os humanos não podem contestar: ela teve que lhe ceder o filho amado. E quando outras pessoas informavam-lhe sobre a inexistência das almas, inclusive alguns padres, ela as questionava:

**Dona Losinha:** Um dia eu perguntei ao padre. Eu digo:

— Padre é o seguinte, existe alma?

Ele disse:

— Não, não existe não.

— Existe!

Como é que foi que ele disse meu Deus? Existe um dizezinho. Eu disse:

— Não, pois eu acredito que existe alma.

Ele disse:

— Pois num existe não.

Eu digo:

— E nós quando nós morre num vira uma alma não?

Aí ele disse:

— A gente vai pro além.

— Mas fica é uma alma, num é mais vivo, né?

*Eu nunca vi meu menino mais não, e nem quero ver não. Pedi a Deus pra não ver. Nunca mais eu ia pedi pra ver ele, porque ele não volta mais. E as vezes tá até num descanso feliz e a gente fica chorando e reclamando da vida. E aí ele vai sofrer também lá na outra vida.* Aí minha nora, eu chorava muito e ela, telefonou pra mim, ela disse:

— Ó Dona Lozinha, num chore não que eu sonhei muito com Júnior, ele bem magrim e chorando. Aí pedindo pra mim dizer a senhora que ele tava bem, só que não tava melhor porque a senhora tava sofrendo muito.

Eu disse:

— Pois agora eu não vou chorar mais não.

Num chorei mais não. Tem vez que eu choro assim, quando falo nele e tudo, mas parei que era demais, eu chorava demais.

**Joaquim:** Por que é ruim pra alma a gente chorar?

**Dona Losinha:** É, diz que é ruim. A gente faz é pedir pra ele tá no Reino de Deus.

No dia 10 teve a missa de dez anos que nós fizemos. Mandamos fazer a blusinha, com a palavra da Bíblia e o nome dele. Aí nós fomos tudim pra missa, aqui no São Miguel, que ele gostava muito de cantar ali no São Miguel,

<sup>112</sup> Segue o refrão da letra da música: “É o amor / Que mexe com minha cabeça / E me deixa assim / Que faz eu pensar em você / E esquecer de mim / Que faz eu esquecer que a vida / É feita pra viver. É o amor / Que veio como um tiro certo / No meu coração/ Que derrubou a base forte da minha paixão / Que fez eu entender que a vida / É nada sem você”. Ver <http://zezedicamargoeluciano.uol.com.br/zcl/album/nature/>. Acesso em: 28/09/2016.

na missa. Ele cantava em casamento. Ele era muito vaidoso. Bem divertido, ele. Tu conhece Leonardo D’Luna, que passa na TV, ele cantava com ele. Aí Leonardo hoje tá bem, e meu filho tá morto. Mas é assim mesmo, meu filho tá bem também.<sup>113</sup>

Na outra vida, como diz a narradora, as almas sentem as dores e igualmente sofrem com as penas terrenas das pessoas amadas, sobretudo, quando elas são os motivos das suas amarguras. Seguindo essas memórias, mesmo se o morto estiver em descanso e feliz, ele voltará a padecer vendo a relutância de quem na Terra não aceita sua viagem. Nesses casos, alguns mortos parecem escolher aparecer para pessoas conhecidas que, sofrendo menos, possam levar seus recados àquelas presentes no âmago das suas sentimentalidades. Do outro lado, os mortos continuam amando, e, por isso, também sofrendo.

A narrativa ensina, portanto, a aceitação do não retorno do morto para o seio dos vivos, por mais que isso seja difícil e penoso. Aos vivos não cabem outra escolha, senão aceitar e viver o trabalho processual do luto.<sup>114</sup> Mas Dona Losinha necessitou de tempo para construir essa segurança e acepção, de tal forma que esse entendimento não exclui a permanência da dor maior do mundo. Atualmente, ela procura não sofrer, embora a aflição esteja sempre do seu lado de dentro e nos trabalhos da memória. Não obstante a latência do trauma faça sofrer, a memória do amor ajuda a suportar a dor.

A temporalidade do luto e do processo de aceitação da morte, nesses casos, dilatam-se. Só o tempo e a fé ensinam a suportar a ausência e a conviver amando na distância e na proximidade ambivalente dos dois mundos. Nessa tessitura, Dona Losinha narrou seu amor e o amor do seu filho superando a morte e a distância material e temporal entre eles.

Isso faz lembrar como a lógica vida/morte/vida, uma visão fulcral na mística cristã, pode ser transubstanciada na relação amor/morte/amor, aspecto este também presente nos folhetos de cordel.<sup>115</sup> O outro mundo torna-se uma esfera na qual há continuidades do amor terreno, nesse caso, maternal. Assim, a morte eterniza o amor, e este, por sua vez, supera essa finitude.

---

<sup>113</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato. p.15. Grifo meu.

<sup>114</sup> O ‘trabalho de luto’ é uma expressão usada por Vovelle no seu estudo dedicado às almas do Purgatório dos fins do século XIII ao século XX. Conforme suas palavras: “Digamos que a utilizamos como leigos por sua comodidade, em sentido amplo: um caminho, percurso (caso se recuse a própria ideia de ‘trabalho’) ao qual os (sobre)viventes não sabiam subtrair-se”. VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório: ou o trabalho de luto*. Tradução Aline Meyer e Roberto Cattani. São Paulo: Ed. UNESP, 2010, p.13.

<sup>115</sup> LIMA, Marinalva Vilar de. *Loas que carpem: A morte na literatura de cordel*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003, p.98-99.

Outros narradores contaram histórias envolvendo casos nos quais mães mortas aparecem para salvar seus filhos. Foi o que disse Maria do Horto:

Olhe, nós vinha de Lapa, nós viaja ali quando chega a Serra, porque ali já morreu muita gente, né? A Serra das Guaribas, né. Nós temos né, vem correndo muito, então vinha um caminhoneiro, que ele caminhava, era caminhoneiro. Ele vinha, era umas onze horas e nisso vinha uma mulher dando com a mão, a mulher dando com a mão e mostrando. Ele parou o caminhão, que quando ele parou o caminhão era o carro virado, deixa que ela já estivesse morta, mas o filhinho estava vivo pra salvar, né não. Ele vinha contando, ele mesmo e disse que ficou com tanto medo que nunca mais passou naquela estrada.

**Joaquim:** A mulher já estava morta.

**Maria do Horto:** A mulher já estava morta. O carro virou, mas morreu logo, e o marido. E a criança estava viva. Pra você vê, mãe. Aí a mãe estava na estrada pedindo socorro, olha a alma. Ai o caminhão, ela estava assim mostrando o lugar. Que o caminhão parou, era o carro que estava virado, deixa que eles estivessem mortos e a mesma roupa da mulher e o menino vivo, salvou o menino. É meu filho, é.

**Joaquim:** A alma da mãe ajudou a salvar.

**Maria do Horto:** A salvar, o filhinho. Ele era caminhoneiro, ninguém ia saber. Olhe tem tanta gente, se você conversar, gente que anda sozinho, se a pessoa bem soubesse não andava sozinho. Vira carro pra lá, pronto, ninguém nem, né.<sup>116</sup>

Na narrativa desta devota do Pe. Cícero, as memórias de um caminhoneiro testemunham uma experiência profunda e amorosa de uma jovem mãe para com seu filhinho, ocorrida em uma certa noite, na Serra das Guaribas, na zona rural do Crato. Após um acidente de trânsito, o carro declinou na Serra e capotou. No interior do veículo seguiam o pai, a mãe e um filho, ao que tudo indica uma criança bem pequena. Com o acidente, os pais morreram, mas a criança sobreviveu. A mãe morta ficou na estrada esperando um vivo passar para seu filho ir salvar.

O caminhoneiro que conversou com Maria do Horto foi quem viu a mulher na estrada pedindo ajuda. Ao frear o caminhão e olhar na direção apontada pela mulher, ele avistou o automóvel destroçado. Rapidamente, foi socorrer os acidentados. Foi quando percebeu que a mesma mulher que lhe pediu socorro estava morta dentro do veículo juntamente com seu marido. E viu a criança viva, socorrendo-a em seguida.

Essas memórias projetam a lição do amor materno. A mãe morta teve um papel fulcral para a salvação do seu filhinho. Pois se não tivesse ido à procura da ajuda dos vivos, sua criança também morreria, provavelmente de fome e de sede e/ou devorada por animais. De

---

<sup>116</sup>Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p. 13-14.

forma generosa e amável, a mãe morta ajuda o filho a viver o tempo da vida, a seguir o caminho natural do vivente, nascer e crescer, impedindo de morrer precocemente. Porém, Maria do Horto lembra que depois deste ocorrido, o caminheiro não conseguiu mais passar por aquelas estradas. Isso lembra como mesmo que a aparição tenham funções e sensibilidades benéficas aos vivos, elas continuam assustando-os e deixando seus traumas.

As sensibilidades amorosas entre vivos e mortos não se restringiram à figura materna. As almas do outro mundo ajudam as pessoas a resolverem seus dilemas amorosos, por meio da intercessão de alguns religiosos e da ajuda dos santos. Foi o que disse a rezadeira Dona Maria do Socorro. Logo no início da entrevista, ela demonstrou seu vínculo temporal e ancestral com o sagrado, sobretudo, com o Pe. Cícero:

As outras almas que morreram de mal de amor. Que às vezes a pessoa tem um namorado e aquela pessoa morre, e ela morreu de mal de amor. Aí são santas, viram santas, porque a pessoa reza pras elas, se apega com elas, oferece terços. Aí vão pagar, tiram novena. Tem gente até que tira novena. E alcança a graça à alma de fulano de tal... alma de...qualquer alma. Bem, esse dali é um Padre Santo, que morreu né. É uma alma ele, esse Padre aí. Aí a pessoa se pega com ele. Meu Padrim Cícero, ele era primo do meu pai. Primo da gente. Aí se pega com meu Padrim Cícero, alcança aquela graça, aquele milagre. Porque foi ele que ajudou, alma bendita e entendida. Que tem muito tipo de alma. Tem essas almas que o povo se pega porque elas são milagrosas, elas faz milagres. Agente pedindo a elas, elas faz. Pode acreditar! Que assim bem a uma moça, aí quer casar com aquela moça, aí diz:

— Se eu mim casar com fulano, minhas almas benditas...se pega com elas. Aí casa. Eu já tem visto muitos.

**Joaquim:** E foi?

**Dona Maria do Socorro:** Foi! Eu tenho visto muito. Às vezes elas chegam aqui e dizem:

— Dona Socorro reza pra mim, pra mim casar.

[**Interrupção da entrevista**]

**Joaquim:** A senhora estava dizendo que as moças procuram a senhora pra casar?

**Dona Maria do Socorro:** Elas procura pra mim rezar:

— Dona Socorro, eu tô com uma dificuldade tão grande em meu namorado. Tem uma cumade em cima e não quer sair e num sei o quê. Aí eu digo:

— Pois vamos rezar? É bom rezar! Vá buscar uma vela.

Aí ela traz, eu boto o nome dele, bota o nome dela e acendo. E vamos rezar. Aí rezo o terço. Quando dá uns três ou quatros dia, eles já aparecem feliz, os dois. Num foi as almas que fizeram?

**Joaquim:** E essas orações são pras almas (...) ficarem felizes?

**Dona Maria do Socorro:** É! Eu acendo pras almas. Eu tenho fé. Elas fazem milagre.

**Joaquim:** E além das moças que procuram a senhora procurando casamento, quem são as outras pessoas que procuram? O que mais as pessoas pedem?

**Dona Maria do Socorro:** Elas pedem casamento. Elas pedem pra o marido delas se converter, que são brigão. Só vive brigando.

— Pois vamos se pegar com as almas viu, com as almas benditas e entendidas, vamos se pegar, que seu marido vai ficar bom.

Pedem também um emprego pra eles, arranjam! As almas faz milagres. Elas faz. Umas velas acesas, rezando. Vamos se pegar com fé que a fé é que cura né? Nós, a fé é que cura.<sup>117</sup>

O amor não apenas salva os mortos, ele também mata os vivos. Quem ama demasiadamente corre o risco de morrer, e na outra vida, os mortos vitimados pelo amor socorrem àquelas pessoas que na Terra recorrem às almas ansiosas para amar ou continuar amando e sendo amada(o).

A narradora não especifica os modos pelos quais as pessoas morrem de amor. No entanto, ela elucida que perder um namorado muito amado pode levar ao falecimento. E nesses casos, o amor purifica. Isso, somado às orações dos vivos, tornam esses mortos milagrosos, santos, sendo agregados ao rol das “almas benditas e entendidas”. Resumidamente, ela assim sintetiza os casos das almas “de mal de amor”. E ao invés de apontar suas aparições, a entrevistada muda a direção da conversa para demonstrar como muitas pessoas a recorrem para pedir a intercessão daqueles seres espirituais.

É nesse sentido que as “almas de mal de amor” ajudam a solucionar conflitos amorosos; desvendam traições e afastam amantes; auxiliam jovens a realizarem o sonho do matrimônio e, porque não, a conseguirem emprego para si e para o amado, afinal, ninguém vive só de amor, é necessário pagar as contas para continuar vivendo e amando.

Nos momentos iniciais da entrevista, após Dona Maria do Socorro falar sobre as “almas de mal de amor”, uma familiar muito próxima a ela, aqui identificada como Ana Conceição, de 40 anos, chegou a sua residência e sentou numa cadeira ao lado de onde encontrávamo-nos. Ela não demorou a interromper a entrevista, puxando para si a direção da conversa. Justamente, após a narradora falar sobre as almas de mal de amor, ela começou a narrar as aparições do seu ex-namorado, recentemente assassinado no Crato:

**Ana Conceição:** Eu sinto a alma tocar em mim. Eu sinto. Quando você ver arrepio nas pernas sem querer, é elas chegando perto de você. (...) Ela não fala mais dá pra ....eu não tenho medo não menino. Eu vou no cemitério, lá dentro o povo tem medo. A alma não faz mal a ninguém.

**Dona Maria do Socorro:** Eu também não tenho medo não.

**Ana Conceição:** Ó, esses dias eu tava aqui. O rapaz morreu. Aí chegou bem aqui e tava me olhando. Tava olhando eu bem aqui. Aí eu olhei, olhei. É como se fosse uma sombra. Ele veio na minha imaginação de um cigarro. Já viu um fumo de cigarro? Então ele não bate em porta, ele atravessa a porta. Atravessa as parede, entendeu? Ele é espírito. O espírito ele não fala. O espírito ele não

<sup>117</sup> Entrevista realizada com Maria do Socorro Figueiredo, em 24/11/2013, na sua residência, no Centro, cidade do Crato. p. 2-3.



fala nada. O espírito ele só olha a gente e a gente não pode ver ele. Agora quando você tá só, ele aparece, mas você não ver. Ele aparece assim, por exemplo: eu tô aqui em casa, eu tô lá dentro a porta fecha assim truaaaa [imita o barulho de uma porta] aí fecha de novo, sem ter vento, sem ter nada. Aí quando você ver aquele vento perto de você bem forte, é ela. Ele chega através de um vento. E quando você tá vendo um cigarro, num já viu um cigarro, ela aparece assim... Como eu te falei. Num ver um saco voando? Eu digo:

— Meu Deus, onde tá a cova de meu pai?

E o saco, onde eu ia ele ia. É incrível e ninguém acredita.<sup>118</sup>

Expressando como é destemida para com as coisas do outro mundo, Conceição relatou como viu um morto imaginado a partir do vento de um cigarro. Creio tratar-se da fumaça escurecida, como a sombra apontada por ela. Atravessando portas e paredes, o fumo do cigarro chegou frente a frente da narradora, embora ela não visse a imagem do sujeito. Identificando-o como um espírito de um homem morto, Conceição lembrou de como, quando está sozinha, os espíritos lhe aparecem com mais frequência. Foi aí que delineou sua fala para a história do seu amor romântico e da sacola plástica:

**Joaquim:** Como foi essa história do saco?

**Dona Maria do Socorro:** Já foi hoje.

**Ana Conceição:** Foi assim: tem um rapaz que se apaixonou por mim. Eu sai uma vez com ele para o hotel. Gostei dele. Ele ficou apaixonado por mim, mas ele não tava muito apaixonado por mim, porque ele tava vivendo com uma menina. Antes quando ele tava vivo, ele disse assim:

— Ó Conceição, eu num tenho medo da morte não.

Eu disse:

— Porque João?

— Ah! Por que eu num tenho.

Aí nesse dia nós fomos pra Juazeiro. Foi eu, ele, minha filha. Nós fomos almoçar fora, jantar. Aí ele ficou me procurando, eu procurando ele. Aí eu disse:

— Vá lá pro (...) vá. Porque eu não quero que ninguém fale de mim, que eu não sou mulher atoa, eu sou mulher direita.

Ele disse:

— Tá bom.

Aí ele se escondeu. Se preocupou comigo. Aí foi lá embaixo. Eu procurando ele, e ele procurando eu. (...) Aí nesse dia, ele veio aqui e sentou. Quando ele sentou, eu acho que foi o último dia, que ele morreu. Ele tava todo de verde. Eu acho que ele tava chorando muito porque... e ele tava de verde. Aí eu disse:

— João tu tá tão bonito. Tu tá parecendo uma esperança.

Aí vai o outro meu colega tava falando aqui. Aí ele achou que era macho meu. Meu namorado. Aí foi embora. Eu disse:

— João, espera.

<sup>118</sup> Intervenção de Ana Conceição na entrevista realizada com Maria do Socorro Figueiredo, em 24/11/2013, na sua residência, no Centro, cidade do Crato. p. 3.

Ele correu. Ah! minha filha, quando foi no outro dia, eu vi uma pessoa passando a mão na minha cabeça. Isso era sexta-feira à noite. Eu preocupada com ele.

— Eita, João num vem. Eu vou ficar bem linda pra ele. Bem cheirosa. Porque eu quero amar muito ele.

E eu esperando João, esperando João. E João nem veio sexta-feira, nem veio sábado. Aí quando foi de madrugada, eu tava deitada aqui, eu vim uma pessoa fazendo assim na minha cabeça, passando a mão na minha cabeça. E eu com os olhos fechados e sentindo. Quando eu olhei pro lado, eu pensei que era mamãe, que de vez em quando ela vem na rede. Aqui, balançando minha rede. Aí quando eu acordei, eu num vi ninguém. Foi um aviso que ele disse:

— Eu estou indo embora.

Ele morreu, e deixou um aviso. Aí quando foi agora no cemitério, de manhã, eu pedi muito a ele:

— Eu num sei onde está sua cova.

Eu acendendo a vela e a vela apagava. Eu acendendo, e a vela: puf! apagava. E eu disse:

— Você tá apagando a vela. E a vela fazia assim, chorava! como se fosse uma pessoa que tivesse chorando. É assim: você sabia quando a vela tá caindo na... é uma coisa incrível. Ela viu [aponta para direção de sua filha, uma adolescente que se encontrava ao seu lado]. Ela disse:

— Aí mãe, tô com medo. Tô com medo de alma.

Eu digo:

— A alma não vai aparecer pra você. Pode ficar sossegada.

E de repente veio duas borboletinha, uma borboleta amarela e outra cinza. Quando é preta, é coisa ruim. Entendeu? Quando você ver uma borboleta preta é notícia ruim. Aí eu disse:

— Ó, eu sei que ele tá aqui perto de mim. Eu tô sentindo ele. Ele tá perto de mim.

E eu acendendo a vela e a vela não pegava. E eu acendendo e não pegava. Eu digo:

— Você quer?

Eu falando com ele. Aí eu fiz bem assim no túmulo [bate na cadeira]

— Eu tô aqui.

Eu não tenho medo mesmo. Eu num tenho medo mesmo. Ia só eu e ela no cemitério. As pessoas estavam lá pra trás. E quando eu levantei, eu acendi a vela e o saco subiu. Eu digo:

— Como é que pode? E eu disse: —

Eu sei que é você? E onde é que tá o túmulo do meu pai que eu num fiquei sabendo?

Pois ele foi atrás de mim e parou no túmulo do meu pai e desceu a sacolinha. Aí ficou ali parada a sacolinha. (...) por isso, que quando você tiver fazendo alguma coisa, você não precisa ter medo, porque a alma ela tem medo de você. Você tem medo dela e ela tem medo de você. Ela se assusta e desaparece. Quando ela aparece a você, alguma notícia ela quer te dar. Tá entendendo?<sup>119</sup>

A vela que chora é uma expressão significativa. Ganha à baila na narrativa o drama do amor romântico interrompido com a morte prematura do amante. Tal situação assume a

<sup>119</sup> Entrevista realizada com Maria do Socorro Figueiredo, em 24/11/2013, na sua residência, no Centro do Crato. p. 4-5. João é um pseudônimo usado para livrar a narradora de possíveis constrangimentos.

conotação de transgressão. A mulher apaixonada rompe os valores morais, “ama” um homem já comprometido (na conversa, não fica claro se ele era casado). E esse amor enfrenta não só a sociedade do seu tempo, ele encara também o tempo da morte e a morte no tempo. Aliás, dramas de amor entre amantes separados pela morte povoaram as escrituras dos folhetos de cordel no século XX, e ainda estão presentes na produção dos folhetos no século XXI.<sup>120</sup>

Quando finalmente a vela parou de chorar, após Conceição reclamar com o morto e expressar não temê-lo, uma sacola plástica começou a subir no ar do cemitério. Ela acreditou tratar-se da ação do morto, motivo pelo qual começou a conversar com a sacola. E como não sabia em qual túmulo seu pai tinha sido enterrado, naquele mesmo cemitério, ela conversou com o artefato plástico, pedindo-o que a indicasse o jazigo paterno. Naquele momento, mesmo sem ter circulação de ventos, a sacola voou sobre os túmulos dos mortos, baixando no lugar solicitado.

Nas memórias, o amor romântico e o paterno se misturam, compondo uma relação de troca e benevolência, pois a sacolinha deu notícia: apresentou à Conceição o túmulo do seu pai. Assim, o apego à figura masculina vem à tona, condensando a necessidade de amar o pai morto e o namorado assassinado.

E no desfecho da conversa, o ensinamento recai no medo, ou melhor, na necessidade de não temer as aparições dos mortos. Isto é, para ter a intercessão das “almas de mal de amor” os sujeitos não podem temê-las, eles devem conversar normalmente, como se isso fizesse parte do cotidiano dos vivos. É natural lidar (conversar) com o sobrenatural.

Na continuação da entrevista, Conceição voltou a falar do seu namorado e contou:

**Joaquim:** Então a senhora já viu muitas almas?

**Ana Conceição:** Vejo! Vejo muito! Eu vejo e eu num tenho medo não!

**Dona Maria do Socorro:** Já eu num vejo. Vejo em sonho.

**Ana Conceição:** [Ela] tem medo, mas eu num tenho medo não. Eu num tenho de jeito nenhum. Eu falo com elas. Eu falo assim:

— Eu sei que vocês tão aqui, mas eu sei que vocês tão com medo.

Aí elas falam assim:

— Não diga pra ninguém. (...) Não diga pra ninguém que me viu.

Ele disse assim:

— É segredo. Não diga pra ninguém que me viu.

Eu digo:

— João, me mostra que você tá aqui. Aqui no cemitério, hoje. Eu sei que eu tô aqui com você, mas eu vim aqui te visitar. Você achava que eu num vinha, mas eu vim! E não precisava você ter feito isso. Eu te esperei. E você sabe.

Aí eu disse assim, sentei no banco do cemitério, aí eu disse:

<sup>120</sup> LIMA, Marinalva Vilar de. *Loas que carpem*. Op. Cit., p. 97-127.

— Ó, me mostre que você tá aqui. Eu não tenho medo de você.  
 Aí passou um homem: toc, toc, toc... Aí eu fiquei assim olhando, e disse:

— Ele vai subir o cemitério, se não subir é porque ele tá com medo.

Aí uma coisa disse assim:

— Não quero que você me veja.

Aí foi, atravessou a rua e foi embora. Eu voltei.

**Joaquim:** A senhora viu ele?

**Ana Conceição:** Vi ele!

**Joaquim:** E tinha cor? Qual era a cor?

**Ana Conceição:** A imaginação dele, era o corpo dele, mas a cara não era..

**Dona Maria do Socorro:** Era moreno? Branco?

**Ana Conceição:** Ele era branco. Era alto. Do jeito que vinha aqui. Era alto. É incrível. Ele falava:

— Não fale pra ninguém que me viu. Porque não pode dizer. Eu apareço todas as vezes que você quiser.

Ele falando no meu ouvido. Lá no banco. Acredite se você quiser. Eu vejo. Eu num tô dizendo pra você. Quando eu tava procurando a cova do meu pai, eu não achei. E o saco foi andando. Voou, voou, voou no ar, e andando no ar e eu andando atrás. Eu disse:

— Oxente! E eu só olhando e andando atrás.

— É incrível. Como é que pode um saco voar assim?

**Joaquim:** E foi a alma dele guiando o saco?

**Ana Conceição:** Num sei. Porque de repente? Só eu sozinha ali, e o saco voa. Não tenho vento e nem nada. Você acredita? Voando, e me levou até a cova do meu pai.

**Dona Maria do Socorro:** Faz pouco tempo que ele morreu. Eles se amavam.

**Ana Conceição:** Faz tempo não. Vai fazer...nem um mês faz! Ele morreu diz 27 de setembro. Eu marquei, na sexta-feira. Ele disse:

— Não chore por mim.

No meu pensamento, no meu ouvido ele disse:

— Não chore por mim que eu tô bem. Não chore.

— Eu num vou dizer pra você que eu num vou chorar.

Eu chorei na cova, depois veio aquela alimentação em mim e eu parei. Mas quando cheguei na casa do meu pai, eu chorei um pouco, mas a lágrima encolheu. Assim, quando você quer chorar, você chora, chora, chora. Aí de repente, veio aquela alegria dentro de mim. Aí eu fiquei na cova do meu pai. Aí eu comecei a falar:

— Pai Nosso que estás no Céu, santificado...

Falando alto que eu num tava sentido. Então eu rezei da cova dele até a cova do meu pai. Voltei pra cova dele, e acendi a vela. E a vela não queria pegar. Eu disse:

— Pois olha, você não quer aceitar a vela. Mas eu vou botar lá naquela casinha. E eu botei essa luz pra você. Não fique desesperado.

Aí ele veio no meu ouvido, aí disse assim:

— Não chore por mim. Não chore.

Aí ele falou isso pra mim. Aí eu sentir. Eu senti! Você sabe, eu tava dormindo. Aí eu vi aquela...assim ó... eu sentir nos meus lábios. Eu sentir nos meus lábios. Quando acordei, não vi. Quando você fecha, você sente. Está entendendo? As almas é assim. E ela chega em você, ela chega e arrupeia

todim você. Até o cabelo do casco da gente, levanta o cabelo. E eu num tenho medo não. Num tenho não! posso tá sozinha dentro dessa casa aí.<sup>121</sup>

Depois de contestar a vontade do morto, que não aceitava a vela queimar sobre seu túmulo, Conceição reverteu a situação. Se num primeiro momento a alma não quis que Conceição a visse, em outro momento, quando já se encontrava em sua casa, dormindo, ele voltou para acalmá-la. Conversando com ela sem permitir ser visto, o morto pediu-lhe segredo sobre suas aparições ao passo em que solicitou que ela parasse de chorar por ele. Ficar no segredo e não lamentar-se mais foram condições exigidas pelo finado, como se do outro lado, seu amor permanecesse acesso na medida em que ela cumprisse suas vontades.

Vale frisar que Conceição é um pseudônimo usado para não revelar a identidade da narradora. No princípio do diálogo que eu tecia com Dona Socorro, Conceição não tinha percebido a presença do gravador. E começou a narrar sem muito receio. Posteriormente, quando percebeu a presença do equipamento eletrônico ficou mais contida, e, no final da gravação, me pediu que sua identidade fosse preservada, pois ela tinha receio do que as almas poderiam fazer-lhe.

Em meio as muitas histórias contadas, há outras silenciadas, não-ditas, caladas no tempo. Em virtude das circunstâncias, dos públicos, do teor das aparições e/ou dos horrores das imagens vistas, algumas experiências individuais com os mortos não foram contadas pelos narradores, não obstante eles tenham apresentados indícios do ocorrido.<sup>122</sup> Nesses casos, o mistério parece ser mais atrativo para quem conta. Além disso, ele deixa a dúvida no ar, e a incerteza perdura como um signo da crença e do olhar místico. Destarte, Dona Losinha lembrou a fala misteriosa pronunciada por seu pai pouco tempo antes dele morrer:

**Dona Losinha:** Aí meu pai contava, que tinha a serra do, que é do lado de Cariús, só podia ser de Cariús mesmo, a terra da mentira [Risos]. Meu pai não tinha medo de coisa não. Aí ele vinha já alta noite de um lugar chamado boqueirão. Aí tinha que atravessar a serra. Aí sempre tinha onça, tinha tudo né. Aí ele disse que... [silêncio] ele nunca contou a nós o que foi que ele viu, ele disse que viu um marmota tão feia que ele disse que morria e não contava pra ninguém. E ele nunca contou não, mas ele ficou assombrado. Eu não sei o que foi que ele viu, porque ele nunca disse. Pouco tempo ele morreu. Disse que era uma marmota tão feia que ele não contava pra ninguém.<sup>123</sup>

<sup>121</sup> Entrevista realizada com Maria do Socorro Figueiredo, em 24/11/2013, na sua residência, no Centro, cidade do Crato. p. 6-7.

<sup>122</sup> Como Pollak enfatiza, o silêncio possui razões bastante complexas. Ele lembra que além das questões políticas, dentre muitas outras, há motivações familiares, quando, por exemplo, os pais tentam poupar os filhos dos traumas e sofrimentos por eles vividos. POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p.6-9.

<sup>123</sup> Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02/05/2015, na sua residência, bairro São Miguel, Crato. p.6.

Para os narradores, portanto, há experiências que valem ser repassadas, transmitidas aos mais jovens. Há, de igual modo, histórias que não devem ser reveladas, como se fosse melhor levá-las consigo até a última morada. E como ensina “a testemunha”, conto do argentino Jorge Luís Borges: “Fatos que povoam o espaço e que chegam ao fim quando alguém morre pode maravilhar-nos, mas uma coisa, ou um número infinito de coisas, morre em cada agonia”.<sup>124</sup>

---

<sup>124</sup> BORGES, Jorge Luís. *O fazedor* (1960). Tradução Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 35-36.

## CONCLUSÃO

### Os mortos no tempo movediço

“Nada é mais precioso que o tempo”  
(São Bernardo)

A partir do exposto, é verossímil como as memórias apresentadas pelos narradores apresentam continuidades de crenças de diferentes estratos do tempo que, não contraditoriamente, coexistem com a criatividade das narrativas na contemporaneidade. Concordo com Alessandro Portelli, para quem as narrativas orais ganham ares de luta contra o tempo.<sup>1</sup> Lutando contra o tempo ou resistindo a ele, as narrativas sobre os mortos do século XXI apresentam simultaneidades e continuidades de elementos mágicos, míticos e místicos, assentados na crença e nas imagens mentais.

Os modos de narrar das pessoas com as quais eu conversei se sustentam nas relações familiares e nas redes comunitárias. Ademais, as memórias apresentam focos narrativos atrelados à forma como o tempo é pensado e integrado à vida social e, principalmente, estando relacionado à crença escatológica cristã, pautada num tempo terreno (da passagem pela Terra) e dos mistérios das temporalidades do outro mundo. Nas narrativas emergiu uma ordem cristã do tempo.

Alguns mortos foram posto à beira das fronteiras temporais de ritos de passagens. Mesclando as celeumas concernentes aos chamados de Deus, os entrecruzamentos dos tempos vividos no mundo terreno e os mistérios alusivos à eternidade e suas enunciações, os diferentes anjos, as mulheres mortas no parto e as crianças abortadas formam um conjunto de seres

---

<sup>1</sup> PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: Funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D’água, 2004, p. 298.

reunidos sob o signo das fronteiras místicas do tempo. É uma forma de enunciação balizada no fronteiroço. Logo, também é marcada como uma situação de passagem.

É possível identificar como as memórias sobre os anjos na atualidade apresentam focos narrativos diversificados e permeados de limites socioreligiosos hierarquizantes, definidos pela acepção divina do tempo.

Imerso nesse universo imagético e concreto, real e imaginado, natural e sentimental, há anjinhos bem definidos em virtude do tempo: os serafins, os anjos e os anjos papudos apresentam fronteiras nominais e temporais. As memórias indicam algumas divergências alusivas às temporalidades, entre ritmos longos no passado e rápidos no presente. Existem, também, criaturas angélicas que adentram a eternidade celeste mediante a morte nas fronteiras do parto, aspecto este provocador da salvação das mães mortas nessas ocasiões. São situações de passagens. Há, ainda, casos alusivos à reconfiguração e sacralização do tempo a partir da morte abortiva: eles são ladeados e recobertos pelos mistérios de Deus.

Concomitantemente, há continuidades das crenças sobre os pagãos, sendo, não contraditoriamente, agregadas por outros sentidos e, portanto, ressignificadas. A criatura não batizada de outrora tornou-se um anjinho pagão, preso ao mundo terreno. O batismo do seu corpo e/ou da sua alma, realizado a partir da ação de um vivo mediante a escuta do seu choro misterioso, o transforma em um anjo e o liberta das temporalidades terrenas, bem como o projeta no tempo cristão. Nas narrativas dos velhos e nas vozes dos seus descendentes mais jovens, o choro singular e o batismo dos pagãos permanecem como elementos agregadores da tradição oral sobre as almas não batizadas na contemporaneidade. Desta forma, o eco e o ritual atuam como canais de acesso às interpretações que os narradores construíram sobre os lugares e destinos desses mortos entre os mundos visíveis e invisíveis, bem como sobre a singularidade das suas aparições e relações com as temporalidades e espacialidades da Terra e do além cristão.

Atrelado às sensibilidades sobre os mortos, há um constante e engenhoso trabalho urdido no imaginário, rememorado a partir da imaginação e significado na emoção, aflorado nos sentidos do corpo. Em muitas narrativas, o *exemplum* do período medieval (herdado da antiguidade grego-romana)<sup>2</sup> se aproxima dos exemplos relatados no século XXI. Eles são signos (ou importantes focos narrativos) para interpretação das experiências contadas.

As narrativas também projetam para o debate interpretações sobre a saída dos mortos e de outras criaturas (como o Demônio) do mundo terreno, diferentes ritmos e ritos de

---

<sup>2</sup> LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Tradução Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994, p. 123.



suas passagens nos caminhos do outro mundo e, além disso, seus retornos e reencontros com os vivos. Os trânsitos entre os mundos indicam sensibilidades singulares.

Nesse direcionamento, as memórias apresentam os percursos e o vômito dos anjinhos e das crianças no outro mundo, evidenciando sua imersão em um campo de tensões, entre o plano terreno, o Purgatório e o Inferno. Essa urdidura envolve saberes oficiais propagados no passado e no presente, os conhecimentos difundidos por diferentes grupos de religiosos, oficiais e leigos, e os saberes transmitidos via tradição oral no cerne familiar e social dos narradores, além dos novos artefatos e meios de comunicação que, de uma forma ou de outra, interferem naquilo que é narrado.

Nas narrativas registradas, o mistério sobre os tempos das almas foi posto à baila a partir da vinda dos mortos ao mundo dos vivos, bem como da ida destes últimos à morada dos falecidos. Esses trânsitos possibilitam os encontros entre os vivos e os que já morreram. As memórias retratam como a experiência onírica com os mortos é, outrossim, emocional e transcendental. Nessa contextura, os sonhos revelam lições do tempo.

O sonho assume o signo de um ponto de intersecção entre o mundo terreno e o além. E o tempo, figura como uma costura urdida de diferentes formas. Os sonhadores conseguem visualizar o tempo passado, o presente e o futuro dos mortos, na medida em que os reencontram em momentos anteriores à morte, na circunstância exata do falecimento, nas passagens que realizam no outro mundo, bem como nos destinos por eles evidenciados nos signos corporais, a exemplo das cores dos trajes alusivas à boa passagem ou na roça de feijão verde.

A presença dos mortos no mundo dos vivos se faz em experiências sonoras, visuais e táteis. Elas apresentam leituras sobre o tempo da morte e do chamado de Deus. Igualmente, ensinam sobre os mortos antes deste chamado. Eles podem ser exemplos oriundos de punições divinas. Esses casos mostram experiências de pessoas desordeiras, infiéis, desobedientes aos pais e, conseqüentemente, detentoras de pecados graves, castigadas por Deus. Outrossim, existem exemplaridades bondosas promovidas pelo Pai Celeste por se tratar de boas pessoas em vida, sendo elas cristãs ou não. A lógica do merecimento se inscreve e se inverte nos delineios das tramas contadas.

Nas memórias sobre os mortos na atualidade, há uma simbiose de muitos saberes, um processo de ressignificações culturais em diálogos com antigas tradições. Essa dinâmica enlaça crenças cristãs e de outras matrizes religiosas, o que torna esse terreno muito fértil, profundo, largo, sensível e diverso.

As acepções que os narradores elaboraram e ressignificaram sobre as temporalidades da morte e, sobretudo, dos mortos, me levaram a pensar um tempo presente como um terreno movediço ou, porque não dizer, um tempo também movediço.

Ao passo em que há continuidade de crenças seculares relacionadas a existência e delimitação das dimensões *do além*, bem definidas e organizadas pela Igreja Católica, bem como há afirmação de dogmas milenares desta instituição, os narradores reinventam seus significados, abrem fendas imaginárias, ora afirmando o que oficialmente e historicamente foi ensinamento à cristandade, ora redefinindo-o, ora negando-o. O sagrado que se enuncia de muitas formas é fortaleza e leveza, vida e morte, perdição e salvação. É passado, presente e futuro.

O tempo presente é movediço, pois nele o mundo no qual os narradores palmilham é como uma areia delicada sobre a qual podemos pisar, porém sem fazer muita força, perceptível, a título de exemplo, a partir da violência e dos muitos acidentes no trânsito. A fé dos narradores faz fortalecer esse terreno, fortificando a caminhada e levando os fiéis a seguirem na jornada da vida em um presente marcado por um processo de (des)aparecimento dos exemplos. Essa é a história de muitos mistérios. É neste terreno do dizível e do indizível, do social e do sobrenatural, que os narradores reinventam os significados do viver e morrer entre os dilemas da vida na Terra, bem como suas aspirações e desejos de vida eterna.

Todos os narradores apresentam um querer em comum: uma vontade que se faz na fala, no olhar atento para os escapulários e outros objetos sobre seus corpos; pretensão que materializa-se nos muitos passos palmilhados entre os recantos, vilarejos e percursos que ligam os espaços e objetos sagrados, mas que também se corporifica quando gesticulam o sinal da cruz ao falarem sobre coisas sobrenaturais e naturais, deste mundo e do outro; Anseio relutante nas vozes que pronunciam passagens bíblicas e ensinamentos cristãos sobre o tempo, bem como narrações orais enfáticas aos contos “populares”, ABCs das almas, benditos, orações e/ou músicas sertanejas, além das experiências com as enunciações do além narradas pelos outros e vividas por eles próprios; Aspiração projetada entre os sonhos e viagens oníricas aos muitos mundos do imaginário e da imaginação, estando acompanhados dos mortos, ou se deparando com eles, queridos ou não, querendo ou não; Uma quimera materializada no concreto do túmulo e das cruzes e igualmente manifestada na imaterialidade do vento que leva e traz rumores e nas múltiplas imagens reluzentes, sonoras, palpáveis e sensíveis ao arpejo da pele e ao tremor das vozes. Uma fabulação que se faz no corpo sensível que fala, escuta, sente e (re)inventa.

Essa é a história de um sonho vislumbrado no mistério da fé: um desejo de eternidade no Paraíso da memória.

## FONTES

### 1. Documentação oral:

Entrevista realizada com Maria do Socorro Figueiredo, em 24 de novembro de 2013, na sua residência, no Centro, cidade do Crato. Conhecida como Dona Maria. 76 anos. É católica e rezadeira. Também tira cartas de baralhos nas consultas que realiza em sua casa. A entrevista possui varias intervenções de Ana Conceição (Pseudônimo), mulher, mãe, 40 anos, residente no Crato. Duração: 1h20min. Quantidade de páginas: 22.

Entrevista realizada com Maria Generosa, em 18 de abril de 2015, na sua residência, bairro Casas Populares, na cidade de Porteiras. Conhecida como Dona Maria. 81 anos. Agricultora e dona de casa. Rezadeira e integrante do antigo grupo de penitentes antes liderado por Sr. Cícero Ventura (*In Memoriam*), em Porteiras. Duração: 53 min. Quantidade de páginas: 17.

Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14 de setembro de 2015, na então Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. Conhecida como Maria do Horto. 72 anos. Elabora benditos, canta e faz apresentações culturais. Residente no Bairro Horto. Devota e romeira do Pe. Cícero. Mudou-se para a cidade de Juazeiro em 1987. Duração: 1h18min. Quantidade de páginas: 26.

Entrevista realizada com Dona Joana [pseudônimo], em 12 de junho de 2011, na sua residência, zona rural do município de Porteiras. 53 anos. Agricultora. Duração: 23 min. quantidade de páginas: 9. Optei por usar um pseudônimo e evitar apresentar maiores detalhes da narradora para livrá-la de possíveis constrangimentos.

Entrevista realizada com Joaquim Luiz dos Santos, em 15 de outubro de 2013, na sua residência, Centro, cidade de Porteiras. Conhecido como Seu Joaquim Gonzaga. 72 anos. Agricultor aposentado. Integrante do grupo de religiosos do Terço dos Homens. Duração: 46 min. Quantidade de Páginas: 13.

Entrevista realizada com Francisca Rodrigues de Matos, em 15 setembro de 2013, na sua residência, sítio Cabeceiras, zona rural do município de Barbalha. Conhecida como Chica Lôra. 71 anos. Agricultora. Integrante do grupo de incelenças do sítio Cabeceiras. A entrevista foi compartilhada com sua filha, Suely de Matos. 32 anos. Agricultora. Integrante e atual líder do grupo de Incelenças. Duração: 55 min. Quantidade de páginas: 20.

Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 04 de abril de 2015, na residência de sua filha, bairro Vila Alta, cidade do Crato. Conhecida como Dona Toinha. 88 anos. Católica. Outrora costurava as mortalhas e ajudava a cumprir os ritos fúnebres (arrumar o morto) dos moradores do sítio Monte Alverne, zona rural do Crato, onde mora até hoje. Agricultora e dona de casa aposentada. Duração: 52 min. Quantidade de páginas: 17.

Entrevista realizada com Antônia Rodrigues, em 01 dezembro de 2013, na sua residência, sítio Monte Alverne, zona rural do Crato. Conhecida como Dona Toinha. 87 anos. Católica. Outrora costurava as mortalhas e ajudava a cumprir os ritos fúnebres (arrumar o morto) dos moradores do sítio Monte Alverne, zona rural do Crato, onde mora até hoje. Por conta de uma algumas intervenções, essa entrevista foi fragmentada em algumas partes. Quantidade de páginas: 23.

Entrevista realizada com Maria Aparecida N. Roque, em 11 setembro de 2014, na sua residência, no centro da cidade do Crato. Conhecida como Cida. 44 anos. Católica. Ex-feirante, manicure e dona de casa. Duração: 56 mim. Quantidade de páginas: 17.

Entrevista realizada com Antônio Francisco de Sales, em 05 abril de 2015, na sua residência, Sítio Cabeceiras, zona rural de Barbalha. Conhecido como Seu Antônio de Amélia. 71 anos. Agricultor aposentado. Católico e atual decurião do grupo de penitentes da Irmandade da Cruz. Duração: 1h15mim. Quantidade de páginas: 24.

Entrevista realizada com Nivaldo Santos, em 05 abril de 2015, na residência do seu irmão Antônio Francisco de Sales, sítio Cabeceiras, zona rural de Barbalha. Conhecido como Seu Nivaldo. 65 anos. Agricultor. Católico, integrante do grupo de penitentes Irmandade da Cruz. Residente no sítio Brito, localidade próxima de Cabeceiras. Duração: 1h18min. Quantidade de páginas: 24.

Entrevista realizada com Maria Alexandre da Silva, em 02 de maio de 2015, na sua residência, bairro São Miguel, cidade do Crato. Conhecida como Dona Losinha. 77 anos. Dona de casa, ex-professora, aposentada. Ex-integrante da Irmandade do Coração de Jesus, em Cariús-CE, sua terra natal. Desde 1984 reside na cidade do Crato. Católica, mas também frequentava uma igreja evangélica. Duração: 1h01min. Quantidade de páginas: 19.

Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28 de abril de 2015, na sua residência, Bairro Campo Santo, na cidade de Porteiras. Conhecido como Seu Luiz André. 73 anos. Agricultor aposentado. Católico, integrante do Terço dos Homens e da Irmandade do Santíssimo, em Porteiras. Duração: 1h30min. Quantidade de páginas: 22.

Entrevista realizada com Alfredo Luiz Tavares, em 10 de outubro de 2012, na sua residência, sítio Jatobá, zona rural de Porteiras. Conhecido como Alfredo. 40 anos. Aposentado por invalidez. Católico. Líder comunitário no sítio Jatobá. Filho do Seu Luiz André. Duração: 43 min. Quantidade de páginas: 13.

## **2. Documentação escrita**

### **Jornais**

*Diário do Nordeste*, Fortaleza, 08 de jul. 1993.

*Diário do Nordeste*, Fortaleza, 18 de ago. 2007.

*Diário do Nordeste*, Fortaleza, 31 de out. 2007.

*Diário do Nordeste*. Fortaleza, 25 de fev. de 2009.

*Diário do Nordeste*. Fortaleza, 08 de mar. de 2010.

*Diário do Nordeste*. Fortaleza, 02 de dez. 2014.  
*Dário do Nordeste*. Fortaleza, 19 de set. de 2015.  
*O Povo*, Fortaleza, 02 de ago. 2013.  
*O Povo*, Fortaleza, 30 de jan. de 2012.

### **Literatura de Cordel**

ALENCAR, Nizete. *A botija de Jararaca*. Crato: Academia dos Cordelista do Crato, 2015.

BARROS, Leandro Gomes. *O cachorro dos mortos*. Lira Nordestina: Juazeiro do Norte, 2006.

LACERDA, Josenir. *O linguajar cearense: O dicionário de cearensês em cordel*. Fortaleza: Tupynanquim Editora, S/D.

LEITE, José Costa. *O sanfoneiro que foi tocar no inferno*. Condado: a voz da poesia nordestina. [1973]. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel&pagfis=55314&pesq=>. Acesso em: 06/06/2016.

### **Literatura Religiosa**

AGOSTINHO, Santo. *A verdadeira religião: o cuidado devido aos mortos*. Tradução Nair de Assis Oliveira. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2007.

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia: Purgatório*. 3 ed. Tradução e notas de Italo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2014.

\_\_\_\_\_. *A divina comédia: Inferno*. 3 ed. Tradução e notas de Italo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2014.

\_\_\_\_\_. *A divina comédia: Paraíso*. 3 ed. Tradução e notas de Italo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2014.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Paulus, 1990.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. 4 ed. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa; Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2007. (Promulgado por S.S. Papa João Paulo II, em 1983). Disponível em: [www.vaticano.va](http://www.vaticano.va). Acesso em: 22/12/2015.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A esperança da salvação para as crianças que morrem sem batismo*. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20070419\\_un-baptised-infants\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20070419_un-baptised-infants_po.html). Acesso em: 10/01/2017.

COUTO, José Gonçalves do. *Missão abreviada: para despertar os cuidados, converter os pecadores e sustentar os frutos das missões*. Portugal, 1859.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. 182 ed. Tradução de Salvador Gentile. Araras, SP: IDE, 2009.

FORMIGA, Euclides; MONTEIRO, Eduardo Carvalho. *Motoqueiros do além: Espíritos diversos*. 28 ed. Araras, SP: IDE, 2006.

O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: *Tratado completo da verdadeira magia*. São Paulo: Pallas, 2013.

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea: vidas de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VIDE, Sebastião Monteiro de. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Edusp, 2010.

### **Dicionários**

BORRIELLO, L. (Org.) *Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus, Edições Loyola, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: O minidicionário da língua portuguesa*. 7 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

GIRÃO, Raimundo. *Vocabulário popular cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

SARAIVA, Andréa. *Orélio cearense: Dicionário romanceado e ilustrado de termos e expressões do palavrado do Ceará*. 4 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

### **Outros documentos escritos**

FIGUEIREDO, Heitor. A botija. *A província*, Crato, n. 26, jul. 2008, p. 37-38.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). *Anuário Estatístico do Ceará*. Fortaleza, 2012.

\_\_\_\_\_. *Perfil Básico Municipal 2015: Cariús*. Fortaleza: IPECE, 2015.

\_\_\_\_\_. *Perfil Básico Municipal 2016: Porteiras*. Fortaleza: IPECE, 2016.

MIRANDA, João. *Meu Pé-de-Serra*. Fortaleza: Gráfica Simões, 1998.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, 2014 (versão preliminar).

LIMA, Francisco Assis de Sousa (Coord.). *Contos populares brasileiros: Ceará*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2003.

## **3. Imagem em movimento**

COVA da Nega. Direção: Alex Josberto Sampaio e Marcos Xenofonte. Produção: Projeto Verde Vida. 2010. 1 DVD (23 mim), color.

#### 4. Sites Consultados

Arte España / Portal de História da Arte - [www.artespana.com](http://www.artespana.com)

Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais - <http://abecbrasil.blogspot.com.br/>

Blog Diário do Nordeste - [blogs.diariodonordeste.com.br](http://blogs.diariodonordeste.com.br)

Cariri Revista - <http://caririrevista.com.br/>

Canal do Youtube – Dona Maria do Horto  
[https://www.youtube.com/channel/UCbm19oqdmML\\_5AagOmLWmkg](https://www.youtube.com/channel/UCbm19oqdmML_5AagOmLWmkg)

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular - [www.cnfcp.gov.br](http://www.cnfcp.gov.br)

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - [www.ipece.ce.gov.br/](http://www.ipece.ce.gov.br/)

Jornal O Povo - [www.opovo.com.br](http://www.opovo.com.br)

Jornal Diário do Nordeste - [diariodonordeste.verdesmares.com.br](http://diariodonordeste.verdesmares.com.br)

Mara da Violência / Flacso Brasil - [www.mapadaviolencia.org.br](http://www.mapadaviolencia.org.br)

Memória Globo - [memoriaglobo.globo.com](http://memoriaglobo.globo.com)

Portal de Notícias da Globo - [g1.globo.com](http://g1.globo.com)

Secretaria da Cultura do Estado do Ceará - [www2.secult.ce.gov.br](http://www2.secult.ce.gov.br)

Vaticano - [www.vaticano.va](http://www.vaticano.va)

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: A arte de inventar o passado; ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- ALEXANDRE, Juciêdo Ferreira. *Quando o “anjo do extermínio” se aproxima de nós: Representações sobre o cólera no semanário cratense O Araripe (1855-1864)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.
- ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: *História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vivência religiosa na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, 83-154.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore Nacional III: ritos, saberes, linguagens, artes populares e técnicas tradicionais*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Alguns ritos mágicos: abusões, feitiçaria e medicina popular*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1958.
- ARAÚJO, Pe. Antônio Gomes. *A cidade de Frei Carlos*. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, 1971.
- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Tradução Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- \_\_\_\_\_. *História social da criança e da família*. Tradução Dora Fraksman. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- \_\_\_\_\_. *História da morte no ocidente*. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ARROYO, María V. Jordán. *Sonhar a história: risco, criatividade e religião nas profecias de Lucrécia de León*. Bauru, SP: EDUSC, 2011.
- ÁVILA, Ana. La Virgen con el Niño y las almas del purgatorio de Pedro Machuca y su vinculación italiana. *Archivo Español de Arte*, LXXXV, 338, abr.-jun.2012, pp. 125-146.
- BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. Tradução Antônio de Pádua Danese. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARROSO, Gustavo. *Terra de sol*. 8ª ed. Fortaleza: ABC Editora, 2006.
- BARROSO, Oswald. *Reis de Congo*. Fortaleza: Ministério da Cultura; Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais; Museu da Imagem e do Som, 1996.



\_\_\_\_\_. *Romeiros*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto; Crato: URCA, 1989.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio P. Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. *Outras histórias: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz - Barbalha/CE*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

BEZERRA, Francisca Eudésia Nobre. *As vozes da maldizença: memória e imaginário sobre a morte e o morrer no Sertão Central do Ceará*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

BORGES, Maria Elízia. Cemitérios secularizados no Brasil: um olhar histórico e artístico. In: RODRIGUES, Cláudia; LOPES, Fábio Henrique (Orgs.). *Sentidos da morte e do morrer na Ibero-América*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014, p.355-378.

\_\_\_\_\_; SANTOS, Alcinéia Rodrigues dos; GOMES, Laryssa Tavares Silva (Orgs.). *Estudos cemiteriais no Brasil: catálogo de livros, teses, dissertações e artigos*. Goiânia: UFG; FAV; Ciar; FUNAPE, 2010.

BORGES, Jorge Luís. *O fazedor (1960)*. Tradução Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 13ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. *As irmandades de São Miguel e as almas do Purgatório: Culto e iconografia no setecentos mineiro*. Belo Horizonte: C/Arte, 2013.

CAMPOS, Eduardo. *Estudos de folclore cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1960.

CANCLINE, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4 ed. São Paulo: Ed. USP, 2011.

CARIRY, Rosemberg. Rituais da morte no Nordeste. In: CARIRY, Rosemberg; BARROSO, Oswald. *Cultura insubmissa: estudos e reportagens*. Fortaleza: Nação Cariri, 1982, p.196-219.

CARVALHO, Anna Christina Farias de Carvalho. *Sob o signo da fé e da mística: um estudo das irmandades de penitentes do Cariri cearense*. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

CARVALHO, Ana Isabel Basto. A temática da morte no ensino secundário: perspectiva de abordagem. In: COELHO, António Matias (Coord.). *Atitudes perante a morte*. Coimbra: Livraria Minerva, 1991, p. 205-240.

CARVALHO, Gilmar de. *Severino do Horto: o cordel do Juazeiro*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

CATROGA, Fernando. *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Editora Livraria Minerva, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, ciência do povo: Pesquisas na cultura popular do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Global, 2013.

\_\_\_\_\_. *Folclore no Brasil*. 3 ed. São Paulo: 2012.

\_\_\_\_\_. *Religião no povo*. 2 ed. São Paulo: Global, 2011.

\_\_\_\_\_. *Coisas que o povo diz*. 2 ed. São Paulo: Global, 2009.

\_\_\_\_\_. *Literatura oral no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Global, 2006.

\_\_\_\_\_. *Antologia do folclore brasileiro*. v.2. 6 ed. São Paulo: Global, 2003.

\_\_\_\_\_. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11 ed. São Paulo: Global, 2002.

\_\_\_\_\_. *Superstição no Brasil*. 5<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Global, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A fábula mística: séculos XVI e XVII*. v.I. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

\_\_\_\_\_. *A fábula mística: séculos XVI e XVII*. v.II. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

\_\_\_\_\_. *A escrita da história*. 2<sup>a</sup> ed. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 13 ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. *La debilidad de creer*. Tradução Víctor Goldestein. Buenos Aires: Katz, 2006.

\_\_\_\_\_. *A cultura no plural*. 4 ed. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 2005.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. 8<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. *Questões para a história do tempo presente*. Tradução Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 1999.

CORTEZ, Ana Isabel R. P. *Memórias descarrilhadas: o trem na cidade do Crato*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: *Usos e Abusos da história oral*. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, p. 149-164.

CYMBALISTA, Renato. *Sangue, ossos e terras: os mortos e a ocupação do território luso brasileiro (Séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Alameda, 2011.

\_\_\_\_\_. *Cidade dos vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800): Uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *O que sobrou do Paraíso?* Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. *Religiões tradicionais de base africana no Cariri cearense: educação, filosofia e movimento social*. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

DUPRONT, Alphonse. A religião: antropologia religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORRA, Pierre (Orgs.). *História: novas abordagens*. Tradução Henrique Mesquita. 4 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p.83-84.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Sobre o tempo*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno: arquétipos e repetições*. Lisboa: Edições 70, 1993.

FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FERREIRA, Jerusa Pires. *O livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Demandas sociais e história do tempo presente. In: VARELLA, Flávia Florentino *et al.* *Tempo presente e usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 101-124.

\_\_\_\_\_. História oral: velhas questões, novos desafios. In: *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p.169-186.

FIGUEIREDO, José Nilton de. *A (con)sagração da vida: formação das comunidades de pequenos agricultores da Chapada do Araripe*. Crato: A Província Edições, 2002.

FIGUEIREDO FILHO, José de. *O folclore no Cariri*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1960.

\_\_\_\_\_. *Folgedos infantis caririenses*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1966.

FINE, Agnès. Leite envenenado, sangue perturbado: Saber médico e sabedoria popular sobre os humores femininos (séculos XIX e XX). In: *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003, p. 57-78.

FREIRE BEZERRA, Sandra Nancy Ramos. *Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombrações na região do Cariri*. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

FREYRE, Gilberto. *Assombrações no Recife velho*. 6 ed. São Paulo: Global, 2008.

\_\_\_\_\_. *Casa grande & senzala*. 41 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FUNES, Eurípedes Antônio. Negros no Ceará. In: SOUZA, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará*. 4 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 103-132.

GAARDER, Jostein. *Maya*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GALENO, Cândida. *Ritos fúnebres no interior cearense*. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1977.

GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Tradução Mariano Ferreira. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem: Feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GUEDES, Roberto; RODRIGUES, Cláudia; WANDERLEY, Marcelo. R. (Orgs). *Últimas vontades: testamento, sociedade e cultura na América Ibérica (séculos XVII e XVIII)*. Rio de Janeiro: Mauad X / FAPERJ, 2015.

GOODY, Jack. *O mito, o ritual e o oral*. Tradução Vera Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: Presentismo e experiências do tempo*. Tradução Andréa Souza de Menezes et al. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HERMAN, Jacqueline. História das religiões e religiosidades. In: *Domínios da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p.315-336.

HOORNAERT, Eduardo. *Crônica das casas de caridade: fundadas pelo Pe. Ibiapina*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madri: Siglo XXI de España Editores, 2002.

JUCA, Gisafran Nazareno Mota. *A oralidade dos velhos na polifonia urbana*. 2 ed. Fortaleza: Premius, 2011.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'água, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Tradução Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2014.

\_\_\_\_\_. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução Wilma Patrícia Mass e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

KOUBI, Geneviève. Entre sentimentos e ressentimento: As incertezas de um direito das minorias. In: BRESCIANE, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2001.

LAQUEUR, Thomas Walter. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAUWERS, Michel. *O nascimento do cemitério: lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente medieval*. Tradução Robson M. G. Della Torre. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

LE GOFF, Jacques. *Para uma outra Idade Média: Tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Tradução de Thiago de Abreu e Noelí Correia M. Sobrinho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 2010.

\_\_\_\_\_. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Tradução de Stephania Matousek. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_. *História e memória*. Tradução Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Borges. 5ª. ed. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2003.

\_\_\_\_\_. *O nascimento do purgatório*. 2 ed. Lisboa: Estampa, 1995.

\_\_\_\_\_. *O imaginário medieval*. Tradução Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994.

\_\_\_\_\_; TROUNG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. 3 ed. Tradução Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LIMA, Marinalva Vilar de. *Loas que carpem: A morte na literatura de cordel*. 2003. Tese. (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*, São Paulo, n.17, p.63-201, 1998.

MARCÍLIO, Maria Luiza. A morte de nossos ancestrais. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1983, p. 61-75.

MARTINS, José de Souza. *Linchamentos: a justiça popular no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_. A morte e o morto: tempo e espaço nos ritos fúnebres da roça. In: \_\_\_\_\_. *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1983, p. 258-269.

\_\_\_\_\_. Anotações no meu caderno de campo sobre a cultura funerária no Brasil. In: OLIVEIRA, Marcos Fleury de; CALLIA, Marcos H. P. (Orgs.). *Reflexões sobre a morte no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2005, p.73-91.

MELLO E SOUZA, Laura de. *O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MELO, Rosilene Alves de. O outro Juazeiro: história das crenças e práticas ocultas na cidade sagrada. *Tendências*, Crato, v.2, n.1, p.29-40, 2004.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. A cotidianidade do Demônio na cultura popular. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 12/2, out. 1985.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. 2ª. ed. Portugal: Publicações Europa-América, LDA, 1976.

MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lilian Moritz (Org.). *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 63-171.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: MELLO E SOUZA, Laura de (Org.). *História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vivência religiosa na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.155-220.

NEVES, Margarida de Souza. Nos compassos do tempo: a história e a cultura da memória. In: SOIHET, Rachel et al. *Mitos, projetos e práticas políticas: Memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p.21-33.

NOBRE, Edianne dos Santos. *Incêndios da alma: a beata Maria de Araújo e a experiência mística no Brasil do oitocentos*. 2014. Tese (Doutorado em História Social) - Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

NOGUEIRA, Carlos R. F. *O Diabo no imaginário cristão*. 2 ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

NOGUEIRA, Oracy. Morte e faixa etária: os anjinhos. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1983, p. 223-227.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.10, p. 7-28, 1993.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. Mito, memória e comunicação: da tradição oral à oralidade mediatizada. In: SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria B. de. *Depois da utopia: a história oral em seu tempo*. São Paulo: Letra e Voz; Fapesp, 2013, p. 39-51.

OLIVEIRA, Gislene Farias et al. *Benditos dos penitentes: os cânticos sagrados*. Olinda: Livro Rápido, 2015.

OLIVEIRA, Cícero da Silva. *Na memória, no espaço, no corpo: os rituais dos penitentes do Genezaré (Assaré-CE, 1951 aos dias atuais)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

OXLE, Otto Gehard. A presença dos mortos. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Orgs.). *A morte na idade média*. São Paulo: Ed. USP, 1996, p.28-78.

PAZ, Renata Marinho. *Para onde sopra o vento: A Igreja católica e as romarias de Juazeiro do Norte*. Fortaleza: IMEPH, 2011.

PASSERINE, Luisa. *A memória entre política e emoção*. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PEREIRA, José Carlos. *Os ritos de passagem no catolicismo: Cerimônias de inclusão e sociabilidade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

\_\_\_\_\_. *Interfaces do sagrado: Catolicismo popular – o imaginário religioso nas devoções marginais*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

\_\_\_\_\_. Sensibilidades: Escrita e leitura da alma. In: In: PESAVENTO, Sandra J.; LANGUE, Frédérique (Orgs.). *Sensibilidades na história: Memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007, p. 9-21.

\_\_\_\_\_. Na contramão da vida: razões e sensibilidades dos *filhos malditos de Deus* (Antônio Rasgado, Benjamin O Degolador, João Foguista). In: ERTZOGUE, Marisa H.; PARENTE, Temis G. (Orgs). *História e sensibilidades*. Brasília: Paralelo 15, 2006.

\_\_\_\_\_. *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

PINHEIRO, Irineu. *Efemérides do Cariri*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.

\_\_\_\_\_. *O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes*. Fortaleza: S/E, 1950.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-212, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. *A história oral como a arte da escuta*. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

\_\_\_\_\_. *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: Ética, memória e acontecimento na História oral*. Tradução Miguel Cardina e Bruno Cordovil. Lisboa: Edições UNIPOP, 2013.

\_\_\_\_\_. *Ensaaios de história oral*. Tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. Rio de Janeiro: Letra e voz, 2010.

\_\_\_\_\_. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: *Muitas memórias, outras histórias*. Tradução Helen Hughes e Yara An Khoury. São Paulo: Olho D’Água, 2004, p. 296-313.

\_\_\_\_\_. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

PORDEUS JR., Ismael. *Umbanda: Ceará em transe*. 2 ed. Fortaleza: Museu do Ceará; SECULT; Expressão Gráfica e Editora, 2011.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero*. Fortaleza: EDUFC, 2012.

\_\_\_\_\_. *Papel passado: Cartas entre os devotos e o Padre Cícero*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

\_\_\_\_\_. O direito à memória no ensino de história. *Trajetos*, v.7, n.13, p. 187-197, 2009.

\_\_\_\_\_. *O verbo encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe (Org.). *História da vida privada no Brasil: Império – a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 95-141.

REZENDE, Antônio Paulo. O espelho inquieto da contemporaneidade. In: MENESES, Sônia; SANTOS, Cícero Joaquim dos (Orgs.). *História e contemporaneidades*. Curitiba: CRV, 2016.

RIEDL, Titus. “Memórias de despedida”: o *memento morri* na fotografia e na fotopintura brasileira. In: RODRIGUES, Cláudia; LOPES, Fábio Henrique (Orgs.). *Sentidos da morte e do morrer na Ibero-América*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

\_\_\_\_\_. *Últimas lembranças: retratos da morte no Cariri, região do Nordeste brasileiro*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: SECULT, 2002.

RIOS, Kênia Sousa. *Engenhos da memória: narrativas da seca no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

RODRIGUES, Cláudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (Séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.



ROSENWEIN, Barbara H. *História das emoções: problemas e métodos*. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ROUGEMONT, Denis de. *História do amor no Ocidente*. 2 ed. Tradução Paulo Brandi e Ethel Brandi. São Paulo: Ediouro, 2003.

RUSSO, Mauricio; OLIVEIRA, Gledson Ribeiro de. Devagar e sempre, com fé em Deus: evangélicos cearenses nos censos demográficos. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v.42, n.1, jan/mar. 2011, p.129-150.

SALES, Ana Cristina de. Narrativas sobre o culto à Cruz da Baixa Rasa em Crato/CE: Sensibilidades mimetizadas. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2014.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. Anjos do tempo: os mortos infantis na contemporaneidade. In: MENESES, Sônia; SANTOS, Cícero Joaquim dos (Orgs.). *História e contemporaneidades*. Curitiba: CRV, 2016, p. 147-174.

\_\_\_\_\_. Anjos insubmissos: a tradição oral dos sepultamentos infantis no sul do Ceará. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, São Leopoldo, v.2, n.4, p. 9-21, 2010.

\_\_\_\_\_. *No entremeio dos mundos: tessituras da morte da Rufina na tradição oral*. 2009. Dissertação (Mestrado em História e Culturas) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

\_\_\_\_\_. Cruz da Rufina: o processo de santificação popular de Rufina e a revelação de um espaço sagrado em Porteirias-CE. *Propostas Alternativas*, Fortaleza, v.14, 2006, p. 14-21.

\_\_\_\_\_; SILVA, Toshik Iarley. A morte nas presas da onça: Memórias sobre a Cova da Negra. In: *Anais do II Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação / XII Encontro Cearenses de Historiadores da Educação*. Fortaleza: EDUFC, 2013, p. 1885-1894.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SÁEZ, Oscar Calavia. *Fantasmagorias faladas: Mitos e mortos no campo religioso brasileiro*. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo: ensaios de antropologia medieval*. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes: 2014

\_\_\_\_\_. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Tradução de José Rivair Macedo. Bauru, SP: Edusc, 2007.

\_\_\_\_\_. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Simone Pereira da. *Os sentidos da festa: (Re)significações simbólicas dos brincantes do Reisado de Congo em Barbalha-CE (1960-1970)*. 2011. Dissertação (Mestrado em História)

– Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SILVA, Maria Salete Gomes da. *Visão sobre a morte, o medo e o culto aos mortos no município de Ouricuri-PE*. 2002. Monografia. (Especialização em História do Brasil) – Centro de Humanidades, Universidade Regional do Cariri, Crato, 2002.

STUDART, Guilherme. Usos e superstições cearenses. In: SERAINE, Florival. *Antologia do folclore cearense*. 2 ed. Fortaleza: Edições UFC, 1983, p.35-42.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relações às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução José Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VANGELISTA, Chiara. A comida, o corpo, a alma: sensibilidades cruzadas nas missões Salesianas entre os Bororo (século XIX-XX). In: *Olhares sobre a história: culturas, sociabilidades, sensibilidades*. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 231-239.

VAILATI, Luiz Lima. *A morte menina: infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos* (Rio de Janeiro e São Paulo). São Paulo: Alameda, 2010.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: *Domínios da história: Ensaio de teoria e metodologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 117-151.

\_\_\_\_\_; SOUZA, Juliana Beatriz de. *Brasil de todos os santos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. Oralidade e tradição oral na caatinga: Experiências do sertanejo cearense com assombrações. *Projeto História*, São Paulo, n.22, 2001.

VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório: ou o trabalho de luto*. Tradução Aline Meyer e Roberto Cattani. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

\_\_\_\_\_. A história dos homens no espelho da morte. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Orgs.). *A morte na idade média*. Tradução Heitor Megale, Yara Vieira, Maria Cescato. São Paulo: Ed. USP, 1996, pp.11-26.

\_\_\_\_\_. *Imagens e imaginário na História: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. Tradução Maria J. Goldwasser. São Paulo: Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. *Ideologia e mentalidades*. Tradução Maria J. Cottvasser. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ZIERER, Adriana. Educando para salvar a alma: o exemplo do cavaleiro Tungullo. *História e Culturas*, Fortaleza, v. 3, n.5, jan.-jun.2015.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 2 ed. Tradução Jerusa P. Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

\_\_\_\_\_. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

**ANEXOS**  
**ANEXO A – IMAGENS DOS NARRADORES**



Suely Matos e Dona Chica Lôa.  
Incelenças. Barbalha.  
Foto: acervo do autor. Ano: 2015.



Maria Generosa. Penitente e rezadeira. Porteiras.  
Foto: autor. Ano: 2015.



Seu Antônio. Decurião dos penitentes  
da Irmandade da Cruz. Barbalha.  
Foto: acervo do autor. Ano: 2015.



Dona Toinha. Crato.  
Foto: Acervo do autor. Ano: 2015.



Seu Luiz André.  
Integrante do Terço dos Homens e da  
Irmandade do Santíssimo. Porteiras.  
Foto: autor. Ano: 2015



Seu Nivaldo Santos. Penitente da Irmandade da  
Cruz. Barbalha.  
Foto: acervo do autor. Ano: 2015.



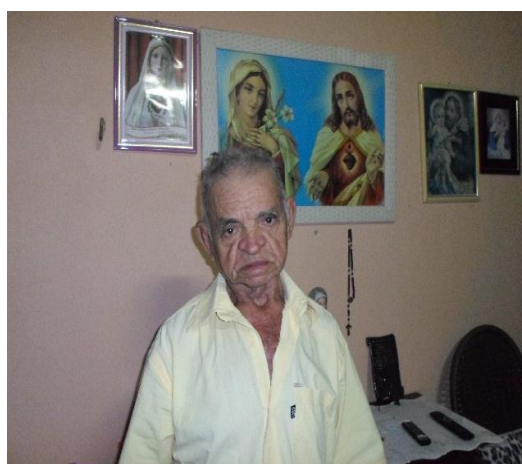
Dona Losinha. Crato. Foto: autor. Ano: 2015



Dona Maria do Socorro Rezadeira. Crato.  
Foto: Acervo do autor. Ano: 2013

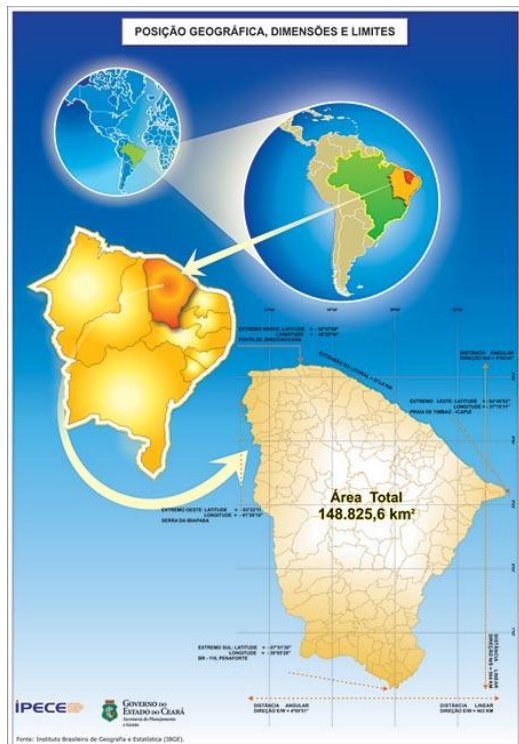


Dona Maria do Horto. Juazeiro do Norte. Foto:  
Cariri Revista. Ano: 2016.  
Disponível em: <http://caririrevista.com.br/>



Sr. Joaquim Luiz. Integrante do Terço  
dos Homens. Porteiras.  
Foto: autor. Ano: 2017.

## ANEXO B – MAPAS DO ESTADO DO CEARÁ E DA REGIÃO DO CARIRI



Estado do Ceará

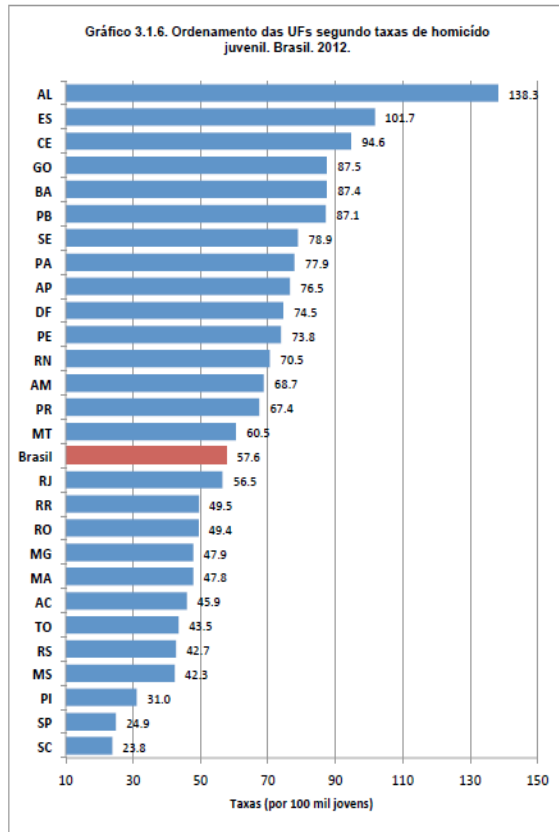
Fonte: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE



Região do Cariri

Fonte: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE

## ANEXO C - TAXAS DE HOMICÍDIOS NO CEARÁ



Fonte: SIM/SVS/MS.

Taxa de homicídios de jovens  
Fonte: Mapa da Violência 2014.

Tabela 3.1.3. Ordenamento das UF's por Taxas de Homicídio (em 100 mil) na População Total. 1998 e 2012.

UF	1998		2012		Δ% 1998/ 2012
	Taxa	Pos.	Taxa	Pos.	
Alagoas	21,8	11º	64,6	1º	196,5
Espírito Santo	58,4	2º	47,3	2º	-19,0
Ceará	13,4	17º	44,6	3º	233,0
Goiás	13,4	18º	44,3	4º	230,4
Bahia	9,7	22º	41,9	5º	331,7
Sergipe	10,4	21º	41,8	6º	302,2
Pará	13,3	19º	41,7	7º	213,5
Paraíba	13,5	16º	40,1	8º	196,7
Distrito Federal	37,4	8º	38,9	9º	4,1
Pernambuco	58,9	1º	37,1	10º	-37,0
Amazonas	21,3	12º	36,7	11º	72,2
Amapá	38,7	6º	35,9	12º	-7,2
Roraima	50,6	4º	35,4	13º	-30,1
Rio Grande do Norte	8,5	24º	34,7	14º	308,5
Mato Grosso	36,3	9º	34,3	15º	-5,4
Rondônia	38,3	7º	32,9	16º	-14,1
Paraná	17,6	14º	32,7	17º	86,1
Rio de Janeiro	55,3	3º	28,3	18º	-48,9
Acre	21,2	13º	27,5	19º	29,9
Mato Grosso do Sul	33,5	10º	27,1	20º	-19,1
Tocantins	12,3	20º	26,2	21º	112,8
Maranhão	5,0	27º	26,0	22º	421,0
Minas Gerais	8,6	23º	22,8	23º	165,6
Rio Grande do Sul	15,3	15º	21,9	24º	43,4
Piauí	5,2	26º	17,2	25º	231,0
São Paulo	39,7	5º	15,1	26º	-62,0
Santa Catarina	7,9	25º	12,8	27º	61,8
Brasil	25,9		29,0		12,1

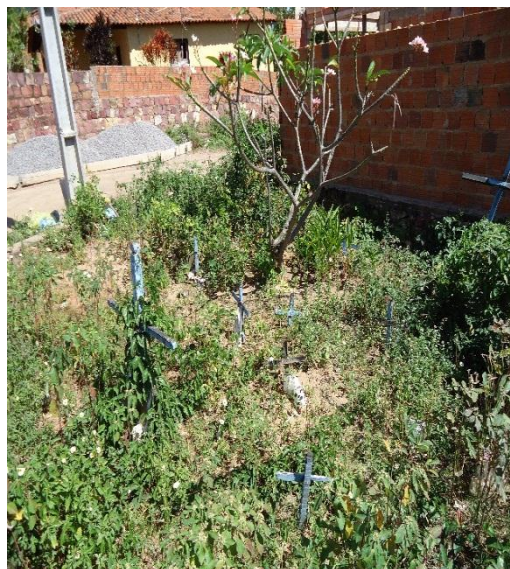
Fonte: SIM/SVS/MS.

Taxa de homicídios população total  
Fonte: Mapa da Violência 2014.

## ANEXO D - CRUZES DE MORTE TRÁGICA E CEMITÉRIOS DE ANJINHOS



Cova da Negra. Crato.  
Foto: acervo do autor. Ano: 2010.



Cemitério de anjinhos. Bairro Lameiro. Crato.  
Foto: autor. Ano: 2011



Cruz da Rufina. Porteiras.  
Foto: autor. Ano: 2007.

ANEXO E - XILOGRAVURAS<sup>1</sup>

Diabo assombra farmacêutico



Procissão das almas



Zumbi dos cavalos



Caçador de botijas assombrado por Demônios

<sup>1</sup> As xilogravuras apresentadas nesse anexo foram organizadas no álbum *As Assombrações do Cariri*, composto por 15 pranchas, com medidas de 20cm x 16 cm, cada. Ele foi produzido pelo escultor e xilógrafo Juazeirense José Marcionílio Pereira Filho, em 2006. Essas e outras imagens foram publicadas em: FREIRE BEZERRA, Sandra Nancy Ramos. *Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombração na região do Cariri*. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. As imagens e suas legendas foram respeitadas como foram publicadas nesta dissertação.